

Maria do Céu Caetano

**A FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM GRAMÁTICAS HISTÓRICAS
DO PORTUGUÊS.
ANÁLISE DE ALGUMAS CORRELAÇÕES SUFIXAIS**

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa
2003

Agradecimentos

Agradeço reconhecidamente à Professora Doutora Teresa Brocardo e à Professora Doutora Graça Rio-Torto a orientação sábia e segura, sem a qual este trabalho não teria sido possível. Os seus exemplos de professoras, de investigadoras, de colegas e também de amigas, a disponibilidade que sempre manifestaram, os incentivos que me deram e a confiança que em mim depositaram são motivos mais do que suficientes para que lhes esteja eternamente grata. Por isso, todas as eventuais lacunas que este trabalho possa encerrar são unicamente da minha responsabilidade.

Quero também deixar uma palavra de gratidão à Professora Doutora Soledad Varela, da Universidade Autónoma de Madrid, pela forma acolhedora como me recebeu na sua instituição, por algumas sugestões que me fez, bem como pelas referências bibliográficas que me indicou e colocou ao meu dispor.

À Henriqueta e à Clara, manifesto o meu agradecimento por algumas impressões que trocámos, pelos bons momentos de convívio académico e pela amizade demonstrada.

Agradeço também a amizade da Maria, do João e de outros colegas de Departamento que me têm acompanhado ao longo destes anos.

A Teresa e o Paulo Monteiro, a Sofia e o João Marques, a Fernanda e o Manuel Martins, bem como a Zé e outros amigos, também merecem o meu reconhecimento pelo apoio e interesse constantes.

Ao meu irmão António, aos meus pais, aos meus sogros e a todos os outros membros da minha família, agradeço o carinho e o incentivo que me deram.

Por fim, mas não em último lugar, ao Carlos e ao Diogo, os raios de sol da minha vida, aos quais virá juntar-se brevemente o raiozinho Maria, agradeço o amor infinito que me dão e o bom ambiente que sempre me proporcionaram para que pudesse realizar este trabalho, o qual lhes é merecidamente dedicado.

Abreviaturas e Símbolos frequentemente utilizados

adj.	Adjectivo	regr.	Regressivo
adv.	Advérbio	sg.	Seguinte(s)
ant.	Antigo	sing.	Singular
arc.	Arcaico	SN	Sintagma Nominal
aum.	Aumentativo	SP	Sintagma Preposicional
cast.	Castelhano	subst.	Substantivo
cat.	Catalão	suf.	Sufixo
cf.	Confronte	SV	Sintagma Verbal
cit.	Citado	trad.	Tradução
conj.	Conjugação	TV	Tema Verbal
deriv.	Derivado	V	Verbo
dic.	Dicionário		
dim.	Diminutivo	~	alternância
diverg.	Divergente	°	vocábulo não dicionarizado
ed.	Edição	[]	fone
erud.	Erudito	//	fonema
etim.	Etimologia	< >	forma gráfica
ex.	Exemplo	†	forma em desuso
fem.	feminino	<	com origem em
FP	Formação de Palavras	>	que dá origem a
fr.	Francês	→	derivação
gén.	género	+	fronteira de morfema
gr.	Grego		
id.	Idem; o mesmo		
ing.	Inglês		
it.	Italiano		
lat.	Latim		
m.q.	Mesmo que		
masc.	Masculino		
N	Nome		
Np	Nome Próprio		
num.	Numeral		
PE	Porto Editora ¹		
pl.	Plural		
pop.	Popular		
port.	Português		
pref.	Prefixo		
prep.	Preposição		
prov.	Provençal		

¹ Costa e Melo (orgs.) (1998⁸) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Objectivos e Metodologia	3
PARTE I – Estudo Comparativo das Gramáticas Históricas e Enquadramento Teórico	15
Cap. 1 Delimitação do Corpus, Conceito de Gramática Histórica e Estrutura das Gramáticas Históricas do Português	17
1.1. Delimitação do corpus	19
1.2. Conceito de gramática histórica	33
1.3. Estrutura das gramáticas históricas	56
Cap. 2 O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português	83
2.0. Nota Prévia	85
2.1. Outros processos de formação de palavras (Prefixação, Parassíntese, Composição)	86
2.2. O Estudo da Sufixação	96
Cap. 3 Delimitação Teórica do Conceito de Alternâncias Sufixais	129
3.1. Introdução	131
3.2. Demarcação do conceito de Alternância	133
3.3. Alternância Erudito ~ Popular	143

3.4. Conceitos de Produtivo e Não Produtivo	160
3.4.1. Conceito de Produtividade	162
3.4.2. Diferentes factores que afectam a produtividade	167
3.4.3. Relação produtivo - não Produtivo: determinada por regras ou por analogia?	169
3.5. Conclusão	177
PARTE II — Análise dos Dados	187
Cap. 4 Análise das Correlações de alguns Sufixos Nominais e Controlo dos Dados	189
4.1. Introdução	191
4.2. Sufixos 'eruditos' e contrapartes 'populares'	197
4.2.1. <i>-ário / -eir- e -deiro</i>	199
4.2.2. <i>-átic- / -ádig- (-ádeg-) / -agem</i>	243
4.2.3. <i>-ato / -ado</i>	259
4.2.4. <i>-ense e -ês (-ez)</i>	272
4.2.5. <i>-icia / -iça; -ície / -ice (-ece) e -ez-</i>	282
4.2.6. <i>-itude / -(i)dão</i>	300
4.2.7. <i>-ncia / -nça</i>	308
4.2.8. <i>-são / -ção</i>	326
4.2.9. <i>-tóri- / -dour- (-doir-) e -óri-</i>	346
4.2.10. <i>-tor (-sor) / -dor e -or</i>	359
4.2.11. <i>-tura (-sura) / -dura e -ura</i>	376
4.3. Variantes sufixais	389
4.3.1. <i>-aria / -eria</i>	391
4.3.2. <i>-dade / -idade</i>	416
4.4. Sufixo <i>-mento</i>	429
4.5. Conclusões	465

CONSIDERAÇÕES FINAIS	471
BIBLIOGRAFIA:	479
1. Bibliografia Geral	481
2. Dicionários	498
3. Gramáticas Históricas do Português	500
4. Edições dos textos utilizados para controlo dos dados	502
ANEXOS	505
1. Anexo I – Prefixos indicados por cada um dos gramáticos	507
2. Anexo II – Compostos tratados nas Gramáticas Históricas	516
3. Anexo III – Sufixos indicados por cada um dos gramáticos	525

Introdução

Objectivos e Metodologia

A complexidade do fenómeno da formação de palavras, aqui entendida como o ramo da morfologia que, por oposição à flexão, estuda a formação de itens lexicais, subdividindo-se em derivação e composição², é apontada por quase todos os estudiosos desta área, pelo que um estudo em que se procedesse a uma análise exhaustiva de todos os processos envolvidos na formação de palavras se tornaria demasiado extenso, cabendo dificilmente no âmbito de uma dissertação. Por isso, neste trabalho sobre a *Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais* circunscrevi o meu estudo à análise, numa perspectiva diacrónica, de um conjunto de sufixos nominais que, segundo os gramáticos históricos, apresentam formas duplas e de outros que foram substituídos por sufixos mais produtivos.

O trabalho está dividido em duas partes: a Parte I, constituída por três capítulos, e a Parte II com um único capítulo, constituído por vários pontos. Na primeira parte, justifico a constituição do *corpus*, discuto o conceito de gramática histórica, apresento a estrutura das gramáticas históricas, comento as descrições efectuadas pelos gramáticos históricos acerca da sufixação e da formação de palavras em geral e discorro sobre alguns pressupostos teóricos, enquanto na segunda parte me centro na análise do conjunto de sufixos nominais acima referido.

Embora consciente de todos os riscos que isso possa comportar, não assumi à partida nenhum modelo teórico específico para suporte do estudo que pretendo levar a cabo na Parte II, pela inexistência, em meu entender, de um modelo explicativo que dê conta de forma coerente de todos os dados em análise. Optei por extrair dos modelos mais testados³ vários aspectos que se coadunam com a apreciação crítica dos dados do *corpus* seleccionado, o que significa que ao longo da discussão me confrontei com ideias de várias e diferentes perspectivas teóricas, procurando, sempre que possível,

² A formação de palavras é também vulgarmente designada por "morfologia lexical" (cf. por exemplo Bauer, 1983: 33).

³ Sobre os vários modelos de análise morfológica (Item and Arrangement (IA), Item and Process (IP), Word and Paradigm (WP) e Morfologia Generativa), cf. por exemplo Pena (1990b: 8-69) e Spencer (1991, especialmente os capítulos 3-6).

estabelecer um equilíbrio entre posições distintas. No essencial, partilho algumas concepções da gramática generativa, nomeadamente no que respeita às interdependências entre a morfologia e outros níveis de análise, sobretudo entre a morfologia e o léxico: a morfologia estuda a estrutura interna das palavras complexas (palavras formadas de acordo com os mecanismos morfológicos regulares), mas as bases que estão na origem dos derivados existem no léxico.

Na Parte I, o primeiro ponto do primeiro capítulo é dedicado à "Delimitação do *Corpus*". Aqui, apresento as razões que presidiram à selecção do meu *corpus* de trabalho, constituído por dezoito gramáticas históricas do português⁴ em que é tratada a formação de palavras, cuja publicação se situa entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX⁵. Quase todas estas gramáticas beneficiaram de duas obras de referência para vários trabalhos subsequentes da mesma índole, isto é, as suas linhas dominantes podem antever-se nas gramáticas históricas das línguas românicas de Friedrich Diez (1836) e de Meyer-Lübke (1890), obras em que o modelo adoptado é o modelo neogramático. Entre outros aspectos, tento demonstrar que a designação das obras e a estrutura das mesmas não servem, só por si, para que as cataloguemos ou não como gramáticas históricas, levando à sua inclusão ou exclusão do *corpus* de trabalho.

No segundo ponto do primeiro capítulo, "Conceito de Gramática Histórica", parto das próprias definições de gramática histórica legadas pelos vários autores considerados e discuto toda a problemática associada à definição desse conceito⁶, o qual viria a ser aprimorado à medida que o modelo neogramático também se submetia a alguns refinamentos. De entre as dezoito gramáticas históricas analisadas, nem todas visam o mesmo público alvo e a profundidade e exaustividade dos assuntos tratados oscila de umas para outras, pois enquanto umas se destinam aos alunos do ensino liceal

⁴ Nesta selecção, tive em conta o conjunto de gramáticas históricas apresentado por Martins (1995), mas procedi a alguns reajustamentos e introduzi alguns trabalhos não contemplados pela autora.

⁵ A primeira obra foi publicada em 1876 (cf. *Grammatica Portugueza Elementar*, de Teophilo Braga) e a penúltima em 1946 (cf. *Lições de Filologia Portuguesa*, de Carolina Michaëlis Vasconcellos). Neste limite cronológico, a *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., publicada em 1975, é uma excepção.

⁶ Para esta discussão, o artigo de Malkiel ([1960] 1968) foi de extrema importância, como será referido no ponto 1.2. do capítulo 1.

da época, tendo por isso um cariz didáctico⁷, outras têm um carácter assumidamente mais "científico". Contudo, todas as gramáticas que fazem parte do *corpus* foram seleccionadas por tratarem o estudo da formação de palavras e, nessa medida, existe alguma homogeneidade.

Após a delimitação do *corpus* e a abordagem do conceito de gramática histórica, apresento, no terceiro ponto do primeiro capítulo, a "Estrutura das Gramáticas Históricas do Português", visto que a mesma é muitas vezes reveladora das concepções teóricas dos autores considerados. A finalidade deste ponto é a de analisar o enquadramento do estudo da formação de palavras nas gramáticas estudadas, pois enquanto alguns gramáticos consideram que a formação de palavras deve ser estudada dentro da morfologia, outros incluem-na no léxico e outros, ainda, conferem-lhe um tratamento independente. Por outro lado, mostra-se que a sub-área da Formação de Palavras que merece uma descrição mais pormenorizada é a sufixação, seguida da prefixação e da composição e, de muito mais longe, da parassíntese. Esta exposição permitiu também reconfirmar algumas observações acerca da maior representatividade da Fonética, da Fonologia e da Morfologia Flexional nas gramáticas em questão e do menor peso atribuído à Formação de Palavras, à Sintaxe e à Semântica.

No segundo capítulo, "O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português", antes de passar à sufixação, descrevo sucintamente a forma como os processos da prefixação, da parassíntese e da composição são tratados nestas obras, se bem que cada um destes processos merecesse um trabalho de investigação autónomo. A razão de ser deste preâmbulo está relacionada com a caracterização da sufixação, que muitos gramáticos históricos fazem por contraste com a prefixação, sendo esta, por sua vez, frequentemente considerada como um tipo específico de composição.

Ao longo deste capítulo, pode confirmar-se que o desenhar de fronteiras entre derivação e composição não constitui para alguns gramáticos históricos uma preocupação capital, visto que, nas suas opiniões, todos os processos morfológicos dão origem à formação de novas palavras, embora reconheçam a sufixação como o "mais

⁷ As gramáticas assumidamente didácticas, destinadas aos alunos do ensino liceal (cf. 1.2.), acatam as instruções constantes das linhas programáticas vigentes para esse grau de ensino e, como tal, os seus autores estão limitados por essa contingência.

fecundo" e, ao mesmo tempo, como um dos processos mais complexos. Na perspectiva dos gramáticos históricos, esta complexidade advém, sobretudo, da alteração categorial engendrada pela junção à base de alguns sufixos, do facto de certos sufixos apresentarem dupla forma, uma "erudita" e outra "popular", e também da perda de produtividade de alguns sufixos e sua substituição por outros.

Ainda que admita que as gramáticas históricas não estão isentas de algumas debilidades, penso que essas insuficiências encontram, por vezes, justificação, quer pelo tipo de público a que se destinam, quer pela dificuldade de cotejamento de exemplos em fontes primárias fiáveis relativas a épocas mais recuadas, quer pela quase inexistência de materiais auxiliares adequados de que ainda hoje nalguns casos sentimos falta, como manuais de história da língua portuguesa, dicionários históricos, glossários, edições rigorosas, etc. Devo, pois, dizer que, apesar de alguns gramáticos históricos só aflorarem alguns aspectos da formação de palavras, as descrições e análises que nos legaram foram um tributo inestimável para a análise que eu própria encetei e se algo tenho a censurar foi não ter podido ou conseguido explorar as múltiplas pistas por eles fornecidas.

O terceiro e último capítulo da Parte I, "Delimitação Teórica do Conceito de Alternâncias Sufixais", estabelece a conexão entre as duas partes do meu trabalho e tem como propósito, conjuntamente com os subcapítulos da Parte II em que se descrevem os sufixos, contribuir de alguma forma para a definição de sufixo e para a demarcação dos conceitos de alternância e de produtividade e improdutividade.

Uma vez que o conceito de alternância dos gramáticos históricos, considerando alternantes elementos que pertencem a diferentes sistemas (latino e português), se afigura pouco rigoroso, procurarei desenvolver e aprofundar, em 3.2 e 3.3, alguns aspectos das alternâncias, tentando catalogar algumas tendências e chegando a uma definição própria de alternância sufixal. Nesta medida, subscrevo as palavras de Joseph (1998: 366), para quem "accounts of morphological change are generally retrospective only, looking back over a change that has occurred and attempting to make sense of it".

Neste capítulo, assume-se que a produtividade depende não de um mas de vários factores⁸, tais como critérios de frequência, analisabilidade (i.e., transparência morfológica e semântica), disponibilidade, competição paradigmática, características

⁸ Cf., por exemplo, Dalton-Puffer (1996) e Bauer (2001).

fonológicas e sintácticas e adequação textual, entre outros. Procura-se demonstrar que o desaparecimento de um sufixo só pode explicar-se se tivermos em conta um subsistema de sufixos que estabelecem entre si relações subsidiárias, ou seja, que a explicação para esse desaparecimento se deve ao dualismo exercido pelo sistema, em que uns elementos dominam (aqueles que são mais produtivos) e outros sucumbem, por serem menos produtivos, passando estes a pertencer a um grupo mais restrito e restando-lhes, então, muito menos hipóteses de entrarem na formação de novas palavras⁹.

À semelhança de outros autores¹⁰, defendo que os processos de formação de palavras ou são produtivos ou são improdutivo, não me parecendo, portanto, que admitir diferentes graus de produtividade seja a solução mais adequada para dar conta deste fenómeno.

Na Parte II, o objectivo principal é o de proceder à "Análise das correlações de alguns sufixos nominais e controlo dos dados".

No primeiro ponto do quarto capítulo ("Introdução") explico os procedimentos adoptados para a análise dos diferentes sufixos e derivados (levantamento, filtragem, caracterização e descrição) e justifico a constituição do *corpus* textual para controlo, *corpus* complementar deste trabalho, que é formado por um conjunto de textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV (fontes primárias)¹¹. A exploração destes textos funcionou essencialmente como teste de fiabilidade ao *corpus* principal, tendo permitido sistematizar algumas observações empíricas dos dados das gramáticas históricas.

Os textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV que constituem o *corpus* de controlo (diplomas reais, diplomas particulares, foros e prosa literária) foram seleccionados tendo em conta diversos aspectos considerados pelos especialistas

⁹ Contrariamente ao que defendia Saussure (1916), as línguas não são sistemas perfeitos, em que todos os elementos se encontram em equilíbrio. Do mesmo modo, o conceito de falante-ouvinte ideal localizado numa comunidade linguística homogénea (Chomsky, 1965) é apenas uma abstracção.

¹⁰ Por exemplo, Zwanenburg (1983) e Bauer (2001).

¹¹ A consulta do *Corpus Informatizado do Português Medieval* - CIPM (cf. Xavier, Brocardo e Vicente, 1995 e Xavier, Crispim e Vicente, 1999) possibilitou-me fazer algumas correcções e acrescentar alguns dados aos resultados da consulta manual que tinha anteriormente realizado. Na transcrição dos contextos, sigo as normas de transcrição definidas pelos responsáveis da constituição do CIPM. No entanto, omiti alguns comentários, como, por exemplo, a indicação da linha do manuscrito, mudança de *folio* e mudança de coluna, por achar que não eram essenciais para os objectivos que se pretendiam alcançar.

determinantes para a utilização de vários tipos textuais como fontes para estudos linguísticos¹².

No ponto dois do quarto capítulo são estudados os sufixos que apresentam duas formas ("erudita" e "popular"), de acordo com os gramáticos históricos, isto é, sufixos que são apontados como a contraparte portuguesa dos sufixos latinos que lhes deram origem, entre os quais se encontram *-ári-* / *-eir-*; *-átic-* / *-ádig-* (*-ádeg-*) / *-agem*; *-ato* / *-ado*; *-ense* / *-ês* (*-ez*); *-icia* / *-iça*, *-icie* / *-ice* e *-ez-*; *-itude* / *-idão*; *-ncia* / *-nça*; *-são* / *-ção* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*) / *-ão*; *-tóri-* / *-doir-* (*-dour-*); *-tor* / *-dor* e *-or* e *-tura* / *-dura* e *-ura*.

O facto de analisar conjuntamente estes sufixos não significa, contudo, que lhes confira um estatuto indiferenciado. Com efeito, eles apresentam assimetrias no que diz respeito à sua disponibilidade, ao maior ou menor número dos processos em que participam e também quanto ao semanticismo que transpõem para as bases.

Para ilustrar a dificuldade de segmentação dos sufixos e a determinação da forma de base e do alomorfe sufixal, analiso em 4.3.1 os sufixos *-dade* / *-idade* e em 4.3.2 *-aria* / *-eria*.

Por fim, no ponto quatro do quarto capítulo estuda-se o sufixo *-mento*, questionando-se a perda de produtividade do sufixo, em virtude da concorrência de outros sufixos pertencentes ao mesmo subsistema sufixal, confrontando-o com outros sufixos deverbais, sobretudo com o sufixo *-ção*.

A análise dos derivados formados com este sufixo coloca em causa as alegações de que a não transparência e lexicalização dos derivados são factores decisivos que determinam a perda de produtividade de um afixo, já que nenhuma destas condições se aplica ao sufixo em questão e, ainda assim, a sua disponibilidade é hoje bastante reduzida.

A escolha de todos os sufixos estudados nesta segunda parte tem como pressuposto que serão estes os casos em que uma análise de índole diacrónica se revelará mais adequada para descrever algumas mudanças operadas num subsistema sufixal do português. Como se sabe, as alternâncias não são unicamente estudadas nas gramáticas históricas. Outras gramáticas (cf., por exemplo, Cunha e Cintra, 1984²) e

¹² Cf., por exemplo, Cintra (1963), Silva (1989: 15-41), Castro (1991: 173-191) e Brocardo e Emiliano (no prelo).

estudos não históricos (cf., por exemplo, Aronoff, 1976, Scalise, [1983] 1986² e Zwanenburg, 1983), também tratam deste ou de outros assuntos relacionados¹³. No entanto, enquanto outros autores tentam explicar as "irregularidades" e "alomorfias" que se manifestam a nível sincrónico, os gramáticos históricos consideram que o sistema sufixal, tal como outros sistemas linguísticos, se caracteriza pelas suas mutações, ou seja, que o sistema sufixal do português é resultante de etapas anteriores e que o português (assim como as outras línguas românicas) herdou do latim não somente palavras, mas também mecanismos de criação de palavras.

Em todo este trabalho, não poderia, pois, seguir outro percurso que não fosse o de adoptar uma perspectiva indutiva, debruçando-me em primeiro lugar sobre os dados do *corpus*, tentando depois descrevê-los e sistematizá-los. No entanto, sempre que tal era possível, tentei confirmar ou infirmar princípios anteriormente estabelecidos e procurei depreender algumas generalizações.

A metodologia seguida tem a vantagem de tornar acessíveis dados já recolhidos e em princípio fiáveis, porque controlados em fontes primárias, e de recuperar criticamente as descrições e interpretações desses dados, beneficiando de abordagens teóricas recentes.

Numa análise de dados relativos a estados anteriores da língua, em que se pretende evidenciar o dinamismo das relações derivacionais, a mudança linguística assume, naturalmente, uma grande importância.

Se a formação de palavras é uma subcomponente do léxico¹⁴ e este é tido como a componente linguística onde a mudança pode ser observada de forma mais evidente,

¹³ A importância conferida à distinção entre bases eruditas e populares reflecte-se, por exemplo, no uso por parte de Aronoff (1976: 51) de um traço [+latino], através do qual o autor pretende dar conta do facto de muitas regras de formação de palavras se restringirem a bases latinas.

¹⁴ Adopto a concepção de Jensen e de Stong-Jensen (1984), que, respondendo à questão colocada por Anderson (1982) em "Where's Morphology?", afirmam que "It is not scattered around in various components of the grammar, some in the lexicon, some in the syntax, and some in the phonology. The lexicon is the locus of all types of word formation and of the phonological processes that interact with word formation. (...) The original position of generative grammar, "that there is no completely isolated, uniquely 'morphological' component of the grammars of natural languages" (Anderson (1982: 611)) must be modified to allow for a morphological component in the lexicon".

difícilmente se entende por que é que a maior parte dos modelos de análise morfológica não dispõem de mecanismos que integrem de forma adequada a dimensão temporal, não permitindo, por exemplo, o estudo da produtividade morfológica e das alternâncias sufixais. Ao estudar-se dados morfológicos relativos a uma fase passada e ao observar-se que alguns mecanismos derivacionais se perderam, enquanto outros foram adquiridos, é imprescindível a explicação (ou pelo menos tentativas de explicação), dessas mudanças (de ordem fonológica, morfológica, semântica, estilística, etc.).

Na tradição da linguística histórica, os estudos linguísticos diacrónicos incidem predominantemente sobre a mudança fonológica e a analogia¹⁵. No âmbito da analogia, salvo raras excepções, o linguista histórico estuda mudanças operadas nos sistemas flexionais, enquanto as mudanças que dizem respeito à formação de palavras são quase sempre tratadas dentro das mudanças lexicais e semânticas¹⁶. Por outro lado, a noção de analogia dos linguistas históricos e dos morfólogos não é exactamente a mesma. Enquanto os primeiros invocam muitas vezes a analogia para explicarem o aparecimento de novas formas que resultam da aplicação de um processo produtivo¹⁷, que estas não seguiam antes, os morfólogos recorrem frequentemente à noção de analogia para, de um ponto de vista sincrónico ou acrónico, tentarem explicar aspectos que as regras (sincrónicas) se revelam incapazes de descrever ou para justificar a razão

¹⁵ No modelo neogramático, a mudança fonética é regular e tudo o que é irregularidade (designava-se por irregularidade aquilo a que hoje chamamos imprevisibilidade, assistematicidade ou não obrigatoriedade) era tratado dentro da analogia (tipo de mudança que consiste na aplicação de um determinado modelo de relação gramatical, considerado mais básico e produtivo, a formas que antes não seguiam esse modelo, resultando daí uma regularização). Cf. a formulação de McMahon (1994: 91) do Paradoxo de Sturtevant: "the claim that sound change is regular but creates irregularity, while analogy is irregular but creates regularity."

¹⁶ Cf., por exemplo, McMahon (1994) e Trask (1996).

¹⁷ Cf., por exemplo, Bynon ([1977] 1986²: 35-39), autora que enuncia as duas condições da mudança analógica: o estabelecimento de uma identidade funcional relativamente a uma categoria particular gramatical ou semântica; a transparência morfológica da forma que serve de modelo (o que acontece sempre com formas que resultam de um processo produtivo; as formas opacas ou mais marcadas são substituídas por outras funcionalmente equivalentes, mais transparentes e menos marcadas).

que leva a que determinados processos que perderam produtividade possam, em qualquer momento, servir de base à formação de novas palavras¹⁸.

Como se sabe, grande parte dos morfólogos estruturalistas, nas suas descrições sincronicistas e a-históricas, raramente consideraram aspectos que só podem ser analisados numa perspectiva diacrónica¹⁹.

Outros modelos subsequentes, como o modelo Item and Process (IP), mesmo após sucessivos refinamentos, também não permitem, de acordo com Bybee (1988: 120-121), distinguir entre as alternâncias produtivas e não produtivas e entre as alternâncias morfológicas e foneticamente condicionadas, apesar de isso contribuir para que as formas subjacentes difiram grandemente das formas de superfície²⁰.

De entre os modelos que tentam explicar as mudanças morfológicas conta-se o modelo da Morfologia Natural (cf., por exemplo, Dressler, 1986), o qual, segundo McMahon (1994: 97-98), procura "to account for synchronic aspects of morphology in terms of the history of the languages concerned", tendo, deste modo, em conta a interdependência de sincronia e diacronia. Neste modelo, definem-se três grandes princípios: a iconicidade, a uniformidade e a transparência. Estes três princípios são tidos como universais e como sendo motivados por questões neurobiológicas, tais como a percepção, o processamento ou as limitações de memória. Trata-se, portanto, de um modelo em que se defende que a mudança morfológica terá tendencialmente como

¹⁸ Cf., por exemplo, Matthews ([1974] 1991²: 79).

¹⁹ Harris (1951: 255), por exemplo, refere que "the methods of descriptive linguistics cannot treat of the degree of productivity of elements, since that is a measure of the difference between our corpus (which may include the whole present language) and some future corpus of the language." Contudo, Nida ([1946] 1949²: 431) havia expressado uma opinião diferente, considerando que "the productiveness or non-productiveness of a formation is similarly a meaningful morphemic feature. As descriptive linguists we are sometimes inclined to overlook such a dynamic aspect of the language. We assume that a form is a fixed feature and that its distribution is fully defined or definable. We tend to imply that productiveness is only a diachronic fact, but it may be a synchronic reality as well."

²⁰ Segundo Bybee (1988: 120-121) "It has often been pointed out that IP models have no way of representing paradigms, since each word of a paradigm is derived independently from an underlying form that may not correspond to any particular form of the paradigm. This would not be a serious problem were it not for the fact that some strong cross-linguistic generalizations, as well as some significant tendencies in historical change and child language, can only be predicted in terms of paradigmatic relations."

resultado formas naturais, não marcadas e (construcionalmente) icônicas²¹ e em que a dimensão cognitiva é tida como importante, na medida em que os falantes, ao estabelecerem conexões entre as formas linguísticas, vão modificando as representações mentais dessas formas. Este modelo recebeu, no entanto, algumas críticas (cf., por exemplo, Bybee, 1985: 208²² e Maiden, 1998: 253²³), pois a ênfase colocada na transparência morfológica (ou analisabilidade, ou princípio de uma forma um significado) e a concepção de que as regras regulares são "boas" e "naturais", enquanto as irregularidades, como a alomorfia e o supletivismo, são indesejáveis e não naturais, nem sempre encontra paralelo nas línguas. Todavia, convém lembrar que o modelo da Morfologia Natural não se restringe aos três princípios universais acima mencionados, prevendo igualmente a possibilidade da existência de conflitos entre as tendências "naturais" dos diferentes subsistemas linguísticos (sobretudo entre a morfologia e a fonologia) e entre "different forms of constructional iconicity (intramorphological conflicts) – for example, constructional iconicity of number coding versus constructional iconicity of person coding in verbs" (Wurzel, 1989:13).

Ultimamente, tem sido realçada a importância da fase de aquisição²⁴ na mutabilidade das línguas, por ser nessa fase que ocorre a maior parte das mudanças. Os estudos sobre aquisição (cf., por exemplo, os vários trabalhos de Clark, designadamente os de 1993 e 1998) ajudaram a esclarecer que a gramática que uma criança constrói é uma gramática possível, que essa gramática pode diferir radicalmente dos seus modelos e que a acumulação de mudanças numa gramática contribui para o aumento da

²¹ Por exemplo, *seguí-dor* é icônico, na medida em que o derivado é estruturalmente motivado e a sua estrutura morfológica reflecte a estruturação semântica: *seguí-dor* = *seguí-* + *-dor*. Há, portanto, neste derivado uma conformidade entre a composicionalidade morfotáctica e a composicionalidade morfossemântica (cf. Kilani-Scoch, 1988: 89-90).

²² Segundo a autora, mesmo as combinações de morfemas que começam por ser transparentes tendem a tornar-se opacas.

²³ Com base no estudo dos femininos plurais do romeno e do gerúndio do italiano antigo (toscano), o autor conclui que "what diachronic morphological theory needs to take into account is not only the coherency of relationships between form and meaning, but also that between form and form within paradigms".

²⁴ Cf., por exemplo, Lightfoot (1979) (além de outros títulos mais recentes do mesmo autor), para quem a aquisição da linguagem é o *locus* da inovação.

complexidade da gramática. Se relacionarmos estas reflexões com o problema da mudança, podemos sustentar que as gramáticas mudam, mas mudam sempre para gramáticas possíveis; a mudança linguística não perturba a compreensão mútua entre gerações; o acrescentamento de regras leva à perda de generalidade de algumas regras, as quais passam a ter um âmbito de aplicação mais restrito, tornando-se menos transparentes. Estas conclusões conduzem, por sua vez, a outra mais genérica, ou seja, à não coincidência entre sistema e norma, dado que o sistema é adquirido antes da norma (a criança começa por conhecer um sistema aberto de possibilidades e, gradualmente, começa a fazer regularizações, passando a dominar as regras não produtivas).

Também a noção de variação se tem tornado essencial para a compreensão dos dados de mudança linguística, dado que, como assinala Bynon ([1977] 1986²: 3-4), "synchronic variation in the speech of a community is precisely the vehicle by means of which language change progresses, the favouring or disfavouring (and thus the survival or elimination) of competing variants being governed by social pressures."

Neste trabalho sobre a *Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*, mesmo sabendo-se que nessas gramáticas só muito raramente são assinaladas as variações que se podem observar em textos dos séculos XIII, XIV e XV²⁵, é estudado um tipo particular de variação, ou seja, as "alternâncias" entre sufixos "eruditos" e "populares" e as relações entre sufixos produtivos e improdutivos, bem como as relações estruturais entre alternâncias, variantes e sufixos.

Uma vez que as correlações sufixais se manifestam sincronicamente na produtividade ou improdutividade de determinados processos morfológicos, pretendi mostrar, neste trabalho, que os estudos com uma perspectiva diacrónica subjacente são relevantes para o estudo da Formação de Palavras em geral e da Sufixação em particular, autorizando-nos, por vezes, a "censurar" algumas descrições sincrónicas.

²⁵ Silva (1991: 45), ao assinalar que "os métodos desenvolvidos pela Linguística do século XX pouco foram aplicados ao português arcaico", afirma também que as Gramáticas Históricas do Português "apresentam fatos genéricos referentes à fase arcaica, sem mencionar as fontes e sem destacar as variações que se documentam do século XIII ao XV".

PARTE I

ESTUDO COMPARATIVO DAS GRAMÁTICAS HISTÓRICAS e ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

Delimitação do *Corpus*, Conceito de Gramática Histórica e Estrutura das Gramáticas Históricas do Português

Capítulo 1 — Delimitação do *Corpus*, Conceito de Gramática Histórica e Estrutura das Gramáticas Históricas do Português

1. 1. Delimitação do *Corpus*

Além das questões colocadas pela própria definição de "gramática histórica" (cf. 1.2. Conceito de Gramática Histórica), a necessidade de delimitar um *corpus* de gramáticas históricas do português levou à consideração de outros problemas teóricos, mas também de ordem prática, que passarei a descrever.

A primeira questão prende-se com a própria noção de *corpus*. O *corpus* de gramáticas históricas que delimitarei, à semelhança de qualquer outro *corpus*, visa idealmente a exaustividade e a homogeneidade. Na medida em que delimitarei como *corpus* de trabalho as gramáticas históricas do português em que é tratada a formação de palavras, trata-se de um *corpus* à partida selectivo e delimitado cronológica e quantitativamente. A delimitação cronológica prende-se com o período de publicação das gramáticas históricas, o qual se situa entre os fins do século XIX e a primeira metade do século XX, mais concretamente, entre 1876 (cf. *Grammatica Portugueza Elementar*, Teophilo Braga) e 1946 (cf. *Lições de Filologia Portuguesa*, Carolina Michaëlis Vasconcellos), à excepção de *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr., publicada em 1975. Todavia, o *corpus* é também tendencialmente exaustivo, visto que inclui todas as gramáticas históricas que são reconhecidas como tal e ainda outros trabalhos, de que falarei adiante. Para além disso, as várias gramáticas possuem características idênticas, i.e., são relativamente homogêneas, permitindo, assim, que se proceda a generalizações abrangentes e com alguma fiabilidade.

O conjunto de gramáticas históricas apresentado por Martins (1995) constituiu um ponto de partida para a selecção que eu própria efectuei. A autora dividiu essas gramáticas em dois grupos: um em que inclui "obras de maior fôlego e ambição[;] elaboradas visando a comunidade científica" (Martins, 1995: 56) e outro onde "constam as gramáticas a que poderemos chamar 'didácticas', isto é, as que destinadas a estudantes do ensino liceal, foram, em geral, elaboradas de acordo com os programas que aí

vigoravam", sendo esta última listagem meramente exemplificativa. Da primeira listagem de Martins (1995) fazem parte as gramáticas de Jules Cornu (1888), José Joaquim Nunes ([1919] 1989⁹), Manuel Said Ali ([1931] 1964³), Joseph Huber ([1933] 1986), Edwin B. Williams ([1938] 1961) e Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1975), enquanto na segunda temos as gramáticas de Teophilo Braga (1876), Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), António R. Vasconcellos (1900), Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹), Antenor Nascentes ([1929] 1942³), Brandt Horta ([1930?] s.d.³)²⁶, Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²), Ismael Coutinho (1938) e Francisco J. Martins Sequeira ([1938a] 1959³). Para a elaboração do artigo, Martins (1995) recupera um trabalho de Malkiel, "A Tentative Typology of Romance Historical Grammars", referência obrigatória para o tratamento desta temática, publicado pela primeira vez em 1960 e reeditado em 1968 (cf. Bibliografia). No entanto, contrariamente a Malkiel ([1960] 1968), e penso que pelo facto de se tratar de uma comunicação a ser apresentada num congresso, logo com uma duração limitada, Martins (1995) não explica pormenorizadamente o que entende por "maior fôlego e ambição" e creio que não foi por acaso que deixou em aberto a segunda listagem, pois é no tocante a este segundo grupo que mais problemas se nos deparam.

No artigo acima indicado, Malkiel ([1960] 1968) discorre longa e profundamente sobre as gramáticas históricas românicas mais marcantes: define o conceito e apresenta os vários tipos de gramática histórica, a sua estrutura e conteúdo, a apresentação, as relações com outros domínios linguísticos, etc. Embora ressalvando que a definição fornecida é uma das possíveis, Malkiel ([1960] 1968: 72-73) afirma que gramática histórica é "a formal arrangement of strictly linguistic data pertaining to structure rather than to the lexicon and viewed in diachronic perspective; that is to say, it presupposes at least two parallel sets of forms separated by a sufficiently extended

²⁶ Embora sem data, é possível situar de forma aproximada a 1.ª edição desta gramática da autoria de Brandt Horta pois, na "Impressão de Leitura", que antecede a obra (cf. pág. 5), João Ribeiro refere a Gramática Histórica de Pereira ([1916] 1935⁹) e o Idioma Nacional (IV série) de Nascentes ([1929] 1942³), realçando que a obra de Horta "apresenta vantagens consideráveis sobre os dois primeiros, sob alguns aspetos práticos e pedagógicos". Como João Ribeiro não faz alusão à Gramática Histórica da Língua Portuguesa de Said Ali ([1931] 1964³) e sabendo-se da importância e da influência que esta última viria a alcançar, deduzo que a data da publicação da obra de Brandt Horta tenha sido anterior à de Said Ali, i.e., por volta de 1930.

period of time (...) Every historical grammar is, by definition, comparative, the minimum comparison residing, we recall, in a point by-point confrontation of two successive, reasonably distant stages of the same language". Trata-se, portanto, de uma definição que precisa vários aspectos: a análise diacrónica incide sobre dados estritamente linguísticos, excluindo a descrição de factos históricos, mesmo que eles tenham exercido influências a nível da língua (por exemplo, a introdução no léxico de certos vocábulos ou expressões, resultantes de contacto; cf. Malkiel [1960] 1968: 134-135); a descrição dos dados deve estar criteriosamente organizada, ou seja, deve obedecer a uma estrutura bem definida, o que leva à exclusão de muitos estudos diacrónicos (monografias, lições, antologias, edições críticas, volumes de homenagens, por exemplo), os quais não se inserem dentro da categoria de gramática histórica devido à sua "inherent looseness and selectivity" (Malkiel [1960] 1968: 72), casos em que os aspectos formais estão submetidos ao léxico e não o inverso; a gramática histórica é sempre comparativa²⁷, ao passo que uma gramática comparativa pode ou não ser histórica, e essa comparação é feita de forma sistemática entre dois estádios, razoavelmente distantes, de uma mesma língua. Na grande maioria das gramáticas históricas das línguas românicas, embora não sendo uma condição estritamente necessária, a comparação consiste na confrontação entre o Latim e o estado actual de uma língua e pode seguir duas direcções: prospectiva, quando o ponto de partida é o mais antigo de dois estádios de língua ou o mais antigo das várias fases consecutivas que se estão a comparar, e retrospectiva, se a análise de uma língua românica moderna for pontuada com a invocação dos antecedentes latinos ou medievais (cf. Malkiel [1960] 1968: 74 e 82-83).

A amplitude e a dimensão temporal ("breadth" e "depth" em Malkiel [1960] 1968) das gramáticas históricas estão interrelacionadas e determinam, em parte, quer a estrutura das mesmas, quer o método seguido. Não é o número de disciplinas contempladas por cada um dos autores que, só por si, serve de indicador da maior ou menor relevância de uma gramática histórica, mas antes o tipo de análise (ampla e profunda) que é efectuado. Em Malkiel ([1960] 1968: 74), "breadth" designa "the number of families, languages or dialects subjected, as independent entities, to

²⁷ Segundo Malkiel, convencionalmente, fala-se de "comparative historical" grammar only where more than one daughter-language is contrasted with the actual or putative ancestral tongue" (Malkiel [1960] 1968: 73).

systematic comparison", o que significa que quanto maior for esse número e quanto mais sistemáticas forem as comparações, maior será a amplitude da gramática. Por outro lado, "depth will signal the length of time selected along the chronological axis, both in absolute terms and with special attention to the number of clearly discernible stages with which the analyst decides to operate" (Malkiel [1960] 1968: 74) e que, como já referi, tem influência no método escolhido (cf. 1.2. Conceito de Gramática Histórica).

O conceito de gramática histórica que adoptei, quer para proceder à Delimitação do *Corpus*, quer no tratamento dos pontos que se seguem, foi, pois, o de Malkiel ([1960] 1968), atendendo aos princípios que estiveram na base da definição aduzida pelo autor, i.e., análise diacrónica de dados linguísticos, estruturação coerente dos assuntos e primazia dos aspectos formais.

Em termos da organização de matérias (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas do Português), as gramáticas históricas geralmente consideradas como tal, aquelas que fazem parte da primeira lista de Martins (1995), encaixam-se na definição fornecida por Malkiel ([1960] 1968), mas não são significativamente diferentes das da segunda listagem, a das gramáticas ditas 'didácticas'. No entanto, partindo de uma perspectiva meramente quantitativa, o número de páginas que umas e outras dedicam aos vários níveis de análise pode ser, em muitos casos, elucidativo do maior ou menor "fôlego" que foi dispendido na sua elaboração. Temos, por exemplo, no que diz respeito à morfologia flexional, as gramáticas de Edwin Williams ([1938] 1961) e de Francisco Martins Sequeira (1938a), que possuem, respectivamente, 137 e 42 páginas sobre o assunto. Também os títulos das gramáticas do segundo grupo reflectem, provavelmente, aspirações menos elevadas por parte dos seus autores: o adjetivo "elementar" qualifica a gramática de Teophilo Braga (1876), assim como a anteposição de "noções" (Brandt Horta [1930?] s.d.³), "elementos" (Jaime de Sousa Martins [s.d.] 1937²) e "pontos" (Ismael Coutinho, 1938) a Gramática Histórica pressupõem que terá havido uma selecção dos assuntos tratados e que os seus autores não tivessem grandes pretensões de exaustividade e de originalidade.

A segunda característica diferenciadora apontada por Martins (1995) refere-se ao público alvo, que seria os estudantes do ensino liceal da época, enquanto que as gramáticas históricas, em sentido restrito, visariam a comunidade científica em geral. Nas gramáticas do segundo grupo, não só é assumido o facto de estas serem elaboradas de acordo com os programas como, frequentemente, a seguir ao título, aparece expresso

o grau de ensino a que se destinam. Veja-se, por exemplo, os subtítulos das gramáticas de Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), António R. Vasconcellos (1900), Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹) e Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²)²⁸. Mas, é nos prefácios que os autores referem mais desenvolvidamente o tipo de público a que se destinam as obras. Por exemplo, Pereira ([1916] 1935⁹: iv) diz ter posto "mão diligente neste trabalho, que ora entregamos receoso à mocidade estudiosa e aos homens de letras do nosso paiz" e, talvez pela heterogeneidade dos visados, não se limitou a seguir o programa de estudos oficial, pois, segundo afirma, "[o] suplementámos e desenvolvemos".

Brandt Horta ([1930?] s.d.³: 7), em "Explicação Necessária", relembra o que havia escrito na primeira edição da obra²⁹: "os seguintes pontos de gramática histórica que aqui publico, escrevi-os para facilitar a meus alunos o estudo de tão importante quão útil matéria". Porém, o autor confessa a sua não originalidade, dizendo que os pontos que trata são "um resumo das lições do grande mestre Joaquim Nunes, por demais elevadas para a mentalidade dos nossos alunos da quarta série" (Horta [1930?] s.d.³: 7). Ou seja, a gramática de Brandt Horta seria uma espécie de versão simplificada do *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de J. J. Nunes. Na realidade, aquela gramática não inclui vários aspectos que figuram em Nunes ([1919] 1989⁹), como por exemplo um tratamento desenvolvido da Formação de Palavras (em capítulo ou secção autónoma) e, nos casos em que há coincidência de temas, o tratamento que é conferido aos mesmos é muito menos rigoroso.

Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²: 9) apresenta os seus *Elementos de Gramática Histórica* "aos Srs. Professores, e, aos alunos da quarta série fundamental, com as simples credenciais da experiência", mas, ao mesmo tempo que faz valer a sua

²⁸ Silva Jr. (1878, *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa* - Compendiada para uso dos alumnos do 7º anno do imperial Collegio de Pedro II, das escolas normaes e de todos os que estudam o idioma nacional), Vasconcellos (1900, *Grammatica Histórica da Língua Portuguêsa* - VI e VII Classes do Curso dos Lyceus), Pereira ([1916] 1935⁹, *Grammatica Histórica* - obra aprovada e adaptada pela Congregação do gymnasio official de São Paulo), Martins ([s.d.] 1937², *Elementos de Gramática Histórica* - para a Quarta Série).

²⁹ A 1ª edição foi publicada ainda sem a sintaxe, a qual só passou a constar a partir da 2ª edição (s.d.).

prática de ensino, não deixa de parte os seus méritos científicos, visto que, logo a seguir, refere que "o trabalho científico está cuidadosamente revisto" (Martins [s.d.] 1937²: 9).

Ismael Coutinho (1938: 9), depois de ter rotulado de "modesto" o seu trabalho, relata que ele "é o resultado de lições por nós professadas em classe, nos estabelecimentos de ensino onde exercemos a nossa atividade (...). Com a sua publicação visamos a pôr o estudante em contacto com a ciência moderna, apoiando-nos sempre na autoridade dos mestres (...) muitos exemplos não os fomos colher às fontes, mas os demos em segunda mão". Entre os mestres referidos por Coutinho (1938), encontram-se, entre outros, os autores das gramáticas históricas publicadas antes do seu trabalho, i.e., Jules Cornu (1888), Joseph Huber ([1933] 1986) e J. J. Nunes ([1919] 1989⁹), a par de A. Nascentes ([1929] 1942³) e de J. Sousa Martins ([s.d.] 1937²), mas, curiosamente, não é mencionada a gramática de Eduardo C. Pereira [1916] (1935⁹), com a qual o trabalho de Coutinho (1938) tem algumas afinidades (cf. 1.2. Conceito de Gramática Histórica).

Francisco J. Martins Sequeira ([1938a] 1959³: 5-6), no Prefácio da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, revela que "a 1.^a edição desta Gramática foi elaborada para se amoldar, tanto quanto possível ao plano de estudos liceais (...). Reeditou-se o livro, já muito mudado do que fora (...). Refundiram-se vários capítulos (...), introduziram-se muitas mais exemplificações por todos eles (...). E tudo sem perder de vista a feição elementar, a estrutura de síntese, que requiere o estudo histórico da língua, nesta fase dos cursos a que o livro se destina".

Temos, pois, como principal característica diferenciadora das gramáticas históricas "científicas" o facto de as gramáticas "didácticas"³⁰ serem assim designadas por se destinarem ao ensino liceal da época, sem que isso signifique que na base da elaboração das mesmas não esteja uma investigação dos vários aspectos aí tratados. O facto de o público alvo ser os estudantes não impede, como é referido nalguns casos, que este se alargue a outros potenciais estudiosos. Todavia, esta feição 'didáctica' é, por

³⁰ A distinção "gramática histórica" / "gramática [histórica] didáctica" efectuada por Martins (1995) não aparece em Malkiel ([1960] 1968).

vezes, relevante em termos de conteúdo ("breadth" e "depth"), como terei oportunidade de explicar em 1.3. (Estrutura das Gramáticas Históricas).

Até aqui, fiz referência a gramáticas histórico-didáticas que fazem parte do segundo conjunto apresentado por Martins (1995). A estas poderão acrescentar-se, pelas razões a seguir invocadas, várias outras obras: a *Grammatica da Lingua Portugueza* (para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes), de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade, *O Meu Idioma* (obra destinada ao 4.º Anno do Gymnasio), de Othoniel Mota³¹ e a *Gramática de Português* de Francisco J. Martins Sequeira³².

Entre a publicação da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Silva Jr. (1878) e a da *Grammatica da Lingua Portugueza*³³, de Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴), medeiam nove anos. O motivo que me levou a incluir no *corpus* esta última prende-se com o facto de a mesma não apresentar grandes diferenças quanto ao conteúdo, método e estrutura³⁴, quer relativamente à *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Silva Jr. (1878), quer no que diz respeito às restantes (cf. 1.2. Conceito de Gramática Histórica e 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas).

Os objectivos e a estrutura da gramática de Othoniel Mota ([1916] 1937⁸) são idênticos aos das outras obras que tenho vindo a considerar. Segundo o autor, o plano geral do seu trabalho obedeceu à intenção de "tornar a grammatica expositiva, a

³¹ A 1.ª edição desta gramática poderá datar-se, aproximadamente, de 1916-princípios de 1917. Quando no final da obra são transcritos os comentários e apreciações de algumas individualidades, uma delas confessa ter ficado muito agradada, "tendo lido nestas férias «O meu idioma»" (Mota, 1937⁸: 245), assinando com a data de 19 de Março de 1917.

³² Doravante indicadas como: Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴), Mota ([1916] 1937⁸) e Sequeira (1938b), respectivamente.

³³ No Prefácio da 1.ª edição desta gramática, reproduzido na 4.ª edição, os autores afirmam que, apesar de, por vezes, discordarem das indicações do programa oficial, seguiram "para maior segurança dos viajantes noveis, o roteiro apresentado pelo governo" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: vii).

³⁴ Segundo os autores, trata-se de uma gramática que assenta "sobre a base da historia e da comparação" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: vi).

rudimentar, iluminada pela grammatica historica" (Mota [1916] 1937⁸: 5), sublinhando que abdiçou propositamente do excesso de "rigor scientifico"³⁵.

A inclusão da *Gramática de Português* de Francisco J. Martins Sequeira³⁶ no *corpus* de Gramáticas Históricas do Português deve-se ao facto de os aspectos centrais neste trabalho serem mais desenvolvidos do que na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, também da sua autoria e publicada no mesmo ano. Na "Renovação do Léxico", cap. IX da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, o autor, para além de ser muito mais sintético do que em "Meios de Formação de Palavras" (cap. XV, Secção II da 2.^a Parte — Morfologia), constante da *Gramática de Português*, afirma inclusive, a propósito da "Composição por prefixos", o seguinte: "não os enumeraremos aqui [os prefixos], porque o estudo deles já deve ter-se feito na gramática descritiva" (Sequeira, 1938b: 155). Foi sobretudo com base no tratamento que Sequeira ([1938a] 1959³ e 1938b) dedica à formação de palavras que incluí a sua *Gramática de Português* no *corpus*. Aí, o autor, frequentemente, faz apelo ao latim e estabelece comparações entre o português antigo e o actual para explicar certos aspectos da sufixação³⁷, da prefixação e, em maior grau, da "composição erudita". Quer a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (Sequeira [1938a] 1959³), quer a *Gramática de Português* de Sequeira (1938b) se dividem em Fonética, Morfologia e Sintaxe (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas); a "Renovação do Léxico" aparece incluída na Morfologia em ambas e as duas obras tratam da Derivação Própria, da Derivação Imprópria e da Composição, mas, enquanto na *Gramática de Português* (Sequeira, 1938b: 84-117), a descrição destes assuntos, segundo uma perspectiva diacrónica, é relativamente exhaustiva, na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Sequeira ([1938a] 1959³: 138-156) limita-se a cerca de metade das páginas e estas servem quase unicamente para exemplificar os fenómenos descritos em Sequeira (1938b).

³⁵ Após ter analisado a obra de Mota ([1916] 1937⁸), vejo na alegada renúncia ao "rigor científico" mais o desejo de sublinhar a feição didáctica do compêndio, do que propriamente a incapacidade de, com profundidade e exaustividade, tratar os temas propostos.

³⁶ Indicada como Sequeira (1938b). Nesta gramática, destinada ao 2.º ciclo dos liceus da época, o autor não se ficou pelo cumprimento do programa oficial, tendo estudado e aprofundado matérias que se situam muito além do que era exigido.

³⁷ Veja-se, por exemplo, na Derivação Própria, o que é dito a propósito das palavras terminadas em *-vel*, *-az*, *-iz*, *-oz* e *-ão* (Sequeira, 1938b: 95).

Pretendo, assim, concluir que os princípios que autorizaram a inclusão das obras no *corpus* não se ficaram a dever à designação que ostentam, a qual, por si só, não é elucidativa da natureza das mesmas. Estas gramáticas históricas 'didáticas' são, também elas, uma fonte preciosa no que toca a dados e a descrições conducentes ao estudo da morfologia derivacional numa perspectiva diacrónica e não contrariam a definição de gramática histórica de Malkiel ([1960] 1968), que adoptei.

Além das já referidas, acabei igualmente por incluir no *corpus* mais três obras: a *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, de Carl von Reinhardstoettner (1878), as *Lições de Filologia Portuguesa*, de José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) e as *Lições de Filologia Portuguesa*, de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.).

Apesar de nenhum dos gramáticos históricos aludir à gramática de Reinhardstoettner (1878)³⁸, Serafim da Silva Neto ([1942] 1977³: 98-99) refere-a como a "primeira gramática histórica do português"³⁹ e Malkiel ([1960] 1968: 97) não só conhece a obra de Reinhardstoettner (1878), como a aponta como uma (boa) excepção, ao mencionar o extenso capítulo sobre "Wortbildung" (cf. Reinhardstoettner, 1878: 111-156), incluído entre as secções da Fonologia e da Flexão. Apesar de mais tardiamente, a gramática de Reinhardstoettner (1878) entrou de pleno direito no *corpus* que delimitiei. Trata-se de uma gramática histórica do português que engloba, para além da Formação de Palavras, da Fonologia e da Morfologia Flexional, a Sintaxe (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas), com descrições muito precisas e abundantíssimos exemplos.

Quanto às *Lições* de José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) e de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.), não consideradas por Martins (1995) como gramáticas históricas, quer Malkiel ([1960] 1968: 80), quer Cuesta ([1949] 1980: 31) as

³⁸ Gramática publicada pela mesma editora (Karl J. Trübner, Strassburg) que deu à estampa a gramática de Jules Cornu (1888), para a qual outros gramáticos e estudiosos remetem muitas vezes.

³⁹ Tal como António R. Vasconcellos (1900), Serafim da Silva Neto ([1942] 1977³: 98) não reconhece a gramática de Braga (1876) enquanto gramática histórica. É também interessante a crítica de Neto ([1942] 1977³) a Edwin B. Williams ([1938] 1961). Neto ([1942] 1977³: 127) acusa Williams de "estrito formalismo gramatical" e de não encadear a história externa com a interna, evidenciando uma concepção de gramática histórica que foi rejeitada por Malkiel ([1960] 1968), o qual, relembro, refere que, na gramática histórica, os dados a analisar devem ser estritamente linguísticos.

apontam como pertencendo a essa categoria. São obras cujos título, conteúdo, estrutura (cf. 1.2. Conceito de Gramática Histórica e 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas) e público alvo são muito idênticos. A primeira é um conjunto de cento e doze conferências⁴⁰ "que a princípio se destinavam (...) aos alunos do Curso de Bibliotecário-Arquivista, [mas que] em breve começaram a ser assistidas de alunos de cursos de fora, e também de professores, escritores e outras pessoas" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: vii). A segunda é constituída por prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 (Lições I-XII) e de 1912-1913 (Lições XIII-XVII, seguidas de sete Lições relativas à Leitura e Explicação de Textos dos séculos XIII e XIV), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Considero que, embora não ostentem a designação de 'Gramática' no título e estando organizadas em Lições e não em secções ou capítulos, como a maior parte das outras gramáticas, há, ainda assim, nestas duas obras, uma certa sistematicidade (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas). Apesar de uma organização diferente das matérias (aliás, justificada por ambos os autores devido à heterogeneidade do público a que se destinavam) e do peso conferido ao estudo do léxico ser maior do que noutras obras que incluí no *corpus*, não se afastam excessivamente da definição de gramática histórica que adoptei: as principais disciplinas estão aí representadas, a comparação do português com o latim e com as outras línguas românicas é uma constante e a amplitude de análise dos dados linguísticos, sobretudo os que dizem respeito à formação de palavras, legitimam a sua inclusão⁴¹.

Não incluí no *corpus* gramáticas históricas unidisciplinares, visto que as que existem em português recobrem uma área diferente. Tais são os casos das gramáticas históricas de Adolfo Coelho (1868, *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade), em que, apesar de estarem previstos três, só um dos volumes saiu, o da *Phonologia*, e de Rodrigo de Sá Nogueira (1932, *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções Gerais e Fonética*

⁴⁰ Estas conferências foram proferidas durante os anos de 1903-1909 (vinte e duas prelecções no 1.º ano; onze no 2.º; dezoito no 3.º; quinze no 4.º; nove no 5.º; oito no 6.º; onze no 7.º e dezoito no 8.º).

⁴¹ Na "Bibliografia Sumária", Teyssier ([1980] 1994⁶: 111) também lista as obras de José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) e de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) nas "Gramáticas Históricas".

Histórica, Lisboa, Ed. de José Fernandes Jr.; obra reeditada (com muito poucas alterações) nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, 1938, Lisboa, Imprensa Nacional). Além destas duas gramáticas históricas unidisciplinares, temos a *Sintaxe Histórica Portuguesa*, de Epifânio da Silva Dias ([1918] 1970⁵, Lisboa, Livraria Clássica Editora), que o autor classificou como gramática histórica, mas que não é reconhecida como tal pelos especialistas, nomeadamente Rosa V. M. e Silva (1991) e Ana M. Martins (1995), para só citar duas das autoras mais recentes, devido sobretudo ao facto de se centrar "no estádio de língua da época em que foi escrita, sendo assistemática a informação acerca de variantes antigas das construções estudadas" (Martins, 1995: 63).

Também não incluí no *corpus* de gramáticas históricas do português alguns trabalhos diacrónicos, nalguns casos tratando assuntos que também figuram nas gramáticas históricas que retive, porque, por uma ou por várias razões, não se inserem dentro da definição de gramática histórica de Malkiel ([1960] 1968), tendo sido já excluídos por Martins (1995). Refiro-me, por exemplo, às *Lições de Português*, de Sousa da Silveira ([1923] 1934², Rio de Janeiro, Civilização Brasileira), obra que abrange estudos quer de linguística diacrónica, quer de linguística sincrónica e caracterizada por uma certa "dispersão" de matérias.

Martins (1995) não inclui os trabalhos de Rosa V. M. e Silva (1991 e 1994) e de Clarinda de Azevedo Maia (1986) na lista de gramáticas históricas, por achar que se situam "na fronteira entre a 'gramática histórica' e outros géneros". No primeiro caso, a fronteira situa-se "entre a monografia e a gramática histórica" e, no segundo, entre "a gramática descritiva e gramática histórica" (Martins, 1995: 56 e 59). Embora Martins (1995) não refira as *Estruturas Trecentistas* (Silva, 1989), esta obra, apesar de ser uma descrição exhaustiva "de um longo texto na sua versão do século XIV [Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório]" (Silva, 1994: 11), também não se enquadraria na definição de gramática histórica. De qualquer forma, independentemente da classificação que lhes seja atribuída, estas obras não contemplam o estudo da formação de palavras, pelo que nunca poderiam fazer parte deste *corpus*.

Tendo em conta que Jules Cornu (1888) e Edwin B. Williams ([1938] 1961) não incluem a formação de palavras, também estas obras não serão consideradas no *corpus* que delimitei. Assim, depois destas exclusões, o *corpus* de gramáticas históricas que delimitei abarca dezoito obras de dezoito autores, uma em co-autoria e duas do mesmo

autor, as quais listo abaixo pela ordem cronológica da primeira edição e é sobre elas que incidirão directamente todas as análises que, daqui em diante, vierem a ser efectuadas:

- Braga, Teophilo (1876) *Grammatica Portugueza Elementar* (Fundada sobre o methodo historico-comparativo), Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira
- Reinhardstoettner, Carl von (1878) *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, Strassburg, Karl J. Trübner
- Silva Jr., Manuel Pacheco da (1878) *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (Compendiada para uso dos alumnos do 7º anno do imperial Collegio de Pedro II, das escolas normaes e de todos os que estudam o idioma nacional), Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D. M. Hazlett
- Silva Jr., Manuel Pacheco da e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴) *Grammatica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves
- Vasconcellos, António Garcia Ribeiro (1900) *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa* (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus), Paris/Lisboa, Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves.
- Vasconcellos, José Leite de ([1911] 1959³) *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal
- Pereira, Eduardo Carlos ([1916] 1935⁹) *Gramática Histórica* (obra aprovada e adaptada pela Congregação do gymnasio official de São Paulo), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- Mota, Othoniel ([1916] 1937⁸) *O meu idioma* (obra destinada ao 4.º Anno do Gymnasio), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- Nunes, José Joaquim ([1919] 1989⁹) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora
- Horta, Brandt ([1930?] s.d.³) *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira
- Ali, Manuel Said ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos
- Huber, Joseph ([1933] 1986) *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (tradução portuguesa de Maria Manuela Delille, do original alemão *Altportugiesisches Elementarbuch*, Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung)

- Martins, Jaime de Sousa ([s.d.] 1937²) *Elementos de Gramática Histórica* (para a Quarta Série), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- Sequeira, Francisco Júlio Martins ([1938a] 1959³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular
- Sequeira, Francisco Júlio Martins (1938b) *Gramática de Português*, Lisboa, Livraria Popular
- Coutinho, Ismael de Lima (1938) *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional
- Vasconcellos, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.) *Lições de Filologia Portuguesa - segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal / Dinalivro
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.

1. 2. Conceito de Gramática Histórica

Neste ponto, faço o levantamento do conceito de gramática histórica nas obras consideradas e, uma vez que estão interrelacionados, como foi referido anteriormente, do método utilizado pelos vários autores, baseando-me nas definições fornecidas, quer directa, quer indirectamente, pelos próprios⁴². Este levantamento vai precedido por um breve excuro histórico, que tem como objectivo traçar, em termos muito gerais, os sentidos mais sensíveis da evolução verificada no que respeita à noção de gramática e a questões de ordem metodológica.

Como é sabido, os gregos antigos discutiram diversas questões relacionadas com a linguagem, nomeadamente em torno das origens das palavras (cf. o *Crátilo* de Platão (427-347 a. C.)). Mas, uma vez que essas discussões incidiam unicamente sobre a sua própria língua, os gregos "took it for granted that the structure of their language embodied the universal forms of human thought, or perhaps, of the cosmic order. Accordingly, they made grammatical observations, but confined these to one language and stated them in philosophical form. They discovered the parts of speech of their language, its syntactic constructions (...) and its chief inflectional categories" (Bloomfield, 1933: 5).

De entre os gramáticos gregos antigos, um dos mais conhecidos é Dionísio de Trácia (século I) que, na *Arte da Gramática*, define a gramática como "o conhecimento prático dos usos gerais dos poetas e prosadores" (cit. por Duarte, 1995: 14), a qual é constituída por seis partes (leitura correcta; interpretação das expressões literárias; estudo da fraseologia; identificação das etimologias; analogia e "apreciação das composições literárias, que é a parte mais nobre da gramática" (Duarte, 1995: 14)).

É sobre o modelo grego acima citado que os gramáticos latinos, sobretudo Donato (século IV) e Prisciano (século VI), elaboram as suas gramáticas, as quais, por sua vez, predominaram como modelos dos vários manuais de latim produzidos durante a Idade Média. Os gramáticos medievais, segundo Bloomfield, "saw in classical Latin the logically normal form of human speech" (Bloomfield, 1933: 6).

Com o Renascimento e a invenção da imprensa, a atenção dos gramáticos deixa de se restringir ao estudo do grego e do latim, acresce o interesse pela análise das suas

⁴² De entre os autores de gramáticas históricas do português que constituem o *corpus*, Reinhardstoettner (1878), J.J. Nunes ([1919] 1989⁹) e Mattoso Câmara Jr. (1975) não definem o conceito de Gramática Histórica e, como tal, não serão referidos neste ponto específico.

próprias línguas e, nessa medida, uma das principais preocupações dos gramáticos humanistas prende-se com a normatização gráfica, desencadeada pela "necessidade de promoção e fixação da língua vernácula, situação que se alarga ainda no século XVII" (Gonçalves, 1995: 42). Mas, como indica Telmo Verdelho, para além da questão ortográfica, outros aspectos permitem estabelecer diferenças entre os humanistas e os gramáticos medievais, particularmente, "uma estruturação mais nítida da matéria gramatical e um melhor enquadramento metodológico da disciplina, sistematizando e simplificando o enunciado das regras gramaticais, e organizando um "corpus" didáctico melhor hierarquizado e mais facilmente acessível, para uma eficaz articulação dos conhecimentos" (Verdelho, 1988: 108). Assim, no Renascimento, a gramática (e todas as outras ciências, em geral) passa a ser menos conjectural, "menos especulativa e mais voltada para a lição textual e para a expressão estilística" (Verdelho, 1988: 108). Em 1492, após a publicação da primeira gramática espanhola, da autoria de Nebrija, orientada por princípios humanistas⁴³, "ainda se publicaram em Espanha numerosos dicionários e gramáticas, revelando um crescente interesse filológico" (Jordan [1962] 1973: 16). No início do século XVI, esse interesse filológico foi extensível a Portugal, contribuindo para "a renovação do horizonte gramatical português" (Verdelho, 1988: 98) e para as primeiras reflexões teóricas sobre o português⁴⁴.

No século XVII registaram-se avanços significativos no domínio dos estudos gramaticais (e da linguística geral), com a publicação, em 1660, da *Grammaire générale et raisonnée, contenant les fondements de l'Art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle*⁴⁵, de A. Arnault e C. Lancelot, gramáticos racionalistas da escola de Port-Royal. Nesta gramática, igualmente conhecida por gramática geral, racional ou filosófica, os autores pretendem demonstrar "that the structure of various languages, and

⁴³ À semelhança da maior parte dos humanistas dos séculos XVI e XVII, Nebrija "considerou a «lengua castellana» como sendo um latim que, por influência de povos germânicos, se corrompeu e se revestiu de características próprias" (Jordan [1962] 1973: 15).

⁴⁴ Cf. Oliveira, Fernão de (1536) *Grammatica da lingoagem portuguesa*, ed. lit. de Maria Leonor Carvalho Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975 e Barros, João (1540) *Grammatica da lingua portuguesa*, ed. lit. de Maria Leonor Carvalho Buescu, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

⁴⁵ Publicada em Paris pela primeira vez, seria reeditada em 2ª ed. em 1664, existindo igualmente uma edição de 1676, publicada em Bruxelas. Posteriormente, em Paris, foram feitas novas reimpressões, com aditamentos, em 1803 e 1810.

specially of Latin, embodies universally valid canons of logic" (Bloomfield, 1933: 6), ou seja, trata-se de uma gramática orientada por princípios lógicos, em que a língua passa a ser considerada do ponto de vista filosófico-racionalista.

Os ecos da escola de Port-Royal fizeram-se sentir um pouco por toda a Europa, durante o século XVIII e princípios do século XIX, sendo o representante máximo desta corrente, em Portugal, Jerónimo Soares Barbosa que publicou, em 1822, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*⁴⁶. Na análise que faz desta corrente gramatical filosófica, Duarte (1995: 15) considera que a "ideia de que as categorias gramaticais reflectem elementos e processos mentais universais, mas de que é necessário analisar cada língua particular porque tais processos se podem exprimir diferentemente de língua para língua, o afastamento do objectivo normativo (a gramática é *a arte de falar* e não *a arte de bem falar*), a distinção clara entre sons e letras e a prioridade atribuída à análise dos primeiros são características importantes e singularmente contemporâneas desta escola de pensamento que Chomsky, na década de 60, invoca centralmente ao procurar os fundamentos da gramática generativa na tradição racionalista de teorização e análise das línguas naturais". Convém, no entanto, não esquecer que, dentro desta corrente, alguns aspectos não foram objecto de análise, como, por exemplo, os aspectos relacionados com a mudança, os quais, como nota Bloomfield, "were viewed as haphazard corruptions" (Bloomfield, 1933: 9).

No início do século XIX, a descoberta do sânscrito⁴⁷ impulsionou o estudo comparativo das línguas e viria a resultar no estabelecimento da hipótese do Indo-Europeu e na fundação da Linguística como disciplina científica. De entre as trabalhos mais marcantes desta época, temos o de Franz Bopp (1816)⁴⁸, onde se prova cientificamente "a unidade das línguas indo-europeias, empregando, pela primeira vez,

⁴⁶ Barbosa, Jerónimo Soares (1822) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem*, Lisboa, Real Academia das Sciencias.

⁴⁷ Na realidade, durante os séculos XVI e XVII, o conhecimento do sânscrito já havia chegado à Europa, através dos missionários. No século XVIII, pela acção dos ingleses que foram para a Índia, esse conhecimento tornou-se mais completo, se bem que só se tivesse generalizado durante o século XIX (cf. Bloomfield, 1933: 11).

⁴⁸ Bopp, Franz (1816) *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache*, Frankfurt.

o método comparativo" (Jordan [1962] 1973: 23), o de Rasmus Kristian Rask (1818)⁴⁹, que estabelece "a transição para a nova linguística com bases científicas" (Jordan [1962] 1973: 25) e o de Jakob Grimm (1819)⁵⁰, "que observou sobretudo a evolução histórica, virando-se assim para a gramática diacrónica" (Jordan [1962] 1973: 26). Os métodos e ensinamentos expressos nestas três obras seriam aproveitados por Friedrich Diez, na sua *Grammatik der Romanischen Sprachen*⁵¹, obra em três volumes (Fonética, Morfologia e Sintaxe), que veio contribuir decisivamente para o desenvolvimento da linguística românica e que terá estado na base de algumas gramáticas históricas do português, como terei ocasião de referir. Outra obra fulcral, tanto para a linguística românica em geral, como para a elaboração de gramáticas históricas do português, foi a *Grammatik der Romanischen Sprachen*, de Meyer-Lübke⁵², representante da escola neogramática.

A concepção de língua dos neogramáticos "pode ser considerada como obedecendo aos princípios das ciências naturais" (Jordan [1962] 1973: 52) e, por isso, a recolha e a descrição histórico-comparativa de inúmeros factos linguísticos constituíram um dos seus principais objectivos. No modelo neogramático, "the general position from which the neogrammarians approached their subject was the assumption that language change must have order and thus be amenable to systematic investigation. They based their expectation that language development is rule-governed on certain universal aspects of language itself (...). Since language is essentially a human activity it was argued, guiding principles for the study of its evolution should be sought within the general rules that govern human behaviour" (Bynon [1977] 1986²: 24).

As gramáticas históricas que fazem parte do *corpus* (cf. 1.1. Delimitação do *Corpus*) são, na sua maioria, de inspiração neogramática, pelo que passarei à análise do

⁴⁹ Rask, Rasmus (1818) *Undersøgelse om det Norske eller Islandske Sprogs Oprindelse*, Copenhaga, Gyldendal.

⁵⁰ Grimm, Jakob (1819-1834) *Deutsche Grammatik*, Göttingen, Dieterich, 4 vols..

⁵¹ Diez, Friedrich (1836-1844) *Grammatik der Romanischen Sprachen*, Bonn, Weber, 3 vols. (trad. fr. de Gaston Paris, 1863, *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Franck).

⁵² Meyer-Lübke, Wilhelm (1890-1902) *Grammatik der Romanischen Sprachen*, 4 vols. [I: *Lautlehre* (1890), II: *Formenlehre* (1893), III: *Syntax* (1899), IV: *Register* (1902)], Leipzig, Fues (Reisland). Trad. fr. de E. Rabiet (I), A. e G. Doutrepoint (II-III), id., com A. Counson (IV), 1890-1906, *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Welter.

conceito de gramática histórica nas obras escolhidas⁵³, bem como do método que lhes está subjacente, verificando até que ponto os ensinamentos dos grandes mestres aí encontraram ecos⁵⁴. Mais uma vez, gostaria de chamar a atenção para o contexto que propiciou o aparecimento das várias gramáticas históricas do português, designadamente a publicação das gramáticas de Diez (1836-1844) e de Meyer-Lübke (1890-92) e a fundação da *Revue des langues romanes* (1890), assim como o facto de já existirem várias edições de textos medievais, as quais viriam a fornecer abundantes materiais que em muito terão contribuído para a elaboração desses trabalhos.

Teophilo Braga (1876), autor da primeira gramática do português fundada sobre o método histórico-comparativo (tal como aparece expresso no subtítulo da obra), embora não definindo explicitamente o conceito de gramática histórica, indica os motivos que conduziram à elaboração da mesma nos seguintes termos: "desde que alcançámos um leve conhecimento do methodo comparativo da philologia moderna, e nos surprehenderam as descobertas operadas por esse methodo no campo das linguas romanicas, sentimos um vivo desejo de o applicarmos a um exame completo da Grammatica da lingua portugueza" (Braga, 1876: vii). Como podemos observar, para o autor, e também para outros que se lhe seguiram, a utilização do método histórico-comparativo permite alcançar resultados que até essa altura se desconheciam porque, como sublinha, desde Fernão de Oliveira a Jerónimo Soares Barbosa "todas [as gramáticas] peccam pela sua classificação dos factos linguisticos sem base racional, e ao mesmo tempo pelas explicações abstractas e auctoritarias, que tornaram a grammatica uma cousa mechanica" (Braga, 1876: viii). Teophilo Braga critica ainda Adolfo Coelho, embora lhe reconheça o mérito de ter sido o introdutor do método comparativo em Portugal, no seguimento de Frederico Diez (1836), que o aplicou às línguas românicas, pois, na sua opinião, Adolfo Coelho não contribuiu para o progresso do ensino da gramática portuguesa, "porque a par das suas observações sobre a nossa

⁵³ A ordem adoptada para a apresentação dos conceitos de gramática histórica segue a cronologia das primeiras edições das gramáticas em estudo.

⁵⁴ Refira-se a este propósito Adolfo Coelho, autor que excluí pelas razões atrás referidas (Cf. 1.1. Delimitação do Corpus), mas que é unanimemente apontado como o introdutor do método neogramático em Portugal. Veja-se, ainda, o que, adiante, diz Braga (1876) sobre este autor.

grammatica historica, devêra ter reorganizado sobre esse criterio historico e comparativo uma grammatica elementar que expulsasse do ensino as repetidas parodias de Soares Barbosa" (Braga, 1876: viii).

Para Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878: i), a gramática histórica, "adoptando os sãos principios do novo methodo historico-comparativo", "simplifica e torna mais logicas as grammaticas geraes" (Silva Jr., 1878: xxv) e "abrange as diversas relações de uma lingua — etymologia, lexicologia, grammatica, formação, desenvolvimento, filiação, critica literaria, etc." (Silva Jr., 1878: xxv). De acordo com este "novo methodo", segundo explicação de pé-de-página, o "glottologo"⁵⁵ primeiro "collecciona os factos glotticos; 2º, compara-os e classifica-os; 3º, busca as leis; 4º, investiga as causas" (Silva Jr., 1878: iii). O princípio de que "a explicação da linguagem pertence á natureza e não á historia" (Silva Jr., 1878: iv) opõe-se ao que era defendido por outra corrente e conduziu a uma interessante discussão nos finais do século XIX, de cujos meandros Silva Jr. (1878) parece estar completamente a par, pois, segundo diz: "Whitney, Steinthal e outros, impugnando o geral parecer dos glottologos, julgam ser a linguagem producto da acção consciente do homem, e, conseguintemente, sciencia historica e moral. Com esta opinião não coincidem as de M. Müller, Schleicher, Ascoli, Littré, Pezzi, Bréal, G. de Paris, Hovelacque, e muitos outros" (Silva Jr., 1878: iii). Ou seja, enquanto os últimos defendiam que a língua evolui independentemente da vontade e da consciência dos indivíduos e davam particular atenção ao aspecto físico da língua, privilegiando o método comparativo, os primeiros advogavam o oposto, considerando que era mais importante estudar as línguas do ponto de vista sincrónico e valorizando o aspecto psicológico da linguagem. De entre os gramáticos estudados, Manuel Pacheco da Silva Jr. é um dos mais confessadamente darwinistas e, por isso, afirma que "a glottica tambem está sujeita ás transformações das especies, e esta variabilidade é hoje incontestavel na sciencia. Como no reino animal, as linguas passam de uma para outra por uma infinidade de transições; os seus estudos morphologicos — como ficou provado por Schleicher — apresentam identidade immensa com os processos analyticos e comparativos nas investigações botanicas" (Silva Jr., 1878: iv). Na linha de Schleicher,

⁵⁵ Para Silva Jr. (1878: xxiv), os termos "glottica" ou "glottologia", "posto não hajam ainda recebido a sancção do uso", são preferíveis aos de "philologia comparada" e de "linguistica", "que além de tudo tem contra si o hybridismo da fórmula".

discípulo de Humboldt, Silva Jr. (1878: xxiv-xv) estabelece uma divisão entre "glottologia" e "philologia", sendo a primeira uma "sciencia analytica, exacta, de character absoluto e de essencia natural; a *philologia* é sciencia puramente historica, e (...) estuda as linguas para chegar ao conhecimento da essencia intellectual das nacionalidades". Assim, em Silva Jr. (1878) todos os aspectos civilizacionais são susceptíveis de nos serem dados a conhecer pela "philologia", ao passo que a "glottica" tem como objecto o "organismo vivo" que é a língua.

No "Prefácio da 2ª edição", Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴: iii) afirmam explicitamente que o método histórico-comparativo é o "único methodo de ensino racional, que póde logicamente encadear causas e efeitos, concorrendo para mais facil encerebração dos factos e das leis da linguagem". A utilização do adjectivo "racional" para qualificar a obra, que também já aparecera em Braga (1876), revela-se de extrema importância, uma vez que os autores parecem querer evidenciar a ruptura com modelos anteriores, em que a língua era considerada um produto espiritual. O desdobramento da designação do método enquanto histórico, por um lado, e comparativo, por outro, conduz Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴) às definições de história e de comparação: "a *historia* descobre nos textos da baixa latinidade e nos primeiros documentos da nossa lingua a serie de fórmias intermediarias, e por conseguinte as varias transformações graduaes por que passou o vocabulo" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: iii-iv). "A *comparação* verifica as hypotheses, confrontando as fórmias portuguezas com as correspondentes nas outras linguas néolatinas e seus dialectos. (...) A comparação é, pois, ao mesmo tempo instrumento de investigação e de verificação" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: iv-v). Nas "Observações Geraes" (pp. 65-66), os autores definem seis conceitos de gramática: Gramática Geral ("o estudo, em toda a sua extensão, dos factos e das leis da linguagem escripta e falada; é o conjunto dos processos communs a muitas linguas comparadas"), Gramática Histórica ("a que estuda os factos de uma lingua desde a sua origem, e em todas as suas phases"), Gramática Comparativa ("é o estudo d'esses factos em comparação com os de outras linguas"), Gramática Histórico-comparativa ("a que emprega a história e a comparação como instrumentos verificadores da linguagem"), Gramática Descritiva ou Expositiva ("é a codificação empyrica, a exposição analytica dos factos da linguagem. Não investiga as causas nem explica as leis; seu fim é apenas classificar, definir, e exemplificar os materiaes linguisticos") e Gramática Portuguesa

("o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordenativo (mas sómente no dominio da lingua portugueza) dos factos da linguagem e das leis que os regem"). Para estes autores, o método histórico-comparativo é, de entre todos, o melhor, pois "nos ensina a dissecação scientifica dos vocabulos [e] permite remontar ao passado obscuro (...); póde reconstituir a fôrma typica das palavras desfiguradas ou gastas pelas migrações e pelos seculos" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 66). Os autores sublinham, pois, que só este método permite a reconstrução de formas não atestadas, método desenvolvido pelos neogramáticos em geral, partindo da assumção de que os mesmos princípios observados nas línguas atestadas devem aplicar-se às línguas não atestadas (cf., por exemplo, Bynon [1977] 1986²: 45).

A gramática histórica é definida por António R. Vasconcellos (1900: 29) como aquela que "estuda e ensina as leis a que está sujeita a língua na sua evolução, acompanhando-a através das modificações por que tem passado, desde a origem até ao estado em que actualmente se encontra". No "Prólogo" (pp. 1-2), o autor remete para as duas grandes gramáticas históricas das línguas românicas, a de Friedrich Diez (1836) e a de Meyer-Lübke (1890) — obras que, como já adiantei, são ponto de referência para vários trabalhos subsequentes da mesma índole — e para outros estudos surgidos em várias revistas e colecções, como a *Romania*, a *Revue des langues romanes*, a *Revista Lusitana*, bem como para alguns dicionários etimológicos. Refere igualmente os nomes de "destacados lusitanistas", como Gonçalves Viana, Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Adolfo Coelho e J. Leite de Vasconcellos, entre outros. António R. Vasconcellos (1900) não reconhece à gramática de Braga (1876) o estatuto de gramática histórica, pois, afirma, a propósito do seu próprio trabalho, que ele "tem, pelo menos, o mérito de ser o primeiro que no seu género sai a lume em Portugal" (António R. Vasconcellos, 1900: 2) e não há referência às gramáticas de Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878) e de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), publicadas no outro lado do Atlântico. O autor designa por "livrinho" a sua obra, visto que ela "não passa de uma simples tentativa ou ensaio de grammática histórica da língua portuguesa" (António R. Vasconcellos, 1900: 5). Contudo, afirma que para além de ter reunido e sintetizado os materiais dispersos, juntou-lhes "o que de nossa lavra e observação pessoal temos apurado" (António R. Vasconcellos, 1900: 6). Na tentativa de realçar o carácter científico dos estudos gramaticais, António R. Vasconcellos (1900: 28) compara a linguística, também designada por "sciência da linguagem", à física, à

química e à história natural, porque tanto uma como as outras aplicam "processos de observação rigorosos". Note-se que na ordem cronológica que tenho vindo a seguir, António R. Vasconcellos (1900) é o primeiro autor a utilizar o termo linguística, sem o comutar com o termo filologia, o que parece ser um sinal de que, para este gramático, a linha divisória entre uma e outra disciplina já estaria bem demarcada. Nos parágrafos seguintes (cf. pág. 29), o autor enuncia os pressupostos do modelo neogramático: no seu entender, a linguística compara-se à anatomia, uma vez que a primeira "decompõe a língua nos seus elementos, estudando phonema por phonema, palavra por palavra, phrase por phrase", tal como a segunda, ao estudar um organismo vivo, "dissecta os tecidos célula por célula, fibra por fibra". Na mesma linha de comparação, o gramático hierarquiza as etapas de trabalho do linguista, afirmando que após "o trabalho de análise, segue-se o da comparação e síntese". Nestas etapas, "a linguística aproxima os factos analisados nas diversas línguas, e ainda na mesma língua através dos diversos períodos da sua história, compara-os entre si, estabelece as analogias e diferenças, classifica-os, e deste modo agrupa as línguas em famílias, reconhece o grau de parentesco em que se acham umas com as outras, verifica as modificações gerais que se deram em cada família linguística e as especiais de cada língua no decorrer do tempo, e assim chega a assentar e formular as leis da linguagem". Ao definir uma boa gramática como aquela que "precisa de dar noções exactas da língua" (António R. Vasconcellos, 1900: 29), o autor subordina o papel do gramático ao do linguista, na medida em que considera que o gramático se deve reportar "às conclusões certas e seguras que a linguística assentou, e que faça della aplicação. As leis da linguagem estão descobertas e formuladas; a gramática expõe-nas, e faz o ensino da língua applicando-as". Depois da exposição clara e detalhada sobre o método, António R. Vasconcellos (1900: 29) reforça que "para o estudo um pouco desenvolvido de uma língua não deve hoje deixar de se empregar o método histórico, pois é o mais científico".

Para Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 3), a gramática histórica é o estudo de "uma língua considerada conexamente em todos os períodos da sua existência", enquanto a Gramática, em sentido geral, consiste no conjunto de três análises, i.e., análise sintáctica, morfológica e fonética⁵⁶. O autor aplica o termo de "Gramática

⁵⁶ Além da Fonética, da Morfologia e da Sintaxe, Leite de Vasconcellos (cf. págs. 4-6) aponta outras áreas da Gramática, tais como: a "Semasiologia, Sematologia ou Semantica" ("o estudo das

prática, empírica, ou meramente descritiva" ao estudo de "uma língua considerada em si mesma e em certo período" e quando se trata de estudar "várias línguas entre si, para determinar as relações de umas com as outras, recebe o nome de gramática comparativa" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 3). O autor considera que a Gramática faz "parte de outra disciplina mais vasta, a qual sóe chamar-se Glotologia, Glótica, ou Lingüística", havendo uma preferência de Leite de Vasconcellos pelo primeiro termo, por se integrar no paradigma das palavras em *-logia*, embora acrescente que "em Portugal há exemplos do uso de todos os três" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 6)⁵⁷ e que "a par de Glotologia, os especialistas dizem História de uma Língua (...). Ordinariamente emprega-se *Glottologia*, falando-se da ciência em geral, e *História* falando-se de uma língua em especial: Glotologia de uma língua é a História d'essa língua" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 7). Para o autor existe, pois, uma sinonímia entre "Glotologia" e "História" de uma língua, mas, tal como expresso no título da obra, o domínio privilegiado por Leite de Vasconcellos é o que designa por

transformações de sentido"), a "Onomasiologia" ("que estuda, em determinado momento, ou no decurso dos tempos, as várias maneiras de exprimir as idéias" e a que outrora se chamava "Sinonímia") e a "Geografia Lingüística" ("quando se acompanha, em determinado território, a distribuição dos fenómenos glóticos, as transformações e lutas recíprocas dos vocábulos, os seus deslocamentos"). Outros domínios há que, na opinião do autor, sem fazerem parte integral da Gramática, estão em maior ou menor grau relacionados com ela, como por exemplo a Estilística, a Métrica, a Estética, a Retórica, a Poética e a História da Literatura. Mas, Leite de Vasconcellos não circunscreve a todos estes domínios o âmbito da Gramática, pois, segundo afirma, "muitos outros assuntos se apresentam no horizonte do investigador, por exemplo: origem das palavras (Etimologia); diferenciação dialectal, ou Dialectologia; maneira de nomear as pessoas e os lugares, ou Onomatologia".

⁵⁷ Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 6) discorre sobre o aparecimento em Portugal dos termos "lingüística", "glótica" e "glotologia", afirmando que "a palavra *Lingüística*, a par de *lingüista* e *lingüístico*, é já usada em 1844 por Herculano no *Panorama*, VIII, 392-394. Ignoro se antes d'então há exemplos do uso d'ela entre nós. É imitada do francês. A palavra Glótica, importada directamente da Alemanha (Schleicher), suponho que fez a sua aparição em Portugal em 1868 na *lingua portugueza* de Adolfo Coelho, pág. VII; em seguida figura num opúsculo que o mesmo A. publicou com o título de *Sobre a necessidade do ensino da «Glottica» em Portugal*, Lisboa, 1870, e no livro de Manoel de Mello, *Da «Glottica» em Portugal*, Rio de Janeiro, 1872-(1889). Vid. também Adolfo Coelho, *Questões da lingua portug.*, t. I, Porto, 1874, p. 13, nota 2. — Quanto à Glotologia, data talvez só de 1881: nesse ano publicou Gonçalves Vianna os seus *Estudos glottologicos*, separata do *Positivismo*, n.^{os} de Fevereiro a Agosto; do mesmo ano, ou do seguinte, é a *A lingua portugueza*, noções de «Glottologia», de Adolfo Goelho, Porto. s.d. (o prólogo tem a data de Outubro de 1881)".

"Filologia Portuguesa", i.e., "o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessòriamente o da literatura, olhada sôbre tudo como documento formal da mesma língua" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 9).

Para Eduardo Carlos Pereira ([1916] 1935⁹: 14), "*Grammatica historica* é a que estuda a origem e evolução de uma lingua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre o methodo historico-comparativo, versando a comparação das fórmias grammaticaes, não só com as transformações paralelas das linguas affins, mas ainda com as transformações successivas da mesma lingua" e o seu estudo divide-se em três partes: "*Phonologia, Morphologia e Syntaxe*. Estas trez partes da *Grammatica* encerram os trez aspectos fundamentaes em que a palavra póde ser estudada na expressão completa do pensamento" (Pereira [1916] 1935⁹: 17). De acordo com o autor, cada um desses aspectos pode ser tratado sincronicamente ("em uma época determinada") ou diacronicamente ("na sucessão das épocas"), distinção que se enquadra nas definições que dá de "grammatica expositiva" e "grammatica historica", respectivamente. Gramática expositiva e gramática histórica aparecem associadas, em Pereira ([1916] 1935⁹), ao eixo espacial e ao eixo temporal. A "*Grammatica expositiva, descriptiva ou practica* é a que se limita a expor ou a descrever, para fins practicos, os factos da lingua na época actual" (Pereira [1916] 1935⁹: 14) e enquanto a gramática histórica "estuda a lingua no *tempo*, isto é, nas épocas successivas da sua vida historica; aquella [estuda-a] no *espaço*, na região ou regiões em que ella é actualmente fallada" (Pereira [1916] 1935⁹: 17). Tendo em conta que, para Eduardo Carlos Pereira, a "*grammatica expositiva*" se baseia nas regras enunciadas pela "*grammatica historica* do portuguez", esta última "é a chave" da primeira. Fazendo apelo à tradição, acrescenta ainda que "a *Grammatica expositiva* deve ser o registro fiel dos habitos da lingua e de sua boa tradição, a depositaria dos ultimos resultados de sua evolução espontanea, a expressão actual de sua vida secular e de seu genio historico" (Pereira [1916] 1935⁹: 18). Dá-nos igualmente a definição de "*Grammatica geral*" ("é a grammatica comparada, que estuda os factos linguisticos communs a todas as linguas ou a um grupo de linguas congeneres. Por isso, a *Grammatica* póde ser geral em sentido *amplo* e em sentido *restricto*" (Pereira [1916] 1935⁹: 13)) e de "*Grammatica particular*" ("é a que tem por objecto de seu estudo os factos de uma lingua em particular, ou em uma dada época, ou no decurso da sua historia" (Pereira [1916] 1935⁹: 13-14)). A gramática deverá conter a síntese das três correntes que, na opinião do autor, têm, em geral, caracterizado o estudo da

gramática no decurso dos séculos, ou seja, "a *physiologica*, a *philosophica* e a *historica*", ao invés de privilegiar uma delas. Aliás, o autor critica a corrente "*philosophica*", porque os seus seguidores, em vez de privilegiarem o método indutivo, "faziam da língua apenas uma exteriorização da *psychologia* e da *logica*, desconhecendo, por completo, o genio da linguagem e a autonomia da *grammatica*" (Pereira [1916] 1935⁹: 14). Daí o grande mérito que vê na "introdução da corrente *historica* nos estudos *grammaticaes*, [o que] levou os *grammaticographos* á observação e comparação dos factos da língua em todos os seus aspectos" (Pereira [1916] 1935⁹: 15). Ou seja, é defendido um percurso que parta da recolha e da análise dos dados para as noções e não o inverso. Para Pereira ([1916] 1935⁹: 1), a Gramática está estritamente relacionada com a "*Glottologia*" e com a "*Philologia*", definindo a primeira como "a sciencia que tem por objecto a origem, desenvolvimento e classificação da linguagem, quer considerada em abstracto, quer em concreto" (Pereira [1916] 1935⁹: 2). Ao afirmar que a filologia estuda quer a literatura de uma ou várias épocas, quer a "língua que lhes serviu de instrumento" (Pereira [1916] 1935⁹: 10), o gramático distingue dois aspectos, o "*literario*" e o "*linguistico*", entrando em dissonância com António R. Vasconcellos (1900), que afasta da esfera da filologia o último aspecto.

Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), que, como já vimos, classifica de "histórica" a sua gramática, não define directamente este conceito, referindo, contudo, a propósito do método, que "é indispensavel, a comparação do vocabulo portuguez com os correspondentes das outras línguas románicas, vendo a sua evolução e diferenciação" (Mota [1916] 1937⁸: 26). Mas, como também realça o autor, a comparação, só por si, não é suficiente, pois é necessário comprovar a hipótese e fornecer uma explicação histórica. "Apurado este ponto, ainda é preciso sujeitar a palavra ás leis *phoneticas*" (Mota [1916] 1937⁸: 27).

Em Brandt Horta ([1930?] s.d.³), o espaço reservado à definição de conceitos é menor, mas, ainda assim, enuncia que a gramática histórica "estuda a origem e as leis de formação e evolução de uma língua de sorte que a gramática histórica da língua portuguesa estuda a origem e as leis de formação e evolução do português" e, quanto ao método, acha que deve seguir-se o método comparativo "que consiste em estudar uma língua, comparando as suas formas com as formas gramaticais das línguas afins e também com as transformações sucessivas que a própria língua sofreu" (Horta [1930?])

s.d.³: 13). Define igualmente a "glotologia" (também chamada "glossologia"⁵⁸ ou "linguística") como sendo o estudo da "linguagem, sob o aspeto fisiológico e psicológico, em sua formação, desenvolvimento e classificação" e a filologia, a "ciência que estuda as línguas não só sob o aspeto glotológico, como também literário e métrico" (Horta [1930?] s.d.³: 13).

No "Prólogo da Gramática Histórica" (obra em que se reúne a *Lexeologia do Português Histórico* e a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*), datado de Janeiro de 1931, Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 11) declara que estes dois volumes formavam "uma gramática histórica que, sem desprezar a evolução do latim para o português, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas fases do português histórico, isto é, no largo período decorrido desde o tempo que se conhece o português como língua formada e usada em documentos". No "Prólogo da Lexeologia do Português Histórico"⁵⁹, o gramático afirma que encontrou a solução de certos problemas recorrendo directamente às fontes, tendo averiguado que "certas teses sabidas em parte se confirmavam, em parte porém se tornavam insustentáveis. Além disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, fatos lingüísticos cuja existência a princípio nem suspeitava. (...) Adotado semelhante método de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semântica, ou, se preferirem, de semântica lexeológica, destoando assim de vetusto sistema de classificação", advertindo que "deixará de ser histórico o estudo de vocábulos que desprezar as alterações semânticas" (Ali [1931] 1964³: 7). Explica ainda que escreveu a gramática "com o intuito de expor sòmente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e diferentes textos" (Ali [1931] 1964³: 9). Assim, Said Ali considera que é mais importante o confronto do português da época com o português arcaico e não a comparação com o latim, posição que contribui para uma diferenciação relativamente aos gramáticos seus contemporâneos e que irá determinar a organização e o conteúdo da obra (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas). Por outro lado, o autor realça o papel primordial das fontes, opinião contrária à de António R. Vasconcellos (1900: 2), o qual dispensava tal "aparato de erudição". Por todas estas razões, Martins (1995: 63) declara que, apesar de "realizada em plena época neogramática, a gramática histórica de Said

⁵⁸ Dentro dos gramáticos estudados, trata-se da primeira ocorrência deste termo.

⁵⁹ 1ª ed. 1921, reproduzido na *Gramática Histórica*.

Ali destaca-se por não se enquadrar em tal modelo", o que faz com que, alicerçando-se em Malkiel (1960), a apelide de "modernista".

No primeiro capítulo, após afirmar que a linguagem se modifica, acompanhando as variações sociais, Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²: 13) define Gramática Histórica, dizendo que "a *Gramática histórica* ou *comparativa* abrange precisamente o estudo dessas modificações, *confrontando-as* ou *comparando-as* nas diversas épocas de uma mesma língua, ou nas diversas línguas de um mesmo grupo, afim de verificar quais as leis que as regem. A gramática histórica é dirigida, nessa investigação, pela *Glottologia*, *Glossologia* ou *Glótica* também chamada *Lingüística*". Em "A Voz dos Fatos", Martins ([s.d.] 1937²: 9), depois de criticar "as mesquinhas bases de Latim", que fazem com que os alunos não possam "sentir o verdadeiro sabor da língua-mãe", diz que da sua experiência sabe "que a pretêsto da praticidade do ensino atual, são propositalmente abandonados os princípios teóricos da filologia, ao mesmo tempo que se abandonam os textos antigos pela sua aridez morfológica e pelo desconhecimento completo da sua bela força sintática". O autor defende, pois, que na gramática histórica deve existir uma ligação estreita entre a teoria e a prática, opinião contrária à de outros gramáticos. De acordo com Martins ([s.d.] 1937²), a Glottologia estuda "qualquer língua, ainda [que] bárbara", ao passo que a Filologia se ocupa exclusivamente "das línguas que apresentam documentos literários" (Martins [s.d.] 1937²: 13) e, quer um quer outro estudo são históricos, dado que "a linguagem [é] uma criação social" (Martins [s.d.] 1937²: 14).

Francisco J. Martins Sequeira ([1938a] 1959³) dá início à sua obra contrapondo os conceitos de Gramática Histórica e Gramática "prática ou descritiva" da seguinte forma: "a Gramática Histórica estuda a língua considerada em todas as épocas da sua existência e acompanha-a em todas as modificações por que tem passado desde a origem até ao estado actual. Distingue-se, pois, da gramática prática ou descritiva, que só estuda a língua observando-a como se estivesse imutável" (Sequeira [1938a] 1959³: 7). Em Sequeira ([1938a] 1959³), à semelhança de outros autores, a gramática histórica debruça-se sobre as "modificações" dos fenómenos gramaticais, enquanto a gramática prática ou descritiva é meramente sincrónica.

A definição de Gramática Histórica de Francisco J. Martins Sequeira (1938b) é mais completa no segundo trabalho publicado, salientando-se neste que no estudo da evolução de uma língua devem ser estudados todos os fenómenos e que se deve ter em consideração tanto o eixo temporal como o eixo espacial. Para o autor, é indispensável "o estudo da língua mãe (...) para o perfeito conhecimento da língua derivada, e êsse conhecimento completa-se se estudarmos a evolução, no tempo e no espaço, de tôdas as fases que os fenómenos da linguagem vêm apresentando desde a origem, — como se faz na gramática histórica" (Sequeira, 1938b: 8). Para além da gramática histórica, Francisco J. Martins Sequeira (1938b: 8) considera que existem mais dois tipos de gramáticas: a comparada e a expositiva ou prática. No seu entender, a gramática comparada fornece um contributo muito importante para o estudo, quer diacrónico, quer sincrónico, dos fenómenos linguísticos e a "gramática expositiva ou prática, isto é, a gramática da língua no seu estado actual, é o que se costuma designar simplesmente pelo nome de gramática". Nesta última acepção, a gramática "é o estudo e registo das leis que regem uma língua — falada ou escrita" (Sequeira, 1938b: 8). Ou seja, a gramática regista o uso, descreve e sistematiza as regras, mas não lhe cabe a promulgação e imposição de "leis". Por isso, Sequeira (1938b) critica as gramáticas prescritivas, realçando que a gramática deve ser unicamente normativa, de forma a não "estorvar a natural evolução de um idioma, e sim o de, tomando por base os que bem falam e escrevem êsse idioma, indicar os moldes e as regras a que ora se devem ater aqueles que pretendem exprimir-se correctamente" (Sequeira, 1938b: 8).

Na "Introdução" de Ismael de Lima Coutinho (1938: 13), a Gramática Histórica é definida como "a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época actual" e cujo objecto é mais amplo que o da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática porque "enquanto esta se ocupa de uma língua no estado actual; aquela, remontando no passado às suas origens, ao seu período de formação, explica-nos as transformações por que essa mesma língua passou, na sua evolução através do espaço e do tempo. Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram ao gramático formular-lhes os princípios e leis". Portanto, em Coutinho (1938), o que é apontado como irregularidade ou excepção pela Gramática Expositiva encontra explicação na Gramática Histórica. Na opinião do gramático, só as

línguas não artificiais e as que possuem documentos escritos "são suscetíveis de possuir uma Gramática Histórica" (Coutinho, 1938: 13), a qual não é, na sua opinião, "uma ciência inteiramente autônoma, mas está subordinada à Glotologia⁶⁰, em cujas conclusões deve basear os seus princípios; do mesmo modo, o papel do gramático se subordina ao do glotólogo" (Coutinho, 1938: 14). A Gramática Histórica da Língua Portuguesa é definida pelo autor como aquela que "estuda a origem e a evolução do idioma português no tempo e no espaço. Esta evolução processou-se normalmente, de acordo com as tendências naturais de que resultaram os hábitos glóticos do povo português. Na Gramática Histórica da língua portuguesa, encontram-se, por conseguinte, formulados, os princípios e leis, segundo as quais se operou essa evolução" e o método comparativo consiste "em relacionar os fatos de uma língua com os análogos de outra ou outras da mesma família, para descobrir-lhes a origem ou procedência" (Coutinho, 1938: 14). Segundo apreciação do gramático, este método é o mais fiável quando se procede a pesquisas de carácter etimológico, método esse que "deve ser auxiliado pelo conhecimento da história da língua, para que as suas conclusões sejam reais" (Coutinho, 1938: 16).

Após ter historiado o aparecimento, as acepções e o âmbito de estudo da Filologia (cf. Lições I e II da Parte II), Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 146) refere que, no século XIX, houve necessidade da parte de alguns estudiosos de introduzir o "vocábulo glotologia para designar a moderna ciência da linguagem", mas, pela parte que lhe toca, não encontra justificação para tal, uma vez que está convicta de que "o estudo de uma língua, por mais científico que seja, é filologia" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 150)⁶¹. Deste modo, rejeita a substituição do

⁶⁰ Para Coutinho (1938: 16), a "Glotologia" ("denominação italiana"), "Linguística" ("termo preferido pelos franceses") ou "Glótica" ("termo da escola alemã") é a "ciência que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem. (...) A Glotologia estuda uma ou mais línguas, sem outra finalidade que não seja o seu conhecimento. Para ela, tanto monta aplicar-se a um idioma bárbaro, sem monumentos literários, como a outro que tenha rica literatura". Repare-se como Coutinho (1938: 16) corrobora a posição de Martins ([s.d.] 1937²), para quem a "Glotologia" estuda "qualquer língua, ainda [que] bárbara" (Martins [s.d.] 1937²: 13).

⁶¹ A autora critica inclusive Adolfo Coelho (1868), que "para caracterizar o moderno estudo das línguas, como científico — histórico e comparado — lhe quis dar o nome, científico igualmente, de glotológico" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 150).

termo Filologia por qualquer outro mais recente (como, por exemplo, glotologia e linguística), tendo em conta que, na sua opinião, a área de investigação da Filologia se alargou e que é esta a única designação adequada quando se trata do "estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em tódia a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 156)⁶². Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 126) acrescenta ainda que o "filólogo deve sempre historiar e, comparando, retroceder até chegar às origens, aos elementos primários"⁶³ e deve incluir nos trabalhos filológicos "o estudo histórico e comparado da língua com investigações etimológicas, dialectológicas, semasiológicas, etc." (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 151). Comparando, hoje, a posição de Carolina Michaëlis de Vasconcellos com a de alguns dos seus antecessores, diríamos que houve algum retrocesso (cf., por exemplo, Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878) e António R. Vasconcellos (1900)), uma vez que estes já antes insistiam na separação entre Filologia, por um lado, e Glotologia ou Linguística, por outro.

Tendo percorrido as obras do *corpus* em que é definido, entre outros, o conceito de gramática histórica, procurei elaborar uma síntese, que começo por apresentar no Quadro 1., que explicita os diversos "Tipos de Gramáticas" mencionados pelos autores. Este quadro permitiu colocar em evidência algumas coincidências que, certamente, não são fruto do acaso (cf., por exemplo, Ismael Coutinho (1938) e Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹)), dado que, naturalmente, os gramáticos seguem muitas vezes as obras dos seus antecessores e, amiúde, citam-nas.

⁶² Descontando a diferença terminológica, repare-se na semelhança entre a primeira parte da definição de Filologia de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 156) e a de gramática histórica, fornecida por outros autores.

⁶³ Os elementos primários são as "raízes", na terminologia da autora (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 126), ou seja, os étimos.

Quadro 1. Tipos de gramáticas referidos/definidos nas obras consideradas⁶⁴

Braga (1876)			Histórica					
Silva Jr. (1878)			Histórica					
Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913 ⁴)	Geral		Histórica		Compar.	Hist. – compar.	Descr. ou Exposit.	Portug.
António G.R. Vasc. (1900)			Histórica					
J. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959 ³)	Geral		Histórica				Prática, Empírica ou Descr.	
Pereira ([1916] 1935 ⁹)	Geral	Partic.	Histórica	Histórica do Port.			Exposit., Descr. ou Prática	
Mota ([1916] 1937 ⁸)			Histórica					
Horta ([1930?] s.d. ³)			Histórica	Histórica da Língua Portug.				
Ali ([1931] 1964 ³)			Histórica					
Martins ([s.d.] 1937 ²)						Hist. – compar.		
Sequeira ([1938a] 1959 ³)			Histórica				Prática ou Descr.	
Sequeira (1938b)			Histórica		Comp.		Exposit. ou Prática	
Coutinho (1938)			Histórica	Histórica da Língua Portug.			Exposit., Descr. ou Prática	

A exploração das fontes é tida por quase todos os gramáticos em estudo como fundamental, na medida em que, enquanto representação indirecta das formas linguísticas, aquelas contribuem, segundo os autores, para um melhor entendimento e sistematização das análises a efectuar (cf., por exemplo, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: iv), e Said Ali ([1931] 1964³: 7)), sendo frequente a inclusão de excertos de textos (em prosa e em verso) nas gramáticas históricas, sobretudo os produzidos antes de 1500 (cf., por exemplo, Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.)). A

⁶⁴ Comp(arada), Compar(ativa), Descr(itiva), Exposit(iva), Hist(órico), Partic(ular), Port(uguês), Portug(esa).

preferência pelos textos mais antigos é justificada, por exemplo, por António R. Vasconcellos (1900: 98), porque "aí, forma e significação estão mais próximas das originais", isto é, a maior proximidade com o latim é um critério que condiciona essa opção⁶⁵.

À medida que novos trabalhos sobre o português foram surgindo, mais do que divergências, aquilo que se verifica é uma evolução do conceito de Gramática Histórica e, conseqüentemente, do seu âmbito de estudo, como tentarei demonstrar em seguida.

É objectivo comum aos vários gramáticos históricos a descrição da evolução da língua portuguesa, desde a origem até ao período que se pretende estudar, ou seja, em todas as obras em análise, assiste-se a uma extrapolação do passado para o presente, sendo o latim o ponto de partida e o português da época contemporânea o ponto de chegada⁶⁶. Daí que, como seria de esperar, os vários autores elejam o método (histórico-)comparativo, quer para estabelecer a comparação entre estádios diferentes do português, quer se trate de comparar o português com outras línguas românicas. Mas o facto de a diacronia ser sempre privilegiada, tendo em conta o seu poder explicativo, não significa que a sincronia (ou as várias sincronias) seja rejeitada, pois, por vezes, é a descrição da língua contemporânea que se assume como objectivo central e, nestes casos, a extrapolação é feita do presente para o passado, se bem que o presente seja sempre tido como o resultado da evolução verificada ao longo dos tempos.

Em relação à área em que cada autor insere a Gramática Histórica, também não se verificam flutuações: M. Pacheco da Silva Jr. (1878), Jaime S. Martins ([s.d.] 1937²) e Ismael Coutinho (1938) optam por incluí-la na Glotologia, António R. Vasconcellos (1900) na Linguística e Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³), Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹), Brandt Horta ([1930?] s.d.³) e Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) na Filologia. Para os autores em causa, Glotologia e Linguística são

⁶⁵ Os gramáticos históricos não se cingem, todavia, a textos do português arcaico. Carl von Reinhardstoettner (1878), por exemplo, recorre, entre outros, a textos dos seguintes autores: Alexandre Herculano (*Eurico*, 3ª ed. 1854 e *O Monge de Cister*, 2.ª ed. 1848), Almeida Garret (*Folhas Caídas*, ed. 1869), Antero de Quental (*Odes Modernas*, ed. 1875), António Ferreira de Castro (*D. Inez de Castro*, ed. 1598), Bernardim Ribeiro (*Menina e Moça*, ed. 1785), Camões, D. Duarte (*Leal Conselheiro*), Gil Vicente, Sá de Miranda (*Éclogas*, ed. 1784), etc...

⁶⁶ A obra de Joseph Huber ([1933] 1986), como assinala Rosa V. M. Silva (1991: 45), "segue o modelo historicista das gramáticas históricas; distingue-se, contudo, das outras porque confronta o latim e o português arcaico".

sinónimos, assim como também o é a Filologia, para os quatro últimos. Estas três designações não são mais do que uma questão terminológica⁶⁷, uma vez que as definições fornecidas são praticamente coincidentes. Enquanto uns insistem na separação entre Glotologia ou Linguística e Filologia, os autores que preferem a utilização do último termo advogam que o âmbito da Filologia se alargou e, como tal, não vêem razões para adoptar uma nova denominação, como é o caso de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.).

O princípio de objectividade estabelecido pela nova ciência (a Glotologia ou Linguística) e a sua comparação com as ciências naturais concorreram para que os neogramáticos abandonassem, pouco a pouco, a discussão em torno da origem da linguagem⁶⁸ e as suas investigações mudassem de rumo. A gramática histórica, por influência de "M. Müller, Schleicher, Ascoli, Littré, Pezzi, Bréal, G. de Paris, Hovelacque, e muitos outros" (cf. M. Pacheco da Silva Jr., 1878: iii), passou, então, a ter de explicar "as circunstancias historicas e as leis [da] transformação lenta do latim na lingua vernacula" (Pereira [1916] 1935⁹: 17) e a delimitar os traços partilhados pelos vários grupos de línguas, geneticamente relacionadas. A ideia de que a língua é um "organismo vivo" com tendências naturais e que, "como tudo na natureza, está sujeita a transformações inevitáveis" (Coutinho, 1938: 30) encontra-se repetidamente nas gramáticas históricas do português e sobrepõe-se àquela que encarava a mudança como corrupção.

Outro aspecto que merece destaque prende-se com a convicção de que o português, tal como as outras línguas românicas, descende do latim "popular falado" e não do latim "literário", como se pode verificar, por exemplo, em António R. Vasconcellos (1900: 75) e na seguinte afirmação de José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 18),

⁶⁷ "A discussão é apenas de nomes, de palavras", segundo Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 152).

⁶⁸ Como já tive oportunidade de assinalar, esta era uma questão recorrente, desde a antiguidade clássica. Curiosamente, a única gramática em análise em que esta opinião é contrariada é uma das obras mais tardias do *corpus*, a penúltima. Ao falar dos objectivos duplos que, segundo a autora, norteiam os filólogos ou glotólogos, assegura: "trata-se de desvendar de um lado, a origem primeira da linguagem, a transformação do *homo primigenius*, do *homo alalus*, sem fala ainda, mas de cérebro e órgãos físicos já libertados pelo andar erecto, em *homo sapiens*, em homem «que fala». Por outro lado trata-se de explicar as enormes e múltiplas diferenças lingüísticas como resultantes das particularidades constitutivas, físicas e psíquicas, das nações que as falam" (cf. Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 154).

para quem "é o latim na sua forma vulgar que constitui, por assim dizer, o *substratum* do nosso idioma; foi ele que passando por contínuas transformações, produziu a fala de que hoje nos servimos". No entanto, a esta concepção de língua como produto "popular" contrapõe-se a noção de que o léxico português se formou igualmente com base noutra fonte, a erudita, dominada unicamente pelos "homens da ciência e da cultura" (cf. 1.3. Estrutura das Gramáticas Históricas).

Partindo do pressuposto de que "são os sons que na língua mais sujeitos estão a ser alterados" (Nunes [1919] 1989⁹: 6), é com base nas evoluções fonéticas que os gramáticos históricos procedem à abordagem da morfologia, da sintaxe e do estudo do léxico, como terei ocasião de apresentar no ponto que se segue. Na gramática "modernista" de Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 53), o autor insiste, no entanto, que a "lexeologia (...) difere da fonética em considerar os sons combinadamente e denotando idéias e relações" e prefere designar a parte da gramática que estuda os vocábulos por lexeologia e não por morfologia porque aquilo a que se propõe é "estudar a evolução das palavras em língua moderna já constituída."

1. 3. Estrutura das Gramáticas Históricas do Português

No ponto anterior, quando aludi à organização das matérias, a propósito dos critérios tidos em consideração na definição do Conceito de Gramática Histórica, remeti para a apresentação da estrutura das gramáticas históricas do português, tendo em conta que os princípios que presidiram à organização destes trabalhos são, em muitos casos, bons indicadores das concepções teóricas dos autores estudados.

Antes de descrever a estrutura das Gramáticas Históricas do Português, relembro que a Fonética, a Fonologia e a Morfologia Flexional têm, de longe, uma maior representatividade nessas obras, enquanto a Formação de Palavras, a Sintaxe e a Semântica se vêem relegadas, frequentemente, para um plano secundário. Contudo, isso não significa que, por um lado, estas três últimas áreas não forneçam dados e análises relevantes e, por outro, que os aspectos tratados e as abordagens empreendidas nas três primeiras áreas sejam uniformes.

Uma vez que o objectivo principal deste ponto é analisar o enquadramento da Formação de Palavras, darei especial ênfase à secção, capítulo ou ponto e respectivas designações em que está inserida essa área, bem como às partes em que a mesma se subdivide, não deixando, todavia, de dar indicações sobre a estrutura geral de cada uma das gramáticas consideradas, referindo áreas, sub-áreas e assuntos nelas compreendidos, seguindo a ordem cronológica de edição. Assim:

A gramática de Teophilo Braga (1876) subdivide-se em três partes principais: "Phonologia", "Morphologia" e "Syntaxe", divisão que corresponde à operada por Diez (1836-1844), sendo também estes os domínios privilegiados por Meyer-Lübke (1890).

Em vez da designação Etimologia, o autor intitula a Parte II "Da Morphologia", a qual visa, segundo afirma, o estudo das palavras "em quanto á sua classificação ideologica e natureza das formas peculiares" (Braga, 1876: 19). Esta Parte II, com 106 páginas, é, das três, a parte mais desenvolvida⁶⁹ e encontra-se organizada de acordo

⁶⁹ A fonologia, definida pelo autor como o "estudo das letras, em quanto à sua origem e transformações vocálicas e consonantais no português, e em quanto ao seu agrupamento em syllabas" (Braga, 1876: 19), constitui a Parte I e ocupa 16 páginas. A terceira e última parte, "Da Syntaxe", ocupa um espaço sensivelmente idêntico ao da "Phonologia" e é composta por dois capítulos: "Syntaxe das Palavras" (sintaxe do substantivo, artigo, adjectivo, numerais, pronomes e verbo) e "Syntaxe das Proposições" (pp.

com as "partes do discurso" (substantivo, adjectivo, pronome, artigo, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição), sendo dedicada a cada uma destas partes um capítulo. Devido a esta organização, nos capítulos respeitantes ao substantivo, adjectivo e verbo, para além dos aspectos flexionais, encontram-se igualmente incluídos os diferentes tipos de formação de palavras, como a seguir apontarei. Assim, na categoria Substantivo, temos: "A) Substantivos formados por Substantivos já existentes" (pp. 30-31); "a) Prefixos portuguezes" (pp. 31-33); "b) Suffixos portuguezes" (pp. 33-36); "c) Suffixos diminutivos" (pp. 36-38); "d) Suffixos augmentativos" (p. 38); "B) Substantivos derivados de Adjectivos" (p. 39); "C) Substantivos derivados de Verbos" (pp. 39-40); "a) Substantivos tirados dos tempos do Verbo" (pp. 40-41); "b) Substantivos tirados do Verbo por meio de suffixos" (pp. 41-42). Quanto ao Adjectivo, o autor trata: "a) Adjectivos formados por composição" (pp. 50-51) e "b) Adjectivos formados por derivação" (pp. 51-54) e, no que diz respeito à "Formação dos Verbos", considera: "I - Verbos formados por composição" (p. 115) e "II - Verbos formados por derivação" (p. 116).

Em Braga (1876), tal como o deixa transparecer a estrutura da parte II, o termo Morfologia é ainda usado indistintamente, recobrando quer a Flexão, quer a Formação de Palavras, mas o espaço e desenvolvimento concedidos à primeira são muito maiores, situação que, aliás, se repete em quase todas as gramáticas históricas, como veremos mais adiante. A estrutura seguida nesta obra corresponde à divisão considerada pelo autor como fundamental, ou seja, análise dos sons, das formas e das construções da língua (cf. pág. ix)⁷⁰, rejeitando-se, deste modo, as "velhas categorias irrationaes de Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthografia, meramente tradicionaes" (Braga, 1876: ix): o estudo das vogais e consoantes deixa de se fazer na Prosódia e dele se ocupa a Fonologia; os aspectos morfológicos são tratados na Morfologia e não na Etimologia⁷¹; na Syntaxe eliminam-se as questões estilísticas, pois, na opinião do gramático, elas deverão ser estudadas na Retórica; finalmente, deixa-se de estabelecer regras

128-144). A finalizar esta obra surgem também algumas "Observações sobre a Orthographia Portugueza" (pp. 145-146).

⁷⁰ De acordo com Braga (1876: ix), para facilitar a organização do seu trabalho, em muito contribuiu a "aplicação d'estes novos processos linguisticos ao francez por Mr. Brachet, na sua *Nouvelle Grammaire française*".

⁷¹ Em Braga (1876: ix), a Etimologia restringe o seu âmbito, passando a ocupar-se exclusivamente da "derivação historica da palavra".

ortográficas, discutindo-se unicamente algumas questões de ortografia "derivadas da razão histórica" (Braga, 1986: 145). Como se pode apreciar, na primeira gramática do *corpus* enuncia-se (e efectua-se) um programa de ruptura com modelos anteriormente seguidos noutras obras gramaticais.

Tal como foi referido na "Delimitação do Corpus", Carl von Reinhardstoettner (1878) subdivide a sua gramática em quatro áreas principais: Fonética / Fonologia (pp. 45-111), Formação de Palavras (pp. 111-156), Flexão (pp. 157-264) e Sintaxe (pp. 266-390)⁷². Na Formação de Palavras, o autor estuda a Derivação (Nominal e Verbal) e a Composição, a qual engloba a Prefixação.

Das obras em análise, esta é a primeira em que a Formação de Palavras é tratada separadamente, i.e., sem estar incluída ora na Morfologia, ora no Léxico. Por outro lado, os processos de formação de palavras antecedem o estudo da Flexão, opção que é específica deste autor e para a qual terão contribuído três aspectos: o facto de Reinhardstoettner (1878) considerar que, dividindo-se os sufixos (para o autor, desinências) em vocálicos e consonânticos, a sua análise dever ser efectuada a seguir ao estudo das vogais e consoantes empreendido na fonologia; na introdução que antecede a formação de palavras, o gramático aborda questões morfofonológicas, como é o caso, por exemplo, das alomorfas dos radicais; aparentemente, para este autor, os processos de flexão decorrem de mecanismos de ordem sintáctica. Isto significa que existe conformidade entre a estrutura desta gramática e certos princípios teóricos em que a mesma assenta.

A organização escolhida por Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878) afasta-se daquela que é seguida noutras gramáticas históricas, pois, a seguir a um longo "Prefácio" (pp. iii-xvii), sob a designação única "Introdução", o autor trata os seguintes aspectos: "I. Historia da Lingua Portugueza" (pp. 1-65)⁷³; "II. Formação da Lingua Portugueza" (pp. 65-96); "III. Elementos Historicos" (pp. 96-134); "IV. Idiotismos" (pp. 134-135); "V. Hybridismo" (p. 136); "VI. Dialectos" (pp. 137-150) e "VII. Excellencias

⁷² Desta gramática fazem ainda parte a Introdução (pp. 1-43) e dois Apêndices (I. Figuras de Estilo, II. Métrica, pp. 393-400).

⁷³ A digressão histórica empreendida pelo autor vai desde os tempos primitivos dos Iberos até 1877, i.e., o ano anterior à publicação desta obra.

da *Lingua Portuguesa*" (pp. 150-154). Nesta obra, as considerações relativas à derivação e à composição encontram-se dispersas por variados pontos, nomeadamente: no ponto II, na alínea dedicada aos "Neologismos" (pp. 90-96), no ponto III, nos parágrafos 3º ("Elemento Grego", pp. 108-109), 4º ("Elemento Latino", pp. 110-112) e 8º ("Elemento Francez", pp. 124-129) e ainda nalguns parágrafos nos pontos V (cf. p. 136, onde é discutido e condenado o hibridismo, quer na derivação, quer na composição) e VII, sobretudo o 2º parágrafo deste último (cf. pp. 152-154), em que, entre outros aspectos, se aborda a existência de "formas duplas ou divergentes".

Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), depois de uma extensa "Introdução" (pp. 9-63)⁷⁴ e das "Observações gerais" (pp. 65-76), organizaram a gramática em dois livros: "Livro I - Lexicologia" e "Livro II - Syntaxe"⁷⁵. A terceira parte do Livro I⁷⁶ intitula-se "Morphologia" e é constituída pelas "Observações preliminares" (pp. 191-197), seguidas de 10 capítulos (pp. 197-475). O capítulo I é dedicado aos "Vestígios da declinação latina no portuguez" (pp. 197-204), enquanto os capítulos II e III incidem sobre a flexão nominal (substantivos⁷⁷, adjectivos e pronomes; pp. 204-256) e a flexão verbal (pp. 256-293). Da "Formação de palavras" se ocupa o capítulo IV, o qual se subdivide em: "a) Composição" (prefixação e composição, pp. 293-331) e "b) Derivação" (imprópria, própria e grega, pp. 331-369). Os restantes capítulos da terceira parte do Livro I⁷⁸ incluem vários aspectos que já

⁷⁴ A "Introdução" de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴: 9-63) é uma espécie de versão resumida da obra anterior de Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878). Nesta parte introdutória, os autores discorrem sobre as línguas que contribuíram para o enriquecimento lexical do português e analisam, entre outros, os conceitos de hibridismo e de neologismo.

⁷⁵ Este comporta 250 páginas (pp. 477-727), ao qual se segue, numa secção independente, a "Reforma da Ortografia" (pp. 729-731).

⁷⁶ As outras duas partes do primeiro Livro são a "Phonologia" (caps. 1-4, pp. 77-125) e a "Taxionomia" ("Do substantivo"; "Do adjectivo e do artigo"; "Do pronome"; "Do verbo"; "Do adverbio"; "Da preposição"; "Da conjunção"; "Da interjeição"; "Synonymos, homonymos, paronymos. Agrupamento de palavras por familias e associação de idéas"; caps. 1-9, pp. 127-190).

⁷⁷ A flexão dos substantivos subdivide-se em três alíneas: a) flexão de género, b) flexão de número e c) "Gráo ou flexão gradativa", onde são estudados os aumentativos e diminutivos (pp. 224-230).

⁷⁸ Cf. "Cap. V - Das palavras formadas no proprio seio da lingua portugueza: a) Das palavras variaveis; b) Das palavras invariaveis" (pp. 370-376), "Cap. VI - Fórmias divergentes - Caracter differencial entre os

tinham sido abordados por Reinhardtstoettner (1878) na secção introdutória à formação de palavras, mas o estudo levado a cabo por Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴) é mais extenso.

Nesta gramática, como se pode verificar, a Morfologia está incluída na Lexicologia, não existindo naquela um grande desequilíbrio entre o tratamento conferido à formação de palavras, por contraponto à flexão (76 e 89 páginas, respectivamente). Destaque-se também que, nesta obra, a Semântica faz parte da Morfologia e que na derivação e na composição são constantes os paralelismos que se estabelecem entre o português e o latim.

A gramática de António Ribeiro de Vasconcellos (1900), para além do "Prólogo" (pp. 1-6), da apresentação do "Programma" (p. 7) e da "Introdução" (pp. 9-30), é constituída por "Livro I - Fonética" (Caps. I, II e III, pp. 31-74), "Livro II - Morphologia" (pp. 75-204) e "Livro III - Syntaxe", este último com cinco capítulos mas apenas onze páginas (pp. 205-216)⁷⁹.

O Livro II inicia-se com o "Objecto da morphologia" (pp. 75-76) e as três "Secções em que a morphologia se divide" (pp. 76-77)⁸⁰. A derivação e a composição, são analisadas na "Secção II - Thematologia", a qual é constituída por uma pequena introdução⁸¹ e três capítulos: o primeiro refere-se à "Importação de palavras" (pp. 118-124) e às adaptações (fonológicas e morfológicas) sofridas por essas palavras de origem estrangeira quando são introduzidas no sistema do português, o segundo estuda a

vocabulos de origem popular e os de formação erudita" (pp. 376-388), "Cap. VII – Etymologia: a) Do substantivo; b) Do adjectivo; c) Dos numeraes; d) Do artigo e do pronome" (pp. 388-428), "Cap. VIII - Etymologia das fórmias verbaes" (pp. 428-443), "Cap. IX - Etymologia das palavras invariaveis" (pp. 443-464) e "Cap. X - Semantica" (pp. 464-475).

⁷⁹ "Capítulo I - Considerações Gerais"; "Capítulo II - Ordem das Palavras na Phrase"; "Capítulo III - Emprêgo dos Nomes e Pronomes"; "Capítulo IV - Verbos"; "Capítulo V - Palavras Inflexivas (Advérbios, Preposições, Conjuncções".

⁸⁰ A "Secção I - Lexiologia" tem dois capítulos e um apêndice: "Capítulo I - Léxico Português: A) Origens do léxico português (pp. 79-83); B) Mobilidade do léxico (pp. 83-94); C) Eliminação ou morte das palavras" (pp. 95-96), "Capítulo II - Etymologia" (pp. 97-114), "Apêndice á Lexiologia" (Interjeições, p. 115). Da "Secção III - Camptologia" fazem parte três capítulos: "Capítulo I - Nomes" ("Número, Género, Declinação, Graus de qualidade"; pp. 147-159); "Capítulo II - Pronomes" (pp. 160-167) e "Capítulo III - Verbos" (pp. 168-204).

⁸¹ cf. "Assumpto desta secção" (p. 117).

Derivação (pp. 125-132), enquanto o terceiro se ocupa da Composição (pp. 132-145). Para o autor, a derivação tanto pode ser "popular" como "erudita" (pp. 130-132), podendo, ainda, a primeira subdividir-se em "Derivação imprópria" (pp. 126-127) e "Derivação própria" (pp. 127-129). Da mesma forma, a Composição é estudada em duas alíneas: "A) Composição popular" e "B) Composição erudita". Na primeira alínea, distingue-se a "Composição por prefixos" (pp. 132-136) da "Composição pròpriamente dita" (pp. 136-138) e, na segunda, consideram-se dois tipos de "composição erudita": a "Composição latina" (pp. 139-141) e a "Composição grega" (pp. 141-145).

Vale a pena salientar que, nesta obra, a flexão ocupa a maior fatia (mais do que o dobro das páginas consagradas à formação de palavras), logo seguida da fonética e, em último lugar, surge a sintaxe. De referir ainda que, por oposição a M. Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), nesta gramática, o Léxico é tratado dentro da Morfologia e não o inverso.

A obra de José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³), como já indiquei várias vezes, é formada por um conjunto de cento e doze conferências, organizadas de acordo com os anos em que foram leccionadas⁸². O facto de o público ser heterogéneo contribuiu, de acordo com o autor, para que as *Lições* não obedecessem a um "plano fixo" e para que ele tivesse a "liberdade de lhes dar a amplitude que [lhe] parecesse, com tanto que não ultrapassasse as fronteiras da ciência"⁸³. Baseando-se em todas as matérias estudadas e suponho que para espelhar a coesão das *Lições*, Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) elaborou "um quadro sinóptico de Filologia Portuguesa", que aparece no fim do volume, em que figura o seguinte: "Introdução", "Gramática Histórica" ("I. Fonologia", "II. Morfologia", "III. Partículas e interjeições", "IV. Formação de Palavras", "V. Sintaxe"), "Estilística e Métrica", "Sematologia ou Semântica", "Léxico", "Onomatologia", "Dialectologia" e "Literatura". Na designação

⁸² Segundo o autor, esta organização deve-se à circunstância de após se ter confrontado com três hipóteses: "apresentar as lições pela ordem em que foram dadas, tais quais: ou apresentá-las em ordem metódica, dentro de cada ano; ou tomar de cada grupo o que é comum a todos, e constituir com isso, embora completando-o ou ampliando-o, um tratado uniforme" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: ix), ter optado pela segunda.

⁸³ Note-se que, por amplitude, Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: x) entende o estudo mais ou menos aprofundado de determinado assunto, conceito correlacionado com o de "breadth" em Malkiel ([1960] 1968).

"Gramática Histórica", Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) inclui, pois, os domínios que comumente encontramos noutras gramáticas desse género, apesar de o autor conceder um tratamento à parte às "Partículas e interjeições", em vez de as incluir na Morfologia. A organização deste trabalho encontra-se, pois, em sintonia com a definição de Filologia do autor (i.e., o estudo "1) da Glotologia; 2) da Métrica; 3) da História da literatura" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 7))⁸⁴, conceito que ele utiliza para designar a obra.

Eduardo Carlos Pereira ([1916] 1935⁹), após o Prólogo (pp. iii-v) e a "Introdução" (pp. 1-15)⁸⁵, define e delimita o âmbito da "Grammatica Historica da Lingua Portugueza" (pp. 17-22) e, em seguida, reserva cem páginas à "Phonetica" (pp. 22-122)⁸⁶. No primeiro capítulo da "Morphologia" - "Elementos morfológicos" (pp. 123-126), o autor ocupa-se da definição de alguns conceitos básicos, tais como: "I. Raiz ou Radical", "II. Affixos", "III. Thema" e "IV. Desinencia", conceitos que serão retomados alguns capítulos mais adiante, ao estudar-se a derivação e a composição, na "Thematologia", a qual, por sua vez, faz parte da "Constituição do Lexico Portuguez", capítulo sobre o qual me debruçarei seguidamente, prescindindo de analisar detalhadamente os capítulos da morfologia que o antecedem⁸⁷. Assim, no capítulo VI –

⁸⁴ Segundo Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 7), destas três partes "se compõe uma obra publicada por G. Gröber, e colaborada por muitos sábios, com o título de *Grundriss der romanischen Philologie*".

⁸⁵ Esta parte introdutória tem quatro pequenos capítulos: "Capítulo I - Linguagem" (pp. 1-3), "Capítulo II - Glotologia" (pp. 3-10), "Capítulo III - Philologia" (pp. 10-12) e "Capítulo IV - Grammatica" (pp. 13-15).

⁸⁶ Na fonética, o autor trata a "Phonetica Physiologica", a "Phonetica Historica", o "Vocalismo", o "Consonantismo", a "Graphica" e a "Orthografia".

⁸⁷ No segundo capítulo da "Morphologia", o gramático trata a "Estructura das palavras" (pp. 126-127), do ponto de vista histórico, pois, na sua opinião, "na passagem do latim para o portuguez, os vocabulos vão-se modificando e contrahindo, ora pelas alterações phoneticas, ora pela influencia analogica. (...) Nesta evolução vocabular devemos considerar trez fórmulas typicas successivas: a fórmula original, a intermediaria e a actual" (Pereira [1916] 1935⁹: 126); no terceiro apresenta a "Theoria das categorias grammaticas" (pp. 127-164; descrevem-se "As categorias gramaticas quanto á função" (pp. 129-139), a "Analogia de funções" (p. 141), as "Palavras objectivas e subjectivas" (pp. 141-142), "As categorias gramaticas quanto á evolução" (pp. 142-145) e "As categorias gramaticas quanto á flexão" (pp. 145-146)); no "Capítulo IV - Flexionismo" estuda-se a flexão do substantivo, do adjectivo, do pronome e do

"Constituição do Lexico Português", discorre-se sobre a "Mobilidade do lexico" (pp. 188-194)⁸⁸, comparam-se "O Portuguez no Brasil e em Portugal" (pp. 194-198), do ponto de vista lexical, prosódico e sintáctico, caracteriza-se brevemente "O dialecto indo-portuguez" (pp. 198-199) e enunciam-se "Os Elementos do Lexico" ("I. Elemento latino", "II. Elemento vernaculo"; pp. 199-201), subcapítulos aos quais se segue o da "Thematologia" (subcap. IX). Aqui, estudam-se, entre outros, a "Derivação" e a "Composição". A derivação subdivide-se em "Derivação propria", i.e., por meio de sufixos (pp. 202-217) e "Derivação impropria" (pp. 217-219). Na "Composição" (pp. 219-222), temos a composição por "Prefixação" (pp. 222-232), por "Juxtaposição" (pp. 232-235) e por "Agglutinação" (pp. 235-236). O "Hybridismo" (p. 236), o "Parasynthetismo" (p. 237), os "Compostos latinos" (p. 238), os "Compostos gregos" (pp. 238-242) e os "Elementos estrangeiros" (pp. 242-252) fazem ainda parte da "Thematologia", a que se segue um capítulo dedicado à "Semantica"⁸⁹. O fundamento para a inclusão da derivação e da composição na "Thematologia" baseia-se, segundo Pereira ([1916] 1935⁹: 202), no facto de ser esta a área que estuda a formação de novos vocábulos "oriundos de um thema commum": no caso da sufixação e da prefixação dá-se ou a adjunção do sufixo ou das "particulas adverbias" (sinónimo de prefixos) ao "thema", na composição reúnem-se dois "themas", devendo entender-se por "thema", neste autor, a parte da palavra que permanece uma vez eliminadas as "desinencias" (morfemas de género, tempo-modo e pessoa-número).

Pereira ([1916] 1935⁹) é o único autor em estudo que inclui a flexão nominal e verbal na "Syntaxe" (pp. 270-586), a última grande subdivisão da sua gramática.

A obra de Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), tal como a de Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³), está organizada em "Lições", as quais recobrem três grandes domínios:

verbo (pp. 146-164) e no "Capítulo V - Etymologia" apresentam-se as etimologias das "palavras variaveis e das invariaveis" (pp. 165-187).

⁸⁸ Este subcapítulo é formado por: "I. Neologismo e archaismo", "II. Fórmias syncreticas", "III. Fórmias divergentes ou duplas" e "IV. O dialecto".

⁸⁹ Esta última tem quatro subcapítulos: "Do sentido das palavras e da mudança do sentido" (pp. 252-256), "Tropos" (pp. 256-261), "Outros processos semanticos" (pp. 261-267) e "Archaismo e Neologismo" (pp. 267-269).

"Phonologia"⁹⁰, "Morphologia"⁹¹ e "Formação das Palavras". Esta é estudada na última Lição (Lição XV), de todas a mais extensa (pp.60-80)⁹² e que compreende quatro pontos: "1. Mudança de categoria gramatical", ou derivação imprópria, "2. Suffixação", para o autor, sinónimo de derivação própria, "3. Prefixação", uma das componentes da Composição, e "4. Juxtaposição". Como é facilmente reconhecível, nesta gramática, apesar de a formação de palavras não se subordinar a nenhuma outra área, o tratamento dos processos nela envolvidos é bastante conciso, como de resto o é relativamente a todos os outros aspectos, quer fonológicos, quer morfológicos. Trata-se de um compêndio de cariz didáctico, como sublinhei na Delimitação do Corpus, o que explica a pouca exaustividade na análise das matérias, mas isso não está de forma nenhuma relacionado com a falta de rigor científico.

Às Lições, acoplam-se a "Selecta classica (seguida de commentarios e de um vocabulario)" (pp. 81-236), um "Appendice (classificação genealogica das linguas)" (pp. 237-239), o "Índice das Principaes Notas" (pp. 241-244) e as "Opiniões sobre as obras do Prof. O. Motta" (pp. 245-248).

A gramática de José Joaquim Nunes ([1919] 1989⁹), talvez a obra mais conhecida daquelas que fazem parte do *corpus*, tem uma estrutura bipartida: na primeira parte, o autor trata "dos sons e sua evolução através dos tempos (...); a seguir, [trata] dos mesmos sons, quando reunidos para exprimirem ideias, isto é, das palavras, sua variedade e formação"⁹³ (Nunes [1919] 1989⁹: ix-x). Desta feita, após a "Introdução"⁹⁴,

⁹⁰ Compreende as Lições II. "Phonologia" (pp. 12-14), III. "Vogaes e Consoantes" (pp. 14-16), IV. "Evolução Phonetica" (pp. 16-19), V. "Consoantes Iniciaes; Mediaes; Finaes" (pp. 19-23), VI. "Grupos Consonanticos" (pp. 23-26), que se seguem à "Introdução" (Lição I, pp. 7-11).

⁹¹ Para este autor, as questões etimológicas são sempre tidas em conta na Morfologia (Lições VII a XIV), a qual alberga o estudo de índole flexional sobre: "O Substantivo" (pp. 28-32), "O Adjectivo Qualificativo" (pp. 32-38), "Adjectivos Determinativos" (pp. 38-40), "Adjectivos Numeraes Cardinaes" (pp. 40-44), "Pronomes Substantivos; Pronomes Adjectivos" (pp. 44-46), "Verbo" (pp. 46-56) e "Adverbios, Preposições e Conjuncções" (pp. 56-60).

⁹² Mota ([1916] 1937⁸: 60) afirma que lhe foi "dado especial desenvolvimento [por se afigurar] ao autor um dos mais importantes e, certamente, o mais interessante".

⁹³ Tanto numa como noutra parte, o autor revela que, frequentemente, lhe "foi necessário, para exemplificar as sucessivas transformações dos fonemas e vocábulos, recorrer a formas arcaicas (...); tais formas foram (...) colhidas na leitura de bastantes textos antigos" (Nunes [1919] 1989⁹: x).

surge a "Fonética ou estudo dos sons", subdividida em duas secções: "Secção I. - Fonética fisiológica" (pp. 21-31) e "Secção II. - Fonética histórica"⁹⁵. A segunda parte, "Morfologia ou estudo das formas", tem uma pequena introdução designada "Partes do discurso" (pp. 201-203) e é constituída por cinco capítulos: os primeiros quatro capítulos incidem sobre a morfologia flexional⁹⁶, enquanto o capítulo V se intitula "Formação de palavras". Neste, o autor estuda a formação de palavras em duas alíneas separadas: "A) popular" (pp. 356-358) e "B) literária" (pp. 398-404), acrescidas de "Importação de outras línguas" (pp. 404-409). Em A) incluem-se a derivação (imprópria e própria) e a composição. Na derivação (pp. 358-388), os sufixos são analisados exaustivamente, com referências constantes à maior ou menor produtividade ("vitalidade", na terminologia do autor) dos mesmos, sendo ainda tratados, entre outros, as "modificações sofridas pelos radicais" e a "troca, sinonímia e queda de sufixos". No que diz respeito à composição (pp. 358-398), temos a composição por "justaposição", "elíptica", por "prefixação" e os "parassintéticos"⁹⁷. Na alínea B), são tratadas a "composição latina" (p. 401), a "proveniência grega" ("a) derivação", pp. 401-402, "b) composição", pp. 402-403) e as "irregularidades na composição" (p. 404), em que o autor se pronuncia sobre o hibridismo. Um "Índice sinóptico das matérias tratadas neste volume" (pp. 411-415) e um "Índice etimológico" (pp. 416-454) finalizam a gramática

⁹⁴ Esta tem o subtítulo "Origem e evolução do português; elementos de que se compõe" e dela fazem parte os seguintes pontos: "O latim entre as línguas indo-europeias" (pp. 3-4), "Latim vulgar e literário" (pp. 4-10), "Baixo latim e latim bárbaro" (pp. 10-11), "O português entre as línguas românicas" (pp. 11-17) e "Outros elementos componentes do português" (pp.17-18).

⁹⁵ A Fonética histórica subdivide-se, por sua vez, em seis capítulos: no primeiro capítulo fala-se do acento (pp. 32-42), no segundo das vogais tónicas (pp. 42-55), no terceiro das vogais átonas (pp. 55-83), no quarto das consoantes (pp. 83-150), no quinto das "Alterações a que estão sujeitas as vogais e consoantes" (pp. 150-162) e o sexto é dedicado à "Fonética sintáctica" (pp. 163-165), seguindo-se-lhe três Apêndices: "I. Fonética histórica dos nomes provenientes do germânico e árabe: vocalismo, consonantismo e consoantes agrupadas" (pp. 167-187), "II. História da pronúncia das vogais e consoantes" (pp. 188-192) e "III. História da ortografia" (pp. 192-198).

⁹⁶ O cap. I, dedicado ao Nome, é formado por duas secções: "Secção I. - Nome" (pp. 203-216) e "Secção II. - A flexão do nome" (pp. 216-236), "Capítulo II. Pronome" (pp. 236-269), "Capítulo III. Verbo" (pp. 270-284) e "Capítulo IV. Palavras invariáveis" (pp. 342-356).

⁹⁷ A inclusão dos parassintéticos na composição decorre da classificação da prefixação como um tipo de composição.

histórica de Nunes ([1919] 1989⁹) que, pese embora a inexistência da Sintaxe⁹⁸, é uma das mais completas relativas ao português.

Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa, de Brandt Horta ([1930?] s.d.³), é uma obra que se encontra estruturada em vinte e seis Lições, incidindo, na sua maioria (mais precisamente dezasseis), sobre a fonética e a morfologia flexional. Para o estudo que estou a realizar, são de maior interesse as Lições I ("Gramática histórica (...)", pp. 15-16), IV ("Formação do léxico português (...)", pp. 28-33), XIII ("Histórico das flexões (...)", pp. 98-106), onde são descritos os "Aumentativos e Diminutivos" (pp. 100-103), e XV ("Formação do gênero e número", pp. 114-121), em particular a pluralização dos nomes compostos por "juxta-posição, por aglutinação e por locução" (pp. 120-121)⁹⁹.

A primeira edição da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Manuel Said Ali ([1931] 1964³) fez-se, tal como indicado no ponto anterior, em dois volumes e em datas diferentes: *A Lexeologia do Português Histórico*, dividida em "Os sons e sua representação" e "Os vocábulos" surgiu em 1921, *A Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, constituída por "Formação de Palavras", "Sintaxe" e "Apêndices" ("I - História resumida da Língua Portuguesa", "II - Alterações fonéticas do latim vulgar"), foi publicada em 1923. Numa segunda edição, estas duas obras foram reunidas no volume intitulado *Gramática Histórica*, com data de 1931. Esta gramática apresenta, então, uma estrutura dupla. Sob a "1ª Parte - Estudo dos sons e Lexeologia", o autor descreve vários aspectos fonético-fonológicos e flexionais¹⁰⁰, optando por estudar os

⁹⁸ No Prólogo da 1ª edição, Nunes ([1919] 1989⁹: ix) justifica a não inclusão da Sintaxe na obra, tendo em conta, entre outros argumentos, "a minúcia e a extensão que ela requer".

⁹⁹ Para além destas, completam a obra as seguintes Lições: "Lição II - Origem da língua portuguesa" (pp. 17-22), "Lição III - Filiação do português" (pp. 23-27), as Lições V a XII dedicadas à Fonética (pp. 34-97), "Lição XIV - Redução das declinações" (pp. 107-113), "Lição XVI - Etimologia" (pp. 122-134), as Lições XVII a XXIII relativas à Flexão (pp. 135-190) e as Lições XXIV a XXVI sobre a Sintaxe (pp. 191-233). Juntam-se às "Lições" o "Vocabulário de algumas palavras arcaicas" (pp. 235-236), um "Pequeno vocabulário para exercícios" (pp. 237-250) e o "Índice Alfabético" (pp. 251-256).

¹⁰⁰ Na 1ª Parte agrupam-se: "História resumida da língua portuguesa" (pp. 17-21), "Alterações fonéticas do latim vulgar" (pp. 23-31), "Os sons em português e sua representação" (pp. 33-52) e "Os vocábulos: espécies, formas e significação" (p. 53). Neste último subponto, são tratados os "Nomes" (54-75), "Adjetivos" (pp. 76-84), "Numerais" (pp. 85-91), "Os Pronomes" (pp. 92-132), "O Artigo"; (pp. 123-

diminutivos e aumentativos quando se refere ao grau dos substantivos (cf. o subponto "Nomes" (pp. 54-75), em "Os vocábulos: espécies, formas e significação" (p. 53)). Na "2ª Parte - Formação de palavras e Sintaxe do Português Histórico", o autor começa por tratar a "Derivação em geral" (p. 229), a qual se subdivide em "Derivação sufixal" ("a) Substantivo e adjetivo", pp. 232-247; "b) Verbos", pp. 247-248), "Derivação prefixal" (pp. 249-253), "Derivação parassintética" (pp. 254-255) e "Derivação regressiva" (pp. 256-257). Seguidamente é estudada a "Composição" (pp. 258-264), que, conjuntamente com a "Derivação", constitui a área da "Formação de Palavras". Com quase cem páginas, a Sintaxe (pp. 265-361) ocupa a parte final da obra de Ali ([1931] 1964³), a que se seguem ainda três Índices¹⁰¹.

Cabe aqui realçar dois aspectos muito importantes, quer em termos da estrutura da obra, quer relativamente aos princípios teóricos: em primeiro lugar, como acabei de indicar, o autor, tal como C. Reinhardstoettner (1878), M. P. da Silva Jr. e L. de Andrade ([1887] 1913⁴), O. Mota ([1916] 1937⁸) e J. J. Nunes ([1919] 1989⁹) antes e Joseph Huber ([1933] 1986) e I. Coutinho (1938) depois de si, designa por Formação de Palavras a área que estuda a derivação e a composição, mas a descrição exaustiva da estrutura interna das palavras complexas, dos elementos afixais e dos mecanismos de formação de palavras não encontra paralelo nos outros trabalhos que fazem parte do *corpus*. Por outro lado, não inclui a prefixação dentro da composição, justificando essa não inclusão por achar que os prefixos, tal como os sufixos, são "elementos formativos" sem autonomia (cf. Ali [1931] 1964³: 229), opção que discutirei mais adiante, no capítulo 2 (Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português).

A obra de Joseph Huber ([1933] 1986) só mais de cinquenta anos depois da publicação do original alemão foi traduzida em português, tradução de que há muito se sentia necessidade, como atestam as "Palavras Prévias" da edição portuguesa (cf. p. ix), da autoria de Lindley Cintra, que classifica esta obra como a única "que procura descrever em conjunto a gramática da língua em que estão escritos os textos da primeira

128), "Verbos" (pp. 129-182), "Advérbios"; (pp. 183-196), "Locuções adverbiais"; (pp. 196-198), "A negação" (pp. 198-202), "Preposições" (pp. 203-214) e "Conjunções" (pp. 218-226).

¹⁰¹ "Nota do organizador desta edição" (p. 364), "Índice onomástico" (pp. 365-367) e "Índice bibliográfico" (pp. 368-373).

época da língua do ocidente peninsular"¹⁰². No "Prefácio", Huber ([1933] 1986: vii) aponta que integrou deliberadamente na morfologia muitos aspectos sintáticos e que tal se deve, segundo especifica, a razões de ordem prática e, sobretudo, por considerar, na linha de Schleicher ([1860] 1869²), que "forma e função, tal como forma e conteúdo, são pela sua própria natureza inseparáveis". No primeiro ponto da Introdução, "Indicações bibliográficas" (pp. 1-16), o autor enumera as obras que lhe serviram de referência¹⁰³, mas, entre essas, não alude a algumas gramáticas que fazem parte do meu *corpus*. Talvez isso advenha do facto de ou não lhes reconhecer o estatuto de gramática histórica (caso da obra de Teophilo Braga (1876) que também não é considerada como tal por outros autores) ou de desconhecer a sua existência¹⁰⁴. Ao ponto II. da Introdução, "História externa da língua portuguesa" (pp. 17-38), seguem-se a "Parte I: Fonética"¹⁰⁵ e os oito capítulos que formam a "Parte II: Morfologia", que para o autor é entendida como morfologia flexional¹⁰⁶. Da Formação de Palavras se ocupa a "Parte III: I. Formação nominal" (pp. 271-276; compreende: "1. Passagem para outras classes de palavras"; "2. Derivação por meio de prefixos"; "3. Derivação por meio de sufixos" e "4. Composição"), "II. Formação verbal" (pp. 276-277) e "III. Formação adverbial" (pp.

¹⁰² Para Lindley Cintra, esta primeira época é "o período que se estende desde o aparecimento dos primeiros documentos não literários e literários nela parcialmente ou totalmente redigidos até fins do séc. XV" (cf. Huber [1933] 1986: ix).

¹⁰³ As gramáticas mencionadas são as de Frédéric Diez ([1836-1844] 1973), Jules Cornu (1888), Meyer-Lübke ([1890-92] 1895), António R. Vasconcellos (1900), Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) e José J. Nunes ([1919] 1989⁹).

¹⁰⁴ Refiro-me às sete gramáticas publicadas no Brasil: as de Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴), Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹), Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), Brandt Horta ([1930?] s.d.³) e Manuel Said Ali ([1931] 1964³). Porém, Huber ([1933] 1986: 5) tem em conta vários trabalhos de Mário Barreto, como os *Estudos de lingua portuguesa* (1903, Rio de Janeiro), *Novos estudos da lingua portuguesa* (1921², Rio de Janeiro), *Novissimos estudos da lingua portuguesa* (1914, Rio de Janeiro) e *Factos da lingua portuguesa* (1916, Rio de Janeiro).

¹⁰⁵ Em Huber ([1933] 1986), os capítulos da Fonética são: "I. Notas prévias" (pp. 39-52), "II. História do vocalismo" (pp. 53-97), "III. História do consonantismo" (pp. 98-146) e "IV. Fenómenos gerais do vocalismo e consonantismo" (pp. 146-160).

¹⁰⁶ Os capítulos referentes à morfologia flexional são: "I. Substantivos" (pp. 161-168), "II. Adjectivos" (pp. 168-172), "III. Pronomes" (pp. 173-200), "IV. Numerais" (pp. 200-203), "V. Verbos" (pp. 203-254), "VI. Advérbios" (pp. 254-261), "VII. Preposições" (pp. 261-267) e "VIII. Conjunções" (pp. 268-269).

277-278). A "Parte IV: Sintaxe", tem seis capítulos¹⁰⁷, a que se juntam os Textos da "Parte V"¹⁰⁸, o "Índice geral" (pp. 411-417), o "Índice de palavras" (pp. 379-409) e um "Apêndice" (pp. 361-378)¹⁰⁹.

A terceira parte da obra é, portanto, uma descrição muito resumida dos processos de formação de palavras no português antigo, o que poderá incutir a ideia de que nessa fase do português tais processos seriam escassamente utilizados. Ora, apesar de no meu trabalho privilegiar um subconjunto de sufixos (cf. a análise empreendida na 2ª Parte), aquilo que pude observar a partir dos dados de que disponho permite depreender uma realidade diferente, como evidenciarei mais adiante.

Os *Elementos de Gramática Histórica* de Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²) estão organizados em vinte e dois capítulos, dos quais nove tratam da "morfologia histórica" de alguns verbos. É das gramáticas históricas em estudo aquela que menos dados nos fornece no que diz respeito à formação de palavras, pois, à exceção do "Primeiro Capítulo – Gramática Histórica (...)" (pp. 13-22), de uma parte do capítulo oitavo ("Derivação dos masculinos e femininos. Desaparecimento do neutro; vestígios", pp. 65-67) e do nono ("Grau dos substantivos e dos adjetivos. Comparativos e superlativos sintéticos", pp. 69-72), os fenómenos morfológicos analisados prendem-se com questões de morfologia flexional¹¹⁰.

¹⁰⁷ ("I. Interjeições (Exclamações)", pp. 279-280; "II. Concordância", pp. 280-283; "III. Ordem das palavras", pp. 283-285; "IV. Ênfase de partes da oração", p. 285; "V. Ligação de orações", pp. 286-288 e "VI. Períodos", pp. 288-318).

¹⁰⁸ Os textos estão agrupados do seguinte modo: "I. Documentos" (1. Auto de Partilhas, pp. 319-321; 2. Testamento, p. 321 e 3. Testamento de D. Afonso II, pp. 321-326), "II. Prosa" (1. Da Vida de Santo Aleixo, pp. 326-339; 2. Da Vida de Santo Amaro, p. 328; 3. Da Vida de S. Nicolau, pp. 329-330; 4. Da Vida de Sa. Eufrosina, pp. 330-331; 5. Da Chronica breve do Archivo Nacional, pp. 331-332; 6. Lenda do rei Lear, p. 332; 7. Da Corte Imperial, pp. 333-334; 8. Da Demanda do Santo Graal, pp. 334-337; 8. Do Fabulario "Livro de Esopo", pp. 337-339) e "III. Poesia" (pp. 339-359; A. Sirventeses, B. Cantigas d'amor, C. Cantigas d'amigo, D. Cantigas d'amigo paralelísticas, E. Alba, F. Barcarolas, G. Bailadas, H. Cantigas de romaria, J. Pastorelas).

¹⁰⁹ Este é constituído pela recensão crítica que, em 1936, M. Rodrigues Lapa fez à obra. Para além desta, existem ainda outras recensões publicadas no estrangeiro e a de Rudolf Rübencamp, publicada no *Boletim de Filologia* 3 (Lisboa, 1934-1935, pp. 185-189).

¹¹⁰ Os restantes capítulos que formam a gramática de Martins ([s.d.] 1937²) são: "Segundo Capítulo - Filiação do Português ao Latim, revelado pelo léxico, pela morfologia e pela sintaxe. Outros elementos formadores do léxico português. Neologismo, peregrinismo, gíria, arcaização e suas causas. Hibridismos"

Francisco Martins Sequeira ([1938a] 1959³), após o "Prefácio" (pp. 5-6), define "A Gramática Histórica" (p. 7), a que se segue a "Introdução" (pp. 9-22). Segundo a ordem de apresentação habitual, a "Fonética" com os seus onze subcapítulos¹¹¹ precede a "Morfologia", a qual compreende um capítulo sobre "As fontes do léxico português" (pp. 109-117), cinco capítulos relativos à Etimologia (pp. 118-137)¹¹², dois referentes aos processos de enriquecimento do léxico (cap. "VIII. A renovação do léxico" ("a) Com palavras novas", pp. 138-149) e cap. "IX. A renovação do léxico" ("b) Com elementos da língua", pp. 150-156)) e cinco sobre Flexão¹¹³. A terceira parte, a "Sintaxe", é das três a mais reduzida¹¹⁴. O "Glossário" (pp. 235-270) e o "Índice" (pp. 271-276) completam esta gramática.

Como é visível, à semelhança de outros gramáticos, em Sequeira ([1938a] 1959³), as considerações sobre a derivação ("imprópria, própria e regressiva") e a composição ("por justaposição, por prefixos e erudita") são enunciadas no Léxico, mas, contrariamente a outras obras, este está incluído na Morfologia.

(pp. 23-30); o Terceiro, Quarto, Quinto e Sexto Capítulos são dedicados à Fonética (pp. 31-60); "Sétimo Capítulo - Declinação latina" (61-64); do Décimo ao Vigésimo Primeiro Capítulos trata-se a Morfologia Flexional (pp. 73-122) e temos no "Vigésimo segundo Capítulo - Grafia, sistemas gráficos" (pp. 123-151).

¹¹¹ "I. Leis da evolução fonética" (pp. 25-27), "II. Fenómenos fonéticos" (pp. 28-57), "III. A analogia" (pp. 58-62), "IV. Vocalismo" (pp. 63-71), "V. As vogais tónicas" (pp. 72-75), "VI. As vogais átonas" (pp. 76-80), "VII. Os ditongos" (pp. 81-82), "VIII. Os hiatos" (pp. 83-86), "IX. Consonantismo" (pp. 87-90), "X. As consoantes simples" (pp. 91-97), "XI. As consoantes geminadas" (pp. 98-99) e "Os grupos consonânticos" (pp. 100-105).

¹¹² São os seguintes os capítulos reservados à Etimologia: "II. Etimologia dos nomes" (pp. 118-123), "III. Etimologia dos pronomes" (pp. 124-128), "IV. Etimologia dos verbos" (pp. 129-131), "V. Etimologia dos advérbios" (pp. 132-134), "VI. Etimologia das preposições" (p. 135) e "VII. Etimologia das conjunções" (pp. 136-137).

¹¹³ Capítulos "X. A flexão nominal" (pp. 157-163), "XI. A flexão verbal" (pp. 164-169), "XII. A conjugação regular" (pp. 170-176), "XIII. Verbos irregulares" (pp. 177-195) e "XIV. O Supletivismo" (pp. 196-199).

¹¹⁴ Em Sequeira ([1938a] 1959³), a sintaxe é formada por: "I. A construção da frase" (pp. 203-208), "II. O artigo" (pp. 209-211), "III. A constituição das orações" (pp. 212-213), "IV. A função dos nomes" (pp. 214-215), "V. A função dos pronomes" (pp. 216-218), "VI. Do verbo" (pp. 219-220), "VII. Do advérbio" (p. 221), "VIII. Das preposições" (pp. 222-226), "IX. Das conjunções" (pp. 227-228) e "X. A concordância" (pp. 229-234).

A *Gramática de Português* de Francisco J. Martins Sequeira (1938b), subdivide-se, tal como a sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, em três partes maiores: Fonética, Morfologia e Sintaxe. Nesta *Gramática de Português*, o autor arruma os assuntos por secções: quatro para a Fonética¹¹⁵, três secções e duas subsecções para a Morfologia e cinco secções e duas subsecções, no caso da Sintaxe¹¹⁶. A "Constituição do léxico" é a primeira secção da "2ª Parte - Morfologia" e contém onze pontos¹¹⁷. A esta segue-se a "secção II - Renovação do léxico", onde são estudados: "XII. Causas e processos do renovamento" (pp. 84-85), o fenómeno da Neologia¹¹⁸ e, nos capítulos seguintes, os "Meios de formação de palavras" (cap. XV, pp. 92-93), mais concretamente, a Derivação ("Derivação própria", pp. 94-95; "a) Sufixos nominais", pp. 96-100; "b) Sufixos verbais", pp. 101-102 e "c) Sufixo adverbial", pp. 102-103 e "Derivação imprópria", pp. 103-105; cap. XVI), e a Composição ("a) Prefixação", pp. 106-112; "b) Juxtaposição", pp. 112-113; "c) Aglutinação", p. 114 e "d) Composição erudita", pp. 114-117; cap. XVII).

Nesta gramática, a Flexão¹¹⁹ é estudada depois da Formação de Palavras e precedendo a Sintaxe, contendo também um "Apêndice à gramática" ("Versificação", pp. 389-400), seguido de um "Índice alfabético" (pp. 401-406).

¹¹⁵ Na "1ª Parte - Fonética", descrevem-se os "Sons elementares", as "Combinações dos fonemas", as "Modificações fonéticas" e a "Representação gráfica", nas secções I, II, III e IV, respectivamente (pp. 13-45).

¹¹⁶ A "Sintaxe", reparte-se em: secção I ("Análise sintáctica", p. 239, com duas subsecções: "Da proposição", pp. 241-270 e "Do período", pp. 271-289), secção II ("Funções sintácticas", pp. 291-338), III ("Concordância", pp. 339-356), IV ("Colocação", pp. 357-369) e V ("Pontuação", pp. 370-385), as quais completam a "3ª Parte" da gramática.

¹¹⁷ "I. Classificação das palavras", "II. Substantivos", "III. Adjectivos", "IV. Numerais: a) Cardinais, b) Ordinais, c) Colectivos, d) Multiplicativos, e) Fraccionários", "V. Pronomes: a) Pronomes pessoais, b) Pronomes possessivos, c) Pronomes demonstrativos, d) Pronomes relativos, e) Pronomes interrogativos, f) Pronomes indefinidos", "VI. Artigos", "VII. Verbos", "VIII. Advérbios", "IX. Preposições", "X. Conjunções" e "XI. Interjeições" (pp. 47-83).

¹¹⁸ Capítulos "XIII. Neologismos de significação" (pp. 86-87) e "XIV. Neologismos de vocábulos" (pp. 88-91).

¹¹⁹ A Flexão é constituída pela "secção III" (pp. 118-120) e pelas subsecções I ("Flexão nominal", pp. 121-151) e II ("Flexão verbal", pp. 152-238).

Como não poderia deixar de ser, esta obra apresenta algumas semelhanças notórias com a obra anterior do mesmo autor, designadamente a inclusão do Léxico na Morfologia, mas também ostenta algumas diferenças no que diz respeito aos processos de formação de palavras, que não estão unicamente relacionadas com o maior sintetismo da primeira obra ou com o maior desenvolvimento empreendido na segunda. Nesta última gramática, a derivação regressiva deixa de ser tida em conta e, pelo contrário, estabelece-se uma separação clara entre "composição por justaposição" e "composição por aglutinação", a qual, se bem que estudada na primeira obra, passa na segunda a ter um tratamento à parte.

Talvez pelas razões apontadas no "Prólogo"¹²⁰, a gramática de Ismael Coutinho (1938) tem a particularidade de, após a "Introdução" (pp. 13-31), "Origem da Língua Portuguesa" (pp. 33-41) e "Domínio da Língua Portuguesa" (pp. 43-50), não passar imediatamente à Fonética, mas sim à "Constituição do Léxico Português" (pp. 51-52), onde analisa: "1. Formação de palavras" (pp. 53-54), "2. Derivação própria" (pp. 54-56; "a) sufixos nominais", pp. 56-62; "b) sufixos verbais", p. 62), "3. Derivação imprópria" (pp. 63-64) e "4. Composição" (pp. 64-65). Dentro desta o autor considera cinco tipos, nomeadamente a composição por: "a) prefixação" (pp. 65-71), "b) juxtaposição" (p. 71), "c) aglutinação" (pp. 71-73), "d) locução" (p. 73), "e) parassintetismo" (pp. 73-74), e "f) elementos gregos" (pp. 74-84). Na "Constituição do Léxico Português" são ainda tratados os estrangeirismos, os arcaísmos e os neologismos¹²¹. Depois, o gramático apresenta algumas causas que pensa terem contribuído para a diferenciação das várias línguas românicas (pp. 107-116), caracteriza "O Português do Brasil" (pp. 117-139) e transita, então, para a Fonética ("Fisiológica", "Histórica", "Leis Fonéticas", pp. 141-193) e para a Morfologia, entendida enquanto Morfologia Flexional¹²². A seguir à

¹²⁰ Aí, o autor esclarece que "a simples leitura dos *Pontos de Gramática Histórica* revela que eles não obedeceram a um plano preconcebido e sistematizado, mas que se foram arquitetando e desenvolvendo parcialmente, sem idéia de conjunto" (Coutinho, 1938: 10).

¹²¹ "5. Importação estrangeira" (pp. 85-94), "6. Arcaísmos e Neologismos" (pp. 95-100), "7. Neologismos" (pp. 100-105).

¹²² Esta abrange o estudo dos: "1. Adjetivos qualificativos", "2. Adjetivos determinativos", "3. Pronomes pessoais", "4. Pronomes demonstrativos", "5. Pronomes possessivos", "6. Pronomes interrogativos e relativos", "7. Pronomes indefinidos", "8. Advérbios", "9. Preposições", "10. Conjunções" e "11. Interjeições" (pp. 230-260). A anteceder a Morfologia, o gramático considera as "Formas Divergentes e

Morfologia, desta gramática consta ainda um capítulo sobre a Analogia¹²³, outro sobre "As Três Conjugações do Latim Popular" (pp. 273-320) e, por fim, algumas "Observações Sobre a Ortografia Portuguesa" (pp. 321-345).

No que diz respeito à Formação de Palavras, a obra de Coutinho (1938) não apresenta diferenças relevantes, quando comparada com outras anteriores, e, no que concerne à macro-estrutura, para evitar críticas, o autor adverte que se absteve propositadamente de tratar a Sintaxe, "por não ser ela atualmente exigida, no ensino de Gramática Histórica" (Coutinho, 1938: 10), embora considere que se trata de uma grave omissão nos programas de estudo vigentes na altura.

A obra de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) é constituída, como sabemos, por quatro partes: "Parte I. Prelecções feitas ao Curso de 1911/1912", "Parte II. Filologia Portuguesa (I)", "Parte III. Filologia Portuguesa (II)" e "Parte IV. Lições Práticas de Português Arcaico. Leitura e Explicação de Textos dos Séculos XIII e XIV (em Fac-símiles de Manuscritos antigos)". São dez as Lições que formam a primeira parte: quatro introdutórias, as quais designa por "Generalidades"¹²⁴ e seis relativas à derivação e composição: "[Derivação e Composição. Noções gerais, preliminares, teóricas]" (pp. 40-49), "[Derivação. Raízes (radicais, temas ou bases) e afixos. Sufixos mortos e sufixos vivos]" (pp. 50-59), "[Derivação. Excurso prosódico. Sufixos átonos e esdrúxulos: Explicação da sua actividade na linguagem popular]" (pp. 60-69), "[Derivação. Sufixo *-udo*; infixos *-z-* e *-r-*; *-aria* — *-eria*. Sufixos de proveniência não-latina. Outros processos de prefixação expressivos ou pitorescos]" (pp. 70-79), "[Resenha dos principais processos populares de sufixação. Derivação imprópria. Derivação verbal]" (pp. 80-85) e "[Prefixação. Excurso: Névoas de antano. Prefixos nominais e verbais. Notas diversas]" (pp. 86-99), seguidas de "Apêndice à Ortografia

Convergentes" (pp. 195-206), "As Três Declinações do Latim Popular" (pp. 207-210), "O Caso Lexiogênico" (pp. 210-212), "O Desaparecimento do Neutro" (pp. 213-214) e a "Justificação das Regras Referentes às Flexões" (pp. 215-230).

¹²³ Cf. "Fatos Devidos à Analogia (Na Fonologia, Na Morfologia, Da Sintaxe, Na Semântica)", pp. 261-272).

¹²⁴ "Generalidades: [Recapitulação do Programa. Linguas românicas. O português — transformação orgânica do latim vulgar.]" (pp. 7-16), "Generalidades: [Períodos e características do português arcaico.]" (pp. 17-22), "Generalidades: [Palavras populares, eruditas e semi-eruditas.]" (pp. 23-32), "Generalidades: [Formas divergentes ou alotrópicas. O problema ortográfico.]" (pp. 33-39).

Nacional" (pp. 100-123). A "Parte II." é formada por Lições relativas à "Filologia"¹²⁵ e a "Parte III" é dedicada ao "Léxico"¹²⁶. A última parte, "Parte IV", é constituída por sete Lições, em que se transcrevem, criticam e se procede à análise vocabular de vários fac-símiles¹²⁷.

Para esta autora, a derivação e a composição (prefixação incluída) "constituem um capítulo, bipartido, da *Morfologia*, da parte dos estudos lingüísticos em que se trata da estrutura dos vocábulos, em oposição à que trata dos elementos primários, os sons (*Fonética*), e àquela que trata da estrutura das proposições: *Syntaxe*" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 42). Ora, como se pode verificar pela estrutura apresentada, nesta obra, em que assumidamente se privilegia o estudo do léxico, as matérias relativas à Fonética e à Syntaxe têm uma presença muito ténue, não sendo objecto de uma investigação aprofundada e autónoma. Por outro lado, a arrumação dos processos de Formação de Palavras afasta-se da que é seguida nas outras gramáticas, em que, por exemplo, na derivação própria, se estudam os sufixos nominais e verbais e, na composição, se analisam os vários tipos de compostos em compartimentos mais ou

¹²⁵ "Lição I. Filologia: Noções etimológicas e semasiológicas" (pp. 125-135), "Lição II. História da Filologia" (pp. 136-145), "Lição III. Glotologia" (pp. 146-156), "Lição IV. Classificação das línguas" (pp. 157-164), "Lição V. Línguas indo-germânicas" (pp. 165-176), "Lição VI. [A escrita.] Os ramos itálicos do tronco indo-germânico" (pp. 177-189), "Lição VII. Línguas românicas ou neo-latinas" (pp. 190-206), "Lição VIII. O documento românico mais antigo (*Juramento de Estrasburgo*, de 842). Variantes ultramarinas das línguas românicas e dialectos crioulos" (pp. 207-222), "Lição IX. Cronologia dos falares romanços: I. Desde quando há língua romana, diversa da latina? II. Quando nasceram, e como se desenvolveram as línguas românicas diferenciadas" (pp. 223-230), "Lição X. Latim falado e latim escrito. Que sabemos nós do *Sermo Vulgaris*, como base das línguas românicas" (pp. 231-242), "Lição XI. Latim Vulgar. As suas tendências fonéticas, morfológicas e sintácticas" (pp. 243-251) e "Lição XII. Latim Vulgar. O acento, alma da palavra" (pp. 252-259).

¹²⁶ "Lição I (XIII). Introdução" (pp. 261-280), "Lição II (XIV). Fontes do Léxico Português" (pp. 281-298), "Lição III (XV). Fontes do Léxico Português: Os elementos árabes" (pp. 299-310), "Lição IV (XVI). Fontes do Léxico Português: Vocábulos provenientes das línguas faladas na Europa, na Idade-Média" (pp. 311-322) e "Lição V (XVII). Fontes do Léxico Português: Estrangeirismos recentes" (pp. 323-330).

¹²⁷ Fac-símile I da *Crónica Geral*, de 1404 (pp. 331-339), fac-símile II da versão galego-portuguesa da *Crónica Geral* (pp. 340-353), fac-símile III: uma página das *Leis de Partida* (pp. 354-367), fac-símile IV da *Crónica Troiana* (pp. 368-376), fac-símile V do *Cancioneiro da Ajuda* (pp. 377-402), fac-símile VI das poesias do *Cancioneiro da Vaticana* (pp. 403-422) e uma página do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (pp. 423-429).

menos estanques. Nestas *Lições*, tudo parece fluir ao sabor dos interesses pessoais da autora¹²⁸, não esquecendo que, por não se destinar aos estudantes liceais da época, a estrutura da obra de Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) é, necessariamente, mais permeável.

A terminologia utilizada por Mattoso Câmara Jr. (1975) em *História e Estrutura da Língua Portuguesa* é reveladora dos avanços alcançados pela Linguística, desde a sua constituição enquanto ciência até à publicação deste trabalho. Beneficiando de todos os ensinamentos da gramática tradicional, esta obra tem um cunho marcadamente estruturalista, contrariamente aos outros que tenho vindo a tratar, os quais, como se sabe, são maioritariamente de inspiração neogramática.

História e Estrutura da Língua Portuguesa organiza-se em onze capítulos: um introdutório (pp. 9-33), um de Fonologia (pp. 35-72), quatro sobre Morfologia Flexional¹²⁹, dois relativos ao Léxico e três referentes à Sintaxe¹³⁰. O capítulo IX, "O Léxico Português"¹³¹, serve de introdução ao capítulo X, "Ampliação e Renovação Lexical" (pp. 213-234), onde, como o nome especifica, são descritos os processos de enriquecimento lexical. Neste penúltimo capítulo estuda-se: "I - A criação de novas palavras" (p. 213): "1. Mecanismos gramaticais de criação léxica" (p. 213), "2. Composição" (pp. 213-216), "3. A derivação" (pp. 216-218), II - Criação Lexical por Derivação ("4. Derivação nominal", pp. 218-223; "5. Os substantivos abstratos", pp. 223-225; "6. A expressão do grau", pp. 226-228; "7. A derivação verbal", pp. 228-229) e "III - A Composição por Prefixo" (p. 229; "8. A prefixação", pp. 229-233; "9. Os helenismos", pp. 233-234).

¹²⁸ Isto não invalida a completude da obra quanto aos processos de formação de palavras (em que a preocupação de definição dos conceitos que lhe estão associados está sempre presente), nem quanto ao rigor da análise levada a efeito.

¹²⁹ Capítulos "III - Morfologia Nominal" ("I - Categorias nominais e sua expressão", "II - A estrutura flexional do nome", "III - A perda da flexão de grau"; pp. 73-90), "IV - Morfologia Pronominal" (pp. 91-115), "V - O Advérbio" (pp. 117-125) e "VI - O Verbo em Português" (pp. 127-163).

¹³⁰ Capítulos "VII - As Conjunções Perifrásticas" (pp. 165-176), "VIII - Os Conectivos" (pp. 177-190) e "XI - A Frase Portuguesa" ("Os padrões frasais" e "Os mecanismos sintáticos"; pp. 235-258).

¹³¹ Este capítulo subdivide-se em: "I - Apreciação geral do léxico português" (pp. 191-201) e "II - A Constituição de alguns Campos Semânticos" (pp. 201-212).

Note-se que, mesmo tendo sido redigida muito mais recentemente, a obra de Câmara Jr. (1975) continua a incluir o estudo da Formação de Palavras no Léxico e a tratar a Prefixação dentro da Composição, posição que não está em sintonia com aquela que é seguida em quase todos os trabalhos linguísticos publicados na mesma época ou subsequentemente e que denota o não afastamento do autor relativamente a outros autores de gramáticas históricas que o precederam. Como deixa transparecer a organização da obra, a influência estruturalista não se manifesta propriamente ao nível da estrutura seguida, mas antes nos tipos de abordagem e na terminologia utilizada.

Antes de concluir esta apresentação da estrutura das várias gramáticas históricas do português, gostaria de assinalar que, nos prefácios e introduções, os gramáticos históricos remetem frequentemente para os seus antecessores e apoiam-se muitas vezes em especialistas estrangeiros, como se isso funcionasse como um certificado de garantia das suas próprias obras. Por outro lado, também é possível ver nesta atitude uma posição de salvaguarda contra os críticos, depreendendo-se, nalguns casos, que os gramáticos têm consciência do carácter inovador dos seus trabalhos e dos riscos que isso acarreta em termos de aceitação por parte daqueles a que se destinam.

Para terminar este ponto, pode, então, concluir-se que:

1. alguns gramáticos consideram que a Formação de Palavras deve ser estudada dentro da Morfologia (Teófilo Braga (1876), Manuel P. Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), António G. Ribeiro Vasconcellos (1900), José J. Nunes ([1919] 1989⁹), Brandt Horta ([1930?] s.d.³), Jaime S. Martins ([s.d.] 1937²), Francisco J. Martins Sequeira ([1938a] 1959³) e Francisco J. Martins Sequeira (1938b)), enquanto outros a estudam dentro do Léxico (Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹), Ismael Coutinho (1938) e Mattoso Câmara Jr. (1975)) e outros, ainda, lhe conferem um tratamento independente (Carl von Reinhardstoettner (1878), J. Leite Vasconcellos ([1911] 1959³), Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), Manuel Said Ali ([1931] 1964³), Joseph Huber ([1933] 1986) e Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.)). Os primeiros interessam-se sobretudo pelas alterações semânticas, resultantes da junção de prefixos e sufixos ou desinências, como muitas vezes são chamados; para os segundos, o mais importante é demonstrar que o alargamento do léxico se faz através da prefixação, sufixação e composição, entre outros processos; o objectivo dos terceiros consiste em descrever e explicar os processos de prefixação, sufixação e composição em si mesmos e não somente o seu resultado, ou seja, o facto de contribuírem para o enriquecimento lexical. Para que se

possa avaliar melhor a representação das várias Áreas Disciplinares consignadas nas Gramáticas Históricas do Português e a importância atribuída à Formação de Palavras, observe-se o quadro na página seguinte¹³²:

¹³² Nesta apresentação excluí a gramática de Silva Jr. (1878), dada a sua estrutura peculiar.

Quadro 2. Áreas disciplinares consignadas nas Gramáticas Históricas do Português¹³³

T. Braga (1876)		Fonol.	Morf. (Flex.+ FP)			Sint.		
C. Reinhardstoettner (1878)	Fonét.	Fonol.	Flex.		FP	Sint.		
M. P. Silva Jr. e L. Andrade ([1887] 1913 ⁴)		Fonol.	Morf. (Flex.+ FP)			Sint.	Sem.	Léx.
A. G. R. Vasconcellos (1900)	Fonét.		Morf. (Léx.+ Flex. + FP)			Sint.		
Leite Vasconcellos ([1911] 1959 ³)		Fonol.			FP	Sint.	Sem.	Léx.
E. C. Pereira ([1916] 1935 ⁹)	Fonét.	Fonol.	Morf.			Sint. (Flex.)	Sem.	Léx. (FP)
O. Mota ([1916] 1937 ⁸)	Fonét.	Fonol.	Morf. (Flex.)		FP			
J. J. Nunes ([1919] 1989 ⁹)	Fonét.		Morf. (Flex.+ FP)					
B. Horta ([1930?] s.d. ³)	Fonét.		Morf. (Flex.+ FP)					
M. Said Ali ([1931] 19643)	Fonét.			Voc. (Flex.)	FP	Sint.	Sem.	Léx.
J. Huber ([1933] 1986)	Fonét.		Morf. (Flex.)		FP	Sint.		
J. S. Martins ([s.d.] 1937 ²)	Fonét.		Morf. (Flex.+ FP)					
F. J. M. Sequeira ([1938a] 1959 ³)	Fonét.		Morf. (Léx. + Flex. + FP)			Sint.		
F. J. M. Sequeira (1938b)	Fonét.		Morf. (Léx. + Flex. + FP)			Sint.		
I. Coutinho (1938)	Fonét.		Morf. (Flex.)					Léx. (FP)
C. M. Vasconcellos ([1946] s.d.)					FP		Sem.	Léx.
M. Câmara Jr. (1975)		Fonol.	Morf. (Flex.)			Sint.	Sem.	Léx. (FP)

¹³³ Flex(ão), Fonét(ica), Fonol(ogia), FP (Formação de Palavras), Léx(ico), Morf(ologia), Sem(ântica), Sint(axe), Voc(ábulos).

2. nos casos em que os autores não a tratam autonomamente, estudando-a ora numa ora noutra área disciplinar, indiquei entre parênteses, a seguir aos domínios em que ela se insere, o estudo da Formação de Palavras (FP). Independentemente do seu grau de autonomia e do maior ou menor desenvolvimento que lhe é dedicado, aquilo que se pode deduzir é que a Formação de Palavras ocupa, na realidade, um lugar bastante central, sendo estudada em todas as gramáticas em análise;

3. tendo em conta que a maioria dos gramáticos históricos considera que a Morfologia abarca quer o estudo da Flexão, quer o da Formação de Palavras, julgo que tem algum interesse evidenciar o peso atribuído a cada uma delas, nas gramáticas em que tal é passível de ser fielmente quantificado. Assim, pode observar-se que:

Quadro 3. Distribuição da Flexão e da FP em GHP

	Flexão	FP
Braga (1876)	80 pp.	26 pp.
Reinhardstoettner (1878)	107 pp.	45 pp.
Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913 ⁴)	89 pp.	76 pp.
A. R. Vasconcellos (1900)	109 pp.	20 pp.
Mota ([1916] 1937 ⁸)	34 pp.	20 pp.
Nunes ([1919] 1989 ⁹)	155 pp.	53 pp.
Ali ([1931] 1964 ³)	173 pp.	35 pp.
Huber ([1933] 1986)	108 pp.	7 pp.
Sequeira ([1938a] 1959 ³)	42 pp.	6 pp.
Sequeira (1938b)	117 pp.	25 pp.
Coutinho (1938)	45 pp.	31 pp.
Câmara Jr. (1975)	90 pp.	21 pp.

Ou seja, à excepção da gramática de M. Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), a Flexão abrange sensivelmente o dobro das páginas dedicadas à Formação de Palavras, situação que, ainda hoje, muitas vezes se verifica (cf., por exemplo, Cunha e Cintra (1984²), onde à "Classe, Estrutura e Formação de Palavras" se reservam 42 páginas e à Flexão cerca de dez vezes mais).

4. todos os gramáticos estudados apontam a derivação e a composição como os processos que mais contribuem para o enriquecimento e desenvolvimento do léxico, independentemente do objectivo que os move, i.e., quer se centrem na procura das formas primitivas a partir das quais se desenvolveram as formas actuais, quer pretendam

descrever as formas arcaicas remanescentes, sendo usuais as oposições de "vivo"/"morto" e "actual"/"arcaico", quando se trata de assinalar a vitalidade ou produtividade de determinados afixos e a disponibilidade de alguns processos, relativamente a outros que deixaram de dar origem a palavras morfologicamente complexas;

5. na maior parte dos casos, a prefixação faz parte da composição e não da derivação, critério de inclusão que se prende com o grau de autonomia que é atribuído aos prefixos. Esta opção, tal como se pode verificar no capítulo seguinte (cf. O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português), não está relacionada com o modelo seguido (neogramático ou estruturalista).

6. dentro da Formação de Palavras, a descrição da 'composição propriamente dita' é menos desenvolvida do que a concedida à sufixação e à prefixação, o que é justificado pelos autores devido ao facto de em latim a composição ser um processo que ocorria só muito esporadicamente e que lhes serve igualmente para fundamentar a ideia de que o português expandiu os processos mais correntes que ocorriam na 'língua-mãe', questão que também será desenvolvida no capítulo seguinte.

7. nas gramáticas em análise nem sempre há uma ligação estreita entre a terminologia utilizada pelos vários autores e a estrutura dessas obras. Por exemplo, o título *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr. (1975) denuncia a forte influência estruturalista, mas esta é uma gramática que, como vimos, segue o modelo instituído pelos neogramáticos, enquanto a gramática de Manuel Said Ali ([1931] 1964³), embora tendo sido escrita durante a vigência do modelo neogramático, se distingue pelas suas inovações a nível teórico, metodológico e terminológico, sendo, por isso, das gramáticas que constituem o *corpus* aquela que mais se diferencia das outras.

O tratamento da flexão na sintaxe contribui também para que a gramática de Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹) se distinga das restantes.

8. o modelo mais típico de gramática histórica do português é, pois, aquele em que a flexão e a formação de palavras são estudadas na morfologia (oito gramáticas) e onde, para além desta área disciplinar, também estão representadas a fonética (doze gramáticas) e a sintaxe (onze gramáticas).

Capítulo 2

O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português

Capítulo 2 — O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português

2. 0. Nota prévia

Como esclareci na Introdução deste trabalho, a complexidade do fenómeno da formação de palavras tornaria muito extenso um estudo em que se procedesse a uma análise exaustiva de todos os processos nela envolvidos. Por isso, mesmo tendo optado pelo estudo, numa perspectiva diacrónica, de um conjunto de sufixos (os sufixos nominais que, segundo os gramáticos históricos, apresentam formas duplas, uma "erudita" e outra "popular", e alguns sufixos que foram perdendo produtividade), decidi dar a conhecer, embora de uma forma mais sucinta do que desejaria¹³⁴, a descrição que é efectuada nas gramáticas históricas do português relativamente os processos da prefixação, da parassíntese e da composição¹³⁵. Limitar-me-ei, pois, a chamar a atenção

¹³⁴ Numa fase mais adiantada da minha investigação, optei por excluir o capítulo dedicado à "Prefixação, Parassíntese e Composição", que antecedia o capítulo do "Estudo da Sufixação", por achar que o mesmo poderia quebrar a unidade do trabalho.

¹³⁵ Cf. os Anexos I e II, onde são indicados os prefixos e compostos indicados por cada um dos gramáticos históricos.

No Anexo I apresento as listagens dos prefixos nas várias gramáticas históricas, respeitando tanto quanto possível as subdivisões aí efectuadas, mas excluindo a indicação e discussão das diferentes acepções semânticas atribuídas aos prefixos e seleccionando somente um ou dois exemplos para cada um dos prefixos. Esta opção não significa a ausência de reconhecimento da importância primordial da componente semântica no estudo da prefixação. Tal deve-se unicamente ao facto de privilegiar a sufixação e não poder desenvolver nem a prefixação, nem a composição. No entanto, quando se trata de prefixos com origem diferente (latina ou grega), recorro a uma numeração (1 e 2 em expoente) à qual está também subjacente a diferença de significados. Neste Anexo pode observar-se que o número de prefixos e respectivas variantes oscila de autor para autor, mas existe alguma unanimidade quanto aos prefixos ditos "mais usuais". Onde se verifica maior disparidade é relativamente à inclusão ou não inclusão dos prefixos "eruditos". Sempre que os autores efectuaram a segmentação prefixo-base, mantive-a, destacando-a com o recurso ao hífen.

No Anexo II apresento os compostos tratados nas gramáticas históricas, fazendo uso de uma tipologia que se baseia na categoria sintáctica de cada um dos elementos que os constituem. Dada a dificuldade de definição e caracterização dos compostos, ao invés de seleccionar, em cada autor, um ou

para o estatuto que é atribuído a esses processos nas gramáticas históricas do português¹³⁶ e a referir algumas especificidades terminológicas de cada um dos autores.

A causa deste procedimento deve-se ao seguinte: sendo a sufixação um dos processos de formação de palavras, a sua caracterização é feita, muitas vezes, por contraste, com os outros processos, nomeadamente com a prefixação e, esta, por sua vez, aparece incluída na composição, na maioria das gramáticas históricas. Todos estes processos morfológicos, que Varela (1992: 8) designa por "concatenantes", são procedimentos de criação de novas palavras, mas nem sempre é possível uma simples classificação binária das palavras complexas em derivados e compostos (cf. Mascaró [1986] 1991³: 44)¹³⁷.

2. 1. Outros Processos de Formação de Palavras (Prefixação, Parassíntese e Composição)

É notória a evolução que se verifica na definição dos conceitos relativos à Prefixação e à Composição, indo de Theofilo Braga (1876) a Mattoso Câmara Jr. (1975). Enquanto o primeiro classifica os prefixos como "palavras" (Braga, 1876: 32)¹³⁸ e os subdivide em "usuaes" e de "uso exclusivamente científico", Câmara Jr. (1975) apresenta todo um historial dos prefixos, assinala as evoluções dentro do sistema prefixal e subdivide os prefixos em três grupos (a) os que funcionam como preposições; b) os que são variantes (em forma erudita) de preposições e c) os que são exclusivamente prefixos), não os confundindo entre si.

Na maioria das gramáticas históricas, a prefixação é predominantemente um tipo de composição, tendo em conta a autonomia que é apontada aos prefixos e esta opção teórica, como se pode observar pelas datas das primeiras edições, não está relacionada com uma questão de época, nem com o modelo seguido (neogramático ou estruturalista): Theofilo Braga (1876), Carl von Reinhardstoettner (1878), Manuel

dois exemplos para cada tipo de compostos, procurei ser o mais exaustiva possível e, propositadamente, não eliminei os exemplos comuns a vários autores.

¹³⁶ À semelhança do que fiz anteriormente, seguirei a ordem cronológica da primeira edição.

¹³⁷ Além disso, na prefixação e na sufixação, à semelhança da composição, por vezes o significado dos novos lexemas não pode ser determinado a partir da soma dos constituintes que o formam.

¹³⁸ Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 53) também define os prefixos como "palavras distintas, com relativa independência".

Pacheco da Silva Jr. (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), António R. Vasconcellos (1900), Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁶), José J. Nunes ([1919] 1989⁹), Francisco M. Sequeira (1938a), Francisco M. Sequeira (1938b), Ismael Coutinho (1938), Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946 s.d.) e Mattoso Câmara Jr. (1975) tratam a prefixação dentro da composição, por se considerar que os prefixos se originaram maioritariamente em preposições e advérbios e possuem uma grande autonomia, por oposição aos sufixos, enquanto Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), Brandt Horta ([1930?] s.d.³), Manuel Said Ali ([1931] 1964³)¹³⁹, Joseph Huber ([1933] 1986) e Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²), a tratam dentro da derivação (cf. *Estrutura das Gramáticas Históricas do Português*). Apesar de não haver concordância quanto aos limites da derivação e da composição, todos os autores são, no entanto, unânimes em afirmar que a derivação e a composição são processos regulares de formação de palavras e aqueles que mais contribuem para o enriquecimento do léxico, merecendo, por essa mesma razão, um tratamento mais desenvolvido do que outro tipo de criações lexicais.

Nas gramáticas históricas do português, é frequente os prefixos serem estudados em grupos distintos, em função da sua "separabilidade" ou "inseparabilidade" ("prefixos separáveis" / "prefixos inseparáveis")¹⁴⁰ e ainda segundo a origem ("prefixos latinos" / "prefixos portugueses") e o "valor" ("expletivo" / "inexpletivo"), havendo também quem os organize de acordo com a "função" (por exemplo, Pereira ([1916] 1935⁹) e Sequeira (1938b)), ou seja, agrupando-os sob paráfrases descritivas. Mas, na sua maioria, as listagens dos prefixos (e também dos sufixos) mais frequentes, apresentadas pelos

¹³⁹ Ali ([1931] 1964³), já indicado como exceção no capítulo anterior, quando discuti o conceito de gramática histórica, contraria este critério, considerando que o sufixo "procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente" (Ali [1931] 1964³: 229). A maior autonomia dos prefixos continua hoje a ser usada como característica para distinguir prefixos e sufixos (cf., por exemplo, Cunha e Cintra, 1984: 85-86), salientando-se, igualmente, o facto de, relativamente aos sufixos, os prefixos serem "constituintes com menor grau de intervenção na determinação das propriedades da palavra complexa em que ocorrem" (Mateus et al., 1990: 433). Em estudos mais recentes, a prefixação é incluída pela maior parte dos autores na derivação e não na composição (como exceção, assinale-se Ezquerria, 1993), havendo, inclusive, algumas propostas tendentes a demarcar os prefixos derivacionais de outros elementos que ocorrem em início de palavra ("initial combining forms", v. Iacobini (1997)) e cujo comportamento é regido pelos mecanismos da composição.

¹⁴⁰ São vários os gramáticos que assinalam que, na passagem do latim para o português, algumas "partículas" autónomas perderam esse estatuto, ocorrendo unicamente quando ligadas a uma forma livre.

vários autores, mesmo quando são fornecidos exemplos que nos mostram a ocorrência dos mesmos, não se baseiam em critérios objectivos e nada nos revelam acerca da transparência ou não transparência das formações em que participam, tal como se pode observar abaixo, onde indico a listagem dos prefixos e elementos com valor prefixal estudados pelos gramáticos¹⁴¹, tendo eliminado as repetições e harmonizado as grafias. Como é facilmente visível, alguns dos vocábulos já nos chegaram formados do latim ou do grego. Daí que, quando o prefixo ocorre preferencial ou exclusivamente em palavras herdadas, o tenha colocado em **negrito** e, simultaneamente, em *itálico*. Para cada um dos prefixos escolhi um exemplo e sempre que existem formas em que ocorrem variantes prefixais ou que pertencem a categorias diferentes, estas encontram-se separadas por ponto e vírgula:

a) prefixos de origem latina:

A⁻¹ / *Ab*- / *Abs*- (*aversão; abjurar; abster-se*); *A*⁻² / *Ad*- (*afluência; adjunto*); ***Ambi***- (*ambidextro; ambiguidade*)¹⁴²; ***Ante***- (*antebraço; antedatar*); ***Centi***- (*centigrado*); ***Circum***- (***Circun***-) (*circumlocução; circunvizinho*); ***Cis***- (*cisgangetico*); ***Com***- / ***Con***- / ***Co***- (*compatriota; comprazer; confiar; coerdeiro; coexistir*); ***Contra***¹- / ***Contro***- (*contradizer; controverter*); ***Contra***²- (*contra-almirante*); ***Dis***⁻¹ / ***Di***⁻¹ / ***De***- / ***Des***- (*discordância; dispor; difusão; divulgar; deflorar; departição; desilusão; descortês; desenrugar*); ***Entre***- / ***Inter***- (*entremeio; entrever; intermédio*); ***Ex***⁻¹ / ***Es***- / ***E***⁻¹ (*expatriar; escorrer; emanção; emergir*); ***Ex***⁻² (*ex-ministro*); ***Extra***- (*extrajudiciário; extramuros; extra-vasar*); ***In***⁻¹ (***Im***⁻¹) / ***En***⁻¹ (***Em***⁻¹) (*infiltração; injectar; imergir; imigrante; enraizar; embarcar*); ***In***⁻² (***Im***⁻²; ***Il***-; ***Ir***-) (*inevitável; impossível; ilegal; irracional*); ***Infra***- (*infra-som*); ***Intra***- (*intramuros; intra-oclular*); ***Justa***- (*justalinear; justaposição*); ***Manu***- / ***Mão***- (*manufatura; mão-posteiro*); ***Mil***- (*milfolhas*); ***Multi***- (*multicolor; multiplicar*)¹⁴³; ***O***- / ***Ob***- / ***Obs***- / ***Os***- (*ofuscar; obviar; obstar; ostentar*); ***Omn***- (*omnisciente*); ***Pene***- (*península; penúltimo*); ***Por***- / ***Per***- (*pormenor; porvir; percentagem; percorrer*); ***Pos***- (***Post***-) (*pospor; postónico; postfácio*); ***Pré***-

¹⁴¹ Cf. igualmente o Anexo I.

¹⁴² Todos os exemplos dos gramáticos são [+ lat], mas cf., por exemplo, *ambivalência*.

¹⁴³ Ambos os exemplos são [+ lat], mas cf., por exemplo, *multicelular*.

(*pré-história; pré-romântico*); **Preter-** (*preterir; preternatural*); **Pró-** (*pró-notário*); **Re-** (*reeleger*); **Retro-** (*retroceder; retroactivo*); **Satis-** (*satisfazer*); **Semi-** (*semicírculo; semisselvagem*); **Sub-** / **Su-** / **Sob-** / **So-** (*subchefe; submeter; supor; sobpor; sonegar; socapa*); **Sobre-** / **Super-** / **Supra-** / **Suso-** (*sobrecarregar; sobremesa; superintendente; supersensível; supranumerário; susodito*); **Soto-** / **Sota-** (*sotopiloto; sotopor; sota-vento*); **Subter-** (*subterfúgio; subterfluente*); **Sus-** (*suspender*); **Trans-** / **Tras-** / **Tra-** / **Tres¹-** / **Tre¹-** (*transportar; trasladar; trafogueiro; tressuar; treladar*); **Tri-** / **Tris-** / **Tre²-** / **Tres²-** (*triseccular; trisannual; trejurar; tresdobrar*); **Ultra-** (*ultrapassar; ultramar; ultrarrealista*); **Uni-** (*unilateral*); **Vice-** / **Viso-** / **Vis-** (*vice-reitor; viso-rei; visconde*);

b) prefixos de origem grega:

A³- / **An-** (*átono; analfabeto*); **Ana-** (*anacronismo*); **Anfi-** (*anfiteatro*); **Anti-** (*antimilitar; antipatia*); **Apo-** (*apofonia*); **Arqui-** / **Arce-** / **Arci-** (*arquibancada; arquiduque; arcebispo; arcebispo*); **Cata-** (*catálogo; católico*); **Dia-** (*diagrama*); **Dis⁻²** / **Di⁻²** (*dissílabo, ditongo*); **Dis⁻³** (*disfonia, dispneia*); **En⁻²** / **Em⁻²** / **E⁻²** (*encéfalo; emplastro; elipse*); **Endo-** (*endocarpo; endotérmico*); **Epi-** (*epiderme*); **Eu-** / **Ev-** (*eufonia; evangelho*); **Ex⁻³** / **Ec-** (*exegese; eclipse*); **Hemi-** (*hemiciclo*); **Hiper-** (*hipercrítico; hipertrofia*); **Hipo-** (*hipoderme*); **Meta-** (*metafísica*); **Para-** (*paradoxo*); **Peri-** (*perímetro*); **Pro-** (*prognóstico*); **Sin-** (**Sim-**; **Si-**) (*sintaxe; simpatia; simetria*);

c) Elementos adverbiais com valor de prefixo:

Além- (*além-mar*); **Aquém-** (*aquém-túmulo*); **Bene-** / **Bem-** / **Ben-** (exs.: *beneficiar; benemerencia; bemaventurado; benfazer*); **Bis-** / **Bi-** (*bisneto; bilateral*); **Mais-** (*maisquerer*); **Male-** / **Mal-** / **Má-** (*maledicência; maléfico; mal-afortunado; maltratar; má-fadairo; má-pesar*); **Meio-** (*meio-irmão*); **Menos-** (*menosprezar; menosprezo*); **Não-** (*não-razão*); **Quase-** (*quase-delito*);

Em geral, nas gramáticas históricas do português, a composição é definida como a união, mais ou menos estável, de dois ou mais elementos que designam uma noção única e em que, na maior parte dos casos, o primeiro elemento é o determinado e o

segundo o determinante, subdividindo-se em composição por justaposição e aglutinação, além da "composição por prefixos". Mas, a classificação dos compostos nem sempre está isenta de divergências, misturando-se, por vezes, tipos de compostos eruditos com outros de criação vernacular. No entanto, convém relembrar que, ainda hoje, quando se trata de delimitar um composto, cuja estrutura, como sabemos, ao invés de linear é hierárquica, não é suficiente ter em conta um, mas antes um conjunto de critérios: os de ordem semântica, sintáctica¹⁴⁴, morfológica, pragmática e frequência de uso, o que atesta bem a complexidade desta área da formação de palavras sobre a qual os gramáticos históricos reflectiram, fornecendo achegas para a sua compreensão, e que, todavia, continua a suscitar muitas dúvidas, quando se trata de saber quais e como são as palavras compostas (cf. Caetano, 2000).

As várias subdivisões dentro da composição devem-se, nalguns casos, ao facto de os gramáticos históricos terem em consideração mais do que um critério para a delimitação dos compostos, nomeadamente os de natureza semântica, gráfica, prosódica ("compostos perfeitos" ou "aglutinados" e "compostos imperfeitos" ou "justapostos")¹⁴⁵ e sintáctica ("compostos por coordenação" ou de "concordancia" ou "syntacticos" e "compostos por subordinação" ou de "dependencia"). Contudo, deduzindo as diferenças terminológicas, na essência, não se podem assinalar grandes divergências entre os vários autores, tal como se pode verificar na síntese que se segue, em que tenho em conta os tipos de compostos apontados por cada um dos gramáticos, mantendo as denominações que lhes são próprias:

Braga (1876):

compostos por prefixação, substantivos compostos e adjectivos formados por composição

¹⁴⁴ Para determinar a coesão sintáctica, i.e., a impossibilidade de alteração da ordem dos elementos do composto são, como se sabe, geralmente utilizados dois testes: a) o da comutação, em que se afere a impossibilidade de substituição de um dos elementos do composto por outro elemento estranho à sequência, mas pertencente à mesma categoria (por exemplo, em *guerra relâmpago*, *relâmpago* não pode ser substituído por *clarão* e *guerra* não pode ser substituída por *guerrilha*), o que provocaria uma alteração do significado do composto e b) o da inserção; tomando por base o mesmo exemplo, verifica-se que essa sequência não admite a inserção de outros elementos, como por exemplo **guerra muito/ pouco/ bastante*, etc. *relâmpago*.

¹⁴⁵ Câmara Jr. (1975) baseia-se em critérios fonológicos.

Silva Jr. (1878):

composição por juxtaposição

Silva Jr. e Andrade ([1877] 1913⁴):

1. composição por prefixos, composição com advérbio e composição propriamente dita (juxtaposição e aglutinação)
2. compostos de coordenação ou concordância ou syntacticos, compostos de subordinação ou dependência, compostos verbais, compostos com partículas
3. composição erudita

A. Vasconcellos (1900):

1. composição perfeita
 - 1.1. por prefixos
 - 1.2. propriamente dita ou de palavras ou elíptica
 - 1.2.1. compostos formados por aposição
 - 1.2.2. compostos formados de uma preposição e de um nome ou verbo
 - 1.2.3. verbos compostos
2. hibridismo
3. composição erudita
 - 3.1. composição latina por prefixos
 - 3.2. composição grega propriamente dita

Pereira ([1916] 1935⁹):

1. compostos por coordenação ou concordância ou elípticos
2. compostos por subordinação ou dependência
 - 2.1. compostos por partículas adverbiais ou prefixos
 - 2.2. compostos por locução verbal
3. composição por juxtaposição (compostos imperfeitos, espúrios ou improprios)
4. composição por aglutinação (compostos próprios ou perfeitos)
5. compostos latinos e compostos gregos

Mota ([1916] 1937⁸):

composição por justaposição

Nunes ([1919] 1989⁹):

1. compostos imperfeitos ou ideológicos
2. compostos perfeitos ou por aglutinação
3. composição por:
 - 3.1. justaposição
 - 3.1.1. por coordenação
 - 3.1.2. por subordinação
 - 3.2. elíptica ou aposição
 - 3.3. prefixação
4. composição com elementos latinos e gregos
5. compostos híbridos

Horta ([1930?] s.d.³):

1. compostos por:
 - 1.1. justaposição
 - 1.2. locução
 - 1.3. aglutinação
2. hibridismo

Ali ([1931] 1964³):

Substantivo + Substantivo, Substantivo + Preposição + Substantivo, Substantivo + Adjetivo, Adjetivo + Adjetivo, Pronome + Substantivo, Numeral + Substantivo, Verbo + Substantivo, Verbo + Verbo e Combinações com os Advérbios *Mal* e *Bem*

Huber ([1933] 1986):

1. composição por justaposição
2. duas palavras ligadas por meio duma preposição
3. advérbios formados por meio da composição com o substantivo *mente*

Sequeira ([1938a] 1959³):

1. composição por prefixos
2. composição por justaposição ou composição pròpriamente dita¹⁴⁶
 - 2.1. compostos perfeitos
 - 2.2. compostos imperfeitos
3. composição erudita

Sequeira (1938b):

1. composição por prefixos
2. compostos juxtapostos ou imperfeitos
 - 2.1. coordenação
 - 2.2. subordinação
 - 2.3. locução subordinada a um verbo
3. compostos aglutinados ou perfeitos
4. composição erudita

¹⁴⁶ Entrando em divergência com todos os outros gramáticos históricos que procederam à divisão da composição em justaposição e aglutinação, em que a segunda é apontada como a composição propriamente dita, Sequeira ([1938a] 1959³: 154) diz-nos que a "composição por justaposição" é um tipo de composição em que "duas palavras se justapõem é a composição pròpriamente dita".

Coutinho (1938): composição por

1. prefixação
2. justaposição
3. aglutinação
4. locução¹⁴⁷
5. radicais ou elementos gregos que entram na composição de palavras

Câmara (1975):

1. composição por prefixo ou prefixação
2. aglutinação
3. justaposição
4. helenismos

Examinando os diferentes tipos de compostos¹⁴⁸, pode verificar-se que, nas gramáticas históricas do português, os tipos mais frequentes são os compostos nominais e, dentro destes, os formados de Subst.+ Subst., Subst.+Prep.+ Subst., Subst.+Adj. e V+ Subst.. Todavia, o mero agrupamento dos compostos de acordo com a categoria sintáctica dos elementos que os constituem, só por si, não nos revela o suficiente acerca da natureza dos compostos. Assim, tal como referido por vários gramáticos, é necessário distinguir entre os compostos que são modificados à direita e os que são modificados à esquerda e também entre aqueles cujo determinante está ou em relação de determinação ou de subordinação relativamente ao determinado.

Fazendo uso da terminologia empregue pelos gramáticos, temos, pois, dois grandes grupos de compostos: os compostos por coordenação (Subst.+ Subst., V+V, Adj.+Adj.) e os compostos por subordinação. Estes últimos abrangem quer os compostos em que o segundo elemento funciona como atributo (Subst.+Adj., Subst.+ Subst., Subst.+Prep.+ Subst.), quer aqueles em que são formados por V+Complemento¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Coutinho (1938: 73) define este tipo de composição como o "agrupamento de duas ou mais palavras, que, embora constituindo uma expressão única, se encontram todavia separadas" (exs.: *chefe de família*, *pé de vento*) e o que a caracteriza é a independência dos seus elementos. Há, em Coutinho (1938: 73), tantos tipos de locuções quantas as categorias gramaticais (locuções "substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, posicionais, conjuncionais e interjecionais").

¹⁴⁸ Cf. o Anexo II.

¹⁴⁹ Actualmente (veja-se, por exemplo, Spencer (1991: 310-311)), é habitual a classificação dos compostos enquanto endocêntricos (aqueles em que um dos elementos funciona como núcleo e em que o

É igualmente importante, para alguns dos gramáticos, determinar a transparência ou opacidade dos compostos, isto é, distinguir compostos compósitos e compostos lexicalizados, muitas vezes resultantes da queda da preposição, como em *fidalgo*, por exemplo (cf. Ali [1931] 1964³: 259, para quem "o composto representa uma idéia simples, porém caracterizada geralmente pela alteração ou especialização do sentido primitivo").

Na composição erudita, sobretudo na grega, reconhece-se que, em função da ordem variável que ocupam na estrutura da palavra, os elementos que servem para formar os compostos têm um estatuto "aparentado" ao dos prefixos e dos sufixos, embora não o sendo (cf., por exemplo, A. R. Vasconcellos (1900: 141-142)), mas isso não impediu e continua a não impedir a sua classificação como primeiros ou segundos elementos de compostos. Trata-se de elementos com um estatuto especial, porque não pressupõem a existência de uma base pertencente a uma das categorias lexicais maiores à qual se juntam. Ora, este segundo aspecto contraria o que viria a ser defendido por Aronoff (1976 : 21), segundo o qual "a new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories".

Apesar de alguns gramáticos se mostrarem convencidos que os compostos são o resultado de uma evolução (cf., por Ali, [1931] 1964³: 258), com início a partir do momento em que dois (ou mais) elementos ocorrem tendencialmente lado a lado até passarem a designar uma única noção, à exceção de Huber ([1933] 1986) e salvo casos esporádicos, a não indicação das datações das ocorrências impedem-nos de estabelecer uma cronologia, ainda que aproximada, das várias atestações, sendo, por isso, muito difícil determinar as relações que se estabelecem entre os compostos e as bases a partir dos quais se formaram.

Por fim, gostaria de dizer que no que diz respeito à parassíntese só quatro dos autores estudados a têm em conta nas análises empreendidas relativas à afixação, nomeadamente Pereira ([1916] 1935⁹), Nunes ([1919] 1989⁹), Ali ([1931] 1964³) e Coutinho (1938). Exceptuando Ali ([1931] 1964³), estes gramáticos classificam os parassintéticos como nominais e verbais, confundindo, algumas vezes, parassíntese e

outro elemento, o modificador, tem como função atribuir uma propriedade ao núcleo), exocêntricos (compostos em que nenhum dos elementos é o núcleo da construção) e aposicionais (compostos resultantes da simples junção de dois elementos, sem se estabelecer nenhuma dependência entre eles).

ocorrência de prefixos e sufixos num mesmo derivado¹⁵⁰. Pelo contrário, em Ali ([1931] 1964³: 254), como observámos, pela parassíntese formam-se verbos a partir de nomes e adjectivos, recorrendo à "adjunção simultânea de prefixo e sufixo a uma base", havendo que distinguir, segundo o autor, os dois tipos de "partículas" (prefixo ou preposição) que antecedem os nomes e os adjectivos.

A fronteira que hoje estabelecemos entre derivação e composição, baseando-nos essencialmente no facto de a primeira operar com afixos, nem sempre é clara e nalgumas gramáticas históricas é ainda menos nítida, considerando-se, por vezes, que o termo "derivadas abrange tanto as palavras obtidas por derivação como as obtidas por composição, como as obtidas simultaneamente por derivação e composição" (Sequeira, 1938b: 92)¹⁵¹.

2. 2. O Estudo da Sufixação

A sufixação é apontada por quase todos os gramáticos históricos como o processo de formação de palavras "mais fecundo" e é tida, em muitos casos, como sinónimo de derivação própria. A "fecundidade" deste processo antevê-se nas largas descrições e análises efectuadas nas obras que fazem parte do *corpus*. Com efeito, para além das questões da produtividade ou improdutividade de determinados sufixos e das alomorfas que os mesmos sofrem e desencadeiam (aspectos que, como vimos, também são considerados por alguns gramáticos a propósito da prefixação), o facto de uma grande parte dos sufixos desencadear alterações categoriais e as idiosincrasias associadas a certos derivados contribuem para uma maior complexidade desta área.

Para Teophilo Braga (1876: 32), os sufixos são "terminações" que servem para conferir ao radical "um sentido novo ou extensivo", mas podem, em certos casos, desencadear alterações categoriais, sendo, por isso, de três tipos: sufixos nominais, adjectivais e verbais. Deste modo, para o autor, comparativamente aos prefixos, os sufixos desempenham um papel de maior predominância, uma vez que os prefixos não são elementos recategorizadores (cf. Braga, 1876: 31). Reportando-se à origem dos

¹⁵⁰ Sobre os conceitos de parassíntese e circunfixação, veja-se, por exemplo, Rio-Torto (1994).

¹⁵¹ Quando Sequeira (1938b: 92) alude às formas "obtidas simultaneamente por derivação e composição" está a referir-se às formações que designamos por parassintéticos.

sufixos, Braga (1876: 33) afirma que "uns [são] derivados das formas latinas; outros das formas diminutivas e pejorativas do genio da lingua", ou seja, de acordo com este gramático, só os sufixos avaliativos se formaram em português, pelo que lhes atribui um estatuto diferente, tratando-os separadamente. Contrariamente ao procedimento adoptado na prefixação, em que o gramático se limita a fornecer exemplos de "compostos" formados por prefixação, na sufixação indicam-se a ou as significações de cada um dos sufixos e as suas especificidades, tanto a nível da forma como do significado.

Em Carl von Reinhardstoettner (1878: 111), a derivação é o resultado da junção de "desinências" (ou sufixos) aos "radicais" para lhes alterarem a significação e nela se trata a formação dos Nomes (pp. 122-147) e dos Verbos (pp. 147-149). Nas páginas dedicadas à derivação sufixal, o gramático apresenta para cada um dos sufixos uma descrição minuciosa e dá fartos exemplos, alguns com indicação da fonte¹⁵², optando Reinhardstoettner (1878) por listá-los segundo a forma latina, pois, como afirma, quer os sufixos "vocálicos", quer os "consonânticos" (iniciados, respectivamente, por vogal ou por consoante) são quase todos de origem latina, excepto, segundo o autor, *-arra* e *-orra*, de origem ibérica, e *-engo*, de origem germânica. A derivação dos verbos faz-se, segundo Reinhardstoettner (1878: 147), de duas formas: uma "directa", isto é, através da junção da terminação verbal *-ar* a um "tema" (por exemplo, *açoute* e *abbade* + *-ar* dão origem a *açoutar* e *abbadar*) e outra "indirecta", ou seja, através da junção de um sufixo derivacional, quer a nomes, quer a adjectivos, destacando-se como sufixos derivacionais verbais mais correntes, na opinião do autor, *-car* / *-gar* / *-ejar* (exs.: *salpicar*, *cavalgar*, *farejar*), *-ecer* (ex.: *enfraquecer*), *-entar* (ex.: *amamentar*), *-izar* (ex.: *favorizar*), *-iscar* (ex.: *mariscar*) e *-olar* (ex.: *cantarolar*). De salientar que, ao longo de todas as descrições efectuadas, o gramático estabelece constantemente não só o paralelo entre o latim e o português, como também entre este e as outras línguas românicas, ou "línguas irmãs", como lhes chama.

Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878: 91) afiança que o português é "riquíssimo de materiaes de derivação", a qual consiste na junção de sufixos para formar novas

¹⁵² Relativamente às obras de onde foram retirados exemplos, registre-se a predilecção do gramático pelos *Lusíadas*.

palavras, de que são exemplo "*leitor, leitura, lente, leitorado, leitoria, lectivo, lectorado*", formadas, segundo diz, a partir de *ler*. No entanto, no seguimento destes exemplos, separados por ponto e vírgula, aparecem *telegrapho, telegraphico, telegraphista, telegramma*, o que não deixa de ser significativo. Esta sequência tem a ver com o facto de o autor incluir simultaneamente na derivação a formação de palavras através da junção de elementos "eruditos", processo que aparece tratado nas outras gramáticas em análise na composição e que ainda hoje suscita problemas e hesitações quanto à sua inclusão numa ou noutra área (cf., por exemplo, Caetano, 1996: 517-528). Isto significa que, apesar de Silva Jr. (1878: 92) achar que se pode estabelecer uma separação entre a "linguagem vulgar" e a "linguagem científica e literaria", com base na procedência dos elementos que participam na formação dos vocábulos dos respectivos domínios, essa distinção, neste autor, deixa de ser relevante do ponto de vista dos processos morfológicos. Inclusive, o gramático argumenta que o recurso aos elementos latinos e gregos por parte dos "homens da ciência" são uma estratégia para "se fazerem entendidos facilmente" (Silva Jr., 1878: 92) e que esses elementos, embora sendo "materiaes de origem artificial", contribuem igualmente para o enriquecimento da língua comum, havendo casos, como em *petroleo, gazometro, telegrapho, photographia*, etc., em que se tornam "tão familiares como se fossem de origem popular" (Silva Jr., 1878: 92).

A derivação, segundo Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴: 331), é um processo de formação de palavras "pelo accrescentamento de um suffixo a um vocabulo primitivo (i. é, ao thema como signal de categoria grammatical) ou pela modificação de sentido", caso em que a derivação será "imprópria". Para estes autores, os sufixos podem ser de "formação popular" ("geralmente a mais antiga"¹⁵³) ou de "origem erudita", mas só os primeiros "entram na derivação propriamente portugueza", sendo frequente que à dupla forma corresponda muitas vezes uma "significação tambem dupla" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 332). No entanto, reconhecem que sufixos como *-ário, -al* e *-ista* (exs.: *escriptuario, instrumental, abolicionista*), embora de origem clássica "são hoje de uso vulgar, e estão,

¹⁵³ Os exemplos aduzidos pelos autores não sustentam eficientemente esta opinião (cf. Cunha [1982] 1987²: *justiça* XIII / *justeza* XVII; *primeiro* XIII / *primario* XVIII; *ração* XIII / *razão* XIII).

por assim dizer, nacionalizados e com força creadora" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 332).

Na opinião de Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 332), uma das principais funções do sufixo é a de, aquando da sua junção, contribuir para que "o derivado [tenha] sentido mais restricto que o primitivo", como por exemplo em *homenzarrão* (= homem grande). Em português, na derivação própria, formam-se, de acordo com estes gramáticos, substantivos derivados de substantivos¹⁵⁴, de adjectivos e de verbos, adjectivos derivados de substantivos, de adjectivos e de verbos, enquanto os verbos derivados¹⁵⁵ se formam de "substantivos, adjectivos primitivos, e de verbos simples" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 361), i.e., os sufixos caracterizam-se por intervirem e especificarem a categoria gramatical dos derivados. Tal como em Reinhardstoettner (1878: 147), Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 363) indicam que a derivação verbal pode ser mediata (exs.: *caval-g-ar*, *pulver-is-ar*) ou "pela simples addição ao thema, de flexão verbal: *cantar*, *pensar*. Para a derivação mediata conserva o portuguez quasi todos os suffixos latinos".

Depois de explicados e definidos os conceitos introdutórios, os autores consideram que, no que diz respeito aos sufixos, há três aspectos a ter em conta: "a fôrma de derivação (verbal ou nominal); a natureza ou emprego (substantivo, adjectivo, collectivos, nomes concretos ou abstractos, etc.); o sentido, porque os suffixos, como as palavras, têm a sua historia" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 335). Ou seja, na derivação sufixal, os aspectos formais, categoriais e semânticos devem ser estudados em conjunto. Em segundo lugar, alguns sufixos, na opinião destes gramáticos, "suppõem certas categorias de palavras", i.e., impõem uma selecção das bases, se bem que, "com o

¹⁵⁴ Dentro dos substantivos, os autores apontam também os que podem "formar-se vernaculamente de um facto historico: *abrilista*, *setembrista*, *cabralista*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 373).

¹⁵⁵ Para Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 373), a "exuberancia verbal data propriamente do seculo XVI", quer se trate de verbos "diminutivos ou frequentativos, quer inchoativos ou onomatopaicos, etc.: *barbear*, *entocar*, *catucar*, *chatinar*, *papaguear*, *feitorar*, *bispar*, *encaiporar*, *mordomear*, *macaquear*, *relojar* (de relógio, F. Man.), *velhaquear*, *tabaquear*, *cigarrar*, *cachimbar*, *pinotear*, *sapatear*, *caranguejar*, *engatinhar*, *judear*, *cacarejar*, *grugulejar*, *miar*, *telegraphar*, *telephonar...*; derivados de substantivos com uma syllaba prefixada ou intercalação de letra — *adoecer*, *amanhecer*, *envelhecer*, *ensurdecer*, *emmagreecer*, *cabrejar*, *trastejar*, *sandejar* (G. Vic.); derivados de verbos — *feitorisar*, *beijocar*, *berregar* (de berrar), *chupitar* (de chupar), *espanejar* (espanar), *aformosentar* (de aformosear)... *adocicar*, *escrevinhar*, *tremelhicar...*".

correr do tempo, porém, quando já na lingua existem muitas palavras formadas com o mesmo suffixo, e a lei já está esquecida por todos, formam-se derivados directamente analogos sem mais se indagar da fôrma thematica que lhes corresponde" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 336). Assim, em certos casos, para os autores, a regra que permite formar um derivado através da junção de determinado suffixo não mais seria "indagada", privilegiando-se, então, a formação analógica, posição que coincide com a de outros gramáticos históricos e também com algumas recentemente tomadas (cf., por exemplo, Basílio, 2002).

Os autores afirmam ainda que um mesmo suffixo pode ter "varios empregos" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 336), como em *inchaço* e *poetaço*, em que *-aço* se junta a bases de categoria gramatical diferente, e que existem certos suffixos cuja significação é modificada, como por exemplo, o suffixo *-alha*, que da acepção colectiva passou a ter "sentido pejorativo: *gentalha, canalha*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 336).

A terminar a descrição dos nomes formados por sufixação, os autores estudam os "Substantivos ethnicos, gentilicos e patronymicos"¹⁵⁶ e a "Derivação grega". Nesta, os gramáticos consideram que o português tomou do grego certos elementos de derivação que ocupam uma posição sufixal, mas "ajunta os suffixos tanto a radicaes gregos como a latinos e portuguezes", processo a que dão o nome de hibridismo e que afirmam ser usado sobretudo na medicina e na química (cf. Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 365).

Resta referir que, para Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 372), existem determinados suffixos que são "mais usados nas creações vernaculas", ou seja, que são, em português, mais produtivos, nomeadamente: "*-ada (limonada, chibatada), -aria (sapataria, cavallaria), -ade (irmandade, sujidade), -eiro (sapateiro, charuteiro), -ismo (abolicionismo, jornalismo), -ista (abolicionista, escravista), -agem (friagem, criadagem), -ão (escravidão, amarellidão) etc.*", no que diz respeito à formação de nomes, e o "suffixo *-oso* [que] foi, e é ainda, um dos mais productivos: *gostoso, buliçoso, teimoso, amargoso, feioso*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 372) na formação de adjectivos.

¹⁵⁶ "Nomes locais [que se] formam também de varias terminações" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 360).

A derivação, segundo António R. Vasconcellos (1900), "faz dimanar de palavra ou palavras, existentes na própria língua ou nas outras¹⁵⁷, uma nova palavra portuguesa", o que equivale a dizer que os derivados formam-se quer por "via popular", quer por "via litterária ou erudita" (A. R. Vasconcellos, 1900: 125). Na derivação popular, temos, segundo o autor, a derivação própria e a imprópria.

A anteceder a "Derivação própria", o autor efectua algumas "Observações gerais sobre os suffixos", em que classifica os sufixos portugueses (pp. 127-128) em três grupos: os que se usaram no português arcaico, mas que depois "decaíram e morreram", não sendo já usados para formarem novas palavras, "encontrando-se apenas em palavras de formação antiga"; os que são usados desde que o português existe "e ainda hoje vivem pujantemente"; por fim, aqueles que "origináram-se já na língua portuguesa. Os compreendidos nas duas primeiras classes viéram-nos na máxima parte do latim"¹⁵⁸.

O autor salienta ainda que, à semelhança de "outros elementos grammaticais, (...) com o decorrer dos séculos os suffixos têm-se modificado", modificações que "não só atingiram a forma externa, mas até a significação" (A. R. Vasconcellos, 1900: 128). No primeiro caso, teríamos, segundo o autor, o sufixo *-ense* (do lat. *-ensem*), que, "em virtude das leis phonéticas¹⁵⁹, veio a dar o suff. de transição *-ens* e depois *-ês*, conservando-se a primitiva forma apenas no uso litterário" (A. R. Vasconcellos, 1900: 128)¹⁶⁰ e, no segundo, o sufixo *-ito* que da acepção diminutiva, "sem trazer qualquer

¹⁵⁷ Entenda-se por outras línguas o latim e o grego.

¹⁵⁸ Para exemplificar, A. R. Vasconcellos (1900: 128) refere os sufixos *-onho* (*enfadonho, medonho, risonho, tristonho*) que "hoje não se emprega já nas derivações novas"; o sufixo *-ário* ("ant. *-airo* e mod. *-eiro*"; exs.: *estatuário, herbário, ferreiro, açucareiro*), "existe desde todo o princípio, vindo-nos já do latim, e ainda hoje continua vivendo, empregando-se em novas derivações" e o sufixo *-ejar* que "é de origem portuguesa, não sendo mais do que um desenvolvimento do suff. *-ear*: *bracejar, gracejar, dardejar, voejar*. Entretanto alguns verbos terminados em *-ejar* derivam de nomes em *-ejo*, com o suff. verbal *-ar*".

¹⁵⁹ A. R. Vasconcellos (1900: 129) não descreve exhaustivamente as "regras phonéticas, que se observam na adjunção dos suffixos às palavras", nem apresenta uma lista completa "dos principais suffixos usados na nossa língua", por considerar que de tal se deverão já ter ocupado as gramáticas "para uso dos alumnos do curso geral".

¹⁶⁰ Exemplos: *mirandense* → *mirandens* → *mirandês*; *portucalense* → *portugalens* → *portugalês* → *portugaês* → *português*.

Cf., na Parte II, o estudo do sufixo *-ense* / *-ês*, onde se incluem muitas formas em *-ense* que são [-lat].

idéa accessória depreciativa (como ainda hoje sucede no espanhol, ex. *señorito*); mais tarde modificou-se-lhe a significação, desenvolvendo-se esta idéa accessória, como em *quartito, livrito, mulherita*" (A. R. Vasconcellos, 1900: 128). Assim, segundo o gramático, o nosso sistema sufixal adquiriu com o passar dos tempos especificidades próprias, distintas das do sistema de sufixos latinos em que se originaram.

Quanto à autonomia ou não autonomia dos sufixos, o autor rejeita que eles sejam "palavras isoladas, com significação independente, exprimindo uma idéa ou uma imagem própria. Elles não passam de outras tantas fórmulas gerais de idéas abstractas. A língua, encontrando-os nesta ou naquella palavra, destaca-os para os juntar a outras palavras análogas na fórma; o suffixo junta à significação destas palavras a idéa accessória que havia nas outras" (A. R. Vasconcellos, 1900: 128). Repare-se que, apesar de este autor também defender que, em certos casos, os derivados se formam analogicamente, isso não significa uma sintonia com o que foi afirmado por M. Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴: 336), uma vez que para estes, como vimos anteriormente, quando já existe um número considerável de derivados formados com o mesmo sufixo "formam-se [outros] derivados directamente analogos sem mais se indagar da fórma thematica que lhes corresponde", enquanto em A. R. Vasconcellos (1900) a analogia resulta do facto de as palavras que dão origem aos novos derivados serem "análogas na fórma".

O gramático não deixa também de sublinhar a perda de produtividade de certos sufixos, a qual se verifica, na sua opinião, quando no derivado se perde a ideia secundária expressa pelo sufixo; se esse fenómeno se estende a todas as palavras em que entra determinado sufixo, então "os derivados absorvêram o suffixo, e este perde a existência, morre, isto é, não mais volta a ser empregado em futuras derivações" (A. R. Vasconcellos, 1900: 129).

Outro aspecto realçado a propósito dos sufixos é o da recursividade sufixal, que o autor explica como a sobreposição de "uns suffixos a outros por adjuncções successivas" (A. R. Vasconcellos, 1900: 129), como, por exemplo, em *constitucion-al-issima-mente* e *medicament-osa-mente*¹⁶¹.

¹⁶¹ Segmentações efectuadas pelo autor.

Na "Derivação erudita"¹⁶², o autor fornece vários exemplos e lista os vários sufixos latinos e gregos que passaram para o português, como *-áceo*, *-tório*, *-ato* e *-ado*, *-ía*, *-ico*, *-íno*, *-idade*¹⁶³, *-ísmo*, *-êscio*, *-io*, *-ncia* e *-nça*, *-ulo* (do latim) e *-ía*, *-ico*, *-íte*, *-óse* (do grego), entre outros, e considera que "a nova palavra portuguesa derivada do latim ou do grego deve reproduzir um typo latino ou greco-latino, afeiçoado à índole da língua portuguesa"¹⁶⁴ (A. R. Vasconcellos, 1900: 130).

Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 202-203) define a derivação como o "processo pelo qual de um *thema commum* se fórma uma serie de vocabulos pela adjuncção de certas *syllabas finaes*, denominadas *suffixos*", processo derivativo que distingue do da derivação imprópria, por neste não estarem envolvidos sufixos.

Explicitando que se reporta a Darmesteter¹⁶⁵, o gramático declara que os sufixos "não são palavras, não se empregam isoladamente, não exprimem só por si uma idéa, uma imagem, são formulas geraes de noções abstractas, que a lingua separa das palavras em que as encontra, e as ajuncta a outras palavras de fórma analogá, de modo tal que se alarga mais ou menos o seu alcance" (Pereira [1916] 1935⁹: 203). Nesta concepção darmesteteriana estão envolvidas duas questões teóricas importantes: 1) os sufixos não têm existência autónoma, característica que é frequentemente apontada para os distinguir de alguns prefixos, eles são o que, mais tarde, na acepção bloomfieldiana,

¹⁶² Segundo A. R. Vasconcellos (1900: 130), "Desde todos os principios do português a gente erudita e litterata recorreu ao latim para satisfazer as deficiências do vocabulário; primeiro ao baixo latim, e mais tarde, aí pelo século XV, quando se familiarizáram mais com os escriptores da antiga Roma, foi ao latim clássico que recorrêram. Desde então até hoje não deixou de se fazer uso, em mais ou menos larga escala, desta fonte. Não succedeu o mesmo com o grego. Durante a edade média desconheceu-se quasi completamente esta língua, e nem as letras do alphabeto se entendiam. (...) Foi no século XV que entre nós começou a ser conhecido o grego; no XVI os litteratos da renascença familiarizáram-se com elle, e desde então é que principiou a recorrer-se a esta fonte, para della se derivarem novas palavras".

¹⁶³ Repare-se que a forma apontada para o sufixo é *-idade* e não *-dade*, contrariamente ao que era e é comum à maior parte dos autores de gramáticas. Cf. a descrição deste sufixo, na Parte II.

¹⁶⁴ Na perspectiva do autor, formas, como por exemplo, *pontual*, *crustáceo*, *substituível*, do latim "*punctualis* ← *punctum* + *alis*, *crustaceus* ← *crusta* + *aceus*, *substituibilis* ← *substituo* + *ibilis*", ter-se-ão amoldado à "índole da língua portuguesa", enquanto *nevrose*, do grego, contraria essa índole, devendo preferir-se *neurose* (A. R. Vasconcellos, 1900: 130).

¹⁶⁵ Pelas palavras de Pereira ([1916] 1935⁹: 203), em tudo coincidentes com as de A. R. Vasconcellos (1900: 129), somos levados a supor que o segundo omitiu a fonte.

viria a ser designado como formas presas; 2) é através de um mecanismo analógico-estrutural que novas palavras são formadas¹⁶⁶.

Pereira ([1916] 1935⁹: 204) sustenta ainda que, além de não possuir autonomia, "o valor significativo do suffixo é vago, é uma noção geral abstracta, porém unido ao thema de uma palavra assume valor positivo", i.e, numa palavra complexa, o "thema" é portador de uma significação principal, significação a que o suffixo acrescenta outra.

Como a "idéa secundaria expressa pelo suffixo póde ser de nome, verbo ou adverbio", o gramático classifica os suffixos em nominal ou "nomital" (aquele que permite formar um substantivo ou adjectivo, como por exemplo *-eiro*), verbal ou "vernal" (o que forma verbos, como por exemplo *-ejar*) e adverbial (o suffixo *-mente*).

Pereira ([1916] 1935⁹: 204) considera que os derivados podem, por sua vez, dar origem a outro ou outros derivados, quando "a uma palavra derivada se ajuncta 2.º e 3.º suff. tornando-a derivada em 2.º e 3.º grau: *bon + dade, bondad + oso, bondadosa + -mente*", exemplos ilustrativos da recursividade sufixal.

De acordo com o autor, existe sinonímia entre suffixos "quando estes communicam ao thema o mesmo valor especifico, como acontece com os suff. *-ano, -ense, -ez, -eiro: sergipano, sergipense, portuguez, brasileiro*" (Pereira [1916] 1935⁹: 204) e, frequentemente, um mesmo suffixo pode ter "diferentes valores significativos, como, p. ex: *-eiro* em *pedreiro, tinteiro, limoeiro*" (Pereira [1916] 1935⁹: 204-205).

À semelhança de outros gramáticos, para este autor os suffixos podem "ser populares e eruditos, conforme fôr o voc. derivado de formação popular ou erudita, p. ex.: *-eiro* e *-ario (ferreiro e estatuario)*" (Pereira [1916] 1935⁹: 205) e enquanto os primeiros são, em regra, produtivos, pois "formam classe numerosa de palavras", os "suffixos eruditos" limitam-se, muitas vezes, "a um derivado (*casebre, corpanzil*), ou a um numero restricto (*corpusculo, particular, minusculo, etc.*)" (Pereira [1916] 1935⁹: 205).

Em determinados contextos, o autor observa que a junção do suffixo desencadeia algumas modificações, nomeadamente quando se dá a queda da vogal átona em final de palavra (ex.: *guerreiro*, de *guerr-a*) ou quando para "evitar o hiato com a vogal inicial

¹⁶⁶ Pereira ([1916] 1935⁹: 203) dá como exemplo os nomes em *-eza*: "o suffixo *-eza* tinha em lat. a fôrma *-itia*, em palavras como *largitia*, que deu em portuguez *largueza*, e as syllabas *-eza*, segregadas de palavras desta classe, ajunctaram-se analógicamente ao thema de muitos outros adjectivos, que em lat. tinham tal terminação, como *rudeza, belleza, firmeza, clareza*. E assim *-eza* tornou-se em port. um suffixo productivo, para se formarem de adjectivos, substantivos abstractos".

do sufixo, [se] insere uma consoante *euphonica* (t, z, ou l)" (Pereira [1916] 1935⁹: 205), como em *café-z-al*, *café-t-eira* e *cha-l-eira*.

Para além dos sufixos de origem latina, o gramático descreve outros que "por intermédio da baixa latinidade, nos vieram de fonte estrangeira" (Pereira [1916] 1935⁹: 206), como *-ismo*, *-ista*, *-izar* e *-ia* do grego, *-engo*, do alemão, e *-orro*, do basco.

Em "Origem e valor dos sufixos", o gramático lista e descreve os sufixos nominais, os verbais e o sufixo adverbial *-mente* e fornece abundantes exemplos, especificando que, no caso da derivação verbal, esta "póde ser simples ou complexa" (Pereira [1916] 1935⁹: 216) (exs.: *fumar*; *forc-ej-ar*), designações sinónimas das de derivação verbal mediata e imediata em Reinhardstoettner (1878: 147) e em Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 363).

De todos os processos de formação de palavras, a sufixação é o "mais rico", no entender de Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 61). Ao proceder ao estudo dos sufixos, o autor subdivide-os em nominais (pp. 61-74) e verbais (pp. 74-75), classifica-os como "partículas", por oposição às palavras (cf. Mota [1916] 1937⁸: 80), faz referência aos fenómenos desencadeados pela junção do sufixo à base, como a "queda da vogal *thematica* e, às vezes, de mais outra vogal que lhe ficava unida" (Mota ([1916] 1937⁸: 61), salientando também a existência de recursividade sufixal, como por exemplo em *casinholinha* (cf. Mota ([1916] 1937⁸: 61).

Segundo afirma José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 358), pela derivação, a língua "ou conserva a palavra herdada, mas com função diversa da que até então desempenhara, ou cria termos, novos pela sua estrutura e significação, embora, na sua maioria, velhos na sua ideia básica; no primeiro caso a derivação é imprópria; no segundo dá-se a derivação propriamente dita ou própria".

Na derivação própria, de todos o processo mais rico, de acordo com o gramático, adicionam-se "aos radicais¹⁶⁷ existentes certos elementos, que podem constar de uma ou mais sílabas, chamadas sufixos, os quais vão modificar-lhes a significação" (Nunes

¹⁶⁷ O conceito de radical em Nunes ([1919] 1989⁹: 362) engloba os de raiz e tema. O autor designa por radical a "parte da palavra derivada que resta depois de eliminado o sufixo". Por exemplo, em *choroso*, "o radical (*chor-*) é ao mesmo tempo raiz" e em *choradeira*, o radical é o tema *chora-*.

[1919] 1989^o: 361), ou seja, a derivação própria é, neste, tal como noutros gramáticos históricos, sinónimo de sufixação.

O autor distingue os sufixos "mortos" (alguns sufixos latinos que perderam vitalidade, como por exemplo, *-ulus* ou *-lus*, *-trum*, *-brum* e *-ucus*, tendo sido suplantados por outros), dos sufixos "vivos" (os que mantiveram no romance a vitalidade que já possuíam em latim, como por exemplo, *-ale*, *-tura*, *-ata*, *-itia*, *-ura*) e adianta que são duas as condições indispensáveis da produtividade sufixal: em primeiro lugar, sufixo e base devem ser perfeitamente isoláveis e apresentarem cada um "ideias bem claras, bem nítidas e distintas" (Nunes [1919] 1989^o: 362); em segundo lugar, um sufixo "vivo", tal "como qualquer palavra independente, [carece] de possuir um acento seu; de contrário, ou desaparece, o que é o caso mais geral, ou é substituído por outro" (Nunes [1919] 1989^o: 363)¹⁶⁸.

Na derivação própria, o autor faz ainda outras observações relacionadas com aspectos formais e semânticos:

1. em geral, os sufixos possuem a mesma significação que já tinham em latim, juntando-se, igualmente, ao mesmo tipo de bases. No entanto, nalguns casos, houve um "desenvolvimento da [ideia] principal", como em *-dor*, do latim *-tor*, que, para além da noção de agente, "tomou também o sentido de meio ou instrumento e lugar" (Nunes [1919] 1989^o: 363);

2. o sufixo ao juntar-se ao "radical" pode desencadear várias "modificações" ("fenómenos de natureza fonética"), sobretudo quando a base termina em vogal e o sufixo se inicia por vogal, como por exemplo: a) queda da vogal final da base; b) alterações da vogal final da base (ex.: *prometi-mento*); c) introdução de um infixos entre a base e o sufixo (exs.: *chá-z-ada*, *mão-z-inha*¹⁶⁹; *narig-udo*, *perdig-oto*, *rapag-ão*, etc.).

¹⁶⁸ De acordo com o autor, os poucos sufixos átonos que subsistem encontram-se em palavras herdadas e têm "significação imprecisa" (Nunes [1919] 1989^o: 364).

¹⁶⁹ Para Nunes ([1919] 1989^o: 364), "de se ter considerado erradamente o *-z-* como fazendo parte do sufixo, proveio a existência de *-zinho*, *-zarrão*, ao lado de *-inho* e *-arrão*, como se vê por exemplo, em *flor-z-inha*, *mulher-z-inha* (a par de *flor-inha*, *mulher-inha*), *can-zarrão*, *doid-arrão*, *cor-zinha*, *so-zinho* e pop. *ruin-zão*, *mau-zão*, etc. Este *-z-* parece dever a sua origem a *-cinus* em que entrou por analogia com *-cellus* e donde mais tarde se separou, ficando uma espécie de consoante de ligação; cf. *Meyer-Lübke*, II, 438. Também se intercalou um *-t-* em *cafeteira*, um *-l-* em *chaleira*, um *-r-* em *quintarola*, etc."

3. certos nomes formam-se "não sobre a actual forma do radical", mas com base na forma antiga, como *parvo-íce, campa-inha, fonte-inha* (de *parvoo, campãa e fontãa*, segundo o autor; cf. Nunes [1919] 1989^o: 364);

4. Nunes ([1919] 1989^o: 364) assinala que, por vezes, "ao lado dos derivados, provenientes já do latim, existem outros formados dentro da língua; dá-se isso especialmente com alguns oriundos de participios fortes, os quais foram substituídos por outros tirados do infinitivo", como em *fei-tor / faze-dor, lei-tor / le-dor, rei-tor / rege-dor, pre-ssor / prende-dor, ro-tura / rompe-dura*. Note-se que, se retivermos a noção de produtividade estabelecida pelo autor, nos primeiros exemplos ocorrem sufixos já "mortos", não podendo ser chamados de derivados os vocábulos "provenientes já do latim";

5. nalguns casos, assiste-se a uma permuta de sufixos, "ou porque os seus sons se confundem, ou pela influência que uns exercem noutros, ou ainda pela preferência que em certos casos o povo deu a uns em detrimento de outros" (Nunes [1919] 1989^o: 367)¹⁷⁰, noutros encontramos sufixos sinónimos, como por exemplo *-ame, -ada, -edo, -al* (*raiz-ame, raiz-ada, raiz-edo, oliv-edo, oliv-al*), com a acepção de colectivo;

6. embora não seja frequente (o autor serve-se de um único exemplo), pode ainda assistir-se à "queda do sufixo", passando a palavra de derivada a simples, como "no actual *aço*, cuja primeira forma foi *aceiro*, em harmonia com o étimo **aciariu-*, derivado de *acies*, do qual ainda outras línguas românicas oferecem representantes" (Nunes [1919] 1989^o: 368);

7. tendo em conta que, para Nunes ([1919] 1989^o: 368), "todos os sufixos podem ser constituídos por um ou mais elementos e entrar na formação de nomes (substantivos e adjectivos) e verbos", o autor subdivide-os em "simples e compostos"¹⁷¹ e nominais e verbais", separando-os também de acordo com a origem (latina e "outras proveniências").

¹⁷⁰ Nunes ([1919] 1989^o: 367) exemplifica com os derivados "*trist-eza, crue-eza, firm-eza*, etc." e "*rapid-ez, dobr-ez*, etc., nos quais o sufixo *-ítia* foi substituído por *-ítie*" e ainda com os sufixos *-inho, -ino* e *-im*, em "*menino, tamanino, pequenino*, etc." (Nunes [1919] 1989^o: 367-368).

¹⁷¹ "Estes podem ser tais de origem ou procederem da reunião posterior de outros, que já tinham vida independente; estão no 1.º caso, por exemplo, *-deiro, -douro, -dura*, etc. no 2.º, o antigo *-elinho*, próprio dos diminutivos, como *Soutelinho, eigreijelinha, mancebelinho*, etc." (Nunes [1919] 1989^o: 368).

Na "Formação Literária", o autor trata a derivação segundo os modelos latino e grego, salientando que "estes vocábulos vivem em um meio restrito; para o povo continuam a ser desconhecidos, mas, se por vezes, pelo contacto das duas línguas, a popular e a literária, chegam a penetrar no povo" (Nunes [1919] 1989^o: 399), este, por não os compreender, "aproxima-os de sons que já lhe são usuais e dá-lhes forma diversa da que têm na boca da gente ilustrada", processo a que se dá o nome de etimologia popular (exs.: *clipes*, *frosques*, *encolco*, etc., por *eucalipto*, *fósforos*, *incógnito*, etc.). Os vocábulos de origem literária têm a particularidade, de acordo com o autor, de manterem "intacto alguns dos sufixos de que a popular já se utilizara, como: -aecu-, -ale-, -ariu-, -tor-, -toriu-, -tura-, -tate-, -tu-, -ntia, etc." (Nunes [1919] 1989^o: 400) e contribuirão também para a formação ou retomar de outros sufixos que "pela sua qualidade de átonos, não tinham sido aproveitados" (Nunes [1919] 1989^o: 401), como -io (exs.: *alumínio*, *sódio*), -ico (*magnífico*, *jurídico*) e -ulo ou -culo, (*óvulo*, *corpúculo*, *pedúnculo*)".

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 229), que como observámos anteriormente trata a prefixação e a sufixação na derivação própria, define os sufixos enquanto "elementos formativos" que ocorrem "no fim do vocábulo derivante (geralmente com a supressão prévia da terminação dêste)", o qual adquire "sentido nôvo, referido contudo ao significado da palavra primitiva (...) e o processo de formação toma o nome particular de derivação sufixal".

Para além de rejeitar a inclusão da prefixação na composição, Ali ([1931] 1964³: 230) rejeita igualmente o facto de alguns gramáticos considerarem que o estudo da derivação imprópria (ou o "enriquecimento do vocabulário sem auxílio de elementos formativos") faz parte da derivação, pois, segundo afirma, "a mudança de sentido e de função que sofrem as palavras, examina-se em outras partes da gramática, e, a dedicar-se uma parte especial a tão interessante assunto, deverá denominar-se semântica e não derivação" (Ali [1931] 1964³: 231).

O gramático chama oportunamente a atenção para a dificuldade, por vezes, existente em estabelecer uma relação transparente entre a palavra derivada e a palavra primitiva, sobretudo quando, decorrente da "evolução de forma e sentido, (...) surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa

científica" (Ali [1931] 1964³: 231), dando como exemplos *esquecer* e *receber*¹⁷². Mas o método de ascender às mais remotas origens apresenta, segundo Ali ([1931] 1964³: 231), alguns problemas, uma vez que "o sentimento de linguagem é fator essencial, sem o qual as formas e criação de palavras perderiam sua significação. E muito de levar em conta é êsse sentimento se, diversificado da língua-mãe, aparece desde a constituição do nôvo idioma e assim se conserva até os nossos dias". Ali ([1931] 1964³) reclama, deste modo, que, quando formas como *esquecer* e *receber*, sincronicamente, já não são decomponíveis, devem ser consideradas palavras simples, embora se deva indicar que, numa fase mais antiga, eram derivadas.

Na "Derivação Sufixal", o autor procede a um levantamento e descrição de grande fôlego dos sufixos formadores de "Substantivo e Adjetivo" e de "Verbos": fornece as indicações etimológicas de sufixos e de alguns derivados, estuda as diferentes significações que os sufixos transmitem às bases, aponta os casos em que se verificam alomorfas e dá variadíssimos exemplos, remetendo para as fontes de onde foram retirados.

Apesar de no âmbito do meu trabalho não me ocupar da derivação regressiva, não posso deixar passar em branco as observações que Said Ali faz a propósito deste processo, pois elas estão relacionadas com a derivação sufixal, evidenciando o contraste entre algumas tendências do português antigo e do actual. Para Ali ([1931] 1964³: 256), o processo da derivação regressiva¹⁷³ já era usado em latim, "sobretudo na linguagem vulgar" e, em português, é igualmente na "linguagem popular" que ele se manifesta de forma mais evidente, dando origem a substantivos "deverbais ou pós-verbais, ou simplesmente, substantivos verbais". O gramático assinala que "nas obras escritas em

¹⁷² Apesar de ambos serem tidos como verbos primitivos que estiveram na base de outros derivados (ex.: *esquecimento*), o primeiro é "alteração de *escaecer* e palavra derivada, em última análise, de *caer*, forma antiga de *cair* (...) [o segundo,] para quem fala e pensa em português, é outro verbo primitivo; se lhe lembrarem que *re-* é elemento formativo, objetará que não existe nenhum verbo *ceber*. O lingüista analisa de outro modo e, deixando o português, remonta ao latim para decompor o dito verbo em *re* + *cipere* < *re* + *capere*" (Ali [1931] 1964³: 231).

¹⁷³ Por este processo, segundo o autor, obtém-se "a palavra nova, não por adição, mas por subtração do elemento formativo. Dá-se êste fenômeno por um êrro de raciocínio. O termo preexistente é realmente primitivo, mas produz a impressão de ser derivado por causa da sua semelhança com outros vocábulos que, por sua vez, são derivados; e assim vai-se-lhe criar um suposto termo derivante à guisa dos derivantes destoutros vocábulos" (Ali [1931] 1964³: 256).

português antigo nota-se a falta de muitos [substantivos deverbais] admitidos em português moderno. É possível que a produtividade se tenha manifestado mais fortemente do século XVI para cá"¹⁷⁴. De acordo com o autor, a escassez dos deverbais em fontes documentais do português antigo dever-se-á "à circunstância de se considerarem muitos dêesses vocábulos como expressões demasiadamente plebéias"¹⁷⁵, o mesmo acontecendo ainda hoje.

Na formação nominal por meio de sufixos, Joseph Huber ([1933] 1986) subdivide os sufixos em vocálicos e consonânticos e em átonos e acentuados. Embora reconheça que os sufixos acentuados são de longe mais produtivos, o autor aponta os sufixos átonos *-a* e *-o* e *-a* e *-o* / *-e* como elementos que entram "na formação de palavras novas": os primeiros participam na formação do feminino e do masculino, tipo de formações que, nas outras gramáticas, são tratadas dentro da Flexão e que o autor também já aí havia tratado¹⁷⁶ e os segundos na "formação dos pós-verbais" (exs.: *erro* — *errar*, *fala* — *falar*; *conforto* / *conforte* — *confortar*) (cf. Huber [1933] 1986: 272). Supostamente, nestes casos, o autor não estabelece a distinção entre Flexão e Derivação e entre Derivação Própria por Sufixação e Derivação Regressiva.

Na formação verbal, Huber ([1933] 1986: 276-277) aponta como "formações novas os verbos em *-ear* e *-ejar*", salientando que o sufixo verbal mais produtivo no português antigo, o "que originou grande quantidade de verbos novos, é *-ecer*", o qual serve para formar essencialmente verbos parassintéticos, embora tal não seja referido.

Na "Morfologia", Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²: 21) interessa-se sobretudo pelas "diferenças morfológicas entre o português de Portugal e o do Brasil", considerando que são dois os processos de enriquecimento do léxico, i.e., derivação e

¹⁷⁴ Esta afirmação parece corroborar a análise que propus para os derivados em *-mento* (cf. Caetano (2002), bem como a descrição deste sufixo, efectuada na Parte II, em que procurei demonstrar que as formas em *-mento* foram tendencialmente substituídas por derivados regressivos (cf., por exemplo, *aballamento* (XV) / *abalo* (1562); *avysamento* (XIV) / *aviso* (1572); *enterramento* (XIII) / *enterro* (XVII); *outorgamento* (XIII) / *outorga* (1813); *repousamento* (XV) / *repouso* (XVI)).

¹⁷⁵ "Tendo o substantivo *almoço* produzido o verbo *almoçar*, o povo regressivamente criou de *jantar* o substantivo *janta*, termo não empregado pelos que timbram em falar "corretamente" (Ali [1931] 1964³: 256).

¹⁷⁶ Cf., em Huber ([1933] 1986: 168-169), na "Parte II: Morfologia", a "Formação do feminino".

composição. Segundo o autor, "pela derivação, vemos quanto está a nossa morfologia ligada ao latim. Os prefixos e sufixos muito pouca modificação sofreram quer quanto à forma, quer quanto ao sentido" (Martins [s.d.] 1937²: 23). No entanto, esta afirmação virá a ser contrariada, quando Martins ([s.d.] 1937²: 69) refere, a propósito de sufixos diminutivos e aumentativos, que o "português, adulterando sufixos latinos tanto na forma como no sentido, recebendo das línguas irmãs uns e formando outros, enriqueceu-se com um número extraordinário de sufixos graduais", os únicos que trata desenvolvidamente, como por exemplo *-ão* para o aumentativo e *-inho* para o diminutivo.

De acordo com Francisco Martins Sequeira ([1938a] 1959³: 152), a "Derivação própria" é "sem dúvida, o processo mais fecundo de renovação vocabular, a qual se obtém juntando sufixos a uma palavra primitiva (*form-al*), a uma palavra composta (*informa-ção*), ou mesmo a uma palavra já portadora de um sufixo aglutinado (*form-al-mente*)". Ou seja, este gramático inclui unicamente na derivação própria o estudo da sufixação, considerando a prefixação, como já havia sido referido, uma forma de composição. Nesta *Gramática Histórica*, o tratamento conferido aos sufixos, incluindo a recursividade sufixal ou "aglutinações", na terminologia do autor, não é minucioso, para o que se remete para a outra obra da sua lavra, a *Gramática de Português* (Sequeira, 1938b), que analisarei depois desta.

Na *Gramática Histórica*, o autor limita-se a descrever os "sufixos mortos" (aqueles que "já não servem para novas derivações e apenas se encontram, já imobilizados, em palavras como *familiar, regular, medonho, tristonho, risonho, enfadonho, Paçô, Mosteirô, Soutelo, Fontelo*") e os "outros, muitas dezenas [que] continuam dotados da mais fecundante vitalidade, aptos a continuar a renovação constante do vocabulário" (Sequeira [1938a] 1959³: 151). Estes últimos tanto podem ser "populares", ("como *-eiro, -oso, -ista, -inho, -ar* (de verbos)"), como "eruditos" ("como *-ário, -ense, -áceo*; latinos, como *-nte, -ismo, -ino, -udo*, outros, gregos, como *-ite, -ose, -tono, -óide*") (Sequeira [1938a] 1959³: 152).

Repare-se que, de entre os sufixos considerados "mortos", o gramático lista *-onho*, o qual é perfeitamente segmentável nos exemplos apresentados, em que *-onho* se junta a adjectivos e substantivos (*medo, triste; riso, enfado*) para formar adjectivos (*medonho, tristonho, risonho, enfadonho*), não constituindo a sua identificação qualquer problema, critério que é muitas vezes usado por outros gramáticos quando se trata de

assinalar a não vitalidade (ou a "morte") de determinado sufixo. Para além disso, todos estes adjectivos em *-onho* foram formados em português (cf., por exemplo, Cunha [1982] 1987²).

Na *Gramática de Português*, Francisco Martins Sequeira classifica as palavras quanto à "proveniência" em "primitivas" e "derivadas" e quanto à estrutura em "simples" e "compostas" (Sequeira, 1938b: 32).

As palavras simples, de acordo com o autor, "constam de um só elemento e traduzem, por conseguinte, uma só idéa, como *ler, vara, útil*", enquanto as "compostas" "constam de elementos da combinação de cujos significados resulta uma nova idéa, mais ou menos relacionada com a dos componentes como em *tresler, varapau, mãi-pátria, inútil*" (Sequeira, 1938b: 92). Dado que os exemplos apresentados pelo gramático para ilustrar palavras de estrutura "composta" só contemplam algumas formadas por prefixação e por composição, fica-se sem saber ao certo qual entende ser o tipo de estrutura de um derivado sufixal.

Na derivação própria, o gramático começa por afirmar que "aglutinando um sufixo, [o vocábulo] varia de significação" (Sequeira, 1938b: 92), passando depois às distinções entre "sufixos mortos" e sufixos que "continuam dotados da mais fecundante vitalidade, aptos para continuar no renovamento do vocabulário" (Sequeira, 1938b: 94) e entre sufixos "populares" e "eruditos". Descreve, ainda, as várias "modificações" resultantes da adjunção dos sufixos e classifica os sufixos em nominais¹⁷⁷, verbais e adverbiais, conforme sirvam para a derivação de nomes (substantivos e adjectivos), de verbos ou de advérbios, sendo todos eles objecto de uma análise detalhada e encontrando-se agrupados sob várias paráfrases (quinze para os sufixos nominais, cinco para os verbais e o sufixo adverbial *-mente*)¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Dentro destes são igualmente estudados os aumentativos e diminutivos, os quais, noutras gramáticas, são frequentemente tratados em separado.

¹⁷⁸ Cf. Sequeira (1938b: 96 e ss.): "a) Sufixos nominais: 1) Colecção, abundância, aglomeração (exs.: *-aria, -edo*); 2) Aumento, grandes dimensões, depreciação (exs.: *-ão, -aço*); 3) Diminuição, pequenez, depreciação (exs.: *-inho, -ejo*); 4) Profissão, agente, lugar onde se encontra o objecto (exs.: *-ário, -eiro, -deiro*); 5) Nomes de plantas tiradas do nome dos frutos (ex.: *-eiro*); 6) Nomes de acção, resultado de acção, duração, aglomeração, referidos ao nome de que derivam (ex.: *-ada*); 7) Nomes abstractos de estado ou de qualidade, correspondentes aos adjectivos de que se faz a derivação (exs.: *-ura, -eza*); 8) Agente da acção expressa no verbo primitivo (exs.: *-dor, -nte*); 9) Nomes de acção ou resultado da acção

A definição de derivação de Ismael Coutinho (1938: 54) abrange quer o conceito de derivação própria quer o de imprópria, tratando-se, para este gramático, do "processo pelo qual de uma palavra já existente se forma outra ou outras. É um meio comum de que se utiliza a língua para aumentar o seu património léxico. As palavras novas, assim formadas, tomam a denominação de derivadas; as que lhes dão formação, recebem o nome de primitivas. A derivação pode ser própria e imprópria. [A primeira] é o processo que consiste na formação de um vocábulo novo com o auxílio de sufixo", por oposição à derivação imprópria, em que não há posposição de sufixos, mas sim alteração de categoria gramatical.

Coutinho (1938: 54) rejeita a opinião de que os sufixos tenham sido originariamente palavras isoladas "que, à força de serem usadas junto de outras, perderam, com o tempo, a independência fonética. O que parece averiguado é que eles não passam às vezes de elementos desagregados das palavras, que a língua junta a outras análogas na forma, para constituir os novos termos", deixando implícito três aspectos: os sufixos não têm existência autónoma; as novas palavras formam-se por analogia com outras já existentes; aquilo que o falante tem competência para reconhecer são as bases e não os sufixos.

Coutinho (1938: 54-55) refere ainda que muitas palavras originariamente sufixadas, ao passarem do latim ao português, "já não despertam a memória de que contêm sufixos. Estão neste caso: *telha* < *tegula*, *gralho* < *graculu*, *avô* < **aviolu*, *macho* < *masculu*, *ovelha* < *ovicula*, etc..." e, apesar de o autor não o explicitar,

e estado, tirados do verbo de que derivam (exs.: *-ção*, *-mento*); 10) Nomes de instrumento, meio, lugar da acção significada pelo verbo de que se faz a derivação (exs.: *-douro* / *-doiro*, *-agem*); 11) Nomes de acção, estado, meio, instrumento, relativos ao verbo de que derivam (exs.: *-tura*, *-dura*); 12) Exemplificação de sufixos gregos (exs.: *-ite*, *-ose*); 13) Nomes de naturalidade, origem (exs.: *-ano*, *-ense*); 14) Adjectivos que designam aptidão, tendência, estado, em relação ao verbo de que se tiram (exs.: *-vel*, *-nte*); 15) Adjectivos que tiram a qualidade do substantivo ou doutro adjectivo, de que se formam (exs.: *-onho*, *-esco*); b) Sufixos verbais: 1) Verbos que exprimem idéias mui diversas, consoante os nomes a que o sufixo se apõe (exs.: *-ar*, *-ear*); 2) Verbos *frequêntativos* ou *iterativos*, procedentes de nomes e de outros verbos (exs.: *-ejar*, *-itar*); 3) Verbos de acção pouco intensa (*deminutivos*), derivados de outros verbos (ex.: *-icar*); 4) Verbos *causativos*, os quais exprimem que o sujeito força outrem a praticar a acção expressa pela raiz ou dão certa qualidade a um objecto (exs.: *-entar*, *-izar*); 5) Verbos *incoativos*, que designam comêço da acção ou passagem para outro estado (ex.: *-ecer*); c) Sufixo adverbial (ex.: *-mente*)".

pressupõe-se que não devem ser analisadas como derivadas, mas sim como palavras "primitivas".

Uma das causas apontadas por Coutinho (1938: 55) para a queda de produtividade de determinados sufixos prende-se com o facto de não terem "acentuação própria", o que contribuiu para o seu desaparecimento, tendo sido suplantados pelos sufixos tónicos.

Para o autor, a maioria dos sufixos são oriundos do latim, mas nem todos "passaram ao português. (...) Estas partículas conservam entre nós, em regra, a mesma significação que tinham em latim. Não raro, porém, ao sentido primitivo ajuntaram outro, como desenvolvimento natural daquele" (Coutinho, 1938: 55), ou seja, quando passaram para o português, grande parte dos sufixos latinos terá sofrido uma extensão de significação.

Os sufixos, em Coutinho (1938: 55), para além do adverbial *-mente*, podem ser nominais¹⁷⁹ e verbais, os quais, ao juntarem-se ao "radical", podem "determinar nêle alguma modificação", como sejam "variações (...) da letra inicial do sufixo ou da final do próprio radical" (Coutinho, 1938: 55).

Após a descrição dos vários tipos de "modificações" desencadeadas pelos sufixos, o gramático fornece a lista dos principais sufixos portugueses, com a respectiva origem e significação e socorre-se de vários exemplos de derivados em que os mesmos intervêm.

Na derivação, Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 51-59) define algumas noções teóricas, ilustrando-as com exemplos, tais como: palavras primitivas, família de palavras, radicais, raízes, temas, bases, afixos, prefixos, sufixos ("mortos" e "vivos"), infixos e desinência gramatical, todos eles conceitos que, de uma maneira ou outra, se encontram interrelacionados. Assim, para a autora, as "palavras primitivas" designam "a parte que numa família inteira se repete inalterada, representando sempre a mesma idéia fundamental" e reserva o nome de "primitivo ou primitiva (...) para palavras inteiras portuguesas, que não tirem a sua origem de nenhuma outra palavra portuguesa, servindo elas, pelo contrário, de temas a outras derivações novas" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 51 e 55); "radical" e "tema" são sinónimos,

¹⁷⁹ O autor subdivide os "Sufixos Nominais" em quatro alíneas: a) Latinos, b) Gregos, c) Germânicos, d) Ibéricos.

embora diga preferir o termo "tema", aquilo "que fica se separamos de qualquer palavra portuguesa todos os elementos de relação (os sufixos, os prefixos e os infixos e as desinências gramaticais que indicam a classe de palavras a que pertence)" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 55); "raiz é, nas línguas primitivas, a parte irreduzível a que se chega, separando das palavras, cuidadosamente, todos os elementos secundários" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 54 e 55), ou seja, os afixos; "base" é tida como um termo "vago" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 55), tão vago que nem tão pouco chega a ser definido; os "afixos" são "elementos que exprimem idéias secundárias" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 52), servindo para particularizar e determinar a significação das palavras primitivas; "sufixos" são elementos que se seguem "às raízes, aos radicais, aos temas ou às palavras primitivas", enquanto os "infixos" ocorrem "entre a raiz e o sufixo" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 52); a "desinência gramatical" é uma "terminação flexiva que serve para exprimir as relações de casos, géneros e números (em nomes e pronomes; e as de pessoa e tempo nos verbos)" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 54-55); a diferença entre sufixos "vivos" e sufixos "mortos" consiste no facto de os primeiros serem "tónicos, sonoros e encorpados, e entraram nas línguas românicas em numerosos exemplares que pela clareza da sua construção incitavam a imitá-los", enquanto os segundos são "átonos e de pouco corpo, não servindo por isso mesmo na língua-mãe, sobretudo no latim vulgar, para formações novas" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 59).

A autora estabelece uma dicotomia entre o "povo", que manifesta "certas tendências e preferências da sua alma" e os "doutos", que "se servem [da derivação] discreta e acauteladamente, tendo em mira leis e regras extraídas dos modelos antigos" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 42), para, seguidamente, fazer incidir a sua análise sobre dois conceitos que actualmente são muito debatidos em morfologia: os de competência derivacional e produtividade, embora, como se compreende, a terminologia usada não seja esta. Assim, quando afirma que o "povo", por desconhecer as regras, "modifica por analogia ou assimilação associativa, em virtude do mecanismo psicológico que constitui a memória, palavras preexistentes aproximando-as no som e no sentido de outras que, pela sua frequência ou plasticidade, se fixaram na sua mente" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 43), esta autora deixa subentendido que existe uma competência derivacional que intervém sempre que é preciso formar uma nova palavra.

Ao defender que nas gramáticas destinadas ao ensino secundário "só se registem os sufixos mais produtivos, com breve indicação das suas funções regulares e das classes gramaticais a que se costumam juntar. Arcaísmos, vulgarismos, formações isoladas e irregulares e sufixos extintos ou petrificados, não têm que fazer em livros escolares (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 45), a autora argumenta que nas gramáticas não históricas se devem privilegiar os sufixos que participam em "formações regulares" (em princípio, derivados transparentes), pois tudo o que é "irregular" e idiossincrático exige explicações de carácter diacrónico, o que, a seu ver, não deve fazer parte do âmbito das gramáticas escolares. Como a sua obra não se insere nessa categoria, a descrição de "sufixos inativos" (por ex.: *-aster*, conservado, segundo a autora, em *padrasto*, *madrasta*, *mentastro* e *filhastro*) e de muitos derivados "obscuros" ocupa uma boa parte das páginas reservadas à derivação (própria e imprópria), onde são várias e pertinentes as questões colocadas, quase sempre sustentadas por exemplos recolhidos em várias fontes. Todavia, muitas perguntas ficam em aberto, restando a sensação que o que permaneceu registado não tem paralelo com a exposição oral¹⁸⁰.

Antes de proceder ao estudo da derivação em português, Mattoso Câmara Jr. (1975) faz uma breve resenha deste processo em latim¹⁸¹. Em Câmara Jr. (1975: 213), "na derivação a parte final de uma palavra passa a ser aplicada a outras, delas tirando novas estruturas léxicas, em que se mantém a significação básica da palavra de que derivam". Assim, neste autor, a relação que se estabelece entre o derivado e a base que lhe deu origem é sobretudo uma relação formal, já que, do ponto de vista semântico, há uma significação básica que se mantém inalterada. (Câmara Jr., 1975: 217).

¹⁸⁰ Por exemplo, como resposta à questão: "Será preciso lembrar que nem todas as palavras que principiam com *al*, são de origem árabe?", temos "Cremos que não; e restringimo-nos a mencionar *alto*, *altitude*, *alçar*, *altar*" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 92). Ora, neste caso, provavelmente, terá havido alguma discussão acerca da etimologia destas palavras [+lat].

¹⁸¹ O processo da derivação, segundo Câmara Jr. (1975: 216-217), "era um mecanismo um tanto discreto em latim clássico [e] se desenvolveu enormemente em latim vulgar. Essa ampliação ficou a dever-se à utilização, remodelação e introdução de novos sufixos (resultantes, quer de novas criações dentro da língua, quer de empréstimos a outra língua, sobretudo ao grego) e à tendência para deixar de usar os sufixos átonos, dando preferência a segmentos nitidamente marcados pelo acento vocábular".

Do ponto de vista estrutural, Câmara Jr. (1975: 217) acha importante que se proceda à delimitação do sufixo e do radical porque "na história da língua os sufixos se ampliam ou se reduzem, incorporando um fonema do radical ou destacando de si o que era um seu fonema inicial (...). Mesmo na descrição atual da língua um dado sufixo pode apresentar variações a esse respeito na maneira por que entram em palavras derivadas".

Outro aspecto a ter em conta, na opinião do autor, "é a integração no sufixo de uma vogal de tema, que situa a palavra derivada num tema determinado, independente do da palavra primitiva de que se deriva¹⁸²" (Câmara Jr., 1975: 217), o que leva o autor "a considerar no segmento sufixal um núcleo, que é o sufixo propriamente dito e pode apresentar variação de tema (cf. *-ez* em *palidez*, *-eza* em *tristeza*). Na palavra derivada é o sufixo, completado pela sua vogal de tema, que sofre a flexão nominal ou verbal" (Câmara Jr., 1975: 217). Note-se, pois, que apesar de se assumir por vezes que a ideia de que o sufixo é o núcleo das palavras derivadas em que ocorre, por a ele poder ser atribuída a informação lexical sintacticamente relevante, é uma noção mais recente cuja autoria está, frequentemente, associada a Edwin Williams (1981: 245-274)¹⁸³, ela já se encontra, como vimos, presente em Câmara Jr. (1975: 217).

O autor enumera e explica, ainda, uma série de modificações resultantes da adjunção do sufixo "à palavra primitiva", tais como a supressão da "vogal do tema primitivo (...), pela regra morfofonêmica geral da supressão de uma vogal átona em contacto com outra vogal" (Câmara Jr., 1975: 217), como por exemplo em *lobinho* (de *lobo*), ou a "redução" da "vogal de ligação (...) entre o radical e a consoante inicial do sufixo" (Câmara Jr., 1975: 217), nos casos em que há, segundo o autor, "aglutinação"¹⁸⁴ (ex.: *amenidade*, de *ameno* + *dade* com a redução de *-o* para *-i-*). Quando se dá "justaposição", como nas formações em que ocorre *-zinho*, cria-se "uma locução, em que o vocábulo fonológico correspondente à palavra primitiva tem a sua flexão ao lado

¹⁸² Cf., por exemplo, *artista*, *pianista*, *harpista*, de tema em *-a*, derivados respectivamente de *arte*, com tema em *-e*, *piano*, com tema em *-o*, e *harpa*, com tema em *-a*" (Câmara Jr., 1975: 217).

¹⁸³ Cf., por exemplo, Mateus et al. (1900: 477).

¹⁸⁴ Os termos "aglutinação" e "justaposição" são usados pelo autor, quer na composição, quer na derivação sufixal. Como referi anteriormente, segundo Câmara Jr. (1975: 213), na aglutinação, da combinação dos elementos resulta "um único vocábulo fonológico", enquanto na justaposição "os elementos constituintes se apresentam como dois vocábulos fonológicos, cada qual com o seu acento".

da flexão no sufixo (cf. *lobazinha*, com a desinência de feminino tanto em *loba* como em *-zinha*)" (Câmara Jr., 1975: 217-218)¹⁸⁵.

O autor não deixa também de assinalar que, em consequência das diferentes origens ("popular, erudita ou semi-erudita"), por vezes, existe "divergência formal num sufixo": o sufixo popular, de acordo com o autor, sofreu alterações, contrariamente ao sufixo erudito, mas, em português, um e outro podem adjungir-se "a radicais populares ou eruditos indiferentemente" (Câmara Jr., 1975: 218).

Câmara Jr. (1975: 218) define a noção de produtividade (aqui tida como produtividade sufixal) como a possibilidade de podermos "destacar", i.e., a capacidade de identificarmos (segmentarmos) um determinado sufixo, em "palavras derivadas que vieram tais do latim ou, por empréstimo, de outra língua. Ou, em outros termos, dadas palavras derivadas passam a servir de modelo para a estruturação de novas palavras, fornecendo no seu elemento final um meio permanente na língua para novas derivações. Quando tal não acontece, o sufixo, que pela análise se pode depreender de palavras derivadas existentes, não é produtivo e não funciona gramaticalmente como instrumento de criação lexical". Deste modo, a noção de produtividade é definida pelo autor em função da analisabilidade e do alargamento do paradigma, para o que concorre um mecanismo analógico.

Nesta obra, dentro da "Criação Lexical por Derivação", é estudada a "Derivação nominal" (formação de derivados denominais e deadjectivais), "Os substantivos abstractos" e "A expressão do grau". O autor justifica o tratamento isolado dos substantivos abstractos porque, segundo afirma, estes pertencem a uma categoria particular já existente em latim¹⁸⁶ e, no caso dos sufixos aumentativos e diminutivos, por estes terem a especificidade de se "[oporem] a uma dimensão considerada normal" (Câmara Jr., 1975: 226). Realça, contudo, que os sufixos diminutivos, cumulativamente com a expressão de diminuição, podem, tal como em latim, "ter uma mera intenção de

¹⁸⁵ De acordo com Câmara Jr. (1975: 218), "no plural persistem os traços da morfofonêmica da formação da flexão de número (...) e a própria desinência -s do termo primitivo, suprimida na escrita, se mantém em regra atenuada na língua oral: *florezinhas*, *animaizinhos*".

¹⁸⁶ Segundo Câmara Jr. (1975: 223), os substantivos abstractos "correspondem à estruturação como substantivos das "qualidades", expressas logicamente nos adjetivos, e de "processos verbais". (...) A relação formal entre o substantivo abstracto e o adjetivo ou o verbo respectivo é, em regra, de termo derivado para termo primitivo. Neste âmbito, a derivação sufixal já era bastante produtiva em latim clássico".

carinho, que se conservou em romance¹⁸⁷" (Câmara Jr., 1975: 226), o que vem contra aquilo que os gramáticos históricos anteriores haviam assegurado, e que os aumentativos são menos frequentes, sendo utilizados, muitas vezes, para frisar "uma intenção fortemente pejorativa, podendo-se dizer que é exclusivamente um recurso para a linguagem afetiva (insultuosa)" (Câmara Jr., 1975: 226).

Para além da derivação propriamente dita, em que intervêm sufixos, o autor refere outros dois "padrões", ambos ascendendo ao latim: a formação de vocábulos regressivos e os resultantes de um processo de conversão (cf. Câmara Jr., 1975: 225)¹⁸⁸.

Na "derivação verbal", o autor considera existirem três mecanismos: a formação de um verbo a partir de um nome, dando "apenas a esse nome a flexão verbal" (Câmara Jr., 1975: 228), como em *murar* (de *muro*); outro consiste no "emprego do sufixo" (Câmara Jr., 1975: 228), nomeadamente "-iz(ar), -e(ar), -ej(ar), -ec(er) e -it(ar)"; outro, ainda, consiste em "dar ao nome a flexão verbal concomitantemente com um dos prefixos *en-* (prep. *em*) ou *a-* (prep. *a*): *acalmar* (*calmo*), *embandeirar* (*bandeira*)" (Câmara Jr., 1975: 228), i.e., verbos vulgarmente designados de parassintéticos.

De seguida, apresento a súmula dos vários sufixos estudados em todas as gramáticas históricas em análise¹⁸⁹, tendo escolhido dois ou três exemplos para ilustrar os derivados em que ocorrem¹⁹⁰.

Apesar da profusão de repartições que podemos encontrar nalguns autores (cf. Anexo III – Sufixos), optei, em A), por subdividir os sufixos unicamente em quatro grupos: sufixos nominais (formadores de substantivos e de adjectivos), sufixos verbais, sufixos aumentativos e diminutivos e sufixo adverbial *-mente*, listando-os alfabeticamente, fazendo-os acompanhar de um ou dois exemplos e separando por ponto

¹⁸⁷ Para Câmara Jr. (1975: 226), tal sucedia em latim com, por exemplo, os "sufixos -*ŭlu-* e -*cŭlu-*".

¹⁸⁸ O gramático, entende, assim, que a conversão deve ser estudada na Derivação, posição diferente da de Ali ([1931] 1964³: 231) que entende que só faz sentido estudá-la no âmbito da Semântica.

¹⁸⁹ Tal como no caso dos prefixos, quando a dois sufixos diferentes (do ponto de vista semântico) corresponde a mesma forma, os sufixos fazem acompanhar-se de um número em expoente a negrito (cf., por exemplo, *-ado*¹ e *-ado*²).

¹⁹⁰ O critério para a inclusão destes derivados foi o facto de todos eles terem sido formados em português, de acordo com os dicionários etimológicos consultados. Isto significa que, no Anexo III - Sufixos, alguns supostos derivados indicados pelos gramáticos podem não o ser, visto que, respeitando o espírito seguido pelos gramáticos, só posteriormente procedi a essa confrontação.

e vírgula as diferentes acepções dos derivados ou os derivados em que ocorrem variantes sufixais.

Em B), registo, por um lado, as formas herdadas do latim e, por outro, aquelas que nos chegaram por empréstimo de outras línguas ou cuja origem é difícil de determinar, apesar de todos os vocábulos em que ocorrem terem sido apontados como derivados pelos gramáticos.

A)

a) Sufixos Nominais:

-Ádig- (**-Ádeg-**¹⁹¹) / **-Agem** (*eirádegá, mordomadigo; paragem, roupagem*); **-Ad**¹ / **-Edo** / **-Ido** (*silvado; papelada; velhacada; facada; goiabada; figueiredo; brasido*); **-Al** / **-Ar** / **-Il** (*genial, semanal; cerejal, pombal; glandular, patibular; pastoril, varonil*); **-Alh-** (*cabeçalho, cordoalha*); **-Ama** / **-Ame** / **-Ume** / **-Um** (*mourama; cordoame; azedume; cheirum*); **-An-** / **-Ão**¹ (*alentejano, camoniano; cidadão; sintrão*); **-Ão**² (*rasgão*); **-Ard-** (*felizardo; moscardo*); **-Aria** / **-Eria** (*camisaria; escadaria; leiteria; arcabuzeria*); **-Ári-** (**-Air-**) / **-Eir-** (*ossario; semanário; taverneiro; tinteiro; limoeiro; brasileiro*); **-Ato**¹ / **-Ado**² (*baronato; arcebispo*); **-Ção** (**-Çom**, **-Çõ**) (*guarnição, repartição, apresentação*); **-Deir-** (*cantadeira; despenhadeiro*); **-Dela** (*apalpadela, mordedela*); **-(D)Iç-** (*alagadiço, metediço; aranhaço; roliço*); **-Do(a)** (*azulado, entrada*); **-Dor** (*regador; vendedor*); **-Ej-** (*alcoutenejo, sertanejo*); **-Eng-** (*judengo, solarengo*); **-Enh-** (*ferrenho; nortenho*); **-En-** (*chileno*); **-Ense** / **-Ês** (*setubalense; holandês; montanhês*); **-Ent-** (*barulhento, peçonhento*); **-Esc-** (*fradesco, parentesco*); **-Eta** (*lisboeta*); **-Ez-** (*pequenez; dureza*); **-Ia** (*cortesia, hydrocephalia, mestria*); **-Ice** (**-Ece**) (*garotice, sandece*); **-Ico**¹ (*apático, férico*); **-In-** (*abrantino; purpurino, raposino*); **-Ismo** (*brilhantismo; darwinismo*); **-Isco** (*marisco, mourisco*); **-Ista** (*bairrista; florista; paulista*); **-Ita** (*moscovita*); **-Ite** (*amigdalite, laringite*); **-Idade** (*ceguidade, criminalidade*); **-Idão** (**-Idoem**, **-Idõe**) (*exatidão, limpidoem, simildõe*); **-Iv-** / **-Io** (*altivo; bravio; mulherio*); **-Iz** (*chamariz*); **-Mento** (*andamento, esquecimento, saimento*); **-Ncia** / **-Nça** (*assistencia; alegria*); **-Nte** (*arguente, brilhante*); **-Óide**

¹⁹¹ A propósito da acentuação do sufixo, cf. descrição de *-átic-* / *-ádig-* (*-ádeg-*) / *-agem*, na Parte II.

(*negróide*); **-Oila** (*moçoila*); **-Onh-**¹⁹² (*risonho, tristonho*); **-Or** (*brancor, frescor*); **-Ose** (*dermatose, psicose*); **-Os-** (*chuvoso, pesaroso*); **-Ot-**¹ (*minhoto*); **-Tóri-** / **-Dour-** (**-Doir-**) (*emigratório; miradouro, duradoiro*); **-Tura** / **-Dura** / **-Ura** (*assinatura; armadura; mordedura; brancura, bravura*); **-Ud-** (*barrigudo, cabeçudo*); **-Ugem** (*babugem, penugem*); **-Vel** (*fazível, navegável*).

b) Sufixos Verbais:

-Açar (*esvoaçar*)¹⁹³; **-Ar** (*datar, invejar*); **-Ear** (*folhear, prantear*); **-Ecer** (*entardecer, favorecer*); **-Ejar** (*gotejar, mourejar*); **-Icar** (*bebericar*); **-Ificar** (*clarificar, versificar*)¹⁹⁴; **-Inhar** (*escrevinhar*); **-Iscar** / **-Uscar** (*mordiscar; chamoscar*); **-Itar** (*dormitar, facilitar*); **-Izar** (*fertilizar, penalizar*); **-Ntar** (*amolentar, ensangüentar*); **-Ujar** (*mamujar*).

c) Sufixos Avaliativos:

c') Aumentativos:

-Aç- / **-Uça** (*ricaço; pernaça; dentuça*); **-Alhão**¹⁹⁵ (*amigalhão, grandalhão, facalhão, vagalhão*); **-Alho** / **-Ulho** (*ramalho; pedregulho*); **-Ão**³ (fem. **-Ona**) (*caldeirão, valentão mulherona, valentona*); **-Arr-** / **-Orr-** (*bebarro, bocarra; grandorro, cabeçorra*); **-Astro** (*poemastro, poetastro*); **-Az** / **-Ázio** (*lobaz; velhacaz; copázio*); **-Eira**² (*bigodeira, trabalhadeira*); **-Óri-** (*finório, simplório*).

¹⁹² Este sufixo, segundo alguns gramáticos históricos, seria uma variante de *-anho* / *-enho*, mas os exemplos aduzidos não servem para ilustrar as ocorrências de *-anho* / *-enho*: *rebanho* e *tacanho* têm ambos origem incerta, *soterranho*, o m.q. *subterrâneo* [+lat] e *estremenho* veio do cast..

¹⁹³ Apesar de algumas dúvidas, incluí este sufixo, uma vez que no derivado *esvoaçar*, de acordo com os dicionários consultados de *es-* + *voar* + *-açar*, o sufixo verbal *-açar*, de origem latina, exprime a ideia de 'ação repetida'. Noutros dois exemplos em *-açar* fornecidos pelos gramáticos, um é [+lat] (*adelgaçar*) e outro (*escorraçar*) é de etimologia imprecisa.

¹⁹⁴ Todos os exemplos fornecidos pelos gramáticos são [+lat]; cf., contudo, *bestificar*.

¹⁹⁵ Listo o sufixo como *-alhão* porque as bases ^o*amigalho*, ^o*grandalho*, ^o*facalha* e ^o*vagalha* não se encontram atestadas, apesar de em PE aparecer *amigalhão* (*amigo* + *-alho* + *-ão*), *grandalhão* (*grande* + *-alho* + *-ão*), *facalhão* (*faca* + *-alha* + *-ão*), *vagalhão* (*vaga* + *-alha* + *-ão*).

c") Diminutivos:

-**Acho** / -**Icho** / -**Ucho** (*fogacho; rabicho; gorducho, papelucho*); -**Alh-** (*migalha; porcalho*); -**Ato**² (*chibato, lobato*); -**Ejo** (*hortejo, lugarejo*); -**El-** (*portello; ruela, viela*); -**Elho**¹⁹⁶ (*rapazelho*); -**Et-** / -**Ete** / -**Ot**² / -**Ote** (*poemeto, saleta; palacete; perdigoto, casota; baleote; velhote*); -**Ic**² (*namorico, florica*); -**Im** (*bolsim, espadim*); -**Inh-** (*livrinho, casinha*); -**Isco**² (*chuisco, pedrisco*); -**It-** (*livrito, casita*); -**Oco** / -**Uco**¹⁹⁷ (*bichoco; fachuco*); -**Ol-** (*bolinholo, sacola*)¹⁹⁸; -**Usco** (*velhusco*); -**Zinh-** (*rapazinho, ruazinha*).

d) Sufixo adverbial: -**Mente** (*claramente, óptimamente*).

B)

a) Formas Nominais

1. [+lat]: -**Áce-** (*liliáceos, rosaceo*); -**Ac-** (*austríaco* latinização do al. *Oesterreich*, *Egyptiaco* do lat., deriv. do gr., *judaico* do lat., deriv. do gr., *siríaco* do lat., deriv. do gr.); -**Avo** (*oitavo*); -**Az** (-**Ace**)¹⁹⁹ (*fugaz (fugace), vivaz* lat.); -**Bund-** (*furibundo, gemebundo, meditabundo, tremebundo, vagabundo*); -**Cida** (*homicida, regicida*); -**Cola** (*agricola*); -**Eça** (*cabeça*); -**Ena** (*centena, dezena*); -**Eo** (*argenteo, ferreo, marmoreo*); -**Este** (*agreste*); -**Estre** / -**Ustre** (*campestre, terrestre; palustre* lat.); -**Ia**²⁰⁰ (*audacia, perfidia*); na série -**Icia** / -**Iça**, -**Ície** / -**Ice** (-**Ece**) / -**Icio** / -**Iço** / -**Ez-**, todos os exemplos em -*ícia*, -*iça*, -*ície* e -*ício*, fornecidos pelos gramáticos, são [+lat]²⁰¹; -**Ig-** (*formiga*,

¹⁹⁶ Para além de -*elho*, alguns gramáticos listam igualmente -*alho* / -*ilho(a)* / -*olho* / -*ulho(a)*, mas os exemplos com acepção diminutiva em que ocorrem tais terminações ou são [+lat] ou vieram por empréstimo.

¹⁹⁷ Embora os gramáticos incluam -*eco(a)* nesta sequência, nos exemplos fornecidos não é possível identificar claramente nenhum derivado formado com este sufixo (cf. *boneco*, de *boneca* (cast.); *caneca*, de *canna* lat. «cana», 'cilindro oco' + -*eca* (cf. PE); *caneco*, de *caneca*; *marreco* (origem obsc.)); em *chaveca*, parece não se tratar de uma 'chave pequena', mas antes de 'chave sem valor'. Cf., contudo, *livreco*, que em PE é definido quer como livro pequeno, quer como livro com pouco valor.

¹⁹⁸ Cf. *figueiró* 'figueira pequena', supostamente por *figueirola*. O outro exemplo em -*ó* (-*oo*), *mosteiró*, é [+lat].

¹⁹⁹ Diferente de -*az* aumentativo.

²⁰⁰ Sufixo lat. átono -*ia*.

²⁰¹ Cf. a descrição efectuada na Parte II.

postigo; leitiga, loriga); **-Imo** (*decimo, centesimo; marítimo*); **-Inho**²⁰² (*marinho*); **-Ndo** (*examinando, fazenda, vivenda*); **-Monia** (*acrimonia, parcimonia*); **-Oz** (*atroz, feroz*); **-Urno / -Ierno** (*diurno; hodierno*);

2. empréstimos ou de origem incerta: **-Aldo** (*ribaldo, fr. ant.*); **-Ego** (*borrego, labrego, cast.*); **-Erno** (*caserna, galerno, fr.*); **-Uco / -Ugo** (*abelharuco, cast.; teixugo, provavelmente do gót.*); **-Urta** (*caturra, origem obsc.*).

b) Formas Verbais

1. [+lat]: na dupla **-Ecer / -Escer**, os verbos em *-escer* (*florescer, remaescer*) são [+lat]; **-Migar** (*choramigar*); **-Ir** (*cuspir*); **-Ular** (*pullular, tremular*);

2. empréstimos ou de origem incerta: **-Ilhar** (*dedilhar, provavelmente do cast.*); **-Ucar** (*machucar, de origem controversa*).

c) Diminutivos e Aumentativos:

c') Aumentativos

1. [+lat]: **-Anha** (*campanha, montanha*);

2. empréstimos ou de origem incerta: **-Anzil** (*corpanzil*)²⁰³; **-Asc-** (*penhasco, cast., nevasca*)²⁰⁴; **-Chão** (*feanchão*)²⁰⁵; **-Erro / -Urro**²⁰⁶ (*bezerro, provavelmente do lat.*²⁰⁷; *casmurro, orig. incerta; zaborro*)²⁰⁸, orig. incerta).

²⁰² Diferente do sufixo diminutivo *-inho*.

²⁰³ Este hapax não é segmentado por Cunha ([1982] 1987²), o qual indica tratar-se de 'corpo grande'; em Machado ([1952] 1977³), "de *corpo*, mas por processo obscuro" e em PE, de *corpanço* (*corpo + -anço*, o m.q. *corpaço*) + *-il*.

²⁰⁴ Em PE, *nevasca* é uma amálgama resultante de *nev(e)* e (*borr*)*asca*. Quer num, quer noutra exemplo, *-asco(a)* não pode ser identificado como sufixo do português.

²⁰⁵ Nos dicionários consultados, de *feio*. Pode ter surgido por analogia com os outros dois exemplos, em que segundo os gramáticos ocorre o mesmo sufixo, mas onde verificamos que em *pedinchão* o sufixo *-ão* se junta ao verbo *pedinchar* e em *sabichão* a base também será provavelmente verbal, pelo que se torna difícil a classificação de *-chão* como sufixo.

²⁰⁶ Como observámos anteriormente, para alguns gramáticos, a sequência em português seria *-arro(a) / -erro(a) / -orro(a) / -urro(a)*.

²⁰⁷ Cf. Cunha ([1982] 1987²).

²⁰⁸ Trata-se de uma variedade de milho, portanto, sem valor aumentativo.

c") Diminutivos

1. [+lat]: **-Cul-** (*auricula, folículo, montículo, película, radícula, ventrículo*); **-El** (contr. de *-elo; canastrel*); **-Ilo** (*mamilo*); **-Ilh-** / **-Olh-** / **-Ulh-** (*vencilho; ferrolho; agulha*); **-Ulo** (*glóbulo, óvulo*); **-Uz** (var. de *-ucho; capuz*);
2. empréstimos ou de origem incerta: **-Ech-** (*ventrecha, fr. ant. ventresche*); **-Ebre** (*casebre, do lat., pelo prov.*); **-El** (contr. de *-elo; cordel, cat.*); **-Alho** / **-Ilh-** / **-Olho** (*pequeninho, prov.; cintilho, cast.*²⁰⁹; *matilha, origem obscura; ramilho, prov.; trambolho, origem incerta*).

Comparativamente ao estudo da prefixação, da composição e da parassíntese em gramáticas históricas do português, verifica-se que, em geral, o tratamento da sufixação é muito mais exaustivo. Na derivação sufixal, para além das indicações etimológicas e da divisão entre sufixos "populares" e sufixos "eruditos", estabelecem-se relações entre vários sufixos (por exemplo, entre os formadores de nomes abstractos), são descritos alguns reajustamentos resultantes da adunção do sufixo às bases e existem referências constantes à produtividade ou improdutividade de determinados sufixos, sendo frequente a oposição "sufixo vivo / sufixo morto".

A partir da descrição da derivação sufixal levada a cabo pelos gramáticos históricos, pode, assim, chegar-se à conclusão que:

1. em certos casos, não fica claro se o principal critério para o reconhecimento de um sufixo derivacional é de ordem formal ou semântica, embora pareça ser o primeiro aquele que é escolhido, dado que, muitas vezes, o sufixo é tido como uma sequência que ocorre em mais do que um vocábulo, mesmo que o conteúdo semântico dessa sequência seja dificilmente assinalável (cf. a definição de sufixo em Braga (1876: 32) e Pereira ([1916] 1935⁹: 202) e a definição de derivação em Câmara Jr. (1975: 213)). Daí a confusão que, por vezes, existe entre sufixo e "terminação", i.e., sequência de fonemas que ocorre em dois ou vários vocábulos;

2. embora se considere que o sistema sufixal, tal como outros sistemas linguísticos, se caracteriza pelas suas mutações (certos sufixos desapareceram enquanto outros foram surgindo; os modos de emprego alteraram-se e condicionaram-se

²⁰⁹ Cf. ainda, os seguintes exemplos do cast.: *armadilha, camilha, cartilha, forninho, forquilha junquilha, mantilha, rastilho, tomilho, trapilho, etc.*

mutuamente; as relações entre sufixos tanto são de oposição como de paralelismo com outros sufixos) e se bem que, como já referi, exista quase sempre a preocupação de definir "sufixos vivos e sufixos mortos", não há uma delimitação evidente entre, por um lado, os derivados formados com sufixos disponíveis em português e os vocábulos herdados e, por outro, entre sufixos que se usavam em latim e grego e que passaram para o português mantendo a sua vitalidade e os que não foram adoptados²¹⁰, aspecto que será tratado desenvolvidamente na Parte II do meu trabalho;

3. a principal função que se atribui ao sufixo é a de alterar frequentemente a categoria gramatical da palavra a que se junta, ou seja, contrariamente ao prefixo, que não interfere na categoria da palavra que é prefixada, o sufixo é por excelência um categorizador. Contudo, também se salienta a modificação do "valor" da palavra "primitiva", sobretudo no caso dos aumentativos e diminutivos, os quais, apesar de não desencadear alterações categoriais, exprimem a grandeza ou a diminuição e têm uma conotação afectiva ou pejorativa. Embora os gramáticos não o explicitem, poderíamos encontrar ainda uma terceira função dos sufixos, i.e., a de remeterem para um determinado campo lexical, como é por exemplo o caso de *-ite*, do grego, o qual é sobretudo usado na medicina para designar 'inflamação';

4. são normalmente duas as condições apontadas para a disponibilidade de determinado sufixo: que exista uma relação transparente entre o sufixo e a base ou, como diz José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 362), que sufixo e base sejam perfeitamente isoláveis, apresentando ambos "ideias bem claras, bem nítidas e distintas", e que o sufixo tenha capacidade para formar novos derivados; inversamente, quando tal deixa de acontecer, o sufixo perde produtividade. No entanto, as possibilidades de combinação dos sufixos com as bases são unicamente afluídas e raramente são dadas indicações acerca da maior ou menor independência das bases. No caso das restrições impostas pelos sufixos às bases, os gramáticos raramente lhes fazem referência: Manuel P. da Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913: 336) são os únicos gramáticos que assinalam explicitamente que "alguns suffixos supõem certas categorias de palavras", como é o caso do sufixo *-mento*, que se solda unicamente a bases verbais);

²¹⁰ Carl von Reinhardtstoettner (1878), José J. Nunes [1919] 1989⁹) e Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) constituem excepções a esta generalização, visto que são dos poucos que procedem a essa separação de uma forma clara.

5. o conceito de analogia, um dos mais caros aos neogramáticos, embora nem sempre seja definido, é amplamente utilizado pelos gramáticos históricos ao longo do estudo da derivação sufixal. Quase todos realçam o papel da analogia na mudança linguística, neste caso ao nível da morfologia derivacional, e, implicitamente, o seu contributo, como bem expressa Molino (1985: 37), para que a morfologia e o léxico constituam "le domaine où interagissent, de la façon la plus créatrice, (...) le système et l'histoire".

6. alguns exemplos tidos como derivados do português são, como já referi, formas eruditas, enquanto outros são empréstimos de outras línguas, sobretudo do castelhano e do francês. Neste último caso, trata-se de empréstimos lexicais e não sufixais, mas esta distinção raramente é clara nas gramáticas em análise: Mattoso Câmara Jr. (1975: 218) é o único que salienta expressamente este aspecto, quando declara que "a produtividade de um sufixo, que lhe dá individualidade na gramática da língua portuguesa, decorre do seu destaque de palavras derivadas que vieram tais do latim ou, por empréstimo, de outra língua". Poderia, talvez, aplicar-se aqui a noção de "criação analógica" (na acepção, por exemplo, de Bynon ([1977] 1986²: 34), como oposta a "mudança analógica"²¹¹.

Como consequência dos aspectos anteriormente assinalados (especialmente nos pontos 1 e 2), não há, nas gramáticas históricas do português unanimidade quanto ao número de sufixos e, muito menos, quanto às variantes de determinados sufixos²¹².

Para ilustrar que, nas gramáticas históricas, o estudo da sufixação não se escuda em conhecimentos etimológicos e que nem sempre se verifica um estudo aprofundado dos dados, daí resultando alguns desencontros quanto à origem e configuração dos elementos sufixais, analisei (em 4.3.2.) o sufixo *-idade*, estudo que permite clarificar o estatuto a atribuir a um sufixo.

²¹¹ Para Bynon ([1977] 1986²: 34), "while analogical change effects the realignment of exponents in relation to some grammatical or semantic category and amounts to no more than a redistribution of its exponents, analogical creation produces new forms by extending an existing correlation of form and function beyond its original domain".

²¹² Teophilo Braga (1876), por exemplo, lista os elementos sufixais por ordem alfabética, sem dar conta das variantes.

Capítulo 3

Delimitação Teórica do Conceito de Alternâncias Sufixais

Capítulo 3 — Delimitação Teórica do Conceito de Alternâncias

Sufixais

3. 1. Introdução

O objectivo principal deste capítulo é a delimitação teórica do conceito de alternâncias sufixais, alegadamente presentes nos produtos da formação de palavras por sufixação analisados na Parte II deste trabalho, procurando-se evidenciar a importância do estudo destas alternâncias numa perspectiva que tem em conta dados de épocas anteriores.

Após a Introdução, comento em 3.2. os diferentes tipos de alternâncias geralmente apontados (alternâncias fonológica, morfológica ou formal e lexical), tanto por estruturalistas como por generativistas, e tento chegar a uma definição de alternância sufixal, a qual não é um simples corolário das várias definições de alternâncias anteriormente estudadas. Consequentemente, refuto o conceito de sufixos "alternantes" tido em conta pelos gramáticos históricos, pois penso que para que exista alternância a nível derivacional não basta apurar a existência de formas (sufixais) que partilham algum elemento e que se encontram em distribuição complementar: para que dois ou mais elementos sejam alternantes, eles devem pertencer ao mesmo sistema.

Em 3.3., discuto os conceitos de sufixo "erudito" e de sufixo "popular"²¹³ e chamo a atenção para a necessidade de averiguarmos quais os sufixos latinos que na sua passagem para o português continuaram disponíveis para formar novas palavras, distinguindo-os das terminação latinas que foram adaptadas ao português, i.e., que ocorrem unicamente em palavras herdadas. Serão ainda considerados alguns aspectos que directa ou indirectamente decorrem da discussão acerca das alternâncias entre sufixos "eruditos" e "populares", nomeadamente as definições de derivado, por contraponto com forma complexa herdada ou tomada de empréstimo a outra língua, e de sufixo, a dificuldade de segmentação dos sufixos (ilustrada na Parte II com *-dade* e

²¹³ Terminologia utilizada pelos gramáticos históricos.

-idade), a determinação da forma de base e do alomorfe sufixal (exemplificada na Parte II com *-aria* ~ *-eria*), entre outros.

A noção de produtividade (sufixos produtivos / sufixos não produtivos) e suas correlações será analisada em 3.4. Em primeiro lugar, será considerada em 3.4.1. a definição do conceito de produtividade, na medida em que alguns autores recorrem a esta noção para se referirem a diferentes conceitos, enquanto outros utilizam designações diferentes para descrever os processos produtivos. Seguidamente, apresentam-se em 3.4.2. os diferentes factores (sistémicos e extra-sistémicos) que contribuem para a produtividade ou improdutividade dos processos morfológicos e discutir-se-á em 3.4.3. se a distinção entre processos produtivos e não produtivos é determinada por regras ou por analogia, confrontando os pontos de vista dos morfólogos e dos linguistas históricos.

A questão de fundo que está subjacente ao estudo empreendido neste capítulo relaciona-se com a existência ou não existência de sufixos concorrentes, ou seja, sufixos que rivalizam entre si, ou porque têm a mesma origem, ou porque disputam o mesmo tipo de bases e cujo semanticismo é idêntico, rejeitando a hipótese de 'um afixo-uma regra' (cf., por exemplo, Aronoff (1976) e Booij (1986)).

Assume-se como fundamental que a variabilidade é inerente à linguagem humana, a conexão entre produtividade e composicionalidade, ambas decorrentes da transparência morfológica e semântica, a interacção entre a morfologia e as outras componentes, nomeadamente o léxico e a fonologia, e a importância do factor tempo para os estudos de morfologia derivacional.

3. 2. Demarcação do conceito de Alternância

Na literatura, o estudo das alternâncias é geralmente empreendido na subcomponente gramatical não autónoma que tem em consideração a interrelação entre fonologia e morfologia, a qual tem por objecto de estudo as alternâncias nas realizações fonológicas de determinados lexemas e a variação no uso de determinados morfemas. Alguns autores designam esta sub-área por morfofonologia (cf., por exemplo, Dressler, 1985), enquanto outros, na senda de Trubetzkoy ([1931] 1973), utilizam a forma haplológica "morfonologia" e outros ainda, como por exemplo Hockett ([1958] 1971), Matthews ([1974] 1991) e Hock ([1986] 1991²) preferem a denominação de "morfofonémica".

Para Matthews ([1974] 1991²: 146), o termo morfofonémica reflecte o estatuto intermédio de determinados processos, que não são nem puramente fonológicos, uma vez que se aplicam a elementos morfológicos, nem puramente morfológicos, enquanto Jensen (1990: 7) utiliza o termo para se referir às mudanças nas formas dos morfemas, em diferentes contextos.

As regras morfofonológicas são definidas por Wurzel (1989: 5) como aquelas que "with the undermining of their phonetic motivation (...), have also completely or largely lost their function of adapting sound chains to the conditions of speech organs. They merely connect word forms and words of the same stem; they are of a conventional character."

De acordo com Dressler (1985), o domínio da morfofonologia envolve conflitos de naturalidade entre a fonologia e a morfologia. Para a fonologia existem as regras fonológicas, enquanto na morfologia estão incluídas as regras morfológicas alomórficas que dizem respeito às mudanças fonológicas não naturais nas formas dos morfemas e no meio estão as regras morfofonológicas que podem ser mais ou menos naturais fonologicamente, mas que se submetem a restrições lexicais ou gramaticais. Assim, considera que os processos morfofonológicos podem ser caracterizados "by acquiring morphological and reducing phonological domains" (Dressler, 1985: 149). A opinião de Jensen (1990: 63) não difere substancialmente da de Dressler (1985), pois, segundo afirma, os processos morfofonémicos diferem dos processos puramente fonológicos "in that they may require morphological conditions for their operation, or they may alter the

sequence of morphemes in a word" e diferem igualmente dos processos morfológicos, na medida em que "they do not change the meanings of the forms".

Para Spencer (1991: 126), os processos morfofonológicos reflectem um estágio do desenvolvimento histórico de regras fonológicas que estão em vias de se tornarem morfológicas ou lexicalizadas, mas que ainda possuem um certo grau de generalidade.

Por outro lado, temos alguns autores, como por exemplo Anderson (1992: 225), que não acham necessário que, para além das regras morfológicas e das regras fonológicas, se reconheça uma classe adicional de regras fonológicas morfológicamente condicionadas.

Após este breve excursão, tentarei fazer um balanço do estudo das alternâncias em vários autores, uns marcadamente estruturalistas, outros generativistas e alguns nem tanto, assinalando as divergências e confluências entre eles.

Alicerçados na concepção de "langue" de Saussure, enquanto sistema unitário e homogéneo, e elegendo uma abordagem que se pretendia estritamente sincrónica, os estruturalistas não conferiram praticamente nenhuma relevância à questão das alternâncias sufixais e, nos poucos estudos sobre os alternantes morfofonémicos, as análises incidem predominantemente sobre os paradigmas flexionais, como veremos em seguida.

Como é sabido, para os estruturalistas, quando o morfema tem duas ou mais ocorrências com formas (fonéticas) diferentes, estas são alomorfes ou variantes e cada uma das formas alternantes ocorre sob certas condições (cf., por exemplo, Bloomfield, 1933: 164), sendo importante determinar numa relação de alternância qual o alternante básico²¹⁴, i.e., a forma que ocorre num maior número de contextos.

Neste modelo, as alternâncias são basicamente de dois tipos: as alternâncias fonéticas, em que a modificação das formas se deve ao contexto fonético²¹⁵ e que, por terem uma distribuição previsível, também são designadas frequentemente por

²¹⁴ Dando como exemplo o par *keep ~ kept*, Bloomfield (1933: 164) considera *keep* o alternante básico, uma vez que *kep* só ocorre nalgumas formas acompanhado de *-t*.

²¹⁵ Por exemplo, as diferentes realizações do morfema de plural.

alternâncias regulares e as alternâncias gramaticais, morfológicas ou formais, aquelas que são determinadas pelo contexto morfémico²¹⁶.

Num estudo alargado sobre os morfemas alternantes em espanhol, Saporta (1959)²¹⁷ refere-se ainda a outro tipo de alternâncias que não podem ser determinadas pelo contexto (fonológico, morfológico e distribucional), como por exemplo *-dad ~ -tad ~ -idad*, em *maldad, libertad, felicidad*, alternâncias que analisarei em 3.3.

Mais recentemente, dentro das alternâncias entre alomorfes de um morfema, Matthews ([1974] 1991²: 115) distingue alternância recorrente de alternância não recorrente (só observada num único morfema, como por exemplo [æ:tʃ] e [ɔ:t], em *catch ~ caught*) e adiciona a noção de alternância lexical²¹⁸, tipo de alternância que também encontramos descrita em Bauer (1983: 15), onde é dado o exemplo do inglês *ox ~ oxen*, sendo *oxen* o único lexema com forma de plural em *-en*²¹⁹.

Os fonólogos generativistas também se interessaram, embora de um modo diferente, pela questão das alternâncias. Na gramática generativa, assume-se que cada morfema deve ser listado no léxico e, nos casos em que um morfema apresenta mais do

²¹⁶ Saporta (1959) dá como exemplo deste tipo de alternância o par *promet- ~ promes-*; a primeira forma ocorre antes de morfemas (sufixos flexionais) verbais, como em *prometo*, e *promes-* ocorre antes de morfemas não verbais, como em *promessa*.

²¹⁷ Remetendo para Hockett (1954), o autor apresenta dois modelos de descrição gramatical, i.e., Item and Process (IP) e Item and Arrangement (IA) e justifica a sua escolha pelo segundo, pois enquanto no primeiro modelo a descrição se faz em termos de uma mudança que envolve uma forma básica, no modelo IA a descrição aplica-se a formas coexistentes. Consequentemente, no segundo modelo, a escolha do alomorfe é arbitrária, uma vez que nenhum dos alternantes é considerado a forma básica.

²¹⁸ O autor classifica as outras alternâncias em morfemicamente condicionadas, gramaticalmente ou morfológicamente condicionadas e fonologicamente ou fonemicamente condicionadas (cf. Matthews [1974] 1991²: 115-116), consoante a presença de uma variante dependa do contexto morfológico, gramatical ou fonológico.

²¹⁹ Bauer (1983: 15) considera ainda os alomorfes foneticamente condicionados e os gramaticalmente condicionados e afirma que os alternantes morfofonémicos são alomorfes "conditioned by the word-formation process undergone" (exs.: a) *divine divinity* ai ~ i e b) *convulse convulsion* s ~ ʃ), alternâncias que, na sua opinião, se explicam quase sempre por razões históricas: a primeira resultante do Great Vowel Shift, no séc. XV, e a segunda de uma palatização de /s/ antes de /i/ ou /j/, regra que ainda está disponível em inglês. (cf. Bauer, 1983: 126).

que uma forma, só se lista a forma subjacente. As diferentes configurações que um morfema pode assumir (de acordo com o contexto fonológico, morfológico ou lexical) são descritas por um conjunto de regras, que determinam as ocorrências das variantes de um morfema. Na fonologia generativa, a forma básica dos estruturalistas torna-se, assim, parte de uma representação 'fonológica' subjacente.

No modelo de Chomsky e Halle (1968), mais conhecido por SPE²²⁰, a maior parte das alternâncias é tratada na componente fonológica, submetendo-se a regras fonológicas gerais (assimilação, dissimilação, inserção, supressão, etc.), enquanto as alternâncias supletivas (ex. *ir ~ fui*) e certas alternâncias tidas como mais ou menos irregulares ou não produtivas são tratadas fora da componente fonológica propriamente dita, através de regras de reajustamento, visando dar conta da alteração da forma fonológica de um item lexical, i.e. das representações fonológicas subjacentes, antes que ele entre na componente fonológica (por exemplo, em inglês, a alteração do /t/ final de verbos como *convert* ou *subvert*, antes da junção do sufixo *-ion*, de modo a assegurar que ele assume a forma [ʒ] em nomes do tipo de *subversion*). No entanto, como assinala Bauer (1983: 130), nem sempre há forma de decidir sob que condições é que duas formas fonéticas de superfície devem derivar da mesma forma subjacente (abstracta) de um morfema, ou seja, quando é que as regras da fonologia permitem predizer uma certa alternância e quando é que não o permitem e, conseqüentemente, quando é que se pode estabelecer uma relação derivativa. Parece, pois, não existir no modelo SPE um critério claro que permita distinguir as alternâncias que são tidas em conta pelas regras de reajustamento e as que são tratadas fonologicamente. Entre outras, é também por esta razão que os defensores da Fonologia Generativa Natural (cf., por ex., Hooper, 1976) se mostraram algo críticos em relação ao modelo SPE, assim como manifestaram o seu desacordo em relação às regras que em SPE estabelecem a ligação entre as representações fonológicas subjacentes e as formas de superfície (fonéticas). Daí que em Hooper (1976) tenhamos três tipos de regras: foneticamente condicionadas, morfofonémicas e "via-rules". As primeiras são foneticamente "naturais" e universais, enquanto as segundas são específicas de cada língua, não dependem do contexto fonético, mas antes de contextos morfossintáticos e lexicais e permitem relacionar diferentes formas de um mesmo item lexical, aplicando-se, por isso, à flexão. Por fim, as "via-rules" dizem respeito a relações fonológicas que já não são produtivas,

²²⁰ Abreviatura de *Sound Pattern of English*.

possibilitando estabelecer a ligação entre diferentes itens lexicais morfologicamente relacionados (por exemplo, *noite* e *nocturno*).

A Fonologia Lexical, também conhecida por Morfologia Lexical (cf., por exemplo, Kiparsky, 1982 e Mohanan, 1986)²²¹, tenta apresentar uma solução intermédia, preconizando regras fonológicas em que morfologia e léxico interagem (regras lexicais) e regras em que não há essa interacção (regras pós-lexicais).

Um dos aspectos a sublinhar é o facto de em trabalhos de índole generativista a alomorfia se restringir muitas vezes a alternâncias das quais não se pode dar conta através de uma regra produtiva. Enquanto as variantes fonéticas, ou variantes derivadas fonologicamente ou alternantes fonológicos, se podem explicar de forma regular por processos fonológicos gerais (assimilação, redução vocálica, etc.)²²², os termos morfe e alomorfe ficam reservados às variantes fonológicas de um morfema que não estão sujeitas a regularidades, i.e., que não são fonologicamente predictíveis, uma vez que resultam de regras fonológicas já desaparecidas, da reorganização analógica dos paradigmas ou da diferente actuação de mudanças fonéticas (veja-se, por exemplo, Mascaró, 1985: 17 e 53 e Jensen, 1990: 7-8).

Apesar das suas especificidades, as propostas até aqui referidas baseiam-se na concepção (tradicional) da morfologia concatenativa baseada em morfemas, i.e. assumem que o morfema é a unidade mínima de análise, e reivindicam que as alternâncias se caracterizam por uma diferença formal que não se traduz numa alteração a nível semântico. Porém, outros autores como por exemplo Aronoff (1976 e trabalhos posteriores)²²³ e Booij (2001) consideram que a morfologia se baseia em palavras e estabelecem regras de reajustamento (regras de alomorfia e regras de truncamento) que incidem sobre os produtos de regras produtivas de formação de palavras, considerando que as regras de alomorfia se destinam a dar conta das mudanças fonológicas de certos morfemas devido à presença de outro(s) morfemas(s) (por exemplo, em *electrify*,

²²¹ Apesar de não existir um modelo único de Fonologia Lexical, podemos, contudo, encontrar as linhas orientadoras deste modelo em Kiparsky (1982).

²²² Por exemplo, /ko/ e /kon/, realizações diferentes de um mesmo afixo, em derivados do tipo de *co-habitar* e *consanguíneo*.

²²³ Aronoff (1976) propõe a palavra enquanto unidade mínima de análise em morfologia ("Word-Based Hypothesis"), visto que, segundo afirma, só ao nível da palavra (unidade mínima com autonomia sintáctica) é que existe uma relação estável entre forma e significado.

electrification, dá-se a passagem do sufixo verbal do ing. *-fy* a *-fic-*, por estar seguido do sufixo nominal *-ation*).

Como pudemos observar, entre os vários tipos de alternância acima indicados contam-se as alternâncias fonológica, morfológica ou formal e lexical, mas, por surgirem em trabalhos em que se elegem modelos sincrónicos, penso que as soluções apresentadas, como tentarei ilustrar em seguida, nem sempre permitem descrições equilibradas, sobretudo quando se pretende confrontar dados pertencentes a diferentes estádios.

Para além da alternância entre "variantes fonéticas" do mesmo sufixo (cf. análise de *-dade* / *-idade*, na Parte II), os gramáticos históricos em estudo consideram ainda outros dois tipos de alternâncias sufixais: a alternância entre sufixos "eruditos" e "populares" (por exemplo *-ato* ~ *-ado*) e a alternância entre sufixos produtivos e sufixos não produtivos (por exemplo *-idade* ~ *-eza*).

Interessa-me, pois, determinar em que medida estas alternâncias se inserem ou não nos tipos de alternância geralmente estudados.

O par *-ato* / *-ado*, respectivamente as formas "erudita" e "popular" do sufixo latino *-ātu* (cf. a análise efectuada na Parte II), poderia aparentemente inserir-se nas alternâncias fonológicas e formais, salvaguardando-se que se trata de alomorfes históricos, entre os quais existe uma relação formal delimitada no tempo. Embora estes elementos apresentem similaridade grafémica, fonológica, morfológica e semântica, eles pertencem, contudo, a diferentes sistemas (latino e português): *-ato* ocorre em palavras herdadas do latim, não tendo formado nenhum derivado em português, papel que ficou reservado a *-ado*.

Outro exemplo é o dos derivados em que o sufixo erudito *-āri-* alterna com o popular *-eir-* (por exemplo: *bancário* ~ *banqueiro*). Neste caso, não se pode afirmar que se trata simplesmente de uma alternância formal, pois, para além desta, estamos igualmente em presença de uma alternância semântica, a que acresce a diferente categoria sintáctica dos derivados.

Por fim, encontramos nas gramáticas históricas vários derivados como por exemplo *perdimento* ~ *perdição*, pares formados com sufixos concorrentes em que, supostamente, *-ção* se caracteriza por ser mais produtivo do que *-mento* e em que existe

uma relação sistémica: ambos os sufixos seleccionam o mesmo TV, para formarem nomes semanticamente idênticos.

Estes exemplos contribuem para ilustrar que o estudo das alternâncias e os vários aspectos relacionados com a variação²²⁴ só ficará completo se for suportado por análises que contemplem as relações no tempo.

Ao falar-se em variação alude-se muitas vezes aos processos de mudança linguística ainda não completados e à instabilidade que os caracteriza. Porém, se é verdade que a mudança²²⁵ tem sempre origem na variação, a variação nem sempre redundando em mudança, pois pode haver coexistência de dois ou mais processos. Desde que os variacionistas exprimiram uma concepção de língua como realidade dinâmica e pancronicamente em mudança²²⁶, mais concretamente a partir do momento em que Weinreich, Labov e Herzog (1968: 128) se referiram à "heterogeneidade ordenada", que se passou a assumir que a variabilidade é uma característica inerente à linguagem humana. Como aponta Lucchesi (1998: 199), com a sociolinguística variacionista, "o desenvolvimento histórico de uma língua (...) passa a ser concebido como o contínuo processo de variação e mudança dentro do sistema heterogêneo inserido no contexto sócio-histórico e cultural da comunidade de fala".

Ao longo do trabalho, pretendo demonstrar que não só a variação não tem de ser sinónimo de instabilidade como, ao analisar-se muitos processos apelidados de variáveis, se verifica que a maior parte deles não são variáveis, sendo antes resultantes de uma inadequação descritiva.

No par *brandeza / brandura*, por exemplo, derivados formados com sufixos que hoje já não estão disponíveis, a forma que se fixou foi *brandura*, mas até esta ter suplantado a primeira, houve um período (pelo menos durante os séculos XIV e XV) de

²²⁴ Como se sabe, a variação abarca as dimensões temporal, geográfica e social, estudadas respectivamente pela linguística histórica, dialectologia e sociolinguística. A Linguística Histórica mostrou que os processos de mudança linguística que ainda não estão completados resultam em variação e a Sociolinguística evidenciou que a variação sincrónica é tipicamente uma fase de um processo que pode resultar numa mudança. Pelas características do meu trabalho, interessa-me particularmente o estudo da dimensão temporal.

²²⁵ Seja ela fonética e fonológica, morfológica, sintáctica, semântica ou lexical.

²²⁶ Esta concepção permitiu ultrapassar a correlação língua – competência / fala – *performance*; sistema – invariância – homogeneidade / norma – variação – heterogeneidade.

variação, i.e., uma alternância entre duas formas sufixais funcional e semanticamente idênticas. Estas duas formas coexistiram sem que houvesse entre elas uma diferenciação semântica assinalável. Uma delas deixou de se usar para evitar a instabilidade do sistema? Creio que é preferível defender a propensão para evitar alternâncias do que justificar o desaparecimento de uma forma como um modo de evitar a instabilidade do sistema, porque, por natureza, este nunca é totalmente uniforme, apesar de algumas abordagens assim o sugerirem.

Hock ([1986] 1991²: 168), ao definir a noção de nivelamento ("leveling") como a eliminação completa ou parcial de alternâncias no interior dos paradigmas, refere que as alternâncias que não assinalam diferenças de significado tendem a ser (o que não significa que sejam) eliminadas²²⁷. Trata-se, segundo o autor, do princípio de "one meaning – one form", princípio de uniformidade que é descrito no modelo da Morfologia Natural como sendo uma tendência natural (independente do sistema). Todavia, o mesmo modelo prevê que os princípios específicos de cada língua (dependentes do sistema) possam entrar em conflito com algumas tendências naturais (cf., por exemplo, Dressler, 1986) e sobrepor-se a estas. Se assim não fosse, não existiriam, por exemplo, alternâncias sufixais.

Em resumo, o conceito de alternância acarreta em si dois pressupostos básicos: que as formas tidas como alternantes partilhem algum elemento (formal); que formas estruturalmente diferentes possam ser identificadas como estando relacionadas devido a similaridades na forma e no significado²²⁸. A estes pressupostos acrescentaria um outro: para que dois ou mais elementos sejam alternantes, eles devem pertencer ao

²²⁷ O autor remete para Kuryłowicz e Mańczak, os quais consideram que a redundância, bem como a alternância ou a alomorfia no interior de um paradigma são tendencialmente eliminadas, o que implicará casos de nivelamento, ideia que também encontramos expressa em Hockett (1958: 409), ao assinalar a "mudança gramatical" do sufixo lat. *-ārius* (agente), que deu origem ao ing. *-er* (ex. *wagoner*), o qual, em Old English, alargou o seu emprego, juntando-se igualmente a radicais verbais (ex. *writer*). Para o autor, quando duas formas, "an inherited one and an innovation" estão em competição, a não sobrevivência de uma delas pode ser simplesmente o aspecto negativo da sobrevivência da outra, ressalvando que, em certos casos, podem sobreviver ambas as formas (cf. Hockett, 1958: 399).

²²⁸ Em Saporta (1959: 27-28), os principais critérios utilizados para classificar os alternantes (ou seja, dois morfemas que representam o mesmo morfema) são: similaridade fonémica, similaridade semântica e distribuição complementar.

mesmo sistema²²⁹. A razão por que prefiro esta definição está relacionada com o diferente estatuto que, penso, devemos conceder aos sufixos latinos que na sua passagem para o português continuaram disponíveis para formar novas palavras, por oposição aos que só ocorrem em palavras herdadas. Na minha opinião, não estamos, neste último caso, em presença de um sufixo mas antes de uma terminação latina que sofreu adaptações ao integrar-se no português.

Nesta medida, como mostrarei em 3.3., "pares sufixais" como *-ato / -ado* não podem ser tratados como alternâncias morfológicas: eles são o resultado de uma mudança linguística (vozeamento do *-t-* intervocálico latino, ao passar para o português), que nuns casos se deu e noutros não. Do ponto de vista fonológico, trata-se de uma alternância fonológica diacronicamente motivada, mas não podemos classificá-los como "alternantes" sufixais, uma vez que *-ato* não faz, nem nunca fez, parte do sistema derivacional do português.

Na minha opinião, também não é correcto catalogar, por exemplo, o sufixo "popular" *-eir-* como "alternante" do erudito *-ári-*: a partir do momento em que *-eir-* assume novos contornos semânticos e passa a formar derivados com uma categoria sintáctica diferente, assume uma identidade própria.

Muito menos podemos falar de alternância quando se trata de derivados como, por exemplo, *brandeza / brandura*, ou ainda de outros formados com sufixos produtivos que suplantaram sufixos que perderam disponibilidade, pois, nestes casos, em que há distintividade fonológica e identidade funcional e semântica de sufixos, não estamos perante "sufixos alternantes", parecendo-me mais adequado que se fale em sufixos concorrentes, ou sufixos isofuncionais, ou em oposição entre sufixos.

O conceito de alternância sufixal fica, assim, reservado para quando existe efectivamente uma alternância formal de elementos sufixais, i.e., quando temos elementos etimologicamente relacionados que têm uma estrutura diferente, que participam ambos em relações derivativas, i.e., em que tanto um como o outro dão ou deram origem a derivados em português, seleccionando o mesmo tipo de bases, dando origem a produtos derivacionais pertencentes à mesma categoria sintáctica e transmitindo um semanticismo idêntico às bases a que se soldam, como acontece por

²²⁹ Cf. a definição de alomorfe de Corbin (1985: 71), para quem "ne sont désignés comme allomorphes (...) que les items présentant une alternance formelle reproductible".

exemplo com *-ário* ~ *-eiro*, na acepção de 'colectivo'. Por esta razões, estou em completo desacordo com aqueles que consideram sufixos distintos todos os elementos sufixais que apresentam variações formais ou fonológicas (cf., por exemplo, Rainer 1993) e com os que interpretam como variantes alomórficas os exemplos em que existe distribuição complementar, semelhança formal e significado gramatical e lexical idênticos (cf., por exemplo, Harris, 1942: 171), pois ficamos sem saber se por elementos sufixais se entende que estes são exclusivamente sufixos, ou se este rótulo também contempla os elementos que ocupam uma posição sufixal, mas que pertencem a um sistema diferente. Se seguíssemos estas perspectivas, *-ato* e *-ado*, bem como *-eiro* e *-eira*, por exemplo, seriam sufixos diferentes.

Mas, para conhecermos na totalidade o que é uma alternância sufixal, é preciso delimitarmos previamente o que é um derivado, o que é um sufixo, em que consiste a estrutura interna das palavras complexas sufixadas e quais as relações formais e semânticas que se estabelecem entre base e sufixo, entre base e derivado e entre vários derivados formados com o mesmo sufixo ou formados com diferentes sufixos que partilham o mesmo tipo de bases, aspectos de que me ocuparei nos pontos que se seguem.

3. 3. Alternância Erudito ~ Popular

Quando procedi ao estudo da sufixação em gramáticas históricas do português (cf. cap. 2), indiquei a divisão que quase todos os gramáticos estabelecem entre sufixos derivacionais "eruditos" e sufixos "populares". Esta separação, para além de se basear no critério etimológico, estabelece-se ainda com base no maior ou menor grau de produtividade (cf. 3.4.) e na ocorrência de alomorfias (cf. análise de *-dade* / *-idade*, na parte II). Assim, de acordo com os gramáticos históricos, os sufixos "populares", por oposição aos sufixos "eruditos", são mais produtivos²³⁰ e estes últimos caracterizam-se por um grande número de alomorfes²³¹.

²³⁰ No entanto, Francisco M. Sequeira ([1938a] 1959³: 152), por exemplo, apesar de também subdividir os sufixos em "populares" e "eruditos", considera que ambos são produtivos.

²³¹ Cf., por exemplo os "alomorfes" *-são*, *-ção* e *-ão*, em "*razão*, *paixão*, *cachão*, *questão*, *divisão*, *procissão*", apontados por Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 59).

Refira-se que ainda hoje se diz que, geralmente, os sufixos de carácter patrimonial não dão lugar a alternâncias, por oposição aos sufixos de cunho erudito (cf., por exemplo, Pensado, 1999: 4431), e que este contraste ainda se torna mais flagrante no caso dos sufixos que apresentam formas duplas ("erudita" e "popular"). No entanto, tal como tentarei explicar, penso que os autores que avançam esta opinião estão a projectar uma complexidade morfofonológica que só o é de um ponto de vistaacrónico.

Antes de mais, devo dizer que sobre as alternâncias sufixo "erudito" ~ "popular" pouco se tem investigado, talvez porque sincronicamente elas sejam impossíveis de prever, por serem arbitrárias. Rio-Torto (1993: 214), por exemplo, refere-se à impossibilidade que algumas vezes temos de "dilucidar se a formação de uma palavra que possui um sufixo de configuração erudita terá tido lugar já no latim, ou terá ocorrido por força dum processo de relatinização da língua".

Os gramáticos históricos limitam-se quase sempre a apontar a existência de alternâncias, não as analisando em profundidade, nem do ponto de vista fonético, nem morfológico, nem lexical, é como se, utilizando a expressão de Pena (1999: 4361), elas caíssem "en un terreno de nadie".

De acordo com os gramáticos históricos, *-itude* ~ *-idão*, por exemplo, são a contraparte "erudita" e "popular" do sufixo latino *-itūdo itūdīnem* (cf. Cunha [1982] 1987²), par em que duas formas diferentes alternam e que conferem o mesmo semanticismo às bases a que se juntam. Trata-se de um caso de alternância não predictível em função do contexto e, por isso, os gramáticos não se referem a qualquer condicionamento fonológico ou morfológico. No entanto, enquanto *-idão* tanto ocorre em vocábulos herdados do latim (por exemplo, *aptidão*), como em derivados formados em português (por exemplo, *levidão*), *-itude* só ocorre em vocábulos [+lat], como por exemplo em *latitude*.

Como salientei nas conclusões do capítulo 2, para que um elemento presente na estrutura de uma palavra complexa seja considerado um sufixo, ele tem de ser perfeitamente isolado da base em que ocorre, ou seja, tem de haver a possibilidade de segmentação inequívoca do derivado nos seus elementos constituintes, sendo ainda condição preferencial que, cumulativamente, a maior parte dos derivados em que ocorre tenha uma estrutura semanticamente transparente.

A definição de sufixo que acabei de fornecer depende estritamente da noção de derivado sufixal, mas a definição deste nem sempre é clara e precisa, sobretudo nalgumas obras que não se centram exclusivamente no domínio especializado da

formação de palavras, como acontece nas gramáticas históricas português. Nestas, não existe uma delimitação precisa entre, por um lado, os derivados formados com sufixos disponíveis em português e os vocábulos eruditos herdados e, por outro, entre derivados e palavras com uma estrutura complexa em que ocorrem sufixos com correspondentes em português, mas que são empréstimos de outras línguas, sobretudo do castelhano e do francês, embora sincronicamente sejam analisáveis enquanto derivados pela maior parte dos autores²³².

Apesar de nem sempre se proceder à distinção entre derivados e formas herdadas ou que são empréstimos de outras línguas, não se pense, porém, que o critério etimológico não é relevante para os gramáticos históricos. O que acontece é que o seu interesse se situa essencialmente a nível do léxico e não da morfologia derivacional. Com efeito, encontramos nas gramáticas históricas subdivisões dos vocábulos em duas ou três espécies em função da sua etimologia. Por exemplo, segundo Joseph Huber ([1933] 1986: 25), as palavras latinas que pertencem à língua portuguesa desde o princípio da sua formação "chamam-se palavras herdadas ou palavras populares". Para Huber ([1933] 1986: 26), este vocabulário herdado, "transmitido oralmente de geração em geração – sofreu no decorrer dos tempos uma série de alterações", enquanto que os "termos cultos ou eruditos (...) só mais tarde se foram buscar ao latim" e, por isso, "não sofreram determinadas transformações fonéticas, precisamente porque na época dessas alterações ainda não pertenciam ao vocabulário português". Francisco M. Sequeira ([1938a] 1959³: 21) opta por uma classificação tripartida dos elementos que constituem o vocabulário: os "populares, originários do latim vulgar ou de outras fontes, entraram no uso comum e foram-se modificando de harmonia com as leis fonéticas (...). Os semi-eruditos entraram em regra por via literária e só em parte se sujeitaram àquelas leis (...). Os eruditos entraram por via literária, aportuguesaram-se artificialmente, são de uso restrito e não sofreram as leis da glotologia". Carolina Michaëlis de Vasconcellos

²³² Hock ([1986] 1991²: 382) dá exemplos de empréstimos em inglês que terminam em "-able/ible, -ation/tion, -ancelence", como *equatable, legible; derivation, equation, deliverance e occurrence*, afirmando que muitas destas palavras "coexist with other borrowed words from which they are synchronically clearly derived [exemplos: *equate, derive, deliver*] (...). In addition, since these patterns are not limited to just a few words, they must be accounted for by synchronic rules of derivation and morpheme combination", realçando o facto de alguns dos "morfemas", como *-able*, se combinarem com palavras nativas.

([1946] s.d.: 30) também adota esta subdivisão²³³, mas acrescenta que "são populares também todos quantos vocábulos procedem dêles [dos vocábulos "provenientes do latim vulgar"] pelo processo da derivação e composição" e que, do ponto de vista semântico, em geral, "os vocábulos *populares* têm sentido mais concreto e material; os *cultos* acepções mais elevadas e imateriais" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 31), embora admita que esta regra tem várias exceções.

Matthews ([1974] 1991²: 58) também recorre à separação entre bases eruditas e populares, referindo os casos em que umas e outras alternam, como por exemplo, em francês, *mensuel*, *monacal*, *clérical* / *mois* (do lat. *mensis*), *moine*, *clerc*. Com base nestes exemplos, o autor coloca uma interrogação muito pertinente, indagando se estes adjectivos "all belong to the same synchronic formation? Are *moine* [mwan] and *mois* [mwa] in some sense the same root as *monac-* [mɔnak] and *mensu* [mãsu]?" À pergunta sobre se poderemos ou não relacionar morfológicamente estes pares etimologicamente relacionados²³⁴, Matthews ([1974] 1991²: 50) acaba por dar uma resposta em que não se compromete com nenhuma solução definitiva, por julgar que "there is no certain answer, and, given the historical circumstances, it is hardly to be expected that there should be. The decision is a matter of analytic convenience – and (...) it is often hard to decide when the morphological analyst should pack it in".

Discutindo o papel das informações etimológicas numa morfologia sincrónica, Corbin (1987) analisa, entre outros, exemplos como *roi* / *royaume*, *païen* / *paganisme*, *jeu* / *ludique*, *loi* / *légal* e afirma que "il ne suffit pas que des mots soient apparentés formellement et sémantiquement pour qu'ils puissent être dérivés l'un de l'autre; encore

²³³ De acordo com Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 30-31), "São *populares* todos os termos do léxico primitivo, provenientes do latim vulgar, isto é, os que entraram na língua dos Lusitano-romanos por contacto directo, e foram transmitidos oralmente de geração em geração, sofrendo sucessivas modificações, com grandes intervalos de tempo, segundo leis então vigentes. (...) *Eruditos*, *literários*, *cultos*, de origem artificial, são, pelo contrário, os vocábulos de proveniência latina (e grega) que entraram no léxico português, por intervenção de escritores (...); quâsi inalterados foram acomodados apenas à pronúncia portuguesa no timbre das vogais. (...) Entre a camada *popular* e a *erudita* fica outra que participa das qualidades de ambas. Merecem a designação de *semi-populares* ou *semi-eruditas*, palavras de origem latina introduzidas bastante cedo (no período arcaico), ainda assim não sofreram as transformações impostas por leis fonéticas, ou as sofreram apenas parcialmente."

²³⁴ Estes pares são frequentemente designados por "doublets", i.e., formas "derived from the same ultimate source but by distinct historical developments" (Jensen, 1990: 13).

faut-il que les relations formelle et sémantique puissent être, de façon conjointe, considérées comme régulières" (Corbin, 1987: 89). Na opinião de Corbin (1987: 96), o linguista encontra-se dividido entre duas hipóteses: uma mínima e outra máxima. De acordo com a primeira hipótese devem considerar-se como derivacionais "des relations perçues comme telles par un locuteur moyen n'ayant pas nécessairement appris le latin et/ou le grec", na segunda hipótese são relações derivacionais "toutes les relations étymologiquement motivées, aussi bien formellement que sémantiquement". Reconhecendo as insuficiências da primeira e o risco de ruptura com a intuição metalinguística da segunda hipótese, Corbin (1987: 98) adopta uma atitude em que tenta conjugar as duas hipóteses anteriores, visto que não deseja "ni ne pas relier *fam-* et *faim*, ni relier *analyse* et *paralysie*", por exemplo. Por isso, a autora socorre-se da etimologia e das informações históricas unicamente quando elas "permettent d'élargir le champ des données synchroniques" (Corbin, 1987: 99), i.e., possibilitando associar palavras morfológicamente relacionadas quando a análise sincrónica se revela inoperante e completando a competência do morfólogo. De acordo com Corbin (1987: 101), exceptuando estes dois casos, "le morphologue s'interdira de recourir à l'histoire. Autrement dit, l'histoire peut, dans certaines limites, compléter, elle ne peut en aucun cas limiter ou censurer la description synchronique".

Dado o assunto que estou a abordar, i.e., saber se existem derivados formados com sufixos "eruditos" que têm uma contraparte "popular", não posso concordar inteiramente com Corbin (1987: 101), pois não só a história pode como deve em várias circunstâncias "limitar" ou "censurar" a descrição sincrónica.

São os dados da história que em muitos casos nos ajudam a dilucidar se numa determinada forma complexa existe ou não uma relação derivativa, i.e., uma relação formal e semântica entre a base e o derivado. Por exemplo, existe uma relação derivativa entre *deslocar* e *deslocação* e entre *perseguir* e *perseguição*, porque existe uma relação formal e semântica, mas o mesmo não se passa, por exemplo, com:

- *instruir* e *instrumento* ([+lat]), em que a relação é só formal. Contrariamente aos derivados em *-mento* do português, *instrumento* não designa o 'acto ou efeito de instruir', (para essa acepção temos *instrução*), uma vez que ao dar entrada no português *instrumento* fez-se acompanhar do traço [-abstracto] ²³⁵;

- *ouvir* e *audição* (lat.), em que a relação é sobretudo semântica e

²³⁵ Cf. Ali ([1931] 1964³: 240).

- *meter* e *missão* (lat.), porque, neste caso, não existe nem relação formal, nem semântica.

Palavras do tipo de *instrumento* e *audição* não podem, portanto, ser consideradas derivados e os elementos *-mento* e *-ção* que nelas ocorrem não podem, do mesmo modo, ser designados por sufixos. Uma designação passível de ser adoptada é a de formativos, termo cunhado de Aronoff (1976: 10-15), que argumenta que nas palavras em cuja formação entram os elementos *-ceive* e *-cep-*, como *receive*, *reception*, *deceive*, *deception*, esses formativos têm um comportamento formal que os identifica como unidades significantes, mesmo se eles não têm significado²³⁶. Ou seja, este autor considera os elementos formativos sobretudo como unidades estruturais e não enquanto unidades formais com uma contraparte semântica, afastando-se da definição de morfema de Bloomfield (1933).

Julgo que o termo formativo, apesar de tudo, é preferível ao de "sufixo fóssil" recentemente surgido (conceito que Correia, 1999, atribui a Corbin)²³⁷. Este último parece-me adequado para classificar os sufixos que perderam disponibilidade, mas não é pertinente quando se pretende tratar as palavras herdadas do tipo de *audição*, nem aquelas que sincronicamente são perfeitamente transparentes²³⁸, como por exemplo *cavaleiro*, *porteiro*, etc.. Estas formas [+latinas] são sincronicamente transparentes, do ponto de vista formal e semântico, mas historicamente sabemos que foram herdadas.

Como explicar, então, a relação entre, por exemplo, *juramento* [+latino] e *jurar* e entre *pescador* [+latino] e *pescar* e as diferenças relativamente a derivados do tipo de

²³⁶ Para Bybee (1988: 128), *deceive* está relacionado com *deception* e *receive* está relacionado com *reception*, quer por conexões fonológicas, quer semânticas; do mesmo modo, *deception* e *reception* relacionam-se fonologicamente e ambas são nominalizações; as conexões semânticas entre *deceive* e *receive* são fracas, mas as conexões fonológicas são fortes.

²³⁷ Este tipo de sufixos são definidos como "elementos sufixais que se caracterizam pelas seguintes propriedades: surgem em estruturas analisáveis do português; são portadores de significado relacional característico de sufixos do português; estabelecem com as suas bases uma relação semântica que é reproduzível noutras estruturas semelhantes; são integráveis em paradigmas sufixais próprios de RCPs [Regras de Construção de Palavras] do português; são, portanto, interpretáveis como sufixos do português; porém, nenhuma das palavras que os exibem foi espontaneamente construída em português, muito embora algumas delas possam resultar de réplicas deliberadas de estruturas de outras línguas, por exemplo do latim ao nível dos discursos científico-técnicos" (Correia, 1999: 244-245).

²³⁸ Outras formas igualmente herdadas, como por exemplo *posição* e *sucessor*, por serem mais opacas não nos colocam o mesmo tipo de problema.

casamento e *morador*, formados em português a partir dos verbos correspondentes? Como dar conta de que a terminação *-eiro*, em *cavaleiro* e *porteiro*, não é nem alomorfe de *-ário*, nem tem estatuto sufixal e que *cavaleiro* e *porteiro* não foram formados em português, embora eles possam ser sincronicamente analisados como derivados?

Se é verdade que as palavras herdadas que sincronicamente se apresentam como morfologicamente transparentes não são resultantes da aplicação de uma regra em português, na medida em que toda a estrutura é herdada, também não deixa de o ser que as regras que permitem gerar em português, por exemplo, *apresentação*, *parcialidade*, *caçador*, *firmeza*, *soldadura* só existem devido à existência prévia de palavras [+lat] do tipo de *nomeação*, *fragilidade*, *pescador*, *tristeza*, *assadura*. Ou seja, não só o nosso acervo lexical é constituído por muitas palavras herdadas (simples e complexas), como também os mecanismos que subjazem às regras de formação de palavras em português foram herdados da matriz latina.

As tentativas para separar as regras de formação de palavras das regras de análise de palavras, destinadas a distinguir casos como os de *caçador* e *pescador*²³⁹, com estrutura idêntica, mas um formado em português e outro herdado do latim, não nos elucidam acerca das diferenças entre os dois tipos de palavras. As regras de análise de palavras acabam por ter um resultado semelhante ao do alcançado pelas regras de formação de palavras, i.e., as primeiras desembocam na segmentação de, por exemplo, *pescador* em *pesca*_{TV} e *-dor*, quando se sabe que a palavra *pescador* não foi gerada por estes dois constituintes. Em casos como este, talvez a resolução do conflito entre a disponibilidade existente ao nível do sistema e a disponibilidade percebida pelo falante-ouvinte ideal seja sempre adiada, visto tratar-se de um desequilíbrio permanente. Mas, uma vez que a língua é um sistema dinâmico, em que a correspondência forma-significado se caracteriza por poder ser fruto de uma reanálise, não me parece abusivo que aquilo que para o linguista é etimologicamente uma palavra complexa, possa ser encarado por outros falantes como uma palavra simples, nem que algumas palavras, sincronicamente analisadas como complexas, sejam para o etimologista palavras simples. Veja-se, por exemplo, a explicação de Bauer (2001: 97) acerca da reanálise, em que o autor reconhece que "it could be that the speakers work with analogy, but that linguists' descriptions of the output of this behaviour are in terms of rules", evidenciando, assim, a discrepância entre a disponibilidade existente ao nível do sistema

²³⁹ Do latim *pīscātor -ōris*, formada de *piscāre* (cf. Cunha [1982] 1987²).

e a disponibilidade percebida pelo "falante-ouvinte ideal". Contudo, não fica claro como é que Bauer (2001) pensa que se poderia dar conta da dimensão histórica na análise morfológica e do facto de as implicações para o linguista e para o falante comum serem diferentes²⁴⁰.

As duas condições necessárias que, de acordo com Rio-Torto (1993: 213) devem ser tidas em consideração para que uma palavra seja considerada um produto derivacional do português, isto é, "que a sua estrutura composicional seja conforme com o padrão derivacional que a gera; que base e afixo sejam constituintes do português", parecem salvaguardar e dar conta de vários casos, não só dos derivados em que a correspondência formal e semântica entre a palavra complexa e a base que lhe deu origem é inequívoca, mas também de outros em que essa relação não é tão evidente, como por exemplo as palavras relacionadas formalmente que apresentam irregularidade semântica (por exemplo, *cantaria*²⁴¹), os casos em que as palavras são derivadas a partir de uma base "popular", à qual se deu a junção de um sufixo "erudito" disponível em português, como por exemplo *-al*, no adjectivo *doçal* e, finalmente, permite abranger as palavras complexas herdadas morfológica e semanticamente transparentes, visto que estas apresentam uma estrutura conforme ao padrão derivacional do português, embora não tenham sido geradas nesta língua.

Nalgumas das gramáticas históricas em análise e também noutros trabalhos mais recentes pretende-se, por vezes, que os critérios etimológico e formal (distribucional) só por si são suficientes para identificar um sufixo (e, por extensão, um afixo). Todavia, esses mesmos critérios revelam-nos, por vezes, que aquilo a que se chama sufixo é um alomorfe sufixal, ou uma simples sequência de fonemas sem valor sufixal. Por outro lado, é de assinalar, como também outros gramáticos históricos já o haviam feito, que esses critérios não são suficientes para demonstrar a desigualdade morfológica entre sufixo disponível e sufixo indisponível (na terminologia dos gramáticos históricos, sufixo "activo e inactivo" ou "vivo e morto").

O mais surpreendente é que a etimologia tenha sido considerada por alguns teorizadores generativistas como um indício de comportamentos afixais diferentes e que

²⁴⁰ O autor dá exemplos de empréstimos e de palavras formadas por derivação sufixal em inglês que, numa perspectiva sincrónica, são analisáveis como ostentando o mesmo sufixo, apesar de historicamente serem diferentes, mas não entra em detalhes que ajudem a dirimir essas diferenças.

²⁴¹ De *canto* (s.m., 'pedra grande' XIII), significa «pedra trabalhada».

ela tenha estado na base da discussão acerca dos princípios e mecanismos que restringem as propriedades combinatórias dos afixos, sobretudo dos sufixos do inglês.

Siegel (1974), Allen (1978), Selkirk (1982) e Mohanan (1986), entre outros, propõem modelos estratificados em que defendem que a maior parte das restrições combinatórias dos sufixos podem ser explicadas pelo facto de eles pertencerem a diferentes estratos (estrato 1 e estrato 2) e que estes estratos interagem fonológica e morfologicamente²⁴². Nestes autores, os sufixos do estrato 1 têm origem latina, soldam-se a radicais (ex.: *-ity*) e tendem a ser fonológica e semanticamente menos transparentes e também menos produtivos do que os sufixos do estrato 2 (ex.: *-ness*), estes maioritariamente germânicos. Além disso, os sufixos do estrato 1, contrariamente aos sufixos do estrato 2, são responsáveis por alterações do acento, ressilabificação e outras alternâncias morfofonológicas e ocorrem quase sempre antes dos afixos de estrato 2 (cf., por ex.: **atomlessity*).

Esta abordagem apresenta alguns problemas: a distinção entre os dois estratos baseia-se, predominantemente, na etimologia, mas isso não explica porque é que os falantes sem conhecimentos etimológicos dominam a morfologia da sua língua e porque é que alguns sufixos podem pertencer a mais do que um estrato (cf., por ex. *-able*, em *compárrable* vs. *cómprrable*).

Por isso, na delimitação de um sufixo, penso que, para além dos critérios morfológicos, fonológicos e semânticos, é necessário entrelaçar aspectos diacrónicos e sincrónicos e conferir o poder de "censura" às informações diacrónicas. As descrições sincrónicas que ignoram o peso das informações históricas, serão sempre parciais e podem, nalguns casos, induzir em erro.

Terão os sufixos "eruditos" características intrínsecas diferentes das dos sufixos "populares"? Será o "erudito" *-ário* diferente do "popular" *-eiro*, por exemplo?

²⁴² Kiparsky (1983) ainda vai mais longe, já que divide os afixos em três níveis: os afixos de nível 1 (exs. *-ity*, *-ize*, *-al*, *-ic*) estão menos disponíveis do que os do nível 2 (exs. *-er*, *-ness*, *-able*), enquanto os do nível 3 incluem os mais disponíveis de todos (incluindo toda a flexão regular). Mas, como Clark (1993: 128) aponta, afixos que só marginalmente estão disponíveis na língua comum, podem estar muito disponíveis em domínios específicos (por ex. *-ico* em domínios técnicos).

Ao proceder à diferenciação entre a derivação erudita e a não erudita, Zwanenburg (1983: 51)²⁴³ acha que o que individualiza uma e outra e o que contribui para a atribuição do traço [\pm erudito]²⁴⁴ é "la distribution des suffixes savants plutôt que les caractéristiques phoniques". De acordo com Zwanenburg (1983: 41), geralmente, dá-se a combinação de bases não eruditas com afixos não eruditos e a combinação de bases eruditas com afixos eruditos, mas também pode acontecer que a uma base erudita se junte um afixo não erudito, ou que a uma base não erudita se solde um afixo erudito. Além disso, para Zwanenburg (1983: 44), os afixos não eruditos combinam-se entre si (exs. *joyeuseté, formellement*), podendo acontecer o mesmo com os afixos eruditos (exs. *africaniste, immortalité*), i.e., ambos os afixos se submetem à recursividade. Remetendo para Dell e Selkirk (1978: 23), Zwanenburg (1983: 44) sustenta, ainda, que a maior parte dos sufixos que se podem juntar a um derivado sufixal são sufixos eruditos.

Como se pode observar, a distinção entre sufixos baseada nos critérios etimológico e distribucional, a partir do qual se determina o contexto ou contextos em que ocorrem os sufixos, nada acrescenta à definição de sufixo. As descrições relativas à sufixação demonstram, como tivemos oportunidade de observar, que temos casos de derivados formados a partir de uma base vernácula à qual se junta um sufixo "popular"²⁴⁵, bem como derivados formados a partir de uma base erudita à qual se juntou um sufixo "erudito"²⁴⁶, mas que também é muito comum a junção de um sufixo "popular" a uma base erudita (por exemplo, *nudeza, frigidez*), sendo mais raro a junção de um sufixo "erudito" a uma base "popular" (por exemplo, o adjetivo *doçal*, de *doce* e não de *dulce*). Sincronicamente não é possível prever qual a base ("erudita" ou "popular") que serve de derivação e, mesmo assumindo um dos tipos de base, não será possível prever qual o sufixo ("erudito" ou "popular") que se irá juntar à base.

Se os critérios etimológico e distribucional apresentam falhas no que diz respeito à delimitação e definição de um sufixo, por oposição a formativo em posição final de

²⁴³ Este autor estuda diferentes sufixos sem relação formal entre si, mas preenchendo a mesma função, ou seja, todos eles formando nomes. Zwanenburg (1983: 44) acha que não é a forma do sufixo que muda, mas sim o radical que sofre alomorfas.

²⁴⁴ No original [\pm savant].

²⁴⁵ Por exemplo, os nomes denominais em *-eiro*.

²⁴⁶ Processo relativamente frequente no domínio de algumas ciências, como por exemplo na medicina (cf., por exemplo, alguns adjectivos em *-ico*, do tipo de *afásico*).

palavra, eles são igualmente insuficientes para aferirmos se um sufixo "erudito" alterna com outro ("popular").

Assim, é necessário testar os critérios baseados, por um lado, na diferença (parcial ou total) fonémica entre os alternantes, ou seja, saber se estamos em presença de um processo morfofonológico e, por outro, na relação derivativa que os elementos que ocupam uma posição sufixal estabelecem ou não com as bases.

De acordo com os gramáticos históricos, os casos de alternância sufixal imputáveis à etimologia são os seguintes:

-ato; -são; -tor (-sor); -ári- (-air-); -ense; -ícia, -ície²⁴⁷; -átic-; -itude; -ncia; -tóri-; -tura (-sura), sufixos "eruditos" que alternam com os "populares":

-ado; -ção; -(d)or; -eir-; -ês; -iça, -ice (-ece), -ez-; -ádig- (-ádeg-), -agem; -idão (-idõ, -idõe, -idom²⁴⁸); -nça; -dour- (-doir-) e -(d)ura.

Se considerássemos que, do ponto de vista diacrónico, os sufixos "populares" representam a face "popular" dos correspondentes sufixos "eruditos", poderíamos, assim, incluir estes pares sufixais nas alternâncias formais a que aludi na introdução deste capítulo, visto que, os sufixos "populares" seriam alomorfes, uma vez que todos eles são formas fonológicas diferentes dos morfemas seus correlatos. Se insistíssemos em classificar os pares "erudito" / "popular" unicamente do ponto de vista sincrónico, *-ato* e *-ado*, por exemplo, teriam igualmente o estatuto de sufixo e de alomorfe sufixal. Como demonstro na Parte II, esta seria uma abordagem muito pouco enriquecedora e o único dado que obteríamos seria um par de etiquetas. Poderíamos, eventualmente, considerar, teórica e metodologicamente, dois subsistemas derivacionais. Por exemplo, Pena (1999: 4363) considera que, dado o carácter heterogéneo do léxico, devemos distinguir "dos pautas o tipos de reglas en la formación de palabras: la formación de palabras sobre base popular y la formación de palabras sobre base culta (= latina o griega). Las dos pautas de formación deben estudiarse separadamente (...). Las formaciones populares se crean (o son analizables) de acuerdo con las RFP del español; las formaciones cultas se crean (o son analizables) de acuerdo con las RFP del latín

²⁴⁷ Desta série fazem também parte *-ício* que, supostamente alternará com o "popular" *-iço*, os quais não trato, pois os mesmos ocorrem exclusivamente em adjetivos.

²⁴⁸ Para além destas variantes gráficas de *-idão*, temos ainda *-idoe*, *-idoem*, *-idõem*, *-idõen*, *-idõoe*, *-idóoy*, *-ídooy*, *-jdoe*, estas menos frequentes.

incorporadas al español. Sólo así se pueden explicar alternancias". Se aceitásemos a proposta de Pena (1999: 4364), tanto *leit-* como *lact-* seriam radicais e *-eo*²⁴⁹, *-eir-* e *-aria* (*-eria*), sufixos que juntos a esses radicais dariam origem a derivados.

O problema de considerarmos a existência de dois subsistemas derivacionais separados é a incapacidade para lidarmos com formas mistas, como por exemplo *albicastrense*, *dulçura*, *fluminense*, *frigidez*, *nudez(a)*, em que a bases eruditas se soldam sufixos "populares", não nos restando senão incluí-las nas excepções.

Outra dificuldade com que nos deparamos são as séries do tipo de *lácteo*, *leitaria* (*leiteria*), *leiteiro(a)*, em que todos os vocábulos estabelecem uma relação semântica com *leite*, mas em que o primeiro não assenta numa relação derivativa, porque *lácteo* não é um produto derivacional do português, mas sim um vocábulo herdado do latim.

Ora não se pode designar por derivado, nem por sufixo, elementos que não participam em relações derivativas.

Parece-me que o termo "vernacularização", proposto por Hock ([1986] 1991²: 405), encorpa de modo mais eficaz estas séries de vocábulos relacionados, mas em que não existe uma correspondência directa, do ponto de vista derivacional. Segundo Hock ([1986] 1991²: 405), "special coexistence between ancient prestige language and modern 'vernacular' is now commonly referred to as diglossia (...). In principle, such prestige languages are very conservative, resisting the 'normal' linguistic changes which affect the vernacular. However, if they are freely used in spoken form, they often undergo what may be called vernacularization, i.e., a certain intrusion of vernacular linguistic features". Para o autor, a coexistência de uma língua ancestral de prestígio sobre o vernáculo tem uma série de efeitos, sendo um deles os "doublets", como por exemplo *leite* / *láctico*.

Para determinarmos se há ou não alternância entre sufixos "eruditos" e "populares" é necessário averiguar, como já referi várias vezes, a existência ou não existência de uma relação derivativa, em que a transparência formal e semântica sejam evidentes. Proponho, pois, que se tomem em consideração os seguintes exemplos:

²⁴⁹ Como indiquei no capítulo 2, todos os vocábulos em *-eo* são [+lat] (cf. *argênteo*, *férreo*, *marmóreo*).

1. *tribunato* [+lat] / *reitorado* ('dignidade ou função de N');
2. *persuasão* [+lat] / *apresentação* ('acto ou efeito de V');
3. *pintor* [+lat], *defensor* [+lat] / *caçador* ('que ou aquele que V');
4. *bibliotecário* [+lat] / *carteiro* ('actividade profissional relativa a N');
5. *amplitude* [+lat] / *amplidão* ('qualidade do que é Adj.').

O falante comum, sem conhecimentos etimológicos especializados, encontrará, certamente, semelhanças em *tribunato* e *reitorado*, sendo previsível que segmente o primeiro em *tribuno* + *-ato* e o segundo em *reitor* + *-ado*, reconhecendo em ambos o semanticismo de 'função exercida por N'. Para a não distinção com base na etimologia, mais do que os poucos conhecimentos que o falante possa ter nessa matéria, contribuirá sem dúvida o facto de *tribunato* apresentar sincronicamente transparência formal e semântica. Neste ponto de vista, *-ato* e *-ado* serão alternantes.

No segundo exemplo, o falante estabelecerá uma conexão semântica entre o N *persuasão* e o V *persuadir*, embora não seja provável que segmente o N em **persuar* + *-são*.

Em *pintor* [+lat], *defensor* [+lat] / *caçador* ('que ou aquele que V'), a situação é semelhante à anterior: não obstante o paralelismo semântico entre *pintor* e *pintar* e entre *defensor* e *defender*, são poucas ou nenhuma das hipóteses de segmentação de *pintor* e de *defensor*, vocábulos que do ponto de vista formal não são transparentes²⁵⁰.

Tal como no primeiro exemplo, em *bibliotecário* [+lat] / *carteiro* ('actividade profissional') e *amplitude* [+lat] / *amplidão* ('qualidade do que é X'), a transparência formal e semântica dos vocábulos [+latinos], facilita a identificação de *-ário* e de *-itude*.

A estes exemplos poderíamos acrescentar a "facilidade" de segmentação de muitos outros vocábulos [+latinos] ou que são empréstimos a outras línguas, como por exemplo *abordagem* (do fr.), *nomeação* [+lat], *fragilidade* [+lat], *pescador* [+lat], *tristeza* [+lat], *assadura* [+lat], em que a contraposição com derivados do tipo de *albergagem*, *apresentação*, *parcialidade*, *caçador*, *firmeza* e *soldadura* não seria tão necessária, tendo em conta a autonomia das hipotéticas bases que estariam nas suas origens.

Pretendo, assim, sublinhar de novo que o critério principal e absoluto para determinar a existência de alternâncias sufixais passa pela possibilidade ou

²⁵⁰ Cf., por exemplo, *defensor* [+lat] e *defendedor* ('que ou aquele que V').

impossibilidade de identificarmos relações derivativas e que, para tal, impõe-se traçar a "história" dos vocábulos, recorrendo sempre que possível às datações, confirmando quando deram entrada na língua e se foram formados em português ou se, pelo contrário, foram herdados das línguas clássicas ou tomados de empréstimos a outras línguas.

Como mostro na Parte II, nenhum dos vocábulos em *-ato*, *-são*, *-tor* (*-sor*), *-ície* e *-itude* foram formados em português. Portanto, estes não podem ser considerados sufixos "eruditos" do português, do mesmo modo que *-ado*, *-ção*, *-dor*, *-ice* e *-ez* e *-idão* não são as contrapartes sufixais "populares" que lhes correspondem. Estes últimos são sufixos do português, sendo supérfluo rotulá-los de "populares", enquanto os primeiros elementos são sufixos do latim que em português nunca manifestaram qualquer disponibilidade para formarem derivados e, por isso, não existe qualquer alternância sufixal.

Nos pares *-ncia* ~ *-nça*, *-tóri-* ~ *-dour-* (*-doir-*) e *-tura* ~ *-dura*, os primeiros elementos, embora ocorram preferencialmente em vocábulos eruditos, por terem dado origem a derivados em português (cf., por exemplo, *assistência*, *transumância*, *inibitório*, *assinatura*), alternam com os segundos.

Nestas alternâncias, todos os segundos elementos podem, pois, ser considerados alomorfes dos primeiros, na medida em estamos perante "alternâncias formais reprodutíveis" (cf. Corbin, 1985: 71). Contudo, eles só são alternantes em contextos específicos (cf. Parte II):

a) *-nça* só é alomorfe de *-ncia* em nomes abstractos, formados a partir de temas verbais; em nomes denominais, quer com acepção colectiva, quer aumentativa e/ou pejorativa (exs.: *festança*, *molhança*), não se verifica a alternância *-ncia* ~ *-nça*;

b) com base no estudo que efectuei, posso afirmar que *-tóri-* é a forma erudita do lat. *-toriu*, enquanto *-dour-* é a forma portuguesa correspondente (*-doir-* é uma variante deste último), se a base seleccionada for um TV e o derivado um adjectivo que designa 'qualidade' (exs.: *inibitório*, *duradouro* (*duradoiro*)). Na formação de nomes que designam 'Local onde se V' e 'Que serve para V' (cf., por exemplo, *comedouro* e *dobadoira*), todos os nomes são em *-dour-* (*-doir-*), ocorrendo *-tóri-* exclusivamente em formas [+lat] (cf., por exemplo, *refeitório* e *lavatório*).

c) na formação de N a partir de TV, que designam 'acção ou resultado da acção', *-tura* e *-dura* alternam (exs.: *assinatura*, *andadura*), mas como se poderá observar na

descrição deste par sufixal, o emprego de *-dura* é muito mais alargado, sendo vários os casos em que este não é alternante do "erudito" *-tura*.

Os restantes três tipos de alternância evocados pelos gramáticos históricos são a alternância *-aria* ~ *-eria*, *-dade* ~ *-idade* e, ainda, a alternância de *-mento* com outros sufixos mais produtivos²⁵¹.

Advoga-se frequentemente que *-aria* se originou de *-eria*, sendo uma variante deste último, hipótese que rejeito, propondo como forma base do sufixo *-aria* (cf. análise deste sufixo na Parte II). No que diz respeito a *-dade* ~ *-idade*, na opinião da maioria dos gramáticos históricos, o sufixo é *-dade*, sendo *-idade* mera variante, opinião que, após a análise que efectuei na Parte II, também não sancionei, uma vez que só *-idade* tem o estatuto de sufixo do português.

A partir da discussão e dos exemplos em análise nesta secção, pode concluir-se que:

- alguns dos sufixos "eruditos" apontados pelos gramáticos históricos, assim chamados por seguirem de perto a forma latina, apesar de ocuparem uma posição sufixal não fazem parte do sistema derivacional do português, não possuindo, por isso, contrapartes "populares". Não há igualmente razões para que estes elementos sejam designados por formativos, na acepção aronoffiana (cf. Aronoff, 1976: 10-15), nem por sufixos "fósseis" (Correia, 1999: 244-245), uma vez que nunca serviram em português para formarem novas palavras²⁵²;

- com base no reduzido número de contextos em que alguns sufixos "populares" alternam com outros "eruditos", verifica-se uma tendência para reduzir as alternâncias sufixais que não assinalam diferenças importantes a nível do significado (cf. a noção de nivelamento, em Hock [1986] 1991²: 168);

- sufixos com uma forma muito próxima da dos sufixos latinos que lhes deram origem e que participam ou participaram na formação de derivados em português (por

²⁵¹ Cf. 3.3. e análise de *-mento*, na Parte II.

²⁵² Apesar de pertencerem a outro sistema derivacional, é possível identificar a função morfo-sintáctica dos sufixos latinos e, além disso, eles não perderam completamente o seu conteúdo semântico.

exemplo, *-ário*) têm exactamente o mesmo estatuto que os sufixos ditos "populares" (por exemplo *-eir-*)²⁵³;

- não considero legítimo que se invoque a alternância forma "erudita" ~ forma "popular" e o elevado grau de alomorfia das primeiras como argumento para a dificuldade de segmentação dos sufixos, pois isso só acontece se nos limitarmos a estudos meramente sincrónicos (por exemplo, sabe-se que todos os nomes em *-são*, como por exemplo *admissão*, são [+latinos]);

- quanto às chamadas séries heterogéneas de derivação, partindo de exemplos como *aguado* e *aquoso*, na acepção de 'semelhante a água' (cf., PE), e de derivados do tipo de *frigidez*, em que a forma esperada seria *°frigidície*, verifica-se que, em português, podem interagir elementos de dois sistemas (latino e português). Mas, apesar de derivados como *aquoso* e *frigidez* fazerem parte do sistema derivacional do português, eles devem ser tidos como excepcionais, uma vez que para a sua formação concorrem uma base [+lat] e um sufixo do português;

- no que diz respeito aos empréstimos, a massa actual de empréstimos não coincide inteiramente com as palavras que o linguista histórico reconhece como tal. Muitos dos empréstimos com uma estrutura complexa não ostentam particularidades fonéticas e fonológicas que se distingam das do português (exs.: *culpabilidade*, *mobiliário*, do fr.). Estes exemplos, que para o linguista histórico são empréstimos, são para o linguista sincronicista palavras complexas, analisáveis da mesma forma que os derivados portugueses *dilatabilidade* e *bibliário*. Estes empréstimos são mais transparentes do que derivados como, por exemplo, *romaria*²⁵⁴, que sofreu uma lexicalização²⁵⁵;

²⁵³ Tratar-se-ia, neste caso, de alomorfes, i.e., formas sufixais em distribuição complementar, que possuem semelhança formal e significados gramatical e lexical idênticos, como por exemplo *-ário* e *-eiro*, e não de sufixos distintos.

²⁵⁴ Do top. *Roma* + *-aria*. Posteriormente, passou a designar qualquer peregrinação religiosa (cf. Machado [1952] 1977³).

²⁵⁵ Numa das acepções mais correntes em morfologia, o conceito de lexicalização aplica-se a palavras que só são complexas do ponto de vista formal, não sendo portanto composicionais (ex. *romaria*). Estes derivados, por serem idiossincráticos, necessitam de uma especificação acrescida, quer no que diz respeito ao tipo de bases, quer relativamente ao sufixo em questão e, na medida em que, sincronicamente, a estrutura destes derivados é opaca, eles devem ser tratados como palavra simples. Os termos lexicalizado e opaco são muitas vezes sinónimo e opõem-se aos termos de composicional e transparente.

- palavras [+lat], como por exemplo, *obreiro* e *pescador*, transparentes do ponto de vista formal e semântico, mas formadas noutra sistema, também devem ser consideradas pelo linguista não etimologista como palavras complexas. Nestas palavras em que, ao serem adoptadas pelo português, houve uma continuidade / manutenção da transparência que possuíam no sistema de origem não há idiosincrasismo formal nem semântico;

- pelo contrário, palavras herdadas com uma estrutura opaca (por ex. *convenção* e *tenção*), do ponto de vista morfofonológico e semântico, devem ser analisadas como palavras simples e só nestes casos devemos recorrer sincronicamente ao traço [+lat];

- como referi no início, o facto de a maior parte dos pressupostos teóricos e metodológicos preconizados pelos modelos sincrónicos de análise morfológica não contemplarem o estudo das alternâncias sufixais "erudito" / "popular" dificultou, em certa medida, a análise que efectuei e, por isso, nem sempre pude evitar algumas repetições. Os pares "erudito" / "popular" têm sido pouco estudados talvez porque, como salienta Hock ([1986] 1991²: 642), "synchronic rules require synchronic alternations for their justification. Sound change, however, is a diachronic phenomenon and leads to synchronic alternations only in some of its occurrences".

Penso ter demonstrado que o estudo das relações entre sufixos "eruditos" e "populares", embora suscite alguns problemas nem sempre fáceis de resolver, contribui para um melhor conhecimento do que é um sufixo e uma palavra complexa sufixada e para a clarificação dos conceitos de composicionalidade, uniformidade e transparência, não sendo, portanto, supérfluo realçar a importância que ele assume.

3. 4. Conceitos de Produtivo e Não Produtivo

Devido à natureza da formação de palavras, cujo objecto de estudo são as palavras morfológicamente complexas (derivadas e compostas), muitas análises nesta área reconhecem a necessidade de considerar a produtividade, ou outra noção relacionada, como um meio de delimitar esta área de investigação²⁵⁶.

Uma distinção básica na produtividade é a diferença entre processos produtivos e improdutivo: os processos produtivos são aqueles capazes de gerar novas palavras (complexas), através de uma regra de formação de palavras.

Teoricamente, se tomarmos em consideração a totalidade dos processos produtivos, podemos definir todos os tipos de palavras complexas formadas de acordo com processos regulares (derivação e composição) e prever quais as palavras complexas possíveis de uma língua, i.e., especificar o modo como o léxico de uma língua pode ser alargado de forma sistemática. Pelo contrário, advoga-se que os produtos resultantes de um processo improdutivo estão armazenados no léxico.

Nesta secção, o primeiro aspecto a ser tratado prende-se com a própria definição do conceito de produtividade²⁵⁷, mais concretamente de produtividade morfológica, enquanto componente importante de uma descrição linguística, visto que, muitas vezes, são empregues outros termos para designar a mesma noção e, noutros casos, emprega-se o termo produtividade para designar factos distintos.

Grande parte dos morfólogos (cf., Aronoff (1976: 21) e Bauer (1988: 33), entre outros), assume que só são produtivos os processos morfológicos regulares²⁵⁸ e que a produtividade depende não de um mas de vários factores (sistémicos e extra-sistémicos). Por isso, procurarei confrontar os factores que contribuem para a produtividade ou improdatividade de um determinado processo e que estão na origem da concorrência de sufixos produtivos / sufixos não produtivos.

²⁵⁶ Cf., por exemplo, Marchand ([1960] 1969²: 5), que afirma o seguinte: "Productivity of a derivative type therefore cannot be overlooked in a correct description of a linguistic system, and the linguist who neglects this particular factor will be counting 'dead souls' as live people".

²⁵⁷ Esta discussão beneficia, em grande parte, da empreendida na obra de Bauer (2001).

²⁵⁸ Frequentemente refere-se a produtividade dos processos morfológicos e não dos afixos porque na formação de palavras é impossível dissociar estes das construções em que participam.

Como vimos anteriormente (cf. cap. 2), embora nas gramáticas históricas do português a oposição produtivo / não produtivo seja quase sempre tida em conta, não existe nestas obras, por um lado, uma circunscrição evidente entre sufixos que se usavam em latim e grego e que passaram para o português mantendo a sua vitalidade e os que não foram adoptados²⁵⁹ e, por outro, raramente se fornecem possíveis razões que poderão contribuir para a produtividade ou improdatividade de um sufixo ou processo.

De acordo com os gramáticos históricos, os sufixos que perderam produtividade são *-idão*; *-dour-* (*-doir-*); *-ura* e *-dura* e *-mento* (cf. a análise dos respectivos sufixos na Parte II), devido à concorrência de outros que com eles alternavam e que os terão suplantado, nomeadamente os sufixos produtivos *-idade*, na formação de N [+abstractos], *-aria* e *-dor* (na acepção locativa, *-aria* ganhou terreno e, na instrumental, *-dor* é o sufixo mais disponível) e *-ção*, o sufixo mais disponível para formar N a partir de TV.

Ao longo da exposição, pretende-se argumentar que, para balizarmos a produtividade, teremos de incorporar os conceitos de sincronia e diacronia, assim como os de competência e de *performance*, duas dicotomias marcantes do estruturalismo e do generativismo, respectivamente, reforçando a ideia de que a adopção de uma perspectiva meramente sincrónica ou meramente diacrónica não deve, nem pode, ser perfilhada.

²⁵⁹ Reinhardstoettner (1878), Nunes [1919] 1989⁹), Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.) e Câmara Jr. (1975: 218) constituem excepções a esta generalização, visto que procedem a essa separação de uma forma evidente. De todos os gramáticos, Câmara Jr. (1975: 218) é o único que salienta expressamente que "a produtividade de um sufixo, que lhe dá individualidade na gramática da língua portuguesa, decorre do seu destaque de palavras derivadas que vieram tais do latim ou, por empréstimo, de outra língua".

3. 4. 1. Conceito de Produtividade

Nas últimas décadas, o conceito de produtividade adquiriu uma importância significativa em toda a teoria gramatical, sobretudo a partir de Aronoff (1976), o qual dedica todo um capítulo a este assunto²⁶⁰, decorrendo este conceito, por sua vez, da distinção efectuada pelo autor entre palavras existentes e palavras potenciais²⁶¹. Todavia, a noção de produtividade não é de forma alguma recente, ainda que as designações possam ser diferentes. Diez ([1836-1844] 1973: 255), por exemplo, fala em elementos formativos vivos e produtivos, termos que se opõem ao de "pétrifié". Do mesmo modo, podemos encontrar as noções de "vivo", de "activo" e também de "produtivo" nas gramáticas históricas do português²⁶².

Até relativamente há pouco tempo, era frequente a utilização do termo produtividade para designar a criatividade linguística. Veja-se, por exemplo, Hockett (1958: 575), que define a produtividade como "property of language which allows us to say things which have never been said before", definição que é geralmente aceite como caracterizadora do conceito de criatividade²⁶³.

Noutra acepção corrente, produtividade e frequência elevada de produtos resultantes de um determinado processo morfológico são tidas como sinónimos, como podemos verificar, por exemplo, na gramática histórica da autoria de Eduardo Carlos Pereira ([1916] 1935⁹: 203), o qual afirma, a propósito de *-eza*, que se trata de um "suffixo productivo", pois são inúmeras as palavras em que o mesmo ocorre. Mais adiante, especifica que "Os *suff. populares* são, em regra, *productivos*, e os *eruditos improductivos*, isto é, aquelles formam classe numerosa de palavras, e estes ou se limitam a um derivado (*casebre, corpanzil*), ou a um numero restricto (*corpusculo, particular, minusculo*, etc.) (Pereira [1916] 1935⁹: 205).

²⁶⁰ Cf. Aronoff (1976), capítulo 3 "Productivity", pp. 35-45.

²⁶¹ A noção de produtividade discutida em Aronoff (1976: 36) é que o índice de produtividade de um dado processo é a *ratio* entre as palavras possíveis e as palavras atestadas.

²⁶² Cf. cap. 2, "Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português".

²⁶³ Cf. as definições de criatividade em Chomsky (1965: 6) e em Lyons (1977: 76-78), estabelecendo este último a distinção entre criatividade e produtividade. Cf. ainda a separação efectuada por Carstairs (2002: 85) entre produtividade morfológica e criatividade sintáctica.

Guilbert (1975: 213) considera igualmente que a produtividade de um afixo é "mesurée par le nombre d'unités dans lesquelles il entre et par le mouvement de création et de disparition qui l'affecte dans cette période, décelée par l'extension à des champs lexicaux nouveaux"²⁶⁴.

Em abordagens mais recentes, como é o caso da de Baayen (1992), a definição de produtividade passa também, em grande parte, pelo elevado número de ocorrências, o que aliás lhe valeu a forte crítica de van Marle (1992: 160)²⁶⁵, para quem, além do mais, o *corpus* em que Baayen (1992) se baseou é pouco significativo²⁶⁶.

Também Aronoff (1976: 36) se opõe à simples contagem do número de palavras geradas por uma determinada regra, porque "it doesn't take into account the fact that there are morphological restrictions on the sorts of words one may use as the base of certain WFRs [Word Formation Rules]", nem possibilita a distinção entre regras produtivas e regras não produtivas. Em Aronoff e Anshen (1998: 240), o factor frequência é tido como importante, mas não como um fim em si mesmo, visto que os efeitos da frequência podem ser observados "in morphological regularization over time: in general, the more frequently an irregular form is used, the more resistant it will be to being replaced by a regular form, which is to say, the more likely it is to block the corresponding regular form". Esta apreciação vai ao encontro de uma das generalizações de Dressler (1986), isto é, a de que as formas mais frequentes (e adquiridas mais cedo) resistem à analogia, que tem normalmente um efeito regularizador (cf. McMahon, 1994: 83)

Uma vez que Aronoff e Anshen (1998: 240) consideram a frequência como um dos factores relevantes, para eles, a noção de produtividade morfológica não é absoluta, porque "there is a good deal of evidence for the existence and utility of intermediate cases".

De entre os vários autores que partilham a tese de que a produtividade varia de grau, destacam-se Hock ([1986] 1991²: 174), Bybee (1988: 132), para quem, sempre que existem processos alternativos para expressarem as mesmas categorias numa língua,

²⁶⁴ A partir do *Dictionnaire des Mots Nouveaux*, de Pierre Gilbert (1971, Paris, Hachette), o autor conta o número dos derivados neológicos que são nomes de acção.

²⁶⁵ Este autor alega que "the impressive sophistication of the statistical and mathematical procedures that are used is not always paralleled by a similar sophistication of the linguistic methods and findings".

²⁶⁶ Refira-se que esse *corpus* é de cerca de 600 000 vocábulos.

existem diferenças no grau de produtividade desses processos e Matthews ([1974] 1991²: 69). Este último autor, para além do conceito de produtivo e de improdutivo, aplica o de semiprodutivo a formas que são novas para o falante e que "can be created or re-created, can be understood and can in principle become established, but not in total freedom", i.e, recorre à distinção entre palavras existentes e palavras potenciais para explicar a semiprodutividade. Na opinião de Matthews ([1974] 1991²: 69), para que uma formação possa ser totalmente produtiva, não pode ocorrer nenhuma espécie de bloqueio e, ao empregar o termo semiprodutivo, parte do princípio de que algumas palavras potenciais podem vir a ser bloqueadas. Conclui, então, que tal como a produtividade não é absoluta, "blocking is not absolute" (Matthews [1974] 1991²: 77).

Na definição fornecida por Corbin (1987: 42), a qual em certa medida completa e reformula outras anteriores, o conceito de produtividade morfológica pode designar, por sua vez, três aspectos: "la régularité des produits de la règle, la disponibilité de l'affixe, c'est-à-dire précisément la possibilité de construire des dérivés non attestés, de combler des lacunes du lexique attesté, et la rentabilité, c' est-à-dire la possibilité de s'appliquer à un grand nombre de bases et/ou de produire un grand nombre de dérivés attestés"²⁶⁷. Esta definição, em que se desmembra a produtividade em três componentes, embora constituindo um avanço, viria a ser reformulada por Bauer (2001).

Bauer (2001: 27) começa por apresentar uma definição provisória de produtividade, em que refere que "A morphological process is productive if it can be used to coin new words", para, após uma longa discussão (cf. Bauer, 2001, cap. 3), vir a redefinir o conceito, esclarecendo que "Productivity is a feature of morphological innovation. It is a feature of morphological processes which allow for new coinages, but not all coining necessarily indicates productivity. (...) In sum, the productivity of a morphological process is its potential for repetitive non-creative morphological coining" (Bauer, 2001: 97), partindo do princípio de que as formações resultantes de um processo

²⁶⁷ Sublinhados meus.

produtivo não são mensuráveis²⁶⁸ pois, segundo declara, "Productivity is all about potential" (Bauer, 2001: 41)²⁶⁹.

Tal como Aronoff (1976: 36) e Bauer (2001: 144), entre muitos outros, também considero que a produtividade não pode ser avaliada pelo critério da frequência, ou seja, pelo número de palavras formadas por determinado processo, visto que, embora isso nos possa fornecer indicações acerca da generalização de um processo morfológico, a frequência não permite aferir a disponibilidade de determinado processo. Este último aspecto levou Bauer (2001: 205) à divisão da produtividade em dois mecanismos²⁷⁰ distintos e independentes: a disponibilidade ('availability') e a rentabilidade ('profitability'), dizendo a primeira respeito ao sistema e a segunda à norma²⁷¹. Ao invocar esta separação, Bauer (2001) vai um pouco além de Corbin (1987: 42). De acordo com Bauer (2001), se encararmos a produtividade enquanto rentabilidade estamos em presença de uma noção absoluta, um processo ou é ou não é produtivo, por outro lado, a disponibilidade faz parte do sistema (é governada por regras) e é uma noção que implica variabilidade, realçando que "statements of availability are temporally limited. What is available in one period may not be in the next. Availability

²⁶⁸ Quatro décadas atrás, Schultink (1961, "Produktiviteit als Morphologisch Fenomeen", in *Forum der Letteren* 2, pp. 110-125), citado por Baayen (1992: 109), definia a produtividade como "the possibility for language users to coin, unintentionally, a number of formations which are in principle uncountable".

²⁶⁹ À semelhança de Aronoff (1976), em Bauer (2001) a distinção entre palavras existentes e palavras potenciais é de extrema importância. Nas palavras potenciais, Bauer (2001: 42) distingue ainda as palavras que têm mais probabilidade de ocorrer ('possible word'), daquelas que são menos prováveis ('probable word'), sendo as primeiras definidas em função do sistema linguístico, enquanto as segundas são determinadas por factores extra-sistémicos.

²⁷⁰ "Themes", na terminologia do autor.

²⁷¹ Na célebre distinção entre norma e sistema, Coseriu (1979: 61), ao referir-se à formação de palavras, afirma que, por vezes, o falante utiliza recursos que não estão disponíveis na norma, existindo, contudo, "de algum modo no sistema", pelo que não se deve considerar como inexistente o que não está registado no código da norma (por exemplo nos dicionários).

O morfólogo van Marle (1992: 151) havia igualmente assinalado que, para além da distinção entre criatividade e produtividade, talvez fosse ainda mais frutuoso aprofundar se os factores que determinam a produtividade se relacionam com o sistema (a competência) ou com o uso (performance).

can change diachronically, and valid statements about availability in one period do not necessarily apply to any adjacent period" (Bauer, 2001: 205-206)²⁷².

Alegando que nem sempre é fácil estabelecer uma fronteira entre criatividade e produtividade, Bauer (2001: 64) propõe que a criatividade²⁷³ e a produtividade sejam consideradas hipónimos da categoria inovação, distinguindo-se uma da outra pelo facto de a segunda ser governada por regras, enquanto na criatividade entram muitas vezes em funcionamento certos mecanismos analógicos (cf. 3.4.3.).

A noção de produtividade de Bauer (2001), envolvendo os dois conceitos distintos de disponibilidade e de rentabilidade, é, quanto a mim, uma das mais conseguidas. No meu trabalho, por dizer respeito àquilo que o sistema determina e muda diacronicamente, é a noção de disponibilidade que se afigura como preponderante, mas é quase incontornável a referência à rentabilidade (dependente da *performance*). Os processos de formação de palavras ou estão disponíveis ou não, mas o facto de estarem disponíveis não se traduz necessariamente numa forte rentabilidade. Por outro lado, uma rentabilidade significativa implica sempre uma forte disponibilidade, sendo esta última o factor essencial que contribui para a produtividade de um determinado processo.

Deste modo, penso que aqueles que defendem que a produtividade não é absoluta (os processos morfológicos não se inserem em duas categorias integrais, produtivo e improdutivo), tendo, pelo contrário, uma visão escalar da produtividade (os afixos ou os processos podem ser mais ou menos produtivos), confundem, de facto, o conceito de produtividade com o de disponibilidade.

De forma a podermos definir mais adequadamente aquilo que é ou não produtivo, impõe-se a demarcação dos diferentes factores que afectam a produtividade.

²⁷² Tomando como exemplo *-ment*, o autor invoca que, contrariamente a *-ation*, ele já não está disponível no inglês para se soldar a bases em *-ise*.

²⁷³ De acordo com o autor, fazem parte da criatividade linguística, por exemplo, as extensões metafóricas de palavras existentes e certas criações caracterizadas pela sua efemeridade e não predizíveis, nem generalizáveis.

3. 4. 2. Diferentes factores que afectam a produtividade

Na literatura (cf., por exemplo, Rainer, 1987), alguns factores que são comumente apontados como exercendo influência sobre a produtividade dos processos morfológicos são, como já vimos, a frequência das palavras geradas ou *output* (de todos o factor mais vezes invocado) e ainda: o número de bases disponíveis, i.e., a frequência da categoria de *input*²⁷⁴; a categoria gramatical das bases seleccionadas; as características segmentais e suprasegmentais da base (posição do acento, número de sílabas, etc.); a proporção entre as palavras realmente usadas e as palavras potencialmente criadas por um processo particular (cf. Aronoff, 1976); a probabilidade de ocorrência de novas formas (cf. Aronoff, 1983: 163) e o número de novas formas que ocorrem num período específico de tempo.

Quanto às causas que limitam a disponibilidade dos sufixos, referem-se várias restrições impostas pelos sufixos (cf., Lacuesta e Gisbert, 1999: 4513), nomeadamente as seguintes: a) restrições sintáctico-semânticas: por vezes, alguns sufixos apresentam, ou carecem de, traços sintácticos que impedem ou não favorecem a sua presença em determinados processos derivacionais (por exemplo, o sufixo *-mento* selecciona predominantemente verbos transitivos); b) restrições léxico-semânticas, no sentido em que a derivação pode exigir um grau de especialização lexical que exclua a presença de determinados sufixos e, paralelamente, exija a de outros (por exemplo, para indicar a 'dignidade ou função de' intervém o sufixo *-ado*, o qual selecciona bases nominais caracterizadas pelo traço [+hum]); c) restrições morfológicas, quando determinados sufixos bloqueiam ou exigem a presença de ulteriores cadeias derivacionais (por exemplo, os V em *-izar* seleccionam *-ção*, enquanto os verbos em *-ecer* seleccionam *-mento* e excluem *-ção*).

Na sua obra de 1985, van Marle discute também a influência dos factores paradigmáticos sobre a produtividade, considerando que os afixos ditos sinónimos seleccionam as suas bases a partir de domínios complementares e, deste modo, podem ser analisados como afectando mutuamente os respectivos graus de produtividade.

Outro tipo de factores condicionantes envolvidos na produtividade são a coerência semântica e a adequação contextual. O primeiro destes factores, como referi

²⁷⁴ Segundo Aronoff e Anshen (1998: 245), "a less productive affix is generally found attached to higher-frequency base words than is a more productive affix".

anteriormente, foi avançado por Aronoff (1976), que considera existir uma relação directa entre a coerência semântica e a produtividade²⁷⁵, pois as palavras geradas por regras mais produtivas são semanticamente altamente previsíveis. Pelo contrário, quando se comparam palavras formadas através de um sufixo menos disponível com outras palavras formadas com um sufixo concorrente no mesmo contexto morfológico, "we generally find that the meanings of the less productively formed set are less predictable, making the entire set less coherent semantically" (Aronoff e Anshen, 1998: 245).

Relativamente à adequação contextual, temos por exemplo, em português, o caso do sufixo *-ice* (com valor pejorativo), o qual não é normalmente utilizado na expressão escrita, não estando, por isso, totalmente disponível, visto que não se adequa a todos os registos.

Um aspecto que é preciso salientar é que nem todos os factores que afectam a produtividade são sistémicos. Quando se fala em palavras potenciais situamo-nos ao nível do sistema, mas se pensarmos nas probabilidades de ocorrência de uma determinada palavra teremos de ter em consideração o caso das palavras que são bloqueadas devido à ocorrência de outras que já ocupam a função que elas viriam desempenhar, fenómeno que não depende do sistema e que é comum na derivação sufixal.

Ao estudar-se o fenómeno do bloqueio, é muito comum apontar-se que algumas formas regulares são bloqueadas por outras irregulares²⁷⁶ (por exemplo *roubador* seria bloqueado devido à existência da forma não motivada *ladrão*)²⁷⁷ e que um dos efeitos do bloqueio é impedir a existência de pares sufixais ("erudito" / "popular" e produtivo / não produtivo).

Contudo, algumas formas regulares foram bloqueadas por derivações sinónimas formadas por sufixos que entretanto perderam disponibilidade (por ex. *espessura* / °*espessidade*) e temos derivados que foram gradualmente substituídos pela existência de outros derivados formados com afixos concorrentes pertencentes ao mesmo subsistema,

²⁷⁵ "The more productive a rule, the more coherent its semantics" (cf. Aronoff, 1976: 86).

²⁷⁶ Entre outros aspectos, esta formulação permitiria explicar porque é que as crianças, que na fase de aquisição sobregeneralizam a morfologia regular, não estabelecem variações entre as variantes regulares e irregulares, quando adquirem estas mais tarde.

²⁷⁷ Ambas as formas ocorrem em textos dos séculos XIII-XV (cf. descrição do sufixo *-dor*).

como é o caso dos sufixos nominalizadores que seleccionam temas verbais (exs.: *mudamento* (século XIII) e *mudança* (século XIV)).

Na medida em que eles são uma realidade, não se pode escamotear a existência de pares sufixais, apesar de os mesmos colocarem em causa o conceito aronoffiano de bloqueio. No português medieval, derivados como, por exemplo, *brandeza* e *brandura* (ocorrem ambos em textos do século XIV), nomes em que os sufixos *-ez-* e *-ura* partilham a mesma base adjectival, são bastante comuns.

Como acabámos de ver, os diferentes factores que afectam a produtividade não permitem definir o que é ou não produtivo. Para chegarmos a tal, importa saber porque é que, quando o sistema dispõe de mais do que um sufixo para exercer a mesma função e seleccionando o mesmo tipo de bases, a escolha de uns sufixos é privilegiada em detrimento de outros, afectando a rentabilidade destes últimos, e se o que está na base desta preferência é determinado por regras ou por analogia.

3. 4. 3. Relação produtivo - não produtivo: determinada por regras ou por analogia?

Como vimos em 3.4., em praticamente toda a teoria morfológica recente, a produtividade é tipicamente construída como um valor relacionado com uma regra de formação de palavras (cf., entre outros, Aronoff (1976), Bauer (1983 e 1988) e Corbin (1987)²⁷⁸).

²⁷⁸ Corbin (1987: 42) define a produtividade de uma formação morfológica como "la possibilité pour des locuteurs de disposer d'une règle dérivationnelle sans autres contraintes que celles imposées par la règle elle même".

Neste ponto, discutirei não só os argumentos apresentados por alguns autores que defendem que a produtividade é governada por regras, mas também os daqueles que sustentam que a produtividade se baseia na analogia, conceito que, como veremos, não é exactamente o mesmo para o morfólogo e para o linguista histórico.

Quer os linguistas históricos, quer os morfólogos reconhecem que a analogia²⁷⁹ desempenha um papel decisivo na formação de novas palavras, mas, ao mesmo tempo, estes últimos salientam constantemente a imprevisibilidade e a assistemática das formações analógicas, por contraponto às formações regulares, e é como resultado desta confrontação dos conceitos de produtividade e de analogia que encontram justificação para o facto de a produtividade ser governada por regras. A este propósito, veja-se a opinião de Brocardo (2002: 141), para quem, apesar de se saber "que em linguística histórica se tem revelado difícil a tradução do conceito (tradicional) da analogia em princípios formais que, de forma inteiramente satisfatória, dêem conta das mudanças analógicas assinaladas nas línguas", o carácter explicativo da analogia não deve ser negado. Brocardo (2002: 144) lembra que "invocar a produtividade como motivadora da mudança²⁸⁰ pode redundar numa análise circular"²⁸¹.

²⁷⁹ Sobre o conceito de analogia, cf. por exemplo Hock ([1986] 1991²: 167-209) e McMahon (1994: 81-97). Ambos os autores reconhecem como processos mais sistemáticos na analogia a extensão analógica ou analogia "four-part" ou analogia proporcional, a qual tipicamente toma um modelo regular e estende-o a formas que eram irregulares, e o nivelamento paradigmático, o qual permite regularizar, por exemplo, as formas de um único morfema, criando uma maior uniformidade dentro de um paradigma e nivelando diferentes alomorfes.

Embora o nivelamento e a analogia proporcional sejam tidos como os processos sistemáticos da analogia, Hock ([1986] 1991²: 167) não vê qualquer utilidade na distinção entre processos sistemáticos e não sistemáticos, porque a única diferença entre eles "is merely one of degree", i.e., enquanto os primeiros actuam sobre várias formas, os segundos "apply to just one or two (rarely more) words at a time. (...) Although (...) some of them may occasionally give rise to quite systematic morphological changes" (Hock [1986] 1991²: 189).

²⁸⁰ Cf., por exemplo, a afirmação de Hock ([1986] 1991²: 173): "The condition most conducive to systematic application of four-part analogy is productivity".

²⁸¹ Para mostrar que esta circularidade não é inultrapassável, reporta-se ao modelo da Morfologia Natural (cf. Wurzel, 1989), onde "a noção de produtividade foi de certo modo redefinida, sendo entendida não como *causa*, mas como *resultado*, isto é, a produtividade de um dado processo morfológico é resultante da sua conformidade relativamente a princípios quer "language-specific", quer gerais (ou universais). Assim, a produtividade não tem valor explicativo, ficando esse valor reservado aos princípios definidos (...), que influenciarão a direcção da mudança morfológica" (Brocardo, 2002: 144).

O conceito de analogia, como se sabe, caracteriza-se pela sua dualidade: por um lado apela à noção de regularização (herdada dos neogramáticos), com base nos modelos mais produtivos ou na frequência mais elevada dos modelos menos disponíveis, e, por outro, à renovação de formas, com base noutras que servem de modelo. É esta segunda vertente a que o morfólogo (sincronicista) se refere, na maior parte dos casos, verificando-se, assim, que para os morfólogos o conceito de analogia é, portanto, mais vago e assistemático do que para o linguista histórico.

Uma grande parte dos morfólogos recorre à analogia na tentativa de explicar alguns casos problemáticos, nomeadamente aqueles em que as relações semânticas entre os constituintes de uma palavra complexa são semanticamente irregulares (por exemplo, algumas nominalizações em *-ção*) ou quando, por exemplo, os processos morfofonémicos são irregulares (cf. Bauer, 2001: 79)²⁸².

Da literatura sobre a formação de palavras parece sobressair que as formações analógicas têm sempre por base "material velho", entenda-se armazenado, enquanto as formas resultantes da aplicação de regras se caracterizam pela sua produtividade. Ficamos muitas vezes a ideia de que todos os fenómenos para os quais se pensa não existir a possibilidade de uma descrição sincrónica adequadamente formalizada é remetido para a analogia²⁸³, ao mesmo tempo que se critica a analogia pela sua pouca formalização e excessivo poder explicativo (cf., por exemplo Kiparsky, 1975). Ao invocarem que as novas palavras podem ser formadas ou através de uma regra ou por analogia, parece que, para os morfólogos, a diferença entre estes dois processos é o facto de se recorrer a mecanismos diferentes, i.e., no primeiro caso, um mecanismo de adição e, no segundo, um mecanismo associativo²⁸⁴, salientando que quando as analogias começam a permitir fazer as generalizações adequadas acabam por se tornar indistintas das regras.

²⁸² Bauer (2001: 79) dá o exemplo da junção do sufixo *-ly* às bases.

²⁸³ Por exemplo, o único caso que Anshen e Aronoff (1988) discutem acerca da analogia é o das formações regressivas, as quais não são tidas como fazendo parte dos processos regulares de formação de palavras.

²⁸⁴ Cf., por exemplo, Basílio (2002: 73), que utiliza o conceito de mecanismo analógico (ma) e não o de regras de formação de palavras, para "descrever fenómenos relacionados à produtividade lexical". A autora considera que, por exemplo, *violeiro* tanto pode ser formado por uma regra de adição de *-eiro* a *viola* como por analogia com *sanfona / sanfoneiro*, sendo esta a hipótese que, para a autora, se afigura como mais credível.

Se confrontarmos com esta análise a dos linguistas históricos encontramos, no entanto, uma visão diferente. Por exemplo, Bynon ([1977] 1986²: 34) nota que para que uma mudança analógica tenha lugar são necessárias duas condições: "Firstly it presupposes the functional identity in respect of some particular grammatical or semantic category (...) of markers which are formally quite different, and secondly it presupposes that the structure of the form which acts as the model be morphologically 'transparent' for the native speaker – which is of course always the case with forms that result from productive rules." A mudança consiste, assim, na opinião da autora, na substituição da forma menos transparente por uma funcionalmente equivalente cuja estrutura seja idêntica à que lhe serviu de modelo. Isto significa que "the morphological segmentation of the model will be transferred to the new form".

Hock ([1986] 1991²: 176) nota ainda que os efeitos da analogia (proporcional) não se limitam à substituição de formas menos produtivas por outras mais produtivas, uma vez que o processo "may also serve to coin completely novel forms or neologisms²⁸⁵", podendo nalguns casos ser precedido de uma reinterpretação morfológica²⁸⁶.

Analisando algumas palavras em *-ist* e em *-ism*, Bauer (2001: 83) considera que quer as que partilham uma base livre ("*race, racist, racism*"), quer aquelas em que isso aparentemente não se verifica ("*baptist, baptism*")²⁸⁷, "can still be derived by rules (...), the pairs in *-ism* and *-ist* do not show that such words must be created by analogy".

Como se pode observar, palavras que para os linguistas históricos terão resultado (diacronicamente) de um processo analógico, são para o morfólogo geradas sincronicamente por regras, pois de outra forma seriam excluídas do âmbito dos processos produtivos. Ou seja, a diferença entre os dois tipos de análise decorre da diferença entre as duas abordagens, sincrónica e diacrónica: ao contrário do morfólogo, o linguista histórico considera que uma forma analógica é o resultado de uma regra, que num dado momento aumentou o seu domínio de aplicação, reflectindo-se, portanto, a analogia, como processo diacrónico dinâmico, na própria produtividade das regras (se

²⁸⁵ Por exemplo, *sentecehood* é formado pelo modelo *the nation – nationhood*.

²⁸⁶ Por exemplo, tal como *wiener* e *frankfurter*, tínhamos *hamburger*; depois este foi reinterpretado como *ham + burger*.

²⁸⁷ Não se percebe se, para o autor, nos casos em que não existe uma base livre, as palavras em *-ist* derivam das palavras em *-ism*, por uma regra de truncamento deste sufixo antes da junção do primeiro.

admitirmos que a produtividade de uma regra ou processo também depende do número de formas a que é aplicável). O morfólogo sincronicista parece reservar a caracterização de "analógicas" para as formas que de algum modo escapam aos processos produtivos e que, por isso, não são geráveis por regra.

Embora a produtividade e a analogia sejam noções úteis, penso que, no que diz respeito à concorrência entre sufixos produtivos e sufixos menos disponíveis, elas devem ser encaradas num contexto mais vasto.

Um conceito mais básico e mais útil é o de transparência ou analisabilidade, a qual é quase sempre tida em conta como um pré-requisito, tanto para a analogia²⁸⁸, como para a produtividade, embora o reverso não seja necessariamente verdade.

A identificação de um determinado sufixo não pode ser unicamente encarada como a função da sua capacidade para dar origem a um grande número de novos derivados²⁸⁹. Falar em novos derivados implica necessariamente uma comparação entre estádios diferentes, mas, como resultado desta confrontação, é importante saber quais as razões que levam a que entre formações competitivas disponíveis umas sejam mais aceites do que outras, aspecto que, na minha opinião, não tem merecido uma pesquisa muito aturada.

Por exemplo, não é de agora que se deixaram de criar nomes em *-ádego* e, no entanto, isso não invalida que analisemos *cardealádego* como sendo formado de *cardeal* + *-ádego*, sobretudo se pudermos confrontar esta forma com *papádego* e *peçoádego*, por exemplo. Ou seja, apesar de o processo de formação com o sufixo *-ádego* já não ser rentável, nem se encontrar disponível, é ainda possível identificar a

²⁸⁸ Como vimos anteriormente, para Bynon ([1977] 1986²: 34), a analogia tem sempre por base a transparência, porque, segundo a autora, mesmo que uma forma seja tida como irregular, ela é sempre de qualquer modo reinterpretada.

²⁸⁹ Veja-se, por exemplo, Di Sciullo e Williams (1987: 8), para quem o facto de um afixo poder ser usado para formar novas palavras o torna "productive in the most basic sense of the word" e cf. com a opinião de Darmesteter ([1877] 1972:70), que dando como exemplos *herbette*, *fillette*, *garçonnet*, acha que é suficiente a segmentação de base e sufixo, porque "pour être vivant, le suffixe n'a pas besoin de produire des mots nouveaux (...); le suffixe *et*, *ette*, est bien vivant dans la langue. S'il n'agit pas, il peut agir, et il donnera de nouveaux dérivés lorsque le besoin s'en fera sentir." Às palavras do autor está, pois, subjacente a noção de potencial, de disponibilidade no sistema, não se limitando ao maior ou menor número de ocorrências geradas por determinado processo sufixal para definir a maior ou menor produtividade de um sufixo.

relação que se estabelece entre o sufixo e algumas bases. Isto significa que os derivados em que ocorre o sufixo *-ádego* podem ser analisáveis, isto é, são palavras complexas e não simples, e *-ádego* não se reduziu a uma mera sequência de fonemas, continua a ser perceptível a relação formal e semântica entre base e sufixo e entre *cardealádego* e outras palavras formadas com o mesmo sufixo. Com isto quero mostrar que a perda de produtividade de *-ádego* não desencadeia obrigatoriamente a inanalísabilidade e a lexicalização²⁹⁰ dos derivados em que ocorre.

Do ponto de vista sincrónico, à transparência formal das formações em *-ádego* só não corresponde uma transparência semântica porque o sufixo deixou de estar disponível. Por outro lado, muitas formações perfeitamente transparentes (cf., por exemplo, a descrição do sufixo *-mento* na Parte II) caíram em desuso, aspecto que demonstra que a perda de disponibilidade de um determinado sufixo ou processo morfológico não pode ser sinónimo de opacidade.

Não só nas formações em *-ádego*, como também em todas as outras em que ocorrem os sufixos não disponíveis *-idão*, *-dour-* (*-doir-*), *-ura* e *-dura*, os sufixos são perfeitamente segmentáveis das bases e a maioria dos significados dos derivados é preditível a partir dos significados dos seus constituintes. Na altura em que, por exemplo, *quebradura* foi formado, as nominalizações em *-dura* eram um processo produtivo: a combinação de *-dura* ao TV *quebra* conduziu a uma palavra transparente num dado momento da história. Deste modo, pode deduzir-se que a produtividade de um afixo é o reflexo do seu uso actual por uma comunidade linguística num momento particular.

Só quando já não é perceptível a relação entre base e sufixo, i.e., quando a palavra é inanalísável, o que não se passa com os derivados em *-idão*, *-dour-* (*-doir-*), *-ura* e *-dura*, é que faz sentido classificá-la como uma palavra simples e o sufixo deixa de ser tratado como tal, para passar a ser uma sequência (final) de fonemas.

Tendo por certa a existência de derivados formados com sufixos que deixaram de ser produtivos, alguns autores propõem que, numa perspectiva meramente

²⁹⁰ Aqui entendida na acepção de Bauer (2001), para quem a lexicalização é encarada como o desvio semântico de uma palavra em relação à composicionalidade estrita, uma propriedade que varia na proporção inversa da produtividade dos processos morfológicos envolvidos na formação de palavras.

sincrónica, essas formações sejam listadas no léxico²⁹¹ ou, adoptando uma perspectiva diferente, consideram que a regra que deu origem a essas formações só se aplica a um conjunto restrito e limitado²⁹². Na segunda abordagem, se, num primeiro momento, tínhamos um aumento das irregularidades (resultante da sobreposição de um sufixo concorrente a outro que perdeu produtividade), posteriormente assistir-se-ia a uma simplicidade das regras de formação de palavras, ou seja, conduziria à regularidade do subsistema sufixal: sufixos que estabelecem entre si relações subsidiárias, ou seja, sufixos que funcional e semanticamente são idênticos, teriam tendência a excluir-se mutuamente, prevalecendo os que têm um grau de rentabilidade maior. O isolamento a que ficariam sujeitos alguns sufixos que perderam rentabilidade, na medida em que ficariam incluídos num grupo restrito, contribuiria para que, na eventualidade de virem a ser utilizados modernamente, o seu emprego adquirisse um valor expressivo. Neste caso, van Marle (1992: 161) defende que o que está em jogo são factores extra-sistémicos relacionados com a *performance*. Ora parece-me que um sufixo só pode adquirir esse valor expressivo a partir do momento em que começar a seleccionar outro tipo de bases (cf. a descrição do sufixo *-nça*) e, nesse caso, é porque ao nível do sistema surge uma disponibilidade até aí inexistente. Não concordo, portanto, que sejam exclusivamente os factores extra-sistémicos que influenciam a maior ou menor disponibilidade de um sufixo. Por exemplo, alguns sufixos analisados na Parte II nunca se juntam a palavras previamente sufixadas (cf. *-tório*, *-douro*, *-mento*), o que pode ser um bom indiciador da sua perda de disponibilidade.

Mais do que apontar a existência de dois processos a partir dos quais os falantes podem formar um novo item lexical, por regras ou por analogia, penso que o mais importante é que, na construção de uma nova palavra, o falante apela sempre à sua competência, privilegiando, por um lado, a transparência e, por outro, o conhecimento que possui acerca do léxico. Sempre que uma nova palavra é formada, o falante

²⁹¹ A justificação para o armazenamento no léxico das palavras complexas formadas com sufixos improdutos repousa, frequentemente, na possibilidade de os processos improdutos poderem vir a ser reactivados.

²⁹² Esta segunda solução, tal como relembra Ridruejo (1998: 310), imporia a marcação das bases às quais se juntaram sufixos que já não são produtivos, representando, assim, um acréscimo de irregularidade.

estabelece paralelos com outras palavras parcialmente idênticas, ou formadas a partir da mesma base ou formadas com o mesmo afixo.

Os mesmos factores que contribuem para a formação e compreensão de uma nova palavra são exactamente os mesmos que fazem com que o falante tenha a capacidade de analisar as palavras formadas com sufixos improdutivos ou que perderam disponibilidade, desde que as mesmas sejam transparentes. Por exemplo, as nominalizações em *-ura* deixaram de ser produtivas, mas os falantes actuais continuam a reconhecer que o sufixo remete para a categoria sintáctica Nome e o semanticismo do derivado é parafraseado como 'Qualidade do que é X'. Não só subsistem muitos nomes em *-ura*, como subsiste igualmente o conhecimento do processo que lhes deu origem. Assim, como recorremos ao sufixo *-idade* para, a partir de adjectivos, formarmos nomes abstractos, sabemos que, em tempos mais recuados, se privilegiava o sufixo *-ura* para designar a 'qualidade'.

Na minha opinião, a explicação para a perda de rentabilidade de um sufixo deve-se ao dualismo exercido pelo sistema em que uns elementos dominam (aqueles que estão mais disponíveis e são mais rentáveis) e outros sucumbem, por pertencerem a um grupo mais restrito, i.e., elementos que por serem menos rentáveis, têm menos hipóteses de virem a formar novas palavras. Os sufixos mais rentáveis tenderão, assim, a alargar o seu emprego, juntando-se a outros tipos de bases ou tornando-se polissémicos (cf., por exemplo, a descrição do sufixo *-eiro*)²⁹³.

²⁹³ Ao aludir ao equilíbrio do sistema, Dubois (1962: 39) reporta o desaparecimento de certos sufixos. Na sua opinião, "les progrès des trois suffixes *-isme*, *-ité*, et *-ie*, pour inégaux qu'ils soient, expliquent la récession des autres suffixes indiquant une qualité ou un ensemble de caractères (...). Il existe donc une réduction du système, les suffixes paraissent moins nombreux, mais l'équilibre est constamment remis en question par l'élargissement des zones d'emploi de *-isme* et de *-ie*." Em Dubois (1962: 60), o desaparecimento de um sufixo obedece a um movimento duplo, manifestando-se no plano sincrónico "par une dimension très sensible du nombre des dérivés autant que par l'absence d'expansion."

Referindo-se à pressão exercida pelos paradigmas, Bauer (2001: 71) afirma que "new words often arise in the presence of another word with a similar base which may have the function of making the new word easier to process", entrando assim em competição. Como resultado desta competição, os processos morfológicos envolvidos são afectados na sua rentabilidade, podendo também, nalguns casos, conduzir a uma especialização semântica.

3.5. Conclusão

Apesar da sua complexidade e de algumas dúvidas suscitadas, o estudo das alternâncias erudito ~ popular e da relação produtivo / não produtivo, permite, no entanto, chegar a algumas conclusões.

Os modelos morfológicos, quase sempre idealizados para a análise sincrónica das línguas (baseados em regras e assumindo o princípio de "uma forma – um significado"), revelam-se, por vezes, insuficientes no que diz respeito à descrição de dados diacrónicos²⁹⁴. Contudo, uma observação mais aprofundada demonstra-nos que, apesar de alguns dos modelos e das teorias linguísticas aqui apresentadas e discutidas serem muito diferentes, quase todos tratam a relação entre morfologia e léxico, a distinção entre significado e forma e entre processos produtivos e improdutivo. O ponto de clivagem entre morfólogos e linguistas históricos está precisamente relacionado com a distinção entre processos produtivos e improdutivo: para os morfólogos, os produtos resultantes de processos não produtivos estão armazenados no léxico, os processos produtivos ou regulares são descritos por regras e, uma vez que os derivados não estão listados no léxico, não podem servir de modelos para os processos analógicos porque as formas derivadas não estão listadas no léxico²⁹⁵.

Para os morfólogos, a analogia baseia-se, aparentemente, em padrões irregulares, tendo por referência formas que têm uma frequência elevada.

Para os linguistas históricos, a analogia não permite simplesmente dar conta, sincronicamente, das generalizações que os falantes fazem relativamente a novas formas e, diacronicamente, das regularizações posteriores às mudanças fonéticas. Sendo a analogia (extensão analógica) um tipo de mudança que consiste na aplicação de um

²⁹⁴ No modelo de Corbin (1987), por exemplo, são consideradas construídas, quer as unidades complexas formadas em francês, quer as unidades que etimologicamente não o são. Neste modelo, a componente lexical encontra-se, como sabemos, estratificada em três componentes: a componente de base, fundamentalmente idiosincrática, inclui as palavras não construídas e todos os elementos a partir dos quais se constroem as palavras complexas; a componente derivacional inclui as regras de construção (regular) de palavras e as palavras construídas possíveis, enquanto a componente convencional é "le lieu des sous-régularités et des idiosyncrasies réversibles" (cf. Corbin, 1987: 415).

²⁹⁵ Neste ponto de vista, aparentemente, os derivados regulares não são susceptíveis de sofrerem uma mudança analógica.

determinado modelo a formas de outros paradigmas, ela acaba por conduzir ao nivelamento de paradigmas e à regularização do sistema de regras (ao eliminar as alternâncias, reduz a irregularidade), mas é também por analogia que se criam regularmente novas palavras (simples e complexas) e a criação de novas formas pressupõe o conhecimento prévio das regras e dos mecanismos de formação de palavras disponíveis ou que estiveram disponíveis²⁹⁶.

Idealmente a língua deveria tender para a uniformidade (eliminando, assim, as alternâncias sufixais), mas, uma vez que a variabilidade é inerente à linguagem humana, duas formas funcional e semanticamente idênticas podem sempre coexistir, redundando ou não em mudança.

Contrariamente à flexão, na derivação, "it often occurs that an inherited alternation survives" (cf. Bynon [1977] 1986²: 39), escapando, assim, ao nivelamento²⁹⁷, embora as alternâncias que não assinalam diferenças significativas ao nível do significado tenham tendência a ser eliminadas e, como se pode observar na Parte II, os dados em análise confirmam esta suposição (cf., por exemplo, a análise de *-ário / -eiro*).

Em casos em que supostamente teríamos alternâncias morfofonológicas de sufixo "erudito" ~ sufixo "popular", penso ter ficado demonstrado que não se pode confundir sufixos do português com elementos fonologicamente similares que nunca tiveram em português o estatuto de sufixos: historicamente, os sufixos do português ostentam mudanças fonéticas relativamente à forma sufixal latina de que se originaram, mas o seu estatuto morfológico é diferente, eles não alternam com os "eruditos" correspondentes, na medida em que não concorrem ambos para a formação de palavras

²⁹⁶ Pelo menos, desde Kuryłowicz (1947) que a analogia é encarada como um mecanismo dinâmico, na medida em que se reconhece ao falante a capacidade para seleccionar uma de entre duas ou mais formas paralelas, ou seja, é o falante que controla o mecanismo de selecção e, conseqüentemente, é ele que controla os efeitos da mudança na língua.

²⁹⁷ De acordo com Hock ([1986] 1991²: 168), o nivelamento tem como parâmetro a noção de paradigma flexional (conjunto de formas flexionais de uma determinada palavra). Consiste na eliminação total ou parcial de alternâncias morfofonémicas no interior de paradigmas, tendo por base 'um significado – uma forma'.

em português. Não se trata, portanto, de discutir a não regularização fonológica de alguns sufixos "eruditos": eles não escaparam a essa regularização porque simplesmente não são exemplos de alternância sufixal.

Como especifiquei em 3.1., relativamente à relação sufixal produtivo - não produtivo, baseada na distintividade fonológica e identidade semântica, julgo ser preferível a designação de "rivalidade" ou de "concorrência" sufixal e, além do mais, muitos dos sufixos que outrora "alternavam" deixaram de estar disponíveis, tendo sido suplantados por sufixos isofuncionais.

A perda de disponibilidade de um sufixo em detrimento de outro (por exemplo, a maior disponibilidade de *-ção* relativamente a *-mento*; cf. *repartimento* (século XIV) / *repartição* (século XV)) é um caso de mudança morfológica que redundando numa mudança lexical (alargamento do léxico), mas isso não significa que haja alteração da natureza dos processos derivacionais (em ambos os casos temos uma nominalização a partir de um TV).

A definição de produtividade morfológica nem sempre é efectuada de modo preciso e, enquanto para uns autores, como por exemplo Baayen (1992 e 1993), as propriedades das regras para gerarem novas palavras estão relacionadas com a norma²⁹⁸, para outros (cf., por exemplo, Bauer (2001)), a produtividade faz parte da competência, é uma propriedade estrutural, pertencendo, por isso, à gramática. Ou seja, enquanto uns se baseiam numa noção quantitativa de produtividade, outros privilegiam uma noção qualitativa.

Tal como Zwanenburg (1983) e Bauer (2001), penso também que a produtividade não é uma noção escalar²⁹⁹. Por outro lado, não se deve confundir

²⁹⁸ Os trabalhos do autor baseiam-se em *corpora*. Neles, a produtividade e a frequência estão intimamente relacionados e defende-se que a análise das frequências contribui para uma melhor compreensão do fenómeno da produtividade.

²⁹⁹ Aronoff e Anshen (1988), por exemplo, embora considerando que a produtividade é inerentemente dinâmica (reflexo das preferências colectivas de uma comunidade de falantes) e difícil de "medir", propõem que se determine a produtividade com base na *ratio* das palavras existentes geradas por um determinado processo e das palavras possíveis de ocorrerem de acordo com esse processo: quanto mais produtivo for o processo, maior será a *ratio* entre as palavras existentes e as possíveis.

improdutividade e irregularidade: os processos que hoje já não são produtivos, foram-no outrora, mas isso não significa que sejam tidos como não regulares³⁰⁰.

Para que um sufixo possa ser considerado produtivo é necessário que ele esteja disponível no sistema para participar na formação de novas palavras, mas é igualmente importante que a relação entre o *input* e o *output* possa ser estabelecida de forma evidente, ou seja, que a coerência semântica entre a base e o sufixo seja estável e que a analisabilidade dos elementos constituintes do produto dessa operação não seja posta em causa. A partir do momento em que isso não acontece, o primeiro indício de uma possível mudança é-nos transmitido pela perda de rentabilidade, a qual se traduz na diminuição da frequência de *output* e numa transparência menor, a qual aumentará a dificuldade de se estabelecerem relações paradigmáticas regulares³⁰¹.

A principal razão para a perda de disponibilidade de um determinado processo deve-se à existência de sufixos concorrentes³⁰²: quando existem sufixos concorrentes, a escolha de um sufixo em detrimento de outro nem sempre é imposta pelo sistema³⁰³, o que contribui para que determinada formação passe a ser considerada como mais rara (tornando-se cada vez menos frequente) é a existência de outra com um grau de rentabilidade maior. Este facto é importante porque pressupõe que na memória dos falantes estão presentes quer os mecanismos de formação de palavras, quer os produtos complexos por eles gerados.

O conjunto dos sufixos nominais sobre o qual incide a minha análise forma um subsistema, em que cada sufixo se define pelas relações que estabelece com as bases a

³⁰⁰ Veja-se a posição de AI (1985: 85), que acha que não se devem separar as regras produtivas das não produtivas, porque "ce qui, aujourd'hui, est exceptionnel – par rapport à un système de règles donné, et dans des circonstances spécifiées – a pu être régulier dans un stade de développement antérieur, ou peut l'être un jour".

³⁰¹ É relativamente a este aspecto que, com muita frequência, os morfólogos sincronicistas fazem apelo à analogia, nas suas tentativas de explicarem as formas resultantes da perda de rentabilidade dos processos envolvidos na sua formação, mas em que apesar de tudo é possível estabelecer relações associativas.

³⁰² Por exemplo, ninguém consegue imaginar que o sufixo *-mente* venha a deixar de ser produtivo, pela simples razão de que não dispomos de outro para formarmos adverbializações.

³⁰³ Cf., por exemplo, a indisponibilidade do sufixo *-aria* para se juntar a nomes, de modo a formar outros nomes designando a 'Função, cargo', como em *alcaidaria* e *vigararia*. Com a extinção destas funções deixou de ser possível o estabelecimento de relações paradigmáticas. Neste caso, estamos perante uma mudança que afectou uma regra de formação de palavras, indo, portanto, muito mais além do que uma simples quebra no grau de rentabilidade de determinado processo.

que se solda e com outras formações a partir das mesmas bases ou formadas com o mesmo sufixo.

No que diz respeito à maior ou menor disponibilidade, os principais factores a ter em conta são, como já referi, de ordem sistémica (fonológica, morfológica, sintáctica e semântica), mas o aumento ou a perda de disponibilidade de um sufixo desencadeia uma alteração do sistema sufixal, alterando o repertório de sufixos disponíveis.

Apesar desta aparente complexidade do subsistema sufixal nominal, causada pelo desequilíbrio provocado pelos sufixos concorrentes, os recursos derivacionais de que dispomos são previsíveis e regulares, tanto do ponto de vista formal como semântico³⁰⁴.

Alguns vocábulos afiguram-se como indubitavelmente derivados, enquanto outros, os herdados do latim, mas sincronicamente analisáveis como palavras complexas, nos colocam dúvidas acerca do seu tratamento, embora todos eles desempenhem a sua função no sistema.

É geralmente aceite que, quando um sufixo deixa de ser produtivo, algumas formas em que ocorre se lexicalizam e o seu semanticismo é tendencialmente mais complexo, porque sincronicamente ele tem de ser objecto de uma especificação acrescida e está muitas vezes sujeito a restrições pragmáticas e estilísticas, devendo as palavras em que ocorre ser listadas no léxico. A partir dos dados de que disponho, julgo que a lexicalização depende da falta de transparência e não está directamente relacionada com a produtividade ou improdutividade de um determinado processo ou afixo. Não vejo razão para que se aponte para a lexicalização de, por exemplo, palavras como *fechadura*, *ligadura*, *rachadura*, formadas pelo sufixo improdutivo *-dura*, especificando-se que estas, da acepção original de 'acção ou resultado da acção', passaram a [-abstracto] por um processo de lexicalização, sendo interpretados como 'que serve para (acção designada por V)', pois elas deram origem a nomes [-abstractos] desde que foram formadas³⁰⁵. Acresce ainda o facto de termos palavras lexicalizadas

³⁰⁴ Cf. Mitterand (1986⁷: 47) que recusa o carácter anárquico tantas vezes apontado ao sistema sufixal (não podemos empregar indiferentemente uma dezena de sufixos que denotem o mesmo valor), assim como o económico (a um determinado valor não corresponde geralmente uma só forma, como é o caso dos nomes de agente em *-eiro* e *-dor*).

³⁰⁵ Cf., por exemplo, XIII *ferraduras* A52 ("saluo se o fferreiro (con)prar ferraduras feitas pera uender").

formadas a partir de um sufixo produtivo. Por exemplo, em português medieval, *frontaria* indica local, ainda que não delimitado com precisão (cf. descrição de *-aria*). Mais tarde, ao passar a designar 'fachada principal', o vocábulo *frontaria* deixou de ter composicionalidade semântica, i.e., deixou de existir uma relação transparente entre forma e significado.

Do estudo efectuado, parece-me que existe uma tendência para evitar pares sufixais, tendência que ficará a dever-se a uma restrição imposta pelo princípio de economia³⁰⁶ da língua: há uma resistência em adicionar formas funcional e semanticamente equivalentes a outras que já adquirimos. Por isso, *espessura*, por exemplo, bloqueia um derivado sinónimo possível formado de acordo com um sufixo disponível, ou seja, *°espessidade*. O mesmo princípio de economia determinará que uma forma irregular como *ladrão*, provavelmente por ter uma frequência elevada, tenha substituído *roubador*, derivado transparente, formado através de um processo regular e em que ocorre um sufixo amplamente disponível. Este último exemplo faz com que sejamos levados a redefinir o conceito de bloqueio enquanto princípio geral, tal como definido por Aronoff (1976), pois não se trata unicamente de evitar pares de itens lexicais que só diferem num aspecto morfológico, em que a não ocorrência de uma forma regular se deve à existência prévia de uma outra forma, visto que se pode tratar de um processo que actua posteriormente à criação das palavras e que tem, portanto, um efeito regularizador.

A composicionalidade e a produtividade estão intimamente relacionadas, mas o princípio que contribui decisivamente para ambas é a transparência. É, de facto, a transparência que nos serve para explicar a razão porque os falantes actuais têm capacidade para segmentar derivados formados com sufixos que perderam disponibilidade. Por outro lado, contrariamente ao que defendem as abordagens teóricas sobre as regras de formação de palavras, nem sempre os sufixos que de forma consistente e regular criam formas decomponíveis têm hipóteses de manterem a sua disponibilidade e rentabilidade, ou seja, não é a transparência que depende da produtividade, mas o inverso.

³⁰⁶ Conceito que no modelo da Morfologia Natural, tal como referi anteriormente, é designado por *uniformidade* (cf., por exemplo, Wurzel, 1989).

Daquilo que me foi dado observar até ao momento, considero que, no que diz respeito à sufixação nominal, relativamente ao português contemporâneo, o português medieval se caracteriza por uma maior transparência (formal e semântica)³⁰⁷ e disponibilidade, não sendo relevante o fenómeno do bloqueio³⁰⁸. Assim, o sistema de sufixos nominais no português medieval mostra-se muito mais aberto a diferentes possibilidades e, neste sentido, é mais rico. Gradualmente, começou a simplificar-se, à medida que alguns processos foram perdendo disponibilidade. Todavia, apesar de os dados apontarem para que os sufixos concorrentes sejam hoje em muito menor número do que no passado, vislumbrando-se uma forte tendência para que a sua redução continue a aumentar, devemos assumir que a competição entre processos morfológicos "is a normal situation rather than an exceptional one" (Bauer, 2001: 71) e que a competição existente entre elementos que seriam à partida mutuamente exclusivos só pode ser analisada e compreendida através de um estudo diacrónico que permita comparar valores diferentes em momentos diferenciados.

Um outro dado seguro é o de que não é possível determinar se um sufixo é produtivo ou improdutivo recorrendo somente aos exemplos retirados de um *corpus*³⁰⁹. Além do mais, tendo em consideração que os gramáticos históricos ou não indicam ou apresentam datações pouco sistemáticas e rigorosas e que os textos que servem para controlo são uma pequena parte dos textos produzidos nos séculos XIII, XIV e XV³¹⁰,

³⁰⁷ Isto, em parte, explicaria o facto de no português medieval a composição não ser um processo muito rico. Os poucos compostos que ocorrem têm como primeiros constituintes *bem* e *mal* (exs.: *bemfeitoria*, *mal feitores*, *mal querença*, *malfeitoria*), se bem que estes constituintes tenham um estatuto mais próximo dos prefixos (cf., por exemplo, *mal contentes* e *descontentes*).

³⁰⁸ De acordo com Aronoff (1976), o bloqueio não pode ocorrer com Regras de Formação de Palavras que sejam completamente produtivas.

³⁰⁹ Como se sabe, por muito extenso que seja, o *corpus*, seja ele utilizado para elaborar uma hipótese (emprego dedutivo) ou para a pôr à prova (emprego indutivo), jamais conterà todas as possibilidades de realização.

³¹⁰ Além do mais, provavelmente, alguns exemplos de competição sufixal retirados dos textos utilizados para controlo são o reflexo de opções impostas pela linguagem escrita, com todas as suas peculiaridades e tendências para a não naturalidade linguística. Acresce ainda que nos textos de testemunho múltiplo (tipicamente, os textos literários) as divergências entre cópias do mesmo texto afectam por vezes aspectos

muitas dúvidas ficarão certamente a pairar. No entanto, na análise efectuada no capítulo seguinte, para além dos dados fornecidos pelos gramáticos históricos e levantados nos textos, recorri exaustivamente aos dicionários etimológicos, procurarei confrontar, dentro da medida do possível, os dados de uma fase passada com os do português contemporâneo e demonstrar que os dados diacrónicos não servem unicamente para completar, eles podem também "limitar" e "censurar" a descrição sincrónica, contrariamente ao avançado por Corbin (1987: 101).

Na minha pesquisa procurei ter sempre presente que "it is not simply the greater or lesser extension in time of the data being investigated which constitutes the fundamental difference between synchronic and diachronic analysis, but rather the linguist's attitude towards the time dimension itself" (Bynon [1977] 1986²: 1).

Um estudo do tipo do que apresento, em que se analisa um grupo de processos de formação de uma língua particular a partir de materiais reduzidos, não pode ter a pretensão de resolver a problemática das alternâncias e das correlações sufixais. Mas espero que a descrição apresentada (cf. Parte II) possa contribuir para a delimitação dos sufixos, para a definição de derivado e para a separação entre produtividade e improdutividade.

da morfologia derivacional, o que não é evidenciado num *corpus* que integra apenas um desses testemunhos (cf. Brocardo, 1994: 213-222, em que se descrevem variantes morfológicas assinaladas no confronto de dois testemunhos do mesmo texto).

PARTE II

ANÁLISE DOS DADOS

Capítulo 4

Análise das Correlações de alguns Sufixos Nominais e Controlo dos Dados

Capítulo 4 — Análise das Correlações de alguns Sufixos Nominais e Controlo dos Dados

4. 1. Introdução

O procedimento que adoptei na análise desta Parte II foi confrontar todos os exemplos apontados pelos gramáticos históricos como sendo derivados nominais em que existem "alternâncias" sufixais entre sufixos "eruditos" e "populares", concorrência entre sufixos pertencentes ao mesmo subsistema e, ainda, variantes sufixais.

Todos os exemplos foram filtrados um a um em dicionários etimológicos, visto que o objectivo era delimitar os derivados formados em Português. Isto significa que rejeitei muitos exemplos apontados pelos gramáticos: uns porque foram herdados (maioritariamente do latim) e outros porque são empréstimos de outras línguas (sobretudo do francês e do castelhano). Esta tarefa foi bastante morosa e complexa, não só porque a filtragem se baseou na verificação e confrontação dos vários dicionários disponíveis, mas também porque nestas obras nem sempre existe unanimidade relativamente à etimologia de certos vocábulos, a que acresce o facto de muitas formas [+lat] serem sincronicamente transparentes (cf., por exemplo, *solenidade* e *sensualidade*).

A análise dos diferentes sufixos e derivados sufixais submete-se quase sempre a uma estrutura muito semelhante.

Após uma breve introdução, apresento os derivados extraídos das várias gramáticas históricas devidamente referenciados. Assim, cada um dos derivados faz-se acompanhar de um número ou números que remetem para a gramática de onde foi retirado (por exemplo, *reitorado* 11 remete para a gramática da autoria de Said Ali ([1931] 1964³). A numeração está de acordo com a data de publicação das obras e optei por inserir um cabeçalho em todos os subcapítulos em que se analisam os diferentes sufixos, de modo a facilitar a consulta. A numeração é a seguinte: 1. Teófilo Braga (1876), 2. Carl von Reinhardstoettner (1878), 3. Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), 4. Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴), 5. António Ribeiro Vasconcellos (1900), 6. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³), 7. Eduardo Carlos

Pereira ([1916] 1935⁹), 8. Othoniel Mota ([1916] 1937⁸), 9. José Joaquim Nunes ([1919] 1989⁹), 10. Brandt Horta ([1930?] s.d.³), 11. Manuel Said Ali ([1931] 1964³), 12. Joseph Huber ([1933] 1986), 13. Jaime de Sousa Martins ([s.d.] 1937²), 14. Francisco Martins Sequeira ([1938a] 1959³), 15. Francisco Martins Sequeira (1938b), 16. Ismael Coutinho (1938), 17. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.), 18. Mattoso Câmara Jr. (1975).

Aos exemplos retirados das gramáticas seguem-se os exemplos extraídos dos textos utilizados para controlo, antecédidos da data da primeira atestação. Após estes exemplos, surge a referência aos textos de onde foram extraídos: S13 (textos do séc. XIII), A (textos do séc. XIV), D (*Dom Duarte. Leal Conselheiro (edição crítica)* de Maria Helena L. de Castro, 1998), E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q³¹¹ (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, de Maria Teresa Brocardo, [1994] 1997). Excepto no caso de D, em que o número das páginas corresponde exactamente à edição imprensa, os números das páginas remetem para as páginas do ficheiro informatizado. Por exemplo, XIII *monteyro*[s]³¹² S13, pp. 225, 225 / *montejro* A52 / *monteiros* D182 / *momteiro* E19, E19.

Nos casos em que os derivados retirados dos textos não estavam dicionarizados, transcrevi os contextos, de modo a facilitar a clarificação do uso dos exemplos em causa. Como sabemos, não se pode confundir a não dicionarização de uma forma com a não atestação ou, se preferirmos, com a sua não ocorrência. Adoptando este critério, entenda-se, pois, que os contextos transcritos não servem obviamente para provar a existência de determinada unidade, esta prática reveste-se de um carácter utilitário, permitindo unicamente superar algumas lacunas lexicográficas. Quando a mesma forma derivada tem categorias diferentes, quando uma mesma categoria tem acepções diferentes³¹³, quando a datação dos dicionários etimológicos é posterior, ou ainda quando existem dúvidas relativamente à interpretação de determinado derivado, visto que, como nota Silva (1994: 41), "os únicos «informantes» para depreensão dos dados" são os documentos escritos, também optei por transcrever os contextos (por exemplo

³¹¹ Esta partição foi efectuada pela autora da edição. Quando me refiro ao texto na sua totalidade utilizo a abreviatura *Zur.*.

³¹² O m.q. caçador de monte.

³¹³ Cf., por exemplo, *contador* ('agente' e 'objecto').

XV *movedor* E2 "E porque ho filosafo diz que toda cousa que move outra move ã virtude do primeiro movedor, nõ ficará aquelle tam exçellemte rrey apartado de todo da gloria e louvor", derivado que não está dicionarizado).

Os derivados são apresentados em subconjuntos, de acordo com os processos em que participam, e as paráfrases correspondem grosso modo às constantes nos dicionários. Por exemplo, os derivados em *-EIR-*, são apresentados da seguinte forma: **1. PORT.: 1.1. N + -eir- → N:** a) 'Actividade (profissional); b) 'Árvores, plantas'; c) 'Objecto que serve para (quase sempre recipiente)'; d) 'Local onde existe (grande quantidade de) X'; e) 'Relativo a'; f) 'Naturalidade'; g) 'Acção repetida e breve'; **1.2. Base [+lat] + -eir- → N; 1.3. N + -eir- → Adj.; 1.4. Adj. + -eir- → Adj.; 1.5. Adj. + -eir- → N; 1.6. RAD + -eir- 'Que ou aquele que V'; 1.6.1. RAD + -eir- → N; 1.6.2. RAD + -eir- → Adj.; 1.7. Prep. + -eir- → Adj.; 1.8. Nomes Lexicalizados; 2. LAT. (N e Adj.); 3. Empréstimos)**

As formas [+latinas] e os empréstimos não são analisados, tendo em conta que o que se pretende investigar é a natureza de determinados processos sufixais do português e, por isso, as remissões para o latim só são feitas quando isso serve para facilitar a exposição.

Depois da apresentação dos exemplos, sintetizo a descrição dos gramáticos históricos e discuto os aspectos morfológicos dos sufixos envolvidos, nomeadamente o tipo de bases a que se soldam e os processos em que participam; de seguida, passo às considerações relativas ao semanticismo dos derivados e, por último, remeto para os exemplos retirados dos textos dos séculos XIII, XIV e XV.

A nível terminológico utilizo conceitos recentes e largamente aceites, como por exemplo as noções de Formação de Palavras (cf. Bauer³¹⁴, 1983), alomorfa, base, truncamento (cf. Aronoff, 1976), núcleo de palavra (cf. Williams, 1981), etc. Quase sempre, utilizo Nome para designar substantivo, respeitando, assim, a terminologia usada nalgumas gramáticas históricas (cf. Nunes [1919] 1989⁹, Ali [1931] 1964³ e Câmara Jr., 1975), para indicar meramente as gramáticas históricas que são correntemente apontadas como mais representativas. Noutros casos, a etiqueta Nome

³¹⁴ Tal como neste autor, este conceito surge logo no título do meu trabalho.

tanto pode recobrir substantivos como adjetivos, categorias que, segundo Bosque (1990: 23-53), do ponto de vista morfológico, não faz sentido separar³¹⁵.

Ao longo deste trabalho, adotei a concepção tradicional de polissemia dos sufixos, considerando que quando a categoria da base é a mesma e os derivados têm duas ou mais acepções e duas ou mais categorias, trata-se de um único sufixo polissêmico. Mesmo quando, pelo contrário, as bases a que se solda determinado elemento sufixal têm categorias diferentes (por exemplo nome e adjetivo ou adjetivo e verbo) e os derivados em cuja formação participam têm categorias e acepções diferentes, também se concebe que estamos em presença de sufixos polissêmicos, dado que as bases se podem unificar, no primeiro caso por serem ambas denominais e, no segundo, por serem deprecativas. Esta concepção não reivindica, contudo, a inexistência de sufixos homónimos (assinalados frequentemente por suf¹, suf², ...), estes são antes tidos como exceções.

A Condição sobre a Base, segundo a qual a forma de base é obrigatoriamente uma variável lexical³¹⁶, proposta por Villalva (2000: 124), em substituição da Hipótese de Base-Palavra avançada por Aronoff (1976), revelou-se bastante útil, pois permite dispensar, geralmente, a existência das regras de truncamento e, por isso, segui-a ao longo deste trabalho.

Por se saber que a ordem dos afixos não é arbitrariamente decidida por cada geração (cf. Bybee, 1985: 208), achei que era importante referir a datação de certos derivados, a qual em muitos casos permite dissipar dúvidas acerca da cronologia do aparecimento de alguns sufixos (cf., por exemplo a descrição de *-aria / -eria*) e especificar a forma como se combinam ou não com outros sufixos (ou seja, participação ou não participação na recursividade sufixal). Por outro lado, no caso dos sufixos

³¹⁵ O autor apresenta três critérios essenciais que permitem delimitar as diferentes classes de palavras: morfológicos, semânticos e sintático-funcionais. De acordo com o critério morfológico, tendo em conta que quer os substantivos quer os adjetivos flexionam em género e número, a distinção dos Nomes em substantivo e adjetivos não tem razão de ser.

³¹⁶ Em Villalva (2000: 121-122), esta variedade lexical pode ser um radical (ex.: *intruj-*, em *intrujão*), um tema (ex.: *discuti-*, em *discutível*), uma palavra (ex.: *antiga*, em *antigamente*). Por seu turno, os afixos caracterizam-se por serem constantes lexicais.

concorrentes, a datação permite-nos conjecturar quando é que um se sobrepõe a outro(s), se determinado sufixo perde disponibilidade em favor de outro ou de formas regressivas (cf. *-mento*).

Sendo o corpus primário constituído pelas gramáticas históricas do português, comecei por fazer o levantamento dos dados nessas obras e, posteriormente, confrontei-os com outros, extraídos de textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV (fontes primárias), os quais funcionaram como teste de fiabilidade e permitiram também acrescentar novos dados³¹⁷ e sistematizar algumas observações empíricas dos dados das gramáticas históricas.

Os textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV³¹⁸ foram escolhidos pelas suas especificidades³¹⁹ (diplomas reais, diplomas particulares, foros e textos em prosa literária), dado que não possuem as limitações fonológicas, morfológicas, sintácticas, semânticas e estilísticas impostas a um texto poético e, como sublinha Maia ([1986] 1997: 950), embora "não sejam um espelho fiel, uma reprodução da linguagem local, eles deixam transparecer certos factos da linguagem falada da época".

Os textos consultados foram os seguintes: *Testamento de Afonso II* in Costa, Pe. A. J. (1979); *Notícia de Torto* in Cintra (1990); *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III* in Duarte, Luiz F. (1986); *Foros de Garvão* in Garvão, M^a Helena (1992); *História do Galego-Português* in Maia, Clarinda A. (1986), documentos das Províncias de Douro Litoral e Minho (excluí os 136 documentos que foram produzidos na Galiza - Províncias de La Coruña, Lugo, Orense e Pontevedra); *Clíticos na História do Português - Apêndice Documental (Documentos notariais dos séculos*

³¹⁷ Isto significa que não me limitei a confrontar os dados das gramáticas históricas, tentando levantar o maior número de formas (digo o maior número e não todas as formas porque tenho consciência que, para cada um dos sufixos sob estudo, alguns exemplos me terão certamente escapado).

³¹⁸ A consulta do CIPM (cf. Xavier, Brocardo e Vicente, 1995 e Xavier, Crispim e Vicente, 1999) possibilitou-me fazer algumas correcções e acrescentar alguns dados ao primeiro levantamento manual que efectuei. Na transcrição dos contextos, sigo as normas de transcrição definidas pelos responsáveis da constituição do CIPM. No entanto, omiti alguns comentários, como, por exemplo, a indicação da linha do manuscrito, mudança de *folio* e a mudança de coluna, por achar que não eram muito relevantes para os objectivos que se pretendiam.

³¹⁹ Cf. Cintra (1963).

XIII a XIV do Arquivo Nacional da Torre do Tombo) in Martins, Ana M^a (1994); *Dos Costumes de Santarém* in Rodrigues, M^a Celeste (1992); *Crónica do Conde D. Pedro*, de Gomes Eanes de Zurara in Brocardo, M^a Teresa (1994) e *O Leal Conselheiro*, de Dom Duarte in Castro, M^a Helena (1998).

Contrariamente a outros estudiosos que averiguam detalhadamente quando, por quem e com que objectivo foram escritos os textos, uma vez que a minha atenção se centra na formação de palavras, mais concretamente nalgumas estruturas de sufixação, interessou-me sobretudo saber como foram escritos esses textos dos séculos XIII, XIV e XV. Nestes textos, em que a grafia, como se sabe, não se encontra estabilizada, deparamo-nos frequentemente com variantes gráficas dos sufixos (cf. por exemplo, *-çãõ*, *-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*), o mesmo se verificando no que diz respeito às bases e aos derivados, pelo que procurei dar conta de todas essas variantes.

Por tudo o que acabei de expor, deduz-se facilmente que os textos consultados (fontes primárias), embora revestidos de um carácter de complementaridade, na medida em que foram utilizados para controlar os dados do *corpus* primário, forneceram um contributo inestimável, permitindo sistematizar e sustentar as análises que se seguem.

4.2. Sufijos 'eruditos' e contrapartes 'populares'

4. 2. 1. –ÁRI- (-AIR-) / -EIR- e –DEIR-

Se por um lado o ponto de partida desta análise consiste em determinar em que medida *-eir-* é uma variante do sufixo "erudito" *-ári-*, por outro, são várias as questões que se colocam, directa ou indirectamente, aquando da caracterização de *-eir-*, nomeadamente as seguintes: *-eira* é o feminino de *-eiro* ou são ambos sufixos distintos? Nomes deverbais, como por exemplo *benzedeiro* e *paradeiro*, são formados com *-deir-*, alomorfe de *-eir-*, ou com o sufixo autónomo *-deir-*? Podemos classificar *-deira* como a forma feminina de *-deiro* ou estaremos também perante sufixos diferenciados?

A) –ÁRI- (-AIR-):

1. PORT.:

1. 1. N + *-ári-* (-air-) → N:

'Colectivo'

bibliário 7; *bulário* 6; *fadairo* 11; *fichário* 18; *fontanário*³²⁰ 6; *frascario* 2, 7; *ossario* 7; *ovário* 11

1. 2. N + *-ári-* → Adj.³²¹ / N:

'Relativo a'

bancário 18; *camarário* 6 / *camerario* 1; *comerciário* 18; *ementairo* 2; *estatuário* 4, 5, 6, 7, 15; *fracionário*³²² 11; *horário* 4, 11; *parlamentario* 1; *partidário* 6; *porcairo* 4; *securitário*³²³ 18; *semanário* 6, 7

³²⁰ Viria a perder o sentido de colectivo, passando a significar 'fonte artificial para abastecimento público de água' (cf. PE).

³²¹ A maior parte destes adjectivos são simultaneamente nomes (sem acepção colectiva).

³²² Base [+lat].

³²³ Segundo Câmara Jr. (1975: 221), "no português do Brasil, a forma erudita aplica-se sistematicamente ao assalariado numa dada profissão (*comerciário*, "empregado de comércio", *securitário* "empregado de companhia de seguros sociais" (derivação erudita do lat. *securitas*)".

XIV *fossario* I3

XIV *t(er)çanaíro*³²⁴ A108 ("An(tonio) do(mingue)z Cõõnigo de b(ra)gaa (e) abbade de santíago dantós p(ro)curador (e) rreçebedor do honrrado padre (e) Senhor dom L(ourenço) pella g(ra)ça de d(eu)s Arçeb(is)po de b(ra)gaa rreçebeu p(er)ant(e) mj~ tabaliõ (e) t(estemunha)s do Mon(steiro) de vilarinho do Arçeb(is)pado de b(ra)gaa p(er) Johã p(er)ez de vieira t(er)çanaíro /?/ na Eig(re)ia de b(ra)gaa doze m(a)r(avedi)s velhos de port(ugueeses) (e) vynt(e) d(inhei)r(o)s p(er) rrazõ dós vodos q(ue) o d(i)cto M(osteiro) auy'a de paga(r) ao d(i)cto S(enhor) Arçeb(is)po")

1. 3. Num + -ári- → Adj.:

onzenário 16; *trintaíro* 2

³²⁴ Não aparece registado em Cunha ([1982] 1987²). Segundo Machado ([1952] 1977³), "*tercenário*, adj. De *tercer*? Em 1873". Parece-me, pelo contexto, que se trata de um nome, provavelmente de *terça* XIV 'imposto eclesiástico equivalente à terça parte de um todo'.

2. LAT. (N e Adj.):

adversairo 1, 4 (lat.); *antiquário* 6, 7 (lat.); *aquario* 2, 7 (lat.); *arbitrario* 7 (lat.); *argentário* 7, 11 (lat.); *armário* 4, 7, 8, 9 (lat.); *asinario* 7 (lat.); *aviário* 11 (lat.); *balneario* 7 (lat.); *bibliotecário* 6, 7 (lat.), *bibliothecaria* 7 (lat.); *boticairo* 11 (lat.) / *boticário* 4, 7, 9, 15 (lat.); *caldaio* 4 (lat.); *campanario* 7 (lat.); *capraio* 4 (lat.); *caudatario* 7 (lat.); *contrairo* 1, 4, 11 (lat.) / *contrario* 7 (lat.); *corsário* 9 (lat.); *depositário* 6, 7, 9 (lat.); *diário* 11, 18 (lat.); *dicionário* 6, 7 (lat.); *dispensário* 6 (lat.); *erario* 4, 7 (lat.); *funerário* 11 (lat.); *herbário* 2, 4, 5, 7, 15 (lat.) / *herbanário*³²⁵ 15; *hereditário* 1, 17 (lat.); *imaginario* 1, 7 (lat.); *inventario* 4 (lat.); *lapidario* 4, 7 (lat.); *locatario* 7 (lat.); *mandatario* 4, 7 (lat.); *monetário* 7, 11, 17 (lat.); *notário* 6, 7 (lat.); *operaria* 7 (lat.), *operário* 7, 11, 16, 18 (lat.); *ordinário* 7, 11 (lat.); *originário* 4, 7, 11 (lat.); *pecuniario* 7 (lat.); *plenário* 7, 11 (lat.); *precário* 11 (lat.); *primário* 17 (lat.); *referendario* 7 (lat.); *relicário* 9, 15 (lat.); *sacrario* 7 (lat.); *sagitário* 9 (lat.); *salario* 8 (lat.); *secretario* 7 (lat.); *solitário* 1, 7, 11 (lat.); *subsidiário* 11 (lat.); *sudairo* 11 (lat.); *tributário* 11, 16 (lat.); *tumultuario* 4 (lat.); *vigairo* 11 (lat.) / *vigário* 9 (lat.); *vocabulario* 7 (lat.); *voluntario* 1 (lat.)

XIII lat. *Aniu(er)sayro* A139

XIII lat. *contrário*³²⁶ E6, E10..., F1, F11..., G1, G6..., H4, H13..., I11, I22..., K4, K6..., L9, L11..., M6, M8..., N1, N2..., O4, O6..., P4, P7..., Q2, Q3... / *cōtrario* M8, N1, N21, Q5, Q28 / *comtrario[s]* F12, F16..., G1, G10..., H12, H19..., I1, I2..., K4, K9..., L17, L19..., M18, M20, M25 / *comtraryo[s]* E5, E23, F17, G20, G24, H12, H21, H23, I3, I7, I10, K6, K8, K26, L15, L22, L25, M12, M25, N6

XIII lat. *solayro*³²⁷ A16, A51 / *solayros* A51 / *ssolayro* A54

3. Empréstimos (N e Adj.):

annuario 4 (fr.); *celibatario* 4 (fr.); *empresário* 16 (it.); *ferroviario* 7 (it.); *funcionário* 11 (fr.); *mobiliário* 18 (fr.); *mostruário* 11 (cast.)

³²⁵ Segundo Machado ([1952] 1977³) e PE, do lat. *herbanu* + *-ário*.

³²⁶ O m. q. inimigo.

³²⁷ O m.q. salário.

XIII *cossario*[s] E12, E14, N11, N12, N15, N26, N27, N29, O26, O27, P2, P8 /
cossayro[s] H5, I2, L3, L14 (do lat., pelo it.)

XV *desvairo* E10 (cast.)

B) -EIR-:

1. PORT.:

1.1. N + -eir- → N:

a) 'Actividade (profissional)'

abutreiro 2; *açoeiro*³²⁸ 2; *adegueiro* 2; *aduanheiro* 2; *adufeiro* 2; *agoireiro* 6; *alavoeiro* 2; *albardeiro* 2, 9; *alcatroeiro* 2; *aletrieiro* 2; *alfeireiro* 12; *agulheiro* 2, 11; *aljubeiro* 2; *altareiro* 2; *anzoleiro* 2; *armeiro* 2, 17; *arqueiro* 2; *artilheiro*³²⁹ 8, 11; *atabaleiro*³³⁰ 2; *atabaqueiro*³³¹ 2; *azeiteiro* 6; *banqueiro* 11, 18; *barbeiro* 11, 15; *banheiro* 11; *barreleiro* 2; *besteiro* 6; *bodegueiro* 2; *bufarinheiro*³³² 2; *cabelleireiro* 2; *cabreiro* 2, 4; *cabresteiro* 2; *caixeiro* 2, 11; *caldeireiro* 2; *camareira* 12, *cameleiro* 2; *caminheiro* 2; *campainheiro* 2; *campeiro* 11; *campineiro* 15; *canastreiro* 2; *canforeiro* 11; *cardeiro* 2; *cargueiro* 2; *carniceiro* 2; *carreteiro* 2; *carroceiro* 2, 11; *carteiro* 2, 11; *carvoeiro* 16; *caseiro* 2; *catraeiro* 11; *cauteleiro* 6; *cavouqueiro* 2; *ceifeiro* 2; *celleireiro* 2; *cerieiro* 2; *cervejeiro* 2; *cesteiro* 2, 11; *chappelleiro* 2; *charameleiro* 2; *charqueiro* 2; *chineleiro* 2; *chouriceiro* 2; *cocheiro* 9; *colchoeiro* 6, 9, 17; *copeiro* 11; *corrieiro* 11; *costureira* 7, 15; *coveiro* 7; *cozinheiro* 4, 11; *cronheiro*³³³ 2; *doceiro* 7; *engenheiro* 2;

³²⁸ Enquanto *açoeiro* 2 significa 'aquele que trabalha em aço', *aceiro* 2, 13 (lat.) tem, segundo Cunha ([1982] 1987²), duas acepções: 'aço' XV e 'terreno desbastado em torno das matas para evitar a comunicação de incêndios' 1727.

³²⁹ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), de *artilharia*.

³³⁰ Tocador de atabale.

³³¹ Tocador de atabaque.

³³² Vendedor ambulante de bufarinhas (bugigangas).

³³³ *Cronha*, o m.q. *coronha*.

*estalajadeiro*³³⁴ 6, *estalajadeira* 6; *estancieiro* 7; *estribeiro* 17; *feiticeiro* 6, 11; *ferreiro* 1, 5, 6, 7; *festeiro* 15; *foreiro* 11; *forneiro* 9; *gageiro*³³⁵ 2; *gaioleiro* 11; *gaiteiro* 2; *guerreiro* 2, 7, 8; *guerrilheiro* 7; *hospedeira* 6, *hospedeiro*³³⁶ 6; *janelleiro* 2; *lagareiro* 2; *lanceiro* 1; *latoeiro* 2, 6, 17; *leiloeiro* 6; *leiteiro* 11; *lenheiro* 7; *livreiro* 7, 9, 17; *marinheiro* 1, 11, 16; *mineiro* 7, 11, 15; *moedeiro* 17; *monteiro* 17; *parteira* 11; *passareiro* 12; *pedreiro* 6, 7, 11, 15; *peixeiro* 11; *picheleiro* 2; *porqueiro* 4; *porteiro* 4, 6, 17; *potreiro* 11; *pousadeira*³³⁷ 6, *pousadeiro* 6; *pregoeiro* 11; *relojeiro*³³⁸ 2, 11; *sapateiro* 1, 6, 7, 9, 11, 16; *sejeiro*³³⁹ 2; *sineiro* 2, 11; *sirgueiro* 2; *taipeiro* 2; *taverneiro* 2, 11; *toureiro* 11; *vaqueiro* 1; *vendeira* 9, *vendeiro* 9, 11; *vidreiro* 2

XIV *açougeira* A63

XIV *adegueiro* A119 / *Adegueiro* A120

XIII *albergeyros* S13 pp. 234, 289 / *albergueyros* S13 p. 234

XIII *Alfeyreyro* S13 p. 300

XIV *Almojnheiro*³⁴⁰ A162 / *Almoynheiro* A163 / *Almoynheiro* A164 / *almujnh(e)iro*
A124

XIII *archeyros* K29

XIII *arheiros* D26

XV *barqueiro* M21

³³⁴ Cf. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 193), para quem "em *estalajadeiro* — *estalajadeira* temos um derivado anormal de *estalagem*, por influência de *pousadeiro* — *pousadeira*, *hospedeiro* — *hospedeira*, palavras em que o -d- pertence ao tema, e não ao sufixo, que é -eiro".

³³⁵ Provavelmente, do it. *gàggia*, port. *gávea*, + -eir-.

³³⁶ De *hósped(e)* + -eir- (cf. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 193).

³³⁷ Para Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 193), de *pousada*.

³³⁸ Do port. arc. *relojo*, o m.q. *relógio* (cf. PE). Em Machado ([1952] 1977³), supõe-se que *relógio* entrou no português através do catalão *reloj*, ao qual foi acrescentado "o sufixo culto e, provavelmente, analógico"; a forma *relogeo*, ainda segundo Machado ([1952] 1977³), aparece registada em 1416.

³³⁹ De *sege* (condutor de coche) + -eir-.

³⁴⁰ De *almoínha* (cf. A124 "Todo homẽ q(ue) teuer vinha ou almoyinha ou pomar ou ferageal cabo careira ou en testa de resio tape-a en tal g(ui)sa q(ue) nõ possa p(er) hy saltar o asno peyado."). Em Machado ([1952] 1977³), *moinheiro*, m.q. *moleiro*, do lat. *molināriũ*-; em Cunha ([1982] 1987²), *moleiro* o m.q. *molneiro* XIII e *moyneiro* XV, do lat. tardio *molināriũs*.

- XIV *burrinhei(r)os*³⁴¹ A53 ("Cus(tume) he de toda láán lixosa q(ue) burrinhei(r)os uêden ou comprê q(ue) dem de cada pedra hũu. d(inhei)ro.")
- XIV *caldeireiros* A52
- XIII *camareiro* A97 / *camareíro* A97
- XIV *caminheiros* D168
- XIII *carneçeyros*³⁴² S13 p. 24 / *carniceyro[s]* S13 pp. 58, 156 / *c(ar)niceíro* A105 / *c(ar)nyçéiro* A92 / *carníçéiro* A28 / *carniçeiros* N1
- XIII *caseiro* A151
- XIV *chaueiro* A10 ("Roj Lourêço Carualho, caualeiro; Gom(e)z Lourêço, coonjgo de G(u)imaraães; Johã L(ouren)ço, abbade de Bornes; Gonçalo, chaueiro da d(i)ta q(u)intãa, & out(r)os") / *Chaueyro* A86
- XIV *comêdeiros* A58
- XIII *(com)panyeyro[s]* S13 pp. 87, 188 / *(con)pannheyros* S13 p. 289 / *cõpanyeyro* S13 p. 93 / *cõpa(n)heyro* A25 / *cõpanheyros* A25, A47 / *companheiro[s]* D27, D204, D323, F16, G8, G14, G14, G15, I8, I21, N13, N13, Q24 / *companheyro* G24 / *cõpanheiro* I18; *companheira* H6
- XIII *Copeyro* S13 pp. 33, 51
- XIII *coreyeiro* S13 p. 110 / *Correyros* S13 p. 25 / *coreyro* S13 p. 157
- XIV *couteyros* A49
- XIII *cuytaleíro*³⁴³ A145
- XIV *despenseiros* D319
- XIV *dizimeiros* A62 ("E ora das sardinhas de cada barca grande q(ue) traga sardinhas leuam os dizimeiros. Cen sardinhas de Mays q(ue) dizem q(ue) am-d' au(er)") / *dízímeyro* A24 / *dizimeyro* A24 / *dízímeyro* A24 ("Do dizimeyro da Ribeyra como deue a demandar sa dezíma. Custume h(e) q(ue) senp(re) pode todo dízímeyro da Ribeyra e todo p(or)teyro q(ue) tõe p(or)tagêes de demãdar seu deryto en q(ua)l tempo q(ue)r se nõ ha seu deryto.") / *dizimej'ro* A49 ("Nõ se guarda. q(ue) o dẽ ao alcaide ni´migalha & leua o dizimej'ro todo d' el rey.")

³⁴¹ Cf. *burra*, m.q. lâ

³⁴² Segundo Cunha ([1982] 1987²), de *carniça* XV, lat..

³⁴³ De *cutelo*.

XIII *escudeyro* S13 pp. 67, 69, 71, 102, 114 / *escudeiro*[s] A85, A148, A149 E19, G26, G33, K3, K33, L25, N5, O4, P3, P17, Q2 / *escodeyro* A153 / *escud(e)yro* A65 / *escudeíro* A126 / *escudeyro*[s] A47, A48, A65, F9, F11, F13, F15, F19, F21, G5, G6, G7, G11, G12, G17, G23, G31, G32, H4, H6, H9, H12, H13, H18, H19, H20, H23, H25, I3, I8, I10, I11, I12, I13, I14, I19, I20, I21, I24, I25, I26, K2, K3, K4, K7, K8, K11, K15, K17, K21, K22, K26, K33, L1, L2, L3, L6, L7, L9, L10, L14, L15, L18, L19, L24, L25, M5, M19, M22, M28, N4, N12, N14, N23, N28, N29, O5, O6, O7, O8, O10, O11, O15, O17, O19, O20, O21, O23, O27, O28, P2, P7, P10, P13, P17, P20, P25, Q5, Q12, Q16, Q20, Q24 / *scudeíro* A85 / *scudeiro* A85, A86 / *scudejros* S13 pp. 159, 163 / *scudej'ro* S13 p. 6 / *sCudej'ro* S13 p. 6 / *scudejr(os)* S13 p. 108 / *scudejros* S13 p. 2 / *scudeyro*[s] A49, A73, A86, A117 / *sscudeiro* A60

XIII *Espitaleiros*³⁴⁴ S13 p. 2 ("A out(ra) ao moesteiro de Santa Cruz, a t(er)ceira aos Tẽpleiros, a q(ua)rta aos Espitaleiros, a q(ui)nta den por mia alma o arcebispo de Bragaa")

XV *estribeiro* H22 / *estribeyro* G31, L16 / *estrebeyro* O6

XIV *ex(er)queiros*³⁴⁵ A45 ("Custume q(ue) foro deuẽ dar os ex(er)queiros q(ue) matã os porcos.")

XIII *Steyreyros*³⁴⁶ S13 p. 25 ("assy tendeyros comha Correyros. como zapateyros. como faenq(ue)yros. como piliteyros como aq(ue)les q(ue) uendẽ as mantas. come Steyreyros. come feltreyros. come adéés come aq(ue)les q(ue) uendẽ os burees")

³⁴⁴ De *hospital* XIII.

³⁴⁵ De *enxercar* 'matar reses (porcos)', verbo que em Cunha ([1982] 1987²) é datado de XV.

³⁴⁶ Provavelmente, de *esteira*, XIII, lat..

XIII *faenq(ue)yros*³⁴⁷ S13 p. 25 ("Jt(em) louuam(os) e outorgamos q(ue) os q(ue) uenherẽ áá feyra d' elRey. dẽ pola séeda #vj d(ineyros). assy tendeyros comha Correyros. como zapateyros. como faenq(ue)yros. como pilitayros como aq(ue)les q(ue) uendẽ as mantas.")

XIII *feltreyros*³⁴⁸ S13 p. 25

XIII *ferreyro* S13 p. 25 / *ferreiros* A42 / *ferreyros* A18 / *fferreiro* A52 / *fferreiros* A52

XIII *foreyros* S13 pp. 9, 47

XIV *fromteiro*³⁴⁹ G29

XIII *guerreiros* M11

XIII *iugueyro*³⁵⁰ S13 p. 193 ("193 Se alguu ouu(er) demanda (contra) iugueyro alheo ou mancebo, seu senhur seya teodo por elle o[u] desẽpareo.")

XIII *legumh(eyr)a*³⁵¹ S13 pp. 25, 59 ("Saluo os panos da Cór q(ue) seiã dos vezỹos da villa q(ue) se deuen a uender hu q(ui)serẽ os vezĩos \$ A t(ri)peyra de pola séeda de todó ó dia #j d(ineyro). E aq(ue)la q(ue) uender pescado coyto ou frito; de #j d(ineyro). \$ Jt(em) da séeda da Legumh(eyr)a #j m(ea)l(h)a."; "Jt(em) mando q(ue) en esta maneyra se tire a rrẽda das ffáangas da séeda da legumh(eyr)a de hũã m(ea)l(h)a.")

XIV *madeíreiro* A134

XIII *mãdadeyro*³⁵² S13 p. 242 ("E se p(er)uentura p(er) mãdadeyro se quiser tornar uassalo dalguẽ, enuij fidalgo q(ue) en seu logar e en seu nome receba por senor aq(ue)l cuyo uassallo se torna e beygelhy a maa")

XIII *marinheyro* A156

³⁴⁷ Nos dicionários consultados, aponta-se para o radical *fanc-* "etim. obsc.", embora todos atribuam o estatuto de derivado a *fanqueiro* e a *fancaria*.

³⁴⁸ De *feltro* (em Cunha [1982] 1987², datado de XVI, do it.). No entanto, cf. "todos aq(ue)les ou aq(ue)las q(ue) am de uender çapatos. e panos. e peles. e mantas. e feltros. & toda out(ra) liteyra ou toda outra basanaria uenha a feyra d' elRey." S13 p. 25.

³⁴⁹ O m.q. comandante.

³⁵⁰ Cf. *jugadeiro*. Em Cunha ([1982] 1987²), *jugo* XIV, lat..

³⁵¹ Provavelmente de *legume*, lat. *legūmen -īnis*.

³⁵² Em PE, "adj. relativo a mandado; s.m. aquele que faz mandados ou leva mensagens (De *mandado* + *-eiro*)".

- XIV *m(ar)notej'ro*³⁵³ A67 ("T(estemunha)s q(ue) a esto p(re)sentes fforõ Johan coelhejro (e) váásqe est(evêe)z m(ar)notej'ro (e) Johan galego (e) ffrãcisco p(er)ez p(or)t(e)jro")
- XIV *messageiros* I13, K13, M2, M3, M14 / *messageyros* L23, M3 / *messegeiro* D312, D364 / *mesegeiro* A60
- XIII *monteyro[s]*³⁵⁴ S13 pp. 225, 225 / *montejro* A52 / *monteiros* D182 / *monteiro* E19, E19
- XIV *nateyro* A91
- XIII *onzeneyro* S13 p. 300 / *onzen[era]* S13 p. 300 / *onzaneiro* D154
- XIII *padroejros*³⁵⁵ S13 pp. 160, 165
- XIII *peliceyro* S13 p. 156
- XIII *pessoeyro[s]*³⁵⁶ S13 pp. 171, 187, 189, 190, 198, 201, 209, 213, 215 / *p(es)soeyro[s]* S13 pp. 183 ("o alcalde de seu poder deue demandar a cada huua das p(ar)tes seu p(re)yto, se he seu se alleo, e u q(ue) diser q(ue) é alleo mostre p(e)ssoarya p(er) que possa demandar ou deffender; o que a nõ mostrar nõno receba por p(e)ssueyro doutren se nõ for daquelles que manda o foro receb(er) sê p(es)soarya, dando recado que o dono do preyto esté p(er) quãto el fez(er). E se mostrar carta d(e) p(es)soarya mostrea ao (con)tend(o)r da out(ra) p(ar)te e délhy end(e) o traslado, se o demandar, p(er) q(ue) o possa saber d(e) q(ue) é p(es)soeyro ou en q(ue) maneyra."), 187, 188, 189, 215 / *pessueyro* 187, 188, 189, 190 / *p(e)ssueyro* S13 pp. 183, 187 / *p(es)sueyro* S13 pp. 187, 188, 189, 190 / *possõeyros* S13 p. 187
- XIII *pousad(e)yro* S13 p. 300 / *poúsadeyro* S13 p. 300
- XIII *p(re)goeyro* S13 p. 22 / *p(re)goeíro* A142 / *p(re)goeiro* A142
- XIII *p(re)stameyro*³⁵⁷ S13 p. 11 ("ric' omẽ nõ p(re)stameyro nõ faça poussa en uossa uila.")

³⁵³ De *marnota*, 'parte da salina onde se junta a água para o fabrico do sal'. Em Cunha ([1982] 1987²), *marnota* XV.

³⁵⁴ O m.q. caçador de monte.

³⁵⁵ De *padrom* (protector).

³⁵⁶ Para Machado ([1952] 1977³), "De *pessoa*. Em 1257."

³⁵⁷ Em PE, "s.m. designação de proprietário de bem da coroa, consignado para seu sustento ou cõngrua, e de que recebia foros ou pensões de préstamos (...) (De *préstamo* + *-eiro*)"; cf. Cunha ([1982] 1987²): *préstamo*, XIII.

- XIII *q(ui)nhueyros* S13 p. 208 ("Se #II omees ou mays forẽ erdeyros ou q(ui)nhueyros enalgua cousa q(ue) outro tenha en poder e huu deles demandar senos outros, aquel q(ue) a cousa teu(er) nõ possa escusar q(ue) nõ responda por diz(er) q(ue) out(ros) h(er)deyros que a nõ ueen demandar, mays respõda ia aaquel pola sa parte e depouys aos outros.")
- XIII *Raçoeyro* S13 p. 118 / *R(açoeyro)s* A160 / *Racoeiros* A97 / *Raçoeyros* A47, A48, A158, A159, A160 / *rraçoeyro* A109 / *raçoeyro* A60 / *rraçoeyro* A59 / *raçoeyro* A54 / *rraçoeyros* A47, A48
- XIII *relegueyros*³⁵⁸ S13 pp. 33, 34 / *relegeiros* A55 / *relejeiros* A33 / *Relegeyros* A12 ("Custume h(e) se me auenho con os Relegeyros p(er)a põer meu vïo e nõ tenho y medidas e uõe out(ros) mõtar o Relego q(ue) me er auenha cû eles.") / *relegueiros* A61 / *relegueyros*, A35 / *Relegueyros* A11, A12, A23;
- XIV *rremeyros*³⁵⁹ K9 / *rremeyros* K9
- XIV *rendeiro* A54 / *Rendeiro* A118 / *Rendeyro* A119 / *rrendeiro* A119
- XIII *çapateyro* S13 pp. 25, 154 / *capat(eir)o* A92 / *Capat(eir)o* A146 / *capat(eir)os* A93, A94, A95 / *capateiro* A102 / *çapateiro* A126 / *çapateyro* A129 / *zapateyros* S13 p. 25
- XIII *çaquiteyro*³⁶⁰ S13 p. 33 / *çaq(ui)teiro* A138 ("Affonsso m(artĩ)jz çaq(ui)teiro dEl Rey")
- XIII *céeyro*³⁶¹ S13 p. 25 ("E todo céeyro q(ue)r çapateyro ou ferreyro. for e p(er) este mester uiuer e casas de seu nõ ouuerẽ alquiẽ as casas e as tendas d' elRey & nõ alq(ui)en outras")
- XIV *seleros*³⁶² A52 ("Cus(tume) he de fferreiros & de caldeireiros & dos que fazẽ escudos & dos seleros. q(ue) non dem soldada a el Rey polo ano. ")

³⁵⁸ De *relego*. Em Machado ([1952] 1977³), *relego*, deriv. regressivo de *relegar*, em 1338 (como se pode observar pelo contexto, a atestação é anterior); *relegar* 'afastar de um lugar para outro; banir; desterrar; desprezar'. Em Cunha ([1982] 1987²), *relegar* XV ('expatriar, banir', 'desprezar').

³⁵⁹ De *remo* XIV (cf. *remador* XIII).

³⁶⁰ O m.q. *saqueiro* (fabricante ou vendedor de sacos)?, que, de acordo com Machado ([1952] 1977³), "XIII?, s., de *saquito*".

³⁶¹ De *séé* + *-(e)yro* (cf. S13 p. 2 "ao cabidoo da Séé da Idania (e) m(o)r(auidiis) por meu aũiu(er)sario").

³⁶² Em Machado ([1952] 1977³), de *sela*, XIII. Cf. PE: *seleiro* "o que fabrica ou vende selas". Neste exemplo, deu-se uma monotongação do iode do sufixo.

XIII *sesmeyros* S13 p. 40

XIII *Soldadej'ra*³⁶³ S 13, p. 6 ("(e) se esse Caualejro for cõuidado nõ leue sigo senõ hũu scudej'ro. E se Soldadej'ra for cõuidada nõ aduga sego mãçeba (sic) nõ outro homẽ u'nosso Senhor el Rej for E sse algũu homẽ de cas del Rej q(ue) ouuer Raço del Rej com(er) cõ algũú Rico homẽ. ou cõ p(re)lado.")

XIII *sorteyro* S13 p. 204 / *sorteyras* S13 p. 204

XIV *telheyros* A49 ("defendia a todos assi aos lauradores com(e) a carpenteyros, come a telheyros com(e) a todolos moradores desse couto geeral mête q(ue) nenhũu nom fosse ousado de dar geyra nõ geyras de cauar nõ de carpentegar nem de telha faz(er)")

XIII *Tẽpleiros*³⁶⁴ S 13, p. 2

XIII *tẽdeyro* S13 p. 156 / *tendeyro[s]* S13 p. 25, A54

XIII *tonoeyro* S13 p. 21

XIII *tripeyra*³⁶⁵ S13 p. 58 / *t(ri)peyra* S13 p. 25 ("Saluo os panos da Cóór q(ue) seiã dos vezỹos da villa q(ue) se deuen a uender hu q(ui)serẽ os vezĩos \$ A t(ri)peyra de pola séeda de todó ó dia #j d(ineyro).")

XIV *ueeiro* A52³⁶⁶ ("Costume do fferro do ueeiro. & dos q(ue) matã os veados & dos outros.") / *ueejro* A52 ("Cus(tume) he quẽ adusser ferro de ueejro. deue-sse avj' r cõ o anadal q(ue) tẽ as eguas.")

XIV *uimeeyro*³⁶⁷ A85 / *vymeeyro* A94 ("Gonçalo m(art)j(n)z vymeeyro")

XIII *uĩheyro*³⁶⁸ S13 p. 261 / *uinheyro* S13 p. 260 ("260 Todo uinheyro q(ue) guardar uinhas se alguu entrar ennas uinhas e fez(er) dano, o vinheyro tomelhy penhores") / *vinheyro* S13 p. 260 / *vinhateiro* A155 / *vinh(ateir)os* A89 / *vinhat(eir)o* A88 / *vinhateyro* A89 / *Vinhateyro*, A89

XIII *vozeyro[s]* S13 pp. 186, 189, 291 / *uozeyro[s]* S13 pp. 171, 186, 187, 189, 194, 201

³⁶³ Em Machado ([1952] 1977³), XIII, de *soldada*. Cf. Corominas e Pascual (1980-1991): "*soldadera* juglaresa, mujer de malas costumbres".

³⁶⁴ Em Cunha ([1982] 1987²), forma divergente popular de *templário*" (1813, lat.).

³⁶⁵ Cunha ([1982] 1987²) regista a forma do masculino, com data do século XIV.

³⁶⁶ Cf. *veador* (caçador) XVI.

³⁶⁷ O que trabalha em *vime*.

³⁶⁸ Pelo contexto, parece derivar de *vinha* XIII. Cf. PE, *vinhateiro*, de "*vinha* + -t- + -eiro". Em Machado ([1952] 1977³), "*vinhateiro* 1242-1252, o m.q. *vinhadeiro*, de *vinho*".

b) 'Árvores, plantas':

abacateiro 11, 16; *abieiro* 11; *abrunheiro* 2, 5; *albricoqueira* 2; *alcaparreira* 2; *alfarroqueira* 9; *alfostigueiro*³⁶⁹ 2; *algodoeiro* 2, 9, 6, 17; *almiscareira* 2; *amendoeira* 2, 5, 8, 9, 11; *amoreira* 2, 5, 11; *ananazeiro* 2; *aroeira*³⁷⁰ 2; *aveleira* 5, 11; *azinha* 2, 17; *baforeira* 17; *babeira* 2; *bahuleiro* 2; *bananeira* 2; *boeiro*³⁷¹ 2; *cacoeiro* 2 / *cacoseiro* 2; *cafeiro* 2, 11; *cajueiro* 2, 11, 18; *carrapateiro* 2; *castanheira* 11, *castanheiro* 2, 5, 9, 11; *catapereiro* 2; *cepeira* 2; *cerejeira* 2, 4, 11, 15; *ceveira* 17; *cidreira* 2, 11; *coqueiro* 2, 11; *cormeiro* 2; *craveiro* 9, 11; *damasqueira* 2, *damasqueiro* 9; *dedaleira* 2; *dragoeira* 2, *dragoeiro* 2; *escorcineira* 2; *espinheira* 11, *espinheiro* 2; 11; *figueira* 1, 5, 7, 9, 11; *giesteira* 1; *gilbarbeira* 2; *gingeira* 2; *goiabeira* 2, 11; *goiveiro* 2, 11; *gyrofeiro* 2; *jambeiro* 11; *jaqueira* 11; *jasmineiro* 2, 11; *jenipapeiro* 11; *joazeiro*³⁷² 11; *larangeira* 1, 2, 5, 7, 8, 11; *limeira* 5, 7; *limoeiro* 2, 4, 5, 6, 7, 11, 17; *lombrigueira* 2; *loureiro* 2, 5, 11; *maceeira* 2 / *maceira* 2 / *macieira* 11; *mamoeiro* 4; *mangueira* 2, 11; *marmeleiro* 2, 11, 15; *morangueiro* 11; *moscadeira* 2; *nespereira* 2 / *nespreira* 1, 5; *oliveira* 9, 11; *paineira* 11; *palmeira* 2, 11; *parreira* 2, 11; *pereira* 1, 2, 9, 11, 15, *pereiro* 2, 9; *pessegueiro* 2, 5, 7, 9, 11, 15; *pinheiro* 2, 5, 7, 15; *pirliteiro* 2; *pitangueira* 18; *romanzeiro* 2; *roseira* 2, 5, 9, 11, 16; *sabugueiro* 2, 5, 11; *sagueiro* 2; *sobreiro* 5 / *sovereiro* 11; *sorveira* 2; *tamareira* 2; *tamargueira* 2; *tamarinheiro* 2; *tomateiro* 2; *trovisqueira* 2; *uveira* 2; *videira* 2, 9, 11; *videiro* 2; *vimieiro* 5; *zambujeiro*³⁷³ 2; *zorreira* 6

XV *carrasqueira* I9

XV *daroeiras* N22

XIII *ffigeyra* S13 p. 132 / *ffigejras* A151 / *figueira* D325, D326

³⁶⁹ Machado ([1952] 1977³) regista "*alfóstico*, *alfóstigo*, s. Do ár. *al-fustiq*, mesmo sentido". Em Machado ([1991] 1996²), *alfóstico*, *alfóstigo* e *alfostigueiro* são listados como nomes, todos eles designativos de "árvore resinosa da família das Terebintáceas, também chamada *pistácea*".

³⁷⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), "do ár. *darū* 'lentisco' + *-eira*; na forma atual houve aférese do *da-*, confundido com a preposição: *daaroeira* → *da aroeira*".

³⁷¹ O m.q. *boeira*.

³⁷² De *juá* +-z- + *-eir-*.

³⁷³ De *zambujo* (ár. *zabbūj*) + *-eir-* (cf. PE).

XIII *nesperejra* S13 p. 83

XIV *oliueyras* A115, A138 / *oljueíras* A164

XIII *palmeyra* A18, A42

c) 'Objecto que serve para (quase sempre recipiente)'

açucareiro 5, 11, 18; *alcamphoreira* 2; *alfineteira* 11, *alfineteiro* 2; *aljaveira* 12; *banheira* 2, 11; *borracheira* 11; *cafeteira* 2, 11; *carteira* 2, 11; *cartucheira* 2, 11; *carvoeira* 11; *chaleira* 2, 7, 11; *chapeleira* 2, 9; *charuteira* 11; *chaveiro* 11; *chàzeiro* 17; *chocolateira* 2, 11; *cigarreira* 11; *cinteiro* 2; *cinzeiro* 2, 11; *cocheira* 2; *coelheira* 2, 11; *compoteira* 11; *copeira* 2; *espigueiro* 6; *ficheiro* 18; *filtreiro* 2; *fruteira* 9, 16; *isqueiro*³⁷⁴ 16; *leiteira* 11, 15; *luveiro* 11; *manteigueira* 11, 18; *mealheiro*³⁷⁵ 6, 16; *mosquiteiro* 11; *mostardeira* 2; *neveira* 2; *ostreira* 11; *oveiro* 11; *paliteiro* 11; *papeiro* 2; *papeleira* 9, 11; *poncheira* 2; *roupeiro* 11; *saladeira* 11; *saleiro* 11; *salseira* 2; *sopeira* 11; *taboleiro*³⁷⁶ 1; *tinteiro* 1, 2, 4, 6, 7, 9, 11, 16; *vidreira* 17

XIV *candeeyro*³⁷⁷ A129

XV *lumyeiras*³⁷⁸ L24 / *lumieyra* H18

XIII *masseíra*³⁷⁹ A53 / *masseira* A6

XV *pallomeiras*³⁸⁰ K13 (náut.) N 1813

d) 'Local (geralmente, onde existe grande quantidade de X)'

areeiro 1, 7; *barreira* 8, 16; *barreiro* 11; *braseiro* 1, 7; *caieira* 11; *cancioneiro*³⁸¹ 2, 7, 15; *cativeiro*³⁸² 2; *esterqueira* 2; *estrumeira* 2; *formigueiro* 2, 7, 9, 11, 15; *fumeiro* 2;

³⁷⁴ Outrora, "espécie de estojo onde os fumadores traziam a isca (matéria combustível que se inflama com as faíscas do fuzil" (cf. PE).

³⁷⁵ De *mealha* (moeda ant.).

³⁷⁶ De *tabola*, XVI, o m.q. *tábua*, *tábula*, *távola* e *tabla*.

³⁷⁷ De *candeia*.

³⁷⁸ O m.q. archote.

³⁷⁹ Em PE, "tabuleiro onde se amassa a farinha para o fabrico do pão".

³⁸⁰ Cabo náutico, o m.q. *paloma*.

³⁸¹ Em sentido metafórico, 'local onde estão guardadas as colecções de canções'.

galinheiro 2, 4, 8, 11; *lameiro* 11, 15; *mineira* 17; *palheiro* 15; *pedreira* 7, 9, 11, 16, 18; *vespeiro* 11

XIV *barreira* F10, F11, H8, H10, H12, I11, I19, L6, L9, L10, L15, L24, P4

XIV *catyveiro* E8, G18, H2, I22, K7, K19, N2, N4, O10, P8, Q3, Q18 / *cativeiro* O12 / *catyveyro* K12

XIV *comeeira*³⁸³ A54

XV *ladeira* L19, P4

XIII *ribeyra* S13 p. 90 / *rribeyra* S13 pp. 82, 89 / *ríbeira* A42 / *Ríbejra* A37 / *Ríbeyra* A18 / *ribeíra* A49 / *ribeira* A52 / *Ribeira* A36 / *Ribeyra* A14, A24 / *rríbeira* A49 / *rribeira* A53 / *rribeira* G5, G10, I11, I12, I12, K5, K8, K16, N26, O17, P25, Q1

XVI *lameiro* P11

XV *minhoteiras*³⁸⁴ K3 ("os de pee passavã pellas minhoteiras")

XIII *palheyro* A86

XIII *pesq(ue)yra* S13 p. 267 ("267 Mays se alguu for h(er)deyro en riba d(e) tal rio e quis(er) faz(er) pesq(ue)yra ou muinhos, façaos en tal guisa q(ue) nã tolha passagen aas naues nen aos pescadores.")

XIII *saeteyra* S13 p. 120 ("n(õ) deuẽ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. nẽ Janella. nẽ saeteyra. nẽ Jamineyra.")

XIV *Telheyro* P11 ("E omde a primeira herã, omde se chama o Forno Telheyro, fezeram a vollta, ate chegar ao Porto do Lameiro, que he abaixo da atallaya de çima.")

³⁸² Também 'estado de cativo'.

³⁸³ O m.q. *cumeeira* (a parte mais alta do telhado).

³⁸⁴ Em PE, "ponte de tábuas, ou apenas uma trave, sobre cova ou precipício, para passagem de pessoas".

e) 'N relativo a'³⁸⁵

asneira 11; *aventureiro*³⁸⁶ 11; *bandalheira* 11; *bandeira* 8; *bicheira* 7; *bigodeira* 15; *cabeceira* 7; *cabeleira* 11; *cachoeira* 2; *candeeiro* 2, 11; *caneleira* 11; *canteiro* 2; *carreiro* 2; *catarreira* 11; *choqueiro* 2; *cimeira* 2; *coceira* 2; *colleira* 2; *estribeira* 2; *fronteira* 12; *gafeira* 11; *gagueira* 11, 16; *gorjeira* 11; *ladroeira* 2, 11; *luzeiro* 4; *manqueira* 11; *migalheiro* 2; *nevoeiro* 11; *papeira* 11, 16; *perneira* 11; *piolheira* 2; *poeira* 11; *polypeiro* 7; *pulseira* 11; *resvaleiro*³⁸⁷ 4; *sementeira* 7; *sendeiro* 7; *trabalheira* 15; *varejeira* 2

XIII *cabeçeira*[s] L17, L18, N2, P14, P19, Q21

XIV *semêteira* A4

f) 'Natural de'

brasileiro 2, 4, 6, 7, 9, 15; *berlengueiro* 6; *brincheiro*³⁸⁸ 6; *cartaxeiro* 6; *frieleiro* 2; *penicheiro* 6; *redondeiro*³⁸⁹ 6; *sanjoaneiro* 6; *soajeiro* 6

g) 'Acção repetida e breve'

*aguaceiro*³⁹⁰ 4; *chuveiro*³⁹¹ 2, 11; *berreiro*³⁹² 11, 15; *ventaneira*³⁹³ 4

³⁸⁵ Em Villalva (2000: 159), estes nomes designam o resultado da acção, enquanto outros são qualificados como "colectivos ou intensificadores".

³⁸⁶ Ocorre igualmente como Adj..

³⁸⁷ Provavelmente, de *resvalo*, deriv. regressivo de *resvalar*, e o m.q. *resvaladeiro* / *resvaladouro* / *resvaladoiro* (de *resvalar*).

³⁸⁸ Natural de Brinches.

³⁸⁹ Com acepção satírica, por oposição a *redondense* (natural do Redondo) (cf. Leite de Vasconcellos [1911] 1966⁴: 379).

³⁹⁰ De *aguaça*.

³⁹¹ Designa igualmente o objecto de onde sai a água em forma de chuva, utilizado para banhos.

³⁹² Tenho algumas dúvidas quanto à categoria da base deste derivado. Por exemplo, em PE ele teria origem em *berrar* e não em *berro*. Parece-me, contudo, não se tratar de um N deverbal, pois todos os N e A deverbais em *-eiro* podem ser agrupados sob a paráfrase 'Que ou aquele que V', o que não é o caso.

³⁹³ À semelhança de *ventania*, Machado ([1952] 1977³) interroga-se se a base que está na origem de *ventaneira* é ou não *ventana* (formação irregular de *vento*, segundo o autor). Incluí este N sob a paráfrase 'Acção repetida e breve', mas é evidente que ele denota igualmente 'Intensificação'.

h) 'Tributo, imposto, taxa'

XIII *fossadeyra*³⁹⁴ S13 p. 282 / *ffosadeyra* S13 p. 110 ("Domĩgos m(a)r(tin)z coreyeiro vizõ de Guymarães da out(ra). sobr(e) hũu h(er)damẽto. q(ue) e ã Lama de tyda na ffreyguessia de san ffrausto. muytas razoes razoadas da hũa p(ar)te. (e) da out(ra). o d(i)to juiz julgou. q(ue) se pagasse a ffosadeyra. como senp(re). fora huzado."; "Qvando el rey fez(er) ap(re)gũar sa hoste (contra) mouros ou (contra) quaes q(ue)r e os concelhos & quaesq(ue)r q(ue) deuẽ a yr sen soldada a ela, se nõ forẽ ao p(ra)zo q(ue) lles for mãdado assy como deuẽ ir, peytẽ a fossadeyra en como lhys el rey mãdar. E essa meesma pẽa ayã aq(ue)lles q(ue) se ueerẽ ante do p(ra)zo.")

XIII *sesteyro*[s] S13 p. 11, A157 ("E daruos mayns hũu sesteyro de pam meyado")

1. 2. Base [+lat] + -eir- → N

*curandeiro*³⁹⁵ 6

1. 3. N + -eir- → Adj.:

'Relativo a'

*carapeteiro*³⁹⁶ 2; *chofreiro* 2; *costeiro* 2, 11; *domingueiro* 2; *erreiro* 1; *estrelleiro* 2; *fidalgueiro* 17; *fronteiro* 11; *fragalheiro*³⁹⁷ 2; *fragueiro* 2, 11, 16; *fraldeiro* 2; *galheiro*³⁹⁸ 11; *interesseiro* 1, 2, 9, 15; *invencioneiro* 2; *justiceiro* 6, 9, 17; *laboreiro* 6; *linguareiro* 2; *lisongeiro* 1, 2, 17; *lombeiro* 2; *menineiro* 2, 7; *ordeiro* 11; *palavreiro* 2;

³⁹⁴ Em PE, "s.f., tributo dos que se eximiam de acompanhar o rei aos fossados (De *fossado* + *-eira*)". Cf. Cunha ([1982] 1987²): *fossa* XIII lat. 'sepultura'; XIV 'fosso'; *fossar* XVI; *fossado* XVI.

³⁹⁵ Em Cunha ([1982] 1987²), do lat. *curand(u)*, gerundivo de *cūrāre* + *-eiro*. O equivalente castelhano também é registado por Corominas e Pascual (1980-1991) como sendo derivado. Contudo, Machado ([1952] 1977³) considera tratar-se de uma forma [+lat].

³⁹⁶ De *carapeta*, o m.q. mentira.

³⁹⁷ O m.q. *frangalheiro* (andrajoso, maltrapilho), de *frangalho* (cf. PE).

³⁹⁸ Tipo de veado.

passageiro 9, 11, 15; *ponteiro*³⁹⁹ 2, 11; *rasteiro* 11, 15; *rotineiro* 7; *sobranceiro*⁴⁰⁰ 2; *traíçoeiro* 9; *useiro* 1, 7, 9; *verdadeiro* 2, 11, 12, 18; *vertudeiro* 17; *veseiro* 1, 7, 9

1. 4. Adj. + -eir- → Adj.:

'Relativo a'

boniteiro 17; *careiro* 2; *certeiro* 9, 11; *fraqueiro* 2; *grosseira* 7, *grosseiro* 2, 7, 11; *lampeiro*⁴⁰¹ 2; *prazenteiro*⁴⁰² 2

1. 5. Adj. + -eir- → N:

'Relativo a'

cegueira 2, 8, 11, 16; *maroteira* 11; *tenreiro* 12; *terneiro* 2; *tristeiro* 17; *viveiro* 7, 16

1. 6. RAD + -eir-

'Que ou aquele que V'

1. 6. 1. RAD + -eir- → N:

alcoviteiro 2; *atoleiro* 2, 4; *calceteiro* 2; *canseira* 11; *fiandeira*⁴⁰³ 11; *pasmaceira*⁴⁰⁴ 11

XIII *Regateiros*⁴⁰⁵ A15 / *regateiros* A6 / *Regateiros* A38 / *regatej'ros* A38 / *rregateyros* A15 / XIII *regateyra* S13 p. 24 / *rregateiras* A54

1. 6. 2. RAD + -eir- → Adj.:

lambareiro 2; *lambisqueiro* 2; *lambujeiro* 2; *ronceiro*⁴⁰⁶ 2

³⁹⁹ Tipo de vento.

⁴⁰⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), de "um arc. **sobrança*.a (deriv. do lat. tard. *superantia* e, este, do lat. *supĕrans*, part. pres. de *supĕrāre* 'passar por cima')".

⁴⁰¹ De *lampo*, o m.q. espevitado.

⁴⁰² De *prazente* (arc.), o m.q. agradável.

⁴⁰³ De *fiandar*, o m.q. *fiar*; *fiandeira*, o m.q. *fiadeira*.

⁴⁰⁴ Apesar de em PE surgir a indicação "de *pasmo* + -c- + -eira, considero que, por analogia com outros exemplos, se tratará da junção de -eira a *pasmac-*, radical do verbo *pasmacear*.

⁴⁰⁵ Aquele que vende víveres pela rua. De *regatar*, o m.q. *regatear*.

1. 7. Prep. + -eir- → Adj.:

'Posição, colocação'

dianteiro 11; *traseiro* 2

1. 8. Nomes Lexicalizados:

*bombeiro*⁴⁰⁷ 11; *frioleira*⁴⁰⁸ 11; *romeiro*⁴⁰⁹ 7, 11

2. LAT. (N e Adj.):

aceiro 2, 12 (lat.); *ameixieira* 2 (lat.); *amieiro* 2 (lat.); *caldeiro* 4 (lat.); *camareiro* 2 (lat.); *carneiro* 2, 7 (lat.); *carpenteiro* 2 (lat.) / *carpinteiro* 1, 9, 4, 6, 17 (lat.); *cavalleira* 7, *cavaleiro* 7, 8, 9, 11, 17; *caveira* 6 (lat.); *farinheira* 16 (lat.); *fouveiro* 2 (lat.); *lazeira* 11 (lat.); *maneira* 7 (lat.); *marceneiro*⁴¹⁰ 1, 17 (lat.); *moensteyro* 12 (lat.) / *moesteiro* 6 (lat.) / *mosteiro* 6 (lat.); *moleiro* 2 (lat.); *nogueira* 2, 9, 11 (lat.); *nitreira* 2, 11 (lat.); *obreiro* 11, 18 (lat.); *parceiro* 7 (lat.); *peneira* 2 (lat.); *perdigueiro* 11, 16 (lat.); *primeiro* 2, 17 (lat.); *salgueiro* 2 (lat.); *serralheiro*⁴¹¹ 2, 11 (lat.); *solteiro* 11 (lat.)

⁴⁰⁶ Segundo Machado ([1952] 1977³), de *roncear* (etimologia obscura), documentando-se já no séc. XVI. Corominas e Pascual (1980-1991) indicam para *roncero* e *roncear* "origen incierto, el significado antiguo fué 'hipócrita, enganoso, halagador'; probablemente derivados del antiguo *ronce* 'halago enganoso'".

⁴⁰⁷ Significa, como se sabe, 'aquele que extingue incêndios', ao invés de 'aquele que faz bombas'.

⁴⁰⁸ De *frí(v)olo*.

⁴⁰⁹ Originariamente, de *Roma*.

⁴¹⁰ Com acepção diferente de *mercenário*, forma com a mesma origem (do lat. *mercenāriū*-).

⁴¹¹ Machado ([1952] 1977³) pensa que esta forma "liga-se ao lat. *serrācūlu*-, «leme». Em 1451". A mesma etimologia surge em PE.

- XIII lat. *béesteiro* A5 / *baesteiro* A5 / *béesteyro* A11 / *béesteyro* A32 / *beesteiro* A56 / *beesteiros* A5, A59 / *beesteyro* A11 / *beesteyros* A64 / *beesteyros* A64 / *beesteiro[s]* D186, D208, G5, G10, H9, H24, I21, K4, L19, N19, N21, O12, O20, O23, O24, Q3, Q26 / *beesteyro[s]* E20, G20, G22, G23, G24, H8, H10, H11, I3, I4, I11, L1, L7, L10, L15, L17, L19, L21, L24, L26, N22, Q3, / *besteiros* G32, H11, H14, I11, K15, K32, L6, L8, L19, Q1 / *besteyros* E19, F21, G11, I13, K21, K26, L8
- XIII lat. *carneyro[s]* S13 pp. 10, 11, 16, 89, 102, 153, 301 / *carneiros* D192, N16
- XIV lat. *carpēteyro* S13 p. 99 / *c(ar)penteyro* A136 / *c(ar)penteyro* A159 / *carpenteyros* A42 / *carpenteyros* A49
- XIII lat. *careyra* S13 pp. 134, 137, 140, 158 / *carreyra[s]* S13 pp. 15, 16, 20, 35, 36, 46, 155, 173, 262, 263, 265, 278, 279, 280, 294, 257, 266 / *cardeyra* S13 p. 36 / *carreira[s]* A5, A47, A52, A67, D163, F15, F18, G32, K6, P4 / *carreyra* A124 / *careíra* A101 / *careira* A3, A5 / *careiras* A5 / *careyra* A22
- XIII lat. *Caualejro[s]* S13 pp. 159, 161, 162, 163, 165 / *caualeyro[s]* S13 pp. 65, 67, 69, 73, 86, 93, 97, 99, 100, 133, 161, 165, 179, 225, 242, 282, 296, 297 / *caualheyros* S13 p. 222 / *Caualleyro* S13 p. 295 / *cavaleiro* A...; Zur...; D106, D177, D221
- XIII lat. *Çeleyros* S13 p. 162 / *Celeyro* A80 / *çeleiros* M29
- XIII lat. *(con)selheyro[s]* S13 pp. 274, 276 / *(con)selleyro* S13 p. 186 / *conselheiro[s]* D26, D200, D202, D291, D292 / *comselheyros* G8, I23, M28
- XIII lat. *cordeiro* S13 p. 58 / *cordeyro* S13 p. 24 / *cordeyras* S13 p. 300
- XIV lat. *çudeiro*⁴¹² A26 ("Custume he o q(ue) ha-d' estar áás uaras que este ã geolhos ã camisa & ã hũu çudeiro qual molh(er) leua") / *cudeiro* A27 ("E ora husa-sse contra este custume que aquel q(ue) ha-d' estar áás uaras tem hũu cudeiro forte dobrado q(ue) foy feito p(er)a esto por q(ue) dam cinq(uo) s(o)l(dos)")
- XIII lat. *herdeyro[s]* S13 pp. 165, 170, 210, 220, 229 / *herdejro[s]* S13 pp. 164, 165 / *h(er)deyro[s]* S13 pp. 82, 93, 106, 188, 193, 201, 208, 22, 224, 226, 227, 230, 233, 234, 237, 239, 240, 245, 249, 250, 251, 255, 264, 267, 270, 280, 281, 285 / *h(er)dejros* S13 pp. 160, 164 / *erdeyro[s]* S13 p. 19 / *erdeyros* S13 pp. 190, 208, 209, 214, 222, 224, 228, 230, 231, 233, 240, 241, 245, 255, 273, 279, 281 / *herdeyros* A159 / *herdeira* Q29 / *he(r)deira* A161

⁴¹² Cf. *sudário* (lenço para limpar o suor) XIV lat..

XIII lat. *liteyra*⁴¹³ S13 pp. 25 ("todos aq(ue)les ou aq(ue)las q(ue) am de uender çapatos. e panos. e peles. e mantas. e feltros. & toda out(ra) liteyra ou toda outra basanaria uenha a feyra d' elRey."), 88 / *Letej'ra* S 13, p. 162

XIII lat. *mylheyros*⁴¹⁴ A12 / *milheiro* E6 / *milheyro* N3

XIII lat. *obreiros* M28

XIII lat. *Oleyr(os)* S13 p. 9 / *oleyro* A129

XIII lat. *outeiro* A67 / *outeiro[s]* F16, F18, G32, H11, H19, I11, I14, K12, L21, N3, O5, O17, O18, O19, O20, O21, O22, O23, P23, Q14 / *outeyro[s]* F19, F21, G7, G11, H10, H11, H12, I14, K3, K6, K26, L5, L12, N5, O17, O18, O20, O21, P5

XIII lat. *parçeiros* G13, G26, K6, K10, K30, L16, N23, P1 / *parceiro[s]* L18, M7, O7, O8, O20, P5 / *parçeyro* I8 / *parçeira* N27

XIII lat. *páádeyras* S13 p. 293 / *páádejras* A54 / *pááteyra* S13 pp. 24 ("It(em) louuam(os) e outorgam(os) q(ue) pola séeda da pááteyra por todó ó dia de #j d(iney)r(o). e faça u(er)dade q(ue) non uende out(r)o pã se nõ o seu"), 58 / *padeira* A6

XIII lat. *paredéeyro[s]* S13 pp. 20, 21, 36 / *pardeeyros* A86, A94

XIII lat. *pedreiros* F14

XIII lat. *pegureiro*⁴¹⁵ A53

XIII lat. *portejro* S13 p. 164 / *porteyro* S13 pp. 14, 15, 33, 92, 150, 154, 155 / *p(or)teyro* S13 pp. 148, 150; A...

XIII lat. *q(ua)rteyro* S13 p. 59 / *q(ua)rtejros* A34 / *q(uartei)ro* A12 / *q(uartei)ros* A12 / *quarteiro* A34 / *quarteiros*, A34 / *quartejro* A34 / *quarteyros* A34

XIII lat. *reposteyro* S13 pp. 33, 63

XV lat. *rribeiro* O5, O23 / *rribeyro* H20

XIII lat. *salteiro*⁴¹⁶ D344

XIII lat. *Tesoureyro* S13 p. 106 / *thesoureyro* S13 p. 41 / *tesoureyro* A77 / *thesoureiro* F13, K11

⁴¹³ Em Cunha ([1982] 1987²), "*liteira*, do lat., roupas e ornato de um leito; espécie de carroça".

⁴¹⁴ O m.q. *milhar* XIII lat..

⁴¹⁵ O m.q. *pastor*.

⁴¹⁶ O m.q. *saltério* (salmo) XIII lat..

XIII lat. *testa[men]teyro*⁴¹⁷ S13 p. 81 / *Testamêtej'ro* A140 / *testamêtejros* A79, A80, A84 / *testam(en)teiros* A59 / *testamêteiros* A60 / *testamêteira* A46, A161, A162 / *tesstamêteira* A162 / *testamêteyra* A154

3. Empréstimos:

altaneiro 2 (cast.); *cavalheiro* 12 (cast.); *dereitureiro* 17 (cast.⁴¹⁸); *embusteiro* 1 (fr. ant.); *escaeira* 17 (cast.⁴¹⁹); *jarreteira* 2 (fr.); *joalheiro* 11 (fr.); *legeiro* 2 (fr.); *matreiro* 1 (cast.); *sombreiro* 9 (cast.); *torticeiro* 17 (cast.)

⁴¹⁷ Segundo Cunha ([1982] 1987²), "divergente pop. de *testamentário*" (XV, lat.).

⁴¹⁸ Não encontrei esta forma registada em dicionários do português, mas provavelmente do cast. (cf. Corominas e Pascual (1980-1991), que registam "*derechurero* ant. = *deriturero* (cat. *dreturer*) 'justiceiro'".

⁴¹⁹ Uma vez que esta forma não está registada em dicionários do português, penso que poderá tratar-se de um castelhanismo (cf. Corominas e Pascual (1980-1991), em que *escaeira* é definida com a acepção de 'escada para subir a uma embarcação').

XIV *bamdeira*[s]⁴²⁰ H10, H11, I19, I22, L14, P1, Q26, Q28 / *bamdeyras* L14 (cast.)
XIII *b(ra)foneyras* S13 p. 242 (cast.)
XIV *estramgeiros* E8, E23 / *estramgeyros* E13 / *estrãgeiros* K16 / *estrangeiros* D294 /
estramgeiras E6 (fr.)
XIII *estribeiras* H10 (fr.)
XIII *Jamineyra*⁴²¹ S13 p. 120 (fr.?)
XV *pandeiro* D317 (cast.)⁴²²
XIII *piliteyros*⁴²³ S13 p. 25 (fr)
XIV *prysyoneiros* K9, K17, K19 (fr.)
XIII *trimcheiras* N23 (fr.)

⁴²⁰ Embora sem certezas, Machado ([1952] 1977³), Cunha ([1982] 1987²) e PE indicam como origem o castelhano.

⁴²¹ Não encontrei registo deste vocábulo, provavelmente o m.q. *chaminé* (segundo Cunha [1982] 1987², "do fr. cheminée, deriv. do b. lat.; séc. XV"). Cf. S13 p. 120: "E esse Steuã p(er)ez nẽ se(us) successores n(õ) deuẽ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. nẽ Janella. nẽ saeteyra. nẽ Jamineyra. nẽ out(ra) cousa nĩhũa q(ue) a nos empéesca ãessas nossas Casas."

⁴²² Em Cunha ([1982] 1987²), século XVI.

⁴²³ Não registado em Cunha ([1982] 1987²). De acordo com Machado ([1952] 1977³), do fr. *pelletier*, em 1124.

C) –DEIR-:

1. PORT.:

1. 1. TV + -DEIR- → N:

'Aquele que'

ajudadeira 2; *andadeiro*⁴²⁴ 2; *arrumadeira* 11; *benzedeira* 6, 9, *benzedeiro* 8; *brunideira* 6; *caiadeira* 6; *cantadeira* 1, 6, 8; *carpideira* 6, 9, 11; *casadeira* 7; *cerzideira* 11; *contadeira* 9; *engomadeira* 6, 9; *engomadeiro* 2; *lavadeira* 1, 6, 9, 11, 15, 16, *lavadeiro* 4; *lavradeira* 6, 8; *namoradeira* 17; *obradeira*⁴²⁵ 2; *rideiro*⁴²⁶ 2; *serzideira* 6; *tecedeira* 6, 11; *varredeira* 11; *vendedeira* 6, 9, 11

XIII *çeuadeyro* S13 p. 33

XIV *jugadeiro*⁴²⁷ A4 ("os q(ue) ora hi moram deũ ááuer caualos a colher este vinho q(ue) uem ca o pã vingado he p(er) esta honrra dante & o q(ue) caualo nõ teuer no lugar de Jugada ou se auenha com o Jugadeiro."), A60 ("& se bestas nõ hũa nõ fazer auenha-sse (com) o jugadeiro ou de jugada.") / *Jugadeiro* A5 / *jugadejro* A48, A60 / *íugadeyro* A23

XIII *uendedeiras* A53, A54

⁴²⁴ Subsistem algumas dúvidas quanto à formação deste derivado (de *anda(r)* + *-deiro* ou de *andad(or)* + *-eiro?*) e quanto à sua categoria sintáctica (N e/ou Adj.), não tendo sido encontrada nenhuma explicação nos dicionários consultados.

⁴²⁵ Provavelmente, o m.q. *obreira* (de *obreiro*, lat.).

⁴²⁶ Segundo Machado ([1952] 1977³), XV, de *rir*, e tanto pode tratar-se de um adj. como de um subst..

⁴²⁷ Em PE, "*jugada* antigo tributo que pagavam, em cereal, as terras lavradas, e que era proporcional ao número de jugos (juntas de bois) empregados no seu amanho". Em Cunha ([1982] 1987²), *jugar* 1881.

1. 2. TV + -DEIRO → N:

'Local'

*aguadeiro*⁴²⁸ 8, 15; *descansadeiro* 2; *despenhadeiro* 9, 16; *esbarrondadeiro*⁴²⁹ 2; *matadeiro*⁴³⁰ 2; *paradeiro* 9, 16

XIV *Apascoadejros*⁴³¹ A151 ("Arruor(e)s (e) matos (e) môt(e)s (e) ffont(e)s (e) Apascoadejros Arrotos (e) por Arromp(er). (e) cõ os baçellos. o q(ua)L casaL (e) bães p(ar)tem cõ h(er)dad(e)s do d(i)to M(osteiro).")

2. LAT. (N):

cordeiro 2 (lat.); *herdeiro* 17 (lat.); *lavandeiro* 6 (lat.); *padeiro* 1, 2, 6, 9, 11, 15 (lat.)

3. -DEIRA

3. 1. TV + -DEIRA → N:

3. 1. 1. 'Que serve para'

assadeira 11; *calçadeira* 11; *dobradeira* 2, 6; *escarradeira* 9; *escumadeira* 9; *espevitadeira* 2; *fendadeira* 2; *frigideira* 11; *geladeira* 11; *gramadeira* 2; *lançadeira* 2

3. 1. 2. 'Acção ou resultado da acção'

bebedeira 11; *brincadeira* 8; *choradeira* 4, 11; *dormideira*⁴³² 4

⁴²⁸ Segundo Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 193), do tema verbal. O significado original, de acordo com Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 40), terá sido "[local] próprio para resguardar da (água) chuva".

⁴²⁹ O m.q. *precipício*.

⁴³⁰ O m.q. *matadouro* / *matadoiro*.

⁴³¹ Em PE, "*apascoar*, o m.q. apascentar". Em Cunha ([1982] 1987²), "*pasto* XIII, lat."; "*pastagem* XVIII".

⁴³² Também planta herbácea, da qual se extrai o ópio.

3. 1. 3. "Planta arbustiva"

espirradeira 2

3. 1. 4. Forma lexicalizada:

*poedeira*⁴³³ 11

Para Teophilo Braga (1876: 35), o sufixo *-eiro* exprime "a ideia de officio (...) instrumentos e receptaculo", enquanto *-eira* é mais frequente em nomes de plantas. O sufixo *-ário*, segundo o autor, tem a mesma origem que *-eiro* (ambos do latim "arius"), mantem o acento latino e é empregue sobretudo na formação de adjectivos, ao passo que *-eiro* forma preferencialmente nomes. Apesar de não aludir ao sufixo *-deir-*, Braga (1876: 42) aponta algumas formações nominais supostamente em *-eir-*, como por exemplo *cantadeira* e *lavadeira*, exemplos em que, como podemos observar, se dá a junção de *-deir-* a temas verbais e em que os derivados designam o 'agente'.

Carl von Reinhardstoettner (1878: 126-128) pensa que *-ári-* e *-eir-*, do latim "arius", são sufixos muito correntes na formação de adjectivos, os quais se vieram juntar aos latinismos que o português herdou. Na opinião deste gramático, os substantivos formados em português são sempre em *-eir-*⁴³⁴, sufixo que forma derivados com quatro acepções: 'Profissão' (*chappelleiro*), 'Animais, Árvores, Plantas e Vegetais' (*cafeeiro*), 'Instrumento e Objecto' (*alfineteiro*) e, mais raramente, 'Proveniência' (*brasileiro*).

Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴: 339) entendem que *-ári-* e *-eir-* (do latim "arius, aris, erium"), indicam ambos "individuo que exerce certa profissão", ressaltando, contudo, que o primeiro sufixo ("desinencia", para os autores), sendo de cunho erudito, indica profissão mais elevada que o sufixo –

⁴³³ Ali ([1931] 1964³: 242) considera que *poedeira* ("galinha que já põe ou que põe muitos ovos") vem de *poe(r)* (ant.).

⁴³⁴ Embora não esteja explícito, depreende-se que, para Reinhardstoettner (1878: 126-128), os nomes em *-ári-*, contrariamente a alguns adjectivos em que ocorre este sufixo, são todos [+lat]. No entanto, como se sabe, nem todos os nomes em *-ári-* são latinismos.

eir-⁴³⁵. Os derivados formados com o sufixo "de fôrma popular", ou seja *-eir-*, indicam, segundo os gramáticos, 'nomes de árvores e plantas'; 'intensidade, extensão' (*aguaceiro*, *luzeiro*); 'local onde se guardam certos objectos' (*gallinheiro*). Para os autores, esta última acepção pode também ser expressa pelo sufixo *-ári-*, mas os exemplos que fornecem (*armario*, *herbario*) são ambos [+lat]. Os gramáticos referem ainda que os "antigos", seguindo de perto o "typo latino", utilizavam por vezes *-air-*, resultante da "transposição de letras" (*adversairo*, *contrairo* e *porcairo* (*porqueiro*), *caldairo*, (*caldeiro*)). Outros aspectos por eles realçados são a grande disponibilidade e a vulgarização do sufixo *-ári-*, sufixo que caracterizam como "muito productivo: O erudito *ario* tornou tal extensão na linguagem vulgar, que forma palavras com radicaes portuguezes: *annuario*, *horario*, *inventario*". No entanto, relembro que *anuário* é empréstimo do francês e *inventário* foi herdado do latim, pelo que, a exemplificar a alegada produtividade de *-ário* só nos resta *horário*. O sufixo *-ári-*, ainda segundo os gramáticos, "oppõe-se a *ante*: *mandante*, *mandatario*; a *al*: *original*, *originario*; a *oso*: *tumultuario*, *tumultuoso*. Por "oposição" deve entender-se a ocorrência de sufixos diferentes que partilham a mesma base, mas, como se pode observar, em *mandante* temos *manda-* + *-nte* e *mandatário* é [+lat]; *original* e *originário* são ambos [+lat], assim como *tumultuário* e *tumultuoso*. Logo, nestes exemplos, não existe "oposição" entre *-ári-* e *-nte*, *-al* e *-os-*. Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 341) pensam que o sufixo *-eira*, que ocorre por exemplo em *sementeira*, *parreira*, *bananeira*, indicando "extensão, collecção, arvoredos, plantas, etc."⁴³⁶ é uma "corrupção de *aria*", não explicando, porém, em que consiste tal "corrupção", nem a razão que os levou a optar por uma entrada separada de *-eira* quando já haviam atribuído a mesma acepção ao sufixo *-eiro*.

Para António Ribeiro de Vasconcellos (1900: 82), em latim eram numerosas as palavras formadas com "o suff. lat. *-ariŭs*, fem. *-ariã*" e, segundo refere, muitas vezes,

⁴³⁵ Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 339) advertem que "ha certa differença na significação das desinencias *ario*, *eiro*, *or*, *ado*, comquanto todos indiquem *cargo*, *profissão* — *ario* denota posição inferior, *eiro* ainda mais inferior; *or*, *ado*, *ato*, alta dignidade, posição elevada, etc."

⁴³⁶ Os autores dizem ainda ter existido, no século XIV, "um substantivo em *eira*, sem correspondente masc., cujo suffixo indica officio", i.e., *hervoeira*, como sinónimo de mulher dissoluta, e a partir do qual se terá formado a "expressão vulgar *filho daservas*, por filho de meretriz, sem pae conhecido", mas esta afirmação pode carecer de alguma veracidade porque, tal como indica Machado ([1952] 1977³), *hervoeira* (1388) remonta ao lat. *herbularia*, de *herba*.

o derivado possuía "a mesma significação que tinha a palavra primitiva; ex.: *olivarius* ← *oliva*". De acordo com o gramático, o sufixo *-ári-* (*-air-*) herdado do latim continua disponível em português para novas derivações, assim como o seu equivalente *-eir-*, este último sobretudo na formação de nomes de 'Árvores', "que já encontramos nos documentos latinos medievais" (António R. Vasconcellos, 1900: 82).

José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 132) aponta a existência de uma espécie de competência morfológica por parte dos falantes, pois, na sua opinião, em português, as nominalizações em *-eir-* tiveram origem nos nomes em *-ão*, porque "quando pois o povo observava uma palavra como *carvoeiro*, que corresponde ao lat. *carbonarius*, estabelecia conexão entre *-eiro*, e a terminação *-om* (*-õe*) de *carvom*, e pelo mesmo modelo formava outras palavras, umas que não ascendiam directamente ao latim, outras que nem sequer eram de procedência latina, por exemplo: *algodoeiro*, *colchoeiro*, *latoeiro*, *limoeiro*, respectivamente de *algodom*, *colchom*, *latom*, *limom*".

Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 192-194) recorre ao onomástico para descrever o sufixo *-deira*⁴³⁷, sufixo que, para o autor, se junta ao tema para formar nomes que designam "ocupações femininas" (exs.: *benzedeira*, *caiadeira*) e que é sinónimo de *-dora*, podendo por isso comutarem (exs.: *lavradeira*; *lavradora*)⁴³⁸. Pelo

⁴³⁷ Ao estabelecer a relação entre *lavad-* e *lavand-*, o autor avança o seguinte: "no uso popular coexiste actualmente *lavadeira* (por exemplo no Norte e na Beira) e *lavandeira* (por exemplo em Lisboa); como tanque ou lugar de lavagem, corresponde *lavadoiro* àquela palavra, e *lavandaria* a esta. No onomástico encontra-se com preferência *Lavandeira*, *Lavandeiro*, e *Lavadeiras*. (...) Fora de Portugal achamos também *lavadeira* em galego, e as seguintes formas paralelas noutras línguas românicas: *lavandera*, *lavandero*, *lavandería*, em hespanhol (onde, de mais a mais, não há *lavad-*); *lavandier* «employé chargé, chez les princes, de faire blanchir le linge», e *lavandière* «femme qui lave le linge», em francês (Petit Larousse); *lavandaia* e *lavandaio*, em italiano. A par com as suas formas da língua corrente, tem o hespanhol no onomástico *Lavandera*, na província de Lião; e o galego tem *Lavadeira* repetidamente. Estas coincidências que se notam nos idiomas românicos, e citei os principais, hão-de ter causa mais geral do que a cómoda corruptela preconizada pelo autor do *Fallar e escrever*. De facto, assim é, como vamos ver em seguida. (...) *Lavandeira* e formas congéneres provêm do latim *lavanda*; *lavadeira* formou-se já em português, do tema de *lavar*, com o sufixo *-deira*, que forma aqui também um *nomen agentis*; cfr. *lavradeira* = lava-deira, *tecedeira* = tece-deira, *brunideira* = bruni-deira" (Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 192-194).

⁴³⁸ Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 192-194) chama a atenção para a existência de alguns nomes com terminação *-deira*, os quais não são resultantes da junção do sufixo ao tema verbal, tratando-se do feminino de nomes em *-dor*, como por exemplo *comendadeira*.

contrário, considera que *-deiro* é de emprego raro em nomes que designam 'profissão' (exs.: *aguadeiro*, *benzedeiro*). De acordo com Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 357-358), o sufixo *-ári-*, "forma literária do sufixo popular *-eiro*", junta-se apenas a nomes e não a temas verbais⁴³⁹. Na opinião do autor, os derivados nominais formados quer pela "forma literária" *-ári-*, quer pela "forma popular" *-eir-*, designam ou o 'agente' (exs.: *bibliotecário*; *pedreiro*), ou o "lugar de colecção, guarda ou depósito", como *bulário* e *espigueiro*. Por outro lado, regista que estes sufixos podem igualmente formar derivados adjectivais, como em *semanário*, *agoireiro*, etc. Por fim, Leite de Vasconcellos [1911 1959³: 377) dá exemplos de vários derivados com *-eir-* em que o sufixo se agrega a nomes de localidades para designar o 'natural de' ou 'relativo a' (exs.: *Penicheiro*, (vento) *berlengueiro*).

À semelhança de outros, também para Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 205-207) *-ári-* é a "fórmula erudita" e *-eir-* a "fórmula popular" do "lat. *-arium*". Ambos os sufixos se prendem, segundo o gramático, a "thema nominal" para formarem substantivos e adjectivos e, no caso dos derivados nominais, comportam duas acepções básicas: a de 'agente' (exs.: *boticário*; *mineiro*) e a de 'lugar' (exs.: *ossario*; *areeiro*). A estas duas significações de *-eir-* o autor acrescenta outras duas: a de "arvore que produz o fructo suggerido pelo thema" (ex.: *larangeira*) e a "idéa colectiva", que terá surgido segundo o gramático por extensão da "idéa de logar" (ex.: *braseiro*).

Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 65-66) trata, por um lado, *-deir-* e, por outro, *-eiro* e *-eira*. Para este gramático, *-deir-* é um sufixo com muito pouco uso em português (exs.: *aguadeiro*, *benzedeiro*), contrariamente a *-deira*, que entra em nomes com um correspondente masculino em *-dor*, verificando-se no feminino uma oscilação entre *-deira* e *-dora* (exs.: *cantadeira*, *lavradeira*; *lavradora*, *cantadora*). O gramático distingue a forma masculina *-eiro* da feminina *-eira*, na medida em que refere que o primeiro indica o 'agente' (ex.: *guerreiro*), podendo também designar o 'lugar' (ex.: *galinheiro*), enquanto a segunda serve para formar nomes de plantas (ex.: *amendoeira*)⁴⁴⁰ e "outros substantivos", como por exemplo *barreira* e *cegueira*.

⁴³⁹ Embora alguns dicionários, segundo o autor, registem erroneamente que *dispensário* se formou do verbo *dispensar*, isto é, do tema deste verbo, e do sufixo *-ário* (cf. Leite de Vasconcellos [1911] 1959³: 357-358).

⁴⁴⁰ Neste caso, segundo o autor, o sufixo *-eira* denota igualmente a "idéa colectiva, ou de lugar em que se encontra o primitivo" (Mota ([1916] 1937⁸: 65-66).

Relativamente a *-deir-* e *-eir-*, José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 370-371) afirma que do "sufixo *-to*, acompanhado doutro, *-ariu* ou só deste, que no latim gozava de grande fecundidade, provieram estes dois, que em português são igualmente de uso bastante frequente", servindo para darem origem a nomes, a partir de nomes e de temas verbais. As acepções que estes sufixos e *-ári-* conferem são, na opinião do gramático, as seguintes: "profissões, instrumentos, lugar, aglomeração e árvores ou arbustos" (exs.: *sapat-eiro*; *tint-eiro*; *engoma-deira*; *escuma-deira*; *despenha-deiro*; *pessegu-eiro*; *boti-cário*; *arm-ário*).

Para Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 241-243), os nomes em *-eir-* ocorrem desde que o "idioma [português] se constituiu", sendo o resultado da adaptação dos "nomes que em latim clássico tinham o elemento formativo *-ariu-*". A evolução, segundo o autor, terá sido "*-ariu-> -airo> -eiro*", apesar de, como refere, não existirem atestações das supostas formas intermédias do tipo de **primairo* e **dinhairo*. Formas em *-airo*, como *boticairo*, *contrairo*, *fadairo*, *sudairo*, *vigairo*, etc., sem formas correspondentes em *-eiro*, que ocorrem em "português antigo", são para o gramático "excepção à regra geral", ou então foram termos introduzidos "ulteriormente". No entanto, "sob a influência erudita, foi-se desfazendo a metátese, volvendo tais vocábulos à forma primitiva, e enriqueceu-se o idioma com outros termos em *-ário*, tomados à língua-mãe" ou criados em português (exs.: *argentário*, *monetário*). Embora reconhecendo que os nomes de origem erudita em *-ário* são bastantes, o autor salienta que existem "poucos casos de formas paralelas como *operário* e *obreiro*, *ovário* e *oveiro*, *solitário* e *solteiro*", pares muitas vezes evocados para abonar a alternância *-ári-* / *-eir-*.

O sufixo *-eir-* é apontado por Ali ([1931] 1964³: 242) como "extraordinariamente produtivo" na formação de nomes que designam 'ofício, profissão' (ex. *barbeiro*), 'plantas ou árvores' (exs.: *limoeiro*, *mangueira*), 'objectos (em que se guardam substâncias)' (exs.: *açucareiro*, *cigarreira*), 'local (onde se abrigam animais)' (exs.: *coelheira*, *galinheiro*), 'intensidade' (exs.: *nevoeiro*, *poeira*) e *-eira* pode ainda formar nomes abstractos "que exprimem, na maior parte, defeitos físicos ou morais, ou situações e atos desagradáveis, maus ou ridículos: *cegueira*, *gagueira*". Muitos são também para o autor os derivados adjectivais em *-eir-* e *-ári-*, como por exemplo *verdadeiro* e *originário*.

Sem avançar com explicações detalhadas, Joseph Huber ([1933] 1986: 275) considera que do ponto de vista formal e semântico, *-eir-* corresponde ao sufixo "lat.

-ariu, -a" (exs.: *alfeireiro*, *camareira*; *tenreiro*, *verdadeiro*), havendo ainda uma terminação *-eir*-⁴⁴¹, como em *moensteyro*, que corresponde "ao sufixo lat. *-eriu*".

Devido à forma como analisa os sufixos (agrupando-os sob uma paráfrase que especifica os vários significados), Francisco M. Sequeira (1938b) indica vários empregos e acepções de *-eiro*: em *cancioneiro* e *formigueiro*, por exemplo, o sufixo denota, segundo o autor, "aglomeração" (Sequeira, 1938b: 96 e 103); em *barbeiro*, *pedreiro*, etc. indica "profissão" (Sequeira, 1938b: 97 e 103); o sufixo serve também para formar nomes de plantas (exs.: *marmeleiro*, *pessegueiro*; Sequeira, 1938b: 97 e 103), para indicar "naturalidade" (exs.: *brasileiro*, *mineiro*, etc.; Sequeira, 1938b: 99 e 103) e, em *festeiro* e *passageiro*, por exemplo, o sufixo serve para formar adjectivos, a partir de nomes, indicando "qualidade" (Sequeira, 1938b: 100 e 103).

Sequeira (1938b: 96) considera que *-eira* denota "aumento, grandes dimensões, depreciação" (exs.: *bigodeira*, *trabalhadeira*) e *-deir-* e *-ári-*, em *aguadeiro*, *lavadeira*; *boticário*, por exemplo, indicam o 'agente; a profissão' (cf. Sequeira, 1938b: 97).

Num mesmo parágrafo, Ismael L. Coutinho (1938: 58-59) indica as etimologias de *-deir-*, *-eir-* e *-ári-* (lat. "*-tariu* e *-ariu*"), caracterizando conjuntamente estes sufixos formadores de nomes e adjectivos e exemplificando desordenadamente as várias paráfrases consideradas, nomeadamente as de "profissão, instrumento, recipiente, lugar, ajuntamento, árvores, moléstias, defeitos físicos" (exs.: "*lavadeira*; *marinheiro*; *empresário*; *tinteiro*; *despenhadeiro*; *roseira*; *gagueira*", etc.).

Para Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 79), *-eir-* e *-deir-* são as formas "populares" de *-ári-* e "*-tário*" (exs.: *primeiro* e *primário*; *herdeiro* e *hereditário*; *moedeiro* e *monetário*). A autora afirma que, por norma, "o sufixo de forma popular determina um tema popular; e o de forma culta um tema literário", especificando, contudo que esta regra tem excepções⁴⁴².

Tal como a maior parte dos gramáticos que o antecederam, Mattoso Câmara Jr. (1975: 221) indica o "popular" *-eir-*, como a contraparte do "erudito" *-ári-*, do lat. "*-ari(u-)*" e realça que é "comum uma distribuição diversa das formas variantes de um sufixo, entre o português europeu e o americano" (exs.: *ficheiro* em Portugal e *fichário*

⁴⁴¹ Chamo-lhe terminação porque, como se sabe, *mosteiro* é [+lat].

⁴⁴² Para a autora, "além de *fadista*, do tema popular *fado* e sufixo grego *-ista*; *boticário*, do semi-erudito *botica* e o erudito *-ário*, há adjectivos e substantivos vulgares como *bobo*, *asno*, alargados por *-ático*, sufixo erudito e esdrúxulo: *bobático*, *asnático*, *freirático*" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 79).

no Brasil). Segundo o autor, os sufixos formam nomes que designam 'profissão' (exs.: *banqueiro*; *bancário*), e adjectivos (exs.: *verdadeiro*; *diário*). Para além disso, acrescenta que *-eir-* dá origem a nomes de 'árvores' (ex.: *cajueiro*) e de 'objecto (continente de)' (ex.: *manteigueira*), podendo ainda conferir a ideia de 'colectivo', como por exemplo em *pedreira*.

Como é visível pelo resumo que apresentei das descrições efectuadas pelos gramáticos históricos, de todos os sufixos estudados, *-eir-*, do latim *-ārīu-* (cf. Machado [1952] 1977³), é um dos que mereceu uma exposição mais pormenorizada, devido aos vários alomorfes considerados, à sua forte disponibilidade, decorrente da produtividade do sufixo latino de que deriva, e também à diversidade semântica e categorial dos derivados em que participa, visto que são várias as acepções que confere à base, dando origem a nomes e adjectivos, a partir de nomes, adjectivos, radicais verbais e preposições.

Passando a uma análise mais detalhada das diferentes formas sufixais estudadas, pode aferir-se que:

- apesar de se registarem menos derivados formados com o sufixo erudito *-ári-*, ele serve, tal como em latim, para formar nomes e adjectivos.

Nalgumas formas, em vez de *-ári-* ocorre a variante *-air-*, com metátese do iode.

Os nomes em que intervem *-ári-* exprimem predominantemente a noção de 'colectivo' (exs.: *bulário* 6, *ossario* 7), visto que os exemplos com acepção locativa e de agente são maioritariamente [+lat] (exs.: *balneario* 7 (lat.)⁴⁴³ e *bibliotecário* 6, 7 (lat.)); os nomes e adjectivos em *-ári-* em português são cerca de metade dos vocábulos [+lat]: excluindo variantes e repetições, temos 56 vocábulos [+lat] e 23 formados em português, sendo que, destes, dois são formados sobre bases [+lat] (exs.: *fracionário* 12, *securitário* 19) e um sofreu uma lexicalização (ex.: *fontanário* 6);

- como vimos, quase todos os gramáticos consideram que *-eir-* é a "forma popular" do sufixo erudito *-ári-*, se bem que reconheçam que o emprego de *-ári-* é mais restrito, quer por formar sobretudo adjectivos (cf., por exemplo, Braga, 1876: 35), quer pelo facto de nem todas as acepções expressas por *-eir-* serem recobertas por *-ári-* (cf. Pereira, [1916] 1935⁹: 205-207 e Câmara Jr., 1975: 221), como por exemplo os nomes de 'árvores e plantas'. Ou seja, os gramáticos baseiam-se sobretudo em diferenças no

⁴⁴³ Cf., no entanto, os nomes recentemente formados *berçário*, *oceanário* (não registados em PE).

plano semântico que tornam distintos os sufixos, a que poderíamos acrescentar ainda outras (cf. *banqueiro* 11, 18, nome que designa 'actividade profissional' e *bancário* 18, adjectivo que denota 'relativo a'), embora não os tratem como sufixos diferentes.

Se tivermos em conta o semanticismo que *-eir-* transmite às bases (forma nomes em que designa: 1. 'Profissão, Actividade'⁴⁴⁴ (exs.: *livreiro* 7, 9, 17; *sapateiro* 1, 6, 7, 9, 11, 16); 2. 'Árvores, plantas, frutos' (exs.: *abrunheiro* 2, 5; *tomateiro* 2); 3. 'Que serve para (recipiente)' (exs.: *açucareiro* 5, 11, 18; *tinteiro* 1, 2, 4, 6, 7, 9, 11, 16); 4. 'Local onde existe (grande quantidade de) X' (exs.: *areeiro* 1, 7; *galinheiro* 2, 4, 8, 11); 5. 'N relativo a' (*canteiro* 2; *nevoeiro* 11); 6. 'Naturalidade' (exs.: *brasileiro* 2, 4, 6, 7, 9, 15; *cartaxeiro* 6); 7. 'Acção repetida e breve' (exs.: *aguaceiro* 4; *berreiro* 11, 15); 8. 'Que ou aquele que' (exs.: *artilheiro* 8, 11; *alcoviteiro* 2) e nos derivados adjectivais confere a acepção de 'Relativo a' (exs.: *justiceiro* 6, 9, 17; *rotineiro* 7)), dificilmente o poderemos considerar unicamente como o equivalente do sufixo latino *-ári-*.

- uma outra questão recorrente é a de saber se *-eira* é o feminino de *-eiro* ou se estamos em presença de dois sufixos distintos. A favor desta última hipótese, temos o facto de alguns derivados em *-eira*, como por exemplo os nomes denominais *sementeira* 7 e *trabalheira* 15, em que o sufixo adquire uma dimensão temporal, e alguns nomes abstractos deadjectivais (ex.: *cegueira* 2, 8, 11, 16)⁴⁴⁵ e deverbais (ex. *canseira* 11) não ocorrerem no masculino. Piel (1940a: 224) relembra que Meyer-Lübke ([1890-92] 1895: 561) refere um sufixo *-aria* de origem desconhecida próprio do sardo e do catalão (exs.: *altaria* «altura», *amplaria*, «amplitude»), podendo este *-eira*, segundo o autor, do lat. *-ÁRIA*, forma feminina dos adjectivos em *-ARIUS*⁴⁴⁶, estar relacionada com aquele;

⁴⁴⁴ Quando *-eir-* designa o agente, alguns nomes têm correspondentes em *-aria*, que designam o 'local onde se exerce determinada actividade', como por ex.: *armaria*, *barbearia*, *carniçaria*, *carvoaria*, *cervejaria*, *chapelaria*, *leitaria*, *livraria*, *peixaria*, *sapataria*, etc..

⁴⁴⁵ Ferreiro (1997: 169) considera, contudo, que em exemplos como *cegueira*, *sequeiro*, etc., o derivado é formado a partir "da base infinitiva, sem o elemento *-d-* procedente do participio".

⁴⁴⁶ Adjectivos que, de acordo com Piel (1940b: 205), já em latim se podiam substantivar (ex.: *ARGENTARIA* «mina de prata»).

- o sufixo *-deir-*, que para alguns é uma variante de *-eir-*⁴⁴⁷, uma vez que se tratará da junção do sufixo à forma participial do verbo (terminações em *-ado*, *-edo* e *-ido*), forma nomes deverbais e conceptualmente designa 'aquele que' (ex.: *tecedeira* 6, 11) e o 'local' (ex.: *despenhadeiro* 9, 16). Alguns destes nomes são sempre em *-deira*, nomeadamente os que designam o '(objecto) que serve para' (ex.: *escumadeira* 9)⁴⁴⁸ e a 'acção ou resultado da acção' (ex.: *brincadeira* 8).

Concluindo:

- o sufixo *-eir-* nominal perfila-se como sufixo autónomo e não como mera variante de *-ári-*, dado que os valores que confere às bases distinguem-se claramente dos transmitidos por *-ári-*; só no emprego adjectival, em que ambos designam 'Relativo a', podemos considerar plenamente *-eir-* como variante de *-ári-*. Pelos dados de que disponho, *-eira* é a forma feminina de *-eiro*, não se tratando portanto, de sufixos diferentes, como defendem, por exemplo, Villalva (2000: 159)⁴⁴⁹ e Gonçalves, Coutinho e Costa (1999: 131) que sugerem que "as formações locativas em *-eiro* devam ser vistas como extensões metafóricas das construções agentivas. (...) No nosso entender, estamos diante de dois sufixos produtivos: *-eiro* (com sua possibilidade de se flexionar genericamente) para nomes de agente e *-eira* para objectos que designam instrumentos e/ou locativos." Exemplos como *pereira* 1, 2, 9, 11, 15, *pereiro* 2, 9 ('nomes de plantas e árvore'), *alfineteira* 11, *alfineteiro* 2 ('recipiente') e *barreira* 8, 16, *barreiro* 11 ('local onde existe grande quantidade de X') fazem-me crer que não é adequado tratar *-eiro* e *-eira* como sufixos distintos.

- quando o sufixo *-deiro* designa o agente, tem como contraparte feminina *-deira*, enquanto na designação de 'Local' só ocorrem derivados em *-deiro*. Por seu turno, em duas acepções, 'Que serve para' e 'Acção ou resultado da acção', *-deira* não é comutável com *-deiro*, não devendo por isso ser considerados alomorfes nestes dois casos.

⁴⁴⁷ Cf., por exemplo, Ferreiro (1997: 169).

⁴⁴⁸ Nesta acepção, são frequentes as alternâncias *-deiral-dora*.

⁴⁴⁹ Para a autora, "os nomes em *-eir-* que referem agentes humanos (...) e os que indicam origem (...) podem participar em contrastes de género (cf. *enfermeiro*, *enfermeira*; *brasileiro*, *brasileira*). Nos restantes casos, *-eiro* e *-eira* são sufixos diferentes (cf. *castanheiro*, *amendoeira*; *açucareiro*, *bagageira*; *formigueiro*, *coelheira*)".

À grande abundância de derivados em *-eir-* (dos 392 exemplos, 333 são nomes, 50 adjectivos e 9 tanto se empregam como nomes como adjectivos, exemplos a que acresce um total de 18 formas [+lat]), *-deir-* e *-deira* associam-se alguns reajustamentos das bases por eles seleccionadas, os quais indicarei em seguida:

- queda do morfema ou terminação final (exs.: *are(ia)* 1, 7; *artilheiro* 8, 11 (de *artilh(aria)*); *brincheiro* 6 (de *Brinch(es)*); *cande(ia)* 2, 11; *catra(io)* 11; *corre(ia)* 11; *frieleiro* 2 (de *Friel(as)*); *ord(em)* 11; *passag(em)* 9, 11, 15);
- desnalização de *-ão* e formação de hiato (exs.: *alavoeiro* 2; *alcatroeiro* 2; *algodoeiro* 2, 9, 6, 17; *cachoeira* 2; *carvoeiro* 16 e *carvoeira* 11; *colchoeiro* 6, 9, 17; *dragoeira* 2 / *dragoeiro* 2; *ladroeira* 2, 11; *latoeiro* 2, 6, 17; *leiloeiro* 6; *limoeiro* 2, 4, 5, 6, 7, 11, 17; *mamoeiro* 4; *pregoeiro* 11; *traioeiro* 9);
- intercalação de uma consoante eufónica entre a base e o sufixo, de modo a evitar o hiato (exs.: *agua* + *-c-* + *-eiro* 4; *cacao* + *-s-* + *-eiro* 2; *cafe* + *-t-* + *-eira* 2, 11; *cha* + *-l* + *-eira* 2, 7, 11; *chá* + *-z-* + *-eiro* 17; *juá* + *-z-* + *-eiro* 11; *lingua* + *-r-* + *-eiro* 2; *roman* + *-z-* + *-eiro* 2);
- semivocalização de /l/ em posição final de palavra (ex.: *cal* + *-eira* > *caieira* 11);
- alomorfia do morfema *-ção* (exs.: *cancioneiro* 2, 7, 15; *invencioneiro* 2);
- alteração da última vogal da base, ao dar-se a junção do sufixo (exs.: *maceeira* 2 / *macieira* 11 (de *maçã*; desnasalização da vogal final da base e elevação da mesma); *vimieiro* 5 (*vime*; a vogal final da base torna-se [-rec]);
- em *sanjoaneiro* 6 (de *São João* + *-eiro*), em que já se dera a queda da semivogal a seguir a vogal nasal (s[õw] → <san>), desnasalização do ditongo final da base ([õw] → <an>);
- selecção de uma base não vernácula (exs.: *chappelleiro* 2 e *chapeleira* 2, 9⁴⁵⁰; *gagheiro*⁴⁵¹ 2);
- alteração meramente gráfica, passagem de <c> a <qu>, <g> a <gu>, <j> a <g>, <ã> a <an>, destinada a manter a pronúncia (exs.: *albricoqueira* 2; *adegueiro* 2; *alfostigueiro* 2; *arqueiro* 2; *banqueiro* 11, 19; *berlengueiro* 6; *cargueiro* 2; *cavouqueiro* 2; *cegueira* 2, 8, 11, 16; *charqueiro* 2; *choqueiro* 2; *coqueiro* 2, 11; *damasqueira* 2 / *damasqueiro* 9; *domingueiro* 2; *espigueiro* 6; *esterqueira*

⁴⁵⁰ Do fr. ant. *chapel*.

⁴⁵¹ Provavelmente, do it. *gàggia*, port. *gávea*, com perda do morfema final *-ia*, + *-eir-*.

2; *fidalgueiro* 17; *figueira* 1, 5, 7, 9, 11; *fragueiro* 2, 11, 16; *fraqueiro* 2; *gagueira* 11, 16; *gingeira* 2; *isqueiro* 16; *jaqueira* 11; *lambisqueiro* 2; *larangeira* 1, 2, 5, 7, 8, 11; *lisongeiro* 1, 2, 17; *lombrigueira* 2; *mangueira* 2, 11; *manqueira* 11; *manteigueira* 11, 19; *morangueiro* 11; *pitangueira* 19; *porqueiro* 4; *romanzeiro* 2; *sabugueiro* 2, 5, 11; *tamargueira* 2; *trovisqueira* 2; *vaqueiro* 1);

Nos textos utilizados para controlo dos dados, pode deduzir-se que nos séculos XIII, XIV e XV *-ári-* era um sufixo pouco disponível: foram encontradas unicamente duas formas (*fossário* e *terçanário*).

Dois exemplos (cf. *çudeiro* A27 / *cudeiro* A28 e XIII *Testamêtejro* A140 / *testamêtejros* A79, A80, A84 / *testam(en)teiros* A59 / *testamêteiros* A60 / *testamêteira* A46, A161, A162 / *tesstamêteira* A162 / *testamêteyra* A154) apresentam formas duplas em *-ári-* / *-eir-* (cf. *sudário* XIV lat. e *testamentário* XV lat.). Na minha opinião, estes exemplos não justificam a alternância do sufixo "erudito" *-ári-* e do "popular" *-eir-*: as formas em *-ári-* são [+lat] e as em *-eir-* são as formas divergentes respectivas, resultando de um mero aportuguesamento das formas [+lat] correspondentes, pelo que as rotulei igualmente de [+lat].

Os exemplos recolhidos nos textos apontam para que o primeiro significado de *-eir-* tenha sido o de 'Agente', tendo depois passado a designar o 'Local' (cf., por exemplo, XIV *telheyros* A49, na acepção de 'agente' e *Telheyro* P11, na acepção de 'local') e mostram-nos também que, desde o século XIII, os nomes de plantas e árvores são formados maioritariamente com a forma feminina do sufixo *-eir-* (cf. por exemplo XIII *nesperejra* S13 p. 83).

Os cinco derivados em *-deir-*, em que o sufixo designa o 'Agente', parecem indicar que este era um sufixo ainda pouco disponível (dois derivados do século XIII: *çeuadeyro* S13 p. 33; *uendedeiras* A53, A54; três do séc. XIV: *Apascodejros* A151; *comêdeiros* A58; *jugadeiro* A4; e nenhum do séc. XV).

Alguns dos derivados em *-eir-* recolhidos nos textos têm uma datação posterior em Cunha ([1982] 1987²):

a) séc. XIII (em Cunha XIV): (*com*)*panyro*[s] S13 pp. 87, 188 / (*con*)*panheyros* S13 p. 289 / *cōpanyro* S13 p. 93 / *cōpa(n)heyro* A25 / *cōpanheyros* A25, A47 / *companheiro*[s] D27, D204, D323, F16, G8, G14, G14, G15, I8, I21, N13, N13, Q24 / *companheyro* G24 / *cōpanheiro* I18; *companheira* H6; *onzeneyro* S13 p.

- 300 / *onzen[era]* S13 p. 300 / *onzaneiro* D154; *p(re)goeyro* S13 p. 22 / *p(re)goeíro* A142 / *p(re)goeiro* A142; *çaquiteyro* S13 p. 33 / *çaq(ui)teiro* A138;
- b) séc. XIII (em Cunha XV): *çapateyro* S13 pp. 25, 154 / *capat(eir)o* A92 / *Capat(eir)o* A146 / *capat(eir)os* A93, A94, A95 / *capateíro* A102 / *çapateíro* A126 / *çapateyro* A129 / *zapateyros* S13 p. 25;
- c) séc. XIII (em Cunha XVI): *pesq(ue)yra* S13 p. 267
- d) séc. XIII (em Cunha 1813): *nesperejra* S13 p. 83; *sesmeyros* S13 p. 40; *tonoeyro* S13 p. 21
- e) séc. XIV (em Cunha XV): *adegueiro* A119 / *Adegueiro* A120; *rendeíro* A54 / *Rendeiro* A118 / *Rendeyro* A119 / *rrendeíro* A119;
- f) séc. XIV (em Cunha XVI): *comeeíra* A54; *nateyro* A91;
- g) séc. XIV (em Cunha XVII): *caldeireiros* A52; *telheyros* A49 (Cunha 1647);
- h) séc. XIV (em Cunha XIX): *açougeíra* A63 (Cunha 1899); *couteyros* A49 (Cunha 1800); *madeíreíro* A134 (Cunha 1899); *uimeeyro* A85 / *vymeeyro* A94 (Cunha 1858);
- g) séc. XV (em Cunha XIX): *barqueiro* M21 (Cunha 1813).

Os derivados em *-eir-* abaixo indicados não estão registados em Cunha ([1982] 1987²):

- a) séc. XIII: *Steyreyros* S13 p. 25; *feltreyros* S13 p. 25; *fossadeyra* S13 p. 282 / *ffosadeyra* S13 p. 110; *mãdadeyro* S13 p. 242; *peliceyro* S13 p. 156; *pessoeyro[s]* S13 pp. 171, 187, 189, 190, 198, 201, 209, 213, 215 / *p(es)soeyro[s]* S13 pp. 183, 187, 188, 189, 215 / *pessueyro* 187, 188, 189, 190 / *p(e)ssueyro* S13 pp. 183, 187 / *p(es)sueyro* S13 pp. 187, 188, 189, 190 / *possõeeyros* S13 p. 187; *p(re)stameyro* S13 p. 11; *relegueyros* S13 pp. 33, 34 / *relegeiros* A55 / *relejeíros* A33 / *Relegeyros* A12 / *relegueiros* A61 / *releguejros* A35 / *Relegueyros* A11, A12, A23; *céeyro* S13 p. 25; *saeteyra* S13 p. 120 *Soldadej'ra* S13 p. 6; *uñheyro* S13 p. 261 / *uinheyro* S13 p. 260 / *vinheyro* S13 p. 260 / *vinhateiro* A155 / *vinh(ateir)os* A89 / *vinhat(eir)o* A88 / *vinhateyro* A89 / *Vinhateyro*, A89;
- b) séc. XIV: *burrinhei(r)os* A53; *dízimeyro* A24 / *dizimeiros* A62 / *dizimeyro* A24; *ex(er)queiros* A45; *m(ar)notej'ro* A133; *çaq(ui)teiro* A138; *seleros* A52; *sesteyro* A157; *ueeiro* A52;
- c) séc. XV: *carrasqueira* I9; *daroeiras* N22; *estribeyro* G31, L16 / *estribeiro* H22 / *estrebeyro* O6; *lumyeiras* L24 / *lumieyra* H18; *minhoteiras* K3.

Certos nomes que estão na origem dos derivados em *-eir-* apresentam uma datação posterior, em Cunha ([1982] 1987²): XIII *c(ar)niceiro* A105 / *c(ar)nyçeiro* A92 / *carníçeiro* A28 / *carniçeiros* N1, segundo Cunha ([1982] 1987²), de *carniça* XV, lat.; XIII *peliceyro* S13 p. 156, em Cunha ([1982] 1987²), *peleça* 1813; XV *tardinheiro[s]* O28, D320, segundo Cunha ([1982] 1987²), de *tardinha* 1858.

Também algumas formas [+lat] têm datação posterior em Cunha ([1982] 1987²): XIII lat. *carpẽteyro* S13 p. 99 / *c(ar)penteyro* A136 / *c(ar)penteyro* A159 / *carpenteyros* A42 / *carpenteyros* A49 (Cunha XV); XIII lat. *(con)selheyro[s]* S13 pp. 274, 276 / *(con)selleyro* S13 p. 186 / *conselheiro[s]* D26, D200, D202, D291, D292 / *comselheyros* G8, I23, M28 (Cunha XIV); XIII lat. *reposteyro* S13 pp. 33, 63 (Cunha XIV).

Por último, listam-se os derivados em *-deir-* não registados em Cunha ([1982] 1987²):

a) séc. XIII: *çeuadeyro* S13 p. 33;

b) séc. XIV: *comẽdeiros* A58; *jugadeiro* A4 / *Jugadeiro* A5 / *jugadeyro* A48, A60 / *íugadeyro* A23.

4. 2. 2. –ÁTIC- / –ÁDIG- (–ÁDEG-) / –AGEM

Embora não estude directamente o sufixo *–átic-*, por ocorrer unicamente em adjectivos e a presente dissertação se centrar sobre sufixos nominais, ser-lhe-ão feitas algumas referências, tendo em conta que na série *–átic- / –ádig- (-ádeg-) / –agem*⁴⁵² ele é, por assim dizer, o descendente mais directo, ou se preferirmos, o resultado erudito do sufixo latino *-atīcu-*⁴⁵³, do qual todos derivam.

Como se sabe, em latim, muitos dos adjectivos em que ocorria o sufixo *–atīcu-* (por exemplo, *viatīcus*), funcionavam simultaneamente como substantivos (cf. Ferreira, 1997: 160-161), razão que terá contribuído, segundo Piel (1940a: 212-213), para que *-atīcu-* se tenha substantivado "na forma do neutro, constituindo-se como sufixo com função abstracta".

Além da sua categoria adjectival, todos os exemplos em *–átic-* fornecidos pelos gramáticos históricos são [+lat], embora esse aspecto nem sempre seja referido⁴⁵⁴. No entanto, como veremos em seguida, também são poucos os gramáticos que apontam explicitamente a intervenção deste sufixo na formação de adjectivos do português⁴⁵⁵.

⁴⁵² De acordo com o critério tradicional, que aqui sigo, o sufixo *–agem* junta-se a temas verbais, mas esta hipótese é discutível, pois há quem considere que a forma do sufixo é *–gem*, juntando-se aquele, portanto, ao radical verbal (cf., por ex., Lacuesta e Gisbert, 1999: 4507).

⁴⁵³ Reinhardstoettner (1878: 136) já havia indicado que *–átic-* ocorre em latinismos (por ex. *fanatico*, *lunatico*, *selvatico*) e que são poucos os adjectivos a que deu origem como, por exemplo, *freiratico* e *opiniatico*, os quais, todavia, como se sabe, são também [+lat], a crermos nos dicionários etimológicos.

Cf. ainda, por exemplo, Pereira ([1916] 1935⁹: 212), para quem *–átic-* é a "fórma erudita, composta de *at + ico*" (exs.: *erratico*, *selvatico*, *viatico*).

⁴⁵⁴ Cf., por exemplo, Ferreira (1997: 161) que, relativamente a *–átic-*, refere que a sua "presença no romance se produziu sempre através do latim literário".

⁴⁵⁵ No entanto, Cunha ([1982] 1987²) regista *ebriático* 1873 e *indiático* XVI, adjectivos também registados em PE, onde encontramos ainda *arrieirático*, *conselheirático*, *marasmático* e *sezonático*.

Aparentemente, os derivados em *–átic-*, resultantes de uma adjectivação denominal, cujo semanticismo pode ser parafraseado como 'relativo a', são posteriores ao século XV: nos textos dos séculos XIII, XIV e XV não encontrei nenhum derivado em *–átic-*.

I. -ÁDIG- (-ÁDEG-):

1. Port.

'Imposto, tributo, pensão'

1. 1. N + -ádig- (-ádeg-) → N:

*amadigo*⁴⁵⁶ 2; *bragaádiga*⁴⁵⁷ 6; *cardealádego*⁴⁵⁸ 9, 16; *cathedradégo*⁴⁵⁹ 2; *compadradigo*⁴⁶⁰ 11; *eirádega*⁴⁶¹ 17 / *eirádego* 9; *geraládego*⁴⁶² 9; *hospedadigo* 4 / *hospedádego*⁴⁶³ 17; *infantádigo*⁴⁶⁴ 2; *lagaradiga*⁴⁶⁵ 2; *libradigas*⁴⁶⁶ 2;

⁴⁵⁶ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "lugar, povo, quinta, casal ou herdade, que lograva os privilégios de honra, por nele se haver criado, ao peito de alguma mulher casada, o filho legítimo de um rico-homem ou fidalgo honrado (de *ama* + *-ádigo*)". No Dic. HP, "honra que fruíam os lugares onde os fidalgos mandavam criar os filhos, por interesse próprio ou dos lavradores, assim isentos de pagarem impostos ao rei".

⁴⁵⁷ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "A estimação ou preço de um bragal"; *bragal* "tecido grosso, atravessado por muitos cordões". Para Machado ([1952] 1977³), "preço de bragal". No Dic. HP, "*bragal* antiga unidade de valor (sete ou oito varas de bragal) onde faltava a moeda".

⁴⁵⁸ Em Machado ([1952] 1977³), "*cardealádego* / *cardenaládego*, de *cardeal* = *cardealado*", enquanto em Cunha ([1982] 1987²) "XV, o m.q. *cardinalato* dignidade de cardeal, lat."

⁴⁵⁹ O m.q. *catedrático* "antiga pensão anual paga ao bispo diocesano como prova de sujeição e em honra da cátedra episcopal" (cf. Dic. HP).

⁴⁶⁰ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. *compadrio*, este último na acepção de "ser compadre de alguém". Cf. PE "*compadrado*, s.m. parentesco entre compadres; compadrio; aliança".

⁴⁶¹ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "*eirádega* o m.q. *areática*, pensão que antigamente pagavam os enfiteutas aos senhorios [sobre a colheita de cereais e de vinho]". Em Machado ([1952] 1977³), "*eirádiga*, 1166, de *eira*".

⁴⁶² O m.q. *generalato* / *generalado*. Em Machado ([1952] 1977³), "*generaládego*, XV, de *general*".

⁴⁶³ Em Machado ([1952] 1977³), "*hospedádigo*, s. XIV, de *hóspede*, o m.q. *hospedagem*" e, em Cunha ([1982] 1987²), "*hospedadigo* XIV, o m.q. *hospedagem* XVI".

⁴⁶⁴ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "terra ou cousa de infanções". Cf. Machado ([1952] 1977³), *infantádigo*, s. XIV, de *infante* / *infantádego* XVI / *infantático* XIX.

⁴⁶⁵ Segundo Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "o mesmo que *eiradêga* / *eiradiga*". Em Machado ([1952] 1977³) "*lagarádiga*, s. de *lagar*. Em 1111" e "*lagaragem*, s. de *lagar*. Em 1873".

⁴⁶⁶ Para Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. *livra* (*livra* = *libra* ou *lipera*). Em Machado ([1952] 1977³), "*librádiga*, 1345, s. de *libra*".

*maninhadégo*⁴⁶⁷ 2; *mordomadigo*⁴⁶⁸ 4; *papádego*⁴⁶⁹ 9, 16; *pessoadigo* 2 / *pessoadégo*⁴⁷⁰ 2; *taballiadego*⁴⁷¹ 12

1. 2. RAD + -ádig- (-ádeg-) → N:

achadigo 2 / *achadego*⁴⁷² 11, 12

XIII *achadigo* S13 p. 278 ("Qvando alguu achar s(er)uo alheo fugido e o ap(re)sêtar ant' o alcaide cū todas sas cousas q(ue) lhy achou assi como mãda a ley, o alcaide façalho guardar cū outras cousas p(er) escripto ou p(er) testimõhas de guisa q(ue) o possa todo cobrar seu dono q(ua)ndo ueer, e aq(ue)l q(ue) o achou aya #I m(a)r(auidi)s do senh(ur) por achadigo e as despesas q(ue) enel fez")

2. RAD + -ádiga → N:

'Doença'

*levadigas*⁴⁷³ 2

⁴⁶⁷ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. *maninhado* e *manería*, "Foros, pensões, laudémios e quaisquer outras rendas ou serviços que dos prazos, feitos das terras maninhas, pagavam os respectivos caseiros". Em PE, "tributo antigo, de um terço dos bens, que pagavam à Igreja ou ao Estado os casados que morriam sem descendência, de *maninho* [bens de pessoa falecida sem deixar descendentes], do lat. *maninu- «estéril» + -ádego".

⁴⁶⁸ Segundo Machado ([1952] 1977³), "*mordomádigo* de *mordomo* + -adigo, XIII, o m.q. *mordomádego*".

⁴⁶⁹ Em Machado ([1952] 1977³), "*papádigo*, XIV, s. de *papado*, var. *papadego* XV".

⁴⁷⁰ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "direito, que algum tem de ser pousseiro ou cabecel de um prazo"; "*pousseiro* cabeça de um prazo ou casal, cabecel, que recebe as rendas e porções dos seus consortes para as entregar, por junto e inteiramente, ao senhorio, séc. XIV".

⁴⁷¹ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "ofício de tabelião". Em Machado ([1991] 1996²), "*Tabeliado*, s.m. Ofício de tabelião; o m.q. *tabelionado* e *tabelionato*. || Antigo imposto pago pelos tabeliães".

⁴⁷² Segundo Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), pode ser sinónimo de alvissaras, "mas o achádego era um prémio que o achador tinha direito de receber do dono da cousa achada, enquanto as alvissaras resultam apenas de uma obrigação moral, de *acha(r)* + -*ĩcus*". Em Huber ([1933] 1986: 85), "alvissaras, de *achar*".

⁴⁷³ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "tumores fungosos e malignos, que nasciam nos sobacos e outras partes do corpo, 1348". Em Machado ([1952] 1977³), "*levádiga*, 1348, s., de *levar* (= *levantar*)". Em Machado ([1991] 1996²), "*Levadigas*, s.f. pl. Ant. Dor aguda ou pontada, que se sentia debaixo do

3. Lat.

*chavadégo*⁴⁷⁴ 2 (lat.); *fumadadégo*⁴⁷⁵ 2 / *fumádego* 4 (lat.); *montadégo*⁴⁷⁶ 2 / *montádego* 9, 16 (lat.); *padroádego*⁴⁷⁷ 9, 16 / *padroadigo* 11 / *padruádigo* 12 / *padronadíga* 2 (lat.); *portadígo*⁴⁷⁸ 2 / *portadigo* 4, 12 / *portádego* 17 (lat.); *terrádego*⁴⁷⁹ 9 / *terradégo* 2 / *terradego* 4 / *terradigo* 2, 4 (lat.)

braço ou junto da virilha e precedia ou acompanhava a elevação ou bubão, nos casos da peste negra do séc. XIV". Por ser o único derivado denotando 'doença', suponho que tenha havido uma lexicalização.

⁴⁷⁴ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. *chavadígo*, séc. XIV, "luvas, agradecimento ou molhadura do conchavo, e ajuste que, entre o mosteiro e os novos enfiteutas se fazia; constava de um carneiro e uma fogaça ou pão grande de trigo". Em Machado ([1952] 1977³), "*chavádego* / *chavádigo*, do lat."

⁴⁷⁵ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. *fumagem*, "tributo ou direito de cabeça, cabeção, que se pagava de cada casa de família, segundo o respectivo foral ou aforamento. O direito de habitar"; "*fumagem* censo, tributo ou pensão, que o direito senhorio recebia de todas as casas dos seus vassallos ou colonos, prescindindo de nelas acenderem lume ou fazerem fumo, porque o comum e regular era acendê-lo. (...) Em alguns documentos, se chama fogaça ou fogo (...). Também se chamou direito de cabeça ou cabeção". Para Machado ([1952] 1977³) e também Cunha ([1982] 1987²), "XVI, lat.*fumatīcu".

⁴⁷⁶ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), o m.q. "*montádigo* e *montático*, lat. montatīcu-, certa pensão ou tributo, que se paga por pastar os gados no monte de algum concelho ou senhorio".

⁴⁷⁷ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "*padronadíga* Dote ou herança, que vinha da parte do pai, o qual os filhos com dificuldade grande vendiam". Segundo Huber ([1933] 1986: 320), "*padroádigo* = direito de apresentar ou propor um pároco em uma igreja". Para Sequeira (1943: 92), *padroádigo* era o "privilégio de patrono adquirido por quem fundava e dotava uma igreja". Em Machado ([1952] 1977³), "*padroádigo*, 1192, do lat. patronāticū-". Cf. *padroado* XIII, lat..

⁴⁷⁸ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), *portádego* é sinónimo de *portático* e de *portagem*. Em Machado ([1952] 1977³), "*portadígo*, antes de 1096" e "*portagem* XIII, do fr. *portage*, deriv. do lat. *portātīcum".

⁴⁷⁹ Em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "*terrádego* laudémio, ou certa parte do preço, ou estimação da coisa vendida que paga o foreiro, quando com licença e consentimento do direito senhorio a vende, troca, dá ou alheia"; "*terradígo* renda ou pensão anual, que se pagava por viver e cultivar em terra alheia"; "*terrado* certo foro que se pagava aos bispos de Coimbra, de todas e quaisquer propriedades que, naquele bispado, se venderam, não podendo tabelião algum fazer carta de venda (...) sem que nela vá inserto o bilhete do bispo, pelo qual dá licença e conste que se pagou o terrado, sob pena de perdimento dos seus ofícios, fazendo o contrário". Em Machado ([1952] 1977³), "*terrádego* 1474, do lat. *terrātīcu-", mas em Huber ([1933] 1986: 85), de *terra*.

II. -AGEM:

1. Port.:

1. 1. N + -agem → N

a) 'Tributo, imposto'

barcagem 11; *carceragem* 11; *costumagem* 9; *fumagem*⁴⁸⁰ 2, 11

XIV *açougagẽ*⁴⁸¹ A58

XIII *carceragẽ* S13 p. 276 / *carceragem* A43, A55 / *carçeragẽ* A20, A43, A55 /
c(ar)çeragẽ A20 / *carçaragem* A1

XIV *custumagẽ*⁴⁸² A49

XIV *lagaragem*⁴⁸³ A146

XIV *Relegagẽ*⁴⁸⁴ A21, A44

b) 'Colectivo':

*cordagem*⁴⁸⁵ 2; *criadagem* 15; *farandulagem*⁴⁸⁶ 2; *fardagem* 2; *folhagem* 1, 4, 7, 9, 11,
15, 16; *farelagem* 2; *hervagem* 2; *marinhagem* 15; *matalotagem*⁴⁸⁷ 1; *ramagem* 7, 11;
*rodagem*⁴⁸⁸ 2; *roupagem* 9, 11; *teagem*⁴⁸⁹ 2

⁴⁸⁰ O m.q. *fumádego* (lat.).

⁴⁸¹ Em Cunha ([1982] 1987²) XV.

⁴⁸² Em Machado ([1991] 1996²), 'tributo que se pagava por antigo costume e não por lei escrita'. Não registado em Cunha ([1982] 1987²).

⁴⁸³ Não registado em Cunha ([1982] 1987²). Presumivelmente de *lagar* (cf. *lagaradiga* 2 e *eirádega* 17 / *eirádego* 9).

⁴⁸⁴ Não registado em Cunha ([1982] 1987²), que aponta para *relegar* a acepção de "expatriar, banir; desprezar, XV, do lat."

⁴⁸⁵ O m.q. *cordoagem*, *cordame*, *cordoame* e *cordoalha*, de *cord(ão)* + *-agem* (cf. PE).

⁴⁸⁶ De *farândola* ("tipo de dança popular; bando de maltrapilhos"; cf. Cunha [1982] 1987²).

⁴⁸⁷ Cf. Cunha ([1982] 1987²) "provisões para a marinhagem, de *matalote* 'marinheiro'".

⁴⁸⁸ Em Cunha ([1982] 1987²), "conjunto de rodas de um maquinismo, XX, de *roda*".

XV *fardagẽ[s]* F9 ("a mayor parte dos cristãos amdavão corregemdo seus alojamentos e arrumamdo suas fardagẽs"), H3 ("Bem he que viam hyr hos barcos pera ella com allgũa fardagẽ que os mercadores queriam levar pera sua viagẽ"), L28 ("hos mais delles são homẽs de pouca fazemda, senão hũ saquinho de passas e de farinha, e assy lhe fica pouco cuydado da fardagẽ")

c) 'Acto próprio de [+hum]'

aprendizagem 4, 11; *braçagem*⁴⁹⁰ 7; *camaradagem* 1; *ladroagem* 9, 11; *malandragem*⁴⁹¹ 11; *vadiagem* 11; *vassalagem* 2, 9, 16; *villagem*⁴⁹² 2

1. 2. TV + *-agem* → N

'Acção ou resultado da acção'

albergagem 2; *alliagem* 2; *ferragem* 9, 11; *hospedagem* 2, 11; *lavagem* 4, 7, 15; *paragem* 2, 15; *pastagem* 11; *travagem* 15; *usagem* 9

XIII *ferragẽ* H24 ("E porque aaquella sazão nõ hera ferragẽ em Çepta, allgũs de cavallo ficarão na çidade, e nõ heram fora mais que çemto e tres, pello quall falleçeo naquelle dia de os mouros serẽ desbaratados")

XV *pillotagẽ*⁴⁹³ K23

2. Lat.:

homenagem 2 (lat.) / *menagem* 2, 7 (lat.); *portagem* 9, 11, 16 (lat.); *viagem* 9 (lat.)

XIII lat. (pelo prov.) *menagẽ* S13 pp. 65, 176, Q9 / *menagem* E21

⁴⁸⁹ Tenho dúvidas quanto à acepção colectiva deste derivado (cf. Cunha [1982] 1987², Machado [1952] 1977³ e PE, onde o significado é o de "teia, tecido (de algodão)", de *teia*).

⁴⁹⁰ Trabalho braçal.

⁴⁹¹ Apesar de em PE surgir a indicação "de *malandro*", sigo Cunha ([1982] 1987²), que aponta como data da primeira ocorrência do derivado 1881, considerando que a base é *malandrim* 'vadio, gatuno', XVI it.", pois data *malandro* de 1890.

⁴⁹² Para além destes derivados, temos ainda *friagem* 2 (ar frio), o qual não se insere em nenhuma das paráfrases anteriores.

⁴⁹³ Em Cunha ([1982] 1987²), XVI.

XIII lat. (pelo fr.) *portagen* S13 p. 291 / *portagem* A6, A44, A54, A144 / *portagẽ* A19, A22, A23, A43, A44, A45, A46, A48, A49, A54, A57 / *p(or)tagem* A22, A145 / *portalgẽ* A47 / *portlageml* A46 / *p(or)tagẽes* A22

XIII lat. (pelo prov.) *viagem* F1, G13, G20, H2, I9, K10, K11, K14, L2, M6, M13, M14, M25, N27 / *viagẽ* E12, F1, G26, H1, H2, H3, H4, H6, H17, H18, H19, H21, I9, I23, K2, K13, K14, K28, M2, M5, M6, M13, M25, N10, N15, N17, N20, O1, O4, O26, O27, P6, Q2, Q11, Q27

3. Empréstimos⁴⁹⁴: *abordagem* 9, 11 (fr.); *ancoragem* 4 (it.); *bagagem* 2 (fr.); *cabotagem* 1 (fr.); *carnagem* 2, 8 (it.); *carriagem*⁴⁹⁵ 2 (it.?): *carruagem* 2 (fr.); *cartilagem* 2 (fr.); *cartonagem* 7 (fr.); *contagem* 1 (fr.); *corage* 2 / *coragem* 2 (fr.); *corretage(m)* 2 (prov.); *dosagem* 7 (fr.); *lingoagem* 2 / *linguagem* 8 (prov.); *linhagem* 2 (fr.); *mensagem* 2 / *mensagem* 2 (fr.); *paisagem* 2 (fr.); *passagem* 1, 2, 9, 15, 16 (fr.); *peonagem* 2 (cast.); *personagem* 2, 11 (fr.); *plumagem* 1, 4, 7, 11, 15, 16 (fr.); *romagem* 7, 9 (prov.); *tonelagem* 1 (fr.); *ultrage* 2 (fr.); *vantagem* 2 (fr.); *visagem* 2 (fr.)

XIV *avamtagẽ* F20, H2, H3, N13, N20, N27, Q6, Q11 (fr.) / *avemtagẽ* G30, M15

XIV *Beueragem* A153 (fr.)

XIII *estalagẽ* S13 pp. 23, 59 (prov.) / *stalagẽ* S13 p. 22

XIII *lignagẽ* S13 p. 237 (fr.) / *linhagẽ* S13 pp. 90, 279, A6, A19, A43, E7, H18, I6, K17, L26, N16, N19, P13, Q14, Q22 / *Línhagẽ* S13 p. 91 / *linagẽ* S13 pp. 31, 90, 91, 218, 284 / *linhagem* E18, O12 / *llynhagẽ* E25, L11, Q9 / *llynhagem* E4, F2, F9 / *limhagẽ* O24, P15, Q22 / *lynhagẽ* N18 / *lynhagem* E23 / *liagem* A73

XIII *limgoagẽ* O9 (prov.) / *limgoagẽes* O16 / *llymgoagẽ* P15 / *lymgoagẽ* K14, K21 / *lyngoagem* K32

XIII *passagen* S13 p. 267, G22, I24, K3, K29, M15, Q7, Q27 (fr.) / *passagẽ* H9, K3, O5, Q3, Q13

⁴⁹⁴ Como se pode verificar pelos exemplos, em empréstimos ocorre também a variante *-age*.

⁴⁹⁵ 'Conjunto de carros'.

Enquanto alguns gramáticos, como é o caso de Theophilo Braga (1876: 34), só descrevem o sufixo *-agem*⁴⁹⁶, outros estudam também *-átic-* e *-ádig-* (*-ádeg-*)⁴⁹⁷. De entre aqueles que se debruçaram sobre *-ádig-* (*-ádeg-*), temos Carl von Reinhardstoettner (1878: 136), autor que sustenta que nos substantivos em *-ádeg-*⁴⁹⁸ (ex.: *vinhadego*), o sufixo, correlato de *-adgo* e *-azgo* em castelhano, começou por designar "cargos e títulos" (exs.: *tabelliadego*, *infantadigo*) e que, mais tarde, esta acepção se terá estendido a "tributo" (exs.: *terradégo*, *pessoadigo*).

Joseph Huber ([1933] 1986: 274) não fala do semanticismo associado ao sufixo, apontando antes o significado dos derivados em que ocorre *-ádig-* (*-ádeg-*) e especificando que o mesmo "forma substantivos abstractos verbais" (ex.: *achadego*) e que ocorre "com maior frequência em radicais nominais" (exs.: *padruádigo*, *portadigo*, *taballiadego*). José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 372) tem outro entendimento, pois afirma que *-ádeg-* "na antiga língua, junto, como naquela [latim], a substantivos, produziu igualmente adjectivos, que passaram à classe daquele, no sentido de impostos, cargos, sendo depois substituído pelo francês *-agem*", sufixo que, segundo o autor, nos veio "pelo francês"⁴⁹⁹, exprimindo, para além da ideia de "impostos", as de "aglomeração e acção" (exs.: *eir-ádego*; *port-agem*; *roup-agem*; *abord-agem*), conservando-se *-átic-* "apenas nalguns cultismos". Assim, para o gramático, os nomes em *-ádeg-* seriam resultantes de um processo de conversão (passando de adjectivos a nomes), apreciação que não encontramos noutros autores e da qual também não comungo.

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 235) não trata desenvolvidamente *-ádig-* (*-ádeg-*), limitando-se a afirmar que "ocorrem em português antigo" e dando alguns exemplos, centrando a sua análise sobre *-agem*, quer no que diz respeito à categoria dos derivados em que este intervém ("adjectivos e sobretudo em substantivos femininos"), quer no que se refere ao "sentido muito variável" do mesmo, indicando ainda que *-átic-* "só aparece em termos da linguagem culta". Para o autor, à acepção de 'colectivo' de –

⁴⁹⁶ Para Braga (1876: 34), o sufixo *-agem*, "derivado do suffixo latino *aticum* contrahido em *at'cum*, porque o *t* antes de *e* ou *i* não accentuados teve o som de *z* e *g*", como por exemplo em *portaticum* (*portagem*), denota "reunião, multidão".

⁴⁹⁷ Cf., por exemplo, Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 235).

⁴⁹⁸ Em Reinhardstoettner (1878: 136), "*-adego* (*-adigo*)".

⁴⁹⁹ Nunes ([1919] 1989⁹: 372) assinala que "Cornu (*Port. Sprache*, § 220) é de opinião que este sufixo foi tirado dos nomes que já o traziam do latino, como *farragem* (a par de *farrã*), *soagem*, *tanchagem*, etc."

agem (exs.: *plumagem*, *ramagem*) juntam-se as de "imposto" (exs.: *carceragem*, *fumagem*) e a de "atos ou estados" (exs.: *hospedagem*, *malandragem*). O semanticismo plural de *-agem* já havia, aliás, sido objecto de análise em Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 337-338), ao referirem que o sufixo *-agem* confere três acepções aos derivados nominais⁵⁰⁰: "collecção de objectos da mesma especie" (exs.: *folhagem*, *plumagem*); "estado" (ex.: *aprendizagem*); e "resultado de uma acção" (exs.: *ancoragem*, *lavagem*).

Francisco M. Sequeira (1938b: 96 e 98) também parafraseia o significado de *-agem* em duas alíneas separadas ("colecção, abundância, aglomeração"; exs.: *folhagem*, *marinhagem*; "nomes de instrumento, meio, lugar da acção significada pelo verbo"; exs.: *lavagem*, *travagem*), mas não indica a acepção de 'imposto'.

À semelhança de Ali ([1931] 1964³: 235), Ismael L. Coutinho (1938: 58) indica que *-ádeg-* "só aparece em palavras antigas" e que *-átic-* é uma forma "erudita", acrescentando que *-agem* é "de origem francesa", englobando todos os sufixos no rótulo de "imposto, cargo, dignidade, aglomeração, ação" e exemplificando com derivados nominais e adjectivais sem entrar em especificações (exs.: *papádego*; *portagem*; *folhagem*; *vassalagem*; *lunático*).

Dentro da descrição de *-agem*, certos gramáticos chamam a atenção para duas formas em *-agem*, com etimologias distintas. Assim, de acordo com Carl von Reinhardstoettner (1878: 131), em português existe um *-agem*, que tem origem em "Ag-in (lat. *ago*, *aginis*)" e que ocorre em palavras do latim (exs.: *farragem*, *imagem*, *voragem*) e outro que, para o autor, é "a forma portuguesa mais importante de *aticum*" (Reinhardstoettner, 1878: 136), o sufixo *-agem* que ocorre em derivados do tipo de *albergagem* e *paragem*, por exemplo, sendo estas formações em *-agem* muito "frequentes".

Também Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 62) descreve dois *-agem*: um do lat. *aginem*: *imagem*, *borragem*⁵⁰¹ e outro "do latim *aticus* (*aticum*): *carnagem*, *linguagem*". O gramático argumenta, remetendo para "Meyer Lübke, V, II, p. 571", que "*aticum* não podia dar *age* no português: gerou, sim, *age*, mas no francês, d'onde nos

⁵⁰⁰ Os autores referem que "estes nomes, em numero de 300 pouco mais ou menos, são pela maior parte novos e sem correspondentes em latim" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 338).

⁵⁰¹ Para o autor, este tem como "fórma pop. *age*" (Mota [1916] 1937⁸: 62).

veio, recebendo aqui um *m* epithético por analogia com *agem* de *aginem*" (Mota [1916] 1937⁸: 62).

Para Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 45), *-agem* "veio de França"⁵⁰² e distingue-se "pela sua grande fecundidade" (Carolina M. de Vasconcellos [1946] s.d.: 77), explicando a circunstância de os nomes em francês serem masculinos e em português femininos pela "influência exercida por outro sufixo homónimo, *-agem* de *imagem* (*imago, imaginis*)⁵⁰³".

Mattoso Câmara Jr. (1975: 222) pensa que, contrariamente à "forma portuguesa, de estrutura erudita⁵⁰⁴, *-atic-(o)* [que] aparece no termo religioso *viático* (*doublet* de *viagem*)" e que é utilizado ainda "para derivar adjetivos", *-agem* dá origem quase sempre a nomes, sendo o adjetivo *selvagem* uma excepção⁵⁰⁵. O gramático explica igualmente que, no português, nos vocábulos em *-agem* "houve contaminação com o final *-agem* de vocábulos semi-eruditos do tipo de *imagem* lat. *imagine*); é o que explica o travamento nasal e o género feminino".

Contrariamente a outros gramáticos, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 203) rotula *-agem* como a forma "popular" de *-átic-* e considera que foi a partir de palavras do tipo de *selvagem* e *viagem*, do latim *selvaticum* e *viaticum*, que "a lingua segregou as syllabas *-agem* e, unindo-as ao thema de muitas outras palavras, fez dellas um suffixo", como em *folhagem*, *lavagem*.

⁵⁰² Carolina M. de Vasconcellos ([1946] s.d.: 77) precisa que o sufixo "entrou nos séculos XI, XII e XIII com mercadores de além dos Pirinéus, os quais, ao passar dos Portos acessíveis daquelas montanhas, tinham de pagar uma contribuição, chamada entre os Peninsulares *portádego* e entre os franceses *portage*. Êsse nome, e mais alguns como *lignage* e *homenage* (*linhage* e *menage* em português antigo) popularizaram-se a ponto tal que produziram imitações numerosas — mais de um cento — entre elas *viagem*, *linguagem*".

⁵⁰³ A autora considera que "*-igine*, *-ugine*, deram *-age(m)*, *-uge(m)*, (*imagem*, *origem*, *ferrugem*)" (Carolina M. de Vasconcellos [1946] s.d.: 62) e a respeito de *-age* e *-agem* refere um estudo de A. Coelho, intitulado *Casos de Analogia*, publicado em 1907 na *Revue Hispanique*, o qual não tive oportunidade de consultar.

⁵⁰⁴ Câmara Jr. (1975: 222) classifica *-ádeg-* como "a forma popular genuinamente portuguesa".

⁵⁰⁵ Em Cunha ([1982] 1987²), "*selvagem*, XIII, do prov. *salvatge*, deriv. do lat. *salivāticus*".

Penso que a existência de dois *-agem* em português, um do lat. *-agīne-* e outro do lat. *-atīcu-*⁵⁰⁶, não é defensável, tendo em conta que as palavras em que ocorre o primeiro são todas [+lat]. Por isso, postulo unicamente a presença em português de um sufixo *-agem*, sufixo com origem em *-atīcu-* e formador de nomes abstractos [+fem], chamando mais uma vez a atenção para a desigualdade entre sufixo e terminação.

É quase um dado adquirido entre vários autores que descreveram o sufixo *-agem* que este terá chegado ao português através do francês e do provençal *-age* (cf., entre outros, Piel 1940a: 214⁵⁰⁷, Carolina M. de Vasconcellos [1946] s.d.: 77, Machado [1952] 1977³, Cunha [1982] 1987² e Ferreiro, 1997), sufixo que é comumente apontado como a "forma divergente" de *-átic-*, sendo esta a forma "erudita" e, para alguns, *-ádeg-* a forma intermédia ou "semi-erudita"⁵⁰⁸.

De seguida, proponho-me fazer algumas sistematizações referentes a *-ádig-* (*-ádeg-*) e a *-agem*, assumindo implicitamente uma cronologia sufixal.

Começo por referir a confusão que surge algumas vezes relativamente a *-ádig-* (*-ádeg-*) e *-igo*⁵⁰⁹ e *-ego*⁵¹⁰, tidos estes dois últimos como "reduções" dos primeiros, quando, de facto, não o são.

⁵⁰⁶ A propósito das diferentes etimologias, cf., por exemplo, Machado ([1952] 1977³) e Cunha ([1982] 1987²).

⁵⁰⁷ De acordo com o autor, os exemplos mais antigos "são *linhage* e *menage*, que no *Cancioneiro da Ajuda* rimam com *trage*, 3.^a pessoa do ind. do pres. do verbo *trager*, o que indica que o sufixo primitivamente não se distinguia, quanto à sua forma, da francesa. O género também é a princípio conforme com o das palavras francesas, quere dizer masculino: o *linhage(m)*, o *linguage(m)*. Ainda durante a idade média o sufixo «nacionalizou-se» em *-agem*, devido à circunstância de existirem em português algumas palavras em *-agem*, que remontam ao sufixo lat. *-AGO*, *-AGINE*".

⁵⁰⁸ Terminologia utilizada por Carolina M. de Vasconcellos ([1946] s.d.: 77). Cf. Iordan e Manoliu ([1972] 1980: 28), autores que também classificam *-ádig-* (*-ádeg-*) como "semicultismo".

⁵⁰⁹ De acordo com Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 351), "havia nos seculos XV e XVI as desinencias *ego*, *igo*, que, parece, correspondiam ás actuaes *agem*, *ia*" (exs.: "*Fumádego* — *fumagem*, pensão paga por fogo ao senhorio. *Terradigo*, *terradego* — quantia que o foreiro pagava de laudemio ao direito senhorio para poder alienar o predio, etc. *Portadigo* — *portagem*. *Mordomadigo* — *mordomia*. *Hospedadigo* — *hospedagem*").

⁵¹⁰ Sem querer referir-me à problemática da origem de *-ego*, cf., por exemplo, Reinhardstoettner (1878: 134), gramático que não confunde *-ego* com *-ádeg-*, especificando que o primeiro tem origem no lat.

Outra questão relaciona-se com a acentuação de *-ádig-* (*-ádeg-*). Diez ([1836-1844] 1973: 285-286) refere que "Santa Rosa (...) accentue partout *adégo*", aspecto que viria a ser corrigido em edições posteriores, onde a forma apresentada é *-ádego* e onde também é indicado que "em consequência da sílaba postónica *-de-* < lat. *-tī-*, a terminação *-ádego* reduz-se, por vezes, a *-ágo*, *vinhago* a par de *vinhádego*" (cf. Viterbo [1798-1799] 1962-1968: 174-175). Piel (1940a: 212-213) também alude à questão da acentuação do sufixo, anotando que no *Elucidário* de Viterbo as palavras em *-ádig-* (*-ádeg-*) "vêm apontadas com pronúncia paroxítona: *-adêgo*, *-adígo*, o que é inadmissível"⁵¹¹.

Ultrapassada a controvérsia da acentuação, sabe-se, pois, que tal como *-atīcu-* viria a dar *-átic-* em português, deu origem igualmente a *-ádig-*, com vozeamento das oclusivas em contexto intervocálico e consequente passagem de /t/ e /k/ a /d/ e /g/, processo idêntico ao que encontramos em formas atestadas nos textos dos séculos XIII e XIV, textos em que *-igo* está por *-ico*⁵¹².

-icus e forma nomes próprios como *Mondego* e também nomes comuns (exs.: *ardego*, *borrego*, *labrego*, *ninhego*). Para Othoniel Mota (1937⁸: 65 e 70), *-ego* é de origem ibérica (exs.: *borrego*, *labrego*, *ninhedo*) e *-igo* "do lat. *icu(m)*, como em *pudicu(m)*", ocorre em nomes do tipo de "*formiga*, *amigo*, *umbigo*, *postigo*. Não se tornou suffixo productivo em romance". Carolina M. Vasconcellos ([1946] s.d.: 68) esclarece que "*-icus*, *-ica*, com *i* breve, conservado nessa forma em bastantes adjectivos cultos (como *cívico*, *áulico*, *profético*), é pronunciado *-ego*, logo que qualquer dêles passe ao vulgo. Depois de *polítego*, *rústego*, *prátega*, *tísego*, *étego* (*hecticus*), *trôpego* (*hydrópicus*) terem sido popularizados, logo vieram inovações como *hírtego*, de *hirtus*, e substantivos numerosos, como *lóntréga* por lontra, *cóbregá* por cobra; *salamântéga* por *salamandra*; *limáchéga* por *limacha*, *limaça* nome de lesma. Mais adiante, a autora reafirma o seguinte: "mostrei que o vulgo (...) desprende *-ego* de adjectivos abstractos como *cismátego*, *polítego*, *rústego*, *prátego* — e junta êsses suffixos átonos a numerosos termos do seu uso" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 70). Ainda sobre o sufixo *-ego*, Carolina M. Vasconcellos ([1946] s.d.: 76) diz que "dos Celtas restou apenas *-ego* de *galego*, *Lamego*, *Mondego*, com imitações como *labrego* e *borrego*. Ele é muito fecundo, sobretudo em territórios hispânicos".

⁵¹¹ Cf. ainda Sequeira (1943: 91), para quem a acentuação exdrúxula de *-ádeg-* é "anormal", contrariamente ao que se verificou em francês e em castelhano, em que *-ATĪCU* evoluiu respectivamente para *-age* e *-azgo*.

⁵¹² Cf., por exemplo, *apostoligo* S13, pp. 1, 3 (XIII, pelo lat., do gr.; o m.q. *apostólico*. Segundo Viterbo ([1798-1799] 1962-1968), "todos os bispos foram antigamente chamados apostólicos"); *aravigo* M7 / *aravygo* K25 (XIV, lat.; o m.q. *arábico* N, XIV); *cl(er)igo* A68, A97, A100, A127, A161 / *cl(eri)go* A133 / *cllerlíg* A59 / *cllerligos* A59 / *c(r)ely'gos* A149 / *cl(er)igo[s]* S13 p. 5, A47, A48 / *clerigo* A61 (XIII, pelo lat., do gr.); *conígo* S13 p. 86 / *Cõõigo[s]* A78, A89, A96, A97, A99, A100, A108, A109, A110 /

Por não se inserir na regra geral de sonorização das consoantes surdas em contexto intervocálico⁵¹³, *-átic-* surge como a forma erudita do sufixo latino, sendo hoje em português um sufixo adjectival residual.

Contrariamente a Piel (1940a: 213)⁵¹⁴, não me parece bem que se aponte o sufixo *-ádig-* (*-ádeg-*) como um sufixo "semi-erudito", pois, tendo em conta a regularidade da sua evolução, acho que ele é um representante português genuíno do latino *-atīcu-*.

Como já vimos, o sufixo *-ádig-* (*-ádeg-*) solda-se a nomes e a radicais verbais e, semanticamente, os nomes derivados em que intervem denotam 'imposto, tributo, pensão', acepção que também encontramos em alguns nomes em *-agem*.

O que terá, então, contribuído para a improdutividade do sufixo *-ádig-* (*-ádeg-*)? Penso que podemos apontar as seguintes causas:

- a acentuação esdrúxula de *-ádig-* (*-ádeg-*), como é muito vezes sugerido;
- o facto de o sufixo *-agem* ser comum a todas as línguas românicas e, para além disso, o semanticismo que transmite às bases ser muito mais diversificado;
- a concorrência exercida por outros sufixos que não *-agem*, nomeadamente *-ado*⁵¹⁵.

De resto a improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*) parece em tudo semelhante à do seu correlato castelhano⁵¹⁶, sendo *-ádig-* (*-ádeg-*) um exemplo de derivação não

cóónigo A158 / *Cóónigos* S13 p. 4 / *coonigo* A58, A59, A60 (XIII, pelo lat., do gr.; forma divergente popular de *canónico*, que em Cunha ([1982] 1987²) é datada de XIV). A razão por que fiz este levantamento foi acidental, pois *-ico* ocorre em adjectivos e, como tal, seria excluído à partida. No entanto, tal ficou a dever-se ao facto de, como já referi, em vez de *-ádig-* (*-ádeg-*), alguns gramáticos referirem a existência de formas sufixais nominais em *-igo* e *-ego*.

⁵¹³ Sobre esta questão, cf., por exemplo, Castro (1991: 12-13).

⁵¹⁴ Para o autor, "tudo indica que *-ádego* não é sufixo tradicional, mas que as palavras em questão foram modeladas sobre vocábulos, do latim medieval, em *-ATICUM*".

⁵¹⁵ Piel (1940a: 212-213) refere que "na mais antiga versão da *Regra de S. Bento* [publicada por J. J. Nunes em 1926, no *Boletim da segunda classe da Academia das Ciências*, vol. XVI], que deve remontar ao século XIV, encontramos *moordamádigo* e *ospitádego*, que nas versões posteriores, dos séculos XV e XVI, são substituídos respectivamente por «ministração» e «hospitalidade», indício de que a decadência do sufixo data já desta época. Em *cardealádego*, *generaládego* e *papádego*, exemplos colhidos no *Livro da Montaria*, o sufixo *-ádego* corresponde, no que diz respeito ao significado, absolutamente a *-ado* em *papado*, etc.". O autor invoca ainda "o facto de coexistirem formas em *-ÁTICO* a par de *-ÁDEGO*, p. ex. *areática* = *eirádega*, e *montático* = *montádego*" (Piel, 1940a: 214).

prosseguida, i.e., os derivados com este sufixo perderam-se na evolução sucessiva do português e, por isso, não encontram correspondentes no português actual.

O sufixo *-agem* selecciona, como se mostrou no início, nomes e temas verbais para formar outros nomes, sendo de assinalar o grande número de empréstimos em que ocorre. Mas uma coisa é o elevado número de empréstimos em *-agem* em português, sobretudo galicismos, e outra é apontar-se-lhe a sua origem francesa. Assim, tendo por boa a observação de Diez ([1836-1844] 1973: 286-287), segundo o qual é já em latim que "*aticum*" e "*agium*" alternam, dando como exemplos "*brenaticum -agium, carnaticum -agium, herbaticum -agium*", autor que também explica o género feminino dos derivados em *-agem*, por analogia com as palavras em *-agem* do "lat. *ago aginis*" e o facto de existirem atestações de derivados em *-agem* desde o século XIII (cf., por exemplo, XIII *carceragẽ* S13 p. 276 / *carceragem* A43, A55 / *carçeragẽ* A20, A43, A55 / *c(ar)çeragẽ* A20 / *carçaragem* A1), não encontro evidências que apontem para a importação de *-agem* do francês ou do provençal.

A partir dos exemplos retirados das gramáticas históricas, os valores semânticos que *-agem* atribui aos nomes em que ocorre são, por ordem do número de derivados, os de: 'colectivo' (exs.: *ramagem* 7, 11), 'acto próprio de' (ex.: *vadiagem* 11) e 'tributo, imposto' (ex. *costumagem* 9), quando se solda a nomes e de 'acção ou resultado da acção' (ex.: *lavagem* 4, 7, 15), quando se junta a temas verbais.

Nos textos dos séculos XIII, XIV e XV existem cinco derivados em *-agem* com a acepção de 'tributo, imposto' (XIV *açougagẽ* A58; XIII *carceragẽ* S13 p. 276 / *carceragem* A43, A55 / *carçeragẽ* A20, A43, A55 / *c(ar)çeragẽ* A20 / *carçaragem* A1; XIV *custumagẽ* A49; XIV *lagaragem* A146; XIV *Relegagẽ* A21, A44), dois que indicam 'acção ou resultado da acção' (XIII *ferragẽ* H24; XV *pillotagẽ* K23) e um com a acepção de 'colectivo' (cf. XV *fardagẽ[s]* H3, L28, F9), o que faz supor que tenha havido uma redefinição do semanticismo básico associado ao sufixo, i.e., a pouco e pouco, *-agem* terá passado a formar predominantemente nomes com a acepção de 'colectivo', enquanto a acepção de 'tributo, imposto' se terá tornado quase incipiente.

⁵¹⁶ Na descrição do sufixo castelhano "*-azgo < -ATICU*", Ridruejo (1998: 314) também assinala a competitividade com outros sufixos, pois, segundo afirma, "directamente, concorre com *-agem*, de idêntico étimo (...), com o qual também se criam pós-verbais. Além disso, nos nomes de dignidades eclesiásticas concorre com outros sufixos latinizantes com a forma latina *-ato* (*cardinalato, priorato*), ou vulgarizados: *-ado* (*papado*), que acabam por impor-se".

Por não serem muito significativos, limito-me a registrar que, ao nível dos truncamentos desencadeados pelos sufixos em análise, se dá a queda do morfema final da base em *taballadego* 12 (de *tabeli(ão) / tabali(ão) + -ádeg-*); *ladroagem* 9, 11 (de *ladr(ão) + -agem*) e *malandragem* 11 (de *malandr(im) + -agem*).

4. 2. 3. –ATO(A) e -ADO:

Como transparece pelos exemplos listados abaixo, só tenho em conta nesta análise os derivados resultantes de um processo de nominalização denominal em que, supostamente, *-ato* e *-ado* estão em alternância. Assim, não estudo o sufixo *-ado* (do lat. *-ātus*) que ocorre em nomes originariamente participios passados (por exemplo, *baptizado*), nem tão pouco o sufixo *-ado* adjectival que indica 'semelhança' (cf., por exemplo, *amarelado*). Para além destes, existe um outro sufixo que, muitas vezes, é apontado como variante de *-ado*, o qual permite formar nomes de temas verbais. Na realidade, trata-se de *-do* (lat. *-tus*), mas também ele não cabe nesta descrição, assim como também não terei em conta o sufixo *-ado* que ocorre em vocabulários científicos e que indica 'espécime de divisão de (animais)', como por exemplo em *celenterado*⁵¹⁷.

O sufixo nominal *-ado* aqui estudado é o equivalente português do sufixo latino *-ātu*, sufixo latino que também deu origem a *-ato*.

⁵¹⁷ Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 239-240) é o único gramático que dá exemplos de nomes em *-ato* que fazem parte da nomenclatura científica, como *silicato* 11 (de *silic(a)*, lat. *silīce-*, "substância cuja composição química é o dióxido de silício"; base lat. + *-ato*), *sulfato* 11, formante lat. + *-ato*, e *nitrato* 11, formante gr. + *-ato*).

Cunha ([1982] 1987²) refere que este sufixo *-ato* ocorre sobretudo "na nomenclatura química, em nomes de sais e ésteres de oxiácidos cujos nomes terminam em *-ico*: (ácido) nítrico → *nitrato* (de sódio)".

Cf. ainda Aurélio (1999³), onde é indicado que se trata da "adapt. do lat. cient. *-ata*, do neutro plural de *-ātus*, ou do lat. cient. *-atae*, fem. pl. de *-ātus*, ou do lat. cient. *-ati*, pl. de *-ātus*".

1. -ATO

1. 1. PORT.:

N + -ato → N:

'Dignidade ou função de'

baronato 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16; *canonicato* 1, 2, 7, 9; *cardinalato*⁵¹⁸ 1, 11; *generalato*⁵¹⁹ 1, 4, 7, 11

1. 2. LAT.:

clericato (lat.) 11; *curato* (lat.) 1; *sensato* (lat.) 7; *triumvirato* (lat.) 11; *vulgata* (lat.) 11; *tribunato* (lat.) 5, 11

XIII lat. *mãdato*⁵²⁰ S 13 p. 7

1. 3. Empréstimos:

bacharelato (fr.) 4; *carbonato* (fr.) 11; *concordata* (it.) 11; *serenata* (it.) 11; *sindicato* (fr.) 11; *sonata* (it.) 11; *vicariato* (it.) 9, 16

XIV *d'arrebato*] G *de rrevato* E15, K26 / *de rrebato* F21 (árabe)

1. 4. Deriv. Repr.:

XIV *desbarato* H9, K17, M26, N1, 4, O25, P15

⁵¹⁸ De *cardinal* (*cardeal*, lat. *cardinālis*).

⁵¹⁹ Em Cunha ([1982] 1987²) e em PE, de *general* + -ato. Segundo Machado ([1952] 1977³), de *general* + -ato, "ou talvez mesmo do fr. *généralat*". Corominas e Pascual (1980-1991) pensam que se trata de um "cultismo" e no TLF, *généralat* é tido como empréstimo do ital. *generalato*.

⁵²⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), séc. XIV.

2. -ADO

2. 1. PORT.

2. 1. 1. N + -ADO → N:

a) 'Dignidade ou função de'⁵²¹

abbadado 2; *abbadessado* 5; *almirantado* 11; *apostolado* 11 ; *arcebispado* 11, 12;
arciprestado 9; *arquiducado* 11; *bacharelado* 7, 11; *baroadado* 2, 4; *chantrado* 2, 11;
condado 1, 2, 7, 8, 9, 11, 12; *consulado* 1, 2, 4, 11; *diaconado* 7; *ducado* 1, 2, 7, 8, 11;
juizado 7; *marquesado* 1, 2, 9; *mestrado* 1, 7; *noviciado* 11; *papado* 16; *patriarcado*
11; *presbyterado* 7; *principado* 9, 11; *professorado* 1, 7; *protetorado* 11; *reitorado* 11;
viscondado 11

XIV *Arçeb(is)pado*, A108

XIII *meyrãado*⁵²² S13 p. 242 ("todallas cousas que o meyrinho gaanhar en seu
meyrãado, todas seyã do senh(ur).")

XIV *móórdomado*, A2

⁵²¹ Cumulativamente, muitos destes nomes (por exemplo, *arcebispado*, *consulado*, etc.) designam também 'Local'.

⁵²² Vocábulo não registado em Cunha ([1982] 1987²).

b) 'Local'

XV *çarrado* K8 ("a segar feno en hũ çarrado⁵²³")

XIII *eyrado*⁵²⁴ S13 p. 185, M1 ("E esse Steuã p(er)ez nẽ se(us) successores n(õ) deuẽ fazer sob(re)ssas nossas Casas eyrado. nẽ Janella. nẽ saeteyra. nẽ Jamineyra. nẽ out(ra) cousa nĩhũa q(ue) a nos empéesca ãessas nossas Casas"; "subio-se logo a hũ eyrado, e vyo bẽ que aquello hera synall")

XIII *judgado*⁵²⁵ S13 pp. 135, 136 ("q(ue) fosse áá quĩtáá de Mazéeyra, q(ue) é nho termho do judgado de Faria"; "damus e houtorgamos a uos Steuayã P(er)iz, nossa fila, a meyadade de quãto herdamẽto nos auemos no judgado da Maya e que hy de dereito [...] E out(r)ossi meyadade de quãto outro herdamẽto nos auemos nho judgado de Faria")

XIII *mõtados*⁵²⁶ S13 p. 355 ("Que todos os vaq(ue)yros d' (e)vora q(ue) Touros leysaren Andar en mõtados se os en dan(os) Aleos matarẽ os vaq(ue)yros peyten(os) a seus donos.")

XV *sybado* K33 ("hũ mouro moço que hera da companhia dos tres lamçou-se per hũ sybado e, como quer que fossem tras elle, nunca porẽ pôde ser achado.")

XIII *telhados* E21 / *tylhado* L1 / *tilhado* L1

XIV *vallados*⁵²⁷ F7, F14, F14, F14, N24, Q12

2. 1. 2. Conversão:

reinado 2, 4, 16

⁵²³ Na acepção de 'terreno murado'.

⁵²⁴ Em Cunha ([1982] 1987²), 1614.

⁵²⁵ Em Machado ([1952] 1977³), *judgado* 'concelho', de *judgar*, 1290.

⁵²⁶ Em Machado ([1952] 1977³), 'terreno', de *monte*, séc. XVIII.

⁵²⁷ 'Sebe, cerca'.

XIV *comvydados* M23

1500 *gasalhado*⁵²⁸ H13

XIII *mamdado*[s]⁵²⁹ M17, M24, M25, Q6, Q15, Q23, Q26, Q27 / *mandado* H15, L26,
L28, Q30 / *mãdado* Q27

XIV *povoado* M25

XIII *rrazoado*[s] E16, F8, M19, O29

XIII *rreygnado* O4

XIII *Testados*⁵³⁰ S13 p. 223

2. 1. 3. Deriv. Repr.:

XV *brados* M25

XIII *rrecado*[s]⁵³¹ E6, E17, G14, G17, G18, G19, G31, H21, H23, I3, I16, I19,
I21, I26, K13, K19, L5, L6, L7, L15, M4, M5, M12, M13, M27, N4,
N15, N17, N18, O1, O2, O4, O5, O10, O11, O31, P9, P23, Q1

2. 2. LAT.:

bispado 1, 4, 7, 11 (lat.); *pontificado* 11 (lat.)

XIII lat. *Auogado* S13 pp. 353, 354, 356, 369 / *Aúúgado* S13 p. 353 / *uogado*
S13 p. 361

XIII lat. *Bis*[pado] S13 p. 174 / *Bispado*, A114

XIII lat. *criado*[s] F3, F21, K8, M2, M12, M18, N26, O1, O15, P25, Q26, Q29

XIII lat. *cunhado* K7, K7

XIII lat. *cuydado*[s] F1, F3, F4, F8, F15, G6, G7, G10, G14, G17, G21, G22,
G23, G24, G28, H8, H22, I24, K4, K16, K19, K20, K21, K23, L11, L22,

⁵²⁸ De *gasalhar*, o m.q. *agasalhar* XIV; s.m. 'abrigo, hospedagem'.

⁵²⁹ 'Ordem' (cf. XIII lat. *mãdato* S13 p. 7). Em Cunha ([1982] 1987²), *mãdato* séc. XIV.

⁵³⁰ Cf. "Caualej'ro nẽ out(ro) homẽ nõ defendá a Ejjg(re)ia nẽ as h(er)dades dessa Ejjg(re)ia nẽ os Testados dela'." Cunha ([1982] 1987²) e Machado ([1952] 1977³) não registam esta forma, talvez por se tratar de um participio passado que posteriormente passou a nome. Em Machado ([1952] 1977³), o derivado *testada*, de *testa*, 1265, não é feminino de *testado*; cf. PE: *testada* 'estrada ou caminho que fica à frente de um prédio; propriedade confinante com a via pública; frente', de *testa* + *-ada*.

⁵³¹ 'Ordem, aviso'; deriv. regr. de *recadar* XIII.

L23, L28, M7, M8, M10, M12, M18, N8, N14, O7, O16, O18, P1, P19,
P25, Q6, Q14, Q18, Q22 / *cuidado* O29

XIII lat. *estado* M12

XIV lat. *moorgado* A154

XIII lat. *padroado* S13 pp. 43, 61

XIII lat. *pecado*[s] E21, K27, M21, Q17

XIII lat. *pescado* S13 p. 20

XIII lat. *p(re)lados* S13 pp. 38, 223, 226

XIII lat. *p(ri)orado* S13 p. 223

XIII lat. *sobrado* S13 p. 20

3. N lexicalizados: *bocado*⁵³² 2; *eleitorado*⁵³³ 11; *terrado*⁵³⁴ 5

A partir dos exemplos, tanto os que constam no *corpus* de gramáticas históricas, como os obtidos a partir dos textos utilizados para controlo dos dados, pode avançar-se que *-ato* não é, nem nunca foi um sufixo produtivo em português⁵³⁵. Aliás, embora quase todos os gramáticos históricos que consideraram os sufixos *-ato* e *-ado* apontem a origem "erudita" do primeiro e a origem "popular" do segundo, nunca se referem explicitamente à produtividade ou improdutividade dos sufixos.

Para Teophilo Braga (1876: 34), *-ado* "exprime dignidade, profissão, tal como no latim o suffixo em *atus*, ainda conservado no portuguez litterario em *ato*", opinião partilhada por Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴:

⁵³² Segundo Corominas e Pascual (1980-1991), de *boca* 'pedaço de pão que os vendedores de lenha pedem sobre o preço das cargas' + *-ado*. Em Machado ([1952] 1977³), de *bocada* 'acto de apanhar com a boca; aquilo que se apanha com a boca'.

⁵³³ Significa 'conjunto de eleitores'.

⁵³⁴ O mesmo que *terrádego* ('imposto sobre o aluguer de um terreno'); *terreno*; *terraço*.

⁵³⁵ Cf. Machado ([1952] 1977³), o qual afirma que "Em alguns casos, em vez de *-ado* usa-se *-ato*¹, forma mais próxima do Latim, mas sem vida independente em Português, pois os vocábulos em que se acha não são de formação vernácula: *abacomitato*, *adipato*, *adjuvato*, *agrariato*, *hospodarato*, *clericato*, *tribunato*, *sindicato*, *generalato*, *triumvirato*, *baronato*, *artesanato*, *cardinalato*, *nitrito*, *carbonato*, *sulfato*, etc. O mesmo se diz de *-ata* (*concordata*, *sonata*, *vulgata*, *serenata*, etc.). Em Química usa-se igualmente um suf. *ato*² para indicar sais, mas de carácter analógico, segundo parece; o ponto de partida deve ser *acetato*" (cf. também Ferreiro (1997: 118), cuja descrição é coincidente com a de Machado ([1952] 1977³)).

337)⁵³⁶, António R. Vasconcellos (1900: 131)⁵³⁷ e Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 205 e 210)⁵³⁸.

Se por um lado os gramáticos consideram a forma "erudita" *-ato* e a "popular" *-ado*, por outro, alguns deles reconhecem a existência de dois sufixos *-ado*, embora exista algum desencontro quanto à destes últimos. Assim, Carl von Reinhardstoettner (1878: 129) faz a distinção entre o sufixo nominal *-ado* e a "forma participial da primeira conjugação" que, segundo afirma, deu origem a numerosos adjectivos, como por exemplo *afidalgado* e *abastado*, para Pereira ([1916] 1935⁹: 210) o sufixo *-ado* que ocorre em exemplos do tipo de *condado* e *professorado* tem origem em "*atum*" e é diferente de "*ado, a, ← atum, am*" sufixo que forma "a) Part. Pass. (...) b) Subst. Collectivo (...) c) Subst. com a idéa de um conteúdo (...) d) Subst. que exprime resultado de uma acção" e Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 62) também concebe a existência de dois sufixos *-ado* com a mesma origem ("lat. *atus*"): um que serve para formar adjectivos e nomes e apresenta uma variação de género (exemplos: *coroadado, martelada*, etc.), enquanto o outro é um sufixo nominal, o qual "fôrma substantivos com a idéa de empregos ou cargos: *condado, ducado*". Joseph Huber ([1933] 1986: 273) tem, no entanto, uma concepção diferente, visto que este autor pensa tratar-se de um único sufixo, que tanto serve para formar "participios substantivados: *cuidado, mandado*", como "substantivos abstractos provenientes de subst.: *arcepispado, condado*".

Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 378) estuda também algumas formas em *-ato* (*Felgarato* (de *Felgar*, Moncorvo), *Larinhato* (de *Larinhos*, Moncorvo), *Maiato* (da Maia), *mulato* (de *mulo*), *regato* (de *rego*), e *Lobato*, as quais trata como excepcionais, em que *-ato* ao invés de exprimir 'dignidade, cargo, título, profissão', indica antes 'proveniência, naturalidade' (*Felgarato, Larinhato* e *Maiato*) ou em que é

⁵³⁶ Para estes gramáticos, "*ado, ato* (lat. *atus*). Indicam cargo, dignidade, profissão", sendo o primeiro sufixo de "origem popular" e o segundo de "origem classica" (Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 337).

⁵³⁷ De acordo com António R. Vasconcellos (1900: 131), o sufixo latino "*-atum*" deu origem a *-ato* e *-ado*, os quais ocorrem em derivados do tipo de *baronato, tribunato, terrado, abbadessado*.

⁵³⁸ Ao registar que "os suff. podem ser populares e eruditos, conforme fôr o voc. derivado de formação popular ou erudita", entre outros sufixos, o autor indica *-ado* e *-ato* (exemplos: *professorado* e *generalato*; cf. Pereira [1916] 1935⁹: 205), afirmando mais adiante que *-ado* "indica dignidade, profissão", sendo *-ato* a forma erudita (Pereira [1916] 1935⁹: 210).

empregue como diminutivo (*Lobato*)⁵³⁹. O autor não se refere à origem deste *-ato*, classificando-o simplesmente como "sufixo raro". Admitindo que ele tem origem no latim *-ātu*, estaremos em qualquer circunstância perante diferentes sufixos (cf. a listagem dos sufixos diminutivos em "O Estudo da Sufixação em Gramáticas Históricas do Português").

As descrições de José Joaquim Nunes ([1919] 1989⁹: 369-370) e de Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 239-240) distinguem-se das de outros gramáticos por não se limitarem a tratar *-ado* em alternância com *-ato*. Nunes ([1919] 1989⁹: 369-370) opta por apresentar *-ado*, *-edo* e *-ido* conjuntamente, atribuindo-lhes a mesma origem e delimitando as diferentes acepções dos sufixos. Na opinião deste gramático, estes sufixos são representantes do sufixo "*-to* com que o latim formava principalmente os participios do pretérito", os quais, posteriormente, se converteriam em substantivos. O primeiro pode também "exprimir dignidade, emprego, mantendo inalterado o *-t-* nos vocábulos cultos", como em *condado*, *baronato*, etc..

Também Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 239-240), ao estudar *-ado*, *-ada*, *-ido*, *-ida*, avança que as diversas línguas românicas possuem "substantivos abstratos e concretos cuja criação se deve à simples adaptação semântica do participio do pretérito de certos verbos", como, por exemplo, *passado*, *chegada*, *vestido*, *partida*, etc.. No entanto, reconhece que, sobretudo no caso dos nomes concretos, se tem perdido "a noção da identidade morfológica de tais nomes com os participios, prevalecendo por fim o sentimento de serem derivados imediatos de verbos no infinitivo", o que equivale a dizer que *-ado*, *-ada*, *-ido*, *-ida*, quando ocorrem em "vocábulos com função de substantivo, passaram a ser considerados como elementos formativos, como sufixos", sobretudo quando se trata de *-ada*, o mais produtivo de entre eles, de acordo com o autor, na derivação de nomes. Os significados dos derivados com estes sufixos, são, segundo Ali ([1931] 1964³: 239-240), muito diversos, mas uma vez que me interessa particularmente *-ado* assinalo unicamente que, para este gramático, os derivados formados com este sufixo referem-se a "títulos honoríficos, a territórios governados por certos titulares, a alguns cargos elevados, a certas instituições, posições e condições sociais e políticas (...). Em alguns casos, em vez de *-ado* usa-se *-ato*, como forma mais próxima do latim". Ali ([1931] 1964³: 239-240) salienta que a "forma erudita" *-ato* é

⁵³⁹ Quanto aos dois outros exemplos, apesar de o autor não dar essa indicação, *mulato* é um empréstimo ao cast. e *regato* tem origem no lat. *rigatus* (cf. Cunha [1982] 1987²).

também empregue para formar nomes "na nomenclatura científica" e que os derivados em *-ata* ou foram herdados do latim ou são empréstimos de outra língua românica, sobretudo do italiano. Entre os vários aspectos abordados por Ali ([1931] 1964³: 239-240), gostaria de destacar a forma como o gramático explica a evolução de "*-ado, -ada, -ido, -ida*", i.e., o facto de estes elementos antes de se tornarem "formativos" corresponderem, originariamente, a terminações do "particípio do pretérito". Assim, para Ali ([1931] 1964³: 239-240), tal como para Nunes ([1919] 1989⁹: 369-370), *-ado* é resultante do grau de autonomia alcançado por certos participios, que, por um processo de conversão, passaram a nomes, nomes estes que depois serviram de paradigma para a formação de outros nomes (no caso de *-ado* resultantes de um processo de nominalização denominal). Contudo, nem um nem outro gramático referem a existência de dois sufixos *-ado* homónimos, referem-se sim às várias acepções de um mesmo sufixo *-ado*, apontando que, nalguns casos, ele alterna com *-ato*, nomeadamente quando designa 'dignidade ou função de'.

Ismael L. Coutinho (1938: 56-57) também caracteriza conjuntamente *-ado, -edo* e *-ido* (de, respectivamente, *-atu, -etu* e *-itu*, segundo o autor). Estes sufixos, de acordo com Coutinho (1938: 56-57), formaram-se da "desinência do particípio passado *-tu* com a vogal temática dos verbos", dando origem a nomes e adjetivos, "indicando ação ou resultado dela, golpe ou pancada, tempo em que se realiza uma ação ou se exerce um cargo, quantidade, grandeza, coleção, dignidade, doces" (exemplos: *entrada, pedrada, facada, papelada, goiabada, limonada, papado, reinado; olivedo, arvoredos, rochedo; saída, arremetida, brasido*). Como se pode observar, em Coutinho (1938: 56-57), não há uma classificação muito clara, visto que dentro de um rótulo genérico, cabem exemplos muito diversos, quer do ponto de vista formal, quer semântico.

É geralmente aceite que as formas participiais que adquirem o estatuto de nomes e de adjetivos são, regra geral, mais tardias, situação que em princípio também se aplicará ao caso dos participios em *-ado*. Donde, a dificuldade em aceitar que *-ado*, sufixo que intervém em processos de nominalização denominal, se tenha originado a partir da autonomia alcançada pela terminação participial (cf. por exemplo XIV *arçeb(is)pado* A108, XIII *meyrãado* S13 p. 242 e XIV *móórdomado* A2, derivados de nomes e sem verbos correspondentes), como defendem Nunes ([1919] 1989⁹: 369-370), Ali ([1931] 1964³: 239-240) e Coutinho (1938: 56-57).

De entre as formas em *-ato* registadas pelos gramáticos históricos, temos as que foram herdadas do latim (ex.: *clericato* 11), as que deram entrada no português através de empréstimos, sobretudo ao francês (ex.: *sindicato* 11) e ao italiano (ex.: *vicariato* 9, 16) e as que são apontadas ora como formações portuguesas ora como cultismos ou estrangeirismos (ex.: *generalato* 1, 4, 7, 11).

As formas *baronato* (1881) e *canonicato* (1813), tidas como sendo formadas em português, e ainda *tribunato* ([+lat] 1813), designando 'dignidade ou funções de (barão, cónego e tribuno,...)', coexistem com as formas em *-ado* respectivas, nomeadamente: *baronado*, *canonicado* e *tribunado*⁵⁴⁰. Não me parece que as formas *baronato* e *canonicato* sejam razão suficiente para podermos concordar com os gramáticos históricos, ao afirmarem que *-ato* serviria para dar origem a novas formações, em português. Em *tribunado* / *tribunato* 5, 11, à semelhança do que se verifica em *baroado* 2, 4 e *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16, em que há uma coexistência de *-ato* e *-ado*, as formas em *-ado* são anteriores. As formas *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16 e *canonicato* 1, 2, 7, 9, surgiram, provavelmente, por analogia com *clericato* ([+lat] XVII), sendo fruto de uma tendência relatinizante e substituindo *baronia* e *conezia*⁵⁴¹. De salientar que em todas as formas em *-ato* apontadas pelos gramáticos históricos e assinaladas nos dicionários etimológicos como sendo formadas em português (cf. *baronato* 1, 4, 5, 7, 9, 11, 16; *canonicato* 1, 2, 7, 9; *cardinalato* 1, 11), o significado de *-ato* pode ser parafraseável como 'dignidade ou função de (barão, cónego, cardeal)', significação que o sufixo *-ado* possui.

Tendo em conta que o sufixo *-ado* forma nomes [+masc] a partir de outros nomes, designando 'dignidade ou função de', os derivados em que este sufixo participa estão relacionados com estruturas sociais fortemente hierarquizadas (igreja, nobreza, etc.). Contudo, para além deste significado tido como básico, *-ado* pode também assumir uma acepção locativa⁵⁴², como em *terrado* 5, caso em que não se verifica uma

⁵⁴⁰ Segundo Cunha ([1982] 1987²), *tribunado* (séc. XVI) é a forma divergente de *tribunato*.

⁵⁴¹ Pelas atestações, pode observar-se que *baronato* e *canonicato* são posteriores a *baronia* (1660, fr. *baronnie*) e *conezia* (XIV), formas que, segundo os dicionários (cf., por exemplo, PE), são sinónimas das anteriores.

⁵⁴² Rio-Torto (1998: 204) indica duas razões para a não inserção dos derivados em *-ado* nos locativos: "em primeiro lugar, o facto de o significado locativo não ser neles nem exclusivo, nem essencial, mas antes acidental e acessório; em segundo lugar, a circunstância de nem todos os "nomes de estatuto / condição" apresentarem o referido sentido locativo".

comutação *-ato / -ado*, pois só o último forma derivados que remetem para 'local'⁵⁴³. Alguns exemplos extraídos dos textos apontam para que esta segunda aceção não seja accidental, quando muito podemos dizer que é menos frequente: confronte-se, por exemplo, *eyrado* ("subio-se logo a hũ eyrado, e vyo bẽ que aquello hera synall" M1), *juogado* ("damus e houtorgamos a uos Steuayã P(er)iz, nossa fila, a meyadade de quãto herdamẽto nos auemos no juogado da Maya" S13 p. 136) e *mõtados* ("Que todos os vaq(ue)yros d' (e)vora q(ue) Touros leysaren Andar en mõtados se os en dan(os) Aleos matarẽ os vaq(ue)yros peyten(os) a seus donos." S13 p. 355) e *telhados* (G21) do século XIII; *vallados* (F7, F14, N24, Q12), século XIV e *çarrado* ("a segar feno en hũ çarrado" K8) e *sybado* ("hũ mouro moço que hera da companhia dos tres lamçou-se per hũ sybado e, como quer que fossem tras elle, nunca porẽ pôde ser achado." K33), século XV⁵⁴⁴. Em *eyrado*, *sybado* e *telhados*, o sufixo *-ado*, em resultado de uma extensão semântica, para além da designação de 'local', confere à base a noção de colectivo, noção esta presente em *eleitorado* 11 ('conjunto dos eleitores'), derivado que poderá ter tido na origem a significação primitiva de 'jurisdição de eleitor'⁵⁴⁵.

De acordo com os dados, tanto os do *corpus* como os dos textos consultados, observa-se que o sufixo nominal *-ado* nos exemplos aduzidos não alterna com *-ato*, visto que esta é uma terminação latina, ou que está presente em empréstimos, à qual não se pode, portanto, atribuir o estatuto de sufixo em português.

Do não reconhecimento da existência sufixal de *-ato*, decorre a minha não aceitação da alternância *-ato / -ado* e a assumpção que invalida a discussão sobre se estamos em presença de dois sufixos distintos, um "erudito" e outro "popular". Por outro lado, aquilo que à partida parecia marginal, i.e., o facto de *-ado* designar simultaneamente o 'Local', aspecto só referido por Ali ([1931] 1964³: 239-240)⁵⁴⁶, veio

⁵⁴³ Uma vez que o sufixo *-ado* exclusivamente locativo não ocorre em pares *-ato / -ado*, talvez devêssemos considerar a hipótese de estarmos em presença de sufixos homónimos, i.e., um *-ado* formador de nomes parafraseáveis como 'dignidade ou função de', podendo alguns destes adquirir uma aceção locativa, e outro *-ado* somente 'locativo'.

⁵⁴⁴ Cunha ([1982] 1987²) não regista *çarrado*, *mõtado* e *sybado*.

⁵⁴⁵ Cf. o francês *électorat*, que, de acordo com o *Trésor de la Langue Française*, começou por significar 'jurisdição de um eleitor' (1601), mais tarde designaria a 'dignidade de eleitor' (1611) e, por fim, cerca de 1850, o 'conjunto de eleitores'.

⁵⁴⁶ De entre as várias aceções de *-ado*, o autor indica a de "territórios governados por certos titulares".

a revelar-se consistente: desde o século XIII que encontramos atestações em que o sufixo se junta a nomes para formar outros nomes e em que remete para a acepção locativa (cf., por exemplo, XIII *mõtados* S13 p. 355).

Aparentemente, o sufixo nominal *-ado*, em nomes que designam 'dignidade ou função de', está pouco disponível em português, mas, dado ser o único que permite formar nomes a partir de uma base nominal caracterizada pelo traço [+hum] para designar a 'dignidade ou função de', não é de excluir que se formem novos nomes recorrendo a este sufixo (cf. *comissariado*, 1844 e *secretariado*, 1881, formados mais recentemente).

Num dos exemplos, a junção do sufixo à base implica a passagem de [ẽw̃] em posição final a [o] e formação de hiato (*barão* + *-ado* → *baroado* 2, 4) e noutro há a inserção de uma vogal (/i/) de ligação e conseqüente formação de hiato (ex.: *noviciado* 11). Finalmente, como alteração gráfica, temos a passagem de <qu> a <c> (exs.: *arquiducado* 11; *ducado* 1, 2, 7, 8, 11, de *arquiduque* e *duque*).

4. 2. 4. -ENSE / -ÊS (-EZ)⁵⁴⁷

Como se pode verificar pelos exemplos, a partir de nomes de localidade, *-ense* / *-ês* (*-ez*) formam predominantemente nomes e adjetivos que designam 'proveniência, naturalidade'.

A questão principal de que aqui me ocupo é a de tentar perceber se o sufixo *-ês* (*-ez*) é uma variante "popular" de *-ense*, sufixo "erudito" com origem no latim *-ense*, ou se, pelo contrário, eles são sufixos distintos.

1. PORT.:

1. 1. Np + *-ense*/ *-ês* (*-ez*) → N/Adj.:

'Proveniência, naturalidade'

albanês 8; *albicastrense*⁵⁴⁸ 6; *aragonês* 15 / *arragonez* 2; *avinhonez* 2; *beirense* 4; *bejense* 6, 15; *bolonhez* 4; *braguês* 9, 15, 17 / *braguez* 7; *brasileense* 7 / *brasiliense* 4, 7; *burgonhez* 2; *carthaginez* 4; *catarinense* 18; *cearense* 11, 16; *chinês* 15 / *chinez* 4, 7; *coimbreense* 4 / *coimbricense*⁵⁴⁹ 2; *dinamarquez* 2; *escossez* 2; *europense* 2; *fluminense*⁵⁵⁰ 11, 15, 16; *francês* 8, 9, 11, 18 / *francez* 2, 4, 7; *genovês* 11 / *genovez* 2; *granatense*⁵⁵¹ 2; *hamburguez* 2; *holandês* 8, 16; *irlandez* 2; *javanez* 7; *lisboês* 6 /

⁵⁴⁷ A terminação *-ez* é mera variante gráfica de *-ês*, não estando, por isso, relacionada com o sufixo nominal *-ez* (cf. descrição de *-icia* / *-iça*; *-ície* / *-ice* (*-ece*) / *-ez-*). Veja-se Barreto (1980³a: 50), para quem "a convenção de se escrever *ez* por *ês* em *português*, *holandês*, *inglês*, *leonês*, e outros agudos ou oxítonos em *ês*, significativos de nação ou país – convenção infelizmente muito arraigada – como a de *es* por *ez* átono em *Méndez*, *López*, é puramente empírica e errônea, por isso que o étimo daquele sufixo é o lat. *ense*, e o desta terminação é *ici*, *iz*. *Pérez*, *Martínez* com *z* final escrevem os nossos irmãos latinos, — os Espanhóis".

⁵⁴⁸ Oriundo de ou relativo a Castelo Branco. Em PE, "da pal. latinizada Albicastru-".

⁵⁴⁹ Provavelmente formado por analogia com *conimbricence* [+lat].

⁵⁵⁰ Oriundo de ou relativo a Rio de Janeiro (cf. lat. flumīne- «rio»).

⁵⁵¹ Segundo Machado ([1952] 1977³), "de Granada, top. É falso cultismo, por *granadense*. Séc. XVII".

lisboez 2 / *lisbonense*⁵⁵² 2, 4, 6, 9 / *lisbonês* 6 / *olisiponense* 6; *maltez* 2; *maranhense* 4, 11; *marselhez* 4; *milanês* 5 / *milanez* 2; *mirandês* 5; *niteroiense* 18; *norueguez* 2; *paraense* 11; *pariziense* 7; *pavez* 2; *piamontez* 2 / *piemontês* 15; *piauiense* 18; *polonez* 2; *portomonense*⁵⁵³ 6; *redondense* 6; *riodonoreense* 6 / *riodonorês* 6 / *rionoreense* 6 / *rionorês* 6; *sergipense* 7; *setubalense* 9; *tarragonez* 2; *vienense* 11, 18; *vilacondense* 6; *vilanovense*

XIV (pl. XIII) *genoes*⁵⁵⁴ I23 ("e hũ lenho que ally hera de hũ genoes a que chamavão Pero Pallao")

XIII *Lam(ecensis)*⁵⁵⁵ S13 p. 18

XIII *visen(sis)*⁵⁵⁶ S13 p. 18

XIII *vlixbon(ensis)* S13 p. 18

1. 2. N + -ês (-ez) → Adj.:

'Característico de; relativo a'

*camponês*⁵⁵⁷ 15 / *camponez* 2, 4; *cortês* 8, 9, 11, 16, 18 / *cortez* 2, 7; *montanhês* 9, 15 / *montanhez* 4; *pedrês* 9, 11, 16, 18; *terrantez*⁵⁵⁸ 2

2. LAT.

2. 1. -ENSE

atheniense 4, 7 (lat.); *bracarense* 7, 11, 15, 17 (lat.); *caliponense*⁵⁵⁹ 6 (lat.); *conimbricense*⁵⁶⁰ 11, 15 (lat.); *coliponense*⁵⁶¹ 6 (lat.); *cretense* 16 (lat.); *eboreense* 2, 11;

⁵⁵² De *Lisbona* (cf. Leite de Vasconcellos [1911] 1966 : 379), o mesmo se verificando em *lisbonês* 6.

⁵⁵³ De *Porto de Mós*.

⁵⁵⁴ O m.q. *genovês*.

⁵⁵⁵ Do "lat. *Lamaecu-, top., «Lamego» + -ense" (cf. PE).

⁵⁵⁶ Em PE, *viseense* "de Viseu, top., + -ense".

⁵⁵⁷ Também ocorre como nome.

⁵⁵⁸ Em Machado ([1952] 1977³), "*terrantês*, adj. de *terrante*. Em 1514" (*terrante* não é, contudo, registado pelo autor) e em PE, "adj. natural ou oriundo de uma terra, país ou povoação".

⁵⁵⁹ Oriundo de ou relativo a Vila Viçosa. Em PE, do lat. *Callipõle*. Será que a troca do // final por /n/ se destina a evitar a confusão com *Colliponense*, por esta última forma ser anterior?

*flaviense*⁵⁶² 6 (lat.); *forense* 4 (lat.); 6 *pacense* 2 (lat.); *portuense* 7, 15 (lat.); *portugalense* 4 / *portugalês* 11 / *português* 5, 6, 7, 9, 11, 12, 16 (lat) / *portuguez* 2, 4, 7 (lat); *vimaranense* 6 (lat.)

XIII lat. *Bracaren(se)* S13 p. 39 / *bracharen(sis)* S13 p. 18 / *Bracharen(sis)* A106

XIII lat. *Colimb(rensi)s* S13 p. 18

XIII lat. *Egitan(ensis)* S13 p. 18

XIII lat. *Elboren(sis)* S13 p. 18

XIII lat. *Port(uca)lensis* S13 p. 99 / *Portugal(ensis)* S13 p. 18

XIII lat. *vima(ra)n(ensis)* S13 p. 83 / *vim(ara)n(ensis)* S13 p. 84

2. 2. -ÊS (-EZ):

burguês 16, 18 N / *burguez* 2, 4, 7 / *burgalez* 2 (lat.); *freguês* 8 N (lat.); *montês* 9, 11, 16, 18 / *montez* 2, 4, 7 Adj. (lat.); *tremês* 11 Adj. (lat.)

XIII lat. *burgaleses*⁵⁶³ S13 p. 184

XIII lat. *Portugaeses*⁵⁶⁴ S13 p. 144 / *port(ugaeses)* S13 pp. 102, 118, 122, 125, 126, 145, 146, 153, 158, A72, A77, A110, A112, A115, A116, A117, A118 / ((*port(ugaeses)*)) S13 p. 109 / *p(or)tug(aese)s* A88 / *p(or)tug(aese)s* A89, A90, A129 / *port(ugaeses)* A96 / *po(r)tugéeses* A97, A139 / *po(r)t(ugueeses)* A103 / *portugueses* D150, E6

⁵⁶⁰ Do lat. *conimbricense-, de Cõnimbrica (cf. Machado [1952] 1977³).

⁵⁶¹ Oriundo de ou relativo a Leiria (provavelmente do lat. *Collipo*).

⁵⁶² Oriundo de ou relativo a Chaves (do lat. *Aquae Flaviae*).

⁵⁶³ Tipo de moeda (cf. "E sse a carta de cousa for q(ue) ualha des mil m(a)r(auidi)s adeãte o escriuã receba por essa scritura #II (soldos) d(e) burgaleses e d(e) mil m(a)r(auidi)s a cento receba #I (soldo) d(e) *burgaleses* e de #C m(a)r(auidi)s a iuso receba #I (soldo) d(e) burgaleses e das cartas q(ue) fez(er) sob(re) p(re)yto d(e) mandas ou d(e) partiçoos ou d(e) casamentos receba #III (soldos) d(e) burgaleses"). Segundo Machado ([1952] 1977³), "de um lat. **burgalense*-".

⁵⁶⁴ Tipo de moeda. Cf., por exemplo, *port(ugaeses)* S13 p. 102 ("dem(os) aynda a ele de melloría. #xxiiij m(a)r(avedi)s uellos da bõa Moeda de Port(ugaeses)"); *port(ugaeses)* A96 ("na ffreguesia de san mamede por p(re)czo que de uos reczebi cõuẽ a ssaber czincoeõta s(oldos). de port(ugaeses)"; *po(r)tugéeses* A97 ("Recebemos de uos M(ar)tjn saluadorez Cjncoeõta l(i)bras de d(inhei)r(o)s po(r)tugéeses").

3. Empréstimos:

arnez 2, 7 (fr. ant.); *inglês* 6, 8, 11 / *inglez* 2, 4 (fr. ant. *engleis* > *anglais*); *leonez* 2 (cast.); *marquês* 8 / *marquez* 2, 7 (cast.); *soez* 11 (cast.)

XIV fr. ant. *arnes* N5

XIII fr. ant. *franceses* D66 / *françesses* H9

XIV fr. ant. *ingreses* D66, D150 / *ymgreses* H9

XIII prov. *marques* E3

Na opinião dos gramáticos históricos, a evolução do sufixo lat. *-ense* para *-ês* em português obedece à sequência *-ense* → *-ens* → *-ês*⁵⁶⁵. No entanto, não encontrei nos textos consultados nenhuma forma em *-ens*. Em contrapartida, em textos do séc. XIII ocorre a forma *-ensis* em vocábulos que aparentemente não foram formados em latim, (cf. XIII *Lam(ecensis)* S13 p. 18; XIII *visen(sis)* S13 p. 18; XIII *vlixbon(ensis)* S13 p. 18), aspecto que não é referido por nenhum dos autores consultados. De salientar, ainda, que, nesses textos, é possível examinar que os empregos de *-ensis* e de *-ês* são distintos: o primeiro ocorre, por exemplo em *Port(ucalensis)* S13 p. 99 / *Portugal(ensis)* S13 p. 18, em que *-ensis* designa o 'natural de', enquanto *-ês*, em XIII lat. *Portugaeses* S13 p. 144 / *port(ugaeses)* S13 p. 102, S13 p. 118, S13 p. 122, S13 p. 125, S13 p. 126, S13 p. 145, S13 p. 146, S13 p. 153, S13 p. 158, A72, A77, A110, A112, A115, A116, A117, A118 / ((*port(ugaeses)*)) S13 p. 109 / *p(or)tug(aese)s* A88 / *p(or)tug(aese)s* A89, A90, A129 / *port(ugaeses)* A96 / *po(r)tugéeses* A97, A139 / *po(r)t(ugueeses)* A103 / *portugueses* D150, E6, caracteriza um 'tipo de moeda'.

Segundo os gramáticos históricos, *-ense* ocorre em vocábulos eruditos e *-ês*, apontado como a sua contraparte vernácula, em formas portuguesas, como terei oportunidade de apresentar em seguida.

⁵⁶⁵ António R. Vasconcellos (1900: 128) explica a passagem de *-ense* para *-ês* da seguinte forma: o "Suff. *-ense* ← l. *-ensem*, em virtude das leis fonéticas, veio a dar o suff. de transição *-ens* e depois *-ês*, conservando-se a primitiva forma apenas no uso litterário: *mirandense* → *mirandens* → *mirandês*; *portucalense* → *portugalens* → *portugalês* → *portugaês* → *português*".

Carl von Reinhardstoettner (1878: 133) opina que *-ense* (do lat. "*ensis*") ocorre sobretudo em formas latinas (exs., *coimbricense*, *eborense*) e que *-ez* deu origem a formações portuguesas, como *burgonhez* e *milanez* e que quando se trata de formar derivados a partir de nomes de cidades o emprego de *-ez* é mais raro, sufixo que, segundo o autor, está disponível para outras formações, i.e. para formar derivados que não designam o 'natural de', como por exemplo *burguez*, *camponez*, *cortez*, *marquez*, etc..

Para Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 353), "*-ense / -ez(a)*" têm origem no "lat. *ensis*". O primeiro exprime, de acordo com os autores, 'procedência, origem' (ex.: *Maranhense*), enquanto o segundo é "contr. de *ense*, mas de emprego moderno" e, para além da acepção expressa por *-ense*, refere-se igualmente ao que é 'proprio de' (exs.: *camponez*, *montanhez*). Os gramáticos anotam que "os classicos conservavam as desinencias claras, isto é, as fórmulas completas dos vocabulos: *Egyptiano* (...), *Portugalense*, etc. Hoje quasi todos elles se apresentam syncopados: *Persa*, *Egyptio*, (...), *Portuguez*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 360).

Em "Nomes Pátrios e Gentílicos", Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 377) afirma que "os sufixos mais vulgares são *-ense* (literário), como em *Bejense*; e *-ês* (popular), como em *Português*, palavra que resultou de *Portugalês*. Um e outro provêm do latim *-ensis*, que se vê por exemplo em *Hispalensis*, *Pacensis* (...)". Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 379) acrescenta que "certos nomes derivam dos nomes antigos das povoações, ou até de supostos primitivos, isto é, de latinizações ou helenizações de nomes modernos" (por ex.: "*Albicastrense* (Castelo Branco, alatinado em *Castrum Album*)"). De acordo com o autor, "para uma mesma povoação há não raro derivados pluriformes", como *Bracarense* e *Braguês*, o primeiro formado a partir de *Bracara* e o segundo de *Braga*, mas "a pluralidade pode também resultar do emprêgo de dois ou mais sufixos originariamente diferentes" (exs.: *Redondeiro*⁵⁶⁶ e *Redondense*; *Lisbonense*, *Lisboeta* e *Lisboês / Lisbonês*).

Na introdução à sufixação, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹) realça a sinonímia dos sufixos "quando estes communicam ao thema o mesmo valor especifico" (Pereira [1916] 1935⁹: 204), como em *sergipano*, *sergipense*, *portuguez*, *brasileiro*, em que todos os sufixos indicam a 'naturalidade ou proveniência' e o facto de um mesmo sufixo poder assumir, por vezes, "fórmulas *divergentes*, ordinariamente uma *popular* e outra

⁵⁶⁶ Este nome tem, segundo Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 379), uma carga satírica.

erudita" (Pereira [1916] 1935⁹: 205), como por exemplo *portuense* e *francez*. Na descrição de "-ez, (= ês) ← ese ← ense → ensem", o autor refere que o sufixo "se prende, em geral, a nomes de cidades e paizes, ou localidades, para indicar seus habitantes; na dupla forma -ez (pop.) e -ense (erud.): *portuguez* (= ês), *francez*" (Pereira [1916] 1935⁹: 214), especificando que o sufixo "popular" pode ainda ocorrer em nomes do tipo de *arnez*, *burguez*, *marquez*, etc..

José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 378) trata -ão e -ês conjuntamente, pois, de acordo com o gramático, "à semelhança dos latinos -anu, -ense que representam, aglutinados, como eles, a radicais nominais, designam estes sufixos qualidade e quase sempre origem, proveniência, sendo neste último caso frequentes com nomes de localidades, caso em que, ao lado das formas populares, apresentam também as literárias indicadas", como, por exemplo *beir-ão*; *alentej-ano*; *lisbon-ense*, *setubal-ense*, etc..

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 245) considera que -ês e -ense "desempenham papel notável na formação dos nomes pátrios". Para o autor, -ês é a "redução de -ense, é a forma popular que se fixou em muitos vocábulos", enquanto a "forma primitiva [-ense], restabelece-se nas modernas criações" (exs.: *fluminense*, *vienense*, etc.), alargando, portanto, o seu campo de emprego a palavras não eruditas⁵⁶⁷.

Joseph Huber ([1933] 1986: 275) indica simplesmente que "-es < -e(n)se forma adj. de nomes de países e localidades: *portugues*⁵⁶⁸".

No seguimento de Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹), Francisco M. Sequeira (1938b: 99) refere que, por vezes, para transmitir a mesma "idéia acessória" concorrem diferentes sufixos, sobretudo quando se trata de "nomes de naturalidade", como em *algarvio* e *algarbiense*, *braguês* e *bracarense*, *coimbrão* e *conimbricense*" (Sequeira, 1938b: 103).

Na opinião de Ismael L. Coutinho (1938: 59), "-ês e -ense <-ense. Formam adjetivos, designando origem, naturalidade, qualidade" (exs.: *holandês*; *cearense*).

⁵⁶⁷ Opinião corroborada por Machado ([1952] 1977³), para quem "em Português tomou-se também o elemento popular para a formação de nomes pátrios: *chinês*, *genovês*, *francês*, *inglês*, *japonês*, *português*. Nas criações modernas e cultas usa-se o latinismo -ense: *bracarense*, *cearense*, *conimbricense* (ao lado de *coimbrense*), *eborense*, *fareense*, *fluminense*, *lisbonense*, *londrinense*, *maranhense*, *paraense*, *parisiense*, *portalegrense*, *portuense*, *setubalense*, *sintrense*, *vianense*, *vienense*, etc."

⁵⁶⁸ Segundo Huber ([1933] (1986: 18), *português* é uma "forma sincopada de *portugalez* < lat. med. *portugalense* (< Portu Cale)".

Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 79) limita-se a fornecer dois exemplos com "-ês e -ense: *braguês e bracaraense*", nada mais acrescentando.

O sufixo -ês é, para Mattoso Câmara Jr. (1975: 220), popular, enquanto -ense é erudito, tendo ambos origem no "lat. -ens(e-)", observando que, na formação de gentílicos, no português do Brasil, "a forma erudita é a mais produtiva".

Para além da etimologia, emprego e semanticismo de -ense / -ês (-ez), são tidos em consideração nas descrições dos gramáticos questões relativas à flexão de género e à grafia. Assim, António R. Vasconcellos (1900: 128) declara que os nomes em -ês, à semelhança do que se passava com os nomes em -or, eram uniformes no português arcaico, "como também no latim já eram *communis* aos géneros masculino e feminino as formas em -orem e -ensem. Desde o século XIV é que se foram tornando biformes. (...) Depois, por analogia, deriváram-se formas femininas pelo acrescentamento da característica -a" (Vasconcellos, 1900: 153)⁵⁶⁹.

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1975: 220), a flexão de feminino de -ês estabeleceu-se "já no português moderno e não se estendeu a três derivados que são unicamente adjetivos, e como tais, não têm desinência de feminino, de acordo com a morfologia dos adjetivos de tema em -e (...): *cortês, montês, pedrês*".

As considerações de Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 68) relativamente a -ense / -ês referem-se sobretudo à grafia. O autor especifica que "ês (ez), lat. *ense(m)*, como em *narbonense(m)*, *portuense(m)*. Vê-se, pois, que a forma *portucalense(m)* daria *portugalês* < *portugaês, português*, com *s* final, não *z*. E, de facto, é essa a forma primitiva". Assim, à semelhança de *português*, e pelo mesmo motivo, considera que deveria grafar-se *inglês, francês, marquês*, etc.

Após esta resenha, o primeiro aspecto que quero realçar é o facto de, frequentemente, os gramáticos históricos não procederem nas suas análises à caracterização das bases que estão na origem dos derivados formados com -ense / -ês, aspecto que considero indispensável.

⁵⁶⁹ Devido ao reduzido número de ocorrências de formas portadoras deste sufixo (em *Zur.*, por exemplo, só ocorre um derivado em -ês e nenhum em -ense), não me é possível apresentar exemplos que comprovem a justeza deste comentário nos textos dos séculos XIII, XIV e XV.

Como se pôde verificar no início, as bases às quais se solda *-ense* são, na sua maioria, bases [+lat], embora isso não signifique que possamos atribuir este traço a todos os derivados em *-ense*. Aquilo que os dados apresentados pelos gramáticos nos mostram é que, quando a base não é um Np, só uma das formas em *-ense* por eles indicada foi herdada (cf. lat. *forense* 4), enquanto quatro formas em *-ês* já existiam em latim. Por outro lado, a recolha de dados a partir dos textos usados para controlo forneceu seis formas em *-ês*, não sendo a maioria delas formada em português: três são empréstimos ao francês antigo (XIV fr. ant. *arnes* N5, XIII fr. ant. *franceses* D66 / *françesses* H9, XIV fr. ant. *ingreses* D66, D150 / *ymgreses* H9), uma ao provençal (XIII prov. *marques* E3), uma foi herdada do latim (XIII lat. *port(ugueses)* A57 / *portug(uese)s* A59 / *portugueses* D150, E6) e outra, supostamente, foi formada em português (XIV (pl. XIII) *genoes* I23 (o m.q. *genovês*)). Quando os gramáticos referem que *-ense* e *-ês* se juntam, por vezes, ao mesmo tipo de bases, há que especificar que eles aludem provavelmente a uma base que tem a mesma origem e o mesmo significado básico, mas que formalmente não são iguais. Veja-se, por exemplo, *bracarense* 7, 11, 15, 17 (lat.) / *braguês* 9, 15, 17, onde temos um vocábulo [+lat] e *brag-* + *-ês*.

Não incidindo o meu trabalho sobre sufixos formadores de adjetivos, não posso deixar de referir que, uma vez que todos os nomes em que intervêm *-ense* / *-ês*, são simultaneamente adjetivos, nos derivados exclusivamente adjetivais só ocorre *-ês*, com o significado de 'característico de; relativo a' (por exemplo, *campo*, *corte*, *montanha*, *pedra*, *terra*). Neste caso, o sufixo *-ês* parece ter-se distanciado do seu correlato latino *-ense*. Este novo emprego poderá ter originado a perda de *-ês*, no que diz respeito à formação de nomes e adjetivos que indicam 'naturalidade, proveniência', função que viria a ser assumida exclusivamente por *-ense*, o que vai ao encontro das opiniões de Ali ([1931] 1964³: 245) e de Câmara Jr. (1975: 220).

Outra característica que me parece relevante para a perda de disponibilidade de *-ês* são os reajustamentos que a sua junção às bases desencadeia, contrariamente ao que se verifica nos derivados em *-ense*, em que não se registam fenómenos morfofonológicos significativos, tal como se pode observar abaixo:

- queda do morfema final da base (exs.: *albanês* 8 (*Alban(ia)* + *-ês*); *escossez* 2 (*Escóc(ia)* + *-ez*); *maranhense* 4, 11 (*Maranh(ão)* + *-ense*); *pavez* 2 (*Pav(ia)* + *-ez*); *polonez* 2 (*Polón(ia)* + *-ez*));
- desnasalização de *-ão* em posição final da base (exs.: *aragonês* 15 / *arragonez* 2 (*Aragão*); *avinhonez* 2 (*Avinhão*); *milanês* 5 / *milanez* 2 (de *Milão*));

- passagem de [g], após truncção da vogal final, a [ʒ]. Ex.: *carthaginez* 4 (de Cartágo);
- passagem de [ʃ] , em posição final de palavra a [n]. Ex.: *portomonense* 6 (de *Porto (de) Mós*);
- intercalação de uma consoante eufónica entre a base e o sufixo, de modo a evitar o hiato. Exs.: *Java* + **-n-** + **-ez** 7;
- inserção de uma vogal de ligação (exs.: *brasiliense* 4, 7; *pariziense* 7);
- alteração meramente gráfica, destinada a manter a mesma pronúncia: passagem de <c> a <qu> e a <ss> e de <g> a <gu> (exs.: *dinamarquez* 2; *escossez* 2; *braguês* 9, 15, 17 / *braguez* 7; *hamburguez* 2; *norueguez* 2);
- selecção de uma base [+lat] (exs.: *albicastrense* 6; *fluminense* 11, 15, 16).

Na medida em que, na formação de nomes e adjectivos designando 'naturalidade', o sufixo *-ense* tanto ocorre em vocábulos [+lat] como em formações recentes e *-ês* se circunscreve a um grupo mais restrito, parto do princípio que este último é uma variante do primeiro e, por isso, não os considero sufixos distintos. Contudo, parece-me que, em português, se deve ter em conta a existência de um sufixo autónomo *-ês* adjectival, pese embora o facto de, provavelmente, ele já não se encontrar disponível.

4. 2. 5. –ICIA / -IÇA, -ÍCIE / -ICE (-ECE) / -EZ-⁵⁷⁰

As descrições dos gramáticos históricos relativas aos sufixos *-icia / -iça, -ície / -ice (-ece)* e *-ez-* são mais ou menos coincidentes quanto à etimologia latina dos mesmos (*-itīa, -itīe*) e ao facto de os vocábulos em que participam serem nomes abstractos. É o caso, por exemplo, de: Theophilo Braga (1876: 35) que, em "Substantivos Derivados de Adjectivos", dá exemplos de nomes em *-ice* e em *-ez-*, em que os sufixos se juntam a adjectivos para formarem nomes abstractos (exs.: *firmeza; gulosice*); Carl von Reinhardstoettner (1878: 135), para quem os nomes em *-icia* ("lat. *itia*"), como *avaricia* são substantivos abstractos herdados do latim que designam "acção", sufixo latino que, nas novas formações, dá lugar a *-iça* e, sobretudo, à "popular *eza*"⁵⁷¹; Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 344-345), segundo os quais "*ez, eza* (lat. *itia*). Indica qualidade, estado" e, tal como *-ura* e "*-dade*", forma nomes abstractos (*rapidez; fortaleza*), facto que contribui para que se "oponham"⁵⁷², acepções partilhadas por *-icia / -iça*⁵⁷³ e por *-ície / -ice* ("lat. *itie*"); Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 211), que considera que "*-eza, -iça ← icia, ictiam; -ice, -ície e -ez ← itiem*" formam nomes abstractos a partir de "themas nominaes", sendo frequentes as "fórmulas derivativas divergentes", do tipo de *justeza e justiça; nudeza e nudez; estultice e estulticia; meninice e meninez*; etc., assinalando-se que os derivados em *-ice* têm, muitas vezes, uma acepção pejorativa; Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 69), autor que filia os sufixos nominais *-eza, -iça* e *-icia* ao "lat. *itia(m)*", considerando que *-iça* é a forma "intermédia" e que *-icia* "existiu no portuguez archaico (...) e o nosso povo ainda a conserva" (ex.: *avaricia*), empregando-a para substituir "o suffixo *ice* na linguagem culta" (ex.: *bobicia* por *bobice*). Os sufixos *-ez* e *-ice*, têm origem, segundo o gramático,

⁵⁷⁰ Desta série fazem também parte *-ício / -iço*, os quais não trato, pois os mesmos ocorrem exclusivamente em adjectivos.

⁵⁷¹ De acordo com o gramático (cf. Reinhardstoettner, 1878: 135), os sufixos *-ice* e *-ez(a)* originaram-se da forma "*ities*", que ocorre em palavras eruditas, como por exemplo *calvicie* e *planicie*.

⁵⁷² Para Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 344), *-ez / -eza* "opunha-se no seculo XV a *ura, dade: brandeza* por *brandura, fortaleza* por *fartura, viuvidade* por *viuvez, nuidade* por *nudez*... E ainda temos exemplos d'esta confusão em *clareza claridade, torpeza torpidade, tristeza tristura*, etc."

⁵⁷³ O sufixo *-iça* é classificado pelos autores como a "f. pop. accessoria, do lat. *itia*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 345).

em "*itie(m)*" e, juntos a adjetivos, formam nomes abstractos; José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 374-375), que faz corresponder os sufixos *-eza*, *-ez* e *-ice* "aos latinos *-itia*, *-itie* e *-ītie*, dos quais os dois últimos apenas na quantidade da vogal inicial divergem entre si", sufixos que servem para formar nomes abstractos a partir de adjetivos e também a partir de nomes, no que diz respeito a *-ice* (exs.: *certeza*; *altivez*; *velhice*; *meninice*, etc.); Francisco M. Sequeira (1938b: 97-98), o qual descreve sumariamente os sufixos *-eza*, *-ez* e *-ice*, fazendo-os acompanhar de alguns derivados que são "nomes abstractos de estado ou de qualidade, correspondentes aos adjetivos de que se faz a derivação"; Ismael L. Coutinho (1938: 59), que acha que "*-eza* <*-itia*, *-ez* e *-ice* <*-itie*, *-or* <*-ore*. Designam qualidade e estado, servindo para formar substantivos e adjetivos" (exs.: *braveza*; *rudez*; *estroinice*; *negror*)⁵⁷⁴ e, por último, de Mattoso Câmara Jr. (1975: 224), que refere que os sufixos *-ez* / *-eza*, do latim "*-iti(-e)*, *-iti(-a)*, com grande extensão em latim vulgar", são muito produtivos em português (exs.: *palidez*; *magreza*), o mesmo acontecendo com a "variante semi-erudita *-ic(e)*"⁵⁷⁵ e uma, francamente erudita, *-ici(e)*" (exs.: *tolice*; *calvície*).

I. PORT.

1. -ICE

'Qualidade (geralmente negativa); propriedade'

1. 1. Adj. + -ice (-ece) → N:

*alcovitice*⁵⁷⁶ 2; *arteirice* 9; *beatice* 11; *bebedice* 2, 11 / *bevedice* 12; *bobice* 8; *burrice* 8, 9; *caturrice* 7; *ceguice* 4; *cortezanice* 2; *doidice* 15 / *doudice* 1, 2, 7, 11; *esquisitice* 9;

⁵⁷⁴ Não se percebe porque é que o autor trata *-or* conjuntamente com os restantes sufixos e, além do mais, nenhum dos exemplos fornecidos pertence à categoria adjetivo.

⁵⁷⁵ Para além desta, o autor indica que *-iça* (de *-itia*) também é uma variante semi-erudita, a qual "só aparece em *justiça*, que veio formado do latim" (Câmara Jr., 1975: 224). Como se sabe, *justiça* não é o único vocábulo [+ lat] em *-iça*.

⁵⁷⁶ Parto do princípio que a base é o adjetivo *alcoviteiro*, com truncação do sufixo *-eiro* ao dar-se a junção de *-ice* (cf. *alcoviteirice*). Além do mais, em nenhum outro caso a base que serve de formação aos nomes em *-ice* é um radical verbal.

estroinice 16; *estultice* 7⁵⁷⁷; *faceirice* 7; *fanfarrice* 11 / *fanfarronice* 7; *garridice* 2, 7; *guapice* 2; *gulodice* 7, 9 / *gulosice* 1; *ligeirice* 2; *malandrice* 11; *meiguice* 11, 15, *modernice* 2, 11; *mouquice* 1; *parvoíce* 11, 16; *patetice* 4, 11; *pequice*⁵⁷⁸ 7, 9, 15; *pieguice* 7; *rouquice* 2; *sandice*⁵⁷⁹ 11 / *sandee* 12; *tolice* 8, 11, 18; *tontice* 7; *velhice* 1, 2, 4, 7, 9, 11, 15, 12 / *velhece* 9

XIV *arteyriças* Q9 / *arteirice* D241

XIV *bevedice*[s]⁵⁸⁰ D52, D78, D126, D131, D134, D138, D203, D266

XIV *gargantoice*⁵⁸¹ D129, D131, D182, D250, D258 / *gargantuice* D130, D203

XV *golosice* D95

XV *pequice*⁵⁸² D241 ("Na prudencia o sobejo se chama em latim ingenium ou astucia, ou caliditas que, em linguagem, querem dizer maa sagidade ou arteirice mais que o que compre, ou malicia. E o seu minguado é crassitudo em latim, que quer dizer, em linguagem, pequice.")

XIII *sandice*[s] D22, D86, D132, D188, D214, D222, D223, D329, D340

XIV *solteirice* A50 / *solteiriçe* A7 ("se o peom faz filhos. sendo soltejro. & en molher solteira. & se casa de poys & faz filhos en sa molher. se morrer uerram os filhos q(ue) forom feitos en solteiriçe. a h(er)dar cõ os outros dessa molher aínda q(ue) o padre nõ erde.")

XIII *velhice* D16, D123, D126

⁵⁷⁷ Forma não registada nos dicionários consultados; presumivelmente, formada em português, a partir do adj. *estulto* (cf. *estultícia*, lat. XVI).

⁵⁷⁸ Do adj. *peco* ("definhado; estúpido, bronco"; cf. PE).

⁵⁷⁹ De *sandio* ou *sandeu*. O m.q. *sandez*.

⁵⁸⁰ O m.q. *bebedice*, de *bêbedo* XIII.

⁵⁸¹ Do adj. *gargantão*.

⁵⁸² Cf. nota 9.

1. 2. N + -ice (-ece) → N:

artice 2, 12; *bacharellice* 11; *bernardice* 7; *creancice* 16 / *criancice* 9; *damice* 1, 2; *doutorice* 7; *fanchonice*⁵⁸³ 2; *freirice* 2; *gabolice* 7; *garotice* 9; *gatunice* 11; *gramatiquice* 11; *mancebece* 9; *meninice* 7, 8, 9, 16; *momice* 7; *perrice* 11; *rabugice* 11

2. -EZ-:

2. 1. Adj. + -ez- → N:

'Qualidade; propriedade'

afoiteza 9; *agudez* 9; *alteza* 2; *altivez* 2, 8, 9, 11, 15, 16 / *altiveza* 2, 11; *ardidez* 11 / *ardideza* 11; *aridez* 2, 8, 9 / *aridez* 2; *baixeza* 2, 9, 15; *beleza* 2, 7, 9, 15, 16; *blandez* 11; *boniteza* 9; *brandeza* 4; *braveza* 16; *calvez* 2; *candidez* 2 / *candidez* 2; *careza* 7; *certeza* 1, 9, 16; *clareza* 4, 7; *cruelza* 11; *cruza* 2, 9, 12; *delicadeza* 2, 9; *(des)nudez* 9; *dobrez* 9, 11 / *dobreza* 11; *dureza* 2, 8, 9, 15; *embriaguez*⁵⁸⁴ 9; *escassez* 9, 11 / *escasseza* 11, 12; *escureza* 2, 12; *estranhez* 9; *estupidez* 9; *firmeza* 1, 9; *franqueza* 2, 9; *fraqueza* 2; *frieza* 1, 7; *frigidez* 7; *frouxeza* 2; *gentileza* 9; *grãadez* 12 / *granadez*⁵⁸⁵ 12; *grandeza* 8; *graveza* 2; *hediondez* 9; *honradez* 8, 9; *igualeza* 2, 11; *inteireza* 9; *intrepidez* 9, 11 / *intrepidez* 11; *justeza* 1, 2, 7; *languidez* 2; *largueza* 2, 4, 7; *ligeireza* 2, 15; *limpeza* 2, 7, 9, 12; *limpidez* 7; *lindeza* 9; *liquidez* 2; *maciez* 9; *madurez* 2, 9 / *madureza* 2, 9; *magreza* 2, 9, 18; *maleza* 2, 11; *malvadez* 7 / *malvadeza* 7; *mesquinhez* 2, 9; *molleza* 2; *morbidez* 7 / *morbidez* 7; *mudez* 2; *nitidez* 2, 9; *nobreza* 2, 9, 12; *nudez* 4, 7, 9 / *nudeza* 7; *pacatez* 9; *palidez* 18; *pequenez* 2, 7, 9, 11, 15 / *pequenez* 11 / *pequenez* 2 / *pequenez* 2; *presteza* 9; *profundeza* 2; *pureza* 2, 7, 8, 9; *rapidez* 2, 4, 9, 15 / *rapidez*⁵⁸⁶ 9; *rareza* 2; *redondez* 9 / *redondeza* 1, 9; *rigidez* 8; *riqueza* 2; *rispidez*

⁵⁸³ Não sei se esta forma deriva de *fanchona* ('mulher robusta e airosa', cf. PE) ou se de *fanchono* ('homossexual'), nomes para os quais se indica "etim. obsc."

⁵⁸⁴ De acordo com PE, "do port. ant. *embriago* [=embriagado] + -ez".

⁵⁸⁵ Huber ([1933] 1986: 275) especifica o significado destas formas variantes como sendo o de 'fidalguia, maneira de pensar nobre'.

⁵⁸⁶ Nunes ([1919] 1989⁹: 375) considera que este derivado em -eza só ocorre popularmente.

2, 9; *rudez* 9, 11, 16 / *rudeza* 2, 9, 11; *rustiqueza* 2; *sandez*⁵⁸⁷ 12; *simpleza* 1 / *simpresa*⁵⁸⁸ 9; *singelez* 9; *sisudez* 9; *solidez* 2, 9; *sordidez* 9; *surdez* 2, 4, 9, 16 / *surdeza* 2; *tibieza* 2; *torpeza* 2, 4; *vasteza* 2; *viuvez* 4, 7, 9, 15 / *viuveza* 7

XV *ardideza*⁵⁸⁹ M17, O1, Q21 / *ardedeza* G26

XIV *aspereza* D196, H16

XIV *brandeza* D181, D354 / *blandeza* D196 (cf. *brandura* XIV)

XV *breveza* D75

XV *clareza* K10 (cf. *claridade* XIII, lat.)

XIII *crueza* K27 (cf. *crueldade* XIII, lat.)

XV *destreza* M10

XIV *dureza* D36

XIII *escacesa* D214, D335 / *scacesa* D221

XIV *escureza* K11 (cf. *escuridade* XIV)

XIV *firmeza* K30, N8, P8, D14, D36, D81, D87, D121, D137, D168, D199, D228, D239, D251, D257, D310

XIII *framqueza* M23

XIII *fraqueza* E26, K25, L20, L26, D36, D80, D82, D100, D102, D103, D105, D107, D124, D126, D128, D149, D152, D163, D215, D218, D238, D243, D244, D245, D262, D272, D280, D292, D301, D302, D304, D335, D373, D374

XIII *graveza* H16, I21, D188 (cf. *gravidade* XIII, lat.)

XV *leveza* M16 (cf. *levidade* XV, lat.)

XV *liberaleza* D114 ("E por em quem deste vicio se quiser com a graça do Senhor guardar, de todas quatro partes se guarde, havendo-se como convem liberaleza, que é ùa virtude, posta e declarada nas Eticas d'Aristotiles"), D318, D319, D325 (cf. *liberalidade* XV, lat.; *liberal* XIV)

XIV *limpeza* D42, D86, D162, D190, D191, D260 (cf. *limpidão* XIII)

XIV *madureza* Q10, D62 (cf. *maturidade* 1813, lat.)

XIII *maleza*⁵⁹⁰ D185, D188 (cf. *maldade* XIII, lat.)

⁵⁸⁷ Segundo Machado ([1952] 1977³), "do radical de *sandio*. Séc. XIII"; *sandio* vem do cast. e apresenta uma variante: *sandeu*, ambos de "etimologia obscura".

⁵⁸⁸ Trata-se, segundo Nunes ([1919] 1989⁹: 375), de uma forma arcaica.

⁵⁸⁹ De *ardido* (valente, corajoso), XIII.

XV *miudeza* K22 ("não curamos de escrever a miudeza de seus feitos.")

XIV *natureza* E26, G2, H10, H11, H12, H16, I21, K25, L20, L26, L27, M6, M16, M21, N25, O9, P5, Q17, Q26, D322 (de *natura* N, XIII, lat.)

XIII *nobreza* E3, F2, F9, H12, H21, I6, L11, L12, M7, M15, M19, M22, M23, M26, N5, N24, N26, O1, O18, O22, P8, P18, Q9, Q22, Q24

XIII *pobreza*⁵⁹¹ A5, D311 / *probeza* A5 / *proveza* D103, D125, D157, D159, D164, D296, D322

XIII *riqueza*[s] D26, D27, D28, D44, D48, D49, D106, D125, D128, D157, D158, D159, D160, D185, D202, D206, D230, D274, D295, D296, D297, D300, D317, D323, D324, D326, D328 / *rriqueza*(s) E4, E8, E11, E12, L11, N29

XIV *rudeza* D125

XV *sagaçezas*⁵⁹² Q9 (cf. *sagacidade* XV lat.)

XIV *simpresa* D39, D152, D293 (cf. *simplicidade* XIV, lat.)

XIII *sotileza*[s] D44, D144, D209, D289, D343, D360

XV *tibeza*⁵⁹³ D28

XIII *villeza* L12, O23

XV *viveza* H2, L24 (cf. *vivacidade* XVI, lat.)

2. 2. Adj. + -ez- → N:

'Dimensão (espacial)'

XIII *allteza*⁵⁹⁴ F9

XIV *bayxeza* E7

XV *curteza* D47, D257

XIII *gramdeza*⁵⁹⁵ E6, E18, H4, H9, H11, I4, K10, L1, M7, M19, M21, M24, N27, P16, Q18 / *grãdeza* H21 / *grandeza* D138, D183, D297, D300, D310 / *graadezas* D117

⁵⁹⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), forma divergente pop. de *malícia*.

⁵⁹¹ Esta foi a única forma em *-eza* que encontrei em textos do séc. XIV.

⁵⁹² Não encontrei esta forma registada nos dicionários consultados. Provavelmente de *sagaz*.

⁵⁹³ O m.q. *tibieza*. De *tíbio* (morno, tépido).

⁵⁹⁴ Na acepção de altura, elevação.

XV *igualeza* D321 / *ygualleza* O27, [*des*]ygualleza L2, P4 (cf. *igualdade* XIII, lat.)

XIII *largueza* D128, D205, D249, D321, D325, D327 (cf. *largura* XIII)

XV *pequeneza* D102 ("Pusalamidade, que é pequeneza de coração.") (cf. *pequenez* 1836)

XIV *rredomdeza* L12

2. 3. N + -ez- → N:

'Característico de'

amarellidez 2; *favoreza* 2, 11; *fereza* 16; *meninez* 7

2. 4. Empréstimos:

fortaleza 2, 4, 7 (prov.); *pereza* 2 (cast.); *princeza* 1, 4 (do fr., pelo cast.);

XIII prov. *fortalleza* A48, A56, A57, A58, E2, E26, G8, I7, K12, K25, L11, L12, L24, L25, M11, N3, N21, N23, N25, O26, P5, P18 / *fortelheza* A53 / *fortealeza* D44, D48, D63, D77, D82, D124, D133, D155, D184, D200, D201, D227, D243, D244, D245, D246, D250, D251, D255, D288, D290, D301, D333, D335, D336, D337

II. LAT.

1.

1. 1. ICIA:

avaricia 2 (lat.); *blandicias* 7 (lat.); *bobicia* 8 (lat.⁵⁹⁶); *carícia* 7, 11 (lat.); *delícia* 11 (lat.); *estulticia* 7 (lat.); *imundícia* 7, 11 (lat.); *malícia* 4, 7, 11 (lat.); *milícia* 7, 11 (lat.); *notícia* 11 (lat.); *perícia* 11 (lat.); *policia* 11 (lat.); *sevincia* 2 (lat.); *superfícia* 11 (lat.)

⁵⁹⁵ Tal como foi referido anteriormente, *grandeza* tanto pode significar 'fidalguia, maneira de pensar nobre' (cf. Huber [1933] 1986: 275), como 'grande dimensão'. Cf., por exemplo, os seguintes contextos: E6 "gramdeza dos feitos"; E18 "gramdeza de coração"; H4 "gramdeza e alltura do navio". Cf., ainda, o antónimo XV *pequeneza* D102.

⁵⁹⁶ Forma não registada nos dicionários consultados; presumivelmente, do latim (cf. a forma portuguesa *bobice*).

XIV lat. *avaricia* D264

XIII lat. *malícia* A8 / *malícias* A62 / *malicias* A62 / *malicia* D17, D108, D143, D199, D212, D223, D241, D261, D264, D303, D305, D323, D324

1. 2. -IÇA:

avariça 12 (lat.); *carniça* 12 (lat.); *cobiça* 2, 9, 11 (lat.); *cortiça* 11 (lat.); *cubiça* 8 (lat.); *hortaliça* 8 (lat.); *justiça* 2, 4, 7, 8, 11 (lat.); *lediça* 9 (lat.); *moíça* (lat.⁵⁹⁷) 9; *preguiça* 4, 7, 9, 11 (lat.)

XIII lat. *cubiça* S13 p. 270 / *cobiça* K25, K26, Q3 / *cobiiça* D47, D108, ...

XIII lat. *justiça* S13 pp. 172, 187, 163, 188, 200, 283, 284, 285, A2, A3, A4, A6, A7, ..., H15, H16, N24, D26, D35, D38, D62, D63, D74, D81, D82, D84, ... / *iustiça[s]* S13 pp. 107, 178, 179, 181, ..., A22 / *J(us)tiça* A1 / *j'ustiça* A26 / *ústiça* A40

XIII lat. *preguiça* K27, D80 / *preguyça* N3 / *priguiça[s]* D102, D103, D104, D105, D107...

XIII lat. *p(ri)miças*⁵⁹⁸ S13 p. 178

2.

2. 1. -ÍCIE:

calvície 2, 4, 7, 11, 18 (lat.); *canície* 11 (lat.); *crassicie* 2 (lat.); *imundície* 7, 11 (lat.); *planície* 2 (lat.); *superfície* 11 (lat.)

2. 2. -ICE:

ledice 2, 9, 11, 12 (lat.)

XIV lat. *ledice* D41, D93, D94, D95, D126, D175, D307

3. -EZ-

avareza 2, 9 (lat.); *tristez* 4, 7, 11 (o m.q. *tristeza*, lat.);

⁵⁹⁷ Forma não registada nos dicionários consultados; presumivelmente, do latim (cf. Machado [1952] 1977³: *molícia*, do lat.; *molície*, lat., *moliço*, lat.).

⁵⁹⁸ Em Cunha ([1982] 1987²), *premissa* / *promissa* XV.

XIV lat. *avareza* D15, D71, D113, D114, D138, D228, D233, D252, D254, D256, D257, D283, D285, D323, D324, D327, D358

XIII lat. *tristeza*[s] E25, F1, K26, M11, N24, P1, P5, D16, D32, D33, D41, D47, D66, D70, D71, D72, D73, D74, D75, D77, D78, D80, D81, D82, D83, D84, D85, D86, D88, D90, D92, D94, D95, D97, D98, D99, D100, D101, D106, D121, D151, D167, D175, D193, D195, D198, D254, D257, D269, D270, D274, D277, D282, D284, D294, D304, D309, D310, D317, D366

4. -ESA / -ESSA / -ISA:

abadessa 4 (lat.) / *abbadessa* 1 (lat.); *condessa* 1 (lat.); *poetisa* 1, 4; *prophetisa* 1 (lat.); *sacerdotisa* 1 (lat.)

XIII lat. *abadessa* A49 / *abbadessa* A49, A50, A51 / *Abadesse* A139

XIII lat. *Condesa* A114, A115 / *condessa* A113, A114

XV lat. *saçerdotisa*⁵⁹⁹ F7

Alguns gramáticos históricos diferenciam o estatuto de *-icia* / *-iça*⁶⁰⁰, *-ície* / *-ice* *-ece*) e *-ez-*, referindo que enquanto *-icia* / *-iça* e *-ície* ocorrem quase sempre em palavras herdadas, *-ez-* deu origem a muitos derivados nominais abstractos em português, designando a 'qualidade; característico de'. Veja-se, por exemplo, Nunes [1919] 1989⁹: 376), para quem o sufixo *-iça* que ocorre, por exemplo, em *cal-iça* e

⁵⁹⁹ Em Cunha ([1982] 1987²) XVI.

⁶⁰⁰ Diferente do sufixo homónimo, feminino de *-iço* (lat. *-īcius*; port. *-ício* / *-iço*), que se junta a formas verbais para derivar adjectivos, "com a noção de 'referência', como *movediço* / *movediça*" (Cunha [1982] 1987²: 420-421). Para Piel (1940a: 222), *-iça*, em nomes como *curriça*, *lagariça* e *linguiça*, "não é nenhum sufixo erudito, mas a legítima forma portuguesa de *-ICIUS*, *-ICIA*", expressando a ideia de 'semelhança', considerando que não é raro "que um sufixo adjectívico passe a formar substantivos".

Para o gramático, o sufixo *-iça* que ocorre, por exemplo, em *cal-iça* e *carn-iça*, pode ter tido origem em *-ícia* ou em *-itia*, encontrando-se este último sobretudo em palavras herdadas, como *cobiça*, *perguiça*" (Nunes [1919] 1989⁹: 376).

carn-iça, pode ter tido origem em *-ícia*⁶⁰¹ ou em *-itia*, encontrando-se este último sobretudo em palavras herdadas, como *cobiça*, *perguiça*" e Ali ([1931] 1964³: 234), que acha que *-ícia / -iça* ocorrem em vocábulos oriundos do latim, faltando-lhe "a facilidade de produzir novos substantivos no seio da língua portuguesa". Por outro lado, considera que a "terminação *-ície*, modelada sobre o latim, é própria do português moderno", embora nenhum dos exemplos fornecidos (*calvície*, *canície*, *imundície*, *superfície*) confirmem esta afirmação, pois todos eles são [+lat].

Como pudemos verificar, todos os exemplos em *-ícia / -iça* apontados pelos gramáticos ou recolhidos nos textos são formas [+lat], assim como o são as em *-ície*. O sufixo *-ez-* será, pois, o descendente português mais genuíno do lat. *-itia*, enquanto *-iça* é considerado a forma divergente do mesmo sufixo latino⁶⁰². Segundo Piel (1940a: 221), *-iça* "deve representar uma forma mais recente do sufixo latino [*-itia*]. Por outras palavras: as formas em *-iça* foram tiradas do latim medieval numa época, em que a transformação românica do *i* breve em *e*, e a sonorização do *ç* em *z* já se tinha operado"⁶⁰³.

⁶⁰¹ Nunes ([1919] 1989⁹: 376), apresenta este sufixo latino conjuntamente com "*-acea*, *-aceu* ou *-acia*, *-aciu*, *-ícia*, *-íciu*, que, juntos a temas nominais ou verbais, serviam para formar adjectivos" e que dariam em português *-aça*, *-aço*, *-iça*, *-iço*.

⁶⁰² Piel (1940a: 221) é um dos autores que exprimem esta opinião, acrescentando que "também as outras línguas românicas apresentam *-ITIA* sob dois aspectos: fr. *-esse* e *-ice*, it. *-ezza* e *-izia*, esp. *-eza* e *-icia*" e Ferreira (1997: 130) relembra "a vacilação *-ITIE/-ITIA* do próprio latim (*MOLLITIES / MOLLITIA*, *MUNDITIES / MUNDITIA*, *TRISTIES / TRISTITIA*, etc.)"

⁶⁰³ Em nota, o autor esclarece que "*-eça*, em *cabeça* < *CAP-ITIA*, representaria uma espécie de compromisso entre *-eza* e *-iça*" Piel (1940a: 221). Cf. as seguintes atestações, em textos do séc. XIII: "pose ao home a cabeça encima do corpo e neella posse razão ((e)) entendimento d(e) como se deu a guiar os outros nembros e como an de seruir e d'aguardar todos a cabeça mays qua a ssy meemos." (S13 p. 175); "Jhoã cab(e)çyas D(omin)g(o)s ualbona." (S13 p. 150); "Et Aos Almocouares e os Mayoraes das Ouellas recaden ellas en guisa q(ue) den ellas a se(us) donos ou os signaes das grandes e se llos n(õ) d(e)ren entreguêlas. ergo tâto lis p(er)doam(os) d(e) q(u)inêtas Cabezas #xx \$ Et os alganames recebam a se(us) segn(or)es os Carneyros uedros por segn(os) marauidis e os nou(os). por #xij s(o)l(dos). \$ Et Aos porcariços mandam(os) q(ue) d(e) todos os porquos q(ue) trouserem en o Campo q(ue) den delles recabedo dos signaes ou dos viu(os). Et os q(ue) os trouserem en o soueral dẽ do Alfeyre recado como se os trouessen en o chão. Et dos bacoros q(ue) trouser en o soueral d(e) q(u)inêtas cabezas se sse end(e) algúis p(er)derem p(er)doarlis end(e) #xx Cabeças." (S13 p. 301).

Excepto, *avaricia* 2 (também em D264) XIV⁶⁰⁴ lat. e *malícia* 4, 7, 11 (cf. também *malícia* A8 / *malícias* A62 / *malicias* A62 / *malicia* D17, D108, D143, D199, D212, D223, D241, D261, D264, D303, D305, D323, D324) XIII lat., exemplos a que poderíamos juntar igualmente *milícia* 7, 11 (XIV lat.); *notícia* 11 (XIV lat.) e *policia* 11 (XV lat.), as formas [+lat] em *-ícia* são, na sua maioria, posteriores ao século XV: *blandicias* 7 (XVII lat.); *bobicia* 8 (lat.); *carícia* 7, 11 (XVII lat.); *delícia* 11 (XVI lat.); *estulticia* 7 (XVI lat.); *imundícia* 7, 11 (XVI lat.); *perícia* 11 (XVI lat.); *sevicia* 2 (XVII lat.); *superfícia* 11 (XVI lat.). Nas formas em *-ície* encontramos uma situação análoga: *calvície* 2, 4, 7, 11, 18 (1836 lat.); *canície* 11 (lat.)⁶⁰⁵; *crassicie* 2 (XVIII lat.); *imundície* 7, 11 (XVI lat.); *planicie* 2 (XVI lat.); *superfície* 11 (XVI lat.).

Tal como salientado por Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 344) e Ali ([1931] 1964³: 233-234), *-ez-* junta-se por vezes a bases que são seleccionadas por outros sufixos nominais, principalmente *-ura*, *-idade* e *-idão* (cf. descrição destes sufixos) ou que são formas [+lat], como em *brandeza* 4 / *brandura*; *braveza* 16 / *bravura*; *clareza* 4, 7 / *claridade*; *cruелеza* 11 / *crueldade*; *escureza* 2, 12 / *escuridão*; *frouxeza* 2 / *frouxidão*; *graveza* 2 / *gravidade*; *igualeza* 2, 11 / *igualdade*; *maleza* 2, 11 / *maldade*; *rareza* 2 / *raridade*⁶⁰⁶. Esta circunstância terá contribuído, segundo Ali ([1931] 1964³: 233-234), para que os derivados em *-ez-*, "por efeito da concorrência de outras formações que significavam a mesma cousa", se tornassem "menos usados ou desapareceram de todo" (por ex.: *igualdade*; *favor*; *maldade*; *crueldade*; *liberalidade*; *brandura*; etc..., por *igualeza*; *favoreza*; *maleza*; *cruелеza*; *blandeza*; etc...).

Ao proceder ao tratamento do sufixo *-ez-*, e no seguimento dos estudos dos gramáticos, tive algumas hesitações sobre o estatuto a atribuir a *-ez* e *-eza*, i.e., se deveria considerá-los como variantes ou se deveria catalogá-los como sufixos diferentes, como fazem, por exemplo, Lacuesta e Gisbert (1999: 4561), autores que justificam esse procedimento devido às restrições fonológicas e semânticas que *-ez*

⁶⁰⁴ Datações de Cunha ([1982] 1987²).

⁶⁰⁵ Em PE, do lat. *canitĕ-*, de *canu-*, «velho». Não encontrei a datação desta forma.

⁶⁰⁶ Embora não referido explicitamente pelos gramáticos, através dos exemplos fornecidos pode observar-se que *-eza* se caracteriza por se soldar a adjectivos simples (exs.: *baixeza* 2, 9, 15; *beleza* 2, 7, 9, 15, 16).

impõe às bases, nomeadamente: a preferência por adjectivos proparoxítonos em *-ido*; a terminação de muitas bases em dental; a tendência de *-ez* para indicar estados ou características humanas negativas e a alusão a dimensões e aspectos externos e materiais, como a cor. Importa referir que, no *corpus* que estou a analisar, dos 40 derivados em *-ez*, só 12 são proparoxítonos em *-ido* e, destes, 3 também ocorrem com *-eza* (cf. *aridez* 2; *morbidez* 7; *rapidez* 9); confirma-se a preferência por bases terminadas em dental (32 bases); quanto à tendência de *-ez* para exprimir características humanas negativas, penso que os autores não discriminam o semanticismo do adjectivo a que o sufixo se junta e o do derivado (cf. por exemplo, *sordidez* 9, de *sórdido* e *honradez* 8, 9, de *honrado*); finalmente, só um dos derivados (*amarellidez* 2) é alusivo à cor.

A alternância *-ez* / *-eza* é, segundo José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 367), frequente como atestam vários pares (exs.: *estranhez*, *estranheza*), considerando ainda que nas formas em *-ez* (exs.: *dobr-ez*, *rapid-ez*) ter-se-á dado a troca do sufixo *-itia* por *-itie*.

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 233-234) trata *-ez*, *-eza*, *-ícia*, *-ice* e *-ície* conjuntamente, sufixos que, segundo o gramático, se filiam no latim "*-itia*, *-itie*". Para o autor, "a alteração em *-ez*, *-eza* denuncia serem estas as formas populares mais antigas do idioma". Relativamente à disponibilidade dos sufixos, presume que "*-ez*, parece ter sido no começo menos produtivo que o segundo".

Após uma análise mais detalhada, optei por não analisar *-ez* e *-eza* separadamente, porque: ambos formam nomes abstractos; muitas vezes as bases seleccionadas são as mesmas (exs.: *aridez* 2, 8, 9 / *aridez* 2) e, quando isso acontece, na maioria dos casos, o significado dos derivados é o mesmo, ou seja, denotam ambos a 'qualidade', expressa pelos adjectivos que lhes dão origem. Contudo, a variante *-ez* é minoritária, sendo *-eza* a mais frequente⁶⁰⁷ e, nalguns casos, as formações em *-ez* são mais recentes (cf., por exemplo, Cunha ([1982] 1987²: 326): *candidez* XVI / *candidez* XVII, *escasseza* XIII / *escassez* 1813; *pequenez* XV / *pequenez* 1836; *nudeza* XVII / *nudez* 1813; *rapidez* XIV / *rapidez* 1813)⁶⁰⁸, não tendo sido encontrado nenhum derivado em *-ez* nos textos dos séculos XIII, XIV e XV.

⁶⁰⁷ Piel (1940a: 222) entende que "*-ez* parece ser de um modo geral mais abstracto e mais literário do que *-eza*, cf. *madurez* e *madureza*, *redondez* e *redondeza*".

⁶⁰⁸ Mas, op. cit., *altivez* XVI / *altiveza* XIX; *morbidez* 1873 / *morbidez* 1881.

Quanto ao sufixo *-ice*, Ali ([1931] 1964³: 234), por exemplo, refere que, excepto em *ledice*, *meiguice*, *velhice* e poucos mais, o mesmo se solda geralmente a "adjetivos que exprimem vícios ou defeitos pessoais, produzindo substantivos denotadores de atos que aberram do procedimento de pessoas sérias ou sensatas" (exs.: *malandrice*, *sandice*) e que, por analogia, "adquirem sentido pejorativo também outros nomes em *-ice* formados de vocábulos que originariamente significam qualidades, condições ou ocupações sérias" (exs.: *beatice*, *gramatiquice*, *modernice*, etc.).

Para Huber ([1933] 1986: 273), *-ece* / *-ice*, tal como *-ez* (cf. Huber [1933] 1986: 275), provêm do latim "*-itie*" e formam nomes abstractos, o mesmo se verificando com *-iça* e *-eza*⁶⁰⁹, do "lat. *-itia*" (exs.: *grandece*; *ledice*; *avariça*; *escasseza*).

Nos textos dos séculos XIII e XIV não encontrei nenhuma forma em *-ece*, forma que, segundo Piel (1940a: 223-224) tem a mesma origem de *-ez-*, pois, na sua opinião, "ambas as formas derivam de *-ĪTIE*, sendo a primeira a tradicional portuguesa, ao passo que a outra nos veio do latim médio, numa época em que já estava concluída a evolução de *i* breve para *e*, e posterior também ao emmudecimento do *e* final a seguir a *TI* (= *ç*), que observamos, por exemplo, em *vez* < *VĪCE*"⁶¹⁰. Por isso, contrariamente a Piel (1940a: 222), não acho que "a forma medieval intermédia entre *-ITIE* e *-ez*, é *-ece*"⁶¹¹, julgando, antes, que *-ece* é uma variante gráfica de *-ice* (cf. *sandice* 11 / *sandece* 12; *velhice* 1, 2, 4, 7, 9 / *velhece* 9), entretanto caída em desuso⁶¹².

Frequentemente, nos derivados em *-ice* o significado pode ser parafraseado como 'qualidade; maneira de ser negativa'. Há no entanto que ter em conta que o sufixo

⁶⁰⁹ Segundo Huber ([1933] 1986: 275-276), *-iça* pode também dar origem a nomes concretos, se bem que o exemplo que fornece (*carniça*) seja [+lat].

⁶¹⁰ Por analogia com *-eza* e *-iça*, do lat. *-ĪTIA*, Piel (1940a: 223) rejeita algumas hipóteses quanto à origem de *-ice*: "Meyer-Lübke, *Gram. Langu. Rom.*, II, 569, baseando-se num trabalho de Muret, admite que *-ice* vem do francês *-ise*, «car le domaine tout à fait propre de *-ise*, c'est la France: *balourdise*, *bêtise*, *couardise*, etc.». É uma opinião que dificilmente convence, porque custa acreditar que, importando-se o sufixo francês *-ise*, êste tivesse adoptado em português a forma *-ice*. Não teria sido mais natural substituí-lo por *-isa*? Por outro lado, a teoria de Mussafia, que admite que tivesse existido uma variante *-ĪTIES* a par de *-ĪTIES* (como de facto existiu *-ĪCIU* a par de *-ĪCIU*), também não vem resolver a questão, por não explicar por que razão aquelas duas formas, tirando a diversidade da vogal, apresentam uma evolução tão pouco homogénea. Se *-ĪTIE* evoluciona para *-ez*, não é legítimo esperar que *-ĪTIE* apareça com a forma *-iz*, em vez de *-ice*?"

⁶¹¹ O autor exemplifica com *grandece* e *sandece*.

⁶¹² Cf., por exemplo, em Cunha ([1982] 1987²), *menynnez* XIII, *menñez* XIII, *meninice* XIV.

nominal *-ice* selecciona adjectivos e nomes que têm quase sempre uma conotação pejorativa e satírica/irónica, sendo muitos deles possuidores do traço [+Hum], como, por exemplo, em *malandrice* 11 e *parvoíce* 11, 16. Nalguns exemplos em *-ice* pode observar-se que:

1. o semanticismo negativo é unicamente conferido pelo sufixo (exs.: *artice* 2, 12; *modernice* 2, 11; *bacharelice* 11; *bernardice* 7; *creancice* 16 / *criancice* 9; *damice* 1, 2; *doutorice* 7; *freirice* 2; *garotice* 9; *gramatiquice* 11; *mancebece* 9; *momice* 7; *perrice* 11) e

2. noutros não existe qualquer carga negativa (exs.: *meiguice* 11, 15; *meninice* 7, 8, 9, 16).

Como se pode observar, em 1., excluindo *modernice* 2, 11, todas as bases são nomes. Contrapondo estes exemplos com os derivados formados a partir de adjectivos caracterizados pelo traço [+Hum] e com conotação pejorativa, pode perspectivar-se que, em função das bases seleccionadas, o sufixo apresenta comportamentos diferenciados, ora funcionando como intensificador das propriedades expressas pelos adjectivos, ora conferindo às bases nominais uma carga satírica/irónica⁶¹³.

Embora Braga (1876)⁶¹⁴ e Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴)⁶¹⁵ incluam também no grupo destes sufixos que tenho vindo a analisar *-isa* e *-essa* (*-eza*; *-esa*), como se sabe, etimologicamente estes não se encontram relacionados com os primeiros, visto que a sua origem está no gr. *-issa* (cf., por exemplo, *basilissa*), pelo lat. *-issa* (cf. Machado [1952] 1977³ e Cunha [1982] 1987²), razão pela qual não os tive em consideração nesta descrição, acrescentado ainda que, nos exemplos fornecidos pelos gramáticos acima indicados, as formas em que ocorrem são [+lat]⁶¹⁶.

⁶¹³ A única excepção seria *rabugice* 11, de *rabugem* (cf. PE).

⁶¹⁴ Braga (1876: 35) refere que *-essa*, *-eza*, e *-isa* (exs.: *condessa*, *baroneza*, *sacerdotisa*) são "formas portuguesas" que se originaram do "suffixo latino *issa*".

⁶¹⁵ Na opinião de Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 341), "*ez*, *eza*, *isa*, *essa* (lat. *issa*, *itia*)" (exs.: *francez*; *princeza*; *poetisa*; *abadessa*) indicam "posição, cargo e a origem, habitação".

⁶¹⁶ Os exemplos das gramáticas histórias, *baroneza* 1; *duqueza* 1; *marqueza* 1; *prioreza* 1, exemplos em que *-eza* é uma variante gráfica de *-esa*, foram supostamente formados em português, a partir dos nomes masculinos respectivos. A forma XIII *P(ri)oresa* A114, A118, A126, A128, A136, A137 / *p(ri)oressa* A113, A145, A148, A151, A152, A162, A165 / *P(ri)oressa* A122, A123, A124, A128, A129, A134,

Após a descrição dos sufixos, apresento em seguida as várias alomorfas e truncamentos por eles desencadeados:

- queda do morfema final da base (exs.: *embriaguez* 9 (de *embriag(ado)* + *-ez*); *fanfarrice* 11 (de *fanfarr(ão)* + *-ice*); *pieguice* 7 (de *pieg(as)*); *rabugice* 11 (de *rabug(em)*); *sandice* 11 (de *sand(io)* ou *sand(eu)* + *-ice*); *amarellidez* 2 (de *amarelid(ão)* + *-ez*); *presteza* 9 (de *prest(es)* + *-eza*); *sandez* 12 (de *sand(io)* ou *sand(eu)* + *-ice*); *simpleza* 1 / *simpresa* 9 (de *simpl(es)* / *simpr(es)* + *-eza*));
- desnasalização de *-ão* (exs.: *cortezanice* 2 (de *cortesão*); *fanfarronice* 7 (de *fanfarrão*));
- passagem de [z] a [d] ao dar-se a junção de *-ice* (ex.: *gulodice* 7, 9 (de *gulos(o)* + *-ice*));
- selecção de uma base [+lat] (exs.: *(des)nudez* 9; *nudez* 4, 7, 9 / *nudeza* 7 (de *nudu 'nu'* + *-ez(a)*); *frigidez* 7 (de *frígido*));
- passagem de <g> a <gu> e de <c> a <qu> (exs.: *ceguice* 4; *embriaguez* 9; *franqueza* 2, 9; *fraqueza* 2; *largueza* 2, 4, 7; *meiguice* 11, 15; *pieguice* 7; *gramatiquice* 11; *mouquice* 1; *pequice* 7, 9, 15; *riqueza* 2; *rouquice* 2; *rustiqueza* 2);

Por fim, algumas observações relativas aos derivados extraídos dos textos:

- todos os exemplos são em *-eza* e não em *-ez*, pelo que seria útil alargar o *corpus*, incluindo textos posteriores ao séc. XV, de modo a que pudessemos verificar a partir de que altura se estabelece a variação *-eza* / *-ez* ;
- o derivado XIV *solteirice* A50 / *solteiriçe* A7 parece indicar que a conotação pejorativa de *-ice* é talvez posterior ao séc. XIV⁶¹⁷;
- não registados em Cunha ([1982] 1987²): XV *pequice* D241; XIV *solteirice* A50 / *solteiriçe* A7; XV *liberaleza* D114; XV *pequeneza* D102;
- atestados pelo menos desde o século XV e para os quais, em Cunha ([1982] 1987²), é indicado XVI: XV *curteza* D47, D257; XV *destreza* M10; XV *miudeza* K22; XV *tibeza* D28.

A135, A136, A138, A139, A143, A144, A146, A147, A166 / *prioresa*, A114 / *Prioresa*, A115 / S 14 *p(r)ioressa* 50, 51 / *Prioressa* A124; [so]p(ri)oresa S13 p. 147 / [so]p(ri)oresa A164, A165 / [So]p(ri)oresa A143 / [sso]p(ri)oresa A164 também constitui uma excepção.

⁶¹⁷ Também neste caso seria importante alargar o *corpus*.

4. 2. 6. -ITUDE / -IDÃO (-IDÕ, -IDÕE, -IDOM⁶¹⁸)

Alguns gramáticos históricos, como Carl von Reinhardstoettner (1878: 146-147), José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 374) e Ismael L. Coutinho (1938: 58), consideram que nem todas as formas em *-itude* foram herdadas do latim, pois algumas delas terão sido formadas em português, existindo, deste modo, uma alternância entre o sufixo "erudito" *-itude* e o "popular" *-idão*. Reinhardstoettner (1878: 146-147), por exemplo, pensa que "*Tude* (lat. *tudo*, *īnis*)", presente em nomes abstractos vindos do latim (exs.: *mansuetude*, *solicitude*), deu origem a derivados, como *aptitude*, *decrepitude*, *plenitude*⁶¹⁹, apesar de referir que a forma portuguesa correspondente, i.e., "*idão* (e *idom*, *idon*) (...), assim como as terminações *om*, *oem*" (exs.: *firmidoem*, *limpidoem*) se encontra muito mais disponível.

Interessou-me, pois, verificar se *-idão* é a variante "popular" de *-itude* e se este teria perdido disponibilidade para formar novos derivados ou se, pelo contrário, nunca esteve disponível na nossa língua.

I. -ITUDE

LAT.:

acritude 11 (lat.); *altitude* 8, 9, 15, 16 (lat.); *amplitude* 2, 11, 18 (lat.); *aptitude* 2 (lat.); *atitude* 11 (lat.); *beatitude* 9, 16 (lat.); *decrepitude* 2 (lat.); *excelsitude* 2, 9 (lat.); *habitude* 2 (lat.); *juventude* 4, 15 (lat.); *latitude* 11 (lat.); *longitude* 8, 11 (lat.); *magnitude* 9, 11, 15 (lat.); *mansuetude* 2, 11 (lat.); *plenitude* 2 (lat.); *pulcritude* 9 (lat.); *quietitude* 16 (lat.); *solicitude* 2, 4 (lat.); *solitude* 2 (lat.); *virtude* 9 (lat.)

⁶¹⁸ Para além destas variantes gráficas de *-idão*, temos ainda *-idoe*, *-idoem*, *-idõem*, *-idóen*, *-idõoe*, *-idóoy*, *-ídooy*, *-jdoe*, estas menos frequentes.

⁶¹⁹ Embora o autor referira que estas são formas portuguesas e que pertencem a um núcleo restrito, como se sabe, as mesmas já existiam em latim.

Lat.: XV *crassitudo*⁶²⁰ lat. D241 ("Na prudencia o sobejo se chama em latim ingenium ou astucia, ou caliditas que, em linguagem, querem dizer maa sagidade ou arteirice mais que o que compre, ou malicia. E o seu minguido é crassitudo em latim, que quer dizer, em linguagem, pequice.")

II. -IDÃO (-IDÕ, -IDÕE, -IDOM)

1. PORT.

Adj. + -idão (-idõ, -idõe, -idom) → N:

'Qualidade (do que é X)'

amarelidão 2, 8, 11; *amplidão*⁶²¹ 2, 11; *brutidão* 2; *escravidão* 2, 9, 11, 15; *exatidão* 11; *fresquidão* 2; *frouxidão* 2, 11; *grossidão* 2; *immensidão* 7; *latidão*⁶²² 2; *laxidão*⁶²³ 11; *levidão* 2; *limpidoem* 2; *livredõe* 9 / *liverdoem* 2 / *livridoem*⁶²⁴ 2; *mollidão* 2; *mouquidão* 2; *negridão* 2, 8, 11, 15; *podridão* 11; *porquidão* 2; *pouquidão* 7; *prenhidão* 2; *pretidão* 2, 9, 11; *prontidão* 2, 11; *rectidão* 2; *rouquidão* 2; *simildão*⁶²⁵ 6 / *simildõe* 12 / *simildom* 11; *sovejidão*⁶²⁶ 2; *vermelhidão* 2, 11

⁶²⁰ O m.q. *crassitude* (cf. PE). Vocábulo não registado em Machado ([1952] 1977³), nem em Cunha ([1982] 1987²). Cf. Piel (1940a: 225) que afirma que as formas em *-itude* se baseiam "na forma do nominativo *-tudo*, tendo sofrido no final a influência de palavras em *-tude* > -TUTEM, do tipo *juventude*, *virtude*".

⁶²¹ Em PE, [+lat].

⁶²² Provavelmente de *lat(o) + -idão*.

⁶²³ O m.q. *lassidão*. De *laxo*, o m.q. *lasso*.

⁶²⁴ Em *livredõe* 9 e *liverdoem* 2, excepcionalmente a forma do sufixo é *-dõe* / *-doem*, sem a vogal inicial. No primeiro caso, talvez isso se explique pelo facto de a base terminar em *-e*, enquanto *liverdoem* 2 terá surgido, provavelmente, por analogia com o primeiro.

⁶²⁵ Segundo Leite de Vasconcellos ([1911 1959³: 195), a sequência é a seguinte: "temos o latim: *similitudine* -> *similidoẽ* > *simildõe* > *simildom* > *simildão*. A terminação latina *-udine* deu regularmente *-oẽ* (*-õe*) em português antigo".

⁶²⁶ *Sovejidão*, o m.q. *sobejidão*, XIV. Do adj. *sobejo* XIII (cf. Cunha [1982] 1987²).

XIII *firmidõ* S13 p. 38 ("por en foy achada a esc(ri)tura q(ue) as cousas traspasadas p(er) firmidõ da esc(ri)tura seiã semp(re) p(re)sentes.") / *firmidõe* S13 p. 98 ("E q(ue) este feyto aía mayor firmidõe") / *firmedõe* S13 p. 50 ("por ã foy achada a esc(ri)ptura que as cousas traspasadas p(er) firmedõe da sc(ri)ptura sejam semp(re) p(re)sentes.") / *ffirmidõ* S13 p. 82 ("E por q(ue) Ista mãda sej´a ffirmre Eu Rodrigo Affõsso Rogey A M(artim) p(er)ez Notarío de Sabugal q(ue) ffezesse esta mãda (e) q(ue) possesse enela seu sinal por Testemõyo (e) por Mayor ffirmidõ pugí eu en ela este meu seelo") / *firmidoẽ* S13 146 ("Esta he á Carta de vendiçõ e de p(er)durauel firmidoẽ a qual encomẽdamos a faz(er)") / *firmidóoy* S13 p. 124 ("Esta é a c(ar)ta de uendiçõ (e) de p(er)durauil firmidóoy a qual acom(en)damos a fazer") / *firmidoe* S13 p. 125 ("Esta e a carta de uendiçom e de p(er)durauil firmidoe a qual acomendey a faz(er)") / *f(ir)midõe* A73, A115 / *f(ir)mídoy* A133 / *f(ir)midoe* A124 / *ff(ir)midoẽ* A130 / *ffirmidõem* A137 / *ffirmidóen* A128 / *firmidoe* A75 / *firmidom* A144 / *fi(r)midom* A51, A52 / *firmidõe* A54 / *fi(r)midõe* A55, A56, A57, A58 / *fjrmjdoe* A59

XV *levidõe* D258 ("o olhar (...) demonstrador de levidõe, preguiça ou d'engano.")

XV *rigidõe*⁶²⁷ / *rigidõoe* D292 ("E se o entender bem conselha, mas a voontade per afeiçom, rigidõe ou fraqueza nom quer obedecer e comprir")

XIV (pl. XIII) *sobegidõe*⁶²⁸ D92, D369

2. LAT.:

aptidão 2 (lat.); *cerdidõe* 12 (lat.); *certidão* 2, 6, 9, 11, 16 (lat.); *crepidão* 2 (lat.); *dulcidõe* 9 (lat.); *escuridão* 2, 9, 11, 12, 15, 16, 18 (lat.); *fermidõe* 9 (lat.) / *firmidão* 2 (lat.) / *firmidõe* 8 (lat.); *fortidão* 2, 9, 11 (lat.); *gratidão* 2, 4, 9, 11, 15 (lat.); *lentidão* 11, 16 (lat.); *mansidão* 2, 4, 9, 11 (lat.) / *mansidõe* 9 (lat.); *multidão* 2, 6, 8, 11 (lat.) / *multidõe* 9 (lat.) / *multidõe* (arc.) 8 (lat.); *servidão* 2, 6, 8, 15, 16 (lat.); *soidão* 9 (lat.) / *solidão* 2, 9, 11 (lat.); *vastidão* 11 (lat.)

⁶²⁷ Cf. *rigidez* XVII e *rijeza* 1813.

⁶²⁸ Excepto *sobegidõe*, nenhum dos derivados retirados dos textos está registado em Cunha ([1982] 1987²).

XIV lat. *çertidõe* A69

XIV lat. *ingratidõe* D103⁶²⁹;

XIV lat. *mansidõe / mansidõe* D32; D70, D138, D141, D167, D227, D257, D290, D294

XIV lat. *s(er)uidoe* S13 p. 193 / *servidõe* D78, D138

XV lat. *solicitudõe*⁶³⁰ D102

Nunes ([1919] 1989⁹: 374) trata "-dade, -dão e -tute" conjuntamente, os quais provêm, de acordo com o autor, "dos sufixos latinos -tate, -tudine e -tute (...), ocorrendo os dois primeiros em vocábulos populares e cultos e tendo nestes o terceiro, no qual o -t se manteve, por se achar protegido por consoante nos raros nomes populares em que se encontra, substituído o segundo, que no antigo português teve a forma *dõe*". Para o gramático, estes sufixos, tal como em latim, formam nomes abstractos "designativos de qualidade", a partir de adjectivos.

À semelhança de Nunes ([1919] 1989⁹: 374), Ismael L. Coutinho (1938: 58) também trata -dade, -tute e -dão conjuntamente, afirmando que "-dade <-tate, -tude <-tute, -dão <-tudine. Expressam qualidade ou estado, servindo para formar substantivos" e dando alguns exemplos.

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 345) acham que "*Tude* (lat. *tutem*, der. de *tus*, *tutis*). Indica estado, qualidade" (exs.: *juventude*, *solicitude*), sendo o semanticismo de *-idão*⁶³¹, exactamente o mesmo (exs.: *perfeição*, *mansidão*)⁶³², mas não fornecem indicações sobre a disponibilidade ou indisponibilidade de um ou outro sufixo, o mesmo se passando com Francisco M. Sequeira (1938b: 97-98), que, em "Nomes abstractos de estado ou de qualidade, correspondentes aos adjectivos de que se faz a derivação", se limita a exemplificar "-dão" e "-tude", não procedendo a uma descrição completa dos sufixos.

⁶²⁹ Em Cunha ([1982] 1987²), *ingrato* XVI.

⁶³⁰ Cf. *solicitude* 1836.

⁶³¹ Para os autores, "-ão (lat. *one*)" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 343).

⁶³² Ao tratarem "-dade", os autores afirmam que ele "oppõe-se a *ão*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 344) (exs.: *mansidade mansidão*; *soledade solidão*).

Para Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 70), *-idão* vem "do lat. *udine(m)*, como em *multitudine(m)*", com a sua "fórmula arcaica" *-idõe* (exs.: *firmidõe*, *multidõe*). O autor explica que *-idão* se originou de *-idom*, da seguinte forma: o plural de *-idõe* "confundia-se com outro plural em *ões* que vinha dos acusativos latinos em *ones*: *sermones*, por exemplo, port. *sermões*. Ora a esses acusativos pluraes em *ones* correspondiam os singulares em *onem* que deram singulares em *om* e depois *ão* no port. arch.: *sermone(m)* > *sermom* > *sermão*. Por analogia, pois, com estes, criou-se um singular *multidom* (em vez de *multidõe*), que veio também a dar *multidão*". O sufixo *-idão* começou então a dar origem a derivados, como por exemplo, *amarellidão* e *negridão*. Ainda segundo o autor, "*tude*, lat. *tudine(m)*, como em *longitudine(m)*. Port.: *longitude*, *altitude*, etc. Não é popular" (Mota ([1916] 1937⁸: 73).

Pelo contrário, outros gramáticos rejeitam ou indiciam uma posição desfavorável à hipótese de *-itude* ser um sufixo do português. Entre estes contam-se:

- José Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 194-195), que, a propósito da palavra *simildão*⁶³³, conclui que "a terminação latina *-udine* deu regularmente *-oẽ* (*-õe*) em português antigo" e que não precisamos de recorrer ao francês para explicarmos as formas em *-ão* (entenda-se *-idão*), pois "temos o latim: *similitudine-* > *similidoẽ* > *simildõe* > *simildom* > *simildão*";
- Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 235) acha que "procede a terminação *-dão* do latim *-tudine-*: *multitudine* > *multidoõe* > *multidom* > *multidão*", a qual dá origem a nomes abstractos deadjectivais, se bem que alguns dos vocábulos nos tenham chegado do latim. Por outro lado, segundo o gramático, *-tude* só ocorre na "linguagem culta", tratando-se de mera adaptação ao português da "terminação latina *-tudine-*";
- Joseph Huber ([1933] 1986: 64), que especifica em nota que o sufixo *-tudine*, na sua evolução, passou pelas seguintes fases: **doẽ* > *-dõe* > *-dom* (port. mod. *-dão*)" (exs.: *mansuetudine* > *mansidõe*; *solitudine* > *soidõe*) e, mais adiante, reserva uma entrada a *"-dõe"* (cf. Huber [1933] 1986: 274), exemplificando-o com as formas *cerdidõe* e *simildõe* e assumindo, portanto, que *-itude* não forma derivados em português;

⁶³³ Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 194-195) critica um "articulista" do Diário de Notícias, que escrevera que "«*simildão* é má tradução do francês *similitude*». É admirável a facilidade com que êle dá sentenças! Se a palavra francesa *similitude* se houvesse introduzido em português, era natural que conservasse o *-ude*: cfr. *atitude*, que vem do fr. *attitude*."

- Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 62), segundo a qual "-*odine*, -*udine*, deram em -*idão* através de -*idõe*" (exs.: *servidõe servidão*) e
- Mattoso Câmara Jr. (1975: 224), que considera -*dão* como a forma popular de "-*tud(e)*, semi-erud. Lat. -*tudĩn(e-)*" (exs.: *amplitude*; *escuridão*).

Com base nos exemplos e nas descrições da maioria dos gramáticos históricos, penso que -*itude* não poderá ser considerado um sufixo do português: trata-se de um elemento que ocorre em formas [+lat], embora não seja de pôr de lado a hipótese de que algumas delas tenham provavelmente entrado no português através do francês, como por exemplo *atitude* 11 (lat.).

Assumindo, com Diez ([1836-1844] 1973: 314)⁶³⁴ e com Piel (1940a: 224-225)⁶³⁵, que -*idão* é a forma portuguesa correspondente a -*itude*, não se pode deduzir, a partir dos exemplos retirados dos textos, que ela tenha sido muito rentável, o que pode ter estado na origem da sua não disponibilidade. Pode no entanto verificar-se que -*idão*, a par dos latinismos em que ocorre, foi usado para formar derivados desde o séc. XIII (cf., por exemplo, XIII *firmidõ* S13 p. 38) até, pelo menos, ao séc. XV (cf., por exemplo, *rigidõe / rigidõoe* D292), derivados que são nomes abstractos [+fem] deadjectivais, indicando a 'Qualidade (do que é X)'.

Nos exemplos fornecidos pelos gramáticos históricos pode observar-se que os radicais de bases a que se junta o sufixo possuem autonomia, são adjectivos simples, frequentemente em -*o* (cf., por exemplo *brutidão* 2; *escravidão* 2, 9, 11, 15; *fresquidão* 2; *frouxidão* 2, 11; *grossidão* 2; *immensidão* 7; *laxidão* 11; *limpidão* 2; *mouquidão* 2;

⁶³⁴ De acordo com Diez ([1836-1844] 1973: 314), "le portugais possède en outre une forme commode, inconnue à l'espagnol, *idão*, qui procède d'une forme antérieure *idon idom*, où l'*o* est sans doute une transformation de l'*ū* latin, et il s'applique à d'anciennes et à de nouvelles formations, comme *amarelidão*, *escravidão*, *escuridão*".

⁶³⁵ Piel (1940a: 224) defende que "a identidade de -*idão*, ant. -*idõe*, com o lat. -*tudo*, -*tũdine* em *multidão*, *escuridão*, etc., é incontestável, apesar das dúvidas emitidas por Meyer-Lübke, *Gram. Rom.*, 11, 515-16", o qual se baseia na não alteração do -*u*- do sufixo latino em -*o*-. Para Piel (1940a: 225), "o *u* breve passou para *o*, o *i* breve para *e*, o *t* sonorizou-se, o *d* emmudeceu: tudo isto fenómenos absolutamente normais. O ditongo nasal *õe* parece ter evoluído mais tarde para *õ*, daí grafias como *multidom*, *escuridom*, confundindo-se finalmente com *ão*, o que aliás se verifica também na desinência da 3.^a pessoa do plural e o perfeito -*ÁRŪNT*: ant. *cantárom*, mod. *cantaram*, onde -*am* se pronuncia -*ão*".

negridão 2, 8, 11, 15; *porquidão* 2; *pouquidão* 7; *pretidão* 2, 9, 11; *prontidão* 2, 11; *rectidão* 2; *rouquidão* 2; *vermelhidão* 2, 11, de *bruto*, *escravo*, *fresco*, *frouxo*, *grosso*, *imenso*, *laxo*, *limpo*, *mouco*, *negro*, *porco*, *pouco*, *preto*, *pronto*, *recto*, *rouco* e *vermelho*) e que os derivados, embora em número reduzido, são formas transparentes e regulares.

Para a indisponibilidade de *-idão* na formação de nomes abstractos a partir de adjectivos pode ter concorrido a maior disponibilidade de *-idade* (cf. descrição deste sufixo), sobretudo o facto de este último se soldar tanto a adjectivos simples como complexos, assim como a de outros derivados concorrentes, como indico abaixo:

- a) *-idão* / *-ura*: *fresquidão* 2 (XVI) / *frescura* (XVI); *negridão* 2, 8, 11, 15 (XVI) / *negrura* (XIV); *rouquidão* 2 (1813) / *roucura* (XV);
- b) *-idão* / *-ez-*: *levidão* 2 (XV) / *leveza* (XV); *limpidoem* 2 (XIII) / *limpeza* (XIV);
- c) *-idão* / *-tura*: *escravidão* 2, 9, 11, 15 (1671) / *escravatura* (1770);

Como se pode observar, excepto em dois derivados em *-ura*, verifica-se que os derivados em *-idão* ou são da mesma época, ou então são anteriores aos derivados com outros sufixos.

No que diz respeito à concorrência das formas [+lat], independentemente da datação dos derivados em *-idão* ser mais ou menos recuada, são as primeiras que prevalecem: *amplidão* 2, 11 (1813) / *amplitude* (XVII, lat.); *latidão* 2 / *latitude* (XVI, lat.); *livredõe* 9 / *liverdoem* 2 / *livridoem* 2 / *liberdade* (XIV, lat.); *mollidão* 2 / *moleza* (XV, lat.); *simildão* 6 / *simildõe* 12 / *simildom* 11 (XV) / *similitude* (XX, lat.).

Os exemplos recolhidos nos textos dos séculos XIII, XIV e XV em nada contraditam os dados e as descrições da maior parte dos gramáticos históricos. Assim, não foi seleccionado nenhum vocábulo em *-itude* nos textos dos séculos XIII e XIV e nos do séc. XV, só foi levantada uma única forma em *Zur.*, i.e., *virtude[s]* / *vyrtrade[s]* / *vertude* (lat.), esta com inúmeras ocorrências. Por outro lado, nesses textos, os exemplos em *-idão* são ora derivados, em que o valor do sufixo pode ser parafraseado por 'Qualidade (do que é X)', como por exemplo XV *rigidõe* / *rigidõe* D292, ora formas [+lat] (ex.: XIV lat. *mansidõe* / *mansidõe* D32, D70, D138, D141, D167, D227, D257, D290, D294).

4. 2. 7. -NCIA/ -NÇA

Para os gramáticos históricos (cf., por exemplo, José J. Nunes [1919] 1989⁹: 369), o sufixo latino *-ntīa* é o resultado da junção do sufixo *-īa* às terminações dos participípios de presente (*-ans*, *-āntis* e *-(i)ens*, *-(i)ēntis*), processo que, segundo Ferreiro (1997: 135-136), foi frequente "no latim arcaico e também no tardio", em que *-āntīa* e *-ēntīa* deram lugar à criação de inúmeros substantivos derivados de verbos. A posição assumida por estes gramáticos é a de que o sufixo latino *-ntīa* (1.^a conj. *-āntīa* e 2.^a e 3.^a conj. *-ēntīa*) viria a dar origem a *-ncia* e *-nça*, sendo o primeiro a forma "erudita" do sufixo latino e o segundo a forma "popular". Esta é também a opinião expressa por Piel (1940a: 231), o qual afirma que "*-ança*, *-ença*, lat. *-antia*, *-entia* representam o sufixo *-ia* (...), que se combinou com o tema dos participípios em NT-: CONST-ANT-IA. Os abstractos em -ANTIA, -ENTIA são freqüentes por um lado no latim arcaico, e por outro no latim tardio, principalmente no dos padres da igreja".

Com base nestes pressupostos, procurei analisar a alternância *-ncia* / *-nça* e verificar se *-nça* é ou não um alomorfe de *-ncia*.

1. -NCIA

1. 1. PORT.

TV + -NCIA → N:

'Acção ou resultado da acção'; 'Estado'

assistencia 1; *importancia*⁶³⁶ 1; *transhumancia* 7

XIII *demorância*⁶³⁷ S13 p. 3 ("E a raina e me(us) uassalos e o abade sen demorância e sen (con)t(ra)dita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as out(ra)s cousas q(ue) teiuerẽ, assi como suso e dito.") / *demorancia* S13 p. 3

⁶³⁶ Em Cunha ([1982] 1987²) e Machado ([1952] 1977³), de *importa(r)* + *-ancia*, XVII, mas em PE do it. *importanza* «importância», pelo fr. *importance*.

⁶³⁷ Não encontrei este vocábulo registado nos dicionários consultados.

XIII *folgãcia*⁶³⁸ S13 p. 1 ("fiz mia mãda p(er) q(ue) depos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia.")

1. 2. LAT.

abstinencia 1 (lat.); *adherencia* 4 (lat.); *ambulancia* 1 (lat.); *antecedencia* 7 (lat.); *arrogância* 2, 18 (lat.); *audiência* 9 (lat.); *beneficencia* 2, 7 (lat.); *benevolencia* 7 (lat.); *circunferencia* 7 (lat.); *clemência* 8, 9, 18 (lat.); *complacencia* 2 (lat.); *concurrência* 4 (lat.); *conferencia* 7 (lat.); *consciencia* 8 (lat.); *constância* 8, 9, 16 (lat.); *continencia* 1 (lat.); *convalescencia* 8 (lat.); *crencia* 8 (lat.); *deferência* 5 (lat.); *(des)obediencia* 2 (lat.); *diligencia* 2 (lat.); *discordancia* 7 (lat.); *discrepancia* 1 (lat.); *exigencia* 4 (lat.); *experiência* 1, 16 (lat.); *ignorancia* 2, 8 (lat.); *indecencia* 2 (lat.); *(in)dependencia* 7 (lat.); *influência* 17 (lat.); *innocencia* 2 (lat.); *insolencia* 2 (lat.); *intelligencia* 8 (lat.); *jurisprudencia* 7 (lat.); *maledicencia* 2 (lat.); *obediência* 9, 16 (lat.); *observância* 1, 4, 16 (lat.); *paciência* 2, 9, 16 (lat.); *pendencia* 1 (lat.); *penitência* 11 (lat.); *preeminencia* 7 (lat.); *prepotencia* 7 (lat.); *previdencia* 7 (lat.); *proeminencia* 7 (lat.); *providencia* 7 (lat.); *prudencia* 1, 4 (lat.); *resistencia* 4 (lat.); *urgencia* 4 (lat.); *vigilancia* 1, 4 (lat.)

XIV lat. *Audi(en)çia* A104 / *audiançia* A112 / *Audiẽçia* A158 / *audiẽcia* A109 / *Audiẽcia* A109 / *audien(cia)* A121 / *Audjençia* A151 / *Audjençja* A152

XIII lat. *austinemçia* E8

XIV lat. *sçiemçia* E5

XV lat. *çircomferemçia* E7

XV lat. *circustamçias* H16

XIV lat. *comçiemçia* E6, E21

XIV lat. *deligemçia* G19, H4, I18

XV lat. *esperemçias* E22 / *speriençia* E10

XIV lat. *essemçia* E7, M24

XIV lat. *ignorancia* D102, D261 / *inorancia* D301

XIII lat. *yndulygençia* K16

XV lat. *manyfiçiemçia* E8

⁶³⁸ Penso que em *folgãcia* tanto se pode tratar da grafia alatinada do vocábulo em *-nça* correspondente (cf. *folgança*), como de um derivado formado a partir do TV de *folgar*.

XIII lat. *obidie[m]cia* E22, H15, M13, M20 / *obydie[m]cia* M25

XIV lat. *prudem[ç]ia* G28

XIII lat. *rreverem[ç]ia* M13

XIV lat. *sustam[ç]ia* E6, E10

1. 3. GR.:

chiromancia 7 (gr.); *geomancia* 7 (do gr., pelo lat.); *necromancia* 7 (do gr., pelo lat.);
onomancia 7 (gr.); *ornithomancia* 7 (gr.);

XV gr. *geomancia* D144

1. 4. LAT. + GR.:

nigromancia 7

XIV *nigromancia* D144

2. -NÇA

2. 1. TV + -NÇA → N:

'Acção ou resultado da acção'; 'Estado'

alegrança 12; *andança* 2; *aventurança* 12; *benquerença* 11; *cobrança* 1, 5; *ensinança*
11; *folgança* 9, 11, 12, 16; *igualdança* 11; *lembrança* 2, 4, 11; *malquerença* 11;
maridança 2; *matança* 1, 9, 11, 16; *mudança* 4, 9, 11, 16; *olvidança* 12; *parecença* 9,
11; *perdoança* 11; *segurança* 7; *semelhança* 11, 12; *significança* 11; *vingança* 1, 2, 8;

XIV *abastam[ç]a* E13, M23 / *abastan[ç]a* D118, D196, D260

XIII *amdam[ç]a* N21 / *andança[s]* D54, D195, D230 / [*bem-*]*andanças* D230

XIII *avomdam[ç]a*⁶³⁹ L11 / *avondança* D128, D129, D312, D315, D321, D357;
sobre-avondança D337

⁶³⁹ Cf. *abundância* XIII, lat..

- XIV *aventurança*; XV *(bem-)avemturamça* Q27 / *(bem-)aventurança[s]* D27, D52, D70, D71, D158, D159, D160, D206, D213, D214, D254, D255, D273, D274, D292, D297, D301, D312, D315; XV *(boa) venturança* D53
- XIII *conhoçẽça*⁶⁴⁰ S13 p. 132 ("q(ue) uos dedes ã cada hũu ãno ao Moesteyro da d(i)ta Ordỹ da Chellas. Dous m(a)r(avedi)s. p(or) conhoçẽça. p(or) dya de sam Migel de Setẽbr(o)") / *conhocença* S13 p. 201 / *conhecença* D186 ("maiormente quando tomam conhecença, conversaçom e familiaridade com algũa molher")⁶⁴¹
- XIV *concordança* D50, D63, D171, D189, D192, D206
- XV *confiança*⁶⁴² D155, D156, D178, D191, D199, D255, D360 ("a grande feúza e confiança que havia em nós")
- XIII *demonstrança* D140
- XIII *desauẽẽça* S13 p. 160
- XV *desvairanças* D237
- XIV *ensinança[s]* D8, D9, D11, D12, D14, D17, D57, D73, D80, D93, D113, D134, D216, D268, D274, D293, D318, D329, D344, D360, D361, D366, D374 / *insinança[s]* D54, D108, D240
- XIV *estremança* D239
- XIV *fiança* D155
- XIII *folgamça* F8, H5 / *follgamça* K7 / *folgança[s]* D16, D20, D27, D41, D48, D49, D50, D54, D74, D77, D78, D79, D80, D81, D84, D88, D89, D92, D93, D94, D95, D99, D104, D105, D106, D111, D121, D122, D125, D127, D128, D131, D134, D161, D177, D180, D193, D201, D234, D246, D258, D259, D270, D277, D283, D284, D290, D291, D295, D300, D305, D307, D309, D318, D334, D340, D355, D356, D360
- XV *governamça* E5, E9, E20, E22, L4, N11, O1, Q14 / *governança* D10, D80, D93, D95, D132, D151, D220, D298; *(des)governança* D233, D257, D282
- XV *igualanças* D58 / *igualdança* D237; *(des)igualança* D296
- XIII *jazẽça* S13 p. 66 ("a qual leyra é d(i)ta dos Morouzos e a jazẽça a ppar da vinha do d(i)to P(edr)o Hean(e)z")

⁶⁴⁰ Em PE, "cõngrua; prêmio; salário. (Do lat. **cognoscentia*-)".

⁶⁴¹ Como se pode observar, neste último contexto, *conhecença* é sinónimo de *conhecimento*, XIV.

⁶⁴² Em Cunha ([1982] 1987²), XVI.

- XV *lembrança[s]* D10, D11, D19, D47, D53, D55, D102, D120, D179, D309, D317, D350, D351, D360 / *nembrança[s]* E11, F5, H14, M27, P9, Q29, F3, M3, D14, D46, D47, D78, D82, D89, D94, D95, D97, D98, D99, D107, D201, D287, D302, D303, D313, D359 / *nẽbramça* N8; (*re*)*nembrança* D67, D80, D142, D210, D213, D269, D305, D317, D332, D357 / (*rre*)*nembrança* F2
- XV *mostramça* F21, H16, H25, I17, K4, L14, L21, M7, P11, P23, Q8, Q8, Q21 / *mostrãça* L16 / *mostrança[s]* D34, D44, D82, D181, D215, D247, D258, D260, D352, D358
- XIV *mudança[s]* D17, D19, D33, D64, D74, D76, D81, D97, D108, D134, D141, D147, D150, D151, D154, D169, D205, D229, D233, D234, D239, D268, D269, D308, D356, D368
- XIV *naçemça* H10, P5, P14 / *nacença* D152, D158, D171
- XIII *ousamça* Q24
- XIII *perdoança[s]* D68, D255, D261
- XIII *querença*; XV (*ben*)*querença*⁶⁴³ D167 ("E por amor do prouximo, consiiremos que as obras som demostraçom de benquerença"), D172, D177, D184, D193, D195 / (*bem-*)*querenças* D277, D308; XIII (*mal*)*q(ue)rẽça* S13 p. 279 / (*mal-*)*querença[s]* D66, D67, D69, D101, D302 / (*mal*)*querença[s]* D66, D149
- XIV *segurança* A42, A60, D13, D26, D53, D121, D123, D128, D177, D178, D179, D187, D194, D195, D199, D215, D269, D340, D354 / *segurãça* A18 / *seguramça* E22, E26, F4, F11, F13, F16, G33, H2, H6, H11, K7, K12, K30, L19, N5, N6, N19, N21, O2, O14, O28, P3, Q14, Q16
- XIV *semelhança[s]* D37, D147, D154, D276, D302, D329, D373 / *semelhamça* G21; (*des*)*semelhança* D188
- XIII *tardamça* F18, H11, M15, N22, N24, O14 / *tardança* D14, D104, D119, D224, D344, D355, D356, D358
- XV *tenemça* I15 ("e jaa lhe a força de todo desfalleçia, jazemdo no chão e aynda com tenemça de comtemder pera os comtrairos.")
- XV *trigamça*⁶⁴⁴ G33, H6 ("porque os de pee nõ chegarão aynda por rrazão da trigamça que os de cavallo meterõ em seu amdar."), H22, I4, M4, N20, O7, O22, Q16 / *trigança* D107, D244 / *trygamça* N14

⁶⁴³ Não registado em Cunha ([1982] 1987²).

⁶⁴⁴ Em Machado ([1952] 1977³), XV, de *trigar* (XIII, lat., 'arranjar dificuldades, aborrecer').

XIII *usança* D7, D96, D126, D211, D213, D242, D245 / *husamça* H2, K19

XIII *vingamça* E25, F9, F19, F20, G33, H25, I12, I15, K27, N4, N22, N23, O25, O27, P20, Q22 / *vingança[s]* D62, D63, D64, D84, D132, D134, D254, D289, D291, D313 / *vingãça* M26, N20

2. 2. TV + -NÇA → N:

'Circunscrição'

XIII *vezinhamça*⁶⁴⁵ G19 ("O cuydado do comde não hera outro senã afastar os mouros quamto podesse d'açerca da çidade e guerrea-llos por tall guisa que deyxassem sua vezinhamça."), Q2 ("E chegamdo sobre a aldeia, acharão gramdes vallos, ca os mouros, ouvindo a vezinhamça que os nossos faziã a seus comarcãos, avisavam-se do que lhe podia acomteçer.")

2. 3. Lat.:

avença 1 (lat.); *conhecença* 9, 11 (lat.); *convalescença* 4 (lat.); *convença* 11 (lat.); *creença* (arc.) 9 (lat.); *crença* 1, 2, 4, 8, 9 (lat.); *criança* 11 (lat.); *detença* 4, 9, 16 (lat.); *diferença* 8, 11 (lat.); *doença* 2, 4, 8, 11 (lat.); *esperança* 2, 4, 8, 11 (lat.); *esquença* 2 (lat.); *gaança*⁶⁴⁶ 12 (lat.); *herança*⁶⁴⁷ 11 (lat.); *licença* 11 (lat.); *nascença* 1, 5, 11, 16 (lat.); *peendença* 11 (lat.); *perseverança* 2; 11 (lat.); *presença* 11 (lat.); *sabença* 2 (lat.); *sentença* 11 (lat.); *temperança* 2, 11 (lat.); *tença* 11 (lat.)

⁶⁴⁵ Por metonímia, também 'estado de ser vizinho'.

Em Piel (1940a: 232) e em PE, de *vizinho*. Cf., no entanto, G23 "Os mouros daquella parte d'Africa que vezinham com ha çidade de Çepta tem em costume chamar aos seus caudeis velhos".

⁶⁴⁶ O m.q. *ganância* XVI (pelo cast., do lat.).

⁶⁴⁷ A maior parte dos dicionários indica tratar-se de um vocábulo [+lat]. Piel (1940a: 232) refere a dificuldade em explicar a formação de *herança* nos seguintes termos: "Teria existido um antigo verbo *herar, tirado do ant. *erel* HEREDE, ou formar-se-ia *herança* directamente dêste substantivo, caso que se poderia comparar com *vizinhança*, tirado manifestamente de *vizinho*, e não de *vizinhar*. Por outro lado, a forma espanhola é *herencia*, de modo que seria também possível que na forma portuguesa *-ença* tivesse sido substituído pelo mais frequente *-ança*, e que ambas as formas peninsulares derivassem de uma forma vulgar latina *HERENTIA. Dizer que *herança* vem de *herdança, como fêz Adolfo Coelho, é resolver a questão com demasiada facilidade. Seria pelo menos necessário explicar, por que razão o grupo *rd* se conservou no verbo, *erdar*, e não em *herança*."

XIII lat. S13 p. 80 *auêêça* / *auéénça* A51 / *áuéénça* A12 / *auéénças* A28 / *avemça* K12;
(*des*)*avemça* P16

XIII lat. *cōtenença*⁶⁴⁸ M21 / *cōtenemças* P1 / *comtenemça[s]* F11, G13, G15, H12, H12,
H19, K27, K31, L6, M11, N14, O20, P14, Q20 / *comtynemça* N23 /
contenença[s] D14, D44, D64, D65, D66, D97, D113, D178, D179, D228,
D229, D230, D258, D259, D352, D353, D354, D358 / *continencia* D70

XIII lat. *cremça* I20, L25, P13 / *creença[s]* D111, D123, D133, D134, D140, D144,
D332, D338 / (*des*)*crença* D134 / (*des*)*creenças* D293

XIV lat. *deferemça* Q10 / *deferença[s]* D11, D30, D44, D53, D70, D90, D97, D98,
D102, D103, D107, D108, D109, D130, D131, D136, D140, D142, D157, D172,
D176, D203, D216, D234, D236, D244, D280, D284, D289, D290, D291, D304,
D332, D362 / *diferemça* L9

XIII lat. *detemça* M4, M25, Q2, Q22

XIII lat. *esperamça* E8, E26, F8, F17, G1, G10, H4, H5, H6, H11, H12, H25, K6, K12,
K28, L12, M2, M7, M9, M11, M12, M18, M21, N2, N3, N6, N8, N13, N22,
N24, O9, O15, P19, P21, P23, Q1, Q14 / *sperança* D11, D16, D31, D32, D33,
D39, D45, D47, D55, D59, D72, D73, D75, D76, D77, D81, D87, D90, D94,
D95, D121, D133, D134, D137, D138, D139, D148, D149, D153, D155, D157,
D161, D165, D167, D168, D184, D199, D200, D221, D226, D227, D231, D249,
D255, D257, D273, D286, D292, D294, D304, D310, D318, D333, D334, D336,
D351 / *esperança* Q20, D30, D71, D153, D155, D156, D165, D276, D301,
D314, D336 / *esperãça* M11, N9; (*des*)*esperança* D73 / *desperança* D72

XIII lat. *fememça*⁶⁴⁹ F6, G17, G30 / *femença* D93, D185, D187, D238

XIII lat. *guaança*⁶⁵⁰ D8 / *gaança* D47

XIII lat. *h(er)anças* A116, A122, A123 / *eranças* A143 / *heramça* P9, Q26, Q26 /
herança D239, D315

XIV lat. *ordenamça[s]* E4, E9, E22, E24, F10, G5, G20, K26, N8, N12 / *ordenança*
G29, K17, D17, D45, D49, D64, D81, D85, D118, D133, D137, D142, D143,

⁶⁴⁸ Segundo Cunha ([1982] 1987²), a forma *continência* ('moderação, abstenção') surge no séc. XVI. Como se pode verificar, trata-se de uma forma já atestada no século XV.

⁶⁴⁹ Em Machado ([1952] 1977³), XIII, lat. *věheměntiā*, «entusiasmo, calor, veemência de orador; força, intensidade (de cheiro, de sabor)».

⁶⁵⁰ Cf. nota 11.

D151, D200, D213-214, D214, D217, D226, D230, D238, D239, D250, D253, D258, D268, D270, D271, D272, D274, D284, D286, D292, D300, D308, D330 / *hordenamça* E3, F10, H14, H19, K34, M14 / *ordenança* Q12 / [*des*]*ordenança* D94, D99, D116, D333

XIII lat. *ouêças*⁶⁵¹ S13 p. 164 / *oueença* A47, A48

XIII lat. *pemdemça*⁶⁵² I16 / *peendença* D70, D103, D162, D316

XIV lat. *pestenemça*⁶⁵³ F16 / *pestenêça* G26 / *pestelença* D219, D220, D221, D222, D223, D224, D341 / *pestenença* D56, D222

XIV lat. *perseverança* D14, D228, D257

XIII lat. *pitãça*⁶⁵⁴ S13 p. 88

XV lat. *prestamça*⁶⁵⁵ Q9

XV lat. *proveença[s]*⁶⁵⁶ D9, D316, D373

XIII lat. *reu(er)ença* A46 / *reuerêça* A21 / *reuerença* A7 / *reverença[s]* D26, D47, D56, D227, D287, D296, D355

XIV lat. *temperamça* E25 / *temperança* D15, D35, D77, D80, D82, D93, D95, D127, D131, D133, D184, D196, D198, D200, D201, D202, D203, D225, D227, D243, D244, D245, D250, D255, D256, D268, D273, D274, D283, D288, D290, D301, D333, D334, D336, D337, D341, D368, D370; (*des*)*temperança* D80, D123, D125, D341

⁶⁵¹ Em PE, "*ovença* s.f. 'encargo da mesa e comedorias entre os cónegos regantes (De etim. obsc.)" e, em Machado ([1952] 1977³), *auenença* é o m.q. *avença*, lat.. Cf. S13 p. 164 ("q(ua)ndo algũu Ricom(en) ou Infançõ ou out(ro) q(ua)lq(ue)r pousar en algũu Mon(es)teiro. ou en Ejjg(re)ia nõ forçe as *ouêças* dos Mo(esteiros) e das Ejjg(re)ias."); A47 ("Cus(tume) he q(ue) todo Moordomo ou portejro ou sayõ q(ue) entrar cõ vizinhõ da uilla & nõ p(er) razõ da *oueença* q(ue) ha. nõ lhe deuẽ correger. senõ come a outro vızinho."); A48 ("Cus(tume) he de todo oueençal q(ue) tẽ *oueença* delRey. & alguẽ uem a monta-la. q(ue) lhy deue a dar conto atanoue dyas de quanto recebeu.").

⁶⁵² O m.q. *penitência*. Cf. I16 ("os quais, nõ podemdo pairar a tormentta que sobreveo, costramgidos da neçessydade tornarão a Çepta a fazer *pemdemça* de sua ousada malliciã, per sy e pellos outros.").

⁶⁵³ O m.q. *pestilência* XIV, lat..

⁶⁵⁴ Em Cunha ([1982] 1987²), "ração diária; esmola de missa".

⁶⁵⁵ O m.q. *prestância* XVI, lat..

⁶⁵⁶ O m.q. *providência* XIV, lat.. Cf. D9 ("embargado em todo geeral regimento de justiça, conselhos e todas outras *proveenças* de meus reinos e senhorio"); D316 ("Vee a minha doença, defende-me dela, ou cura-me, por tal que ajudando-me a tua *proveença*, nunca me desampare a tua consolaçom e mercee."); D373 ("Quarta, nom poendo boo regimento, e *proveença* nos mantiimentos e outras cousas que lhe pertecem, assi que per fame, sede ou desavisamento seja filhado").

2. 3. Empréstimos:

bonança 2, 7, 11 (cast.); *confiança* 11 (fr.); *estança* 2 (it.); *fiança* 2, 11 (fr.); *governança* 11 (fr. a.); *mercancia* 7 (do it., pelo cast.)

XIV *liamça*⁶⁵⁷ N19 / *liança* D101

2. 4. Deriv. regr.: *pertença* 1

Theophilo Braga (1876: 39), em "Substantivos derivados de adjectivos", lista *prudencia*, *assistencia*, *continencia*, nomes que diz serem formados a partir dos adjectivos *prudente*, *assistente* e *continente*, aos quais se terá soldado "-encia". Em "Substantivos derivados de verbos", o autor (cf. Braga, 1876: 40) dá mais exemplos de nomes em "-ancia, -ença e -encia", como *vigilancia*, *nascença*, *pendencia*, etc., mas não faz qualquer tipo de descrição.

Carl von Reinhardstoettner (1878: 130) considera que "*Ant*, *ent* (plurais *antia*, *entia*)" são formas do particípio presente do latim, as quais estiveram na origem de "*ança*, *ença*", encontrando-se "*ancia*, *encia*" sobretudo em palavras herdadas do latim.

Em "Substantivos derivados de adjectivos", Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 344) indicam que "*Ença* Significa qualidade, estado: *doença*, *convalescença*. *Encia* (lat. *entia*). Denota qualidade: *prudencia*", voltando a tratar "*Ança*, *ença*, *ancia*, *encia* (lat. *antia*, *entia*) em "Substantivos derivados dos verbos", especificando que os sufixos indicam "acção, estado de acção" e servem para formar "nomes abstractos correspondentes aos adjectivos em *ante*, *ente*, *inte*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 346), como, por exemplo, em *esperança*; *crença*; *concurrência*; *observância*, *vigilancia*, aspecto que já havia sido apontado por Braga (1876: 39). Curiosamente, os autores afirmam que "*Ença*, *encia* são as fórmulas populares⁶⁵⁸; mas temos não obstante muitos vocabulos de derivação classica com este suffixo: *exigencia*, *urgencia*, *adherencia*. Muitos dos nossos nomes derivados em *ança* não têm correspondentes em latim" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 346).

⁶⁵⁷ Em Cunha ([1982] 1987²), o m.q. *aliança* (provavelmente do fr., assim como *aliar* XVI).

⁶⁵⁸ Sublinhado meu.

António R. Vasconcellos (1900: 131) só indica a etimologia de "-ncia e -nça", do latim "-ntiã", exemplificando com "*deferé-ncia, cobra-nça, nasce-nça*" e Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 63) tem meramente em conta "*ança*" e "*ancia*". Segundo este autor, "*ança*, lat. *antia*, como em *ignorantia*, derivados do participio presente: *esperança, vingança*. Muitas palavras, mormente as que nos vieram directamente do latim, ainda conservam a terminação *ancia*: *ignorancia, constancia*, etc."

José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 369) trata "-ante, -ente, -inte, -ança, -ença", sufixos que, de acordo com o autor, provêm "do latino *-nt*, que nesta língua servia para, adicionado a temas verbais, formar participios do presente, representando os três primeiros os géneros masculino e feminino do singular e os dois últimos o neutro do plural. Habilitados por vezes como substantivos em um e outro número, já desde o latim, passaram a designar aqueles o agente de qualquer dos sexos, estes a realização da acção, indicada pelo respectivo radical, e também qualidade, nos vocábulos cultos, os quais naturalmente mantêm a primitiva forma *-ancia*: 1.º *am-ante* (...), *requer-ente, ped-inte, ouv-inte*, etc. ; 2.º *mud-ança* (...), *det-ença* (...); b) *cons-tância, clem-ência* (...), etc."

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 234) ao proceder à descrição de "-ança, -ença, -ância, -ência", explica que "pôsto que do latim *-antia, -entia* procedesse *-ança, -ença*, o número de palavras que com a terminação assim modificada passaram ao português popular ou nêle se crearam segundo êste modelo, é todavia muito inferior ao dos vocábulos em *-ância, -ência* que ulteriormente se foram buscar ao latim clássico. Para Ali ([1931] 1964³: 234), não só muitos vocábulos em *-nça* caíram em desuso (exs.: *igualdança, perdoança, significança*), como alguns foram suplantados por outros: "*nascença* tem sido eclipsado por *nascimento*; a *ensinança* prefere-se *ensino* e *ensinamento*; *peendença* (...) foi substituído por *penitência*; *conhecença* pelo vocábulo *conhecimento* (perdurando o emprêgo de *conhecença* apenas como têrmo de marinha); *convença* (...) por *convenção*; *criança*, de equivalente a "criação", "cria de qualquer animal" (...), passou a ter sentido especializado").

Na opinião de Joseph Huber ([1933] 1986: 274-275), "-ança (forma erudita *-ancia*) < *-antia*" serve para formar substantivos abstractos a partir de "radicais verbais"⁶⁵⁹ (exs.: *gaança* 'ganho', *olvidança* 'esquecimento', *semelhança*), "radicais de

⁶⁵⁹ O autor considera que as bases são radicais, e não temas verbais, por achar que a VT pertence ao sufixo.

adjectivos" (ex.: *alegria* 'alegria') e "radicais de substantivo" (ex.: *aventurança* 'ventura'), enquanto *-ença* "(forma erudita *-encia*) < *-entia*" ocorre em nomes do tipo de "*creença* 'crença', *conhocença* 'conhecimento".

Ismael L. Coutinho (1938: 57) afirma unicamente que "*-ança* e *-ância* < *-antia*, *-ença* e *-ência* < *-entia*. Servem para formar substantivos, exprimindo ação ou resultado dela, sentimento, qualidade, estado: *mudança*, *folgança* (...); *detença*, *nascença*; *obediência*, *experiência*, *paciência*".

Assim como "ao lado de *-eiro* há *-ário*", segundo Carolina M. Vasconcellos ([1946] s.d.: 79), também o mesmo se passa em "*-ença* e *-ência*: *influença* e *influência*. Nem de todos os que existem em pares divergentes há assim duas formas ligadas aos mesmos temas. (...) Em geral o sufixo de forma popular determina um tema popular; e o de forma culta um tema literário"⁶⁶⁰.

Mattoso Câmara Jr. (1975: 224) alude a "*-ânci(a)*, *-ênci(a)*" ao tratar "*-i(a)*. Lat. vulgar *-ī(a-)*, por empréstimo ao grego, em substituição do sufixo átono do latim clássico *-īa*. Ex.: *valentia* (*valente*). O sufixo átono *-īa* só persiste combinado ao sufixo *-ante*, *-ente*, de participio presente (...), nas formas *-ânci(a)*, *-ênci(a)* *arrogância* (*arrogante*), *clemência* (*clemente*)".

Ao serem considerados como as formas "erudita" e "popular", permanece a questão de sabermos se *-ncia* e *-nça* são alomorfes de um mesmo sufixo, como defendem, por exemplo, Lacuesta e Gisbert (1999: 4580), ou se são sufixos diferentes. Contrariamente ao que afirmam estes autores, parece que nem sempre a presença de um derivado em *-nça* bloqueia a existência do derivado correspondente em *-ncia*, logo, aparentemente não se encontram em distribuição complementar (cf., por exemplo, XIII *folgãcia* S13 p. 1 e XIII *folgamça* F8, H5 / *follgamça* K7 / *folgança[s]* D16, D20, ...). Por outro lado, apesar de ambos se soldarem a temas verbais⁶⁶¹, *-nça* pode igualmente seleccionar nomes para formar outros nomes⁶⁶² que não são nem nomes de acção nem

⁶⁶⁰ A autora não deixa de observar que "esta regra tem muitas excepções. Além de *fadista*, do tema popular *fado* e sufixo grego *-ista*; *boticário*, do semi-erudito *botica* e o erudito *-ário*, há adjectivos e substantivos vulgares como *bobo*, *asno*, alargados por *-ático*, sufixo erudito e esdrúxulo: *bobático*, *asnático*, *freirático*" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 79).

⁶⁶¹ Quando se trata de um verbo da 3.^a conj., a vogal temática passa de */i/* a */e/*.

⁶⁶² Aspecto não referido pelos gramáticos históricos.

nomes de qualidade, mas antes, como assinala Piel (1940a: 232-233), nomes com "um significado colectivo (que facilmente se combina com o abstracto), e aumentativo, com um ligeiro sabor depreciativo ou familiar: cf. *festança* «festa ruidosa; grande divertimento», *molhança* «grande porção de mólho», *papança* fam. «aquilo que se come, comezaina», *mestrança* pop. «conjunto dos indivíduos mais graduados», deprendendo-se das palavras do autor que só nestes casos o sufixo manifesta a sua disponibilidade para formar novos derivados.

Por estas razões, permito-me não concordar totalmente com Villalva (2000: 92), autora que considera *-nça* e *-ncia* "variantes de um mesmo sufixo, constituindo a sua forma específica um possível critério para a datação de palavras no léxico do português: *-nça* á a forma que ocorre em palavras que a integram desde a formação da língua (...), ao passo que *-ncia* ocorre em empréstimos mais recentes (cf. *tendência*⁶⁶³) ou em palavras formadas no Português. Assim, ainda que todas as formas que integram as duas variantes do sufixo sejam relevantes para a análise da sua estrutura interna, só aquelas em que ocorre *-ncia* devem ser consideradas para a caracterização do processo sincronicamente produtivo. O sufixo *-nça* não está disponível para a formação de palavras no Português Europeu Contemporâneo".

Depois de ter considerado *-ncia* como a única variante produtiva em português, Villalva (2000: 92-93) procura demonstrar que "o sufixo *-ncia* é composto por dois morfemas (+nt+ia+), mas que se trata de um único constituinte morfológico⁶⁶⁴, concluindo, assim, e na sequência de Aronoff (1976), que um modelo de análise morfológica assente na identificação da estrutura morfemática das palavras é inadequado". Mas isto não significa que a autora aceite que todos os derivados em *-ncia* sejam formados a partir de um adjectivo em *-nte*, apresentando, pelo contrário,

⁶⁶³ Em Cunha ([1982] 1987²), 1813, fr. *tendance*.

⁶⁶⁴ Pelo contrário, Mateus e Andrade (2000: 98) partem do pressuposto que se trata de dois sufixos (*-nte* + *-ia*). Os autores dão exemplos que ilustram a regra de fricativização do /t/, que passa a [s], que são [+lat] (cf. *elegância*, *presidência*, *abundância*, *residência*). Afirmam inclusive (cf. nota 14, p. 99) que "we believe that this kind of derivation (e.g. *abundant-e* / *abundânc-ia*) is still very productive in Portuguese and that the application of the spirantization rule is grounded in intuition and tradition."

Mateus e Andrade (2000: 99) assumem que derivados como *serventia*, em que não há alternância consonântica, i.e., em que o /t/ não passa a [s] são excepções, quando na realidade este derivado é formado com *-ia*, a partir de *servent-* (cf., por exemplo, PE)

argumentos que refutam esta análise⁶⁶⁵, nomeadamente "a ocorrência de palavras em *-nça / -ncia*, na ausência de palavras em *-nte*" (Villalva, 2000: 94), alegando ainda que "a posição do acento nas palavras em *-nça / -ncia* não permite concluir que sejam derivadas dos adjectivos em *-nte*, mas indicia que a formação do sufixo *-ncia* é anterior à sufixação das formas em *-nte* pelo sufixo *-ia*" (Villalva, 2000: 110), deduzindo, então, que "a formação dos nomes em *-ncia* não recorre à sufixação de *-ia*, mas a existência dos dois morfemas permite a intervenção da regra de assibilação do /t/ que o precede (cf. *ardência, servência, valência*)"⁶⁶⁶ (Villalva, 2000: 104).

A hipótese apresentada por Rio-Torto (1997: 817-818), defendendo a unicidade predicativa das bases em exemplos do tipo de *concorrência* e *confiança*, que admitem dupla interpretação ("o facto de ser Adj." ou o "facto de V"), afigura-se como uma boa solução, pois permite dar conta quer dos nomes de adjectivais, quer dos nomes de verbais⁶⁶⁷ em *-ncia / -nça*, mas também não contempla a possibilidade de *-nça* formar nomes a partir de outros nomes.

Nos exemplos em análise, os sufixos *-ncia* e *-nça* juntam-se desde o século XIII (cf. exemplos retirados dos textos), a temas verbais para formarem nomes e designam 'Acção ou resultado da acção' e 'Estado'.

Enquanto *-ncia* só ocorre praticamente em latinismos, alguns deles introduzidos tardiamente⁶⁶⁸ e sem verbo correspondente em português, *-nça* ocorre simultaneamente em vocábulos formados em português e em formas [+lat]⁶⁶⁹.

⁶⁶⁵ Villalva (2000: 93) rejeita a hipótese de Andrade (1977: 109-114, 202), autor para quem nomes como *tendência* ou *residência* são derivados dos adjectivos morfologicamente relacionados *tendente* e *residente*. Cf. Cunha ([1982] 1987²), *tendência*, 1813, fr. *tendance*; *residência*, XVI, lat..

⁶⁶⁶ Note-se que estes nomes, tidos como derivados pela autora, são todos classificados como [+lat], em PE.

⁶⁶⁷ Rio-Torto (1997: 817) dá exemplos de derivados (*cobrança, parecença, falência, ocorrência*) que, na sua opinião, "não podem ser senão de verbais", visto que dificilmente lhes poderíamos apontar uma base adjectival em *-nte*, em *-dor* ou *-d-*, e outros que, "por razões de natureza formal e/ou morfológica, são necessariamente de adjectivais", como é o caso de *vigilância, petulância, aparência, carência*, derivados de adjectivos em *-nte*, já que os verbos com eles aparentados apresentam uma estrutura morfológica diferente. Todavia, se aceitarmos como válidas as etimologias indicadas nos dicionários (cf., por exemplo, Cunha [1982] 1987²), todos estes nomes em *-ncia* são [+lat].

⁶⁶⁸ Sobre a origem tardia destas formas, cf., por exemplo, Paz (1995).

Uma outra diferença está relacionada com a perda de produtividade do sufixo *-nça*, que modernamente não está aparentemente disponível para formar nomes a partir de temas verbais. Como se pode verificar abaixo, em que se confrontam derivados em *-nça* retirados dos textos dos séculos XIII, XIV e XV com derivados formados com outros sufixos, a partir da mesma base, com formas regressivas e com formas [+lat], alguns deles caíram em desuso (os assinalados com †) em tempos já recuados:

- a) *-nça* / *-mento*: XIII †*demonstrança* D140 / †*demonstramento* XIII; XIV †*ensinança[s]* D8, D9, D11, D12, D14, D17, D57, D73, D80, D93, D113, D134, D216, D268, D274, D293, D318, D329, D344, D360, D361, D366, D374 / †*insinança[s]* D54, D108, D240 / *ensinamento* XIII; XIV †*estremança* D239 / †*estremamento* XV; XIV *mudança[s]* D17, D19, D33, D64, D74, D76, D81, D97, D108, D134, D141, D147, D150, D151, D154, D169, D205, D229, D233, D234, D239, D268, D269, D308, D356, D368 / †*mudamento* XIII; XIII †*perdoança[s]* D68, D255, D261 / †*perdoamento* XV;
- b) *-nça* / *-ção*: XIII †*demonstrança* D140 / *demonstração* XIV; XIV †*estremança* D239 / †*estremação* XIII; XIII †*perdoança[s]* D68, D255, D261 / †*perdoação* XIV;
- c) *-nça* / *-eza*: XV †*igualanças* D58 / †*igualdança* D237 / †*igualdeza* XIII;
- d) *-nça* / formas regressivas: XV †*desvairanças* D237 / *desvairo* XIII; XIV †*ensinança[s]* D8, D9, D11, D12, D14, D17, D57, D73, D80, D93, D113, D134, D216, D268, D274, D293, D318, D329, D344, D360, D361, D366, D374 / †*insinança[s]* D54, D108, D240 / *ensino* XIV;
- e) *-nça* / formas [+lat]: XIII †*perdoança[s]* D68, D255, D261 / lat. *perdão* XIII; XV †*igualanças* D58 / †*igualdança* D237 / lat. *igualdade* XIII;

Os exemplos retirados dos textos usados para controlo dos dados, levam-me ainda a anotar que:

1. várias formas em *-nça* ostentam a grafia aportuguesada das formas correspondentes em *-ncia* e, frequentemente, só estas últimas estão dicionarizadas, pelo que considere igualmente as primeiras como [+lat] (exs.: XIII lat. *guaança* D8 /

⁶⁶⁹ Apesar de as formas [+lat] não merecerem um tratamento desenvolvido ao longo deste trabalho, não quero deixar de apontar que a maior parte dos latinismos em *-ncia* fornecidos pelos gramáticos têm um adjectivo correspondente em *-nte*, sendo igualmente estes, na sua maioria, [+lat] (exs.: *abstancia* 1 (lat.) / *abstinente* (lat.); *ambulancia* 1 (lat.) / *ambulante* (lat.); *consciencia* 8 (lat.) / *consciente* (lat.); etc.).

gaança D47; XIV lat. *pestenemça* F16 / *pestenêça* G26 / *pestelença* D219, D220, D221, D222, D223, D224, D341 / *pestenença* D56, D222; XV lat. *prestamça* Q9; XV lat. *proveença[s]* D9, D316, D373);

2. alguns derivados não estão registados em Cunha ([1982] 1987²): XV *(bem-)aventuramça* Q27 / *(bem-)aventurança[s]* D27, D52, D70, D71, D158, D159, D160, D206, D213, D214, D254, D255, D273, D274, D292, D297, D301, D312, D315; XIII *jazêça* S13 p. 66; XV *tenemça* I15; XV *trigamça* G33, H6, H22, I4, M4, N20, O7, O22, Q16 / *trigança* D107, D244 / *trygamça* N14;
3. certas formas [+lat] também não são registadas por Cunha ([1982] 1987²): XIII lat. *fememça* F6, G17, G30 / *femença* D93, D185, D187, D238; XIII lat. *ouêêças* S13 p. 164 / *oueença* A47, A48; XV lat. *prestamça* Q9.

Em suma, concludo pela existência de dois sufixos *-nça* em português: o primeiro, formador de nomes abstractos, a partir de temas verbais, e o segundo em nomes denominais, quer com acepção colectiva, quer aumentativa e/ou pejorativa, como por exemplo *festança* e *molhança* (cf. Piel, 1940a: 232-233). Se quanto ao primeiro aceito que ele possa ser a contraparte "popular" de *-ncia*, penso que o segundo não pode ser um alomorfe de *-ncia*, uma vez que em nenhum dos exemplos se verifica a alternância *-ncia* / *-nça*.

4. 2. 8. –SÃO / –ÇÃO (-ÇÕ, -ÇOM, -ÇON⁶⁷⁰) / -ÃO:

Quando integrei o sufixo *-ção* na análise que me propus levar a cabo, fi-lo por duas razões: por um lado, muitos gramáticos históricos referem a concorrência entre os sufixos *-mento* / *-ção* e a sobreposição do segundo (cf. descrição de *-mento*) e, por outro lado, apesar de a maioria dos gramáticos reconhecer unicamente *-ção* como sufixo do português, de acordo com outros teríamos em português uma alternância *-são* / *-ção* e, para outros ainda, também com *-ão*, tal como veremos seguidamente.

Também em autores de outro tipo de obras *-ção* e *-são* se apresentam por vezes como variantes. Por exemplo, Piel (1940a: 229) afirma que "para exprimir a ideia abstracta pura, não há talvez em latim nenhum sufixo que possa rivalizar com -TIO, -TIONE, -SIO, -SIONE, port. -ção, -são"⁶⁷¹. Todavia, depois de uma explicação mais aturada, o autor acaba por reconhecer que "-são se encontra apenas em latinismos que reflectem directamente palavras latinas em -SIO, -SIONE.", pelo que "não podemos considerar [-são] como sendo um sufixo vivo" (Piel, 1940a: 230). Veja-se ainda, por exemplo, Cunha e Cintra (1984²: 99), que apresentam lado a lado *-ção* e *-são*, com o "sentido" de "acção ou resultado dela".

1. PORT.:

TV + -ção → N:

'Acto ou efeito de V'

agrupação 7; *apresentaçõ* 12; *canonisação* 4; *deslocação* 7; *diferenciação* 1; *embarcação* 2; *escrituração* 2; *fiação* 9; *fundição* 16, 18; *guarnição* 2; *modernização* 6; *perseguição* 11; *povoação* 11 / *povoraçom*⁶⁷² 6; *rendição* 16; *repartiçom* 6; *tripolação* 2

⁶⁷⁰ Para além destas, temos ainda como variantes gráficas menos frequentes *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*.

⁶⁷¹ O sublinhado é meu.

⁶⁷² De *povorar*, segundo Machado ([1952] 1977³), em 1363, o m.q. *povoar*.

XIV *amoestações* P25

XIII *ap(re)sentaçõ* S13 pp. 160, 163, 167

XIV *armação[-ções]* H2, I6, N17, O30

XIV *comgregação* E22

XIV *comsyração* E23, O4 / *consiraçom* D25 / *consiiraçom[-ções]* D200, D216, D236, D298, D300, D309

XV *continuação* E19, M11 / *comtinuaçom* E26, F8 / *continuaçom* D179, D263, D308, D370

XV *cuydação* M16 ("como são homens discretos e de grande e sentyda cuydação"), M20 ("posto que fossẽ naturais da outra parte de Grada, cuydavã que podiam ally esperar ate que vissem tempo em que podessem tornar com mayor seguramça, aynda que allgũs delles, espiçiallmente os dos navios mais pequenos, se emganarã naquella cuydação"), E27, P24 / *cuidaçom* D237

XIV *demonstração* E4 / *demonstraçom* D147, D167

XV *desaculpaçom* D52 ("E se alguem os quer castigar ou conselhar, aquel que nom queria consentir seer teudo em conta dos outros, filha por sua desaculpaçom dizer que é homem, e que lhe convem sentir o que os outros sentem, fazendo como eles.")

XIV *desesperaçom* D32, D227, D264, D302, D309 / *desasparaçom* D163, D232, D262 / *desparaçom[-ções]* D70, D71, D103, D155, D167, D257, D262, D274, D276, D277, D282, D294, D317

XIV *despensaçom* D320

XIV *diuisaçõ* A86 ("(e) leudo o bõ stromẽto da diuisaçõ q(ue) ffora ff(ei)to cõ o d(i)to P(e)d(ro) lourẽço")

XV *duraçom* D238, Q17 / *duraçõ* N8

XIV *emformaçã* G8, G18, H16, O24 / *ẽformaçã* H17 / *emformaçõ* E5 / *enformaçom* D13, D79, D132, D133, D153, D212, D260

XIII (pl. XIV) *enq(ue)riçõ* A104 / *enquiriçõ* A41 / *enq(ui)rições* A70

XV *emterraçã* Q29 ("leixamdo as exequias que lhe mamdou fazer aa emterraçã, depois fez trazer sua ossada com grande homrra e poer no Moesteiro de Samt'Agustinho de Samtarẽ)

XIV *guarniçã* K17, O14

XV *igualaçom* D240 ("Esta virtude se parte em duas: ãa é natural e outra moral. A natural é aquela que nace da igualaçom dos elementos, temperamento, d'umores e feiçom do corpo")

XIV *mudaçõ* M24

XIII *outorgaçõ* S13 p. 97, A86

XIII *pariçõ* S13 p. 228 ("aaquella ora q(ue) ouuer a parir, foras ende aq(ue)lla que deue seruir a pariçõ.")

XIV *persiguições* D159, D222

XIII *povoraçãõ* G18, G18, H5, N20 / *pobraçom*[-ções] I13, M20

XIV *pregaçãõ* H8 / *preegaçom*[-ções] D134, D140, D141, D163, D267, D346, D347

XIII *p(ro)fejtã* S13 p. 159 ("por p(ro)fejtã /?/ do [...] de Portugal ffez e stabelesçeu aq(ue)stes deg(re)dos")

XV *recomendações* D186

XIV *Remataçom*⁶⁷³ A142, A143 / *Rémataçom* A143 / *rremataçõ* A134 / *rremataçoes* A130

XV *repartiçom* D17, D32, D38, D102, D260, D261, D306 / *repartições* H8 / *rrepartyçãõ*[-ções] E26, L14

XV *serraçãõ* L10 / *çerraçãõ* K14

XIV *testaçõ*⁶⁷⁴ A23 ("Saluo se for ía iuygado mays bem pode poer testaçõ sob(re)-lo pã e sob(re)-lo vñõ. e sob(re)-la c(ar)ne q(ue) os di(nhei)r(o)s q(ue) destas cousas sayrẽ q(ue) estẽ p(er) a dereyto.") / *testaçom* A48

XIV *treladaçãõ* Q29 / *traladaçom* D360

⁶⁷³ Cunha ([1982] 1987²) e Machado ([1952] 1977³) não atestam o singular e para o plural indicam XV.

⁶⁷⁴ Cf. Cunha ([1982] 1987²): *testar* 'deixar em testamento', lat. XIII.

2. LAT.⁶⁷⁵:

abolição 4 (lat.); *acção* 7 (lat.); *afeiçom* 6 (lat.); *armação* 7, 16, 17 (lat.); *audição* 11 (lat.); *canção* 8 (lat.); *commoção* 7 (lat.); *comemorações* 12 (lat.) / *comemoraciones* 12 (lat.); *comparação* 11 (lat.); *compreisson* 6 (lat.); *conflagração* 9 (lat.); *consecução* 11 (lat.); *consolação* 18 (lat.) / *consolaçom* 6 (lat.); *convenção* 11 (lat.); *conversaçom*⁶⁷⁶ 6 (lat.); *coraçom* 6 (lat.); *coroação*⁶⁷⁷ 11, 15 (lat.); *criação* 9, 16 (lat.) / *criaçom* 6 (lat.); *declaração* 11 (lat.); *dedicação* 9 (lat.); *deleitaçom* 6 (lat.); *desposiçom* 6 (lat.) / *disposição* 17 (lat.); *devoçom* 6 (lat.); *divisão* 17 (lat.); *diversão* 17 (lat.); *educação*⁶⁷⁸ 17 (lat.); *entençom* 6 (lat.); *evolução* 7 (lat.); *excepção* 9 (lat.); *execuçom* 6 (lat.); *expedição*⁶⁷⁹ 7 (lat.); *expressão* 18 (lat.); *facção* 7 (lat.); *formação* 7, 15 (lat.); *função* 17 (lat.); *fusão* 11 (lat.); *geração* 6 (lat.) / *jeeraçom* 6 (lat.); *gesticulação* 16 (lat.); *invocação* 11 (lat.); *nação* 8 (lat.); *nomeação* 11 (lat.); *obrigação*⁶⁸⁰ 11 (lat.); *ocupação* 1 (lat.); *oração* 1, 16 (lat.); *paixão* 17 (lat.); *partição* 7 (lat.) / *partiçom* 12 (lat.); *perdição* 7, 9, 15, 16, 18 (lat.); *persuasão* 11 (lat.); *petição* 9 (lat.); *posição* 11 (lat.); *procissão* 17 (lat.); *promoção* 7 (lat.); *pronúnciação* 4, 7 (lat.); *punição* 7, 15, 17 (lat.); *questão* 17 (lat.); *razão* 17 (lat.); *revolução* 7 (lat.); *salvação*⁶⁸¹ 15 (lat.); *solução*

⁶⁷⁵ Quando procedi ao levantamento das formas em *-ção* nos textos, só tive em conta aquelas que estabelecem uma relação transparente com o verbo correspondente. Ou seja, excluí formas como, por exemplo, *benção*, *jurisdição*, etc.. Cf., por exemplo, Basílio (1980: p. 55) que acha que vocábulos como *condição*, *aversão*, etc., devem ser considerados como palavras simples porque "a base não ocorre em nenhuma outra formação, de modo que não há nenhum meio para o falante estabelecer correspondências fonético-semânticas e inserir a forma em alguma relação paradigmática dentro do léxico. Os únicos elementos que temos são a seqüência fônica /são/ e a categoria lexical de nome. Isto é, não temos condições de isolabilidade por parte da base, embora tenhamos algumas condições de isolabilidade por parte do sufixo".

⁶⁷⁶ De acordo com Cunha ([1982] 1987²), do lat.. Para Machado ([1952] 1977³), "de *conversar* ou mesmo do lat."

⁶⁷⁷ Para Cunha ([1982] 1987²), do lat.. Machado ([1952] 1977³) não tem a certeza se *coroação* vem do latim ou se foi criado em português, a partir do verbo *coroar*.

⁶⁷⁸ Segundo Cunha ([1982] 1987²), do lat.. Em Machado ([1952] 1977³), "do fr. *éducation*, este do lat."

⁶⁷⁹ Tal como Cunha ([1982] 1987²), Machado ([1952] 1977³) também indica tratar-se de uma forma latina, mas afirma que "talvez tivesse havido intervenção do fr. *expéditiō* Séc. XVI (Morais²)".

⁶⁸⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), do lat., mas em Machado ([1952] 1977³) "de *obligar* 1347". Corominas e Pascual (1980-1991) classificam esta forma como "cultismo".

⁶⁸¹ Em Cunha ([1982] 1987²) e PE, do lat., mas em Machado ([1952] 1977³) "de *salvar* Séc. XIII".

7, 11 (lat.); *tenção* 17 (lat.); *tentação* 9 (lat.); *tradução* 7 (lat.); *transacção* 7 (lat.); *vendição*⁶⁸² 7 (lat.) / *vendiço* 12 (lat.)

XIII lat. *acusação* S13 pp. 188, 206, 283, 284, 285, 286 / *accusaço* S13 pp. 268, 284 / *acusacon* S13 p. 233, 260 / *acusacoes* S13 p. 257 / *accusaço*es S13 p. 284

XV lat. *adoração* D347

XIV lat. *alegações* D240

XV lat. *alteração* D75, D109

XIII lat. *apelaço* S13 pp. 127, 147 / *apelaço*m A36 / *ap(e)lacom* A121 / *apelaço* A25, A42, A62, A76, A114 / *apelaço*es, A76

XV lat. *aspiração* D267

XIV lat. *assijnaço* A86

XIV lat. *citaço*m A29, A36 / *çitaço* A86 / *Çitaçiõ* A64

XIII lat. *cõlaço*es S13 p. 182

XIII lat. *comemorazones*⁶⁸³ S13 p. 2 / *comemoraciones* S13 p. 5

XIV lat. *comparaço* E25, G3, H3

XV lat. *condenaço*m D160 / *condanaço*m D161

XIII lat. *cõfirmaço* S13 p. 46 / *comfirmaço* E4

XIV lat. (pelo fr.) *cõffrontaço*es A155

XV lat. *comsollaço* E25 / *consolaço*m[-ço]es] D16, D27, D187, D188, D312, D316

XV lat. *conservaço*m D220

XIV lat. *contemplaço*m D62, D70, D71, D250, D366 / *contemperaço*m D192

XV lat. *contestaço* A29

XIV lat. *conversaço*m[-ço]es] D10, D17, D40, D46, D72, D99, D124, D125, D133, D143, D150, D153, D154, D163, D173, D176, D179, D182, D184, D185, D186, D190, 191, D197, D234, D235, D310, D349

XV lat. *corroboração* E4

XIII lat. *c(ri)açom* S13 p. 163 / *criaçom* M11, P16 / *criaçom* E7, N11, P26, Q4, Q6 / *criaçom* E17, D150

XIV lat. *danaço* K18

⁶⁸² Em Machado ([1952] 1977³), "de *vender* 1286". Cunha ([1982] 1987²) e PE anotam esta forma como sendo latina.

⁶⁸³ Em Cunha ([1982] 1987²), a forma sing. é do séc. XIV e *comemorar*, 1813, do lat..

XIV lat. *declaraçõ* S13 p. 170 / *declaração* E5 / *declaraçom*[-ções] D12, D13, D14, D19, D31, D32, D34, D40, D42, D63, D98, D100, D101, D117, D127, D130, D150, D157, D160, D216, D248, D257, D260, D286, D289, D294, D296, D304, D329 / *declaraçõe* D108

XV lat. *defamaçom* D284

XV lat. *defiinçom*[-ções] D207, D209, D248, D250, D252, D253, D261 / *definções* D236

XIV lat. *deleytaçã* L13 / *delleytações* P8 / *deleitaçom*[-ções] D16, D31, D32, D35, D92, D99, D100, D122, D123, D127, D134, D167, D171, D175, D176, D180, D188, D190, D194, D201, D203, D227, D235, D240, D250, D254, D258, D259, D264, D280, D294, D295, D296, D297, D300, D308, D312, D333, D335

XIV lat. *deliberaçom* D35, D67, D256

XV lat. [*des*]symulaçã⁶⁸⁴ M28

XIV lat. *destruyçã* E13, L11 / *destroyçã* L13, L24 / *destróiçã* F14, M16 / *destruiçom* D130, D364

XIV lat. *determinaçom*[-ções] D15, D22, D23, D24, D34, D82, D133, D134, D137, D151, D174, D217, D238, D246, D248, D252, D280, D288, D290, D332, D339, D351, D355, D361 / *detreminaçã* F14, G19 / *detriminaçã* G4

XIII lat. *doaçõ* S13 pp. 19, 32, 38, 46, 50, 214, 239, 240, 241, 246, A51, A52, A53, A60 / *doaçom* S13 p. 64 / *dõaçom* S13 pp. 38, 64, 131 / *doaçon* A52 / *dõaçom* S13 pp. 38, p. 221, 239, 240, 241 / *duaçõ* S13 p. 208 / *doações* S13 p. 42 / *dõações* S13 p. 239 / *dõaçoes* S13 p. 217 / *doaço*es S13 p. 241 / *Dũaço*es S13 p. 240

XIII lat. *escusaçõ* S13 pp. 182, 196, 256 / *escusaçom* D261 / *scusações* D35

XIII lat. *estimaçõ* A47

XV lat. *examinaçom* D159

XIII lat. *géeraçõ* S13 p. 64 / *Geeraçõ* S13 p. 161 / *geraçã*[-ções] E23, E25, N6, P14 / *geraçom* E3 / *geraçõ* Q18 / *geeraçom*[-ções] D70, D71, D128, D141, D142

XV lat. *governaçã* E24

XV lat. *havitações* D323

XIV lat. *imaginaçom*[-ções] D146, D190, D297 / *maginaçom*[-ções] D76, D236, D298, D304, D318

XV lat. *impunaçom* D262 / *empunaçom* D265

⁶⁸⁴ Cf. *simular* XVI lat. e *dissimular* XVI lat. (Cunha [1982] 1987²).

XIII lat. *incarnação* S13 p. 172

XIV lat. *ymtrepretação* E2 / *entrepetação* D178

XIV lat. *inclinação* D35, D115, D151, D304

XV lat. *mijstrações* S13 p. 194 / *menistração* D320

XIV lat. *murmuração* D321 / *mormuração* D102

XIV lat. *negação* A62 / *negacões* A30 / *negação* D262

XIV lat. *obligações* S13 p. 154 / *obrigação* A28, A115, A164, A60/ *ob(r)igação* A51, A148 / *ob(ri)gaço* A103 / *ob(ri)gaço* A79 / *obrigação* A77 / *obrigação*[-ções] D9, D45, D84, D113, D118, D148, D149, D171

XV lat. *obstinação* D262, D264 / *abstinação* D262

XV lat. *ocupação*[-ções] D80, D105, D188, D190 / *oucupações* D109

XIII lat. *oração*[-ções] D148, D167, D185, D187, D188, D191, D247, D310, D347

XIV lat. *ordíinhaço* A26, A42 / *ordíinhaço* A26, A89, A90 / *ordíinhação* A38, A89 / *hordíinhaço* A107 / *hordíinhaço* A88 / *ordinações* D243

XIII lat. *partiço* S13 pp. 121, 134, 223, 224, 230 / *p(ar)tiço* S13 p. 55 / *p(ar)tiçon* S13 pp. 229, 230 / *partições* S13 pp. 55, 56 / *p(ar)tições* S13 p. 222 / *partiço*es S13 pp. 184, 217 / *p(ar)tiçoês* S13 p. 57 / *(de)partições* E11 / *(de)partyções* F6, K27

XIII lat. *perdição* F4, F5, K27, M21, N26 / *perdição* D169, D201, D363

XIII lat. *possession* S13 p. 305 / *possesióes* S13 p. 303

XV lat. *predistinação* D152, D292

XIV lat. *privação* D252, D262

XIII lat. *p(ro)curaço* S13 pp. 122, 123, 126, 127 / *p(ro)c(ur)açó* S13 pp. 87, 88, A53, A60 / *p(ro)curação* S13 p. 126 / *p(ro)c(ur)ação* S13 pp. 126, 127, 128, 129, 147, 148, 154, 166, A50, A51 / *p(ro)c(ur)açõ* S13 p. 93, A60 / *proc(ur)açõês* S13 p. 56 / *p(re)curaço* A50

XIV lat. *p(ro)testaçó* S13 p. 152, A71 / *portestaçó* A71 / *protestaçom*[-ções] D9, D161, D338

XIV lat. *provação* D221

XIV lat. *pubricaço* A106 / *pobricação* A140 / *publicaçom* D164

XV lat. *purgação* D164

XIV lat. *prurificação* D346

XV lat. *recliações*⁶⁸⁵ D210

XIV lat. *rremdição*[-ções] II, M22, P14, O28 / *rremdiçom* O12 / *rremdiçõ* O12 / *rendiçom* D326

XIV lat. *Renõçjasom* A149 / *renũçiaçõ* A55 / *Renõçyaçom* A149 / *renunciações* D159

XV lat. *representaçom* D187 / *rrepresentaçã* E25

XV lat. *reputaçã* P14

XIII lat. *restituçõ* S13 p. 46 / *restituiçom* D113, D166

XIV lat. *rreuogaçõ* S13 p. 147 / *reuogaçõ* A76, A121, A144

XIV lat. *revelações* D312

XIII lat. *sallvaçã* E8, K7, L13, M9, M17, N3, N27, P14, Q6, Q23 / *salluaçã* N9 / *salvaçom* D133, D148, D149, D157, D161, D172, D227, D247, D258, D279, D336

XV lat. *sanctificaçom* D136

XV lat. *seminaçom* D265

XIV lat. *spiraçom* D150

XIV lat. *suplicaçõ* A76 / *soplicaçõ* A121 / *soplicações* A76, A121

XIII, lat. *sustentaçõ* S13 p. 179

XIII lat. *têtaçõ* S13 pp. 84, 125, 155, 156 / *temptaçõ* S13 p. 62 / *tentaçom* S13 p. 126 / *têptaçõ* S13 p. 114 / *têptaçom* A78 / *temptaçom* D337 / *tentaçom*[-ções] D25, D52, D53, D55, D76, D119, D120, D121, D124, D140, D147, D161, D186, D266, D267, D280, D292, D305, D313, D315, D334, D350, D374

XV lat. *torvaçã*⁶⁸⁶ K26, N1 / *torvaçom* D77, D81, D91, D107, D109, D110, D195, D273, D307, D354 / *torvaçõis* P7

XIII lat. *trayçõ* S13 pp. 175, 279 / *t(ra)uçon* S13 p. 239 / *trayçã* K25 / *trauçom* D265 / *treuçom* D70

XIII lat. *tribulaçom*[-ções] D27, D311, D312, D314, D315, D321

XIII lat. *vendiçõ* S13 p. 146, A54, A59, A115, A124 / *uendiçom* S13 p. 126 / *uendiçõ* S13 p. 124, A77 / *vendiçom* D266

⁶⁸⁵ O m.q. *recriaçã*. Em Cunha ([1982] 1987²) e PE, do lat.. Segundo Machado ([1952] 1977³), de *recriar*.

⁶⁸⁶ Cunha ([1982] 1987²) indica que o verbo é do século XVI, mas, como se pode observar no exemplo que se segue retirado de um texto do século XV, a datação é anterior: F3 "Que mall nẽ que dapno nos podem fazer aquelles que tam fracamente se ouveram na defemsã de sua çidade, aquelles que nom poderam danar nem torvar os que os lamçavõ de suas casas?".

3. Empréstimo: *moção* 17 (ing.)

Em Teophilo Braga (1876: 42) o sufixo considerado é *-ão*, ao qual surge associado *-ção*, ficando a impressão que o autor não distingue ambos os sufixos, uma vez que se limita a uma breve lista de exemplos⁶⁸⁷.

Carl von Reinhardstoettner (1878: 142) filia *-ção / -são* ao latim "*tion e sion*", afirmando que os sufixos ocorrem em numerosos substantivos vindos do latim, como *combinação, aspersão*, etc., mas também em muitas novas formações. Todavia, todos os exemplos de "novas formações" que fornece são em *-ção* (exemplos: *guarnição, tripolação*, etc.).

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 346 e 347) caracterizam, em primeiro lugar, "*ação = lat. ionem, nominativo io (t-io, acção)*", que ocorre em derivados formados a partir de verbos da primeira conjugação, derivados esses que, de acordo com os autores, são na sua maioria "nomes abstractos; muitos d'elles — de acção —, tiveram por base o part. passado latino — *effusão, intuição*". Em seguida, num apartado diferente, decrevem "*ão, ção (são)*". Do latim *ionem, tionem, c-ionem, s-ionem*", os quais, tal como referem, indicam 'acção' (exemplos: *rasgão, canonisação*, etc.). Na descrição levada a cabo por estes autores existe alguma redundância, pois, como se pode observar, tratam separadamente *-ação* de *-ção*, quando a diferença entre ambos reside no facto de se ter ou não em conta a vogal temática que ocorre antes do sufixo.

Segundo Leite de Vasconcellos ([1911 1959³: 131), os nomes da 3.^a declinação latina "acabados em *-onem* deram em português antigo nomes acabados em *-om*", terminação que, de acordo com o autor, se manteve até o século XV, sobretudo a nível literário, e, a atestar esta afirmação, remete para o *Leal Conselheiro* de D. Duarte e para a *Crónica da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara, de onde retira alguns exemplos, exemplos esses terminados em *-çom / -som* e não em *-om* (cf. *compreissom, coração, criação, devaçom*, etc.).

⁶⁸⁷ Cf. Braga (1876: 42) "*ão*: (do lat. *onen*) como em *comilão, comichão, empurrão, ocupação, diferenciação, oração*".

Quase que em jeito de resposta ao autor anterior, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 213-214) começa por advertir que "-ão, -ião, -ionem, suff. subst. (...) não se deve confundir com -ão de *-onem*, nem com -ão de *anum*", ou seja, distingue três sufixos -ão, mas, no caso de "ç-ão", não explica a ocorrência da consoante que antecede -ão. Assim, o primeiro -ão a que se refere Pereira ([1916] 1935⁹: 213-214) é aquele que no "masculino assume a forma -ião: *campião*, *lampião*, (cf. *união*), e no feminino -ão (ç-ão) *lição* (*lectionem*, de *lectus*), *facção* (*factionem* de *factus*)", etc.. De acordo com o autor, o sufixo "ç-ão" é "vernaculo" e solda-se a temas verbais para formar "subst. abstractos, precedido das vogaes *a*, *i*, *o*, *u*, correspondentes nos respectivos verbos latinos: *acção*, *transacção*, *formação*, *partição*, *vendição*, *promoção*, *revolução*, *evolução*".

Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 65) indica unicamente que -ção vem do "lat. *tionem*(*m*), como em *rationem*(*m*): *nação*, *canção*".

Para José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 372-373), -ção é um sufixo que resulta da aglutinação do "sufixo latino *-to + -on* (...), que na antiga língua soava *-com*" e que, tal como em latim, se une a temas verbais para formar nomes abstractos, significando 'acção ou resultado da acção', "pertencentes tanto ao vocabulário popular como ao culto" (exs.: *criação*, *tentação*, etc.). Ao não referir a variante -são, deduz-se assim que, para o autor, ela não tem estatuto sufixal em português.

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 240) acha que -ção e -são "procedem respectivamente do latim *-tion-*, *-sion-*, em que as consoantes *t* e *s* pertencem a temas formativos do participio do pretérito" e que a "forma portuguesa" é -ção.

Também Joseph Huber ([1933] 1986: 273) só considera "-com (port. mod. -ção)", do "lat. *-tionem*" como sufixo português, exemplificando com alguns derivados retirados de textos do século XIII⁶⁸⁸.

Em "Nomes de acção ou resultado da acção e estado, tirados do verbo de que derivam", Francisco M. Sequeira (1938b: 98) lista algumas formações onde ocorre o sufixo -ção (exemplos: *formação*, *perdição*, etc.), nada acrescentando relativamente a -são e -ão. Idêntico procedimento adopta Ismael L. Coutinho (1938: 58), o qual refere

⁶⁸⁸ Huber ([1933] 1986: 273) não indica o semanticismo do sufixo, nem o tipo de bases a que se junta, se bem que os exemplos sejam elucidativos, i.e., derivados resultantes da junção de *-com* a temas verbais, como *comemorações* / *comemorações* (1214) e *apresentaçõ* (1293).

meramente que "-*ção* < -*tione*. Denota ação ou resultado dela, e serve para formar substantivos: *fundição, oração*", etc.

O sufixo nominal -*ção* é, para Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 45), "representante do latino -*tione*, que é o mais fecundo (infelizmente) da língua portuguesa, com muitas centenas de exemplos. Eles são tantos quantos os verbos da 1.^a conjugação. Mais ainda, pois há bastantes provenientes de verbos da 2.^a e 3.^a, e muitos sem vogal de ligação, (*tenção, função, moção*) em palavras herdadas", acrescentando que são vários (seis, segundo a autora) os "tipos fonéticos" (entenda-se alomorfes) que o sufixo assume, "segundo os fonemas precedentes, que provêm do mesmo latim -*tione*, -*sione*, e -*ssione*" (exemplos: *questão, paixão, cachão, diversão, procissão, razão*⁶⁸⁹). A utilização por parte da autora do advérbio "infelizmente" ao referir-se aos múltiplos derivados em -*ção* só se percebe se retivermos as diferentes alomorfas por si consideradas, quer as do próprio sufixo, quer as das bases a que se junta, como, aliás, faz questão de explicar. É bom não esquecer que aquilo que a autora tem em conta não é propriamente o que poderíamos designar por forte disponibilidade do sufixo -*ção*, mas antes o elevado número de formas em -*ção* que fazem parte do nosso acervo lexical.

Mattoso Câmara Jr. (1975: 225), o autor da gramática que cronologicamente se situa no fim da lista, à semelhança dos primeiros gramáticos históricos, apresenta -*ção*⁶⁹⁰ e -*ão*⁶⁹¹ como variantes, observando, contudo, que esta "não é produtiva".

Tal como se pôde verificar no início, nenhum dos vocábulos em -*ão* foi formado em português, todos os vocábulos que ostentam essa terminação foram herdados do latim, pelo que -*ão* não pode ser considerado como parte integrante do nosso sistema sufixal, nem tão pouco faz sentido dizer que tenha deixado de ser produtivo.

Dando continuidade ao latim -*tione*, o sufixo em português é -*ção*, não apresentando este alomorfe⁶⁹², atendendo ao facto de -*çõ*, -*çom*, -*çon*, -*çã*, -*çiõ*, -*ço* e

⁶⁸⁹ Sublinhado meu.

⁶⁹⁰ Para Câmara Jr. (1975: 225), o sufixo -*ção* tem origem no "Lat. -*tiōn(e-)*, do sufixo -*ion(e-)* com a integração da consoante do sufixo -*t(u-)*" (exemplos: *consolação, perdição*, etc.).

⁶⁹¹ Cf. Câmara Jr. (1975: 225) "-*ão* (do lat. -*ōn(e-)*, como em *expressão (expressar)*".

⁶⁹² Sobre os vários alomorfes observáveis em vocábulos herdados do latim, veja-se, por exemplo, Piel (1940a: 229-230) que sustenta que "-*TIONE* aparece como -*ção* e -*ão*: *poção* e *razão*, de *RATIONE*, a par de

-com serem variantes gráficas, características de um determinado período da nossa língua (cf. as datações dos vocábulos retirados dos textos), assim como também não faz sentido listar *-ação* e *-ição* como sufixos, dado que a vogal temática que os antecede, como se sabe, faz parte do tema verbal ao qual o sufixo se solda imediatamente. O mesmo se passa com *-ão*, apontado por vezes como variante de *-ção*, ou vice-versa (cf. Braga (1876: 42) e Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 347)). Através dos exemplos pode verificar-se que as formas em *-ão* ou *são* [+lat] ou, então, estamos em presença de sufixos diferentes. Como se sabe, é geralmente apontado (cf. Cunha [1982] 1987²) que o português possui dois sufixos nominais *-ão*: um oriundo do latim *-ō -ōnis*, o qual dá origem a nomes aumentativos (exemplo: *garrafão*) e a nomes a partir de radicais verbais (exemplos: *buzinão*, resultado da acção de *buzinar*) e outro do latim *-ānus*, que também viria a dar, em português, *-ano* e que indica a 'proveniência ou origem' (por exemplo, *beirão; alentejano*)⁶⁹³, mas nenhum deles é alomorfe de *-ção*.

Assumindo que o sufixo em português é *-ção*, importa discutir a sua suposta grande disponibilidade. Ali ([1931] 1964³: 240), por exemplo, assegura que muitos dos nomes abstractos deverbais em *-ção* "datam da mais antiga fase do português", enquanto outros "se criaram depois e ainda se vão criando segundo o modelo da formação latina". Assim, para Ali ([1931] 1964³: 240), *-ção* sempre foi e continua a ser um sufixo muito disponível, independentemente do verbo que está na origem da derivação "ser de linguagem popular ou de fonte erudita".

razão e *sazão*, de *SATIONE*, sem que me seja possível explicar o porque desta evolução heterogénea. A evolução de *TI* para *ç* dá-se naturalmente sempre que o grupo seja precedido de uma consoante: *LECTIONE* *lição*, *PORTIONE* *porção*, *TENTIONE* *tenção*, *FACTIONE* *feição*. Quando esta consoante é um *s*, o resultado é *ch*: *COMESTIONE* *comichão*, *MUSTIONE* *muchão*. Quanto a *-SIONE*, as formas antigas e populares mostram a palatização do *s* em *j*: *MANSIONE* ant. *meijom*, *LAESIONE* ant. *lijom*, *aleijão*, *OCCASIONE* ant. *cajom*, *VISIONE* pop. *avejão* «visão, abantêsma», parecendo que as formas em *-são*: *visão*, *prisão* *PREHENSIONE*, *tesão* *TENSIONE* sofreram a influência das respectivas latinas".

⁶⁹³ Na realidade, invocando as diferenças formais e semânticas, talvez fosse de ter em conta não dois mas três sufixos *-ão*.

De um total de 104 exemplos⁶⁹⁴ constantes nas várias gramáticas históricas, 86 (cerca de 83 %) são vocábulos latinos, o que parece contrariar a grande disponibilidade de *-ção* em português.

Nos derivados em *-ção*, dos dezasseis TV aos quais se juntou o sufixo, onze pertencem à 1ª conjugação, quatro (*fundi-*, *guarni-*, *persegui-* e *reparti-*) à 3ª e um à 2ª conjugação (*rendi-*), havendo neste último caso uma alternância da vogal temática que, ao dar-se a junção de *-ção*, passa de *-e-* a *-i-*, neutralizando-se, portanto, a vogal temática das 2ª e 3ª conjugações. Excluindo este exemplo, observa-se que o sufixo *-ção* não desencadeia qualquer tipo de reajustamentos da base, juntando-se imediatamente aos TV, na sua maioria TV da 1ª conjugação. Desta forma, não me parece aceitável, ainda que remetendo para uma explicação de ordem diacrónica, que na descrição de *-ção* seja apontada a alomorfa complexa do sufixo (cf., por exemplo, o trabalho recente de Lacuesta e Gisbert (1999: 4530), onde *-são*, *-ião* e *-ão* são apontados como alomorfes de *-ção*), nem a maior ou menor transparência dos derivados, pois as formações portuguesas em *-ção* são regulares e transparentes.

Os dados obtidos nas gramáticas históricas são, no essencial, corroborados com os exemplos retirados dos textos escolhidos para controlo dos dados, onde: de um total de 110 formas em *-ção* (excluindo variantes gráficas), 79 (72, 8%) foram herdadas do latim; de um total de trinta e um derivados em *-ção* (*-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção* e *-ção*), vinte e seis têm origem em verbos da 1ª conjugação, cinco pertencem à 3ª conj. (XIV *guarnição* K17, O14; XIII *parição* S13 p. 228; XIV *persiguições* D159, D222; XV *repartiçom* D17, D32, D38, D102, D260, D261, D306 / *repartições* H8 / *rrepartyção*[-ções] E26, L14 e XIII (pl. XIV) *enq(ue)rição* A104 / *enquiriçõ* A41 / *enq(ui)rições* A70) e não se regista nenhuma forma oriunda de um TV da 2ª conjugação. Ou seja, aparentemente, desde o século XIII que a 2ª e a 3ª conjugações estão pouco disponíveis no que diz respeito às nominalizações em *-ção*.

Os exemplos retirados dos textos fornecem-nos ainda algumas informações acerca do sufixo *-ção* (*-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção*, *-ção* e *-ção*) que não foram tidas em consideração pelos gramáticos históricos, das quais destaco as seguintes:

- partilha da mesma base com outros sufixos, nomeadamente:

-nça: XV *igualaçom* D240 / *igualança* XV; XIV *mudaçõ* M24 / *mudança* XIV;

⁶⁹⁴ Neste número incluo todos os exemplos fornecidos pelos vários autores e tenho igualmente em conta as variantes.

-eza: XV *igualaçom* D240 / *igualeza* XV;

-mento: XIII *outorgaçõ* S13 p. 97, A86 / *outorgamento* XIII; XIV *testaçõ* A23 / *testamento* XIII lat.

As datas das várias formas não nos permitem afirmar que *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*) se tenha sobreposto a outros sufixos, como é muitas vezes afirmado para reforçar a sua produtividade (cf. descrição do sufixo *-mento*).

- nalguns casos, certas formas em *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*) podem ser contrastadas com vocábulos regressivos, como por exemplo: XV *desaculpaçom* D52 / *desculpa* XVI; XIV *desesperaçom* D32, D227, D264, D302, D309 / *desasparaçom* D163, D232, D262 / *desparaçom*[-ções] D70, D71, D103, D155, D167, D257, D262, D274, D276, D277, D282, D294, D317 / *desespero* 1844; XIV *despensaçom* D320 / *dispensa* XVI; XV *emterraçãõ* Q29 / *enterro* XVII; XIII *pariçõ* S13 p. 228 / *parto*; XIV *Remataçom* A142, A143 / *Rémataçom* A143 / *rremataçõ* A134 / *rremataçoes* A130 / *remate* XV.

Através destes dados, somos levados a considerar que alguns derivados em *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*) foram progressivamente substituídos por nomes regressivos deverbais, visto que a datação destes é posterior.

- derivados em *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*, *-çiõ*, *-ço* e *-com*) e vocábulos [+lat] correspondentes: XV *cuydaçãõ*[-ções] M16, M20 E27, P24 / *cuidaçom* D237 / *cuidado* XIII lat.; XIV *diuisaçõ* A86 / *divisão* XIII lat.; XV *igualaçom* D240 / *igualdade* XIV lat.; XIV *mudaçõ* M24 / *mutaçãõ* XIX lat.; XIV *pregaçãõ* H8 / *preegaçom*[-ções] D134, D140, D141, D163, D267, D346, D347 / *predicaçãõ* XIV lat.; XIII *p(ro)fejtã* S13 p. 159 / *proveito* XIII lat..

Neste grupo, os derivados em *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*) foram substituídos pelos vocábulos [+lat] (por exemplo, *mudaçãõ* / *mutaçãõ*) ou adquiriram um significado diferente (por exemplo, *pregaçãõ* / *predicaçãõ*).

- vocábulos [+lat] em *-çãõ* (*-çõ*, *-çom*, *-çon*, *-çã*) e vocábulos regressivos correspondentes: XIV lat. *conversaçom*[-ções] D10, D17, D40, D46, D72, D99,

- D124, D125, D133, D143, D150, D153, D154, D163, D173, D176, D179, D182, D184, D185, D186, D190, 191, D197, D234, D235, D310, D349 / *conversa* 1813; XIII lat. *vendição* S13 p. 146, A54, A59, A115, A124 / *uendiçom* S13 p. 126 / *uendiçõ* S13 p. 124, *uendiçõ* A77 / *vendiçom* D266 V XIII / *venda* XIII⁶⁹⁵.
- formas não registadas em Cunha ([1982] 1987²): XV *cuydação*[-ções] M16, M20 E27, P24 / *cuidaçom* D237; XV *desaculpaçom* D52; XIV *diuisaçõ* A86; XV *emterraçom* Q29; XV *igualaçom* D240; XIII *outorgaçõ* S13 p. 97, A86; XIII *p(ro)fejtã* S13 p. 159; XIV *testaçõ* A23 / *testaçom* A48.

Como se pode observar, a todas estas formas correspondem outras formadas com outros sufixos, regressivas, ou [+lat].

- vocábulos que em Cunha ([1982] 1987²) têm datação posterior: XIV *Remataçom* A142, A143 / *Rémataçom* A143 / *rremataçõ* A134 / *rremataçoes* A130 (em Cunha [1982] 1987², pl. séc. XV⁶⁹⁶; XV *serraçom* L10 / *çerraçom* K14 (em Cunha [1982] 1987², séc. XVI).
- no caso do derivado XIV *comgregaçom* E22, em Cunha ([1982] 1987²), remete-se a base da derivação para data posterior, mais concretamente 1532.
- formas [+lat] com datação posterior em Cunha ([1982] 1987²): XIV lat. *assijnaçõ* A86 (Cunha [1982] 1987², XVII); XV lat. *comsollaçom* E25 / *consolaçom* [-ções] D16, D27, D187, D188, D312, D316 (Cunha [1982] 1987², XVI); XV lat. *impunaçom* D262 / *empunaçom* D265 (Cunha [1982] 1987², XVI); XIV lat. *negaçõ* A62 / *negacões* A30 / *negaçom* D262 (Cunha [1982] 1987², XV); XV lat. *purgaçom* D164 (Cunha [1982] 1987², XVI); XIV lat. *Renõçjasom* A149 / *renũçiãçõ* A55 / *Renõçyaçom* A149 / *renunciações* D159 (Cunha [1982] 1987², XV); XV lat. *sanctificaçom* D136 (Cunha [1982] 1987², XVII).

⁶⁹⁵ À primeira vista, estes pares parecem ser sinónimos. No entanto, os contextos sugerem um emprego mais restrito dos vocábulos [+lat] em -ção, como é o caso de *vendição*, que ocorre quase sempre no contexto "carta de venda" (cf., por exemplo, A73 "o sobred(i)to Domj~gos m(art)j(n)z p(er) poder da d(i)ta p(ro)c(ur)açom p(or) sí (e) ã nome da d(i)ta sa molh(er) fez c(ar)ta de uendiçõ (e) de p(er)durau(e)l f(ir)midõ A Joha~e anes"), ao passo que os regressivos possuem acepções mais genéricas.

⁶⁹⁶ A forma do singular não está atestada em Machado ([1952] 1977³), verificando-se o mesmo em Cunha ([1982] 1987²).

- no caso dos nomes herdados do latim, alguns verbos que lhes correspondem são posteriores, em Cunha ([1982] 1987²): XV lat. *obstinaçom* D262, D264 / *abstinaçom* D262 V XVII; XIII lat. *comemorazones* S13 p. 2 / *comemoraciones* S13 p. 5 (sing. XIV) V 1813; XV lat. *corroboraçãõ* E4 V XVI; XIV lat. *deliberaçom* D35, D67, D256 V XV; XV lat. *havitações* D323 V 1537; XV lat. *impunaçom* D262 / *empunaçom* D265 V 1537; XIII lat. *p(ro)curaçõ* S13 pp. 122, 123, 126, 127 / *p(ro)c(ur)açõ* S13 pp. 87, 88, A53, A60 / *p(ro)curaçom* S13 p. 126 / *p(ro)c(ur)açom* S13 pp. 126, 127, 128, 129, 147, 148, 154, 166, A50, A51 / *p(ro)c(ur)açon* S13 p. 93, A60 / *proc(ur)ações* S13 p. 56 / *p(re)curaçõ* A50 V XIV; XIV lat. *prurificaçom* D346 V XVI; XIII lat. *restituçõ* S13 p. 46 / *restituçom* D113, D166 V XIV; XIV lat. *spiraçom* D150 (o m.q. *inspiraçãõ*) V XV; XIII lat. *sustentaçõ* S13 p. 179 V XIV lat.; XIII lat. *tribulaçom*[-ções] D27, D311, D312, D314, D315, D321 V *atribular* XIV.

Face a todos estes dados, talvez se possa questionar a suposta produtividade do sufixo *-çãõ* que, para alguns gramáticos (cf., por exemplo, Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 45), é tido como um dos mais produtivos em português, susceptível de nominalizar qualquer verbo da 1ª conjugação para formar nomes abstractos. Um aspecto, como já referi, é o grande número de ocorrências de vocábulos em *-çãõ*, outro é a disponibilidade do sufixo para formar novas palavras em português e, pela amostra de que disponho, não posso aceitar este sufixo como estando muito disponível, visto que a maior parte dos exemplos em *-çãõ* são formas herdadas do latim. Logo, o que há a apontar de mais relevante não é a disponibilidade (que não nego) de *-çãõ* para formar novos derivados, mas sim a imitação do modelo já existente em latim⁶⁹⁷, o qual, sem rupturas, teve continuidade no português e noutras línguas românicas. Por outro lado, como se pode examinar, a maior parte das formas herdadas do latim que foram seleccionadas ostentam, tal como os derivados formados em português, uma relação muito transparente, quer formal quer semântica, com os verbos correspondentes, o que em parte pode ajudar a compreender a afirmação por parte de alguns autores de que *-çãõ* é um sufixo muito produtivo⁶⁹⁸.

⁶⁹⁷ Para muitos autores, cf., por exemplo, Ferreiro (1997: p. 141) "a produtividade do sufixo no latim vulgar foi imensa".

⁶⁹⁸ Não é esta, no entanto, a opinião de Cunha ([1982] 1987²) que, na descrição de *-sãõ*, *-çãõ*, após as indicações etimológicas ("lat. *-sĩõ -õnis* e *-tĩõ -õnis*, respectivamente"), alega que os nomes abstractos

O sufixo *-ção* junta-se a TV para formar maioritariamente nomes abstractos e designa 'acto ou efeito de', sendo frequentemente previsível, a partir do significado do verbo, o significado do derivado correspondente. Contudo, em *embarcação*, *guarnição* e *tripulação*, os derivados, para além de indicarem o 'acto ou efeito de *embarcar*, *guarnir* e *tripular*', designam, simultaneamente, 'barco'; 'adorno' / 'força militar' / 'tripulação de um navio' / 'o que acompanha qualquer prato numa refeição' e 'conjunto de pessoas que prestam serviço num navio ou avião', casos em que os nomes derivados são [-abstractos]⁶⁹⁹.

deverbais em *-ção* são "quase todos formados no próprio latim, com a noção básica de 'ato, ação', deduzidos dos participios em *-tus* e *-sus*").

⁶⁹⁹ Estes exemplos parecem contrariar a opinião de Piel (1940a: 229) de que "é muito raro neste sufixo a função abstracta ceder o lugar a um significado concreto, fenómeno que só se observa nos casos em que o verbo, de que o abstracto é tirado, deixa de se usar, p. ex. POTIO, -IONE, port. *poção*".

4. 2. 9. –TÓRI- / -DOUR- (-DOIR-) e -ÓRI-

De acordo com os gramáticos históricos, *–tóri-* é a forma erudita do sufixo latino *-(T)ŌRĪU / -(S)ŌRĪU*⁷⁰⁰, sufixo que forma essencialmente adjetivos, mas que também ocorre nalguns substantivos⁷⁰¹, enquanto *–dour-* / *-doir-* é a forma portuguesa do mesmo sufixo latino, ocorrendo predominantemente em nomes. No entanto, como se poderá observar através dos exemplos retirados das várias gramáticas históricas em análise, a maior parte dos adjetivos e nomes em *–tóri-* são [+lat], revelando-se este, desde tempos mais remotos (cf. exemplos extraídos dos textos dos séculos XIII, XIV e XV), como muito pouco disponível, o que nem sempre corresponde às descrições dos gramáticos, como mostrarei em seguida.

Nesta análise, apresento em separado o sufixo *–óri-*, por considerar que não é uma variante de *–tóri-*: o segundo forma adjetivos e nomes a partir de TV, enquanto o primeiro se solda a adjetivos e nomes para formar outros adjetivos e nomes⁷⁰², conferindo-lhes frequentemente um carácter depreciativo (exs.: *sabidorio* 4; *chapelorio* 4).

⁷⁰⁰ Relacionado com este temos o sufixo latino *-(T)ŌRE / -(S)ŌRE*, que daria origem a *–dor* em português (cf. descrição deste sufixo).

⁷⁰¹ De acordo com Ferreiro (1997: 166), "alguns substantivos que apresentam esta forma erudita procedem de substantivações, na sua forma feminina, dos adjetivos correspondentes: *convocatória*, etc."

⁷⁰² Não possuo nenhum exemplo em que *–óri-* se junte a RAD, mas cf., por exemplo, *casório*.

1. -TÓRI-

1. 1. PORT.

1. 1. 1. TV + -TÓRI- → Adj.:

'Qualidade'

abrogatorio 2; *declaratorio* 2; *defamatorio* 2 / *diffamatorio* 7; *emigratório* 11; *escapatorio* 2, *escapatoria* 4; *exprobratório* 11; *informatório* 11; *inibitório* 11; *seringatorio* 4

1. 1. 2. TV + -TÓRI- → N:

'Colectivo'

fallatorio 1; *palratorio* 1

1. 2. LAT. (-TÓRI- / -SÓRI-)

1. 2. 1. Adj.:

accusatorio 2, 5 (lat.); *adulatorio* 2 (lat.); *adjutorio* 2 (lat.); *compulsório* 11 (lat.); *deambulatorio* 2 (lat.); *deprecatório* 11 (lat.); *derivatório* 2, 11 (lat.); *derrogatório* 11 (lat.); *dilatorio* 7 (lat.); *dispensatório* 6, 7 (lat.); *diversorio* (lat.); *expiatorio* 7 / *expiatório* 11 (lat.); *gratulatório* 11 (lat.); *ilusório* 7, 11 (lat.); *infusório* 11 (lat.); *meritorio* 7 (lat.); *moratoria* 2, 7 (lat.); *natatorio* 2 (lat.); *obligatorio* 7; *oratório* 4, 7, 9, 11, 16 (lat.); *peremptório* 11 (lat.); *preparatório* 11 (lat.); *propiciatório* 7, 11 (lat.); *revogatório* 11 (lat.); *satisfatório* 4, 11 (lat.); *suasório* 11; *transitório* 7, 11 (lat.); *venatorio* 7 (lat.);

XIII lat. *ūt(er)locutoria* S13 p. 308 / *int(er)locutoria* S13 p. 308 / *ent(er)locutoria* S13 p.

308 / *Int(re)locutorias* A144 / *ant(re)locutorias* A76

XV lat. *meritoria* D23, D50, D69, D132, D339

XIV lat. *oratorio*⁷⁰³ D294

XIII lat. *p(er)emptorio*⁷⁰⁴ S13 p. 168 / *p(er)emptorias* S13 p. 170

⁷⁰³ Também ocorre como N.

1. 2. 2. N:

auditório 2, 11 (lat.); *conservatório* 5 (lat.); *consistório* 11 (lat.); *dormitório* 1, 2, 4, 11, 18 (lat.); *escritório* 2, 4, 7, 9, 11, 16 (lat.); *genuflexório* 2, 11 (lat.); *lavatório* 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 16, 17, 18 (lat.); *locutório* 7, 16 (lat.); *mortorio* 2 (lat.); *palmatoria* 8 (lat.); *peditório* 5 (lat.); *promontorio* 4 (lat.); *purgatório* 2, 6, 7, 9, 11 (lat.); *refeitório* 2, 4, 9, 11, 16 (lat.); *repertorio* 4 (lat.); *territorio* 4 (lat.); *trajectoria* 7 (lat.); *vomitório* 4, 11 (lat.)

1. 2. 3. Adj. / N:

directorio 4, 7 / *diretório* 11 (lat.); *suspensorio* 7 (lat.)

1. 3. Empréstimos:

*divinatório*⁷⁰⁶ 2, 11 (fr.); *laboratório* 2, 6, 11 (fr.); *observatório* 6, 9 (fr.); *vesicatório* 11 (fr.)

2. -DOUR- (-DOIR-)

2. 1. PORT.

2. 1. 1. TV + -DOUR- (-DOIR-) → N:

'Local onde se V'

achadouro 2; *amassadouro* 2; *ancoradouro* 1, 2, 4, 7, 8, 11, 16; *barbadouro*⁷⁰⁷ 2; *bebedouro* 2, 7, 9, 11, 15, 16, 18; *calcadouro* 2; *cevadouro* 2, 11; *comedouro* 1, 2;

⁷⁰⁴ Em Cunha ([1982] 1987²), século XIV.

⁷⁰⁵ Segundo Machado ([1952] 1977³), "adj. Do lat. (...). Em 1364". Não registado em Cunha ([1982] 1987²).

⁷⁰⁶ Para Machado ([1952] 1977³), adapt. do fr. *divinatoire*. Não registado em Cunha ([1982] 1987²).

⁷⁰⁷ Não encontrei este vocábulo registado em nenhum dos dicionários consultados. Poderá tratar-se do 'local onde se faz a barba'.

corredoura 12; *desaguadouro* 11; *descarregadouro* 2; *desembarcadouro* 2; *escoadouro* 2, 11; *escondedouro* 2, 4; *escorregadouro* 1, 2; *espojadouro* 2, 16; *estendadouro* 2, 7; *lavadouro* 2, 7, 9, 15 / *lavadoiro* 17; *logradouro* 2, 7, 15; *matadouro* 1, 2, 4, 7, 11, 15, 18 / *matadoiro* 7; *miradouro* 2, 9, 11, 16; *passadouro* 2; *peadoiro* 2; *poadoiro* 2; *pousadouro* 2, 12; *resfolegadouro* 2; *respiradouro* 2; *sangradouro* 1, 7, 11, 15; *selladouro* 2; *sorvedouro* 2, 11, 16; *sumidouro* 2; *surgidouro* 2, 11; *trepadouro* 2; *vendedouro* 2⁷⁰⁸

2. 1. 2. TV + -DOUR- (-DOIR-) → N:

'Que serve para V'

alevadouro 2; *aradoura* 12 / *aradoira* 12, *aradoiro* 2; *babadouro* 2, 7, 9; *batedouro* 11; *cingidouro* 2, 11 / *cingedouro* 9; *dobadoura* 2, 9, 11 / *dobadoira* 15, 16; *envolvedouro* 2; *espalhadoura* 2 / *espalhadoira* 2; *muradouro* 2; *pejadouro* 2; *rapadoura* 2; *roçadoira* 15; *tornadoura* 2; *varredoura* 2 / *barredoura* 2; *varredouro* 2⁷⁰⁹

2. 1. 3. TV + -DOUR- → N:

'Processo; acto de V'

fervedouro 2⁷¹⁰; *suadouro*⁷¹¹ 2, 9, 11, 16

⁷⁰⁸ Como nome, significa 'lugar público onde se vende' (cf. PE), ao passo que como adjectivo significa 'em condições de ser vendido'.

⁷⁰⁹ Em PE, *varredoura* "objecto (modernamente, máquina) que serve para varrer (normalmente ruas)", enquanto *varredouro* significa "vassoura com que se varre o forno do pão".

⁷¹⁰ Em PE, "movimento como o de um líquido a ferver; (fig.) agitação, efervescência; (...) inquietação".

⁷¹¹ Para além de 'acto de suar', significa também "parte do lombo do cavalo que a sela cobre" (cf. PE).

2. 1. 4. TV + -DOUR- (-DOIR-) → Adj.:

'Que está em condições de; que V⁷¹²'

°*aguardadoiro* 2; *avorrecedoiro* 2; *casadoura* 7, *casadouro* 2, 4, 9, 16; °*compridouro* 9 / *compridoiro* 12; *corregedoiro* 2; *duradouro* 2, 7, 8 / *duradoiro* 8; *enroladouro* 2; °*falecedoiro* 12; *filhadoiro* 2; *immorredouro* 7 / *immorredoiro* 7; *reprendoiro* 2; *scomungadoiro* 2; *segadouro* 2; *semeadouro* 2; *temedouro* 9

XIII *valedoyro*⁷¹³ S13 p. 106

2. 1. 5. RAD + -DOUR- → N:

*rumidouro*⁷¹⁴

2. 2. LAT.:

ajudouro 2 (lat.)⁷¹⁵; *vindouro* 2, 7, 9, 16 (lat.)

XIII lat. *uīj~dojro* S13 p. 165

XIII lat. *lavoyras* S13 p. 94 / *lauoiras* S13 p. 96

2. 3. Empréstimos:

*manjadoura*⁷¹⁶ 2, 8 / *mangedoura* 15, *mangedouro* 7 (it.?)

⁷¹² Com significação activa.

⁷¹³ Em PE, *valedoiro* / *valedouro*: de *vale(r)* + *-dour-*. Não registado em Cunha ([1982] 1987²), nem em Machado ([1952] 1977³). Este último regista, contudo, "*valedeiro*, adj. De *valer*. Em 1269".

⁷¹⁴ Segundo Machado ([1952] 1977³), "s., de *rumi-*, do rad. de *ruminar*".

⁷¹⁵ Nos dicionários consultados, este vocábulo não se encontra registado. Provavelmente, tratar-se-á da forma aportuguesada de *adjutorio* (lat.).

⁷¹⁶ Para Machado ([1952] 1977³), XVI, de *manjar* ou, talvez antes, do it. *mangiatoia*. De acordo com Cunha ([1982] 1987²), XV, talvez se trate da adapt. do it. *mangiatoia*, de *mangiare*, do ant. fr. *mangier*.

3. -ÓRI-:

3. 1. PORT.

3. 1. 1. Adj. + -ÓRI- → Adj.:

'Qualidade, propriedade (geralmente negativa)'

*camelorio*⁷¹⁷ 4; *diversorio* 7; *finorio* 1, 4; *sabidorio* 4; *simplorio* 1

3. 1. 2. N + -ÓRI- → N:

'Aumentativo'

*chapelorio*⁷¹⁸ 4

3. 1. 3. Ppass. + -ÓRI- → N:

'Aquilo que pode ser V'

*divisório*⁷¹⁹ 11; *envoltorio* 2

3. 2. LAT.:

cartorio 2, 4 (lat.)

Para Teophilo Braga (1876: 42) existe uma alternância "-ório / -ouro", quando se trata de formar nomes a partir de temas verbais (exs.: *dormitorio* e *sangradouro*), o mesmo acontecendo em formações do tipo de *finorio* e *ancoradouro*, segundo o gramático "tornados substantivos" (Braga, 1876: 53-54). Ora, o que podemos verificar é que, nos segundos exemplos, "-ório" se junta a um adjectivo (*fino*), enquanto a formação de *ancoradouro* em nada difere da formação dos nomes listados para ilustrar a alternância "-ório / -ouro". Quer pelo semanticismo que os sufixos transmitem às bases, quer pelo tipo de bases seleccionadas, verifica-se que em Braga (1876) não é tida em conta a existência de um sufixo -óri- autónomo.

⁷¹⁷ Segundo indicação de Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 343), *camelo* "deve ser considerado adjectivo, isto é, *camelo* é empregado no sentido de estúpido".

⁷¹⁸ Do fr. ant. *chapel* (chapéu) + -óri- (cf. PE).

⁷¹⁹ Também ocorre como adjectivo.

Carl von Reinhardstoettner (1878: 143-144) afirma que "*torius / sorius* (>-*tório*)", produziu segundo o modelo latino numerosos adjectivos (exs.: *aleatorio*, *transitorio*). Por outro lado, refere que, para além dos vocábulos vindos do latim (exs.: *auditorio*, *dormitorio*), são frequentes em português os nomes em *-tóri-* designando 'local ou instrumento' (exs.: *escriptorio*, *lavatorio*)⁷²⁰. Para o autor, a genuína forma portuguesa de "*torius*" é *-dour-* / *-doir-*, sufixo que serve para formar adjectivos que exprimem a "possibilidade de" (exs.: *aguardadoiro*, *vividouro*) e ainda nomes, como por exemplo *cingidouro* e *matadouro*.

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 343) consideram que "*orio* (pop.) Indica extensão, aumento: *territorio*, *promontorio*, *directorio*...; lugar onde se faz a acção — *cartorio*, *escriptorio*, *refeitorio*. Sentido pejor. — *chapelorio*, *camelorio*", não especificando se se referem ao semanticismo do sufixo em latim, visto que à excepção dos exemplos que ilustram o "sentido pejor.", todos os outros são [+lat]. Para os autores, "*ouro* (*oiro*), *ório*", do latim "*orium* (t-*orium*, t-*sorium*, etc.)", indicam "o lugar onde se faz a acção" (exs.: *ancoradouro*; *oratorio*); "*-orio*" serve para designar "o instrumento com que se faz a acção" (exs.: *seringatorio*, *vomitorio*) e "*ouro* indica ainda estado" (ex.: *casadouro*)⁷²¹.

António R. Vasconcellos (1900: 131), em "Suffixos empregados na derivação do latim", limita-se a listar exemplos em *-tóri-* (do lat. "*-torium*"), do tipo de *accusatório*, *conservatório*, *peditório*, não referindo tão pouco se considera ou não *-dour-* (*-doir-*) como a forma portuguesa do sufixo latino.

Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 205) trata "*-orium* → *orio* → *oiro* ou *ouro*: *escriptorio* e *bebedouro*" e, seguidamente, "*-ouro* e *-oiro* ← *orio* ← *orium*, suff. que se prende ao part. pass. dos verbos lat., dahi a sua fôrma mais commum *-torio* e *-doiro* ou *douro*. A fôrma intermediária *-orio* (*tório*) é erudita, e a formação *-oiro* ou *-ouro* (*d-oiro* ou *d-ouro*) accusa, na hyperthese do *i* e no abrandamento do *t* em sua homorganica *d*, a influencia popular". Para Pereira ([1916] 1935⁹: 209), quer a forma "erudita", quer a "popular", designam "o lugar ou o instrumento em relação á significação do thema",

⁷²⁰ Como se sabe, estes nomes são [+lat].

⁷²¹ Na opinião dos gramáticos, "o *d* e o *t* são consoantes de intercalação frequente nestes derivados, como já acontecia no latim. Os formados do supino são, em regra, masculinos: *directorio*, *dormitorio*... Except. *escapatoria*. *Ouro* corresponde a *ijo* — *escondedouro*, *esconderijo*" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 347).

como por exemplo nos nomes *bebedouro* e *lavatorio*, podendo ainda servir para formar adjectivos (exs.: *duradouro*; *declamatorio*). O autor acrescenta uma nota, onde observa que em Portugal se prefere "a fôrma *-doiro* — *matadoiro*, *immorreidoiro*; no Brasil dá-se preferencia a *-douro*" (Pereira [1916] 1935⁹: 209).

Segundo Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 65), *-tóri-* é a "fôrma literaria" e "*douro* ou *doiro*" a forma "popular" do "lat. *toriu(m)* como em *laudatoriu(m)*". O gramático dá vários exemplos em que ocorrem ambas as formas (exs.: *lavatorio*, *palmatoria*; *duradoiro*, *duradouro*; *manjadoura*, etc.), sem referir as acepções que as mesmas conferem, as bases a que se juntam e a categoria dos derivados em que participam.

Para José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 371), o sufixo *-dour-* / *-doir-*⁷²² resulta da junção do "sufixo *-to*, combinado com outro *-oriu*, ou seja de *-toriu*, que em latim produzia adjectivos, que por sua vez se tornavam substantivos", servindo, em português, para, junto a temas verbais, formarem nomes⁷²³ que "nos dois géneros indiferentemente, exprimem lugar, meio ou instrumento, e, quando pertencentes à língua culta, mantêm inalterado o primitivo sufixo" (exs.: *mira-douro*; *ora-tório*). Por outro lado, na opinião do gramático, *-dour-* / *-doir-* são igualmente sufixos formadores de adjectivos, como por exemplo *casa-doiro* / *casa-douro*, designando a "qualidade ou estado"⁷²⁴.

Tal como em Nunes ([1919] 1989⁹), o sufixo tratado por Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 238) é *-dour-*⁷²⁵, enquanto a variante *-doir-* é tida como pertencente ao "português antigo"⁷²⁶. Etimologicamente, o gramático considera que *-dour-* "procede do latim *-toriu-*; em alguns casos filia-se ao part. do futuro em *-turu-* (*vindouro* de

⁷²² Nunes ([1919] 1989⁹: 371) afirma que "na língua moderna" ocorre quase sempre *-dour-*, contrariando, assim, a opinião de Pereira ([1916] 1935⁹: 209).

⁷²³ Estes nomes, de acordo com Nunes ([1919] 1989⁹: 376), "conservam ainda a primitiva função de adjectivos".

⁷²⁴ Nunes ([1919] 1989⁹: 376) considera que o "português" *-dour-* / *-doir-* adjectival "actualmente é quase sinónimo de *-vel*" (cf. *temedouro* / *temedoiro* e *temível*).

Segundo Piel (1940b: 206), derivados adjectivais como *duradouro* 2, 7, 8 / *duradoiro* 8 "continuam semanticamente as formas latinas do participio de futuro em *-TURUS* (MORITURUS, VENTURUS, etc.)".

⁷²⁵ Sufixo em que, segundo Ali ([1931] 1964³: 238), "a dental tem aqui a mesma origem que em *-dor*, *-tor*".

⁷²⁶ Cf. por exemplo Maia ([1986] 1997: 557), que afirma que nos séculos XIII-XVI "o sufixo *-orium* encontra-se sempre representado por *-oiro*".

venturu-; *morredouro* de *morituru-*, etc.)". Nos nomes formados com *-dour-*, o sufixo denota, segundo o autor, o "lugar onde uma acção se pratica ou pode praticar" (exs.: *ancoradouro*, *miradouro*) e "meio ou instrumento" (exs.: *dobadoura*, *suadouro*), ao passo que *-tóri-* / *-sóri-* se encontra em "vocábulos que penetraram na linguagem por via erudita", predominantemente em adjectivos (exs.: *auditório*; *preparatório*; *compulsório*).

Joseph Huber ([1933] 1986: 274) concebe igualmente que *-dour-* / *-doir-* deriva do lat. "-toriu, -a", podendo formar adjectivos (exs.: *compridoiro*, *falecedoiro*) e nomes deverbais (ex.: *pousadouro*).

Francisco M. Sequeira (1938b: 98) exemplifica simplesmente algumas formas em *-dour-* / *-doir-* (ex.: *lavadouro*), situação idêntica à que se verifica em Ismael L. Coutinho (1938: 59), autor que também não procede a um estudo exaustivo do sufixo.

A descrição de *-dour-* feita por Mattoso Câmara Jr. (1975: 223) não diverge da dos gramáticos anteriores. Assim, segundo este autor, *-dour-* é a forma "pop." e *-tori-* a "erud." do sufixo latino "*-tori(u-)* com a integração da consoante do sufixo *t(u-)* no sufixo *-ori(u-)*. Ex.: *matadouro* (*matar*), *lavatório* (*lavar*); *bebedouro* (*beber*); *dormitório* (*dormir*)". Tal como se pode observar, nesta análise o autor rege-se por critérios puramente sincrónicos, não distinguindo os derivados em *-dour-* das formas [+lat] em *-tóri-*, pois, em ambos os casos, indica que os exemplos são formados a partir de uma base verbal.

Como acabámos de observar, *-dour-* (*-doir-*) forma derivados nominais em que o valor do sufixo pode ser parafraseado como o 'Local onde se V' (exs.: *comedouro* 1, 2; *corredoir* 12;) e 'Que serve para V' (exs.: *dobadoura* 2, 9, 11 / *dobadoira* 15, 16). Ou seja, são duas as acepções básicas do sufixo: a primeira é uma continuidade do semanticismo que encontramos nas formas nominais latinas em *-tóri-* (cf., por exemplo, *refeitório* 2, 4, 9, 11, 16) e a segunda que, como relembra Piel (1940b: 206), pode ser uma extensão da primeira, visto que frequentemente os "nomes instrumentais" não excluem o sentido 'locativo'⁷²⁷ (cf., por exemplo, a forma [+lat] *lavatório* 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 16, 17, 18).

⁷²⁷ Piel (1940b: 206) refere que "num estudo tão claro como profundo, Gamillscheg examinou todas as formas em *-ORIUM* que se encontram em escritores populares latinos, chegando à conclusão que modo geral, aos verbos transitivos correspondem derivados que são nomes de instrumentos, ao passo que dos

Em português, nos nomes de instrumento, aponta-se frequentemente como mais recorrente a forma feminina *-doura* e sobretudo *-doira*, contrariamente ao que sucedia em latim⁷²⁸, mas, embora admitindo que os dados de que disponho possam não ser significativos, este aspecto não é relevante no *corpus* em análise, onde recolhi onze derivados em *-doura* (*-doira-*), contra dez em *-douro* (*-doiro*).

Por tudo aquilo que referi anteriormente, entendo que *-tóri-* é a forma erudita do lat. *-toriu*, enquanto *-dour-* é a forma portuguesa correspondente e *-doir-* é uma variante gráfica deste último.

Os derivados em *-tóri-* são maioritariamente adjectivos⁷²⁹, tendo sido arrolados unicamente dois derivados nominais (*fallatorio* 1; *palratorio* 1). Nestes, julgo que o valor do sufixo, ao invés de ser parafraseado como 'Local onde se V' ou 'Que serve para V', deverá ser o de 'Colectivo'⁷³⁰. Em *fallatorio* temos o 'ruído de várias vozes' e, numa acepção pejorativa, 'má-língua' e *palratorio* tanto pode ser sinónimo do primeiro, como significar 'conversa' ou "grade por onde as pessoas recolhidas ou enclausuradas falam a quem as visita" (cf. PE). Isto pode significar que, em português, na formação de nomes, o sufixo adquiriu um novo semanticismo.

intransitivos são tirados nomes que indicam um lugar. Basta comparar os dois grupos de palavras que acabamos de apontar, para nos convenceremos que esta observação está absolutamente certa".

⁷²⁸ Nesta língua, segundo Piel (1940b: 207) "são raros (...) os vocábulos em *-oria*". Para o autor, estes "têm a sua origem provavelmente no neutro do plural, como sucede com TONSORIA > *tesoira*, ou em substantivações do tipo *falx messoria* «fouce destinada a ceifar» (de MĒTĒRE MESSUS), que se pode muito bem comparar com o actual *seitoira* beir. e transm. «foice para ceifar pão», de SECTORIA, onde também se devia ter subentendido primitivamente FALX. Prevaecem os derivados de temas fracos: *dobadoira, debandoira* (...) *mangedoira, rapadoira, roçadoira, tornadoira, varredoira, corredoira* «mó de moinho» que se opõem a outros, tirados de participios fortes do latim, e que sem dúvida foram formados ainda dentro desta língua. Estes são naturalmente caracterizados apenas por *-oira*."

⁷²⁹ No seguimento de José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 371), Piel (1940b: 206) considera que "o sufixo -ORIIUS, port. *-oiro* (*-ouro*) formava primitivamente adjectivos, combinando-se com os temas do participio (-TORIIUS, *-doiro*, -SORIIUS, *-soiro*)", comportamento que se prolongou em português (cf., por exemplo *duradoiro* 8 / *duradouro* 2, 7, 8).

⁷³⁰ Contudo, não descarto a possibilidade de, cumulativamente, o sufixo conferir a acepção locativa.

Na formação de nomes, o sufixo *-dour-* (*-doir-*), selecciona, tal como *-tóri-*, bases que são temas verbais, possuindo as duas acepções básicas atrás indicadas, isto é, designa 'local' e 'instrumento'⁷³¹.

Quanto a *-óri-*, como indiquei no início, ele é um sufixo autónomo, tanto do ponto de vista formal como semântico: selecciona bases que são adjectivos, nomes e formas do particípio passado (e não temas verbais) para formar nomes e adjectivos e os derivados em que ocorre caracterizam-se muitas vezes pela sua carga pejorativa: um *finório*, por exemplo, não é só 'aquele que é muito fino', mas também 'o que é capaz de determinada manha', do mesmo modo, *chapelório* não é só 'um chapéu grande', como ainda 'chapéu de fraca qualidade' ou 'chapéu ridículo'.

Nos textos dos séculos XIII, XIV e XV, só tenho a assinalar a carência de exemplos em que ocorrem todas as formas sufixais em análise, pois, à excepção de *valedoyro* S13 p. 106, todos eles são adjectivos [+lat]⁷³², o que atesta bem a não disponibilidade dos sufixos em análise numa época mais recuada⁷³³.

No português actual, talvez à excepção de *-tóri-* adjectival⁷³⁴, parece que *-tóri-* / *-dour-* (*-doir-*) nominais não se encontram disponíveis. Para designar as acepções de

⁷³¹ Como assinala Piel (1940b: 206), já em latim a forma de neutro *-orium* servia para "exprimir a noção de instrumento que serve para determinada actividade, ou lugar onde esta se exerce: CALCARE «pisar»: CALCATORIUM «lagar»; CAEDERE «cortar»: CISORIUM «instrumento para cortar». (...) Em português são poucas as palavras em *-doiro*, *-douro*, que significam instrumentos, função que transitou quase por completo para a forma *-doira*. (...) Nos outros casos, em que *-doiro* é instrumental, este significado não exclui o local: *comedoiro* «lugar ou vaso em que comem os animais» (...). O significado locativo é contudo o predominante".

⁷³² Em todos os textos consultados, só foi encontrado um nome [+lat] (cf. XIII lat. *lavoyras* S13 p. 94 / *lauoiras* S13 p. 96).

⁷³³ Em *Zur.*, por exemplo, não foi encontrado nenhum exemplo com estes sufixos, o que, tendo em conta a extensão do documento, nos faz supor que só mais tardiamente eles teriam revelado alguma rentabilidade.

⁷³⁴ Cf., por exemplo, *encantatório* ("José Mário Branco, que apanha o espírito de "Cantigas de Maio", acrescentando-lhe a sofisticação que sabe como preservar o efeito encantatório", in *Expresso*, 23-07-83, p. 31; "Beber na infinidade de possibilidades de água e descobrir o prazer encantório dos contos de fada é

'Local onde se V'; 'Que serve para V'; 'Colectivo', não me parece abusivo afirmar que tenha havido uma sobreposição dos sufixos *-aria / -eria, -dor e -eir-* (cf. descrição destes sufixos).

Creio que o sufixo *-óri-*, pelo seu valor estilístico, poderá sempre ser usado quando se queira conferir uma acepção aumentativa e/ou pejorativa, sendo imprevisível o seu emprego.

a proposta do 30º espectáculo do Teatro de Animação de Setúbal.", in *Jornal*, 30-08-85, p. 27) e *inflamatório*.

4. 2. 10. -TOR (-SOR) / -DOR e -OR

A partir das descrições dos gramáticos históricos, interessou-me averiguar se *-tor (-sor)* e *-dor* poderiam ou não ser considerados variantes e se, por outro lado, haveria justificação para que, do ponto de vista formal e semântico, o tratamento dos sufixos *-dor* e *-or* se fizesse conjuntamente.

1. PORT.:

1. 1. -DOR

1. 1. 1. TV + -dor → N e Adj.:

'Que ou aquele que V'

alcançador 2; *alcatifador* 2; *andador* 1; *armador* 11, 17; *benzedor* 11; *brunidor* 2, 11; *caçador* 2; *calçador* 2; *cantador* 1, 9; *causador* 1; *colhedor* 2; *comendador* 12; *conciliador* 4; *conhecedor* 2, 12; *contador* 4; *corredor*⁷³⁵ 2, 6, 8; *cortador* 9; *defendedor* 2; *disciplinador* 2; *encobridor* 12; *enganador* 12; *estampador* 2; *falador* 7, 9; *fazedor* 2; *ferrador* 16; *fumador* 4; *improvisador* 2; *jazedor* 4; *lavador* 15; *ledor* 7; *matador* 6; *mentidor* 9, 12; *mordedor* 11; *namorador* 17; *operador* 1; *pagador* 16; *perseguidor* 9; *polidor* 11; *prêgador* 16; *refinador* 2; *regedor* 9; *roedor* 11; *sabedor* 12; *segador* 9; *seguidor* 2; *senhoreador* 2; *soffredor* 2; *tabaqueador* 4; *torcedor* 11; *trabalhador* 9; *urdidor* 11; *varredor* 8, 18; *vedor* 6; *vencedor* 2; *vendedor* 15

XV *abreviador* N7

XIII *ajuntador* D217

XIII *alugador* S13 p. 248

XIV *andador* A24

XIII *caçador[es]* D309, D310

⁷³⁵ Cf. *corredor*, na acepção de 'passagem, em geral estreita e longa, no interior de uma edificação, para comunicar dois ou mais compartimentos' que, segundo Cunha ([1982] 1987²), vem do "a. it. *corridóre* (hoje *corridóio*)".

XIII *cambyador* S13 p. 234 / *cãbiador* S13 p. 82

XIII *cavalgadores* D302

XIII *Citador* S13 p. 308 ("se o Citado uen e nõ uen o Citador darljAn Carta en Testimoyo das Custas"), A63

XIV *(com)p(ri)dor* A161

XIV *cõpoedores* A82

XIII *cognoçedor* S13 p. 300 / *conhecedor* D50

XIII *(con)prador* S13 pp. 234, 235, 236 / *(con)p(r)a*dor S13 pp. 178, 236, 237, 253

XIII *(con)selladores*⁷³⁶ S13 p. 180

XIV *contador[es]* D206 / *comtador* H23 ("hera comtador dell rrey em aquella çidade")

XIII *(con)tendedor[es]* S13 pp. 192, 198, 243 / *cõtendedores* S13 p. 198 / *(con)tendor[es]* S13 pp. 189, 192, 194, 196, 198, 199, 201, 209, 243 / *contentores* S13 p. 177 / *(con)tentor[es]* S13 pp. 190, 207, 209, 212, 215 / *cõtentor* S13 p. 190

XIV *corregedor[es]* S13 pp. 49, 59, A87, A89, A106, Q29 / *C(orregedor)* A106

XIII *danador[es]* S13 p. 263, A59, D340

XV *declarador* D261

XIII *d(e)fend(e)dor* S13 p. 306 / *deffendedor* S13 p. 214 / *defendedor* D364

XIII *demandador* S13 pp. 168, 169, 186, 189, 192, 193, 196, 198, 201, 208, 210, 212, 275 / *d(e)mandador* S13 pp. 168, 214, 275 / *demãdador* S13 pp. 260, 283, 306 / *d(e)mãdador* S13 p. 308

XVI *descubridor[es]* G17, G32, H23, P20, Q23 / *descobridores* F19, G23

XIII *desejador[es]* G12, D32, D33, D35, D167, D182, D274, D288

XIV *desprezadores* D168

XV *destruidor* D321

XIV *enbargador* A50 / *enbargadores* A50

XV *encaminhador* D47

XIII *encobridor* S13 p. 263

XV *enduzidores* D228

XIII *enq(ue)redor[es]* S13 pp. 147, 149, A3, A15, A17, A39, A61, A69, A70, A166 / *enqueredores* S13 p. 202, A28 / *ẽq(ue)redor[es]* S13 pp. 148, 148

XV *escoldrinhador[es]*⁷³⁷ D50, D140, D237

⁷³⁶ Cf. *conselheiro* XIV, lat..

XIV *estoriadores* G5

XIII *fazedores* D59

XIII *fiador[es]* S13 pp. 7, 52, 69, 72, 74, 75, 188, 197, 198, 202, 203, 209, 215, 230, 235, 237, 245, 250, 251, 255, 275, 281, 291, 292, 293, 298, 299, A2, A8, A9, A10, A12, A28, A29, A34, A53 / *fíador* A8, A10, A11, A12, A14, A29, A30, A32, A36 / *ffiador* S13 pp. 103, 251, 255, A34 / *fyador[es]* S13 pp. 97, 168, 188, 196, 200, 202, 203, 245, 249, A60

XIII *forçador* S13 pp. 208, 260, 270, A6, A21, A51

XIII *guardador[es]* S13 pp. 6, 56, 163 ("E p(er)ean(e)s Repostejro seia guardador deste ofizío e aía a mejadade das Rações destes. #ix dias e a outra mejadade aia nosso Senhor el Rej."), 227, 293

XIV *guerreadores* D206

XIII *guiadores*⁷³⁸ D206, G28 ("guiadores dos exerçitos guerreadores"), Q22

XV *ymtreptador* Q15

XIII *julgador* D243, D244

XIII *iūtador* S13 p. 261

XIII *iurador* S13 p. 212

XIII *leedores* D10

XIII *matador[es]* S13 pp. 202, 234, 279, A51, A59, D43, D224

XIV *medídor* A145 / *mjdidor*⁷³⁹ A153

XIII *merecedor[es]* D93, D271

XIII *mergulhadores* S13 p. 118

XIII *morador[es]* S13 pp. 96, 104, 108, 122, 125, 126, 193, 279, A28, A48, A49, A52, A54, A55, A56, A58, A67, A76, A77, A78, A81, A91, A92, A93, A94, A95, A96, A101, A102, A106, A110, A111, A119, A121, A122, A124, A125, A130, A132, A133, A137, A138, A141, A147, A149, A150, A155, A156, A165, E5,

⁷³⁷ De *esculdrinha(r)* + *-dor* (cf. Machado, [1952] 1977³: *esquadrinhar*, lat. *scrutiniāre*; de *scrutiniāre*, saú primeiramente **escrudinhar* (...): d'aqui veio, por um lado, com metátese, *esculdrinhar*, e por outro, com dissimulação incompleta, acompanhada também de metátese, **esculdinhar*; do cruzamento d'estes dois últimos verbos saú *esculdrinhar*).

⁷³⁸ Cf. *guia* XV. Não me foi possível saber qual a datação de *guiador*, na acepção de 'volante (de automóvel, bicicleta, etc.)', mas penso que será seguramente posterior à de 'agente'.

⁷³⁹ Em ambos os contextos, trata-se de 'aquele que mede o azeite'.

E12, E19, F6, F7, F12, H4, H15, H17, I23, K3, K5, K6, K15, K27, M5, M11, N3, N20, P6, D153 / *m(or)ador* A153, A161 / *m(or)ador(e)s* A160 / *m(or)adores* A158 / *mor[a]dor* A125 / *morado(r)* A146 / *morado'res* A148 / *morador(e)s* A94, A95

XV *movedor* E2 ("E porque ho filosafo diz que toda cousa que move outra move ã virtude do primeiro movedor, nõ ficarã aquelle tam exçellemte rrey apartado de todo da gloria e louvor")

XIV *obradores* E2, D122, D148, D277

XIV *ordĩador*⁷⁴⁰ A78 ("E pelo Affam q(ue) hy filhar Aía en cada hũu Año de rrenda tres s(oldos) p(e)los d(i)t(os) h(er)damẽt(os) enquãto ffor ordĩador deles esta ordinha com outorgo (e) mãdo q(ue) ualha p(er)a semp(re).")

XIII *ouuidor* S13 p. 106, A120 / *ouuidor(e)s* A120 / *ouuidorr* A86 / *ouuydor* A114, A115, A158 / *Ouuydor* A158 / *ouuydores* A50, A51

XIII *partidor[es]* S13 pp. 56, 121

XV *partyçipadores*⁷⁴¹ G8, G8

XIV *perseguidor* D364

XIII *poboadores* S13 p. 9 / *poblador[es]* S13 pp. 9, 10, 16 / *pobradores* S13 p. 35 / *probradores* S13 p. 35

XIV *possuydor* S13 p. 305 / *possuidor[es]* D168, D289, E4 / *pessuydores* E2

XIII *p(re)egadores*⁷⁴² S13 pp. 28, 41, 128, 135 / *préégadores* S13 pp. 33, 43, 55 / *p(re)gadadores* S13 p. 128 / *p(r)egadores* A123 / *p(r)eegadores* A46 / *p(r)eegadores* A46 / *pregador[es]* N3, D141

XV *prestador* E8

XIV *p(ro)mouedor* A140, A141

XIV *p(ro)ueedor* A151, A152

XIII *recebedor[es]* S13 p. 255, A100, A107, D62 / *reçebedor* A97 / *Reçebedor* A107, A109 / *rreçebedor* A54, A108

XIV *regedor[es]* E17, G28, M27, D26, D29, D154, D205, D206, D207, D210, D211, D217

XIII *rrimidor* E8

⁷⁴⁰ De *ordĩar* XIII (cf. *ordenador* XVI).

⁷⁴¹ Cf. *participante* 1525.

⁷⁴² Em Cunha ([1982] 1987²), "forma diverg. e pop. de *predicator*, do lat."

XIII *roubador[es]*⁷⁴³ S13 pp. 181, 204 ("nẽ falso nẽ aleyuoso nẽ escomungado dementre o for nẽ herege nẽ s(er)uo nẽ ladrõ nẽ omẽ q(ue) ande fora d' ordĩ sen lecença de seu mayor nẽ ome q(ue) dé heruas a outro por lhy faz(er) mal nẽ roubador conhoçudo nẽ omẽ q(ue) nõ aya memoria nẽ ome q(ue) disse falso testemunho nẽ ome q(ue) é dado por falso p(er) sentẽça d(e) qual quer falsidade"), 245, 262, 271, D43, D206

XIV *roussador*⁷⁴⁴ A6 ("Toda molher q(ue) for forçada & ela diz q(ue) nõ foy forçada. ent(re)guẽ-na a seu padre. & tenha-a p(er) tãto tempo q(uan)to a teue o forçador em tal maneira q(ue) a nõ feira nẽ lhy faça mal. & des q(ue) a teuer tanto tempo come o forçador tenha-a a justiça & leue-a. p(er) a sa casa & tenha-a p(er) #ix dias. & des hu a teu(er) p(er) #ix dias leue-a a justiça ao concelho & se sse outorgar con seu padre & (com) sa madre. ou (com) seu linhagẽ façam justiça no roussador.")

XIII *sabedor[es]* S13 pp. 172, 181, E23, F6, F7, G28, Q20, D9, D16, D41, D111, D116, D121, D191, D204, D207, D209, D210, D220, D238, D248, D270, D271, D283, D294-295, D307, D311, D318, D350, D374

XIII *sacador* A129 / *ssacador* A130

XIV *seguidores* D9, D31, D53, D59, D128, D168, D292, D293, D334

XV *tangedores* D26 ("Quinto, dos que usam d'algũas artes aprovadas e mesteres como fisicos, celorgiães, mareantes, tangedores, armeiros, ourívezes")

XIII *teedor* S13 pp. 163 ("E p(er)ean(e)s e Jurado deste ofizío e teedor e guardador."), 198 ("e se a estes plazos nõ ueer ou nõ enuiar assy como é dito e depoy s ueer ou enuiar assy como é dito, o teedor nõ seya desapoderado da penhora"), 200, 210 ("pero que huu delles seya teedor da cousa"), 211 / *teodores* S13 p. 210 / *teudor* S13 p. 210

XIV *veedores*⁷⁴⁵ A97, A162, A163, D26, D74 / *veador* E19, G26, H7, M5, N29

XIII *vemçedores* N1 / *vemçedores* P13 / *vencedor[es]* D56, D121, D124, D206, D230, D365

XIII *vendedor* S13 p. 237 / *uendedor[es]* S13 pp. 125, 235, 236, 237, A52 / *vẽdedor* S13 p. 237 / *vendedor(e)s* A59

⁷⁴³ Cf. XIII lat. *ladrõ* / *ladrom*.

⁷⁴⁴ Em Machado ([1952] 1977³), *roussador*, de *roussar*; *roussar* do lat. tard. *rapsãre*, «raptar».

⁷⁴⁵ Em todos os contextos, trata-se do *veedor* / *veador* da fazenda.

1. 1. 2. TV + -dor → N:

'Que serve para V'

abotoador 11; *abridor* 6, 18; *andador* 1; *aquecedor* 11; *atador* 11; *brunidor* 2, 11; *calçador* 2; *coador* 9, 16; *componedor* 1; *contador* 4; *cortador* 9; *escarrador* 9; *estampador* 2; *lavador* 15; *polidor* 11; *prendedor* 9; *ralador* 9; *raspador* 11; *regador* 2, 9, 11, 16; *torcedor* 11

1. 2. -OR

1. 2. 1. N + -or → N e Adj.:

'Relativo a N'

impressor 9, 16

1. 2. 2. Adj. + -or → N:

'Qualidade, propriedade'

brancor 8; *frescor* 9; *longor*⁷⁴⁷ 2; *verdor* 2, 7, 9

1. 2. 3. RAD + -or → N:

'Que V'

pendor 2

2. LAT.:

2. 1. -DOR:

adulador 16 (lat.); *amador* 7, 16, 17 (lat.); *candor* 2, 7 (lat.); *credor* 6 (lat.); *criador* 16 (lat.); *devedor* 9 (lat.); *esplendor* 2 (lat.); *estridor* 2 (lat.); *fedor* 2 (lat.); *fervor* 7 (lat.);

⁷⁴⁶ Em Cunha ([1982] 1987²), "do arc. *VERE.A, por *vereda*, + *-ador*" (*vereda* XIV lat.; *verear* 1813).

⁷⁴⁷ Em Machado ([1952] 1977³), XVI, de *longo*, mas em PE, do fr. *longueur*.

imperador 4, 9 (lat.); *lavrador* 8 (lat.); *pescador* 9, 18 (lat.); *pudor* 2 (lat.); *servidor* 15 (lat.); *traidor* 7, 9 (lat.)

XIII lat. *acusador* S13 pp. 284, 285, 286 / *accusador* S13 p. 268

XIII lat. *ajudador* D55

XIII lat. *amador[es]* D53, D203, D327

XIII lat. *amijstraadores* S13 p. 194 / *mijstradores* S13 p. 194 / *aminist(r)ador* A56, A57, A58 / *ministrador* A56, A57

XIII lat. *credor* S13 p. 74

XIV lat. *dador* D250, D321

XIV lat. *demostrador* D243

XIII lat. *deuedor[es]* S13 pp. 56, 69, 74, 200, 247, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 281, A9 / *d(e)uedor* S13 p. 256 / *deuidor* S13 p. 256 / *d(e)uidor* S13 pp. 302, 303 / *dúuidor* A57 / *dúidor* A56 / *dúyodor* A16 / *diuidor* A29 / *devedores* D164, D337

XV lat. *geeradores* D136

XIV lat. *governador[es]* F1, N12, N26, P18 / *guovernador* Q29

XIII lat. *lauradores* S13 p. 263, A49 / *Laurador* A144 / *lau(ra)dor[es]* S13 p. 151, A154, A155 / *lavrador[es]* G4, D26, D28, D325-326

XIII lat. *menistrador* A151 / *ministrador* A56, A57

XIII lat. *mercador* S13 p. 82 / *Mercador(e)s* S13 p. 163 / *m(e)rcador* S13 pp. 77, 82, 121, 132, 152, 158 / *m(er)cadador[es]* S13 p. 300, A48, A52, A59, A62, A67, A75, A79, A92, A94, A95, A130, A131, A132, A135, A145 / *mercador[es]* A59, F12, H3, I17, K5, K21, M29, O16

XIII lat. *oradores* E3, L11, D25, D26, D27, D28, D148

XIII lat. *pecador[es]* A155, D52, D53, D137, D158, D165, D264, D304, D313, D315, D321, D322, D363, D26

XIII lat. *pescador[es]* S13 pp. 54, 267, 293, A155

XIV lat. *podador* A146, A153

XIII lat. *portador[es]* S13 pp. 36, 123, 154, A50 / *p(or)tador* S13 pp. 128, 147 / *po(r)tador* A50 / *aportador* S13 p. 106, A120

XIII lat. *predicadores* S13 p. 76

XIII lat. *procurador* S13 p. 116, D168 / *procuráador* S13 p. 117 / *p(ro)curador[es]* S13 pp. 60, 118, 121, 123, 126, 127, 306, 307, 308, A50, A58, A59 /

p(ro)c(ur)ador[es] S13 pp. 27, 78, 79, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 100, 103, 110, 111, 124, 126, 128, 130, 131, 133, 147, 148, 149, 154, 157, 166, 309, A50, A51, A53, A60, 61 / *proc(ur)ador* S13 p. 152 / *p(r)oqurador* S13 p. 144 / *p(ro)qurador* S13 p. 144

XIII lat. *servidor[es]* E3, E21, F3, M12, N3, O16, P13, D9, D30, D45, D46, D168, D171, D172, D282, D283, D291, D292, D353, D358, D373, D374

XIII lat. *trahedor* S13 pp. 19, 204, 226, 227 / *t(ra)hedor* S13 p. 270 / *t(re)hedor* S13 p. 259 / *traedor* A78

XV lat. *trautador* P18

2. 2. -TOR (-SOR):

abactor 4 (lat.); *agricultor* 9 (lat.); *autor* 16 (lat.); *confessor* 16 (lat.); *defensor* 9, 16 (lat.); *director* 7 (lat.); *escritor* 9, 11, 16 (lat.) / *escriptor* 4, 7 (lat.); *factor* 7 (lat.); *feitor* 9 (lat.); *imperator* 7 (lat.); *injector* 4 (lat.); *leitor* 4, 7, 9, 16 (lat.); *malfeitor* 7 (lat.); *manuductor* 7 (lat.); *pintor* 2 (lat.); *pressor*⁷⁴⁸ (lat.) 9; *professor* 18 (lat.); *progenitor* 9 (lat.); *protector* 9 (lat.); *reitor* 9 (lat.); *seductor* 4 (lat.)

2. 3. -OR:

alvor 2, 7, 8, 12, 16 (lat.); *amargor* 2, 4, 7, 9 (lat.); *calor* 2 (lat.); *clamor* 6 (lat.); *clangor* 2 (lat.); *cremor* 2 (lat.); *dor* 2 (lat.); *estupor* 2 (lat.); *favor* 12 (lat.); *fervor* 2, 9 (lat.); *fragor* 2 (lat.); *fulgor* 16 (lat.); *furor* 2 (lat.); *horror* 2 (lat.); *languor* 2 (lat.); *lavor* 12 (lat.); *louvor* 9, 12 (lat.); *negror* 8, 9, 16 (lat.); *odor* 2 (lat.); *ofensor* 9 (lat.); *primor* 9 (lat.); *rancor* 2 (lat.) / *rencor* 12 (lat.); *rigor* 2 (lat.); *rubor* 2 (lat.); *sabor* 9 (lat.); *temor* 2 (lat.); *teor* 2 (lat.); *tepor* 2 (lat.); *terror* 2 (lat.); *tremor* 2, 9 (lat.); *tumor* 2 (lat.); *vapor* 2 (lat.)

XIV lat. *ardor* D187

XIV lat. *cantores* D344

XIV lat. *defensores* G8

⁷⁴⁸ Nada se regista em Cunha ([1982] 1987²), Machado ([1952] 1977³) e Corominas e Pascual (1980-1991) relativamente a *presor* 9, o qual segundo José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 364) foi herdado do latim e, posteriormente, substituído por "*prende-dor*".

XIV fr. *embaixador*[es] K11, L5, M2, N15, P16 / *ēbayxadores* K11
 XIII lat. *emperador*[es] D207, K34, O6
 XIII lat. *executor* D15 / *emxectores* N24
 XIV lat. *fedor* D189
 XIII lat. *louvor*[es] E2, E3, E4, E7, E17, H9, K31, L3, L27, O13, O18, P8, D15, D48, D116, D...
 XIII lat. *malfeitor*[es] D312, D340
 XIII lat. *pastores* I9, M6, Q10, Q11
 XIII lat. *temor* E26, F16, G8, G15, I11, L23, L24, L25, M10, M25, N1, N11, N23, N24, Q25, D167, D202, D... / *themor* F3, L26, M5, N15, P21
 XIII lat. *tremores* D86
 XIII lat. *valor* E4, E19, H2, K24, M23, M24, O3, O13, Q9, D203

3. Empréstimos:

ascensor 11 (fr.), *dulçor* 8 (cast.)

XIII *comendador*[es] S13 pp. 2, 194 / *com(en)dador* S13 pp. 5, 43, 53, 63 / *comēdador* S13 p. 41, N7 / *com(en)d(a)dor*[es] S13 pp. 292, 293, 294, 304 / *comemdador* G9, L19, M22, M25, N7, N17, O20, Q11 / *comendador* L7 (fr.⁷⁴⁹)

XIII *corredor* S13 p. 253 / *corretor* S13 p. 253 ("E sse lla nõ quitar a este p(ra)zo, metaa en maa do corredor p(er) mandado do alcayde que a uenda o melhor q(ue) poder, e a diuida pagada, o corretor torne o demays a seu dono ante o alcayde.") (prov.⁷⁵⁰)

De acordo com Teophilo Braga (1876: 41), *-dor* tem origem no "latim *ator*" e, embora não o refira, pode ajuizar-se pelos exemplos fornecidos (cf., por exemplo, *operador*) que o sufixo se junta a TV para formar N.

⁷⁴⁹ Em Cunha ([1982] 1987²), trata-se da "adaptação do ant. fr. *comandeor* 'o que comanda'".

⁷⁵⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), "do prov. *corratier* 'corredor; intermediário'". Diferente de *corredor* 'que ou aquele que V' e de *corredor* na acepção de 'local'.

Carl von Reinhardstoettner (1878: 142-143) estuda o sufixo *-or*, sufixo que pensa ter muito pouca disponibilidade em português⁷⁵¹, e assegura que *-tor* e *-sor* produziram muitos vocábulos em latim e que o correspondente português *-dor* deu igualmente origem a uma grande quantidade de novos nomes, a partir de TV.

Para Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 349), as formas em *-tor* (exs.: *abactor*, *injector*, *leitor*) "representam typos latinos" e outras, como por exemplo *contador* e *fumador*, "são de derivação portuguesa". Para o sufixo *-or* (segundo os autores "do lat. *-or* (*t-or*, *s-or*)"), os gramáticos indicam duas acepções: as de "agente" e de "logar onde"⁷⁵², mas, na verdade, todos os exemplos que fornecem se referem a *-tor* / *-dor* e não a *-or*.

Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 141) é de opinião que o sufixo *-dor* vem do latim "*-tore-*", juntando-se aos temas verbais para formar nomes de agente, como por exemplo *corredor* e *matador*.

Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 209) filia *-or* a "*orem*, suff. que se prende ao participio lat., e indica o agente: *factor* (*factus*), (...), *amador*, *fallador*"⁷⁵³.

Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 73) afirma que "*or*, lat. *ore(m)*, como em *albore(m)*: *alvor*, *brancor*, etc." é um sufixo que se unia a "temas latinos participaes em que entrava um *t*", razão por que, segundo alega, a terminação *-tor* viria a dar origem a "*dor* no portuguez".

De acordo com José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 370), o sufixo *-dor* junta-se a temas verbais e "goza ainda de toda a vitalidade na formação de nomes". Para o autor, os derivados nominais em *-dor*, para além da acepção básica de 'agente', podem também possuir a de 'instrumento'. O gramático explica as formas *-tor* e *-sor*, alegando que "nos cultos ou populares, em que o abrandamento do *-t-* foi impedido por uma consoante que

⁷⁵¹ O gramático considera que *-or* "(lat. *or*, *ōris*)" ocorre num número restrito de vocábulos vindos do latim (por exemplo, *tumor*, *rubor*, etc...) e refere que as novas formações em português (exs.: *longor*, *verdor*, etc.) ainda são mais raras, visto que, na sua opinião, *-ura* se sobrepôs a *-or* (cf. Reinhardstoettner, 1878: 142).

⁷⁵² Para esta segunda acepção, os autores fornecem um único exemplo, *jazedores*, que, segundo eles, designa os que, no século XIII, "eram sepultados no cemitério de S. João de Tarouca" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 349).

⁷⁵³ Como se pode verificar, neste autor, *-or* está por *-tor* / *-dor*. Na concepção deste gramático, ao sufixo "*-or*" correspondem dois femininos: *-iz* (ex.: *imperatriz*) e *-ora* (cf. Pereira [1916] 1935⁹: 209).

o precedia, manteve-se a forma originária; assim em *agricultor*, *protector* (...), etc. O -s-, que no latim resultara da combinação das duas dentais -d- e -t-, passou também para português com os nomes, quase todos pertencentes à língua literária, que já tinham sofrido aquela transformação fonética, como *presor* (arc.), *ofensor*", etc.. Quanto ao sufixo -or, Nunes ([1919] 1989⁹: 375) afirma que, tal como em latim, este sufixo junta-se a "radicais verbais e a adjectivos", para formar "substantivos abstractos" (exs.: *amarg-or*, *negr-or*).

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 237) trata conjuntamente "-dor, -tor, -sor, -or, -dura, -tura, -sura, -ura", sem indicar a etimologia e sem os descrever de forma satisfatória, registando que "em português, observaremos que, juntando -or ou -ura a temas do particípio do pretérito, obtêm-se respectivamente nomes de agente e nomes de ação, sendo necessária, em verbos regulares da 2ª conjugação, a mudança prévia de -id- em -ed-: *escritor*, *escritura*; *armador*, *armadura*; *atador*, *atadura* (...), etc.". Nalguns nomes derivados em "-or", como o autor os classifica, parecendo "esquecer-se" que no início do parágrafo havia incluído igualmente -dor, -tor e -sor, Ali ([1931] 1964³: 237) declara que "deu-se transferência de sentido do nome da pessoa agente para o nome do objeto com que se pratica a ação". Acrescenta também que muitos vocábulos deverbais, "quer em -or, quer em -ura, introduziram-se no idioma por via erudita; outros foram recebidos diretamente do latim, desaparecendo porém os respectivos verbos, ou tomando êstes forma diferente: *ensor*, *ensura* (...), etc.". Desta forma, os dois aspectos principais focados por Ali ([1931] 1964³: 237) são a extensão de significado dos derivados em "-or" (primeiramente uma acepção agentiva e, posteriormente, também instrumental) e o facto de em português não ser possível estabelecer uma relação entre muitos vocábulos [+lat] em "-or" e os verbos que lhes deram origem, i.e., não existirem condições para a isolabilidade de muitas bases.

Segundo Joseph Huber ([1933] 1986: 274), -dor (latim "-tore") forma "Nomina agentis de radicais verbais" (exs.: *comendador*, *conhecedor*) e adjectivos (exs.: *enganador*, *sabedor*), ao passo que -or (latim "-ore"), para além de ocorrer em palavras vindas do latim, serviu também para formar palavras novas (cf. Huber [1933] 1986: 275), mas, no entanto, só nos dá como exemplo *louvor*, que, pelas indicações dos dicionários etimológicos consultados, foi herdado do latim e não formado em português.

Francisco M. Sequeira (1938b: 98) limita-se a exemplificar o emprego de -dor, em "*lavador*, *vendedor*, *servidor*".

Ismael L. Coutinho (1938: 59) acha que *-tor* e *-dor* têm origem no latim "*-tore*" e que indicam quer o agente, quer o instrumento, servindo para formar substantivos e adjetivos, registando que, nalguns vocábulos, ocorre a forma *-sor*, como em *confessor* e *defensor*, mas sem especificar se estes são [+lat] ou se os considera derivados.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 46) não descreve propriamente os sufixos *-or* e *-dor*, mas faz duas observações curiosas acerca de *-dor*: numa afirma que "nos derivados nominais, a vogal *a* e *i*, que caracteriza a conjugação e liga os sufixos ao tema verbal, é considerada como pertencente ao tema" e, por isso, segmenta *armador* em *arma-dor* (Vasconcellos [1946] s.d.: 46), noutra, em que apresenta *-dor* como um dos sufixos "fecundos, móveis, produtivos, activos", entra em contradição e a seguir ao sufixo, entre parênteses, lista "*-ador,-edor, -idor*" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos [1946] s.d.: 59).

Mattoso Câmara Jr. (1975: 222-223) caracteriza o sufixo *-dor* como formador de nomes deverbais que designam o agente e, do ponto de vista etimológico, indica que "*-dor(a)*, do lat. *-tor(e)*" resulta da combinação "dos sufixos *-t(u)* e *-or(e)* com grande extensão em latim vulgar". Segundo o autor, a vogal do tema verbal conserva-se em português (exemplos: *pescador*, *varredor*, *abridor*), ou seja, *-dor* junta-se imediatamente ao tema verbal e não desencadeia a alomorfa da vogal temática da 2ª conjugação. Para Câmara Jr. (1975: 223), "*-or(a)* do lat. *-or(e)*" agentivo é uma "variante simples" que já não é produtiva, dando como exemplo *professor*, "lat. *professore-*, descritivamente relacionável a *professar*".

Como acabámos de observar, em José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 370), M. Said Ali ([1931] 1964³: 237) e Ismael L. Coutinho (1938: 59), *-tor* (*-sor*) e *-dor* são apresentados como variantes, a primeira "erudita" e a segunda "portuguesa". Relativamente à etimologia, de um modo geral, indica-se para *-or* o lat. *-or(e)* e para *-dor* o lat. *-tor(e)*, este último resultante da junção do sufixo latino *-TU* do participio passado com *-ÖRE*.

Com base nos exemplos fornecidos pelas gramáticas históricas, pode então concluir-se que:

- em português, o sufixo *-dor* junta-se a TV para formar maioritariamente N que são, simultaneamente, adjetivos⁷⁵⁴, parafraseáveis como 'Que ou aquele que V'.

⁷⁵⁴ No âmbito deste trabalho, não trato os derivados adjetivais em *-dor*.

- quando a base possui o traço [+humano], há uma variação de género do sufixo, ocorrendo este, portanto, quer como *-dor* quer como *-dora*.

- para além dos nomes de agente, *-dor* forma igualmente nomes que designam o objecto ('Que serve para V') e na génese deste alargamento do emprego do sufixo poderá estar o facto de, no processo de produção, o progresso da técnica ter substituído o homem pela máquina⁷⁵⁵.

- o sufixo *-or* junta-se a N, a Adj. e a RAD⁷⁵⁶ para formar N. Os derivados nominais de adjectivais em *-or* são nomes [+abstractos, +masculinos], designando 'Qualidade, propriedade'.

- pelas muitas formas em *-dor* fornecidas pelos gramáticos, pode avaliar-se, em certa medida, a forte disponibilidade do sufixo, contrastando com *-or*, que ocorre quase sempre em formas [+lat] e que foi, em muitos casos (sobretudo quando a base é um adjectivo)⁷⁵⁷, substituído por *-ura* (cf., por exemplo, *brancor* 8; *frescor* 9; *verdor* 2, 7, 9 e *brancura*, *frescura* e *verdura*. Se partirmos da datação destes derivados (cf. Cunha ([1982] 1987²): *brancura* XIII; *frescura* XVI; *verdura* XIV / *brancor* (não registado, nem em Cunha ([1982] 1987²), nem em Machado ([1952] 1977³)); *frescor* XVI; *verdor* (1813), parece que a substituição de *-or* por *-ura* ocorreu em tempos relativamente recentes⁷⁵⁸.

⁷⁵⁵ Cf. Dubois (1962: 44), autor que aponta ainda, como resultado da imposição da máquina na produção, o facto de a forma feminina do sufixo se ter tornado uma variante livre.

Na opinião de Jordan ([1972] 1980: 19), os nomes de instrumento formados com *-dor* são inovações românicas.

⁷⁵⁶ Só encontrei um exemplo formado a partir de um RAD, *pendor*, ao passo que, como é do nosso conhecimento, em lat. *-or* juntava-se predominantemente a bases verbais (cf., por exemplo, as formas [+lat] *fervor* e *tremor*).

⁷⁵⁷ Segundo Lacuesta e Gisbert (1999: 4589), há acordo quanto à improdutividade de *-or* de verbal, mas existem algumas reticências quanto à improdutividade de *-or* de adjectival.

⁷⁵⁸ Para Piel (1940a: 219), as formas em *-or* do tipo de *verdor*, *amargor*, *negror*, *lentor*, *frescor* e *alvor* "têm um sabor literário, sendo as formas equivalentes em *-ura* ou *-idão* as verdadeiramente vivas. Trata-se certamente de intrusos vindos de além Pirinéus, e que nunca tiveram na língua portuguesa senão uma existência precária".)

- em português, *-dor*, por ser sufixo que se inicia por consoante⁷⁵⁹ e por se soldar imediatamente ao TV, não desencadeia alomorfas e truncamentos. Por seu turno, o sufixo *-or* desencadeia o truncamento de *-ão* (cf. *impress(ão) + -or* 9, 16).

Como já aludi, os gramáticos históricos nem sempre delimitaram claramente *-or* e *-dor*, tratando-os, por vezes, como meras variantes. Ora, aquilo que verificamos é que *-dor* e *-or* são sufixos diferentes ao nível da forma, do significado e da selecção das bases e enquanto o primeiro continua a estar disponível, *-or* já não permite formar novas nominalizações (denominais, deadjectivais e verbais).

Na medida em que *-dor* e *-or* têm uma subcategorização diferente, penso, tal como Rio-Torto (1998: 43), que considera *-dor* "como a instanciação mais representativa do operador agentivo deverbal", acautelando que "esta ordenação, diacronicamente, não é a mais fidedigna, mas reflecte a importância que *-dor* assumiu relativamente a *-or*⁷⁶⁰" (Rio-Torto, 1998: 44), estarmos em presença de dois sufixos distintos.

Rio-Torto (1998: 42) descarta igualmente a possibilidade de "*-tor, -s/or e -z/or*" serem variantes de *-dor*, pois só ocorrem "em palavras latinas ou formadas pelo seu modelo. (...) Ao contrário do que acontecia em latim, em português a consoante que inicia o sufixo não faz parte da base, mas do sufixo. Por isso em português o tema verbal seleccionado por *-dor* é o do Infinitivo e não o de Particípio Passado", opiniões das quais partilho. Devo ainda acrescentar que nos derivados em *-dor* todas as bases verbais são perfeitamente identificáveis e segmentáveis, contrariamente ao que se passa nas formas em *-tor (-sor)*.

Os dados dos textos confirmam não só a forte disponibilidade de *-dor* desde o século XIII (cf., por exemplo, XIII *ajuntador* D217; XIII *danador[es]* A59, D340; XIII S13, p. 6 *guardador*, etc.), como também a transparência dos derivados em *-dor*: os

⁷⁵⁹ Apesar de não distinguirem derivados, formas [+latinas] e empréstimos, cf. Mateus e Andrade (2000: 89-90) que colocam a hipótese de o sufixo ser *-or* e não *-dor*, pertencendo o [d] à base e não ao sufixo, caso em que o sufixo *-or* se juntaria às formas do particípio passado, vindo depois a refutá-la porque, segundo afirmam, a vogal temática /e/ não ocorre como [i], como por exemplo em *batido*, de *bater*.

⁷⁶⁰ Nos textos utilizados para controlo, todas as formas em *-or* são [+lat]. Por outro lado, um grande número de derivados nominais em *-dor* datam do século XIII (cf., por exemplo, *caçador*, *cavalgador*, *defendedor*, etc.).

derivados em *-dor* designam sempre o agente ('Aquele que') e o seu significado é previsível, porque composicional (cf., por exemplo, XIII *guiadores* D206, G28 ("E por tanto dizẽ laa esses sabedores que nom devẽ escolher os moços pera guiadores dos exercitos guerreadores"), Q22).

Muitas formas transparentes em *-dor* seriam substituídas por outras: por exemplo, *guia* XV substituiu *guiador* na acepção agentiva e *guiador* passou a designar o 'objecto que serve para guiar', ao passo que *fugidor* foi suprimido, passando a usar-se *fugitivo* XV [+lat]. Inclusive, um dos exemplos clássicos que é dado para ilustrar, em português, o conceito de bloqueio, tal como o define Aronoff (1976: 42)⁷⁶¹, i.e., *roubador* está atestado desde o séc. XIII e ainda ocorre no *Leal Conselheiro* de D. Duarte (cf. Castro, 1998: 43 e 206), se bem que, quer em textos do séc. XIII, quer no *Leal Conselheiro*, ocorra também a forma *ladrõ / ladrom* [+lat], séc. XIII (cf., por exemplo, S13 p. 200 "se nõ for ladrõ ou malfeytor de q(ue) se deue a faz(er) justiça" e Castro, 1998: 340), a qual viria a prevalecer, em detrimento da forma mais natural.

Também é curioso observar que todas as formas em *-dor* não atestadas em Cunha ([1982] 1987²) são perfeitamente transparentes, como a seguir se indica: XIV *aportador* A120; XIV *Citador* A63; XV *fugidor* D203; XV *movedor* E2; XIV *ordãador* A78; XIV *roussador* A6; XV *tangedores* D26; XIII *teedor* S13 pp. 6, 163, 198, 200, 210, 211/ *teodores* S13 p. 210 / *teudor* S13 p. 210.

Para além de alguns vocábulos não atestados, outros têm, em Cunha ([1982] 1987²), uma datação posterior, a qual indico entre parênteses curvos: XV *abreviador* N7 (XVI); XIV *andador* A24 (XVI); XIII (*con*)*tendedor*[es] S13 pp. 192, 198, 243 / *cõtendedores* S13 p. 198 (XIV); XIII *corregedor*[es] S13 pp. 49, 59, A87, A89, A106, Q29 / *C(orregedor)* A106 (XIV); XV *declarador* D261 (1532); XV *destruidor* D321 (1532); XIV *enbargador* A50 / *enbargadores* A50 (1813); XV *yntreptador* Q15 (1525); XIII *partidor*[es] S13 pp. 56, 121 (XV); XIV *p(ro)mouedor* A140, A141 (XV); XIII lat. *credor* (XV); XIV lat. *podador* A146, A153 (1813); XV lat. *trautador* P18 (XVI); XIII lat. *predicadores* S13 p. 76 (XIV).

⁷⁶¹ Bloqueio designa, segundo Aronoff (1976 : 42), o fenómeno da "nonoccurrence of one form due to the simple existence of another".

4. 2. 11. -TURA (-SURA) / -DURA e -URA

Alguns gramáticos, entre os quais Teophilo Braga (1876: 39), Carl von Reinhardstoettner (1878: 146), Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 345), Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 74) e Joseph Huber ([1933] 1986: 275) só consideram a existência do sufixo *-ura*, enquanto outros descrevem igualmente *-tura* / *-dura*. No entanto, como se pode observar pelos exemplos fornecidos, o facto de alguns gramáticos só descreverem *-ura*, não estabelecendo a distinção entre *-ura* e *-dura*, ambos formadores de nomes, não se prende com o facto de não terem em consideração a categoria diferente das bases seleccionadas, respectivamente adjectivos e temas verbais, mas antes por assumirem como critério que *-dura* é uma variante sufixal de *-ura*.

1. -TURA:

1. 1. PORT.

TV + *-tura* → N

'Acção ou resultado da acção'

*assinatura*⁷⁶² 15

1. 2. LAT. (-TURA / -SURA)

abertura 6 (lat.); *abreviatura*⁷⁶³ 9, 15 (lat.); *altura* 2, 7, 8, 12, 15 (lat.); *captura* 4 (lat.); *censura* 11 (lat.); *cintura* 9 (lat.); *clausura* 9, 11 (lat.); *(des)compustura* 4 (lat.); *creatura* 4 (lat.) / *criatura* 16; *cultura* 11 (lat.); *curvatura* 9 (lat.); *direitura* 2, 7, 15 (lat.); *escritura* 7, 9, 11, 16 (lat.); *estructura* 2, 7 (lat.); *factura* 7 (lat.); *fartura* 4, 9, 17 (lat.); *feitura* 12, 16; *formatura* 2, 7, 15 (lat.); *fratura* 11 (lat.); *genitura* 11 (lat.); *impostura* 2 (lat.); *incisura* 9 (lat.); *judicatura* 2 (lat.); *junctura* 7 (lat.); *leitura* 2 (lat.); *mistura* 1 (lat.); *natura* 7 (lat.); *pintura* 1, 4, 9, 11 (lat.); *quadratura* 7, 9 (lat.);

⁷⁶² Segundo Machado ([1952] 1977³) e Cunha ([1982] 1987²), XVIII, de *assinar*. Cf., por exemplo, em PE outros derivados em *-tura*, formados a partir de temas verbais: *angulatura*, *folheatura*, *maculatura*, *quebratura*, *vagatura*, etc..

⁷⁶³ Segundo Machado ([1952] 1977³), do lat. tardio *abbreviatura* (...), ou talvez antes do it. *abbreviatura*.

rotura 9 (lat.); *sepultura* 4 (lat.); *tinctura* 7 (lat.); *tonsuras* 9 (lat.); *vacatura* 15 (lat.);
viatura 15 (lat.)

1. 3. Empréstimo:

legislatura 9 (fr.)

2. -DURA

2. 1. PORT.

2. 1. 1. TV + -dura → N

'Acção ou resultado da acção'

A) N [+abstracto]:

abanadura 2; *andadura* 2, 16; *atadura* 9, 11, 16; *benzedura* 11, 18; *brosladura* 12;
brunadura 11; *cosadura* 4; *cozedura* 1, 9, 15; *forjadura* 2; *levantadura* 2; *mochadura* 2;
pelladura 2; *poladura* 11; *raspadura*⁷⁶⁴ 9; *roadura* 11; *rompedura* 9; *rugadura* 12;
soldadura 15; *tecedura* 2; *torcedura* 9, 11; *urdidura* 11, 16, 18 / *ordidura* 2

B) N [-Abstracto]:

b') 'Instrumento, objecto'

*calçadura*⁷⁶⁵ 2, 11, 12; *fechadura* 11, 15; *ferradura* 1, 7, 11; *forçadura* 2

XIV *fechaduras* G2 ("as mais das fechaduras dos mouros d'Espanha se fecham assy de dentro como de fora")

XIII *ferraduras* A52 ("saluo se o fferreiro (con)prar ferraduras feitas pera uender")

b") 'Quantidade'

*molhadura*⁷⁶⁶ 4; *rapadura*⁷⁶⁷ 7; *semeadura*⁷⁶⁸ 7; *vereadura*⁷⁶⁹ 2

⁷⁶⁴ Também [-abstracto].

⁷⁶⁵ O m.q. *calçado* (N).

⁷⁶⁶ Em PE, "o m.q. *molhadela*; (pop.) gorjeta que se dá para comprar vinho; gratificação', de *molhar* + *-dura*".

XV [em]cavallgaduras K11 ("duas vellas que partyram de Tamger e llevavã ãbayxadores dell rrey de Grada com suas emcavallgaduras")

b''') 'Ferida':

matadura 1⁷⁷⁰; *mordedura*⁷⁷¹ 11, 15; *queimadura* 4, 7

b''''') 'Fisionomia, aspecto':

*catadura*⁷⁷² 7

b''''''') 'Delimitação'

XIII *çerradura*[s] F5, H15 ("hũ campo com hũas poucas de palhas por çerraduras"; " foram-se a hũa porta que estava nas taraçenas que ho maar derribara, a quall nõ tinha aynda aquella çerradura que lhe compria.") / *çarraduras* G5 ("se rrecolherã naqueles mais primçipaes lugares em que semtyrã que se melhor podiam allojar, omde hordenarã suas cavas, e taipas, vallos, e paredes, cõ quaesquer outras maneiras de çarraduras que podiã achar pera sua seguramça."; 'cobertura, protecção')

XIV *est(re)madura*⁷⁷³ A121 ("q(ue) o d(i)to Reimõde an(e)s díz q(ue) lhj ffez Gil st(evêe)z ssacador dEll Rey na est(re)madura.")

2. 1. 2. Deriv. Repr.:

pendura 2

⁷⁶⁷ O que se tira, rapando (cf. PE).

⁷⁶⁸ Quantidade de cereal para se semear um terreno (cf. PE).

⁷⁶⁹ Tanto pode designar 'grupo (quantidade) de vereadores', como pode ser sinónimo de *vereação*, sendo, portanto, no segundo caso, [+abstracto].

⁷⁷⁰ Em PE, "ferida causada pelo roçar dos arreios na besta; (*fig.*) balda, defeito moral".

⁷⁷¹ Pode também ser [+abstracto].

⁷⁷² Designa igualmente, 'estado psicológico'.

⁷⁷³ Não registado em Cunha ([1982] 1987²), que data *estremar* de XIII e *extremo* de XIII, lat..

2. 2. LAT.:

armadura 2, 9, 11, 15, 16, 17, 18 (lat.); *assadura* 1 (lat.); *dictadura* 7 (lat.); *ligadura* 4, 9 (lat.); *quebradura* 4, 9 (lat.); *vestidura* 9, 16 (lat.)

XIV lat. *abertura* Q20

XIII lat. *alltura* H3, H4, L28

XIII lat. *cubertura[s]* D143, D331

XIII lat. *d(erei)turas* A96 / *dereyt(ur)as* A56 / *dereitura* D225, D226, D243

XIII lat. *esc(ri)turas* A101, A144 / *esc(re)t(ur)a* A71 / *sc(re)turas* A139 / *sc(ri)pturas* A138 / *sc(ri)turas* A107, A130 / *escriptura[s]* F7, F14, M10 / *scripturas* D315

XIII lat. *feitura* A165, N1 / *feytura* F12

XIV lat. *letradura*⁷⁷⁴ D309

XIII lat. *postúras* A128 / *postura[s]* A13, A54, A57, A58, F2 / *pustura* A60

XIII lat. *sopultura* A161 / *sepulltura[s]* E25, H5, L21, M16, Q29 / *sepultura* D321, D360

XIII lat. *vemtura* F5, F21, G24, H10, I10, K16, M8, M11, M23, N9, N11, N25, O7, Q6, Q17 / *(des)avemtura[s]* G1, K27, P20, P22

XIV *verdura* D37, D326 (cf. *verdor* 1813)

XIII lat. *vestyduras* Q23 / *vestidura* D138, D322 / *vistiduras* D138

⁷⁷⁴ Em Cunha ([1982] 1987²), o m.q. *literatura* XIV, lat..

3. -URA

3. 1. PORT.

'Qualidade'

3. 1. 1. Adj. + -ura → N:

alvura 7, 15; *amargura* 1, 4, 7, 12; *anchura*⁷⁷⁵ 9; *brancura* 5, 7, 9, 11, 15, 16; *brandura* 4, 7, 11; *bravura* 2, 8, 9; *candura*⁷⁷⁶ 7, 9; *cordura*⁷⁷⁷ 12; *diabrura*⁷⁷⁸ 2,8, 9; *doçura* 9, 16 / *dulçura*⁷⁷⁹ 11; *falsura* 9, 11; *feiura* 7; *finura* 9; *formosura* 4, 7, 11; *frescura* 2, 9, 15, 16; *fritura* 2, 9; *friura* 1, 11, 17; *gordura* 9, 17; *grandura* 11; *grossura* 2, 7, 11; *largura* 2, 11; *lizura* 2; *longura* 7, 9, 11; *loucura* 1, 4, 9, 15; *mollura* 2; *negrura* 1, 9, 11; *quentura* 2 / *caentura* 12; *seccura* 1; *ternura* 9; *tristura* 4, 7, 9, 11; *verdura* 1, 2, 7, 9, 11

XV *agrura* N23

XIII *amargura* D132 (cf. *amargor* XIII)

XV *bastura*⁷⁸⁰ N22 ("E foy derribado com hũ penedo sobre hũas daroeiras, omde lhe fez grande proveito a defensõ de seu escudo, em que rreçebia a mulltydão das seetas e pedras que lhe de çima heram llamçadas, nõ sêdo menos ajudado da bastura dos rramos da arvore que ho sosteve")

XV *doçura* E19, F1 / *duçura* D316 / *dulçura* D16, D103, D258

XIV *espessura*[s] F4, G22, G23, H6, K6, K8, O6, Q12

XIV *estreitura* G26, G33, I15

XIII *fremosura* F6, F6, H2, Q24, D48, D157, D237, D238, D297

XIV *gordura* D126

⁷⁷⁵ De *ancho*, o m.q. *amplo*.

⁷⁷⁶ Forma haplológica de °*candidura* (*cândid(o)* + *-ura*).

⁷⁷⁷ De *cordo*, o m.q. *cordato*.

⁷⁷⁸ De *diabre* o m.q. *diabo*.

⁷⁷⁹ Base [+ lat].

⁷⁸⁰ Não registado em Cunha ([1982] 1987²), que indica a data de XIV para *basto*.

XIV *llogura* N29

XV *quemtura* K25, M2 / *queentura* D75, D368

XIII *soltura* D27, D106

XIII *tristura* M20

3. 1. 2. N + -ura → N:

*folgura*⁷⁸¹ 11, 12; *rencura*⁷⁸² 12

3. 2. LAT.:

fevura 7, 9 (lat.)

3. 3. Empréstimo:

gravura 2 (fr.)

Teophilo Braga (1876: 39) lista formas em *-ura*, como por exemplo, *amargura* e *loucura*, em que é notória a junção do sufixo a um adjetivo, e ainda outras, em "Substantivos tirados do verbo por meio dos suffixos" (cf. Braga, 1876: 42), supostamente em *-ura*, mas onde podemos verificar tratar-se de *-dura* (exemplos: *assadura*, *cozedura*, *matadura*).

Para Carl von Reinhardstoettner (1878: 146), *-ura*, à semelhança de *natura* e *factura*, do latim, deu origem a "uma grande quantidade de Substantivos", como por exemplo *armadura*, *calçadura*, *largura*, *grossura*, etc., em que mais uma vez temos nomes em *-ura* formados a partir de adjetivos e outros em *-dura* cuja base de derivação é um tema verbal.

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 345) consideram que "*ura* (lat. *ura*, *altura*)", serve para formar em português derivados nominais de género feminino, do tipo de *amargura*, *formosura*, *loucura*, referindo ainda que *-ura* "opõe-se a *or*: *amargor*, *amargura*". Estes gramáticos tratam também, separadamente, "*-ura* (*t-ura*, *d-ura*). Do latim *ura* (*t-ura*, *s-ura*)", sufixo que se junta a TV e que "exprime o resultado, o efeito, o estado" (cf. Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 348), como por exemplo em *queimadura*.

⁷⁸¹ *Folga* = *fôlego*.

⁷⁸² O m.q. *rancura*, de *ranç(o)* + *-ura*; séc. XIII 'tristeza' (cf. Cunha [1982] 1987²).

Joseph Huber ([1933] 1986: 275) entende que *-ura* "forma muitos substantivos abstractos: a) de adj.: *altura, amargura, caentura* 'quentura', *cordura*. b) de participios: gal. ant. *brosladura* 'bordado', *calçadura* 'calçado', *feitura, rugadura* 'ruga'", referindo também que, por vezes, *-ura* concorre com outros sufixos, como por exemplo em *folgança / folgura* e *rencor / rencura*.

Deste grupo inicial, Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 74) é o único gramático que só tem em conta *-ura* formador de nomes a partir de adjetivos, ou seja, não descreve *-dura*, estipulando unicamente que "*ura*, lat. *ura(m)*, como em *mensura(m)*. Port.: *altura, bravura, diabrura*, etc."

No segundo grupo temos os gramáticos que distinguem *-ura* de *-tura / -dura*. Assim, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 205) inclui *-dura* nos "sufixos populares", forma correspondente a *-tura* que, segundo o gramático, é um "sufixo erudito" (exemplos: *queimadura; formatura*). De acordo com Pereira ([1916] 1935⁹: 205), etimologicamente, temos a seguinte sucessão: "*-turam* → *tura* → *dura: quadratura e dictadura*". O autor indica que em latim o sufixo *-ura* soldava-se "a themas verbaes (part. pass.) para formar subst. femin. abstratos: *factura*, de *factus, natura*, de *natus, escriptura*, de *scriptus, tinctura* de *tinctus, junctum* de *unctus, estructura* de *structus*" e que, em português, o sufixo "prende-se também a themas nominaes adjectivos para formar igualmente subst. abstr. femin.: *altura, direitura, brancura*", sendo frequente que aos derivados de adjectivos em *-ura* correspondam outros em *-or* (exs.: *amargura / amargor, alvura / alvor, candura / candor, fervura / fervor, verdura / verdor*" (Pereira [1916] 1935⁹: 209-210). Se prestarmos atenção a estas formas em *-or* fornecidas pelo autor, verifica-se que, exceptuando *verdor*, todas são [+lat], o que pode indiciar o facto de ter havido uma sobreposição de *-ura* relativamente a *-or*, em nominalizações de adjectivos.

Na descrição de *-dura* e *-ura* efectuada por José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 371-372), o autor expõe de forma clara aquilo que alguns gramáticos que o antecederam deixaram implícito. Assim, na sua opinião, os sufixos *-dura* e *-ura* são "provenientes, aquele do (...) sufixo *-to* e mais *-ro*, que no latim entrava na formação do participio do futuro, donde saíam alguns substantivos abstractos, e este do mesmo com perda do *t*; servem estes dois sufixos⁷⁸³, juntos a temas ou radicais verbais e adjectivos, a criar substantivos, que, designam, com o primeiro deles, acção ou resultado dela, meio ou

⁷⁸³ Sublinhado meu.

instrumento e objectos; com o segundo, qualidade ou estado, persistindo naquele o *-t-* originário, quando precedido de consoante primitivamente e nos vocábulos cultos ou trocado em *s* nas condições indicadas no sufixo *-dor*"⁷⁸⁴ (exs.: 1. *raspa-dura*; *escri-tura*; *fal-sura*; 2. *fresc-ura*). Como se pode verificar, para este gramático *-dura* e *-ura*, embora etimologicamente relacionados, são sufixos distintos e não variantes, quer pelo tipo de bases seleccionadas, quer pelo semanticismo que cada um deles transmite às bases.

Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 237), como já foi referido (cf. descrição do sufixo *-dor*), trata conjuntamente *-dor*, *-tor*, *-sor*, *-or*, *-dura*, *-tura*, *-sura*, *-ura*, argumentando que "as consoantes *d*, *t* e *s* com que alguns dêstes elementos formativos começam, e que nêles parecem incorporadas, são em rigor sufixos próprios de temas participiais. O histórico dêstes elementos formativos remonta ao latim. Em português, observaremos que, juntando *-or* ou *-ura* a temas do participío do pretérito, obtêm-se respectivamente nomes de agente e nomes de ação"⁷⁸⁵. Uma das observações do gramático diz respeito à mudança de sentido que, segundo afirma, terão sofrido alguns nomes em *-ura*, como por exemplo *fechadura* e *ferradura*, que passaram a "designar objetos materiais"⁷⁸⁶. Outra aplica-se aos nomes, quer em *-or*, quer em *-ura*, originariamente formados a partir de bases verbais, que foram introduzidos no português ou por via erudita ou que "foram recebidos diretamente do latim, desaparecendo porém os respectivos verbos, ou tomando êstes forma diferente", como em "*ensor*, *censura*, *fratura*, *clausura*, *pintor*, *pintura* (de *pictor*, *pictura*, verbo *pingo*), *genitura*, *cultura*, etc.". Na opinião do gramático, esta circunstância terá contribuído para que, uma vez "perdida a relação associativa" entre os nomes em *-ura* e os respectivos verbos latinos que lhes deram origem, *-ura* tenha adquirido em português "nôvo aspecto, habilitando-o para juntar-se também a adjetivos. Assim é que já nos primeiros tempos da língua portuguêsã havia substantivos em *-ura* derivados de

⁷⁸⁴ Segundo Nunes ([1919] 1989⁹: 370), "o *-s-*, que no latim resultara da combinação das duas dentais *-d-* e *-t-*, passou também para português com os nomes, quase todos pertencentes à língua literária, que já tinham sofrido aquela transformação fonética, como *pre-sor* (arc.), *ofen-sor*, *impres-sor*, *defen-sor*, etc. "

⁷⁸⁵ De acordo com Ali ([1931] 1964³: 237), nos verbos da 2ª conjugação, dá-se "a mudança prévia de *-id-* em *-ed-*" (exs.: *armador*, *armadura*; *atador*, *atadura*; *benzedor*, *benzadura*; *brunidor*, *brunidura*; *escritor*, *escritura*; *mordedor*, *mordedura*; *polidor*, *polidura*; *roedor*, *roedura*; *torcedor*, *torcedura*; *urdidor*, *urdidura*, etc.).

⁷⁸⁶ Cf. XIV *fechaduras* G2 e XIII *ferraduras* A52, ambos designando 'Instrumento, objecto'.

adjetivos⁷⁸⁷, aos quais a pouco a pouco se foram juntando outros muitos" (exs.: *brancura, falsura*, etc.). Por fim, o gramático assinala que "alguns dos nomes em *-ura* existentes em português antigo cederam o lugar a outras formações" (exs.: *folgura / folgança; tristura / tristeza*). A darmos como certa esta última observação de Ali ([1931] 1964³: 237), em sintonia com a que foi efectuada por Huber ([1933] 1986: 275), poderíamos afirmar que *-or* foi suplantado por *-ura* e, por sua vez, este viria a perder disponibilidade em detrimento de outros sufixos nominais.

Francisco M. Sequeira (1938b: 97 e 99) reconhece a existência, por um lado, de *-ura* e, por outro, de *-tura / -dura*, restringindo-se a exemplificar com formações em que ocorrem estes sufixos, como, por exemplo, *frescura, loucura; abreviatura, formatura; cozedura, mordedura*, etc.

Para Ismael L. Coutinho (1938: 61), *-ura* tem origem em *-ura* (lat.) e *-tura* e *-dura* em *-tura* (lat.), os quais, segundo o autor, "indicam ação ou resultado dela, meio, instrumento, objeto, qualidade, estado, e servem para formar substantivos" (exs.: *frescura; atadura; escritura*).

Carolina M. Vasconcellos ([1946] s.d.: 49) refere que alguns adjetivos em *-ento*, como, por exemplo, *farturento, friorento* e *gordurento* são formados a partir de *fartura, friura* e *gordura*, o que significa que *-ura* é um sufixo que permite recursividade. Segundo indicação da autora, "*-dura (-adura, -idura)* (...) e muitos outros como *-adío, -adiço, -ura*, são [sufixos] fecundos, móveis, produtivos, activos" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 59).

O sufixo nominal *-ura* deixou de ser produtivo em português, segundo Mattoso Câmara Jr. (1975: 225). Para o autor, "*-dur(a)*. Lat. *-tūr(a-)*", resulta da "combinação da consoante do sufixo *-t(u-)* com *-ur(a-)*, que isolado não é produtivo para os substantivos abstratos de ação" (exs.: *armadura*⁷⁸⁸, *benzedura*).

Neste trabalho tenho em conta por um lado *-ura* e, por outro, *-tura / -dura*, por achar, no seguimento de alguns gramáticos históricos, que são sufixos diferentes e não

⁷⁸⁷ Esta constatação do autor encontra eco nos dados que recolhi nos textos utilizados para controlo dos dados (cf., por exemplo, XIII *fremosura* F6, F6, H2, Q24, D48, D157, D237, D238, D297).

⁷⁸⁸ O autor indica que, posteriormente, *armadura* "fixou-se como substantivo concreto para as peças de armamento do cavaleiro medieval" (Câmara Jr., 1975: 225), mas, como sabemos, *armadura* é um nome [+lat].

alomorfes: *-ura* forma nomes abstractos a partir de adjectivos e nomes simples, sufixo que contrariamente ao latim (cf. Ferreiro, 1997: 127-128), não se solda a bases verbais para formar nomes (cf. por exemplo *fervura* 7, 9, do lat.)⁷⁸⁹, enquanto os nomes em *-tura* / *-dura* são deverbais. A partir do momento em que *-ura* se tornou autónomo, o sufixo passou a juntar-se predominantemente a adjectivos, mas também a alguns nomes, para formar nomes abstractos [+fem] (cf. por exemplo *amargura* 1, 4, 7, 12; *folgura* 11, 12).

Actualmente, sabe-se que *-ura* é um sufixo muito pouco disponível, situação para a qual poderá ter contribuído as características das bases seleccionáveis pelo sufixo (adjectivos e nomes simples⁷⁹⁰).

De acordo com Piel (1940a: 231), "o sufixo *-tura*, port. *-dura*, que deu origem a *-ura* (...), formava em latim abstractos principalmente de verbos que exprimiam uma actividade material", razão que terá contribuído para que "à noção abstracta se substituisse com facilidade um significado concreto, resultativo⁷⁹¹, e se examinarmos as palavras portuguesas em *-adura*, verificamos que predomina o significado colectivo (sic): *armadura*, *atadura*, *bordadura*, *dentadura*, *douradura*, *fechadura*, *ligadura*, *rachadura*". Ou seja, parece que, de acordo com o autor, pelo menos nalguns casos, estes nomes são o resultado de um processo de lexicalização e que da acepção original de 'Acção ou resultado da acção', passaram a [-abstracto]. Este raciocínio não se coaduna com os dados extraídos dos textos dos séculos XIII, XIV e XV, onde, por exemplo, os derivados *fechadura* e *ferradura* têm carácter [-abstracto]. Isto leva-me a

⁷⁸⁹ Segundo Piel (1940a: 219-220), "o papel desempenhado em francês por *-eur* <-ORE é desempenhado em português por *-ura*, lat. *-ura*, que originariamente não é um sufixo, mas a terminação dos abstractos verbais em *-tura*, *-sura*". O emprêgo de *-URA* como sufixo independente parece dever-se a um factor análogo àquele que modificou o carácter primitivo de *-OR*: uma análise errónea das palavras em *-TURA*, *-SURA*, às quais correspondiam adjectivos em *-US* tirados do mesmo tema. A par de *STRICTURA*, por exemplo, existia o adjectivo *STRICTUS*, e é natural que inconscientemente se aproximassem estas duas formas, e que se criasse a impressão de que *STRICTURA* era um derivado de um adjectivo em *-US*".

Cf., por outro lado, Iordan e Manoliu ([1972] 1980: 21), autores que consideram que *-tura* e *-sura* são variantes de *-ura*.

⁷⁹⁰ Cf. Correia (1999: 476).

⁷⁹¹ Opinião coincidente com a de Diez ([1836-1844] 1973: 321), autor que afirma que "T-URA à côté de S-URA dans *factura*, *natura*, *pictura*, *mensura* etc., qui se retrouvent en général dans les langues modernes. Cette dérivation qui s'unit au supin exprime une action, mais il arrive souvent que le sens actif devient passif; c'est ainsi que *pictura* signifie l'action de peindre et l'object peint".

supor que, provavelmente, por influência de *-tura* (*-sura*), *-dura* só numa fase posterior passou a formar predominantemente nomes [+abstractos] (cf., por exemplo, em Cunha ([1982] 1987²): *benzedura* 11, 18, 1813; *brunidura* 11, 1813; *cozedura* 1, 9, 15, 1813; *roedura* 11 XVII; *torcedura* 9, 11 XVI; *urdidura* 11, 16, 18 / *ordidura* 2 XVII)⁷⁹².

O sufixo *-dura* junta-se imediatamente a TV, sem desencadear, tal como *-dor*, alterações da vogal temática (exs.: *soldadura* 15; *tecedura* 2; *urdidura* 11, 16, 18 / *ordidura* 2) e incorpora a evolução fonética regular do latim *-tūra-* em contexto precedido de vogal (cf. Pena, 1990a: 182).

A variante erudita *-tura* (em exemplos [+lat] alterna com *-sura*⁷⁹³; cf. por exemplo *quadratura* 7, 9 (lat.); *tonsura* 9 (lat.)) que, para quase todos os estudiosos consultados, não deve ser considerada um sufixo do português, ocorre, todavia, num dos derivados do *corpus*. É certo que uma única ocorrência não é um bom exemplo para legitimar um facto de língua, mas, a crer nos dicionários de língua portuguesa, este não é um caso isolado, como já tive ocasião de anotar. Por isso, considere *-tura* e *-dura* variantes, no seguimento do que havia sido referido pela grande maioria dos gramáticos históricos.

As datas das atestações nos dicionários etimológicos consultados corroboram a opinião dos gramáticos, segundo os quais certos derivados em *-ura* se sobrepuseram a formas mais latinas em *-or* (exs.: *alvura* 7, 15 XIV / *alvor* 2, 7, 8, 12, 16 (lat.) XIII; *amargura* 1, 4, 7, 12 XIII / *amargor* 2, 4, 7, 9 (lat.) XIII), existindo, contudo, igualmente casos em que derivados em *-ura* foram substituídos por formas [+lat] em *-or* (exs.: *rencura* 12 XIII / *rancor* 2 (lat.) / *rencor* 12 (lat.) XIV).

Noutros exemplos em que os derivados ou as formas [+lat] em *-ura* são anteriores ou contemporâneos dos derivados em *-or* ou das formas [+lat] em *-or* não se pode considerar ter havido a substituição dos primeiros pelos segundos, na medida em que o significado não é exactamente o mesmo⁷⁹⁴ e, por isso, dá-se a coexistência de

⁷⁹² Entre as excepções teríamos, por exemplo, *andadura* 2, 16; *atadura* 9, 11, 16; *calçadura* 2, 11, 12 e *soldadura* 15, todos eles atestados já no século XIV.

⁷⁹³ Na opinião de Ferreiro (1997: 128), ambas são "formadas em latim sobre a base do particípio passado, apresentando uma perfeita correspondência com as formas *-tor* e *-sor*".

⁷⁹⁴ Nos derivados e nas formas em que ocorre, *-or* parece ter um efeito de intensificação maior.

ambos (*fervor* 2, 9 (lat.) XIII / *fervura* 7, 9 (lat.) XVI; *frescura* 2, 9, 15, 16 XVI / *frescor* 9 XVI; *negrura* 1, 9, 11 XIV / *negror* 8, 9, 16 (lat.) 1881; *verdura* 1, 2, 7, 9, 11 XIV / *verdor* 2, 7, 9, 1813).

No que diz respeito a derivados em *-ura* e a formas [+lat] em *-eza*, estas substituíram ou são mais frequentes do que as primeiras (cf., por exemplo, *mollura* 2 XV / *molleza* 2 XV (lat.); *tristura* 4, 7, 9, 11 XIII / *tristez(a)* 4, 7, 11 XIII (lat.)).

Por fim, listo os derivados em *-dura*, designando 'Acção ou resultado da acção', que me parece terem perdido ou que apresentam uma rentabilidade muito fraca, chamando a atenção para a transparência formal (e semântica) dos mesmos:

†*abanadura* 2; †*andadura* 2, 16; †*atadura* 9, 11, 16; †*brosladura* 12; †*brunidura* 11; †*forjadura* 2; †*levantadura* 2; †*mochadura* 2; †*pelladura* 2; †*polidura* 11; †*roedura* 11; †*trompedura* 9; †*rugadura* 12; †*tecedura* 2; †*torcedura* 9, 11.

4.3. Variantes sufixais

4. 3. 1. -ARIA / -ERIA

Quer no que diz respeito à origem dos sufixos *-aria / -eria*, quer à alternância entre ambos, as opiniões dos gramáticos históricos não são coincidentes, pelo que, a seguir aos exemplos, passarei em revista as descrições efectuadas pelos gramáticos e por outros autores e, posteriormente, tentarei estabelecer hipóteses sobre estes dois pontos.

1. N + -aria / -eria → N:

1. 1. 'Colectivo':

arcabuzaria 7, 11 / *arcabuzeria* 7, 11; *arcaria* 11; *caixaria* 11; *casaria* 9, 11, 16; *chapia* 7 / *chaperia* 7; *escadaria* 4, 7, 17; *fecharia* 9; *fradaria* 11; *frascaria* 11; *fuzilaria* 11; *imagineria* 11; *laçaria* 11; *ossaria* 7; *pedraria* 7, 11; *pregaria* 9; *rataria* 15; *sacaria* 9, 11; *vozeria* 7 / *vozeria* 4, 7, 17

XIV *bestaría*⁷⁹⁵ A11, A33 / *bééstaria* / A33 / *baestaria* A5 / *beesteria* E13, F13, G33, L26

/ *besteria* G21

XIV *casarías*⁷⁹⁶ A130, A124, A131 / *casarias* A130, A152 / *Cassarías* A156 / *casarias* L13

XIII *ferraria*⁷⁹⁷ N28

⁷⁹⁵ Conjunto de bestas (*besta*: 'arma antiga para arremessar pelouros ou setas').

⁷⁹⁶ Em Cunha ([1982] 1987²), séc. XVI. Cf., no entanto, A124: "dhũu log(ar) conuẽ a ssab(er) vinhás (e) casas (e) Almoinhás (e) casarías q(ue) eL ha".

⁷⁹⁷ Barulho provocado pelo som de ferros: "O arruydo hera tam grande e os gollpes tam ãpregados, que não parecia senã ferraria que na rrua dallgũa çidade faz desvairado sũo."

1. 2. 'Local (geralmente estabelecimento onde se exerce uma actividade)':

1. 2. 1. Base [+ Hum]:

alfaiataria 6, 7, 11, 18 / *alfaiateria* 6; *carpintaria* 17; *enfermaria* 1; *fancaria*⁷⁹⁸ 7; *judearia* 7 / *judiaria*⁷⁹⁹ 11, 16, 17; *marcenaria* 11, 17; *mouraria* 17; *ourivesaria* 1, 7, 9, 11; *padaria*⁸⁰⁰ 1, 7, 9, 11, 16; *serralharia* 11; *tanoaria* 11

⁷⁹⁸ Na maior parte dos dicionários surge a indicação "de etim. obsc.", referente ao radical *fanc-*.

⁷⁹⁹ Machado ([1952] 1977³) considera que *judiaria* "parece castelhanismo, pelo menos formal", ou seja, a base seria *judio* (cast.).

⁸⁰⁰ Em PE, de *pada* + *-aria*; *pada*, s.f. 'pequeno pão de farinha ordinária'. Cf. Cunha ([1982] 1987²): *pada* XVI, lat.; *padaria* 1813. No entanto, para Machado ([1952] 1977³) deve ter sido deduzido de *padeiro*.

XIII S13 p. 19 *Judaria*⁸⁰¹ ("Karta d(e) foro d(e) paredenaríj's q(ui) s(unt) in Judaria vlixbon(e).") / *Juyaria* S13 p. 19 ("outorgamos a ti Jsáac fillo de pardo e a ta moler Cinfáá uns nossos paredéeyros q(ue) for(om) de Aboriq(ui)n q(ue) auemos na nossa Juyaria de Lixbõa.") / *juyaria* A45 ("Cus(tume) he de penhores q(ue) ho Móórdomo tenhã p(er) razõ de degredo de uínhãs. q(ue) ho tenhã tres dyas. & se lho nõ tirarẽ deue-o a deitar polos din(hei)ros na juyaria.") / *iuyaría* A20 ("Custume h(e) de penhores q(ue) o móórdomo tenha p(or) rrazõ de degredo de ui'nhas q(ue) o tenha #íj' días e se lho nõ tirarẽ deue-o deytar pollos d(inhei)r(o)s. na iuyaría.")

1. 2. 2. Base [-Anim]⁸⁰²:

armaria 11; *camisaria* 6; *carniçaria* 7 / *carniceria* 7; *carvoaria* 11; *chapelaria* 4, 9, 11; *colchoaria* 6; *confeitaria* 4, 11; *cordoaria* 6; *drogaria* 4, 11; *estrebaria*⁸⁰³ 9, 17 / *estriberia* 17; *ferraria* 7; *leitaria* 7 / *leiteria* 7, 16; *livraria* 4, 5, 6, 7, 9, 15, 16 / *livreria* 17; *luvaria* 6, 11, 17; *olaria* 7 / *oleria* 7; *panaria* 7 / *paneria* 7; *papelaria* 18; *pastelaria* 1; *perfumaria* 6; *rouparia* 11; *tesoreria* 17; *tinturaria* 11, 16; *vesteria* 7

XIII *fferrarias* A106 ("Em q(ue) ora mora M(ar)tym an(e)s çaffoeiro (e) de deant(e) Emtestam na rrua publiça q(ue) vay das fferrarias velhas p(er)a a d(i)cta Eig(rei)a de Sam paayo")

XIV *fromtaria* F16 ("E por verdade que vos nõ podemos comtar aqueste feito mimgoamdo allgũa cousa na bomdade daquelle cavaleiro, caa elle amte e depois foy avido por hũ dos ardidos que naquella fromtaria estiverão"), F18 ("Se nesta pelleja hera Abu ou não, os nossos não o souberão, amtes lhes foi dito que hera hydo em sua terra por cousas que lhe cumpriam pera sua estada naquella fromtaria, omde emtemdia mamter assesego."), Q17 ("Fernã Martiz de Vascomçellos, neto que hera do mestre de Samtiago dom Mẽ Rrodriguez, matou hũ mouro de cavallo daquelles que ally estavã na fromtaria ...")

⁸⁰¹ Cf. Cunha ([1982] 1987²): *judaria* XIII; *judiaria* 'bairro de judeus' XVI e, por extensão 'travessura'.

⁸⁰² Estas bases ainda poderiam ser subdivididas em Objecto, Substância, etc.

⁸⁰³ O m.q. *estrabaria*, deriv. de *estrabo*, var. ant. de *estábulo*. Nesta forma, quer a base quer o derivado designam 'local'.

1. 2. 3. Base [-Hum, +Anim]: *vaccaria* 7

1. 3. 'Função, cargo':

alcaidaria 7 / *alcaideria* 7; *vigararia* 7

XIII *Alcaydarias* S13 pp. 61, 256 ("Outrossi mando e outorgo q(ue) ela aia as Alcaydarias de cada hũa dessas villas e os dereytos & as rendas dessas Alcaydarias assi liurem(en)te como ha todolos outros dereytos dessas villas."; "E se nõ ouu(er) nada p(er)ça a alcaydaria. E se o alcayde iuygou torto ou mandou filhar algũa cousa polo non entender, jure que o nõ fez por rogo nen por amor nen por p(re)ço nõ ualla o que iuygou nen aya poren nenhũa pãa.")

1. 4. 'Relativo a':

XIII *basanaria*⁸⁰⁴ S13 p. 24 ("outorgam(os) q(ue) todos aq(ue)les ou aq(ue)las q(ue) amde uender çapatos. e panos. e peles. e mantas. e feltros. & toda out(ra) liteyra ou toda outra basanaria uenha a feyra d' elRey.")

⁸⁰⁴ Não registado em Cunha ([1982] 1987²), nem em Machado ([1952] 1977³). Cf. PE: *bazana* 'pele curtida' (do it. *bazzana*, «carneira»).

XIII *peçoaria*⁸⁰⁵ S13 p. 188 ("Poys que o peçoeyro receb(er) a peçoaria doutrẽ en alguu preyto non ha possa leyxar ata q(ue) aq(uel) p(re)yto sobre q(ue) recebe a p(es)soaria seya acabado"), S13 p. 190 / *p(es)soaria* S13 p. 188 / *p(e)ssuarya* S13 p. 183 / *p(es)soarya* S13 p. 183 ("o alcalde de seu poder deue demandar a cada huua das p(ar)tes seu p(re)yto, se he seu se alleo, e u q(ue) diser q(ue) é alleo mostre p(e)ssuarya p(er) que possa demandar ou deffender; o que a nõ mostrar nõno receba por p(e)ssueyro doutren se nõ for daquelles que manda o foro receb(er) sã p(es)soarya, dando recado que o dono do preyto esté p(er) quãto el fez(er). E se mostrar carta d(e) p(es)soarya mostrea ao (con)tend(o)r da out(ra) p(ar)te e dêlhy end(e) o traslado, se o demandar, p(er) q(ue) o possa saber d(e) q(ue) é p(es)soeyro ou en q(ue) maneyra."), S13 p. 189 / *peçoarya* S13 p. 188

XIV *portaría* A15 ("Custume h(e) que dê ao porteyro de cada legoa #i s(o)l(do). e na uilla #vj din(heiro)s de portaría."), A37 ("Cus(tume) he q(ue) dem ao portei'ro de cada legoa hũu soldo. & na vi'lla #vj' d(inhei)r(o)s da portaría.") / *portaria*, A45 ("Concelho mete quẽ tẽ por bẽ por porteyro. pola qual portaria lhy dam trójnta l(i)br(a)s & mays. & dá-á a homéés 'st(r)anhos doutra t(er)ra. q(ue) se fossẽ metudos polo cõcelho como custume diz. dariã a portaria a homéés naturáaes da villa.")

2. N / Adj. + -aria / -eria → N [+ Abstractos]:

'Qualidade (geralmente negativa) do que é próprio de'; 'relativo a':

*bargantaria*⁸⁰⁶ 7 / *barganteria* 7; *feitizaria* 6, 7, 11 / *feiticeria* 6, 7 / *feitecerias* 11; *glotonaria* 7 / *glotoneria* 7; *grossaria* 7; *lisonjaria* 7, 17 / *lisonjeria* 7; *mesquinharia* 7 / *mesquinheria* 7; *patifaria* 11; *parçaria*⁸⁰⁷ 7, 9 / *parceria* 7, 11, 17; *pirataria* 7, 11;

⁸⁰⁵ Não registado em Cunha ([1982] 1987²). Para Machado ([1952] 1977³), "De pessoa. Em 1257". Segundo definição do mesmo autor (cf. Machado ([1991] 1996²), *peçoária* é "qualquer acção judicial intentada pelo cabecel, em virtude do domínio útil que tinha nos respectivos bens".

⁸⁰⁶ De *bargante*, o m.q. 'libertino, atrevido'.

⁸⁰⁷ Segundo Machado ([1952] 1977³), *parçaria* e *parceria*, deduziram-se de *parceiro* ("s., do lat. partĩariũ-, «que tem parte, que participa em; substantivamente, o que compartilha de», em 1082").

poltronaria 7 / *poltroneria* 7; *porcaria* 1, 7; *selvageria* 7 / *selvajaria* 7; *sobrançaria*⁸⁰⁸ 7 / *sobranceria* 7; *sophistaria* 7 / *sophisteria* 7; *sovinaria* 11; *tafularia* 11; *tonteria* 7; *velhacaria* 7, 2

XV *feitiçaria* D145, D146

XIV *parçaria* D290

XV *sobrançaria* D358

3. Lexicalizações:

*cantaria*⁸⁰⁹ 7, 11 / *canteria* 7; *especiaria* 7, 11 / *espiciaria* 7; *frontaria*⁸¹⁰ 7, 11 / *fronteria* 7; *infantaria* 6, 7, 9, 11, 17 / *infanteria* 6, 7, 11, 16, 17; *romaria*⁸¹¹ 11; *terçaria*⁸¹² 7 / *terceria* 7

XIII *romaria* L17

4. Empréstimos:

altanaria 7 (cast.) / *altaneria* 7 (cast.); *argentaria*⁸¹³ 7 (fr.); *artelharia* 11 (fr.) / *artilharia* 6, 7, 8, 9, 11 (fr.) / *artilheria* 6, 7, 8, 11, 17 (fr.); *bateria*⁸¹⁴ 7, 11 / *bataria* 11

⁸⁰⁸ Para Machado ([1952] 1977³), "*sobrançaria* / *sobranceria* XV, s. está por *sobranceiria*, de *sobranceiro*; adaptação do cast. *sobrancero*?". Segundo Cunha ([1982] 1987²), de um arc. **sobrança*, de onde deriva *sobranceiro*. Cf. igualmente em PE *sobranc(eiro)* + *-aria*; *sobrancear* de *sobranc(eiro)* + *-ear*.

⁸⁰⁹ De *canto* (s.m., 'pedra grande' XIII), significa «pedra trabalhada».

⁸¹⁰ Em port. medieval, *frontaria* indica local (ainda que não delimitado com precisão; cf. dados dos textos). O vocábulo só mais tarde sofreria uma lexicalização, passando a significar 'fachada principal'.

⁸¹¹ Segundo Machado ([1952] 1977³), 1222, de *Roma*, top. + *-aria*: "Roma considerada capital da Igreja Católica, para onde se dirigiam numerosas peregrinações; a designação passou depois a denominar qualquer outra peregrinação a local de veneração religiosa".

⁸¹² De *terço*, o m.q. 'mediação'.

⁸¹³ Em PE, "s.f. 'guarnição de prata; baixela deste metal', do fr. *argenterie*".

⁸¹⁴ Segundo Ali ([1931] 19643: 232), "com sentido diferente do termo *bataria*, usado por quinhentistas e seiscentistas, e que denotava a ação de bater". Contudo, para Machado ([1952] 1977³), "*bataria*, *bateria*, do fr. *batterie* [deriv. de *battre*], talvez pelo it. *batteria*", hipótese que aceito como mais provável.

(fr.); *bufoneria*⁸¹⁵ 7, 11 (cast.); *cavalaria*⁸¹⁶ 1, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 16, 17 / *cavaleria* 6, 7, 8, 11, 17 (fr.); *chancellaria* 1 (fr.); *confraria* 11 (fr. a.); *galantaria* 7, 11, 17 (fr.) / *galanteria* 7 (fr.); *galeria* 11 (it.); *grosseria* 7 (fr.); *joalheria* 16 (fr.); *lavandaria* 6, 7, 11 (fr.) / *lavanderia* 6, 7 (fr.); *lotaria* 17 (it.) / *loteria* 7, 11, 16, 17 (it.); *peliteiria*⁸¹⁷ 7 (fr.); *mosquetaria* 11 (fr.); *ninharia*⁸¹⁸ 7 (cast.) / *ninheria* 7 (cast.); *volataria*⁸¹⁹ 7 (cat.) / *voleteria* 7

815 Sinónimo de *fanfarronice*. Do cast., onde significa 'tenda de coisas miúdas' (cf. PE). Ao dar-se o empréstimo houve uma especialização de sentido.

816 Apesar de os dicionários portugueses indicarem tratar-se, ora da junção de *-aria* a *cavalo*, ora de *-aria* a *cavaleiro*, esta forma vem, provavelmente, do fr. *chevalerie* 'instituição militar de carácter religioso, próprio da nobreza feudal' (cf. Robert Méthodique). Contrariamente ao que foi afirmado por alguns autores, o elemento *-aria* em *cavalaria* não tem a acepção de 'colectivo', ou seja, 'conjunto de cavalos'. Isso mesmo pode ser observado em vários contextos retirados dos textos utilizados para controlo dos dados (cf., por ex.: A4 "Se o alcaide deue faz(er) caualeiros en vila. noua p(er) (co)mo foi pobrada & p(er) (co)mo lhis derõ caualarias de h(er)dades", A12 "Custume h(e) q(ue) se sóom Caualeyro e my c(ri)a algũu homẽ meu fılho de benefeytoría q(ue)r seia peõ q(ue)rlr Caualeyro mêt(re) o teu(er) en sa cassa senp(re) uençe onrra de caualaría aínda q(ue) saya da cassa.", A17 "Custume h(e) como q(ue)r q(ue) de fúgada e sóo Caualeyro defenderey mha caualaría é -nas uaras cont(ra) o peõ. come se guarda. Assy se guarda & únga honrra de caualaria en todo saluo na j'ugada q(ue) constringẽ agora q(ue) page." / *cavalaria*[s] E3 "os seus naturais ouvessem conhecimento e saber das grandes cavalarías daquelle comde", E9 "E ove também hũ filho a que chamarão dom Duarte (...), o quall nos feitos da cavalaria mostrou bem a bomdade do sangue que trazia do padre.", E11 "mais obra de rroubo que auto de cavalaria", E14 "caa amtre as cousas que a cavalaria mais aproveita assy he o [exercício] das armas", K35 "- Oo - disse elle ã se espedimdo de todos - nobre gemte e nobre cavalaria!", D21 "feitos de cavalaria", D22 "honra de cavalaria", D27 "cárregos de cavalaria", D28 "liberdade de cavalaria", D207 "ca logo como a virtude do saber em eles enfraqueceo, logo enfermar começou a mão da cavalaria").

817 O m.q. *peletería* e *pelitaria*, do fr. *pelletterie* (cf. Machado [1952] 1977³).

818 Do cast. *niñeria* 'próprio de crianças', significa insignificância (cf. PE), o que quer dizer que, ao dar-se o empréstimo houve uma especialização de sentido.

819 Do cat. *volatería*, 'conj. de aves', significa 'arte de caçar com falcões ou outras aves' (cf. PE). Ao dar-se o empréstimo houve uma especialização de sentido.

XIV *allçacaria / alcaçaria*⁸²⁰ O14 (ár.)

XV *artelharia*[s] E24, H10, M24, M26 (fr. *artillerie*)

XIII *caualaría*, A12, A17, A42, A53 / *caulalaria* A50 / *caualaria* A56, A59 /
caualarias A4 / *cavalaria*[s] E3, E9, E11, E14, G27, K35, L12, M7, M15, M22,
P18, Q8, Q14, Q15, D21, D22, D27, D28, D206, D207 (fr. *chevalerie*)

XIII *chãçellaria* A107 (fr. *chancellerie*)

XIV *Confraria* A161 (fr. *confrérie*)

XIII *estalaria* S13 p. 21 (prov. *ostalaria*)

⁸²⁰ Em Cunha ([1982] 1987²), *alcaçaria* 'alojamento para mercadores em trânsito, que dispunha de depósitos para mercadorias'. Do ár. *qaisârîya*; de *Qáisar*, deriv. do antropónimo lat. *Caesar* 'César'.

V (1ª conj.) + **-ia**:

XIV *almotaçaría*⁸²¹ A5, A11, A14, A32, A37, A41, A45 / *almotacaria*, A53, A59 / *almotaçaria*, A5, A6, A7, A59 / *almotaçarya*, A20, A24 (cf. A5 "Todo homẽ q(ue) fruyta quiser uender ante sa casa ou pela luilal poderã uender sen almotaçaria & nõ dar nemigalha ao açouguy. saluo os regateiros q(ue) a deuem uender p(er) almotaçaria. ou no açouguy."; A11 "Nõ h(e) custume de Sardínhas q(ue) seíam ã pilha de as **almotaçarẽ** se as uẽdem a mylheyros. E se as uẽder q(ui)s(erẽ) áás dínheyradas. deuẽ a uẽder p(er) almotaçaría e assy de todo pescado quer seco q(ue)r fresco."; A32 "Como nõ deuem **almotaçar** as sardinhas. Nõ he custume de sardínhas que seíam en pílha. de as **almotaçarẽ** se as uenden a mílhej'ros. & se as uender quíser áás dínhej'radas. deuẽ a uẽder p(er) almotaçaría.")

XIV *montaria*⁸²² D111, D355 ("fez ùu livro das horas de Sancta Maria, e salmos certos por os finados, e outro da montaria."; "Em monte e caça, quando com o dicto senhor eramos, das folganças que em elo costumavamos de haver faziamos pequena conta por a sua sempre seer acrecentada, sentindo mais ùu seu pequeno desprazer que perda de todas veações ou desaviamento de toda montaria.")

XV *pousentarias*⁸²³ D285

⁸²¹ De acordo com Corominas e Pascual (1980-1991), 'cargo, ofício do almotacé'.

Como se pode verificar nos exemplos extraídos dos textos, *almotaçaria* designa 'tributo, imposto'.

Em Cunha ([1982] 1987²), *almotaçaria* não está registado, mas define-se *almotacé* (s.m. ant., XVI; *almotacell* XIV), "pessoa que antigamente estava encarregue de fiscalizar o abastecimento de géneros alimentícios" e *almotaçar*, XVII.

⁸²² Tipo de caça em que se persegue caça grossa. Em Ali ([1931] 19643: 233) e Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 73), de *monteiro*, ao passo que, em Machado ([1952] 1977³), de *montar*, 1111 e *monteiro*, s., de *monte*, em 1096. Uma das definições de *montar* em Viterbo ([1798-1799] 1962-1968) é a de "servir-se dos montes comuns para pastos, madeiras, lenhas, caças" e *montaria* é definido como "caça do monte".

⁸²³ Não registado em Cunha ([1982] 1987²), nem em Machado ([1952] 1977³). Provavelmente de XIII *apousentar* + *-ia*.

XIV *ssesmaria*⁸²⁴ A65 ("De costum' e q(ue) todo vezio d(e) Garuã q(ue) ouuer h(er)dam(en)to de ssesmaria. q(ue) nẽguu nõ ly pona. y. Colmeas a seu pesar")

Teophilo Braga (1876: 35) não procede a uma caracterização completa do sufixo *-aria*, referindo unicamente que o mesmo "exprime sobretudo estabelecimento e domesticidade", sem que, através dos exemplos que fornece (*hospedaria, pastelaria, padaria, cancellaria, ourivesaria, cavallaria*), consigamos descortinar o que entende pela segunda acepção.

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 339) indicam três acepções de *-aria*: "1º, collecção de objectos, quantidade — *livraria, vozeria, gritaria, escadaria*; 2º, officina, domicilio, estado: *confeitaria, drogaria, chapelaria, hospedaria, albergaria, celibatario*; 3º acção — *ventaneira, choradeira*". Como se pode verificar, em 1º todos os exemplos se adequam à paráfrase que os antecede. Em 2º, só *celibatário* pode remeter para "estado", mas *celibatário* é a forma correspondente em português ao francês *célibataire*, pelo que o exemplo escolhido não se aplica a *-aria*. Na terceira acepção, os autores indicam duas formas em *-eira* que, à primeira vista, parecem deslocadas, mas, provavelmente, o que está aqui em causa é a confusão entre o sufixo *-aria* do português e uma terminação *-aria*, da qual parecem descender alguns nomes em *-eira* (cf. a descrição do sufixo *-eiro*).

António R. Vasconcellos (1900: 131) recorre unicamente a dois exemplos: *villania* e *livraria*, com os quais pretende ilustrar a ocorrência do sufixo *-ia*, confundindo, na realidade dois sufixos diferentes, o *-ia* de *vilania* e o *-aria*, em *livraria*⁸²⁵.

Leite de Vasconcellos ([1911 1959³: 340), a propósito de um letreiro de uma loja em Lisboa onde vigorava "*Alfayateria, camisaria, luvaria, perfumaria*", disserta sobre a dupla grafia do sufixo e interroga-se "porque é que no primeiro caso temos *-eria*, e no outro *-aria*?", o que, segundo o autor, não obedece a qualquer tipo de lógica. Apesar de reconhecer que certas formas se "escrevem" geralmente com *-eria* (como

⁸²⁴ Piel (1940a: 217) é de opinião que "*sesmaria*, tanto pode vir de *sesmo*, como de *sesmeiro*, ou de *sesmar* «dividir em seis partes».

⁸²⁵ A esta confusão não será certamente alheia a etimologia de *-aria* (veja-se o que, mais adiante, é dito sobre a origem do sufixo).

"*feiticeria, artilheria, infantaria, cavalaria*"), este gramático considera que "o sufixo é *-aria*, e não *-eria*, porque os nomes d'êsse tipo não provêm de temas em *-eiro*, como falsamente se supõe. Se *cavalaria* se formasse de *cavaleiro*, seria, não assim, mas *cavaleiria*." Deste modo, conclui que "deve pois dizer-se e escrever-se: *alfaiataria, artilharia, cavalaria, feitiçaria, infantaria*". Como se pode reparar, Leite de Vasconcellos ([1911 1959³: 340) refere-se primeiro à grafia e, depois, passa para um nível diferente, ou seja, estipula que *-aria* se junta a nomes simples e não a nomes em *-eiro* para dar origem a derivados.

Baseando-se em Meyer Lübke, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 207) alega que o sufixo *-aria* é tido como resultado do "suff. lat. *-aria*, modificado pelo suff. gr. *-ia*, tornando-se tónico o *i*" e que depois desta alteração vocálica, o sufixo viria a adquirir sentido abstracto e colectivo. O sufixo *-eria* é, segundo o autor, um "suff. composto de *eiro + ía = eiria = ería*, por condensação do diphtongo *ei* na prepositiva *e*" (Pereira [1916] 1935⁹: 207). De acordo com o gramático, *-eria* possui o mesmo semanticismo e tem o mesmo comportamento de *-aria*, unindo-se também a nomes para formar outros nomes e quer um quer outro são sufixos "vernáculos", tal como o demonstra, segundo Pereira ([1916] 1935⁹: 207), "o emprego alternado de ambos, em todas as épocas da lingua". Contudo, o gramático reconhece que a "vernaculidade" de *-eria* é posta em causa por alguns autores, nomeadamente por Leite de Vasconcellos e por Cândido de Figueiredo, que acham que *-eria* é mero galicismo e que a forma "correcta" do sufixo é *-aria*. Para sustentar a sua opinião, Pereira ([1916] 1935⁹: 207) recorre a Adolfo Coelho, para quem "o suff *-eria* é composto de *-eiro + ia = eiria* (Dicc. Ety., *correria*)" e à forma "*peliteiria*, do port. arch., citada por A. Cortesão (*De toda peliteiria da carrega hñu maravide*. Ined. de h. p. .°, p. 536)". Ora, como se pode verificar, os exemplos aduzidos (*correria* e *peliteiria*) não servem de suporte ao raciocínio de Pereira ([1916] 1935⁹: 207), colocando-o, inclusivamente, em causa: *correria* é formado pela adjunção do sufixo *-ia* ao infinitivo, denotando 'acto ou efeito de' e *peliteiria* vem, como se sabe, do fr. *pelletterie*. Continuando as explicações acerca de *-aria / -eria*, Pereira ([1916] 1935⁹: 208) acaba por concluir, contrariamente a Meyer Lübke, que *-aria* se originou de *-eria* pelo seguinte: uma vez formado *-eria* (segundo o autor, de *-eiro + -ia*), "a analogia encarregou-se de generalizá-lo, como suff. simples" e *-eria* passou, então, a juntar-se a bases como *veste* e *tonto*, ou seja, deixou de se juntar exclusivamente a nomes em *-eiro*, passando a juntar-se a outros nomes e a adjectivos. "Como, porém, na prosodia lusitana o *e* seguido de *r*, por influencia deste,

se transforma em *a: pera* → *para*, *verrere* → *varrer*, e, ainda hoje, entre lusitanos, *amaricano*, por *americano*, *numaro* por *numero* (...), segue-se que nada ha de improvavel que *-eria* se transformasse em *aria*. Donde se deve concluir como plausivel, que *-aria* se originou de *-eria*, e que este tem foros de vernaculo, pelo menos tão legitimos como aquelle".

Para Othoniel Mota ([1916] 1937⁸: 65-66), *-aria* resulta da junção de *-ia* a formas em *-ário*, "d'onde se originou o falso suffixo *aria*, de *cavallaria*, *artilharia*, etc. Este pretenso suffixo, cruzamento de dois, como acabamos de ver, é *erie* em francez, *eria* em italiano e hespanhol. No portuguez, a fórma *eria* aparece ao lado de *aria* desde os mais remotos documentos da lingua". Por entender que as explicações dadas até ao momento relativas a *-eria* não são satisfatórias, dado que, segundo o autor, os estudiosos ou condenam as formas em *-eria* ou evitam falar do assunto, Mota ([1916] 1937⁸: 65-66) sugere duas hipóteses: de acordo com a primeira, *-eria* seria mera influência das outras línguas românicas, quanto à segunda (a opção que perfilha), existia, segundo assegura, a consciência de que o sufixo *-ia* se juntava a derivados em *-eiro*, "mas visto que este suffixo, tal como ainda o vemos no falar do Brasil, se contrahia em *ero*, dizia-se *cavallero* e *cavalleria*". Assim, Mota ([1916] 1937⁸: 65-66) crê que a partir da "forma popular" *cavaleria*, conjuntamente com a analogia com as outras línguas românicas, começaram a surgir outras formas em *-eria* "na litteratura ao lado da fórma *aria*, que representa o typo primitivo e, até proto-historico".

José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 384) trata *-ia* e *-aria* sob o mesmo parágrafo, deixando de lado a alternância *-aria* / *-eria*. O autor afirma que "de grande número de vocábulos gregos assim terminados, introduzidos no latim principalmente por intermédio dos escritores cristãos dos primeiros séculos, tirou-se o primeiro destes sufixos que, devido a ser acentuado, não só suplantou o idêntico latino, mas átono⁸²⁶, senão, que se tornou bastante produtivo (...). O mesmo sufixo, combinado com o latino *-ariu* (...), produziu o segundo que, continuando a manter a ideia colectiva, veio depois a designar igualmente o local onde se encontram reunidos os objectos indicados pelo radical e daí ofício, profissão". Ou seja, para Nunes ([1919] 1989⁹: 384), tal como para Mota ([1916] 1937⁸: 65-66), *-aria* ter-se-á formado a partir da junção do sufixo grego

826 Este, segundo Nunes ([1919] 1989⁹: 384), só é passível de ser reconhecido "em vocábulos herdados e como tais valendo hoje por primitivos, tais são *força*, *louça* (se é que representa *lautia*), o arcaico *Sansonha*, que na língua moderna tomou a forma estrangeira *Saxonia*, *Bretanha*, etc."

-ia a formas em que ocorria o sufixo latino *-ário*, tratando-se, então, não só de um sufixo composto, como híbrido. Quanto às diferentes acepções de *-aria*, Nunes ([1919] 1989⁹: 384), como acabámos de observar, hierarquiza-as. Assim, a partir do significado original de "ideia colectiva", aparentemente atribuível a *-ário* segundo o autor, o sufixo adquiriu novos semas, passando a designar igualmente 'local' e, posteriormente, 'ofício, profissão'.

É bastante longa a descrição respeitante a *-aria* / *-eria* efectuada por Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 232-233). O autor refere que *-aria* é um "elemento formativo (...) do português antigo", mas, contrariamente a Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³: 340), pensa que "palavras do género de *cavalaria*, *rouparia*, *feiticeira* devem a sua origem à junção do sufixo *-ia* aos derivantes *cavaleiro*, *roupeiro*, *feiticeiro*, do mesmo modo que *frontaria*, *romaria*, *padaria* procederam de *fronteiro*, *romeiro*, *padeiro*; mas por um êrro de análise veio a imaginar-se que aquêles vocábulos se filiariam diretamente a *cavalo*, *roupa*, *feitico*, e dêste êrro resultou o novo sufixo *-aria*, com o auxílio do qual se crearam, por analogia de sentido, inúmeras outras palavras". Este é também o entendimento de Piel (1940a: 216-217), o qual afirma que "foi da decomposição, da análise errónea de palavras do tipo *montaria*, *cavalaria* «dignidade de cavaleiro», formadas propriamente com dois sufixos, que surgiu um novo sufixo independente, que se pôde combinar com palavras simples, não derivadas com *-eiro*, e rivalizar com o simples *-ia*: p. ex. *gafa-aria* de *gafó*" e de Rio-Torto (1998: 193), que reforça esta tese recorrendo a *padeira*, "forma do português popular correspondente a *padaria*", e considerando que, posteriormente, *-aria* "terá adquirido a possibilidade de se anexar a bases que designam o referente [-ANIMADO] a partir do qual se desenvolve uma dada actividade".

Uma das interrogações colocadas por Ali ([1931] 1964³: 232-233) é a razão "por que preferiu o português antigo *-aria* a *-eria*, forma mais próxima de *-eiro*?". O gramático refuta que tal se devesse a uma "exigência de pronúncia"⁸²⁷, alegando que o que, provavelmente, terá contribuído para que se "fixasse a escrita" *-aria* terá sido a influência da terminação latina *-aria*, embora esta tivesse acentuação diferente, e que é a forma *-aria* que ocorre geralmente em "português antigo". Para Ali ([1931] 1964³: 232-233), é sobretudo a partir de meados do século XVI, quando "já se sente a

⁸²⁷ De acordo com Ali ([1931] 1964³: 232-233), "exemplos como *fantasia* permitem pôr em dúvida que a não acentuado soasse realmente como a vogal pura quando tónica".

influência do espanhol, a que se junta depois a influência do italiano", que a oscilação *-aria / -eria* se torna mais acentuada e, nos séculos XVIII e XIX, "perturba-se ainda mais a antiga grafia com a frequente leitura dos livros franceses. (...) Recentemente, vai-se reagindo contra semelhante dualismo, procurando-se restabelecer a antiga terminação *-aria*"⁸²⁸.

Ali ([1931] 1964³: 232-233) considera, pois, que o sufixo *-aria* que ocorre no português medieval resulta do facto de palavras como *cavalaria* e *frontaria* serem erroneamente interpretadas como sendo formadas da junção de *-aria* a *cavalo* e *fronte* quando, pelo contrário, julga que derivados desse tipo são resultantes da junção do sufixo *-ia* aos derivantes *cavaleiro*, *fronteiro*, etc. Assim, *-aria* é, para este gramático, resultante de uma evolução fonética em português: numa determinada fase da língua, teríamos, segundo o autor, formas do tipo *°cavaleiria* e *°fronteiria*, mas, posteriormente, devido à má interpretação atrás referida, por analogia, formaram-se nomes em *-aria*, sem qualquer relação com nomes em *-eiro*.

Segundo Ali ([1931] 1964³: 233), *-aria* é um sufixo nominal produtivo, sobretudo na formação de nomes que exprimem, na sua opinião, "a) ramos de negócio e indústria e lugares onde êles se acham estabelecidos: *drogaria*, (...); b) noção de coletividade: *sacaria*, *pedraria*, *arcaria*, (...), c) atos próprios de certos indivíduos, ou o resultado dêstes atos: *patifaria*, *velhacaria*".

Francisco M. Sequeira (1938b: 96) atribui a *-aria* unicamente a acepção de colectivo, mais especificamente "Colecção, abundância, aglomeração", exemplificando esta paráfrase com quatro derivados: *livraria*, *rataria*, *gritaria*, *cavalaria*".

Nas suas observações relativamente a *-aria / -eria*, Ismael L. Coutinho (1938: 58) depreende que o sufixo *-aria* do português tem origem no sufixo latino homónimo átono e que o "i dêste sufixo se alongou talvez por influência do grego *-ía*", servindo para formar substantivos, "denotando quantidade, depósito ou estabelecimento, ofício, profissão". A forma *-eria*, que alguns, segundo o autor, "supõem francesa" não é objecto de discussão, apenas são dados quatro exemplos em que a mesma ocorre, *joalheria*, *loteria*, *infanteria*, *leiteria*, todos eles com formas correspondentes em *-aria*. Ao admitir

⁸²⁸ Palavras como *galeria*, *loteria*, *parceria*, etc., são apontadas pelo gramático como exemplos que "resistem" à passagem de *-eria* a *-aria*. Recordo, todavia, que os dois primeiros são empréstimos ao italiano e que só no caso de *galeria* não se verifica oscilação entre o emprego de *-aria* e *-eria*.

que o *i* do sufixo latino *-aria* passou a tônico, Coutinho (1938: 58) nega, desta feita, a etimologia indicada por outros gramáticos históricos.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 73-74), conhecedora dos debates levados a cabo pelos autores que a antecederam, nota que "é costume dos filólogos portugueses condenar em absoluto a escrita e a pronúncia *-eria*; dizer que *-eria* é um sufixo falso; e afirmar ainda que *-aria* não tem nada com os nomes de agentes em *-eiro* porque nesse caso devíamos ter *-eiria*. P. ex. de *livreiro*, *livreiria*". A autora contesta essas "condenações", argumentando que em muitos autores antigos há formas em *-eria* e que, excluindo o provençal e o romeno, nas outras línguas românicas o sufixo se inicia por *e* e não por *a*. Por outro lado, nota que "até nos exemplares mais numerosos e característicos, *-aria* corresponde positivamente a nomes de agentes em *-eiro* (ou *-ário*)", se bem que, noutros casos, essa correspondência não se verifique, como, por exemplo, em *escadaria*. Assumindo que "em latim não havia *-aria*", para Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 73-74) "a forma neo-latina é nova, e híbrida, visto que o segundo elemento *ia* é de origem grega". A autora termina a sua descrição explicando que em português as formas em *-aria* são mais frequentes das que as em *-eria* porque "a vibrante *r* atrai, requiere, favorece e prefere em inúmeras palavras antes de si a vogal *a*" e conclui que se deve ensinar "que em linguagem culta é melhor uniformizarmos as palavras em que os antigos pronunciavam *-eria* (...), sem todavia as condenar como falsas" (Carolina M. Vasconcellos [1946] s.d.: 74).

Por último, Mattoso Câmara Jr. (1975: 222) apresenta a etimologia e a significação de *-aria* / *-eria*, sendo de destacar que este autor é o único que refere que em latim vulgar o sufixo *-aria* já era portador de vogal acentuada, o qual teve seguimento em português: "*-ari(a)*. Lat. vulgar *-ari(a)*, com /i/ tônico, porque provém da combinação de *-ari(u)* com o sufixo grego *-īa*, (em vez do suf. lat. *-i(a)*). Há uma variante *-eri(a)*, igualmente antiga. O sufixo parece ter sido uma criação do latim das Gálias, onde se encontra a documentação de *glanderia* ainda no séc. VI". Na interpretação de Câmara Jr. (1975: 222), *-aria* estabelece com as bases a que se solda várias relações semânticas, sendo as mais frequentes em "português moderno (...)" entre um produto e o lugar onde ele se fabrica ou vende (*papelaria*, de *papel*) ou entre o profissional e o lugar onde ele exerce a profissão (*alfaiataria*, de *alfaiate*). Como se pode apreciar, Câmara Jr. (1975: 222) não refere a noção de 'colectivo' que o sufixo encerra, apesar de esta continuar a ser uma das acepções mais comuns, a par da de 'local'.

1. Etimologia

Como acabámos de observar, certos gramáticos históricos (cf., por exemplo, Nunes [1919] 1989⁹: 384) defendem que *-aria* e *-eria* são sufixos híbridos (lat. *-áriu-* > + gr. *-ía* > *-ária*; lat. *-áriu-* > *-eiro* + gr. *-ía* > *-ería*), outros (como por exemplo, Eduardo C. Pereira [1916] 1935⁹: 208) julgam que *-aria* se originou em *-eiro* + *-ia* → *-eiria* > *-aria*⁸²⁹, enquanto Ismael L. Coutinho (1938: 58) depreende que o sufixo *-aria* do português tem origem no sufixo latino homónimo átono e que o "i dêste sufixo se alongou talvez por influência do grego *-ía*" e Câmara Jr. (1975: 222) é o único dos gramáticos históricos que refere que em latim vulgar o sufixo *-aria* já era portador de vogal acentuada.

Afirmar que *-aria* resulta de *-eria* acarreta dificuldades, tanto do ponto de vista fonológico, como do ponto de vista da ordem cronológica das abonações. De facto, não parece haver justificação para a passagem de *ei* > *a*⁸³⁰ e, como se sabe, a maior parte das formas mais cedo atestadas ocorrem com o sufixo *-aria* e não *-eria*, como é verificável nos exemplos retirados dos textos que utilizei para controlo dos dados. Nos textos dos séculos XIII e XIV só temos formas portuguesas em *-aria*. É num texto do século XV que aparece o derivado em *-eria* *beesteria* E13, F13, G33, L26 / *besteria* G21.

A probabilidade avançada por Cunha ([1982] 1987²) de que havendo muitos nomes em *-eria* que derivam de nomes em *-e* (como por exemplo *alcaide*, *alfaiate*, *leite*, etc.), o que terá contribuído para que o sufixo *-aria* se modificasse em *-eria*, também me parece uma hipótese difícil de provar porque, por um lado, não dispomos de dados quantificados e fiáveis que permitam ajuizar se os nomes em que ocorre *-eria* são maioritariamente em *-e* (o que parece não ser o caso) e, por outro, alguns nomes em

829 Nogueira ([1969] 1974²: 155) também partilha desta análise, embora admita explicitamente que não consegue explicá-la ("estou convencido de que, propriamente, nunca existiu em português um sufixo *-aria*: este *-aria* (...) não passa da transformação fonética do sufixo *-eria*, por virtude da influência do *r* na vogal *e* [passagem de *e* a *a*] (...). este sufixo *-eria* deve ter provindo de uma transformação do sufixo *-eiria*, que deixou de se usar, transformação e desuso, que ainda não logrei explicar. [exs.: *porteiro* + *-ia* > *porteira* > *portaria* > *portaria*; o mesmo para *romaria*, *carpintaria*, *parçaria* e *grossaria*] (...) Uma vez evoluído o sufixo *-eiria* até chegar a *-aria*, esta forma ter-se-ia radicado e teria passado a constituir um verdadeiro sufixo em português").

830 Esta é a opinião de A. Emiliano (comunicação pessoal).

–e, como por exemplo *alcaide*, dão origem a derivados em –*aria* (cf. XIII *Alcaydarias* S13 p. 61).

Numa terceira hipótese parte-se do pressuposto de que como o sufixo latino –*āriu-* também viria a dar origem ao sufixo –*eiro* do português (cf. descrição de –*eiro*), –*eria* se tivesse formado de –*eiro* + –*ia*, com monotongação dos dois elementos do ditongo⁸³¹ e truncação da vogal final de –*eiro*, ao dar-se a junção de –*ia*, excluindo, portanto, a forma intermédia –*eiria*.

O facto de formas como *alfaiataria*, *drogaria*, *escadaria*, *mouraria*, *ourivesaria*, *perfumaria*, etc., não derivarem de nenhuma forma correspondente em –*eiro*, mas sim dos nomes simples *alfaiate*, *droga*, *escada*, *mouro*, *ourives*, *perfume*, etc., poderá levantar reservas relativamente à hipótese de que –*aria* se tenha originado da junção de –*ia* aos derivados em –*eiro*, como sustenta, por exemplo, Ali ([1931] 1964³: 232-233), Alvar e Pottier (1983: 385) e Rio-Torto (1998: 193). No entanto, esta assumpção radica em Diez ([1874] 1973: 259-260), gramático que considera que "formações orgânicas" como, por exemplo, ital. *artiglier-ia*, *cavaller-ia*, *tesorer-ia* e esp. *compañer-ia* de *artigliere*, *tesoriere*, *compañero*, terão contribuído para o aparecimento de "formações inorgânicas", do tipo de ital. *diavol-er-ia*, *infant-er-ia*, *leccon-er-ia*, *podest-er-ia*, *vant-er-ia*, de *diavolo*, *infante*, *leccione*, *podestà*, *vanto*; esp. *flech-er-ia*, *porqu-er-ia* de *flecha*, *puerco*; prov. *parelh-ar-ia*, *porc-ar-ia*, *trich-ar-ia* de *parelh*, *porc*, *tric*; franç. *diabl-er-ie*, etc.. Ou seja, as formações em –*aria* não derivadas de um tema em –*eiro* terão sido criadas por uma falsa analogia: nas "formações orgânicas", temos nomes em –(*i*)*er*, para o ital., e em –*ero*, para o cast., aos quais se juntou –*ia*, dando origem a nomes em –*eria*. O sufixo composto –*eria*, a partir do momento em que começou a soldar-se a nomes não derivados, viria a adquirir o estatuto de sufixo simples.

Nenhuma das hipóteses até aqui referidas parece ser inteiramente satisfatória:

- desde o séc. XIII, –*aria* junta-se a N não derivados em –*eiro* (como por exemplo, *alcaydaria* e *judaria*), daí que não aceite a suposta forma intermédia –*eiria*⁸³² como estando na base de –*aria* (ou seja, –*eiro* + –*ia* > –*eiria* > –*aria* / –*eria*), pelas razões que já indiquei (de ordem fonológica e também devido à não atestação de formas prévias em –*eiria* e à atestação de formas em –*aria* desde a formação do português),

⁸³¹ Cf. A30 "Daqueles q(ue) criam os filhos dos caualeros que honrra am."

nem a forte correspondência entre derivados em *-eiro* e derivados em *-aria*, apontada por alguns gramáticos, visto que a mesma não é corroborada pelos dados.

- mesmo sabendo que algumas das primeiras atestações em *-aria* / *-eria*, em português, são empréstimos às outras línguas românicas, nomeadamente ao francês, ao italiano, ao castelhano e ao provençal (cf., por exemplo, XIII *cavalaria* / *cavaleria* (fr. *chevalerie*); XIII *estalaria* S13 p. 21, do prov. *ostalaria*), não se pode deduzir que o sufixo *-aria* tenha sido introduzido em português através de um processo de empréstimo, nomeadamente ao provençal, onde o sufixo é *-aria* e não *-eria*. Apesar de o provençal, segundo alguns, ter exercido forte influência sobre o português durante o período do galego-português⁸³³, penso que essa influência actuou sobretudo ao nível do léxico e não ao nível dos mecanismos de formação de palavras⁸³⁴.

- nos documentos latino portugueses ocorrem formas terminadas em *-aria* em que *-aria* aparentemente não é um sufixo mas sim a junção de dois: o sufixo verbal *-ar* e o sufixo nominal *-ia*, formadas provavelmente por analogia com *pescaria* (lat. *piscāria*), a qual remete para 'local'⁸³⁵. Estes e outros exemplos semelhantes fazem-me crer que à medida que estas formações em *-aria* (*-ar* + *-ia*⁸³⁶) se foram expandindo em português, os dois sufixos passaram a ser tomados como um todo, ganhando autonomia. Por outro lado, o sufixo *-ia* restringiu o seu emprego a adjectivos para formar nomes abstractos (por exemplo, *alegria*, *vilania*, etc), deixando de ser produtivo em formações

⁸³² Em *padeira* pode tratar-se da junção de *-ia* a *padeiro*, para designar o local (cf., por exemplo, *ferradoria* e *freiria*, de *ferrador* e *freire*).

⁸³³ Veja-se a este propósito Teyssier ([1980] 1994⁶: 33).

⁸³⁴ É do conhecimento geral que, mesmo quando um povo domina outro, o que se encontra na situação de dominado não absorve facilmente aspectos característicos da morfologia do primeiro.

⁸³⁵ Cf. S13: "a todos aq(ue)les q(ue) esta mha Carta uirẽ faço saber q(ue) eu mando & outorgo q(ue) todos aqueles q(ue) de fora parte q(ui)serẽ uenir pescar na pescaria da frééguesia da mha Egreja de Santiago de Neuha"; "sobre razõ do Ryo q(ue) uen d' alçar aa foz de Palmela. e de Setuual. e sobela foz d' alPena e do porto d' almadáá. e sobrelas pescarias d' almadáá. e de Sesimbra. e de palmela. e de Setuual."; "E sse p(er) uentura alguus portos. ou alguas pescarias daq(ui) adeante forẽ feytas ou feytos. en terra da Ordin q(ue) elRey e ha Ordin usem en esta méésma guysa segũdo como he de suso dicto."

⁸³⁶ Quase todos os gramáticos históricos referem o facto de o sufixo grego *-ia* ter sido introduzido no latim e, pelo facto de ser acentuado, ter suplantado o sufixo homónimo latino átono.

do tipo de *fidalgua, freguesia, mancebia e penedia*)⁸³⁷, tendo a noção de 'colectivo' passado a ser designada por *-aria*. Esta análise permitirá, talvez, explicar a predominância, em português, de *-aria* sobre *-eria* e ainda o facto de *-aria* se soldar a muitas formas não derivadas em *-eiro*.

Esta última hipótese levanta, no entanto, problemas relativamente à formação de algumas formas que os gramáticos apontam como sendo portadoras do sufixo *-aria*, nomeadamente *almoteçaria* 7 / *almoteceria* 7; *albergaria* 4; *berraria* 11; *correria* 7, 11; *gritaria* 4, 7, 11, 15; *hospedaria* 1, 4; *montaria* 7, 11, 17 / *monteria* 7; *tapaçaria* 7 / *tapeçaria* 11 / *tapeceria* 7, 11 e *zombaria* 11⁸³⁸. Será que estes derivados⁸³⁹ são realmente deverbais formados a partir da junção de *-aria* ao radical verbal?

Como se pode observar, os dicionários que servem de referência recorrem a soluções diferentes no tratamento deste tipo de derivados:

a) Cunha ([1982] 1987²) apresenta todos estes derivados como sendo formados em *-aria* (*albergaria, correria, gritaria, hospedaria, refinaria*⁸⁴⁰, *vozearia*⁸⁴¹ e *zombaria*, não havendo registo de *almoteçaria, berraria* e *contrastaria*).

b) Machado ([1991] 1996²) indica que *albergaria* e *contrastaria* derivam de *albergue* e *contraste*, supõe-se que *gritaria* ("grande porção de gritos") também deriva do nome *grito*, acerca de *refinaria* é indicado "oficina de refinação" e *vozearia* e *zombaria* aparecem definidos como "acto de vozear" e "acto ou efeito de zombar", derivados em que *-ia* se juntou ao infinitivo verbal.

c) Em PE, para *albergaria* indica-se a sua origem provençal, *almotaçaria* deriva de *almotacé*, *berraria* e *correria* derivam de *berrar* e *correr*, *contrastaria* e *gritaria* são tidos como derivados de *contraste* e *grito*, *hospedaria* de *hóspede*, *refinaria, tapeçaria, vozearia* e *zombaria* são derivados dos verbos correspondentes.

⁸³⁷ Tal como refere, por exemplo, Rio-Torto (1986: 351), o sufixo *-ia* agrega-se também "a bases complexas de estrutura latina (v.g. *assessor, auditor* e *consultor*), sem que tenha havido alteração na estrutura destas".

⁸³⁸ A estas poderíamos juntar, por exemplo, *roncaria* e *vozearia* (cf. Rio-Torto, 1986: 344) e *contrastaria* e *refinaria* (cf. Correia, 1999: 349-350).

⁸³⁹ De acordo com Rio-Torto (1986: 344), estes exemplos são passíveis de designar quer o «local onde V» (por exemplo, *albergaria* e *hospedaria*), quer a «acção/processo de V ou resultado (produto) da acção/do processo de V», como, por exemplo, *gritaria* e *zombaria*.

⁸⁴⁰ Definido sob FIM (REfinARIA).

⁸⁴¹ Este derivado surge sob VOZ.

Em Vilela (1994b: 178), indica-se que *-ia* é um sufixo que "forma femininos e tem valor colectivo (*gritar* → *gritaria, garantia*)", exemplos em que não fica claro se o sufixo se junta ao infinitivo e ao radical verbal, ou se no segundo exemplo o sufixo se junta ao tema, dando-se uma crase entre a vogal temática e a vogal inicial do sufixo, por serem iguais.

Partindo do princípio que se daria a junção de *-aria* ao radical verbal, não teríamos de em todos os derivados do tipo de *almoteçaria* 7 / *almoteceria* 7; *albergaria* 4; *berraria* 11; *correria* 7, 11; *gritaria* 4, 7, 11, 15; *hospedaria* 1, 4; *montaria* 7, 11, 17 / *monteria* 7; *tapaçaria* 7 / *tapeçaria* 11 / *tapeceria* 7, 11 e *zombaria* 11 preconizar a queda da vogal temática e do morfema de tempo-modo, antes de se dar a junção de *-aria*, pois, como se sabe, as regras de truncamento só se aplicam em casos excepcionais. Tendo em conta o número significativo de exemplos como os que acabei de indicar, não seria difícil aceitar a existência de um *-aria* formador de nomes deverbais, quer com acepção locativa, quer com acepção resultativa. Contudo, embora sem grandes certezas, penso que é de considerar a hipótese de os derivados acima apresentados serem formados por um processo deverbal, através da junção de *-ia* e não de *-aria* à base, mesmo que, à luz dos cânones vigentes, seja um pouco estranho propor a junção imediata do sufixo ao infinitivo.

2. Variantes *-aria* / *-eria*

Penso que na variante *-eria* é bem provável que a ocorrência da vogal inicial do sufixo se deva a um fenómeno de assimilação, motivado pela vogal tónica, fenómeno corrente em português e comum à maior parte das línguas. Mas, admitindo que *-aria* e *-eria* são variantes, qual será, então, a forma base do sufixo, tendo em conta que a oscilação *-aria* / *-eria*, como nos recordam os gramáticos históricos, está documentada desde a formação do português? Esta é uma pergunta de difícil resolução porque, como já observámos, ambos se juntam a nomes (quer um quer outro transmitindo às bases as acepções de 1. 'colectivo', 2. 'local', 3. 'função, cargo', 4. 'qualidade' e ocorrendo em formas lexicalizadas) e a adjectivos para formarem nomes e ambos figuram em empréstimos de outras línguas. Todavia, verificando-se que as formas em *-eria* têm uma contraparte *-aria* e não se registando o inverso⁸⁴², pode, assim, conjecturar-se que

⁸⁴² Dentro dos exemplos apontados pelos gramáticos, só *imagineria* não tem uma contraparte *-aria*.

a forma base do sufixo é *-aria* e foi esta que esteve na origem do desenvolvimento do paradigma, sendo *-eria* a variante.

Se prestarmos atenção aos números que se seguem aos exemplos e que remetem para a gramática de onde foram extraídos, podemos observar que⁸⁴³:

- Pereira ([1916] 1935⁹) fornece a maior parte dos exemplos⁸⁴⁴ em *-eria*: *alcaideria* 7; *altaneria* 7; *arcabuzeria* 7; *artilheria* 7; *barganeria* 7; *bateria* 7; *canteria* 7; *carniceria* 7; *cavalaria* 7, *chaperia* 7; *espiceria* 7; *feiticeria* 7; *fronteria* 7; *galanteria* 7; *glotoneria* 7; *grosseria* 7; *infanteria* 7; *lavanderia* 7; *leiteria* 7; *lisonjeria* 7; *loteria* 7; *mesquinheria* 7; *ninheria* 7; *oleria* 7; *paneria* 7; *parceria* 7; *poltroneria* 7; *selvageria* 7 *sobranceria* 7; *sophisteria* 7; *terceria* 7; *tonteria* 7; *vesteria* 7; *voleteria* 7 e *vozeria* 7;

- Em Ali ([1931] 1964³) temos: *arcabuzeria* 11; *artilheria* 11; *bateria* 11; *cavalaria* 11; *feitecerias* 11; *galeria* 11; *infanteria* 11; *imagineria* 11; *loteria* 11; *parceria* 11;

⁸⁴³ Neste exemplo concreto, opto por não separar os nomes que têm origem em nomes, em adjetivos ou que são lexicalizações ou empréstimos.

⁸⁴⁴ Estes exemplos, segundo o autor foram retirados da obra *Factos da Linguagem*, pg. 31-67, de "Heraclito Graça membro da Academia Brasileira, [a qual contém] larga copia de exemplos [em *-aria* / *-eria*] e citações , desde o sec. XV até hoje" (cf. Pereira ([1916] 1935⁹: 208).

- Coutinho (1938) fornece quatro exemplos (*infanteria* 16; *joalheria* 16; *leiteria* 16; *loteria* 16), Mota ([1916] 1937⁸) indica duas formas (*artilheria* 8; *cavaleria* 8) e Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴) avançam uma: *vozeria* 4;

- as restantes formas aparecem em Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³): *alfaiateria* 6; *feiticeria* 6; *infanteria* 6; *artilheria* 6; *lavanderia* 6; *cavaleria* 6) e em Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.): *estriberia* 17; *livreria* 17, *tesoreria* 17; *vozeria* 17; *parceria* 17; *infanteria* 17; *artilheria* 17; *cavaleria* 17; *loteria* 17. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³) refere as formas em *-eria* para condenar a dupla grafia do sufixo, que considera ser *-aria*, e Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 74) remata a sua descrição tentando conciliar posições diferentes, mas ainda assim dizendo que "em linguagem culta é melhor uniformizarmos as palavras em que os antigos pronunciavam *-eria*: *infanteria*, *loteria*, *parceria*, sem todavia as condenar como falsas".

Terá havido (ou há) uma propensão no português brasileiro para as formas em *-eria*? Esta é uma interrogação para cuja resposta procurei averiguar a suposta preferência por *-eria* no português brasileiro, mas as minhas buscas (em gramáticas, dicionários, manuais, artigos, etc.) revelaram-se infrutíferas. Nos vários autores brasileiros consultados, ou só é descrito o sufixo *-aria* ou, então, limitam-se a registar as variantes *-aria* / *-eria*.

De um ponto de vista formal, são os seguintes os reajustamentos desencadeados pela junção do sufixo à base:

1. truncamento de *-em*, em *selvag(em)* + *-eria* / *-aria* → *selvageria* 7 / *selvajaria*

7 e de *-io*, em *vigár(io)* + *-aria* → *vigararia* 7

2. Alomorfias:

a) a vogal final da base torna-se [+rec]: *feitij(o)* + *-eria* → *feitecerias* 11;

b) em *espiciaria* 7 (de *espécie* + *-eria*) a vogal que antecede a consoante final da base torna-se [+alt] (i.e., [ɛ] → [i]);

c) passagem de *-ão* a *-o-* e formação de hiato: *carvoaria* 11; *colchoaria* 6; *cordoaria* 6, de *carvão*, *colchão* e *cordão*;

d) passagem de *-ão* a *-on-*: *glotonaria* 7 / *glotoneria* 7; *poltronaria* 7 / *poltroneria* 7, de *glutão* e *poltrão*, respectivamente;

e) passagem de *-em* a *-in-*: *imagineria* 11, de *imagem*;

De referir ainda que em *chapelaria* 4, 9, 11 o sufixo selecciona uma base de origem francesa, atestada no português antigo, *chapel*.

Nos exemplos *carpintaria* 17, *fancaria* 7, *marcenaria* 11, 17, *padaria* 1, 7, 9, 11, 16, *parçaria* 7, 9 / *parceria* 7, 11, 17, *serralharia* 11, *sobrançaria* 7 / *sobranceria* 7 e *tanoaria* 11, sigo a perspectiva de Villalva (2000: 165), autora que não aceita que estes derivados tenham por base a forma em *-eiro*, ou seja, *carpinteiro*, *fanqueiro*, *marceneiro*, *padeiro*, *parceiro*, *serralheiro*, *sobranceiro* e *tanoeiro*, afirmando que "pelo contrário, a base é um radical adjectival, nominal, [+N], ou um radical verbal"⁸⁴⁵. Deste modo, sugere que os exemplos acima "sejam derivados de um radical que, em alguns casos, não ocorre em nenhuma palavra simples. Esta análise é (...) contrária à Hipótese de Base-Palavra, mas favorável à Condição sobre a Base" (Villalva, 2000: 166), condição que, segundo Villalva (2000), determina que a base dos processos morfológicos é obrigatoriamente uma variável lexical.

Do ponto de vista semântico, o que há de mais importante a registar nos exemplos extraídos dos textos prende-se com as diferentes acepções do sufixo, característica assinalada por praticamente todos os gramáticos históricos. As ocorrências de *-aria* nos textos utilizados para controlo dos dados confirmam a opinião de Nunes ([1919] 1989⁹: 384), quando o mesmo, como já referi anteriormente, hierarquiza cronologicamente as diferentes acepções do sufixo (1º 'colectivo', 2º 'local', 3º 'ofício, profissão'). Temos, por exemplo, para a primeira acepção *bestaria*, A11, A33 / *béestaria* ("Custume he q(ue) ho béestejro q(ue) sse q(uer) deitar da béestaria q(ue) uáá ao cõcelho dize-lo & leue a corda da beesta & deite-a no concelho & assy fiquara quíte da bestaria.") / *baestaria* A5 / *beesteria* E13, F13, G33, L26 / *besteria* G21 (século XIV) e *ferraria* (século XIII) e para a segunda *frontaria* (F18: "Se nesta pelleja hera Abu ou não, os nossos não o souberão, amtes lhes foi dito que hera hydo em sua terra por cousas que lhe cumpriam pera sua estada naquella frontaria, omde emtemdia mamter assesego."), do século XIV. Nos textos percorridos não encontrei nenhum derivado em *-aria*, formado em português⁸⁴⁶, que remetesse para 'carga, ofício, profissão'. Quase me

⁸⁴⁵ Exs.: *mesquinh*_{RADJ}, *alfaiat*_{RN}, *barbe*_{RV}, em *mesquinharia*, *alfaiataria*, *barbearia*.

⁸⁴⁶ Cf. *cavalaria*, do fr., XIII.

atreveria a dizer que essa acepção é posterior ao século XV, não fosse o caso de me estar a basear numa amostragem muito reduzida de textos e com um determinado tipo de tipologia.

Pegando nas paráfrases estabelecidas por Rio-Torto (1998: 180 e ss.) para os derivados em *-aria*⁸⁴⁷ ('local onde existe grande quantidade de Nb'; '(local de) actividade relacionada com Nb' e "nomina quantitatis", parafraseáveis por 'grande quantidade de Nb', 'conjunto de Nb') e comparando-as com as de Villalva (2000: 161; 'locativos'; 'colectivos ou intensificadores' e 'nomes que designam resultado de acção ou estado' (exemplos: *calmaria*, *patifaria*, etc.) e 'nomes que designam actividade ou profissão') verifica-se que, salvaguardando as devidas distâncias, não existem grandes diferenças entre ambas e a tipologia que apresentei no início desta descrição (a qual segue, em larga medida, a que foi estabelecida pelos gramáticos históricos) também não se afasta destas.

Concluindo, quer pelas descrições dos gramáticos, quer pelo grande número de exemplos fornecidos, sabe-se que o sufixo *-aria* tem estado desde há muito e continua a estar disponível, sobretudo quando serve para indicar 'local (de actividade)'.
O sufixo *-aria* junta-se a bases [+N] para formar nomes [+femininos] e confere-lhes duas acepções básicas ('colectivo' e 'local'), nem sempre claramente distintas, tendo-se perdido a acepção de 'cargo, ofício, profissão', o que talvez indique uma tendência do sufixo para a especialização de sentido. Por outro lado, serve também para formar nomes [+abstractos] que denotam 'qualidade (geralmente negativa) do que é próprio de' (exs.: *patifaria* 11; *pirataria* 7, 11; *velhacaria* 7, 2, etc.).

Subdivisões como a que estabeleci no início entre Base [+Hum] e Base [-Anim] dentro da acepção 'local' realçam a importância que as bases têm na interpretação dos derivados (no primeiro caso não são simultaneamente locativos e colectivos, enquanto no segundo se sobrepõem muitas vezes) e ilustram a relação forma / significado que terá sempre de ser tida em consideração na análise da formação de palavras.

⁸⁴⁷ Rio-Torto (1998: 186 e 191) admite que é frequente a coexistência de significações, como por exemplo locativa e quantitativa (cf. *enfermaria*, *livraria*, etc.), referindo que certos "nomina quantitatis" (exemplos: *bruxaria*, *feitiçaria*, *patifaria*) também podem ser interpretados como "atitudinais" (exemplos: *fazer bruxaria(s)*, *feitiçaria*, *patifaria(s)*). De acordo com a autora, na segunda interpretação do segundo grupo, "à primitiva significação predicativa ter-se-á sobreposto uma significação atitudinal, naquela metonimicamente ancorada". Esta posição reformula uma outra assumida pela mesma autora (cf. Rio-Torto, 1986), em que se apontava para a existência de cinco sufixos *-aria* homónimos.

4. 3. 2. –DADE / -IDADE:

O ponto de partida para a análise deste sufixo foi aferir em que medida se justificava a opinião da maioria dos gramáticos históricos, para quem o sufixo é *-dade*⁸⁴⁸, sendo *-idade* mera variante, opinião que, após a análise que efectuei, não posso sancionar.

1. PORT.:

'Qualidade'

1. 1. Adj. + -idade → N [+Abstracto]:

asnidade 2; *ceguidade* 1; *criminalidade* 11; *dilatabilidade* 1; *estudiosidade* 2; *falibilidade* 11; *fusibilidade* 1; *grandiosidade* 7; *leviandade* 2; *impenetrabilidade* 1; *impressionabilidade* 1; *mansidade* 1; *operosidade* 7; *parcialidade* 11; *pontualidade* 11; *porquidade* 2; *seriedade* 18

XV *afabilidade* D70

XV *aversidade*[s] D213, D214, D216, D231, D273, D314

XIV *benignidade* D70, D138

XIV *çeguydade* O11

XIII *claridade* H11, H18, M16 / *clarydade* M14

XIV *contrariedade*[s] D193, D194, D230, D262 / *contrariadade* D23 / *comtrariedade*
K10, M16

XV *familiaridade*[s] D186, D188, D190, D191

XV *fragosydade* I15, I21

XV *fumusydades* M16

XIV *mocidade* D16, D292 / *moçidade* F4

XIII *novidade* F13, G25, N5, N10 / *noujdades*, A85, A165

⁸⁴⁸ Para além dos gramáticos históricos, muitos outros autores indicam a forma do sufixo como sendo *-dade* (cf., por exemplo, Cunha e Cintra (1984²: 97)).

XIV *ociosidade* D80, D102, D103, D104, D105, D106, D107, D108, D109, D111,
D259, D366

XV *sagidade* D240

XV *spiritualidade* D190

XIV *suidade* D66, D72, D88, D97, D98, D99, D101 / *çugidade* D120, D138, D203

1. 2. N⁸⁴⁹ + **-idade** → N [+Abstracto]:

pouquidade 7

2. LAT. **-(I)DADE**):

absurdidade (lat.) 7; *actividade* (lat.) 7; *actualidade* (lat.) 7; *afabilidade* (lat.) 11;
amabilidade (lat.) 5, 11, 15, 17; *amenidade* (lat.) 18; *amizade* (lat.) 1, 2; *animalidade*
(lat.) 4; *autoridade* (lat.) 4, 7; *bondade* (lat.) 7, 9, 11, 15, 16, 17; *caridade* (lat.) 7, 12;
castidade (lat.) 9; *cidade* (lat.) 1; *claridade* (lat.) 7, 9; *crueldade* (lat.) 7, 11, 18;
debilidade (lat.) 11; *divindade* (lat.) 11; *docilidade* (lat.) 9, 11; *especialidade* (lat.) 9;
facilidade (lat.) 7, 18; *falsidade* (lat.) 9, 12; *fealdade* (lat.) 7; *fidelidade* (lat.) 11;
fielidade (lat.) 11; *fragilidade* (lat.) 11; *frugalidade* (lat.) 11; *generosidade* 9 (lat.);
gentilidade 11 (lat.); *onestade*⁸⁵⁰ 12; *humildade* 11 (lat.); *idade* (lat.) 17; *igualdade* 11
(lat.); *imensidade* 7 (lat.); *impunidade* 11 (lat.); *imunidade* 11 (lat.); *integridade* 16
(lat.); *irmandade*⁸⁵¹ 2, 4 (lat.); *lealdade* 2, 7, 16, 18 (lat.); *legalidade* 11 (lat.);
liberalidade 11 (lat.); *liberdade* 9 (lat.); *maternidade* 4 (lat.); *maldade* 7, 9, 11, 12, 15
(lat.); *meadade* 12 (lat.) / *meatade* 12 (lat.) / *meetade* 12 (lat.) / *meiadade* 12 (lat.);
mortalidade 9 (lat.); *morteydade* 2 (lat.); *orfandade*⁸⁵² 11, 15 (lat.); *piedade* 17 (lat.);
possibilidade 11 (lat.); *probabilidade* 11; *pureza* 7 (lat.); *realidade* 11 (lat.);

⁸⁴⁹ Tal como nota Basílio (1986: 43), regra geral, *-idade* solda-se a bases adjectivas, mas isso nem sempre se verifica, como se pode observar nalguns exemplos fornecidos por esta autora: "*declividade*, de *declive*; *brasilidade*, de *Brasil*; *saciedade*, de *saciar-se*".

⁸⁵⁰ Na indicação do exemplo, Huber ([1933] 1986: 274) classifica-o como latinismo. Em Machado ([1952] 1977³) *honestidade* é também [+lat], ao passo que em Cunha ([1982] 1987²) se aponta para que *honestidade* seja formado de *honest(o)* + *-(id)ade*.

⁸⁵¹ Em Cunha ([1982] 1987²) e em Machado ([1952] 1977³) de *irmão*, mas em PE e em Aurélio (1999³) do lat..

⁸⁵² Em Aurélio (1999³) é [+lat], mas em Machado ([1952] 1977³), por exemplo, de *órfão*.

seguridade 7 (lat.); *sensibilidade* 1, 17 (lat.); *sobriedade* 18 (lat.); *sociedade* 4, 9 (lat.); *soledade* 1 (lat.); *solubibilidade* 11 (lat.); *tempestade* 1; *trindade* 11 (lat.); *unidade* 11 (lat.); *vaidade* 17 (lat.); *velleidade* 2 (lat.); *verdade* 9, 12, 16 (lat.); *virgindade* 11 (lat.); *vitalidade* 7, 17 (lat.); *vivacidade* 17 (lat.); *voontade* 12 (lat.)

XIII lat. *autoridade* S13 p. 87 / *outoridade* S13 pp. 61, 153 / *ouctoridade* S13 p. 126

XIII lat. *bondade[s]* K27, D47, D70, D91, D138, D155, D157, D164, D165, D177, D179, D194, D206, D211, D262, D315, D332, D351, D359, D360, D373 / *bomdade(s)* E4, E9, E19, F6, F16, H4, H5, H9, H22, I6, I12, I15, I20, L6, L23, M19, N12, N16, P5, P9, P15, P17, Q26, Q30 / *bõdade* H7, N16

XIII lat. *caridade* D30, D45, D46, D53, D59, D70, D81, D119, D133, D138, D162, D164, D165, D166, D167, D168, D170, D185, D187, D188, D189, D200, D226, D227, D249, D255, D276, D286, D292, D301, D310, D333, D334, D336

XIII lat. *castidade* D53, D120, D123, D124, D126, D138, D191, D218, D220, D290, D296

XIII lat. *catiuidade* S13 p. 162

XIII lat. *comunidades* S13 p. 41 / *comũidades* S13 p. 42 / *comunidade* D25

XIII lat. *crstaydade* S13 p. 179 / *crstamdade* E3, G1, P15

XIII lat. *cruelldade* H25 / *crueldade* D232, D241, D258

XIII lat. *denydades* P16 / *dinydade* H25 / *dignidades* D158, D264, D314

XIV lat. *diversidade* D188

XIII lat. *enfirמידade* S13 pp. 179 / *enf(ir)מידade*, A6 / *emfirמידade[s]* F8, G21, N10 / *ymfirמידade* Q28 / *enferמידade[s]* D22, D48, D75, D76, D87, D89, D191, D229, D247, D313 / *infirמידade[s]* D76, D77, D78, D103, D125, D126, D132, D157, D158, D159, D190, D191, D220, D222, D234, D288, D311, D312, D329

XIV lat. *escurydade* Q7

XV lat. *extermidades* D255

XIII lat. *falsidade* S13 pp. 204 / *falsidades* D210

XIV lat. *fealdade* D239

XIII lat. *fialdade*⁸⁵³ S13 p. 273 / *fialldade* G13

XIV lat. *frialldade* M25 / *frieldade* D277

XIII lat. *g(er)meyade* / *g(er)meydade* / *g(er)meydad(e)* S13 p. 229

⁸⁵³ O m.q. *fidelidade*.

XIII lat. *honestidad(e)* S13 p. 170 / *onestidade* P8 / *honestidade* D183, D236

XIII lat. *humanydade* M21

XIII lat. *humilldade* P15 / *humildade* D45, D53, D54, D86, D152, D162, D164, D251, D273, D290, D312, D314, D352, D354, D355

XV lat. *infidelidade* D36 / *infielidade* D264

XV lat. *insensibilidadade* D241

XIII lat. *lealdade* S13 pp. 42, 176, D9, D153, D176, D177, D178, D199, D331, D373, D375 / *llealdade* G13, L11, O9

XV lat. *levidade* D228

XV lat. *liberallydade* M23

XV lat. *longaminidade* D70

XV lat. *magnaminidade* P26 / *magnaminydade* G8

XIII lat. *maldade[s]* S13 p. 221, D22, D35, D148, D157, D158, D162, D164, D375

XV lat. *particullaridades* E10

XIII lat. *piadade* S13 p. 3 / *piedade* S13 p. 6, A60, D81, D113, D152, D163, D165, D215, D217, D232, D233, D241, D364

XV lat. *proluxidade* F14 / *prolexidade* D349

XIII lat. *p(ro)p(r)iedade* A56, A57 / *propiedades* E2

XIII lat. *puridade[s]* S13 p. 176, P9, D188

XV lat. *pusalamidade* D102

XV lat. *realidade* D98

XIII lat. *samtidade* E8, O25 / *samtydade* N2, O25

XIV lat. *sensualidade* D19, D98, D240

XIV lat. *solenidade* N7

XV lat. *superfluydade* M16

XIII lat. *u(er)dade* S13 p. 24

XIII lat. *virgindade* D218 / *virgiindade* D120, D220

3. Empréstimos:

beldade (prov.) 2, 7, 11; *culpabilidade* (fr.)⁸⁵⁴ 5; *mortandade*⁸⁵⁵ 1, 4 (cast.); *ruindade* 2, 9, 15 (cast.)⁸⁵⁶

⁸⁵⁴ Em Aurélio (1999³) de *culpável*.

De acordo com Teophilo Braga (1876: 34), os "substantivos em *-ade*" são "derivados da terceira declinação latina, cuja forma se fixou no acusativo ou no ablativo; como em *mortandade*, *tempestade* (*tempestatem*), *cidade* (*civitate*)" e, por analogia, ter-se-ão formado, segundo o autor, muitos outros nomes com este sufixo, sobretudo nomes abstractos que designam qualidade (ex.: *fusibilidade*).

Para Carl von Reinhardstoettner (1878: 131), "à terminação latina *tat* (*tas*, *tatis*)" correspondem em português "*tade* e *dade*", presentes em várias palavras do latim e também em muitas novas formações, que são nomes abstractos. O autor considera ainda que, perante a junção de outros sufixos, os derivados perdiam às vezes o "*at*", como por exemplo em "*idoso* (*aetat-osus*), *facultoso* (*facultat-osus*), *caridoso* (*caritat*), *magestoso* (*magestat*)".

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 337) fazem reportar *-ade*⁸⁵⁷ ao "accus. lat. *atem* dos nomes da 3^a decl. lat. em *as*" (exs.: *irmandade*, *animalidade*, *mortandade*) e *-dade* ao "accus. *atem*, nom. em *tas*" (exs.: *autoridade*, *maternidade*). Um pouco mais adiante, em "Substantivos derivados de adjectivos", Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 344) caracterizam *-dade*, apontando que o mesmo indica qualidade e forma geralmente nomes abstractos, como *bondade*, *felicidade*, etc.. Os autores avançam também que "a intercalacção do *i* já era frequente no lat.", exemplificando com *bonitatem*.

De forma muito sucinta, António R. Vasconcellos (1900: 131) indica meramente o seguinte: "*-itātem* → *-idāde* — *amabilidade*, *culpabilidade*".

Segundo Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 210-211), *-dade* provém de "*-tatem*, suff. de *themas nominaes* para a formação de subst. abstractos", como, por exemplo,

⁸⁵⁵ Em Aurélio (1999³) do lat. *mortalitate*.

⁸⁵⁶ Cf., por exemplo, Machado ([1952] 1977³), "do cast. *ruindad*".

⁸⁵⁷ Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 337) apresentam *-ade* e *-dade* sob a alínea dedicada aos "Substantivos derivados de substantivos", especificando que são vários os sufixos que participam deste processo.

bondade, maldade, etc., embora reconheça que, devido "a influencia erudita", na maior parte dos derivados ocorre um *i*, a que dá o nome de vogal de ligação (por exemplo, em *facilidade*), podendo deduzir-se que, para o gramático, o *i* que ocorre antes de *-dade* não faz parte do sufixo.

Othoniel Mota (1937⁸: 65) só nos transmite que "*dade*, lat. *tate(m)* (como em *bonitate(m)*", ocorre em formas do tipo de *bondade, amizade, legalidade, etc.*

José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 374) trata *-dade, -dão* e *-tude* conjuntamente, uma vez que, na sua opinião, provêm "dos sufixos latinos *-tate, -tūdine* e *-tute*", os quais se juntam a adjectivos para, tal como em latim, darem origem a nomes abstractos "designativos de qualidade, ocorrendo os dois primeiros em vocábulos populares e cultos". Se nos detivermos nos exemplos fornecidos pelo autor referentes a *-dade* (*bon-dade, ver-dade, ruin-dade, mal-dade, casti-dade, liber-dade, falsi-dade, clari-dade, docili-dade, especiali-dade, socie-dade, generosi-dade, mortali-dade*⁸⁵⁸, etc.), verificamos que este gramático procede a uma segmentação em que o *i* não faz parte do sufixo, mas sim da base a que o mesmo se une, ou seja, para o autor, a forma do sufixo é *-dade*, só que não explica porque é que é necessário intercalar um *i* antes da junção de *-dade*, nem procede à distinção entre formas [+lat] e derivados.

Para Manuel Said Ali ([1931] 1964³: 235-236), *-dade* é a "forma portuguesa do latim *-tate-*" e serve para formar um "grande número de substantivos abstractos tirados de adjectivos". O autor especifica que quando a base de derivação termina em "*-ável, -ível* ou *-úvel*, restitui-se-lhe a forma latina primeiro que se forme o derivado" (exs.: *probabilidade, falibilidade*) e que se em latim *-tate* era precedido da sílaba *-ni-*, "nasalisa-se em português a vogal anterior a esta, e suprime-se *i*", como em *virgindade* (de *virginitate-*), *divindade* (de *divinitate-*), etc.. Ali ([1931] 1964³: 235-236) considera que, em *beldade, maldade, crueldade, etc.*, deu-se a supressão de *i*, enquanto "nas palavras posteriormente tomadas ao latim e cuja parte temática acabava em *li-*, conservou-se a vogal" (exs.: *fidelidade, debilidade*), ou seja, parece deduzir-se das suas palavras que os contextos em que ocorre *-dade* constituem excepção.

⁸⁵⁸ Em nota, Nunes ([1919] 1989: 374) refere que "representante popular desta forma literária é a antiga *mortaidade* ou *morteidade*, que ocorre também sob as formas *mortindade* (arc.) e *mortandade* (mod.), resultantes da influência de palavras assim terminadas, como *divindade* e *irmandade*; cf. Leite de Vasconcellos, Lições, pág. 293. *Mortalidade*, que, segundo informação de J. Maria Rodrigues, se usa em Gondim (Minho), deve ter-se formado modernamente sobre *mortal*".

Joseph Huber ([1933] 1986: 274) atribui a *-dade* a mesma origem que Ali ([1931] 1964³: 235), i.e., *-tate*, o qual "forma subst. abstractos de adjs.: *caridade, falsidade, maldade, verdade*" e, para exemplificar que o *t* latino se mantém quando é precedido de consoante, escolhe as formas *onestade* e *voontade*.

A propósito do sufixo "*-dade*", Francisco M. Sequeira (1938b: 98) só fornece cinco exemplos: *ruindade, bondade, maldade, amabilidade, orfandade*, não procedendo à descrição do sufixo.

À semelhança de Nunes ([1919] 1989⁹: 374), também Ismael L. Coutinho (1938: 58) trata *-dade, -dão* e *-tude* conjuntamente ("*-dade* <*-tate*, *-tude* <*-tute*, *-dão* <*-tudine*"), sufixos que, na opinião de Coutinho (1938: 58), indicam 'qualidade ou estado' e que servem para formar nomes (exs.: *lealdade, integridade; altitude, beatitude; lentidão*).

Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 71-72) não descreve directamente o sufixo, referindo-se a "*-ade / -dade*" a propósito do fenómeno da reduplicação⁸⁵⁹.

Mattoso Câmara Jr. (1975: 223) afirma que *-dade* ("lat. *-tat (e-)*") é um sufixo "que teve grande extensão em latim vulgar". De acordo com o gramático, quando os adjetivos terminam em *-o*, "a vogal do tema se reduz a *-i-*, como vogal de ligação entre o radical e o sufixo" (por exemplo *amenidade*, de *ameno*) e, "como essa morfofonêmica já funcionava em latim, a vogal de ligação pode aparecer em substantivos correspondentes a adjetivos portugueses terminados em *-l*, que em latim tinham a vogal *-e* explícita no tema e então reduzida a *-i-* (por exemplo *facilidade*, mas, como nos recorda o autor, *crueldade* e *lealdade*). Se os adjectivos terminarem em *-io*, "a vogal de ligação é *-e-* em contraste com o *-i* precedente (*seriedade*, de *sério, sobriedade*, de

⁸⁵⁹ Para a autora, "reduplicação intencional, é um processo muito usado; mas onde é fortuita, meramente fonética (...), sem idéia portanto, o povo evita-a. É por isso que de substantivos em *-ade* ou *-dade* como *piedade, bondade, vaidade, idade*, e de *cuidado*, o povo derivou os adjectivos *piedoso, bondoso, vaidoso, idoso, cuidadoso*, suprimindo a sílaba átona *da* (...)" (Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.: 71-72). Assim, as formas em *-oso* aqui exemplificadas são, na opinião da autora, resultantes de um processo "a que é praxe dar o nome grego de *haplologia*". No entanto, no decorrer deste trabalho, em casos semelhantes, dou a este processo o nome de truncamento. Apesar de, quer num caso, quer noutro, se tratar de um processo morfofonológico, *haplologia* e truncamento são conceitos diferentes. O termo truncamento é empregue para designar a supressão de um ou mais morfemas em posição final de palavra, ao dar-se a junção de outro (cf. Aronoff, 1976), enquanto *haplologia* designa a supressão de uma sílaba contígua de outra total ou parcialmente igual (cf. Mateus e Xavier, 1992).

sóbrio)". Como se pode verificar, Câmara Jr. (1975: 223) junta-se, deste modo, a Nunes ([1919] 1989⁹: 374), ao conceber *-i-* como vogal de ligação e não como parte integrante do sufixo, mas refere explicitamente que já em latim se verificava a existência dessa vogal.

Rio-Torto (1998: 38), a propósito de *-idade*, *-idade*, *-dade*, afirma que "trata-se de variantes posicionais e complementares do sufixo, condicionadas pelo final fonológico da base com que se combinam" e apresenta também a distribuição dessas variantes, concluindo que não se pode considerar "*-dade* como a variante-base ou como a mais representativa do sufixo, quando se trata efectivamente da mais marcada, [o que] só pode justificar-se à luz de uma perspectiva etimológica". Segundo a autora, "*-dade* ocorreria em casos bem circunscritos, histórica e fonologicamente demarcados, cujas bases terminam em /L/ (*igualdade*, *lealdade*, *maldade*), /N/ (*bondade*, *ruindade*) e /R/ (*liberdade*)⁸⁶⁰". Na verdade, em função dos dados de que possuo, penso que nem mesmo a adopção de uma "perspectiva etimológica" autoriza que se aponte *-dade* como a forma básica do sufixo, pois ela é desde o início da formação do português *-idade*.

No português actual verifica-se que mesmo em contextos onde seria previsível a forma *-dade*, por exemplo quando antes do sufixo ocorre uma nasal, é o sufixo *-idade* que está presente, como se pode observar nos derivados recentemente formados *africanidade* e *sicilianidade*, de *africano* e *siciliano* (cf. *leviandade* XIII, de *leviano*), o que vem reforçar a indisponibilidade de qualquer uma das variantes de *-idade*. Por isso, no seguimento de Rio-Torto (1998: 39), creio que o *-i-* que ocorre antes de *-dade* foi herdado do latim, dado que tal "corresponde, em ambas as línguas, a uma necessidade imposta pelo padrão dominante *-CV-* da estrutura da sílaba"⁸⁶¹ e que desde há muito tempo faz parte do sufixo, não podendo ser considerado como vogal de ligação, uma

⁸⁶⁰ A estes exemplos poderíamos acrescentar ainda *meadade* 12 (lat.) / *meiadade* 12 (lat.) e *vaidade* 17 (lat.).

⁸⁶¹ Cf. igualmente Ferreira (1997: 123-124), onde é referido que o "sufixo *-dade*, procedente de *-TĀTE*, de grande extensão no latim vulgar para formar nomes abstractos derivados de adjectivos, tem ampla continuidade no galego-português (...). Em latim, os abstractos construídos sobre adjectivos apresentavam normalmente uma sequência final *-LĪTĀTE* ou *-NĪTĀTE*, com uma vogal *-i-* de transição como ligação entre a base e o sufixo; a evolução fonética nos vocábulos patrimoniais levou à perda desta vogal pretónica ou à queda de *-N-* e criação de consoante nasal, aparecendo, por isso, as sequências *-ldade* e *-ndade*: *crueldade* (<CRŪDELĪTĀTE), *bondade* (<BŌNĪTĀTE) (...). Muitos adjectivos em *-IUS* (> *-io*) apresentavam uma sequência final *-ĪĒTĀTE* (> *-iedade*) que se mantém modernamente: *piedade* (<PĪĒTĀTE, de PIUS), *propriedade* (<PROPRIĒTĀTE, de PRŌPRIŪS), *sobriedade* (SŌBRIĒTĀTE, de SŌBRĪŪS).

vez que todos os derivados, independentemente do contexto fonológico, são portadores de *-idade*.

Uma das formas do *corpus*, *leviandade* 2, foi aparentemente formado em português, derivado em que ocorre *-dade* e não *-idade*. Assumindo este pressuposto, a explicação para esta formação passa ou por indicar a queda da vogal inicial do sufixo, pelo facto de o segmento que o precede ser [+nasal], ou, uma vez que se trata do único caso no *corpus*, e sabendo nós que *leviano* é [+lat], avançar para a hipótese de o derivado se ter formado por analogia com formas do tipo de *virgindade* 11 (lat.), solução que me parece mais exequível.

A variante *-edade*, em derivados do tipo de *seriedade* 18, resulta, como se sabe, da dissimilação (abaixamento) da vogal inicial do sufixo, dado que a vogal final da base (após truncação do morfema de género) é igual.

Como já havia sido referido por Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 344) os derivados em *-idade*⁸⁶² são muito "vulgares" no português, "talvez em numero passante de 500".

Tal como o latino "*-itātem*, acusativo de *-itās -itātis*" (cf. Cunha [1982] 1987²), *-idade* em português forma inúmeros derivados⁸⁶³, soldando-se a bases predominantemente adjectivais para formar derivados nominais abstractos e indicando a 'qualidade'.

Muitos adjectivos aos quais *-idade* se junta para formar derivados nominais, são, por sua vez, bases derivadas⁸⁶⁴, como em *criminalidade* 11, *dilatabilidade* 1, *estudiosidade* 2, *falibilidade* 11, *fusibilidade* 1, *generosidade* 9, *grandiosidade* 7, *impenetrabilidade* 1, *impressionabilidade* 1, *operosidade* 7, *parcialidade* 11, *pontualidade* 11, *probabilidade* 11, em que *-idade* se junta a bases em que ocorrem os

⁸⁶² Para os autores, *-dade*.

⁸⁶³ Basílio (1986: 39) considera que "*-idade* é de grande produtividade na língua formal. A maioria absoluta das formações é regular (...), tanto em termos fonológicos quanto em termos sintático-semânticos."

Sobre a caracterização e a forte disponibilidade de *-idade* no português contemporâneo, cf. ainda, por exemplo, Caetano (1994: 107-120).

⁸⁶⁴ Este aspecto é tido por Piel (1940a: 220) como uma das causas da "fertilidade" do sufixo, ou seja, isso "deve-se à circunstância de êle se ligar não só a adjectivos simples, mas também derivados".

sufixos *-al*, *-vel*⁸⁶⁵ e *-oso*. Todavia, *-idade* bloqueia a acção de outros sufixos, não admitindo derivações posteriores, não participando, portanto, da recursividade sufixal.

Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 344) também observaram que "*-dade*" se "opõe" a *-ão* (entenda-se *-idão* e *-ção*) e a *-eira*⁸⁶⁶, todos eles sufixos que permitem formar nomes abstractos a partir de adjectivos (exs.: *soledade / solidão*, *mansidade / mansidão*, *variedade / variação* e *ceguidade / cegueira*) e daí a "concorrência" que se verifica entre eles. Embora não o refira, Pereira ([1916] 1935⁹: 210-211) assume igualmente que *-dade* concorre com outros sufixos, nomeadamente *-nça*, *-eza* e *-idão*, pois, a seguir a alguns exemplos, indica entre parênteses outros derivados formados com esses sufixos (por exemplo, *seguridade / segurança*, *pureza / pureza*, *claridade / clareza*, *imensidade / imensidão*, *pouquidade / pouquidão*).

Partindo das formas que segundo os gramáticos se "opõem" a outras em *-idade*, quis verificar até que ponto elas estabelecem ou não um paralelo do ponto de vista semântico e em que medida umas suplantaram as outras. Assim, observei que:

- *cegueira* 4, *mansidão* 4 [+lat] e *solidão* 4 [+lat] se sobrepuseram aos aparentemente sinónimos *ceguidade*, *mansidade* e *soledade* [+lat];

- *claridade* [+lat] e *clareza* têm significados que não se recobrem na totalidade (*claridade* designa sobretudo o efeito da luz, tendo um emprego mais restritivo do que *clareza*), *imensidão* e *imensidade* [+lat] são praticamente sinónimos, mas parece-me que o segundo é mais abrangente, o mesmo se passando nos pares *pouquidade* e *pouquidão*, *pureza* e *seguridade* [+lat] e *segurança*. Ou seja, observa-se que as formas em *-idade* designam a 'qualidade', enquanto a maioria dos derivados formados a partir da mesma base com outros sufixos, para além de designarem a 'qualidade', se polissemizaram, adquirindo outras acepções.

Nos exemplos recolhidos nos textos que serviram para controle dos dados, todos os derivados formados em português, desde o século XIII (por exemplo, *claridade* H11, H18, M16 / *clarydade* M14), passando pelos séculos XIV (por exemplo, *moçidade* F4 /

⁸⁶⁵ A regra de reajustamento determina que quando o sufixo se junta a adjectivos em *-vel*, este sofra uma alomorfa, passando a *-bil-* (exemplos: *dilatabilidade* 1; *falibilidade* 12; *fusibilidade* 1; *impenetrabilidade* 1; *impressionabilidade* 1 e *probabilidade* 12).

⁸⁶⁶ De acordo com Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴: 344), é no século XVI que se observa a "oposição" *-dade / -eira*.

mocidade D16, D292) e XV (por exemplo, *afabilidade* D70), terminam em *-idade*, ocorrendo *-dade* unicamente nas formas [+lat]⁸⁶⁷. Logo, quer os dados extraídos das gramáticas históricas, quer estes últimos, apontam para que o sufixo, em português, seja *-idade*, sufixo que não possui variantes.

Em Cunha ([1982] 1987²), alguns vocábulos têm datação posterior, enquanto outros não estão atestados, como a seguir se indica:

- a) século XIII e em Cunha ([1982] 1987²) XIV: lat. *honestidad(e)* S13 p. 170 / *honestidade* D183, D236 / *onestidade* P8;
- b) século XV e em Cunha ([1982] 1987²) XVI: *familiaridade[s]* D186, D188, D190, D191; lat. *infedelidade* D36 / *infielidade* D264; lat. *proluxidade* F14 / *prolexidade* D349; lat. *realidade* D98;
- c) XV *fragosydade* I15, I21, em Cunha ([1982] 1987²) 1813;
- d) XV lat. *insensibilidade* D241, em Cunha ([1982] 1987²) 1614;
- e) em dois casos, julgo que por mera falha, os adjectivos de que derivam os nomes formados em português surgem com uma datação posterior: XV *afabilidade* D70, Adj. XVIII; XV *aversidade[s]* D213, D214, D216, D231, D273, D314, Adj. XVI;
- f) formas não atestadas: XV *sagidade* D240 e XIII lat. *g(er)meyade* / *g(er)meydade* / *g(er)meydad(e)* S13 p. 229.

⁸⁶⁷ Isto não significa, como já referi e como já havia sido apontado por alguns gramáticos, que algumas formas herdadas do latim não exibam igualmente *-idade* (cf., por exemplo, XIII lat. *castidade* D53, D120, D123, D124, D126, D138, D191, D218, D220, D290, D296; XV lat. *levidade* D228, etc.).

4.4. Sufixo *-mento*

4. 4. –MENTO

As descrições de *-mento* em gramáticas históricas do português são bastante coincidentes no que diz respeito à etimologia do sufixo, à sua significação, ao facto de o sufixo se juntar logo a seguir ao tema, ao tipo de formações a que dá origem, havendo ainda autores que se socorrem de exemplos comuns.

Sabendo-se que o sufixo *-mento* se caracteriza pela sua perda de disponibilidade (aspecto referido por alguns gramáticos históricos, como por exemplo, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 212)), quis saber quais as razões que estariam na base da queda de rentabilidade de *-mento* e quais os sufixos que entram em "concorrência" com ele.

1. PORT.

TV + **-mento** → N:

'Acto ou efeito de'

a) 1.^a conj.: *aballamento* 11; *adiantamento* 1; *agrupamento* 7; *andamento* 2, 7, 15; *armamento* 7, 17; *atrazamento* 1; *avantamento*⁸⁶⁸ 1; *avysamento* 11; *bombardeamento* 9; *casamento* 12, 15, 16; *chamamento* 1; *contentamento* 1, 2, 4, 7; *contrariamento* 11; *criamento* 4; *curamento* 11; *descoramento* 2; *deslocamento* 7; *deslumbramento* 7; *desprezamento* 11; *doutoramento* 1, 15; *duramento* 11; *emperramento* 2; *ensinamento* 11; *enterramento* 7; *esbanjamento* 7; *fallamento* 11; *gastamento* 11; *herdamento* 12; *incitamento* 1; *julgamento* 18; *lembramento* 11; *mandamento* 9; *mostramento* 11; *mudamento* 11; *outorgamento* 9; *passamento* 1, 7; *pensamento* 2; *quebramento* 4; *rebaixamento* 8; *(re)falsamento* 2; *refreamento* 2; *reparamento*⁸⁶⁹ 12; *repousamento* 11; *salvamento* 1, 9; *soltamento* 11; *tiramento* 11

XV *abaixamentos* D94

⁸⁶⁸ Em Cunha ([1982] 1987²), "*avantar*, orig. 'ventilar', ext. 'levantar hipóteses', XX".

⁸⁶⁹ Em Machado ([1952] 1977³) aparece a data de 1387 e em Huber ([1933] 1986: 275) a de 1450.

- XIV *abetamento*⁸⁷⁰ D78 ("porque acidentalmente recebem tal prazer ou abetamento dos sentidos pera nom padecer tanta tristeza")
- XIV *acabamemto[s]* E14, N15, D40
- XV *acertamento[s]* Q7, D77 ("eu houve acertamento d'estar por spaço de doos meses fora d'aficamentos"), D215
- XV *acordamento* D196 ("acordamento de vontades e boa desposiçom") (cf. *acordo*, XIII)
- XIII *ac(re)centamêto* S13 p. 179 / *Ac(re)çentam(en)tos* A119 / *Ac(re)çentamêto* A127 / *acreçemtamemto* L13, N18, Q14 / *acreçêtamemto* P13 / *acrecentamento* Q30 / *acrecentamento* D58, D59, D108, D116, D123, D172-173, D178, D179, D296, D314, D315, D355
- XIII *acusamento* A57 (cf. *acusação* XIII, lat.)
- XV *adiamento* D329
- XV *aferramemto* H3
- XIV *Afforam(en)to* A157 / *Afforamêto* A157 / *Aforam(en)to* A157 / *dAfforam(en)to* A156
- XIV *aficamento[s]*⁸⁷¹ D77, D80, D193, D233
- XV *afloxamento*⁸⁷² D349
- XIV *afrontamento* D79, D80
- XV *agasalhamento* D360
- XV *agastamentos* D86
- XIII *ag(ra)uamento* S13 p. 216 / *agrauamêto[s]* S13 p. 33, A18 / *agrauamentos* A36 / *agravamento* D21, D23
- XIII *aguardamento* S13 p. 181, D249 ("Sperança é certo aguardamento da gloria que há de vïir da graça de Deos")
- XIII *ajuntamento[s]* E22, F19, G1, G5, G23, G32, H9, I12, I18, L11, L12, L15, O18, P23 / *ajuntamento* D242
- XIII *alçamento*⁸⁷³ S13 pp. 189, 195, 215, 216, 217 / *alçamêto[s]* S13 pp. 215, 216

⁸⁷⁰ Cf. Machado ([1952] 1977³) "*abetamento*, de *abetar*, séc. XIV"; "*abetar* 'enganar, embotar', do ant. fr. *abeter*, séc. XIV".

⁸⁷¹ O m.q. *afincamento*.

⁸⁷² De *afrouxar* XV (cf. Cunha [1982] 1987²).

⁸⁷³ De *alçar* XIII, lat., 'suspender, elevar' (cf. Cunha [1982] 1987²).

XV *aleijamento* D76, D160

XIII *aleuantamento* S13 p. 174 / *alevamento* D46

XV *alloyamemtos* F8, G3

XIII *alongamêto* S13 p. 53 / *êlongamêto* S13 p. 185 / *allomgamentto* E26

XV *amendorentamento* D234

XIV *amoestamento*[s] D163, D264, D267

XIV *apéégamêtos* A41, A49 / *apéégamento* A49, A56 / *apegamêto* A23, A86 / *apegamento* A56 / *apegamento* D224

XIII *apenhoramêto* S13 p. 180

XIII *aplazamento* S13 p. 168 / *ap(ra)zamento* S13 p. 222

XIII *ap(re)çamento* S13 p. 223

XIV *apertamento* D97, D102, D103, D232, D233

XV *apropriamento* D336 (cf. *apropriação* 1813)

XV *arredamento* D124, D295

XIII *arreigamento*⁸⁷⁴ S13 p. 202 / *areygamêto* S13 p. 198 / *areygamêto* S13 pp. 198, 200, 249 / *arreygamêto* S13 pp. 199, 216 / *raygamêto* S13 p. 253 / *reygamêto* S13 pp. 202 ("E se aquel que demandarẽ for arreygado, esté en seu arreigamento e faça dereyto, e se reygado nõ for, dé reygamêto sobre que faça dereyto, mays se o nõ der recabedeno e faça dereyto sobre sa cabeça."), 203 / *rreygamêto* S13 p. 198

XV *arrevatamento*[s] D86, D109, D149, D274, D304 / *arreatamento* D199

XIII *assessegamêto*⁸⁷⁵ S13 p. 42 (cf. *assossego* XIV; *sossego* XIV; *sossegamêto* XIV)

XIII *asseentamento*[s] S13 pp. 192, 199, 200

XV *avançamentos* D41 ("e com boa deligencia e avisoamento nos despoermos a toda cousa de nossos avançamentos que aos stados de cada ùu convenham")

XV *avessamento* D119 ("se temermos, em nós ou em outrem, algũu mal em avessamento ou contraio, a esto nos tornemos")

XIV *aviamentto* I4, I6, K23, L23, M3, M13, M28, Q4, Q19 / *aviamento* D229 / *[des]aviamento* D355

XIV *avisamemto*[s] F2, G4, G9, G13, G18, G19, G21, G25, G27, G28, G31 / *avisamento*[s] D11, D12, D14, D17, D33, D41, D42, D47, D73, D77, D81, D83,

⁸⁷⁴ De *arraigar*, XIII (em Cunha [1982] 1987², XIV), lat., 'fixar, enraizar, aferrar'.

⁸⁷⁵ Em Cunha ([1982] 1987²), *assossegar* XIV.

D91, D95, D99, D102, D107, D109, D116, D119, D121, D124, D129, D155, D156, D170, D176, D179, D181, D182, D196, D209, D210, D212, D214, D215, D216, D224, D227-228, D229, D232, D247, D274, D277, D283, D305, D308, D329, D330, D349, D360, D362, D373, D374 / *avysamemto* F13, M6, M10 / [*des*]*avisamento* D373, D374

XV *auõdamêto* A141 ("por moor auõdamêto de d(erej´)to mãdej´ Ao d(i)cto M(ar)tím balastro q(ue) ap(re)sentasse p(er)ant(e) o d(i)cto Tabeliõ") (cf. *avondança* XIII, lat.)

XV *britamento*[s] D122 ("nos que vão depos la perfeiçom d'algũas virtudes, as quaes sem cuidado, britamento de voontade, poucas vezes se percalçom."), D266

XIII *casamento*[s] S13 pp. 184, 217, 219, 230, A51, A52, D218, D295, D366 / *casamêto* S13 pp. 217, 218, 230, 256, 269, 271, A52, A53 / *Casamêto* A149 / *casamemto*[s] N10, P3, P9

XV *cativamento* D195 ("os quaes, sem causa dereita, nom dam nem consentem padecer, por assi amar, sospeita, nojo, tristeza ou algũu empacho, nem cativamento de cuidado, mais outorgam liberdade") (cf. *cativeiro* XIV; *catividade* XIII, lat.; *cativação* XVI)

XV *çegamento* E17 ("E como quer [que] Martym Affomso per este aazo rreçebesse prasmo, çerto he que elle o nõ fez com mymgoa de coração nem de bõa vomtade, mais çegamento d'afeição daquelles que o conselhavão.") (cf. *ceguidade* XIV)

XV *cessamento* D157 (cf. *cessação* XVII, lat.)

XIII *chamamêto* S13 p. 117 ("en testemio eu Johane mẽẽdiz pulbico Tabelliõ p(er) rogo e p(er) chamamêto das pa(r)tes presente fuy"), A13, A59 / *chamamento* A24, A50 / *chalmalmêto* A24 (cf. *chamada* 1836 'convocação')

XIII *chegamento* D186 / *achegamento* D124 (cf. °*chegada*)

XIII *começamento* S13 pp. 174, 175, 184 (cf. *começo* XIII)

XIV (*con*)*danamêto* A41 ("Esto se guarda p(er) esta guisa se o outor q(ue) ha-de p(ro)uar fala cõ a testemunhã ã (con)danamêto do feito. ainda que a testemunhã diga en todo por el. auer-lo-am por nenhũu seu dito.") (cf. *condenação* XV, lat.)

XV *conselhamento* D242 ("As primeiras tres perteeçem ao conselhamento, e as outras tres ao julgamento, e as duas a execuçom.") (cf. *aconselhamento* XX; *aconselhar* / *conselhar* XIII)

- XIV *contentamento* D16, D25, D46, D48, D52, D53, D54, D100, D111, D128, D131, D171, D175, D177, D194, D195, D212, D221, D226, D247, D268, D269, D270, D271, D272, D273, D274, D290, D303 / *contemtamento* M10 / [des]*contentamento* D109, D269, D271, D272, D273, D359
- XV *contrariamento* D23 ("O contrariamento daquelas duas vontades faz muito ao entender julgar dereitamente o que é melhor que se faça") (cf. *contrariedade* XIV, lat.)
- XV *curamento* D76, D83 ("per a graça do Senhor e boos avisamentos todo se deve screver que venha a perfeito curamento.") (cf. *cura* XIV)
- XIII *deytamêto* S13 p. 284 (cf. "E se for p(re)yto d(e) uenda q(ua)lq(ue)r ou d(e) (con)p(ra) ou de lauor alguũ q(ue) á de faz(er) ou de q(ua)l cousa q(ue)r p(er) q(ue) nõ deue au(er) justiça no corpo nõ deytamêto da t(e)rra nõ p(er)dimêto d' au(er), estas se possã demandar p(er) querelhas e nõ p(er) out(ra)s accusações.")
- XV *deleitamentos* D311 ("porque afastando-se homem do mundo, por receo delas avorreça os deleitamentos temporaes")
- XIII *demandamento* S13 p. 192
- XIII *demostramêto* S13 p. 262
- XIV *derribamento*[s] D82, D126, D254, D315 / *derrubamento* D281
- XIII *desapoderamêto* S13 p. 262I
- XIII *desenbargamêto* S13 p. 166
- XV *desencarregamento* D360 ("comprimento de seu testamento e outras obras por bem e desencarregamento de conciencia do dicto senhor")
- XV *desenfadamento* K12, L6 / *desenfadamento* D12, D307 (cf. *enfadar* XIII; *desenfadar* XVI⁸⁷⁶; *enfadamento* XIII)
- XIII *desp(re)zamêto* S13 p. 197 / *desprezamento* D103, D251, D264
- XV *desvairamento* D345
- XIII *enbargamento* S13 p. 289
- XV *empachamento* D103 (cf. *empacho* XV)

⁸⁷⁶ Esta data, indicada em Cunha ([1982] 1987²), carece de rectificação. Provavelmente, a data mais correcta será XV.

XIII *emprazamêto*[s] S13 p. 202, A96, A97 / *emp(ra)zamento* S13 p. 209 / *emp(ra)zamêto* S13 p. 180, A97 / *emplazamento*[s] S13 pp. 60, 195 / *enp(ra)zamentos* S13 p. 192 / *enprazamêto* S13 p. 117 / *enprazamêto*[s] S13 pp. 97, 97 / *ẽprazamento* S13 p. 128 / *emplazam(en)to* A57, A58 / *emp(ra)zamêtos* A97 / *ẽp(r)azamêto*, A149 / *ẽp(ra)zamento* A153 / *ẽplazamêtos* A101, A102 / *demp(ra)zam(en)tos*, A144 / *dEnp(ra)zam(en)tos* A137 / *dEnp(ra)zamêto* A162 / *Enp(ra)zamêto* A163, A164 / *Enprazamêto* A77 / *ẽplazam(ẽ)tos* A52 / *enp(r)azam(en)to* A48 / *enp(r)azamêto* A47

XV *encaminhamento* D96, D235, D238, D292

XIV *Encãpamêto* A166

XIII *enfadamento*[s] D88, D89, D90, D101, D180 (cf. *enfado* XVII)

XIII *emlheamento*⁸⁷⁷ I26 ("E, sêdo ã çima da serra, a guia errou ho caminho e trazia a gente de hũ cabo pera outro, ate que foy açerca da menham. O comde, vemdo o emlheamento de sua guia, fez estar quedos os de cavallo e assy os de pee, e fez chamar allgũs que peramte elle na çidade fingiã muito que sabiã a terra, e preguntou-lhe pello caminho.")

XIII *ensinamento* S13 p. 172, D341 (cf. *ensino* XIV)

XV *envelhamento*⁸⁷⁸ D102 ("Envelhamento ou priguia") (cf. *envelhecer* XIII; *envelhecimento* 1899; *avelhantado* XVII)

XV *scoldrinamento*⁸⁷⁹ D225 (É boo juizo dos partidos da cousa que se faz per conselho, ca o dereito e boo scoldrinamento que se chama conselho dos meos e partes e conveem a boa fim da vida humanal")

XV *esgaravatamento* D242 ("e porem compre que, por muito clara que pareça, haver sobr'ela esgaravatamento de razom quanto o tempo e a cousa der vagar.")

XV *spaçamento* D102 ("Spaçamento dos bẽes que som pera fazer")

⁸⁷⁷ Este exemplo suscita-me dúvidas, pois nem o contexto me permite decidir se se trata de um derivado de *alhear* se de *enlear*.

⁸⁷⁸ Não encontrei registo do verbo *envelhentar*.

⁸⁷⁹ De *esculdrinha(r)* + *-mento*. Cf. Machado ([1952] 1977³) "*esquadrinhar*, lat. *scrutiniãre*; de *scrutiniãre*, saú primeiramente **escrudinhar* (...): d'aqui veio, por um lado, com metátese, *escudrinhar*, e por outro, com dissimulação incompleta, acompanhada também de metátese, **esculdinhar*; do cruzamento d'estes dois últimos verbos saú *esculdrinhar*".

XV *espalhamento*⁸⁸⁰ E14 ("Dizem, senhor, que vos comvyra de fazer despesas e espalhamento de gemtes por que vosso rregno pode rreçeber falleçimento e mingoa pera ho tempo da necessydade.")

XIV *esqueentamento* D187I

XIV *ẽxallçamento* E7

XV *exercitamento* D242 ("No exercitamento da prudencia som VIII reglas.")

XIII *fagaamẽto*⁸⁸¹ S13 p. 233 ("Qvando fillo ou outro h(er)deyro por rogo ou por fagaamẽto a sseu padre ou a sa madre ou a seu auoo tolher de faz(er) sa manda que queria faz(er) e faz lha faz(er) dout(ra) guysa, non deue auer pẽa qual manda a ley ca aquel deue au(er) pẽa que p(er) força embarga padre ou madre ou auoo que nõ faça mãda [...].")

XV *falamento[s]* D106, D179, D180, D265, D282, D287, D329, D352, D355, D358

XIII *finamento* D173, D360

XV *gabamento* D57 ("nos outros tempos sobeja presunçom, gabamento e vãa gloria")
(cf. *gabação* 1881; *gabolice* XX)

XIII *guyamẽto* S13 p. 181

XIII *herdamentos* S13 pp. 60, 61 / *herdamẽto[s]* S13 pp. 14, 60, 61, 62, 67, 68, 70, 101, 123, 125, A75, A77, H2, H8, H19, H23, H25, K9, K10, K12, K20, L4, L18, L21, L22, M25, N27, O1, O5, O9, O19, P19, Q13, Q20 / *h(er)damẽto[s]* S13 pp. 27, 29, 35, 62, 73, 81, 82, 85, 86, 94, 96, 100, 101, 102, 110, 114, 117, 124, 152, 153, 154, 195, 218, A52, A66, A78, A91 / *h(er)damento[s]* S13 pp. 60, 123, 124, 179, 217, 233 / *h(er)dam(ẽ)tos* A23 / *erdamento* S13 p. 129 / *erdamẽto* S13 pp. 31, 50, 124, 128, 129, 150, 151 / *e(r)damẽto* S13 pp. 103, 104 / *h(er)dam(en)t(os)* A68 / *h(er)dam(en)to* A65, A68, A81 / *h(er)dam(en)tos* A51, A54, A87, A118 / *h(er)damẽt(os)* A78 / *h(er)damẽto* A10, A17, A21, A66, A81 / *h(er)dametos* A91 / *erdamento* A32, A41 / *herdam(ẽ)to* A17 / *herdam(en)t(os)* A68 / *herdam(en)to* A71 / *herdam(en)tos* A64, A68, A69 / *herdamẽt(os)* A85 /

⁸⁸⁰ Cunha data o verbo *espalhar* de XVI, mas, tal como se transcreve abaixo, o verbo já ocorre no séc. XV: "E bem como se faz amtre a bamda das aves myudas, que se acostumã ajumtar nos tempos frios pera hyrẽ buscar seu governo as arvores frutyferas, que quamdo allgũa das aves que vivẽ de rrapina emtram amtr'ellas e as fazẽ espalhar, assy fezerõ os mouros naquella hora cõ a tornada d'Allvaro Memdez e dos outros que com elle heram."; cf. I11).

⁸⁸¹ O m.q. *afagamento*.

h(e)rdam(en)tos A51 / *h(erda)m(en)tos* A54 / *eix(er)damêto*⁸⁸² S13 pp. 31, 32 /
eyx(er)damêto S13 p. 32

XV *inchamento* D319

XIV *judgamento* D242

XIV *laydamêto*⁸⁸³ A27 ("s' e a fírida ã logo descuberto q(ue) seía laydamento ou de
nẽbro tolhe(i)to ou mínguado do corpo ou dos nẽbros nõ-no fara p(er) j´uramêto
mays proua-lo-ha") / *laydamento* A27

XV *legamento* D31 ("E, aalem desto o legamento na afeiçom das virtudes")

XV *leixamento* D8, D14, D71, D102, D105, D142, D148, D203, D247, D280, D333,
D334 ("Per a quarta usaremos de perfeita prudencia que é leixamento dos males
e pecados") / [*des*]leixamento D17 / [*de*]leixamento D176, D205, D228, D302,
D366

XV *lembramento* D99, D194 ("que o nom leixe pensar em cousa livremente sem haver
dele lembramento") / *nembramentos* D317 (cf. *lembrança* XV)

XV *logram(en)to* A137 ("En g(ui)sa q(ue) as d(i)tas casas seiã melhoradas (e) nõ
pioradas (sic) E deuẽnas a Alograr (e) Apossoír ã todo o d(i)to t(em)po (e)
Adubar aA sa custa como d(i)to he Por o qual logram(en)to os sobred(i)tos
Judeu (e) sa molher (e) pessoa deuẽ dar ã cada hũu ãno de penssom ao d(i)to
Conuêto dez (e) oito l(i)br(a)s.")

XIII *mandamento[s]* S13 pp. 175, 176, 177, 195, D8, D142, D166, D252 /
mandamêto[s] S13 pp. 178, 218, 258 / *mãdamêto* S13 p. 177 / *mandamemto* K17

XIII *marcamento* S13 p. 13 (cf. *marca* XIV)

XIII *melhoramêto[s]* S13 pp. 145, 153, A127, A163 / *meloramêtos* S13 p. 61 /
milhoram(en)tos A119 / *melhoramento* D80, D295

XIII *mingamêto* S13 p. 283 / *minguamento* D275 / *mymgoamemto* M16

XIV *mostramento* D76, D113 (cf. *mostrança* XV)

XIII *mudamêto* A55 / *mudamemtos* E12 / *mudamento[s]* D78, D108, D126, D199,
D347, D351, D356 // *demudamento* D75

⁸⁸² Cf. S13 p. 31: "& fazede guerra e paz por Rey d(e) Port(ugal). uos e todos,, successores,, uossos se
uos Rey de portugal nõ fez(er) mal ou força ou eix(er)damêto. E sse pela uẽtura uos ele fez(er) mal. ou
força. ou eix(er)dam(en)to á uos ou a uossos successores;".

⁸⁸³ Cf. A63 *leysar*, o m.q. *lesar* (em Cunha ([1982] 1987²), datado de 1813), do lat. *laedẽre* e *lesão* XIII,
lat..

XV *obramento* D250

XIII *ob(ri)gamêto* S13 p. 148 ("(e) en cada hũa delas. so ob(ri)gamêto. de todos. nos(os) bês. do d(i)to. Moesteyro."), A117, A132 / *ob(ri)gam(en)to* A137, A144 / *oblíglamêto* A9 / *obligamêto* A121 / *obrígamento* A29 ("De toda uenda de tanto por tanto por faz(er) fíadorja ou obrígamento qual quer q(ue) faça nõ som teudo de a defender. e assy sse guarda segundo he conteuda na ley.") (cf. *obrigação* XIV, lat)

XIII *onrramentos* S13 p. 177 (cf. *honra* XIII)

XIII *ordiamêto* S13 p. 181 / *ordinhamêto* A121

XIII *outorgamento* S13 p. 61, D360 / *outorgamêto* S13 pp. 16, 67, 68, 70, 71, 118, 250, 251, 256, 278, 287, A48, A87, A131, A135, A166 / *out(or)gamêto* S13 pp. 131, 132, 152, A84, A92, A103, A129, A148, A149 / *outurgamêto* S13 p. 287 / *houtorgamêto* S13 p. 68 / *out(or)gam(en)to* A61, A94, A122, A123, A136, A144, A145, A146, A151 / *out(or)gam(ento)* A96 / *hout(or)gamêto* A133 / *dout(or)gam(en)to* A123 / *outo(r)gam(en)to* A162 / *outo(r)gam(ento)* A161 / *outo(r)gamêto* A143 / *outorgam(ẽ)to* A47 (cf. *outorga* 1813)

XIII *pagamento[s]* S13 pp. 217, 253, D117

XIII *pasamêto* S13 p. 84 / *pasam(en)to* A161 / *passamento* D7, D11, D89

XIII *pensamento[s]* S13 p. 178, D10, D43, D44, D49, D61, D64, D66, D75, D80, D106, D120, D123, D125, D168, D185, D193, D238, D264, D272, D274, D304, D305, D334 / *pensamemto* K8 / *pemsamemto[s]* E26, F7, F15, G29, H11, K9, L25, P24

XV *percalçamento* D334, D373 ("per conhecimento de nossos poderes e paixões, percalçamento de bondades e virtudes") (cf. *percalço* XIV)

XV *quebramento* D166 ("podem empecer em pessoa, fama, bês ou quebramento de boo prazer ou vontade") (cf. *quebra* XV)

XIII *quebrantamento[s]* D22, D130, D266 (cf. *quebrantadura* XIV)

XV *razoamentos* D354 / *rrazoamemtos* L11 ("Soem os grandes príncipes, duques, capitães, senhores das ostes ter grande estudo nos rrazoamemtos que ham-de fazer a seus cavaleiros, plebeyos e comues, e perventura que muitos delles buscam rreitores e oradores que lhe ornẽ e afremosemtẽ suas pallavras")

XV *rrecompensamemto* E3

XV *rrecomtamemto* P9 ("Porque este vellume príncipallmente he emderençado aos feitos do comde dom Pedro, não nos pareceo sobejo o rrecomtamemto que

fazemos dallgũas cousas que espiçiallmête pertemçõe a elle") (cf. *contar* XIII; *recontar* XIV)

XIV *refreamento* D52

XV *remordamento*⁸⁸⁴ D332 (cf. *remorso* XV)

XV *repousamento* D65 (cf. *repouso* XVI)

XV *resguardamento* D71 ("nos poderemos bem sobrepoiar com resguardamento das perduravees cousas que ham de vïir")

XIII *roubamêto* S13 p. 271 (cf. *roubo* XIII)

XIII *sag(ra)mentos* S13 p. 179 / *sagramento[s]* D25 ("e aos outros insinar per palavra e boo exemplo e ministrar os sagramentos"), D27, D86, D135, D140, D165, D347 ("missa e mudamento do sagramento ao altar pequeno") / *sacramentos* D133, D332 (cf. *sagração* XIII)

XIII *salvamento* D47, D221, D295 / *sallvamento* L12

XIV *sobrepojamento* D93 / *sobrepujamento* M16

XIV *soltamento* D49, D106 (cf. *soltadura* XIII e *soltura* XIII)

XIV *temperamento* D240 / [*des*]temperamento D78 (cf. *temperança* XIV)

XIV *tiramento* D78

XV *torvamento* D303 (cf. *torvação* XV)

XV *trilhamento* D26 ("dos lavradores e pescadores (...), son chamados, aos quaes perteece em esto sempre continuadamente se ocupar, sendo muito relevados quanto mais se poder fazer de outro serviço e mao trilhamento, mas dar-lhes lugar favor pera tirarem, per seu trabalho, aqueles fruitos da terra e do mar em que todos nos governamos.")

b) 2.^a conj.: *abatimento* 1; *aborrecimento* 4; *acaecimento* 12; *acorrimento* 12; *adormecimento* 7; *atrevimento* 4; *cometimento* 16; *conhecimento* 2, 9, 11; *cozimento* 18; *crescimento* 9; *defendimento* 1, 11; *desprovemento* 2; *emprehendimento* 1; *enchimento* 4; *entendimento* 17; *escolhimento* 1; *esquecimento* 1; *estremecimento* 7; *fallecimento* 4; *fazimento* 7; *florescimento* 16; *nascimento* 11; *perdimento* 1, 9; *prazimento* 12; *prometimento* 9; *rendimento* 9; *satisfazimento* 11; *soffrimento* 8; *sucedimento* 1; *vencimento* 5

⁸⁸⁴ De *remorder*; o m.q. *remordimento* XV.

XV *abatimento[s]* F15, D12, D44, D55, D58, D59, D66, D232, D258, D269

XIV *acolhimento* O2

XV *acomteçimentos* F7 / *comteçimento* M16 / *acontecimento[s]* D40, D79, D88, D89, D147, D150, D151, D216, D223, D229, D268, D271, D273 / *acontecimento* D310

XIV *agradeçimento* N17 / *agradecimento* D61, D94 / [*des*]*agradecimento* D302

XV *amtrepoimento*⁸⁸⁵ M11 ("comtynuadamemte teveram guerra, sê nenhũ amtrepoimento de paz")

XV *aqueçimento[s]* E6, F5, F10, F20, G27, G28, H1, H12, I6, I13, K11, K12, K28, N1, O25, P24 / *acaçimento* I6

XV *ardimento* E22, F10, F17, M21 ("nê os judeus nã ficavã sem parte daquella gloria, caa, como elles som gemtes cujo animo se esforça muito sobre as cousas vêçidas, amdavã tam ferozes em aquelle dia, que aquello soomente ficava por descamso aos vêçedores, ve-llos postos naquelle ardimento comtra sua antiga natureza.") (cf. *ardedor* XIII; *ardor* XIV, lat.)

XIV *arrefecimento* D102, D107, D180

XIV *arrependimento* D84, D100

XIV *asoluymêto* A17 ("se m(e) alguẽ tẽ chamado e me asoluẽ e uẽ a outra p(ar)te e díz ca nã podiã ca foy enpeçado. p(er) c(ar)ta del Rey. e nã pode uí' r seguír o p(re)yto q(ue) sse nã p(ro)uar ca foy áá Justiça díze-lo q(ue) nã ualha o asoluymêto.") / *Ausoluymêtos* A83 (cf. *absolvição* XIV, lat.)

XIII *atrevimento* F4, F9, F10, G3, G17, G27, H5, H16, K21, K23 / *atrevimento* D32, D33, D143, D223, D227, D228, D249, D257, D273, D294, D340 / *atrivimento* D167

XV *avorrecimento* D32, D66, D88, D97, D98, D101, D167, D227, D254, D257, D270, D274, D277, D294, D338

XV *batimento* Q30

XIV *cometimento* N22 / *cometymemto* H16, Q1 / *comitimento* D179

XIII *compoymento* S13 p. 298 / *compoymêto* S13 p. 298 / *cõpoymento* S13 p. 189 / *cõpoymêto* S13 p. 298 ("Et se o vezão demandar Ao vezão Auer mouil. de fiador de nuçion; e nã de cõpoymêto. \$ Et se hom(e) d(e) fora parte d(e)mandar Au(er) mouil Ao vezão deuelj A dar fiador d(e) nuçiom; e d(e) compoymento.")

⁸⁸⁵ De *entrepôr* (*amtre*, *antre* e *ontre* são var. de *entre*).

- XIII (*con*)*plazimêto*⁸⁸⁶ S13 p. 101 / *cõplazimêto* S13 p. 113
- XIV *conheçimento* E2, G14, G20, G33, H3, H14, I18, K12, L28, M16, N21, N27, O10, Q9 / *conhecimemto* E3, E4, E5, E6, E7, E18, E20, E23 / *conhecimento* D7, D10, D32, D38, D42, D47, D54, D61, D75, D94, D108, D133, D142, D170, D171, D177, D179, D186, D187, D194, D196, D198, D199, D215, D216, D230, D236, D237, D248, D250, D260, D261, D262, D280, D284, D285, D288, D289, D304, D331, D333, D343, D373, D375
- XIV (*con*)*strêgimêto* S13 p. 101 / *cons/trêgimêto* S13 p. 67 / *constrangimento* D61, D203 / *costrangimento* D115, D286 / *cõstringimêto* A75 / *cost(re)ngim(en)to* A88 / *costrêgimêto* A90 / *cõest(r)inge(me)nto* A64 / *costrêgim(en)to* A50
- XV *contradizimento* D333 ("dizendo em caso que tal dúvida ou contradizimento da vontade sintamos")
- XV *convertimento* D154 ("convertimento de Sam Paulo que pera prender e atormentar os cristãos era enviado") / *covertimento* D140 (cf. *conversão* XV, lat.)
- XIII *difindemêto* S13 p. 1 / *deffendimêto* S13 p. 258, A78 / *d(e)fendimêto* S13 p. 85 / *defendim(en)to* A64 / *defendimento* D164, D265, D363
- XV *descorrimento*⁸⁸⁷ D50, D106, D308 ("aas vezes per descorrimento de cuidado do que vee")
- XIII *empeçimento* G18, G22 / *empeecimento* D25, D61, D68, D78, D79, D81, D84, D85, D91, D106, D157, D220, D272, D276, D277, D299
- XIV *emchimemto* M16
- XIII *entêdimêto* S13 pp. 30, 38 / *entendimento* S13 p. 174, D8, D10, D13, D15, D16, D17, D18, D19, D23, D35, D38, D39, D40, D42, D63, D187, D210, D244, D249, D255, D338 / *entendimêto[s]* S13 pp. 50, 172 / *entendim(en)to* A161 / *entemdimentto[s]* E13, E14, E21, E21, F5, F6, G1, G1, K11 / *êtdimemtos* G1 / *intendimento* D19, D206, D212, D217, D220, D227, D240, D241, D242, D249
- XV *scarnecimento*⁸⁸⁸ D187 / *scarnimento* D265
- XV *escolhymemto* E23 / *escolhimento* D100, D225, D226 ("que é dereitura de juizo ou d'escolhimento pera scolher das cousas achadas") / *scolhimento* D34, D35

⁸⁸⁶ Em Cunha ([1982] 1987²), *comprazer* XV.

⁸⁸⁷ Em Cunha ([1982] 1987²), o verbo é datado de 1572.

⁸⁸⁸ De *escarnir*, o m.q. *escarnecer*, XIII.

XIII *esqueçimemto* F18, N8 / *esqueecimento* D53, D307, D309 / *squeecimento* D105, D280

XIII *estabelecimêto* S13 p. 154 / *stab(e)licemêtos* S13 p. 181 / *stabellecementos* S13 p. 171

XV *falecimento[s]* D14, D35, D46, D53, D54, D60, D80, D284 / *falicimento[s]* D8, D11, D12, D47, D54, D58, D63, D76, D85, D86, D87, D90, D94, D96, D103, D106, D108, D111, D115, D116, D128, D129, D132, D133, D134, D136, D142, D146, D149, D160, D171, D175, D177, D179, D183, D194, D195, D196, D199, D200, D201, D235, D243, D244, D245, D257, D257, D258, D259, D260, D268, D275, D276, D277, D279, D285, D286, D287, D288, D289, D291, D300, D302, D303, D304, D308, D318, D351 / *falleçimemto[s]* E14, M28, O23 / *[des]falecimento[s]* D92, D93

XV *fazimento* D152 ("nom contradigo que aquelas cousas nom tenham algũa tal infruência em nacença, fazimento ou tempo em que se há delas senhorio")

XIV *inchimento* D366

XIV *manteemêto* A91 / *mãtjímêto* A127, A134 / *mãtjimêto* A99, A100 / *mantymemto[s]* G8, K7, L9, L13, L20, M13, M29, N16, N26, O4, O19, O25, P6, P7 / *mamtimemto[s]* E20, E23, G8, P1 / *mãtymemto* N17 / *mantiimento[s]* D10, D12, D32, D95, D132, D322, D325, D337, D373 / *mantimentos* D129

XIII *me(re)çimemto* A33 / *m(er)eçymêto* A10 / *mereçim(ê)to* A31 / *mereçimemto[s]* E15, E25, G12, H13, O24, O27, Q14 / *mericimento[s]* D94, D100, D109, D117, D120, D130, D140, D148, D149, D152, D156, D160, D170, D171, D175, D201, D230, D247, D249, D271, D274, D280, D312, D321, D366 / *merecimento[s]* D8, D28, D43, D45, D46, D128, D131, D132, D181, D354 / *[des]mericimento* D85, D113, D132 / *[des]mercimentos* D152

XIV *movimemto[s]* E12, E20, F1, F10, G29, G33, H25, L26, M17 / *movymemto* L12 / *movimento* D237, D254

XIV *naçimento* E10, N8, O5, P2, P3, P8, P16, P25, Q9, Q26, Q30 / *naçimento* Q29 / *nacimiento[s]* D33, D48, D50, D51, D71, D84, D136, D158, D213, D257

XV *ofendimento* D319 ("E porem merecem muito aqueles que som despenseiros fiees, os quaes sem ofendimento usam de sua despensom") (cf. *ofensa* XV)

XV *ofreçimemto* Q26

XIV *padeçimemtos* G21 / *padecimento[s]* D41, D71, D73, D80, D86, D90, D315

XV *perçebimento* Q18 / *perçibimento* G12 / *percebimento[s]* D14, D100, D107, D183, D215 / *percibimento* D216 / [*des*]*perçebimento* G11

XII *p(er)dimento* S13 p. 283 ("se alguẽ fez(er) algũa cousa q(ue) seya (contra) pessoa del rey ou p(er)dimento de seu reyno ou de mingamêto de seu senhorio") / *p(er)dimêto* S13 p. 284 / *perdimento* D22, D157 (cf. *perdição* XIII)

XIII *plazimêto* S13 p. 86 / *prazimento* D58, D171, D202 / [*des*]*prazimento* D128, D201

XIV *procedimento* D68

XIV *prometimento* D68 / *promitimento* D113 (cf. *promessa* XIII)

XIV *p(ro)ueemêto* A91 / *p(ro)uemêto* A91 / *provimemto* O18 / *provimento* D216 / *proviimento* D41, D115, D216, D344

XIII *recebimento* S13 p. 286 / *recebemêto* S13 pp. 204, 287 / *rreçebimento* F15, G15, H11, K12, P18 / *rrecebyemto* L24, N9 / *recebimento* D264

XV *rrecolhymemto* L26

XIII *recognocimêto*⁸⁸⁹ S13 p. 88 / *reconocimêto* S13 p. 97 / *reconhecimento* D282

XV *rrecreçimemto* G22

XIII *refazimêto* S13 p. 19

XIV *reprendimento* D99 (cf. *repreensão* XIV, lat.)

XIV *Req(ue)rimêto* A109 / *rrequerimento[s]* E3, E18, E20, G16, I16, I21, N5, Q30 / *requerimento[s]* D7, D9, D50, D116, D161, D219, D233, D272, D283, D329, D330, D356, D357, D362

XV *retiimento[s]* D72, D166 (cf. *retenção* XVI, lat.)

XIV *sofrimento* D251, D274

XV *sostimemto* M1 ("e que de hy em diamte ficasse sempre aos rreys de Grada, com certas cousas que lhe mais dava pera melhor sostimemto della.")

XIV *tangimento* D252

XIII *tolhimento* S13 p. 275

XV *trazimento* D283 ("os senhores som por seus sentidos mais derribados, seus servidores recebem males, perdas e mao trazimento.")

XIV *vemçimemto[s]* F5, L11, N28, P22, P22, P26 / *vencimento* D49

⁸⁸⁹ Em Cunha ([1982] 1987²), *reconhecer* XIV.

c) 3.^a conj.: *consentimento* 1; *cumprimento* 4; *descobrimento* 2; *expedimento* 7; *fallimento* 2; *ferimento* 9, 15; *produzimento* 11; *reduzimento* 11; *remimento* 11; *saimento* 15; *sentimento* 2, 16; *sortimento* 2

XV *adimentos* D7, D21, D240 ("consiirei que seria melhor feito em forma de ùu soo tractado com algũus adimentos.")

XV *astringimento*⁸⁹⁰ D334 ("do qual diz o Senhor que ali sera choro e astringimento de dentes.")

XIII (*con*)*primento*⁸⁹¹ S13 p. 289 / (*con*)*p(ri)mento* S13 p. 176 / *cõp(ri)mẽto* S13 p. 85, A90 / *comp(ri)mẽto* A128 / *comprimeto* D22, D35, D38, D40, D45, D46, D85, D128, D148, D157, D247, D287, D350, D360, D365, D375 / *comprimeto* N1, Q14 / *cõprimeto* H8

XV *consequimento*⁸⁹² D289

XIII (*con*)*sentimento[s]* S13 pp. 193, 199 / (*con*)*sentimẽto* S13 pp. 199, 218 / (*con*)*sentim(ento)* A158 / (*con*)*sentjm(en)to* A152 / *cõssentim(en)to* A68, A69 / *cõssentimeto* A134 / *Consentjm(en)to* A151 / *Consentjm(en)to* A152 / *comsentimemto* H11 / *comsentymemto* M21 / *lcõsemtymemto* O3 / *consentimento* D35, D44, D166, D188, D230, D264

XIV *corrigimento* S13 p. 32 ("E sse o ele q(ui)ser fazer recebede ende o corrigimento ou a enmẽda. e guardadely totalas (con)diçoes de suso d(i)c(t)as."), A27, A33, A34 / *corrigimẽto* S13 p. 45, A46 / *corrígim(ẽ)to* A12 / *corrígimẽto* A21, A27, A33 / *corrígimẽto* A21 / *corrígimẽtos* A27 / *corrigim(ẽ)to* A2, A6, A7 / *corrigimlento* A50 / *corregimemto[s]* G27, H24, H25, I25, K15, K16, Q24 / *corregimento[s]* D9, D26, D28, D33, D80, D81, D89, D90, D101, D149, D176, D233, D240, D254, D318, D344, D373

XIII *defalimento*⁸⁹³ S13 p. 215

XIII *d(e)p(ar)timẽto* S13 p. 238 / *departimento* D85

XV *descobrimento* D189

⁸⁹⁰ De *adstringir*, do lat., 'apertar muito, amarrar, encadear' (cf. Cunha [1982] 1987², autor que data o verbo com XVII).

⁸⁹¹ De *cumprir*, XIII, lat. (cf. Cunha [1982] 1987²).

⁸⁹² Em Cunha ([1982] 1987²), o verbo é datado do séc. XVI.

⁸⁹³ Cf. *falir* XIII, lat..

XIV *empedimento* G24, K33

XIV *enduzimêto* A130 / *enduzimento* D363

XIII *enquirimento*⁸⁹⁴ S13 p. 202

XIV *espargimento* E6, E26, F13, G15, K29, O8

XIV *espedimento*⁸⁹⁵ E25 ("Por çerto, aynda que eu quisesse, eu nom poderia escrever sem lagrimas a espidiçam que estas gemtes fezerão hũas das outras, caa, quando foy a ora daquella partyda, foy amtre elles hũ espedimento tam doroso, que não somente comovia os corações dos naturais e daquelles que eram presentes, mas aynda dallgũs allomgados a que se depois comtava per amtre meas pessoas.") / *spedimento* D180 (cf. *despedida* 1570)

XV *estorgimento*⁸⁹⁶ L1 ("E porque Gomçallo Vaz trabalhava como cûpria a tal homẽ, tamta foy a força da pelleja que cayo sobre o tilhado, omde muyto asynha fora morto se lhe hũ beesteyro nã lamçara hũ paves com que o cobrio. E quando a companha vio seu capitam derribado, rrefusou atras. Mas Gomçallo Vazquez, sendo fora daquelle estorgimento que rreçebera, assy da queda como dos golpes das pedras, levamtou-se com grande esforço e foy-se a poupa, e ãmendou suas armas")

XIV *falimento[s]* D234, D277, D280, D290, D360, D373

XV *fẽgimento* M12

XIII *fũm(en)to*⁸⁹⁷ S13 p. 8 ("E subre becio e sup(er) fũm(en)to, se ar q(u)iserdes ouir as desõras qve ante ihc fur(ũ), ar ouideas")

XV *fornymemto*⁸⁹⁸ G5 ("de que outros estoriadores se poderã aproveitar pera fornymemto de seus lyvros que nom tiveram tamtas cousas notaveis pera escrever.") / *fornimento* D17

XV *perseguinto* D73

⁸⁹⁴ De *inquirir* XIII, lat..

⁸⁹⁵ O m.q. *despedimento*, 1538.

⁸⁹⁶ Provavelmente de *estrugir* XVI. A ser assim, esta data avançada em Cunha ([1982] 1987²) carece de rectificação, autor para quem *estrugir* é de "etim. obsc.", com o mesmo significado de abalar, na acepção figurada de magoar.

⁸⁹⁷ Cf. Machado ([1952] 1977³), *fũr* lat., 'acabar, morrer'.

⁸⁹⁸ De *fornir*, XIV. Cf., em Cunha ([1982] 1987²), *fornecer* XIV e *fornecimento* 1813.

XV *possuimento* D40, D127, D330 ("sem razoado possuimento das virtudes (...) nom se poderá bem praticar")

XV *prosseguimento* D287, D375 / *prossiguimento* D242

1270 *remijmêto*⁸⁹⁹ S13 p. 98 / *rimêto* S13 p. 117 / *rímij'mêto* S13 p. 112 / *rremeymêto* S13 p. 19 / *remij'mêto* A52 / *rremij'mêto* A49

XIV *repartimento*⁹⁰⁰ D16, D309 (cf. *repartição* XV)

XV *rretraimemto* F15

XIV *seguimêto* N14 / *seguimento* D22, D80, D148, D214, D247, D250, D295, D333 / *siguimento* D247

2. LAT.:

alimento (lat.) 4; *detrimento* (lat.) 4; *documento* (lat.) 4, 11; *ferramenta* (lat.) 7, 9, 16; *fragmento* (lat.) 2, 4, 8; *fundamento* (lat.) 4; *instrumento* (lat.) 11; *ligamento* 4 (lat.); *monumento* (lat.) 11; *nutrimento* 2 (lat.); *ornamento* (lat.) 4; *sacramento* (lat.) 1; *testamento* (lat.) 4; *vestimenta* 7, 9, 16 (lat.)

XIII lat. *encantamentos* S13 p. 203

XIII lat. *firmam(en)tos*⁹⁰¹ S13 p. 7 ("E d(e)pois fecer(ũ) plazo nouo e cõuẽ uos a saber q(u)ale: in ille seem taes firmam(en)tos q(u)ales podedes saber")

XIII lat. *fundamento[s]* S13 p. 222, L8, D34, D35, D42, D47, D48, D49, D50, D53, D58, D64, D74, D73, D77, D79, D80, D83, D86, D90, D95, D101, D123, D140, D142, D146, D177, D179, D180, D186, D193, D195, D196, D205, D209, D216, D219, D228, D247, D249, D257, D295, D300, D303, D310, D332, D350, D351, D352, D353, D357, D374, D375 / *fundamêto* S13 p. 120 / *fundamemto* M28, N29 / *fundamemto* E2, E23I

XIII lat. *juramento[s]* S13 pp. 169, 295, 298 / *juramêto* S13 p. 147, A13, A27, A39, A50, A62, A120, A140 / *iuramento* S13 p. 212 / *iuramêto* S13 pp. 298, 299 / *úrramento* A30, A44 / *úrramêto* A16, A17, A30 / *j'uramento* A40, A41 /

⁸⁹⁹ De *remir* XIII, lat. O m.q. *remissão* (dos pecados).

⁹⁰⁰ Em Cunha ([1982] 1987²) o verbo faz-se acompanhar da data XV.

⁹⁰¹ Cf. Machado ([1952] 1977³), em que se dá uma outra acepção de firmamento, "lat. *firmamentu-*, «o que fortalece, apoio, esteio, suporte, escora; o firmamento; *ret.*», o ponto essencial»".

j'uramêto A27 / *Joramêto* A91 / *Juram(en)to* A98, A144 / *juramemto[s]* G13, Q25

XIII lat. *moymêto*⁹⁰² S13 pp. 280, 281 / *muymêto* S13 p. 281 / *muimento* D347 ("altar do muimento")

XIII lat. *ornamêtos* S13 p. 180 / *ornamemto* L11 / *ornamentos* D344

XIV lat. *rregimemto* E22 / *regimento[s]* D7, D9, D30, D50, D80, D86, D87, D116, D123, D126, D127, D128, D129, D131, D150, D153, D184, D195, D203, D206, D209, D210, D226, D232, D234, D246, D258, D268, D283, D301, D305, D330, D331, D342, D354, D356, D367, D368, D369, D370, D373, D374, D374-375, D375

XIII lat. *sac(ra)mentos* S13 p. 173 / *sacramentos* Q29

XV lat. *semtymemto* E25, F5, F19, G17, G18, M25 / *semtimemto* H10, H19, H21 / *sêtimemto* O10 / *sentimento[s]* D58, D73, D75, D76, D78, D79, D82, D86, D89, D97, D99, D101, D161, D171, D192, D194, D195, D205, D269, D275, D276, D279, D283, D293, D294, D294, D297, D300, D301, D308, D309, D310, D353, D355 / *sintimento* D333

XIII lat. *testamento* S13 p. 168, A57, A60, D360 / *testamêto[s]* S13 pp. 27, 28, 29, 88, 90, A46, A60, A80, A81, A83, A84, A85, A140, A141, A161, A162 / *testamentos* A60 / *testam(en)tos* S13 p. 4 / *testamemtos* E26 / *tesstam(en)to* A162 / *tesstamêto* A162 / *Testamêteto* A141

XIII lat. *tormento* D162, D363

3. Empréstimos: *abilhamento* 2 (fr. ou prov.⁹⁰³); *parlamento* 2 (do ing., pelo fr.); *pronunciamento*⁹⁰⁴ 7 (cast.).

⁹⁰² Cf. Machado ([1952] 1977³), onde é dada a indicação que *muimento*, o m.q. *moimento* "do lat. *monimentu-*, var. de *monumentu-* (...). São formas entradas por via popular; geralmente significavam: «sepultura, túmulo, qualquer monumento sepulcral», XIII".

⁹⁰³ Em Cunha ([1982] 1987²), do "fr. ant. (*h*)*abillement*, ou do prov. *abilhamen*, XVI.

⁹⁰⁴ Em *pronunciamento* (1858, cast.) houve uma especialização de sentido. Enquanto *pronunicação* (XVI, lat.) significa 'acto, efeito ou modo de pronunciar', *pronunciamento* tem a acepção de 'acto de se pronunciar colectivamente contra qualquer autoridade ou medida por ela tomada; sublevação; revolta' (cf. PE). Neste par, excepcionalmente, o termo menos marcado é o derivado em *-ção*, mas há que ter em conta o facto de *pronunciamento* ser um empréstimo.

De acordo com Teophilo Braga (1876: 36), o sufixo *-mento*, "derivado do latim *mentum*", designa 'meio, instrumento, coisa que serve para um fim', classificando-o, quer como sufixo que serve para formar "substantivos tirados do verbo" (Braga, 1876: 42), quer como sufixo que serve para dar origem a substantivos a partir de adjectivos (Braga, 1876: 39)⁹⁰⁶. Para além de indicar a etimologia, o semanticismo e o tipo de bases seleccionadas pelo sufixo, o autor afirma que uma grande parte dos derivados "que hoje têm o suffixo em *ão*, tinham no seculo XV o suffixo em *mento*", i.e., *-mento* terá sido suplantado, nalguns casos, por *-ção* (*-ão*, para o gramático), como por exemplo em *perdição* e *salvação* (outrora *perdimento* e *salvamento*).

Segundo Carl von Reinhardstoettner (1878: 133), *-mento*, "do lat. *mentum*", junta-se ao radical dos verbos ("com VT *a, i*") para formar substantivos, sendo muitos deles transmitidos pelo latim, enquanto outros foram formados em português.

Manuel P. Silva Jr. e Lameira Andrade ([1887] 1913⁴: 348) fazem remontar a origem etimológica de *-mento* ao latim "*mentum*, de *minere*" e consideram que este sufixo significa "acção, resultado", não deixando de apontar que muitos derivados em *-mento* nos foram transmitidos pelo latim (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 348-349) e que, tal como em latim, o derivado forma-se a partir "do presente do Indicativo (*testamento*, *documento*), ou do supino (*detrimento*, *fragmento*). No 1º caso indica o resultado; no 2º, a acção" (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913⁴: 349).

Entre outros aspectos, Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹: 211-212) salienta a "colisão" de *-mento* "com o suff. *-ção*, que tem o mesmo valor funcional, donde algumas fórmulas duplas". Pereira ([1916] 1935⁹: 212) não deixa também de apontar a progressiva perda de disponibilidade do sufixo *-mento*, afirmando que este "era mais productivo no v. port., e vae perdendo terreno deante de *-ção*", opinião completamente contrária à de Mota ([1916] 1937⁸), para quem *-mento* "é suffixo rico em criações novas

⁹⁰⁵ No texto ocorre na aceção de conversas.

⁹⁰⁶ De todos os autores estudados, Braga (1876: 42) é o único a referir a possibilidade de *-mento* dar origem a nominalizações deadjectivais, como em *contentamento* e *sacramento*. Todavia, a opinião do autor carece de razão: o primeiro destes derivados é analisado como o produto da junção do sufixo *-mento* ao tema verbal, enquanto *sacramento* chegou até nós através da forma latina *sacramentu-*.

e se une a *themas verbaes*, como em latim, para dar origem a substantivos abstractos" (Mota [1916] 1937⁸: 72). No entanto, no seguimento de Pereira ([1916] 1935⁹), também Nunes ([1919] 1989⁹) reconhece que a "força criadora" de *-mento* "é hoje menor que na antiga língua, tendo sido por vezes substituído pelo antecedente [-*ção*], de que é sinónimo" (Nunes [1919] 1989⁹: 373).

Tanto Pereira ([1916] 1935⁹: 212) como José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 373) referem a "forma feminina" do sufixo, i.e., *-menta*, que forma nomes com uma acepção colectiva, como *ferramenta*, *vestimenta*, etc..

A propósito das "Modificações sofridas pelos radicais", Nunes ([1919] 1989⁹: 365), assinala que aquando da junção dos sufixos se verificam por vezes alomorfas (na terminologia do autor "fenómenos de natureza fonética") e, nos casos em que o sufixo se junta a "radicais" em *-e*, esta vogal muda para *-i*, como em *prometimento* e *conhecimento*, resultantes da junção de *-mento* a *promete(r)* e *conhece(r)*.

De todos os gramáticos em questão, Manuel Said Ali ([1931] 1964³) é o que mais demorada e minuciosamente se detém no sufixo *-mento*, analisando-o sob vários aspectos, nomeadamente os seguintes: 1) *-mento* junta-se a temas verbais, dando origem a nomes abstractos que indicam a acção⁹⁰⁷; formas como *documento*, *instrumento* e *monumento*, por exemplo, são nomes concretos que não podem ser decomponíveis em tema verbal + *-mento*, pois "vieram com sentido especializado do latim para o português, desamparados dos verbos que lhes deram origem e que se extinguiram com a língua-mãe⁹⁰⁸" (Ali [1931] 1964³: 240); 2) *-mento* era em português antigo um sufixo com "notável facilidade" para criar substantivos abstractos, circunstância que, inclusive, pode ser apontada como um "dos traços característicos da linguagem escrita daquela época; mas quando começa a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso de muitos dos ditos vocábulos" (Ali ([1931] 1964³: 240); 3) o facto de muitos dos vocábulos em *-mento* terem caído em desuso, sendo substituídos por derivados em que ocorrem outros sufixos, sobretudo *-ção*, não impediu, no entanto, a perda de

⁹⁰⁷ Ali ([1931] 1964³: 240) ressalva que "se entre os nomes assim formados alguns há com sentido concreto, é que o vocábulo com que a princípio se designava o ato foi posteriormente aplicado para denominar o meio ou o produto".

⁹⁰⁸ Ali ([1931] 1964³: 240) dá como exemplo *instrumento*, o qual, segundo o autor, "aplicado a objetos concretos, usa-se em português como nas demais línguas românicas, como se não tivesse nenhuma conexão com *instruere*, *instruir*, de que se derivou *instrução* como nome abstrato. Só em linguagem jurídica é que o termo *instrumento* nos recorda ainda a significação primitiva (*público instrumento*, etc.)".

disponibilidade do sufixo *-mento*, o qual continuou a contribuir para "várias criações novas" (Ali [1931] 1964³: 241).

Joseph Huber ([1933] 1986: 275) e Francisco M. Sequeira (1938b: 98), o qual lista conjuntamente *-mento* e *-ção*, limitam-se a registar que *-mento* forma substantivos abstractos deverbais e dão exemplos dos mesmos, cingindo-se a derivados já formados em português. O mesmo não acontece em Ismael L. Coutinho (1938: 60), gramático que não destringe as diferentes significações de *-mento* e *-menta*, os quais, na sua opinião, "dão formação a substantivos, exprimindo ação ou resultado dela, aglomeração, instrumento, objeto: *casamento, andamento, sentimento, florescimento; ferramenta, vestimenta*" (Coutinho, 1938: 60). À semelhança de Nunes ([1919] 1989⁹: 365), Coutinho (1938: 60) exemplifica os casos de modificação dos "radicais" terminados em *-e*, em que *-e* passa a *-i*, ao dar-se a junção de um sufixo iniciado por consoante, como por exemplo *-mento*, em *cometimento*.

Para Carolina M. Vasconcellos ([1946] s.d.: 59), *-mento*, a par de *-ção*, *-dor*, *-dura*, *-doiro*, *-vel*, *-eiro*, *-ário*, *adío*, *-adiço* e *-ura* e respectivas variantes, são sufixos "fecundos, móveis, produtivos, activos".

Mattoso Câmara Jr. (1975: 224), de entre os sufixos que se juntam a verbos para formar "substantivos abstractos de ação", destaca *-ment(o)*, *-ção* e *-dur(a)*, acrescentando, todavia que um nome deverbal pode ser regressivo, não pressupondo, portanto, a junção de um sufixo.

De seguida, tecerei alguns comentários aos dados fornecidos pelos gramáticos históricos, agrupando-os em dois conjuntos. O primeiro conjunto contém os derivados em *-mento* apresentados em 1. (alíneas a), b) e c), num total de 89 formações), em que nitidamente é possível identificar a junção do sufixo ao tema (são formas transparentes) para dar origem a nomes [+ abstractos], designando 'acto ou efeito de'.

Nos derivados do primeiro grupo, os mais antigos registados por Cunha ([1982] 1986²) e Machado ([1952] 1977³) são, por ordem decrescente:

a) séc. XIII: *acorrimento* 12, *atrevimento* 4, *casamento* 12, 15, 16, *consentimento* 1, *cumprimento* 4, *defendimento* 1, 11, *desprezamento* 11, *ensinamento* 11, *entendimento* 17, *enterramento* 7, *esquecimento* 1, *herdamento* 12⁹⁰⁹, *mandamento*

⁹⁰⁹ Huber ([1933] 1986: 275) aponta para esta forma a data de 1192.

9, *mudamento* 11, *outorgamento* 9, *passamento* 1, 7, *pensamento* 2, *perdimento* 1, 9, *prazimento* 12⁹¹⁰, *remimento* 11, *salvamento* 1, 9;

b) séc. XIV: *adiantamento* 1; *andamento* 2, 7, 15; *avysamento* 11; *conocemento* / *conhecimento* 2, 9, 11 (1500); *contentamento* 1, 2, 4, 7; *creçemento* / *crescimento* 9 (século XVI); *duramento* 11; *enchimento* 4; *fallimento* 2; *judgamento* 18; *mostramento* 11; *nascimento* 11; *prometimento* 9; *reparamento* 12; *soltamento* 11; *vencimento* 5;

c) séc. XV: *aballamento* 11; *abatimento* 1; *acaecimento* 12 / *acontecimento*; *aborrecimento* 4; *cometimento* 16; *cozimento* 18; °*curamento* 11, *escolhimento* 1, *fallamento* 11; *fallecimento* 4; °*fazimento* 7, °*lembramento* 11, *quebramento* 4; *repousamento* 11; *sentimento* 2, 16; *sucedimento* 1; *tiramento* 11;

d) séc. XVI: *atrazamento* 1; *cumprimento* 4; *descobrimento* 2⁹¹¹, *deslumbramento* 7; *estremecimento* 7; *ferimento* 9, 15; *incitamento* 1; *saimento* 15; *soffrimento* 8;

e) séc. XVII: *adormecimento* 7; *armamento* 7, 17;

f) séc. XIX: *agrupamento* 7; *deslocamento* 7; *doutoramento* 1, 15; *emperramento* 2; *emprehendimento* 1; *esbanjamento* 7; *rebaixamento* 8; *rendimento* 9; *sortimento* 2;

g) formas não dicionarizadas, sendo unicamente possível datar os verbos a partir dos quais se formaram: °*atrazamento* 1 (*atrasar*, XVI); °*contrariamento* 11 (*contrariar*, XIII); °*criamento* 4 (*criar*, XIII, lat.); *criação* (XIII); °*descoramento* 2 (*descorar*, XVI); °*gastamento* 11 (*gastar*, XIII); °*produzimento* 11 (*produzir*, XVI, lat.); °*reduzimento* 11 (*reduzer*, XIV / *reduzir*, XV, lat.) e °*satisfazimento* 11 (*satisfazer*, XIV).

A datação revela-se importante, na medida em que nos permite verificar dois aspectos: 1) nos casos em que outros sufixos concorrem com *-mento*, muitas vezes, a junção de *-mento* é cronologicamente anterior e 2) as formas em *-mento* foram tendencialmente substituídas por derivados regressivos, como se pode observar na listagem seguinte, em que contraponho os derivados em *-mento* com outros derivados que partilham a mesma base, com formas regressivas e com formas [+lat]:

a) *-mento* / *-ção*:

⁹¹⁰ Segundo Huber ([1933] 1986: 275), a primeira atestação é de 1269. Em Cunha ([1982] 1987²), XIV.

⁹¹¹ Machado ([1952] 1977³) remete a ocorrência da forma para antes de 1517, em Cunha surge a data de 1813.

deslocamento 7 (1899) / *deslocação* (1813); *duramento* 11 (XIV) / *duração* (XV); *incitamento* 1 (XVI) / *incitação* (XVII); *perdimento* (XIII) / *perdiçon* / *perdição* (XIII); *°produzimento* 11 / *produção* (XVIII);

b) *–mento* / *–nça* e *–mento* / *–ncia*:

ensinamento 11 (XIII) / *ensinança* (XIV); *lembramento* 11 (XV) / *lembrança* (XV); *mostramento* 11 (XIV) / *mostrança* (XV); *mudamento* 11 (XIII) / *mudança* (XIV); *fallimento* 2 (XIV) / *falência* (XV);

c) *–mento* / *–agem*: *tiramento* 11 (XV) / *tiragem* (1858);

d) *–mento* / *–ão*: *estremecimento* 7 (XVI) / *estremeção* (1874);

e) *–mento* / *–dura*: *cozimento* 18 (XV) / *cozedura* (1813);

f) *–mento* / formas regressivas:

aballamento 11 (XV) / *abalo* (1562); *°atrazamento* 1 (XVI) / *atraso* (1830); *avysamento* 11 (XIV) / *aviso* (1572); *curamento* 11 (XV) / *cura* (XIII); *desprezamento* 11 (XIII) / *desprezo* (XIII); *enterramento* 7 (XIII) / *enterro* (XVII); *escolhimento* 1 (XV) / *escolha* (XVII); *fallamento* (XV) / *fala* (XIII); *°gastamento* 11 / *gasto* (XV); *outorgamento* 9 (XIII) / *outorga* (1813); *perdimento* 1, 9 (XIII) / *perda* (XIII); *quebramento* 4 (XV) / *quebra* (XV); *repousamento* 11 (XV) / *repouso* (XVI);

g) *–mento* / formas [+ lat]:

°contrariamento 11 / *contrariedade* (XIV, lat.); *°criamento* 4 / *criação* (XIII, lat.); *°expedimento* 7 / *expedição* (XVI, lat.); *perdimento* 1, 9 / *perdição* (XIII, lat.); *°reduzimento* 11 / *redução* (XVI, lat.); *remimento* (XIII) 11 / *remissão* (XIII, lat.); *reparamento* 12 (XIV) / *reparação* (XV, lat.); *salvamento* 1, 9 (XIII) / *salvação* (XIII, lat.); *°satisfazimento* 11 / *satisfação* (XIV, lat.);

Sem querer, deliberadamente, socorrer-me de estatísticas, limito-me a apresentar uma leitura (simples, e quiçá simplista) dos resultados, dado que uma das minhas preocupações é aferir em que medida os gramáticos históricos têm ou não razão, ao referirem que *–mento*, outrora muito frequente, perdeu disponibilidade, sobretudo em detrimento de *–ção*. Assim, verificamos que: das quatro co-ocorrências *–mento* / *–ção*, dois derivados em *–mento* são anteriores, um não está dicionarizado e num caso os derivados em *–mento* e em *–ção* têm a mesma data (séc. XIII); das quatro co-

ocorrências *-mento* / *-nça*, três derivados em *-mento* são anteriores; nas co-ocorrências *-mento* / *-agem*, *-mento* / *-ão*, *-mento* / *-ncia* e *-mento* / *-dura*, todos os derivados em *-mento* são anteriores; nas quinze co-ocorrências *-mento* / formas regressivas, sete derivados em *-mento* são anteriores, em quatro casos a data é a mesma, três derivados em *-mento* têm uma data posterior e um derivado em *-mento* não está dicionarizado; por fim, nas co-ocorrências *-mento* / formas [+lat], seis derivados em *-mento* não se encontram dicionarizados, em dois casos temos a mesma data e num caso o derivado em *-mento* é anterior.

Como conclusão, observa-se, pois, que, maioritariamente, os derivados em *-mento* têm uma atestação mais recuada, corroborando, desta feita, a opinião expressa pelos gramáticos históricos, mas, contrariamente ao que seria esperável, os dados não nos permitem afirmar que *-mento* perdeu disponibilidade e que foi tendencialmente substituído por *-ção*: nas co-ocorrências *-mento* / formas [+lat], excepto *°contrariamento* 11 / *contrariedade* (XIV, lat.), todas as outras terminam em *-ção* / *-são*. Ora, tal como assinalo na descrição de *-ção*, não se pode confundir produtividade com o número de ocorrências e só se pode falar em produtividade se estivermos a comparar dados comparáveis, o que significa que, neste caso, não podemos comparar derivados em *-mento* formados em português com formas em *-ção* / *-são* [+lat], sendo necessário não confundir derivados em *-ção* com formas terminadas em *-ção*. Quando muito podemos dizer que os derivados em *-mento* foram suplantados por formas regressivas e por formas [+lat]. Contudo, mesmo reconhecendo a menor rentabilidade de *-mento*, não podemos considerá-lo indisponível. Aliás, a questão da maior ou menor produtividade de um determinado afixo ou processo e a definição do próprio conceito não são pacíficas. Como referi no capítulo 3, quando Aronoff (1976, cap. 3) discute o termo produtividade, tendo por objectivo a distinção entre regras de formação de palavras (RFP⁹¹²) produtivas e não produtivas, adverte para o facto de, quando se fala em produtividade, não nos podermos limitar a contar o número de formas geradas por determinada RFP, pois isso nada nos revela acerca das restrições das bases⁹¹³. Outro aspecto importante realçado por Aronoff (1976: 38) é a "coerência" das RFP: "a WFR is coherent when the words formed by that rule adhere closely to the meaning assigned to them by the semantic function of the rule", i.e., uma RFP é coerente na medida em que

⁹¹² Em ing., WFR (Word Formation Rule).

⁹¹³ Cf. Aronoff e Anshen (1998: 245), onde são discutidos os conceitos de frequência e produtividade.

o significado de uma palavra formada por essa regra é preditível, existindo, deste modo, uma ligação entre a coerência semântica e a produtividade. Nesta acepção, não se pode, pois, dizer que *-mento* não é produtivo e pode-se acrescentar, para reforçar a produtividade do sufixo, o facto de, nos derivados em *-mento*, a identificação do afixo e da base, a determinação do tipo de bases a que o afixo se junta e a previsibilidade da significação dos derivados em que participa poderem ser efectuadas com precisão.

A provar que o sufixo continua disponível em português para formar nomes abstractos deverbais, temos, por exemplo: *anquilosamento*, *centramento* (o m.q. narcisismo), *questionamento*, *parqueamento*⁹¹⁴, etc.

De registar, igualmente, a extensão semântica sofrida por algumas formas em *-mento*, como por exemplo, *aldeamento* (empreendimento turístico), *empacotamento* (de salários), etc. Sobre o carácter não absoluto do binómio nomes concretos – nomes abstractos, veja-se por exemplo Correia (2002: 100-101) e Rio-Torto (2002: 457), afirmando esta última autora que esse carácter se revela "através de fenómenos, por demais conhecidos, de transcategorização do abstracto em concreto e vice-versa"⁹¹⁵.

O segundo grupo que delimitei é constituído pelas formas eruditas herdadas do latim, palavras que devem ser consideradas simples e não derivadas, i.e., estas palavras não podem ser analisadas como o produto da junção de *-mento* ao tema verbal: *alimento* 4 (lat. *alīmentum*), *detrimento* 4 (lat. *dētrīmentum*), *documento* 4, 11 (lat. *documentum*), *ferramenta* 7, 9, 16 (lat. *ferramenta*, pl. de *ferramentum*), *fragmento* 2, 4, 8 (lat. *fragmentum*), *fundamento* 4 (lat. *fundamentum*), *instrumento* 11 (lat. *īnstrūmentum*), *monumento* 11 (lat. *monumentum*), *ornamento* 4 (lat. *ōrnāmentum*), *sacramento* 1 (lat. *sacrāmēntum*), *testamento* 4 (lat. *tēstāmēntum*), *vestimenta* 7, 9, 16 (lat. *vestimenta*, pl.

⁹¹⁴ In, respectivamente, *Semanário*, 30-1-88, p. 7; *Revista do Expresso*, 20-10-84, p. 20; *Revista Máxima*, Outubro de 1988, p. 38 e *Revista Exame*, 1-6-85, p. 19.

⁹¹⁵ No seu artigo de 2002, Rio-Torto estuda dois subconjuntos de nominais derivados que podem ser marcados pelo traço [+abstracto], i.e., os "nomina qualitatis", "nomina essendi" ou essivos, tipicamente deadjectivais (nomes formados por *-idade* e *-eza*, por exemplo) e os "nomina actionis", deverbais (nomes formados com *-mento*, *-nça* e *-ção*, por exemplo). Os primeiros caracterizam-se por serem "tipicamente não numeráveis e não quantificáveis" (Rio-Torto, 2002: 460), enquanto os "deverbais, ao contrário dos essivos no seu uso matricial, designam grandezas que podem ser encaradas como descontínuas e discretas, o que explica o seu comportamento como nomes contáveis. Muitos deverbais são, assim, pluralizáveis" (Rio-Torto, 2002: 464).

de *věstīměntum*). De salientar que alguns destes nomes (os que se encontram sublinhados), após a sua entrada no português, deram origem a verbos da primeira conjugação, os quais por sua vez, foram posteriormente nominalizados através da junção de *-ção*.

Pode considerar-se que:

1. por ser sufixo que se inicia por consoante, *-mento* não desencadeia truncamentos da base, juntando-se imediatamente ao tema verbal, como já havia sido assinalado por José J. Nunes ([1919] 1989⁹: 365) e Ismael L. Coutinho (1938: 60). Para estes gramáticos, ao dar-se a junção do sufixo a um TV da 2^a conjugação, a VT eleva-se e passa a [i], como por exemplo em *abatimento* 1 e *aborrecimento* 4⁹¹⁶, opinião com a qual estou em sintonia.

Sendo assim, parece-me que a proposta de Villalva (2000: 133), segundo a qual os derivados em *-mento*, bem como os derivados em *-ção* e os formados com o sufixo adjectival *-vel*, têm como forma de base as formas do Particípio Passado, uma vez que a VT /e/ ocorre como [i], não é razoável e não se coaduna com alguns exemplos dos textos que utilizei para controlo dos dados. Cf., por exemplo, os derivados do século XIII *difindemêto*, *stabellecimentos* / *stab(e)licemêtos* e *recebemêto*, onde podemos verificar que a junção de *-mento* se dá ao TV, sem alteração da VT /e/. Além disso, ao discutir a mudança *-udo* > *-ido* nas formas de particípio passado em português, Brocardo (2002) começa por referir que "um dos traços geralmente apontado como característico dos textos portugueses dos séculos XIII e XIV é a ocorrência de formas de particípio passado de verbos de vogal temática *e* (Vte) com a terminação *-udo*" e não *-ido*⁹¹⁷.

2. na maior parte dos casos, os derivados em *-mento* indicam a realização abstracta do processo expresso pela base, razão que contribui para que *-mento* seja comumente apontado como sufixo não marcado, e sugerem um valor perfectivo,

⁹¹⁶ Piel (1940a: 228) refere que "quanto à circunstância de já não se distinguirem hoje os temas em *e-* dos em *i-*, deve explicar-se certamente pela evolução do *e* átono para *i*. É natural que um primitivo **falecemento* adopte com facilidade a pronúncia *falecimento*, que aliás pode também ser devida à dissimilação".

⁹¹⁷ Veja-se ainda Huber ([1933] 1986), gramático que afirma que "no CD [*Cancioneiro d'el Rei D. Denis*, ed. de Lang] não se encontra nenhum particípio em *-ido* para a 2.^a conjugação. Mais tarde, o *-ido* da 3.^a conjug. substituiu *-udo* nos verbos da 2.^a conjug., de maneira que no portug. mod. os verbos em *-er* só têm um particípio em *-ido*."

contrastando neste aspecto com os derivados em *-agem* ('actividade em curso') e *-ura* (sufixo que expressa, normalmente a 'extensão do efeito da acção'), pelo que, nesta medida, *-mento* pode ser caracterizado pela sua indiferenciação (não tem, por exemplo, conotações pejorativas) e pouca especificação. Daí que as acepções de *-mento* indicadas em Cunha ([1982] 1986²) e em Cunha e Cintra ([1984] 1989⁶: 99) — a) acção ou resultado dela (*acolhimento, ferimento*); b) instrumento da acção (*ornamento, instrumento*); c) noção colectiva (*armamento, fardamento*) — acepções presentes em Piel (1940a: 227), mas referentes ao latim *-mentum*⁹¹⁸ — careçam de alguns esclarecimentos. *Ornamento* e *instrumento* foram herdados, como sabemos, do latim com as acepções que hoje possuem e quanto aos exemplos fornecidos na terceira acepção parece-me verosímil que ao entrarem por empréstimo no português, provavelmente oriundos do francês, já fossem portadores de extensão semântica, ainda mais se os confrontarmos com *armação* (XIV) e *fardagem* (XV), que designam o 'acto ou efeito de', muito anteriores a *armamento*⁹¹⁹ (XVIII) e *fardamento* (1813).

O sufixo *-mento* em português confere aos derivados uma única acepção, forma derivados nominais abstractos [-feminino] que designam 'acto ou efeito de' e junta-se imediata e exclusivamente a temas verbais.

Os derivados em *-mento*, embora do ponto de vista da significação apresentem diferenças relativamente às bases, estão intimamente relacionados com elas, ou seja, o significado destes derivados é previsível e transparente.

3. uma outra questão prende-se com o facto de os derivados em *-mento* restringirem a junção do sufixo adjectival *-al*, não sendo, deste modo, correcto dizer que *-mento* participa da recursividade sufixal. Só as formas em *-mento* herdadas do latim (as listadas no segundo grupo) permitem a adjectivação denominal, contrariamente às formas que derivam de um verbo com existência autónoma, as quais bloqueiam a junção de outro sufixo derivacional, como se pode observar, por exemplo, em *discernimento* / **discernimental* e *ornamento* / *ornamental* (cf. Aronoff, 1976: 53-54).

⁹¹⁸ Para Piel (1940a: 227), "em latim a função de *-mentum* era essencialmente resultativa: SPUTAMENTUM «cuspo», instrumental: SPIRA-MENTUM «respiradouro», ou colectiva: CALCEA-MENTUM «calçado». Esta última ideia é hoje expressa pela forma feminina *-menta*, que remonta ao neutro do plural latino: *ferramenta*. -MENTUM adoptou pouco a pouco um significado mais geral e mais abstracto, e é este que predomina no latim dos padres da igreja, e actualmente nas línguas românicas".

⁹¹⁹ Em francês, *armement* começou por designar, no século XIII, "action d'armer, de donner des armes" e só mais tarde, por metonímia, viria a designar "ensemble des moyens offensifs et défensifs dont dispose un soldat, une unité, un pays, etc." (cf. *Trésor de la langue française*, pp. 505-506).

4. por último, segundo Varela (1996: 34), *-mento* é um dos sufixos, a par de *-ção* e de *-da*, que também formam nomes de acção, "que heredan la estructura argumental del verbo base y que no aportan argumentos nuevos", contrariamente, por exemplo, a *-iza(r)*, sufixo causativo, e *-vel* que provoca a perda do sujeito agente do predicado da base.

Os derivados em *-mento* extraídos dos textos não contraditam o que foi dito relativamente aos dados das gramáticas históricas, quer no que concerne aos aspectos formais, quer semânticos, permitindo-nos, ainda, concluir pela enorme disponibilidade de *-mento* durante os séculos XIII, XIV e XV, o qual, teoricamente, tinha a possibilidade de nominalizar qualquer verbo para formar derivados com a acepção de 'acto ou efeito de'.

De seguida, assinalo os derivados em *-mento* que, em número considerável, não se encontram dicionarizados em (Cunha [1982] 1987²) e os que aí são datados com uma data posterior:

a) derivados não dicionarizados: XV *acertamento*[s] D77, D215; XV *acordamento* D196; XV *adimentos* D7, D21, D240; XV *aguardamento* D249; XV *antrepoimemto* M11; XV *ardimemto* E22, F10, F17, G27, M21; XIV *asoluymêto* A17 / *Ausolujmêtos* A83; XV *astringimento* D334; XV *avançamentos* D41; XV *avessamento* D119; XIV *auōdamêto* A141; XV *britamento*[s] D122, D266; XV *cativamento* D195; XV *çegamento* E17; XIV *chamamento* A24, A50 / *chalmalmêto* A24 / *chamamêto* A13, A59; XV *comprometimento* D68; XIV *(con)danamêto* A41; XV *conselhamento* D242; XV *contradizimento* D333; XV *contrariamento* D23; XV *convertimento* D154 / *covertimento* D140; XIV *corrígím(ê)to* A12 / *corrígímêto* A21, A27, A33 / *corrígimêto* A21 / *corrígimêtos* A27 / *corrigim(ê)to* A2, A6, A7 / *corrigimlento* A50 / *corrigimêto* A46 / *corrigimento* A27, A33, A34 / *corregimemto*[s] G27, H24, H25, I25, K15, K16, Q24 / *corregimento*[s] D9, D26, D28, D33, D80, D81, D89, D90, D101, D149, D176, D233, D240, D254, D318, D344, D373; XV *curamento* D76, D83; XV *deleitamentos* D311; XV *descorrimento* D50, D106, D308; XV *desencarregamento* D360; XV *envelhentamento* D102; XV *soldrinhamento* D225; XV *escolhimento* D100, D225, D226 / *scolhimento* D34, D35 / *escolhymemto* E23; XV *esgaravatamento* D242; XV *spaçamento* D102; XV *espalhamento* E14; XV *estorgimemto* L1; XV *exercitamento* D242; XV *fazimento* D152; XV *fornymemto* G5 / *fornimento* D17; XV *gabamento* D57; XIV *laydamêto* A27 / *laydamento* A27; XV *legamento* D31; XV *leixamento* D8, D14,

D71, D102, D105, D142, D148, D203, D247, D280, D333, D334 / [*des*]leixamento D17 / [*de*]leixamento D176, D205, D228, D302, D366; XV *lembramento* D99, D194 / *nembramentos* D317; XIV *logram(en)to* A137; XIV *ob(ri)gam(en)to* A137, A144 / *ob(ri)gamêto* A117, A132 / *oblíglamêto* A9 / *obligamêto* A121 / *obrígamento* A29; XV *ofendimento* D319; XV *percalçamento* D334, D373; XV *perdimento* D22, D157; XV *possuimento* D40, D127, D330; XV *quebramento* D166; XV *rrazoamemtos* L11 / *razoamentos* D354; XV *rrecomtamemto* P9; XV *resguardamento* D71; XV *sagramento[s]* D25, D27, D86, D135, D140, D165, D347 / *sacramentos* D133, D332; XV *sostimemto* M1; XV *trazimento* D283; XV *trilhamento* D26;

b) derivados com datação posterior:

séc. XIV: *apéégamêtos* A41, A49 / *apéégamento* A49, A56 / *apegamêto* A23, A86 / *apegamento* A56 / *apegamento* D224 (em Cunha [1982] 1987², XV); *Encâpamêto* A166 (em Cunha [1982] 1987², 1614);

séc. XV: *adiamento* D329 (em Cunha [1982] 1987², 1873 e *adiar* XVI); *arrevatamento[s]* D86, D109, D149, D274, D304 / *arreatamento* D199 (em Cunha [1982] 1987², XVII); *aqueçimemto[s]* E6, F5, F10, F20, G27, G28, H1, H12, I6, I13, K11, K12, K28, N1, O25, P24 / *acaeçimemto* I6 (em Cunha [1982] 1987², 1836); *rrecreçimemto* G22 (em Cunha [1982] 1987², 1813); *consequimento* D289 (em Cunha [1982] 1987², 1634); *descobrimento* D189 (em Cunha [1982] 1987², 1552); *rretraimemto* F15 (em Cunha [1982] 1987², XVI).

A descrição de *-mento*, segundo me parece, torna evidente a necessidade de incluir na análise da derivação sufixal dados relativos a estados anteriores da língua, visto que uma análise estritamente sincrónica não permitiria verificar com o mesmo alcance o dinamismo das relações derivacionais que se tecem em torno deste sufixo.

Nos casos em que existem sufixos concorrentes, pertencentes ao mesmo sistema e transmitindo às bases um valor idêntico, o facto de a escolha recair mais frequentemente sobre um ou alguns não significa que outros deixem de ter disponibilidade, havendo, por isso, que distinguir entre a disponibilidade de *-mento* e a sua rentabilidade.

4.5. Conclusões

4. 5. Conclusões

Não me alongarei muito nestas conclusões, uma vez que nos pontos anteriores, a seguir à análise de cada um dos sufixos, procurei fazer uma apreciação crítica final de cada um deles. Deste modo, para finalizar esta Parte II, gostaria somente de referir que dos sufixos que foram analisados neste trabalho, podemos considerar que são sufixos concorrentes⁹²⁰ os que servem para formar:

- a) nomes de agente: *-dor*; *-deiro*; *-eiro*;
- b) nomes de acção: *-agem*; *-ção*; *-dura*; *-mento*;
- c) nomes de qualidade: *-aria*; *-ice*; *-ez*; *-idade*; *-idão*; *-ncia / -nça*; *-ura*;

Observando os exemplos retirados dos textos dos séculos XIII, XIV e XV, verifica-se que no português antigo a disponibilidade dos sufixos era muito mais equilibrada, visto que as probabilidades de vários sufixos seleccionarem a mesma base eram muito maiores (cf., por exemplo, *brandeza* e *brandura*; *escureza* e *escuridade*; *largueza* e *largura*; *limpeza* e *limpidão*).

Admitindo que estas formações são originariamente sinónimas, percebe-se que algumas tenham perdido rentabilidade ou que tenham sofrido uma especialização semântica (por exemplo, *largura* e *largueza*), tendo em conta o princípio de economia da língua.

A interpretação dos dados de uma fase anterior conduz-nos necessariamente à observação daquilo que muda, mas o mais problemático não é identificar o que muda, mas antes explicar por que é que muda. Podemos, por hipótese, confrontar edições posteriores de um dicionário e verificar as alterações sofridas na macroestrutura, fazer um levantamento das palavras que já não deram entrada ou assinalar as que aparecem definidas pela primeira vez. Esse exercício nunca nos levaria, porém, a uma explicação que nos permitisse avançar quais as causas do desaparecimento ou surgimento de determinada palavra. Deste modo, para tentar explicar o porquê da perda de disponibilidade de alguns sufixos foi imprescindível relacioná-los com os restantes. Assim:

⁹²⁰ Cf. Becherel (1981), autora que procede a um estudo sobre alguns sufixos nominalizadores concorrentes do francês.

1. Os derivados em *-agem* formados a partir de um tema verbal são descritos como denotando frequentemente uma acção em curso (ex.: *lavagem*), enquanto muitos derivados em *-mento* se caracterizam por indicarem o resultado da acção (ex.: *deslumbramento*) e por serem [+abstractos].

2. O sufixo *-ez-*, muito disponível no português antigo, forma muitos derivados cujas bases denotam qualidades morais valorativas (exs.: *gentileza, honradez*), ao passo que os derivados em *-idade* se originam de bases que tanto remetem para qualidades físicas como morais, as quais podem ser valorativas (ex.: *estudiosidade*) ou pejorativas (ex.: *criminalidade*) e possuem o traço [+animado] (ex.: *ceguidade*) ou [-animado] (ex.: *dilatabilidade*).

3. O sufixo *-nça* perdeu disponibilidade sobretudo a favor de formas regressivas (exs.: *ensinança / ensino*) e de formas [+lat] (exs.: *igualdança / igualdade* (lat.)); os derivados em *-nça* que fazem parte do *corpus*, pressupõem uma base [+hum] (exs.: *alegrança, vingança*).

4. Os adjectivos a que *-ez-* se junta para formar nomes são maioritariamente palavras simples (ex.: *aridez / aridez*), enquanto muitas bases adjectivais seleccionadas por *-idade* são palavras complexas (ex.: *impressionabilidade*).

5. As bases a que se solda *-ice* assinalam tipicamente uma qualidade moral depreciativa (ex.: *burrice*);

6. Nos nomes de acção, é frequente apontar-se o aumento de disponibilidade de *-ção*, em detrimento de *-mento*, justificando esta situação com o aumento de disponibilidade das verbalizações em *-izar*, as quais, por sua vez, suplantaram as em *-ificar*. Não disponho de bases sólidas que me permitam contrariar esta hipótese, mas os meus dados não favorecem as opiniões acerca da grande disponibilidade de *-ção*, visto que a maior parte das formações, tanto as retiradas das gramáticas históricas, como os exemplos levantados nos textos são [+latinas].

Na opinião dos defensores do modelo da Morfologia Natural (cf., por exemplo, Dressler, 1986), quanto mais transparente for uma forma e/ou um processo, mais natural e produtivo ele é⁹²¹. Neste modelo, argumenta-se que os derivados por sufixação são

⁹²¹ Como é do conhecimento geral, Aronoff (1976) já havia referido que determinados sufixos como *-ing* e *-ness*, que são transparentes e não envolvem alomorfas, são tendencialmente mais produtivos do que outros, como por exemplo *-ion* e *-ity*. De resto estes sufixos aparecem recorrentemente em toda a literatura de origem inglesa, sempre que se quer exemplificar os conceitos de transparência e de não transparência.

mais naturais e, conseqüentemente, mais produtivos do que os derivados regressivos ou as formas resultantes de um processo de conversão. Sendo assim, como se explica que muitos derivados em *-mento* tenham sido tendencialmente substituídos por palavras [+latinas] em *-ção* e por formas regressivas⁹²²?

No que diz respeito à suposta perda de disponibilidade do processo de nominalização em *-mento*, parece-me que se podem apontar duas causas, para além do aumento de disponibilidade das verbalizações em *-izar*:

1. A pouca disponibilidade e rentabilidade dos verbos da 2.^a e 3.^a conjugações: de um total de 88 derivados em *-mento* retirados das gramáticas históricas, 52% têm como base TV da 1.^a conj. e cerca de 48 % formaram-se a partir de TV das 2.^a e 3.^a conj. (30 da 2.^a conj. e 12 da 3.^a). Dos 213 exemplos retirados dos textos de controlo, 60% formaram-se de TV da 1.^a conj. e cerca de 40% da 2.^a e 3.^a conj. (59 da 2.^a e 26 da 3.^a). Por outro lado, de um total de 15 derivados em *-ção* retirados das gramáticas históricas, 11 são formados a partir de TV da 1.^a conj. e 4 a partir de TV da 2.^a conj. (cerca de 73% e 27%, respectivamente). Quanto aos 32 exemplos em *-ção* seleccionados nos textos, 27 formaram-se de TV da 1.^a conj. e 5 da 3.^a conj. (aproximadamente 84% e 16%).

2. Outra razão com que pode prender-se a limitação (morfológica) da disponibilidade do sufixo *-mento* deve-se ao facto de, para além de tal como *-ção* só poder seleccionar como bases temas verbais, conferir aos derivados uma única acepção, basicamente a de 'resultado da acção'. Aparentemente, o sistema privilegia sufixos polissémicos, denotando conceitos valorativos e pejorativos e com a possibilidade de seleccionarem bases simples e complexas, emergindo estes como os mais disponíveis e, conseqüentemente, mais produtivos.

Do mesmo modo, não me parece que Zwanenburg (1983: 195) tenha absoluta razão ao apontar como causa da perda de produtividade de certos processos a sua relação contínua com o latim, dado que, na sua opinião, esses processos iriam contribuir para uma maior complexidade do sistema, correndo-se nomeadamente o risco de eles virem a bloquear a derivação de muitas palavras regulares, formadas por processos produtivos. Sabendo-se que os nomes abstractos deverbais em *-ção* foram criados de acordo com o modelo da formação latina (cf., por exemplo, Ali [1931] 1964³: 240),

⁹²² De um total de 88 derivados em *-mento* indicados pelos gramáticos históricos (excluindo repetições e variantes), 13 foram substituídos por formas regressivas e 9 por formas [+ lat], destas 8 em *-ção* / *-são* e 1 em *-idade*.

apesar de por várias vezes ter manifestado o meu cepticismo acerca da suposta grande disponibilidade das nominalizações em *-ção*, sou obrigada a reconhecer que a análise de Zwanenburg (1983: 195) não se aplica neste caso.

Após a análise dos vários sufixos e derivados, acabei por verificar, como já referi no capítulo 3, que são raros os casos de alternâncias sufixais. Quase todos os vocábulos apontados pelos gramáticos históricos como sendo formados com um sufixo erudito foram herdados no seu todo, i.e., foi herdada toda a estrutura. Se há ou não razão para classificar alguns desses vocábulos (aqueles que são transparentes do ponto de vista formal e semântico) como derivados, depende da perspectiva seguida: o morfólogo sincronicista talvez não tenha muitas hesitações, na medida em que as informações etimológicas só são consideradas em casos muito específicos; por outro lado, o linguista que na sua análise valorize a importância dos dados históricos e que reconheça a importância da etimologia dos vocábulos, não poderá deixar de ressaltar que, embora esses vocábulos apresentem uma estrutura "conforme com o padrão derivacional" (Rio-Torto, 1993: 213) do português, eles foram gerados noutra sistema derivacional.

Considerações Finais

Gostaria de começar este ponto de conclusão do meu trabalho com uma apreciação positiva das gramáticas históricas do português que constituíram o tema de partida da minha investigação, apesar de muitas destas obras serem por vezes criticadas, inclusive por mim própria, pela falta de sistematicidade na inventariação e classificação dos dados que apresentam e pela falta de definição clara dos critérios seguidos nas análises efectuadas. É um facto que o estudo que levei a cabo me permitiu nalguns pontos infirmar pressupostos e/ou conclusões avançadas pelos gramáticos históricos, mas também é certo que o mesmo estudo acabou por validar várias das descrições e reflexões empreendidas por esses estudiosos, muitas delas fazendo ainda hoje parte dos debates acerca da formação de palavras, como sejam a distinção entre flexão e derivação e entre derivação e composição, a noção de alternância entre sufixos "eruditos" e "populares" e os conceitos de produtivo e improdutivo.

As gramáticas históricas que analisei privilegiam, naturalmente, a abordagem diacrónica, o que na prática se traduz essencialmente pelo recurso constante à comparação de dados do português com dados do latim e também, embora mais esporadicamente, pelo confronto de dados da língua contemporânea dos seus autores com os de épocas mais recuadas. Esta metodologia permite, portanto, quer identificar os aspectos da morfologia do português aparentemente mais sujeitos a mudança, quer concluir sobre o que se mantém constante ao longo da história (por exemplo, o facto de a sufixação ser e ter sido sempre o processo de formação de palavras predominante em português).

A importância dada nas gramáticas históricas a aspectos relativos à etimologia, e que decorre, quer da abordagem seguida – diacrónica por definição – quer da metodologia preferencialmente usada – o confronto do português com o latim – poderia levar, em princípio, a uma delimitação clara dos elementos sufixais latinos e portugueses, bem como dos derivados em que participam. Contudo, a minha análise destas obras permitiu-me concluir que nem sempre isso acontece: é frequente a indistinção ou mesmo a confusão entre sufixo e terminação, entre sufixos latinos que continuaram a ocorrer em formas portuguesas e sufixos produtivos já nesta língua e, conseqüentemente, entre derivado e forma herdada ou tomada de empréstimo a outra língua, não havendo igualmente uma clara identificação dos sufixos portugueses que se

usaram até uma dada época e deixaram de ser empregues. A constatação destes aspectos teve duas consequências no desenvolvimento do meu trabalho. A primeira foi a escolha, como objecto central do estudo, da problemática das alternâncias erudito ~ popular e da relação produtivo / não produtivo, de entre as diversas opções possíveis no domínio de uma morfologia derivacional diacrónica do português. A segunda consequência foi de carácter metodológico e consistiu no recurso a um *corpus* textual (constituído por textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV), complementar do *corpus* principal, as próprias gramáticas, de forma a poder efectuar um controlo dos dados fornecidos por estas fontes. Foi a análise dos dados extraídos de ambos os *corpora*, principal e complementar, que me permitiu desenvolver a reflexão teórica empreendida no capítulo 3 e também sistematizar o estudo da Parte II.

O trabalho não se enquadra num modelo teórico pré-determinado, por ter achado que a maior parte dos modelos morfológicos, tanto os estruturalistas como os de índole generativista, ao continuarem a reconhecer a primazia da abordagem sincrónica, dificilmente permitiriam dar conta de forma coerente da análise de dados pertencentes a fases anteriores da língua. No enquadramento teórico das alternâncias erudito ~ popular e da relação produtivo – não produtivo beneficiei, contudo, de vários aspectos apresentados e questionados nesses modelos, quer quando eles se coadunavam com os dados em análise, quer quando tinha objecções a determinadas concepções aí expressas.

A abordagem diacrónica seguida no estudo que empreendi sobre algumas relações sufixais permitiu evidenciar que na sufixação, tal como noutras áreas e subáreas, o princípio de uniformidade é uma tendência acentuada, mas não passa disso mesmo⁹²³, pois se assim não fosse não existiriam sufixos alternantes e sufixos concorrentes (funcional e semanticamente idênticos). Relacionadas com este princípio temos as noções de regularidade e de produtividade: um número significativo de morfólogos continua a sustentar que só o que é regular e produtivo pode ser descrito por regras, não necessitando de ser listado no léxico, e, em contrapartida, tudo o que é

⁹²³ Como já indiquei no capítulo 3, os vários modelos assumem que o princípio de uniformidade é ou resulta apenas numa tendência, por diversos tipos de razões, nomeadamente conflitos de naturalidade de vários níveis (por exemplo fonológico) ou interação com outros factores morfológicos.

irregular e improdutivo deve ser estudado no âmbito da analogia, conceito que, como pudemos observar é diferente para morfólogos e para linguistas históricos.

Ao percorrer as considerações acerca dos vários tipos de alomorfes (fonológico, morfológico, lexical) e ao delimitar o conceito de sufixos alternantes e de sufixos concorrentes, aspectos que evidenciam a interação entre a morfologia e outras áreas, nomeadamente a fonologia e o léxico, procurei demonstrar a necessidade de dissociarmos sufixos de elementos fonologicamente similares que nunca tiveram um estatuto sufixal em português.

Alguns sufixos latinos tiveram continuidade na morfologia do português e deram origem a formas sufixais correlatas (por exemplo, *-ārīu-* → *-ári-* (*-air-*) ~ *-eir-*), enquanto outros foram objecto de uma mera adaptação fonológica, jamais tendo concorrido para a formação de derivados em português (por exemplo, *-itude*, de *-itūdīnem*). Daí que não me pareça correcto que, nem mesmo numa abordagem sincrónica, se aplique o rótulo de alomorfes à maior parte dos sufixos "populares", pela simples razão que eles não alternam, nem nunca alternaram, com os "eruditos" correspondentes, contrariamente ao que era afirmado pela maior parte dos gramáticos históricos. Mesmo nos casos em que existe alternância, mostrei que essas alternâncias não se verificam em todos os contextos: os sufixos mais próximos da forma latina têm um emprego mais restrito, na medida em que as bases seleccionadas são em menor número e geralmente pertencem a uma única categoria sintáctica. Além disso, quando estes sufixos se soldam a bases que são igualmente seleccionadas pelos sufixos "populares" correspondentes, o semanticismo que lhes transmitem é tendencialmente menos polissémico. Na minha opinião, estas diferenças indiciam que a questão da maior ou menor disponibilidade de sufixos correlatos já estava à partida determinada. Ou seja, o facto de, por exemplo, os nomes em que intervem *-ári-* exprimirem predominantemente a noção de 'colectivo' não é recente, pois sempre assim foi.

O que verifiquei a propósito dos sufixos e das terminações latinas tem obviamente implicações na análise dos derivados: muitos vocábulos são formas [+latinas] e outros são empréstimos que sofreram uma mera adaptação ao darem entrada no nosso sistema, i.e., não têm o estatuto de derivados do português. Todavia, nos casos em que temos formas não geradas em português, mas que apresentam transparência

formal e são composicionais, concluí que não será completamente desadequado analisá-los sincronicamente como palavras complexas, ainda que tenhamos de nos socorrer do artifício que constitui a utilização do traço [+latino].

Da discussão sobre o conceito de produtividade, a distinção entre disponibilidade e rentabilidade e a interligação entre produtividade e composicionalidade são aspectos importantes a reter. Por mais de uma vez afirmei que a rentabilidade é uma noção que recobre aquilo que é susceptível de ser mensurado e que, por isso, implica oscilações (indo do mais frequente ao menos rentável), enquanto a disponibilidade está relacionada com as possibilidades existentes no sistema: um determinado afixo ou processo morfológico ou estão disponíveis ou não, não havendo, portanto, lugar para gradações ou escalas. A composicionalidade é sempre tida como a condição que primeiro concorre para a produtividade, mas, uma vez que a composicionalidade apela obrigatoriamente ao conceito de transparência, penso que é esta a noção decisiva a ter em conta na relação produtivo - não produtivo. Como vimos ao longo das análises efectuadas, sufixos que de forma regular formaram em número significativo derivados compósitos acabaram por perder disponibilidade. Assim, reafirmo que não é a composicionalidade e a transparência que dependem da produtividade, é esta que decorre das primeiras.

As indicações fornecidas pelos dados fazem-me crer que a perda de disponibilidade não é sinónimo de irregularidade e de opacidade e que os sufixos que já não participam na formação de novos derivados podem ser tão "regulares" como os que se mantêm disponíveis. As probabilidades de um derivado formado com um sufixo que perdeu disponibilidade sofrer uma lexicalização são talvez maiores do que a de um derivado formado com um sufixo disponível, mas este último caso também se observa, i.e., também há formas lexicalizadas formadas com um sufixo disponível (cf., por exemplo, *frontaria*). Logo, aparentemente, a lexicalização não estará directamente relacionada com a perda de disponibilidade, mas antes com a falta de transparência formal e semântica.

Outra ideia que importa esclarecer é a que assenta no pressuposto de que a perda de disponibilidade de alguns sufixos em detrimento de outros desencadeia uma alteração dos processos derivacionais. É evidente que a indisponibilidade de um

determinado processo tem consequências no repertório dos sufixos e dá origem a mudanças morfológicas e lexicais, mas isso não significa uma mudança na natureza dos processos: um sufixo só pode suplantar outro se exercerem ambos a mesma função, i.e., se seleccionarem bases pertencentes à mesma categoria sintáctica e se lhes transmitirem um semanticismo idêntico.

Sem reivindicar o carácter definitivo destas observações, penso que a tendência para evitar pares sufixais ter-se-á acentuado ao longo da história e, conseqüentemente, parece manifestar-se também uma tendência para reduzir o número de sufixos disponíveis em português e para resistir à entrada de formas funcional e semanticamente equivalentes a outras que já adquirimos, aspectos que permitem caracterizar e opor o sistema sufixal nominal do português contemporâneo ao do português medieval.

Após a análise efectuada, acho que o sistema sufixal nominal do português medieval se caracteriza por uma maior transparência (formal e semântica) e disponibilidade sufixais e por permitir uma coexistência quase total de sufixos concorrentes, sendo, neste sentido, mais rico e equilibrado, pois dispunha de um número maior de sufixos e não era tão notória a prevalência de uns sobre outros. À medida que alguns sufixos foram perdendo disponibilidade, o sistema sufixal do português tornou-se mais restrito: com a perda de disponibilidade de alguns sufixos, os seus concorrentes passaram a acumular mais possibilidades, tanto no que diz respeito à selecção das bases, como do ponto de vista semântico, o que é considerado, por vezes, como causa de desequilíbrio e de uma maior complexidade. No entanto, por envolver um maior número de sufixos, também podemos considerar que o sistema sufixal do português medieval era mais complexo.

A competição entre sufixos que seriam à partida mutuamente exclusivos diminuiu, como revela a análise que me permitiu comparar valores diferentes em momentos diferenciados, mas sempre existiu e, em princípio, assim continuará a ser: tal como não dispomos de um grande número de sufixos que denotem o mesmo valor, também a um determinado valor não corresponde um único sufixo. Por isso, apesar da complexidade aparente do subsistema sufixal nominal do português, os recursos derivacionais de que dispomos são previsíveis e regulares, tanto do ponto de vista formal como semântico. Embora o trabalho permita colocar algumas hipóteses sobre

tendências verificadas no sistema sufixal do português, não se pode fazer generalizações sobre os efeitos da mudança linguística, no sentido de tender para a complexificação ou para a simplificação.

Espero, pois, que este estudo sobre as correlações sufixais possa contribuir para:

- a delimitação e definição mais adequadas dos sufixos que ocorrem em português, através da análise das relações que eles estabelecem com as bases a que se soldam e com outras formações a partir das mesmas bases ou formadas com os mesmos sufixos;
- a superação da etiqueta conceptualmente ainda muito aceite de alternância;
- a definição de derivado, por contraponto com forma herdada;
- a separação entre produtividade e improdutividade.

Certamente que muitos aspectos poderão ser acrescentados e aprofundados, mas isso só poderá ser feito ampliando a área de investigação, estudando um número superior de formas sufixadas e alargando o *corpus*, de modo a compreendermos melhor o domínio da formação de palavras por sufixação o que, talvez, também possa fornecer algumas indicações úteis para outras áreas da linguística.

Bibliografia

1. Bibliografia Geral:

- AITCHISON, Jean ([1987] 1994²) *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*, London, Basil Blackwell
- AL, Bernard (1985) "Plaidoyer pour une définition variable de la notion d'exception", *Langue Française* 66, pp. 77-85
- ALCOBA RUEDA, Santiago (1993) "Los parasintéticos constituyentes y estructura léxica" in VARELA, Soledad (ed.) (1993), pp. 360-379 (também em *Revista de la Sociedad Española de Lingüística*, 1987, 17-2, pp. 245-267
- ALLEN Jr., Joseph H. (1941) *Portuguese Word-Formation with Suffixes* in *Journal of the Linguistic Society of America* 17.2
- ALONSO, Emilio Ridruejo (1989) *Las estructuras gramaticales desde el punto de vista histórico*, Madrid, Editorial Sintesis
- ALVAR, Manuel e Bernard POTTIER (1983) *Morfología Histórica del Español*, Madrid, Editorial Gredos
- ANDERSON, Stephen R. (1988) "Inflection" in M. HAMMOND e M. NOONAN (eds.) (1988), pp. 23-43
- ANDERSON, Stephen R. (1982) "Where's morphology?", *Linguistic Inquiry* 13-4, pp. 571-612
- ANDERSON, Stephen R. (1992) *A-Morphous Morphology*, Cambridge, Cambridge University Press
- ANDRADE, Ernesto (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*, Lisboa, INIC-CLUL
- ANSHEN, Frank e Mark ARONOFF (1988) "Producing Morphologically Complex Words", *Linguistics* 26, pp. 641-655
- ANSHEN, Frank e Mark ARONOFF (1997) "Morphology in real time" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1996*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 9-12
- ARNAULT, A. e C. LANCELOT ([1660] 1964²) *Grammaire générale et raisonnée, contenant les fondements de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle*, Paris, Republications Paulet

- ARONOFF, Mark (1976) *Word Formation in Generative Grammar*, Cambridge (Massachusetts), MIT Press
- ARONOFF, Mark e Frank ANSHEN (1998) "Morphology and the Lexicon: lexicalization and productivity" in SPENCER, Andrew & Arnold ZWICKY (eds.) *The Handbook of Morphology*, Oxford, Blackwell, pp. 237-247
- BAAYEN, Harald (1992) "Quantitative Aspects of Morphological productivity" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1991*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 109-149
- BAAYEN, Harald (1993) "Discussion on frequency, transparency and productivity" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1992*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 181-208
- BAAYEN, Harald e Rochelle LIEBER (1991) "Productivity and English Derivation: a corpus based study", *Linguistics* 29, pp. 801-843
- BARBOSA, Jerónimo Soares (1822) *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral applicados à Nossa Linguagem*, Lisboa, Real Academia das Sciencias
- BARRETO, Mário ([1911] 1980^{3a}) *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença
- BARRETO, Mário ([1911] 1980^{3b}) *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença
- BASÍLIO, Margarida (1980) *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*, Petrópolis, Editora Vozes
- BASÍLIO, Margarida (1986) "A função semântica na substantivação de adjetivos (morfologia, lexicologia, semântica)", *D.E.L.T.A.*, vol. 2, nº 1, São Paulo, PUC, pp. 37-55
- BASÍLIO, Margarida (1994) "Aspectos da Representação Lexical de Formas Derivadas", *Palavra* 2, pp. 7-16
- BASÍLIO, Margarida (1999) "Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais" in BASÍLIO, Margarida (org.) (1999) *Palavra*, vol. temático *A Delimitação de Unidades Lexicais*, Série Linguagem, Rio de Janeiro, Grypho, pp. 9-18

- BASÍLIO, Margarida (2002) "Estruturas Lexicais" in MATEUS, Maria Helena M. e Clara NUNES CORREIA (orgs.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (edição especial), Lisboa, Edições Colibri, pp. 73-82
- BAUER, Laurie (1983) *English word-formation*, Cambridge, Cambridge University Press
- BAUER, Laurie (1988) *Introducing Linguistic Morphology*, Edinburgh, Edinburgh University Press
- BAUER, Laurie (1992) "Scalar Productivity and *-lily* Adverbs" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1991*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 185-191
- BAUER, Laurie (2001) *Morphological Productivity*, Cambridge, Cambridge University Press
- BECHEREL, D. (1981) "Différenciation morpho-sémantique des suffixes nominalisateurs de l'adjectif", *Cahiers de Lexicologie*, vol. XXXVIII-I, pp. 45-59
- BERGARECHE, Bruno Camus (1998) "Paradigmas en morfología derivativa: sustantivos españoles en *-ez*", *Verba*, vol. 25, pp. 357-374
- BLOOMFIELD, L. (1933) *Language*, New York/Chicago/San Francisco/Toronto, Holt, Rinehart & Winston
- BOOIJ, Geert (1986) "Form and meaning in morphology: the case of Dutch 'agent nouns'", *Linguistics* 24, pp. 503-517
- BOOIJ, Geert (1996) "Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1995*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 1-16
- BOOIJ, Geert (2001) *The Morphology of Dutch*, Oxford, Oxford University Press
- BOSQUE, Ignacio (1990) *Las categorías gramaticales*, Madrid, Editorial Síntesis
- BOURCIEZ, Édouard ([1910] 1967⁵) *Éléments de Linguistique Romane*, Paris, Éditions Klincksieck

- BROCARD, Maria Teresa (2002) "Sobre a mudança *-udo > -ido* nas formas de participio passado em português" in MATEUS, Maria Helena M. e Clara NUNES CORREIA (orgs.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (edição especial), Lisboa, Edições Colibri, pp. 137-145
- BROCARD, Maria Teresa e Maria do Céu CAETANO (2000) "Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo *des-*" in ENGLEBERT, Annick, Michel PIERRARD, Laurence ROSIER e Dan VAN RAEMDONCK (eds.), *Actes du XXII^e Congrès international de linguistique et philologie romanes* (Bruxelles, 23-29 juillet 1998), *Tome II: Les nouvelles ambitions de la linguistique diachronique*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 39-47
- BROCARD, Maria Teresa e António EMILIANO (no prelo) "Considerações sobre a edição de fontes para a história da língua portuguesa" in *Santa Barbara Portuguese Studies*
- BUESCU, Maria Leonor C. (1975) *A Gramática da Linguagem Portuguesa (de Fernão de Oliveira). Introdução, leitura actualizada e notas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- BYBEE, Johan (1985) *Morphology. A study of the relation between meaning and form*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins
- BYBEE, Johan (1988) "Morphology as Lexical Organization" in M. HAMMOND e M. NOONAN (eds.) (1988), pp. 119-141
- BYNON, Theodora ([1977] 1986⁵) *Historical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press
- CASTELL, Joan Martí i (1990) *Gramàtica Històrica. Problemes i Mètodes*, València, Universitat de València
- CABRÉ, Teresa e Gemma RIGAU (1986) *Lexicologia i Semàntica*, Barcelona, Enciclopèdia Catalana
- CAETANO, Maria do Céu (1994) *A Derivação Sufixal no Português Contemporâneo: análise de alguns sufixos mais produtivos*, diss. Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

- CAETANO, Maria do Céu (1996) "Formação de palavras em português. Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos" in DUARTE, Inês e Maria MIGUEL (eds.) *Actas da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1995), Colibri, Lisboa, 3 vols., vol. III, pp. 517-528
- CAETANO, Maria do Céu e Maria Teresa BROCARD (1999) "O prefixo *des-* num texto português do século XV - contribuição para um estudo de morfologia derivacional diacrónica" in LOPES, Ana C. M. e Cristina MARTINS (eds.) *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Aveiro, 1998), Braga, Associação Portuguesa de Linguística, 2 vols., vol. I, pp. 207-220
- CAETANO, Maria do Céu (no prelo) "Quais e como são os compostos em Gramáticas Históricas do Português" in *Actas do Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil* (Évora, 8-13 de Maio 2000)
- CAETANO, Maria do Céu (2002) "O sufixo *-mento* em Gramáticas Históricas do Português" in MATEUS, Maria Helena M. e Clara NUNES CORREIA (orgs.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (edição especial), Lisboa, Edições Colibri, pp. 147-154
- CARVALHO, José G. Herculano de ([1973] 1984⁴) *Teoria da Linguagem*, Coimbra, Coimbra Editora, vol. II
- CARSTAIRS-McCarthy, Andrew (1992) *Current Morphology*, London / New York, Routledge
- CARSTAIRS-McCarthy, Andrew (2002) *An Introduction to English Morphology. Words and their structure*, Edinburgh, Edinburgh University Press
- CASTRO, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta
- CHOMSKY, Noam e Morris HALLE (1968) *The Sound Pattern of English*, New York, Harper & Row
- CINTRA, L. F. Lindley (1963) "Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie, *Revue de Linguistique Romane* XXVII, pp. 40-58
- CLARK, Eve V. (1993) *The Lexicon in Acquisition*, Cambridge, Cambridge University Press
- CLARK, Eve V. (1998) "Morphology in Language Acquisition" in SPENCER, Andrew & Arnold ZWICKY (eds.) *The Handbook of Morphology*, Oxford, Blackwell, pp. 374-389 (cap. 19)

- COELHO, Adolfo (1868) *A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade
- CORBIN, Danielle (1980) "Contradictions et inadéquations de l'analyse parasynthétique en morphologie dérivationnelle" in DESSAUX-BERTHONNEAU, Anne-Marie (préparé par), *Théories linguistiques et traditions grammaticales*, Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 181-224
- CORBIN, Danielle (1984) "Méthodes en morphologie dérivationnelle", *Cahiers de Lexicologie*, vol. XLIV-I, pp. 3-17
- CORBIN, Danielle (1985) "Les bases non autonomes en français ou comment intégrer l'exception dans un modèle lexical", *Langue Française* 66, pp. 54-76
- CORBIN, Danielle (1987) *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 2 vols.
- CORBIN, Danielle (1991) "Introduction. La formation des mots: structures et interprétations", *Lexique* 10, pp. 7-30
- CORNU, Jules (1888) *Die portugiesische Sprache*, in Gustav GRÖBER (ed.) *Grundriss der romanischen Philologie*, Strassburg, Karl J. Trübner
- CORREIA, Clara Nunes (2002) *Estudos de Determinação. A operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1998 à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)
- CORREIA, Margarita (1992) *A Formação de Adjectivos em anti- em Português*, diss. de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa
- CORREIA, Margarita (1999) *A Denominação das Qualidades: contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, diss. de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa
- COSERIU, Eugenio (1979) *Sincronia, Diacronia e História - O problema da mudança lingüística*, Rio de Janeiro, Presença (trad. do original esp. de 1973 *Sincronía, Diacronía e Historia - El problema del cambio lingüístico*, Madrid, Gredos [1958])
- COSERIU, Eugenio (1979) *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral. Cinco estudos*, Rio de Janeiro, Presença (trad. do original esp. de 1961 *Teoría del lenguaje y lingüística general (Cinco estudios)*, Madrid, Gredos)

- CUESTA, Pilar Vázquez e M^a Albertina Mendes da LUZ (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70 (trad. de Ana M^a Brito e Gabriela de Matos, a partir da 3.^a ed. do original esp. de *Gramática Portuguesa* [1949])
- CUNHA, Celso e L. F. Lindley CINTRA ([1984] 1989⁶) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa
- DALTON-PUFFER, Christiane (1996) *The French Influence on Middle English Morphology. A corpus-based study of derivation*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter
- DARMESTER, Arsène ([1877] 1972) *De la création de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*, Genève, Slatkine Reprints
- DELL, Françoise C. e Elisabeth SELKIRK (1978) "On a morphologically governed vowel alternation in French" in S. J. KEYSER (ed.) *Recent Transformational Studies in European Languages*, Cambridge (Massachusetts), The MIT Press, pp. 1-51
- DIAS, A. Epifânio da Silva ([1918] 1970⁵) *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clássica Editora
- DIEZ, Frédéric ([1836-1844] 1973) *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, Librairie A. Franck, troisième édition refondue et augmentée, Tome I et II (traduit par Alfred Morel-Fatio et Gaston Paris, 1973, réimpression de l'édition de Paris, 1874), Genève/Marseille, Slatkine Reprints/Laffitte Reprints
- DRESSLER, Wolfgang U. (1985) "Sur le statut de la suppléance dans la morphologie naturelle", *Langage* 78, Paris, Larousse
- DRESSLER, Wolfgang U. (1986) "Explanation in natural morphology, illustrated with comparative and agent-noun formation", *Linguistics* 24, pp. 519-548
- DUARTE, Inês (1996) "Gramáticas do Português" in DUARTE, Inês e Maria MIGUEL (eds.) *Actas da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1995), Colibri, Lisboa, 3 vols., vol. III, pp. 13-18
- DUBOIS, Jean (1962) *Étude sur la Dérivation Suffixale en Français Moderne et Contemporain*, Paris, Larousse
- ELISEU, André (1984) *Verbos Ergativos do Português: Descrição e Análise*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa
- EZQUERRA, Manuel A. (1993) *La Formación de Palabras en Español*, Madrid, Arco Libros

- FERREIRO, Manuel (1997) *Gramática Histórica Galega. II Lexicoloxía*, Santiago de Compostela, Edicións Laiovento
- FLAUX, Nelly, Michel GLATIGNY e Didier SAMAIN (eds.) (1996) *Les Noms Abstracts: histoire et théories*, Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre 1992), Lille, Presses Universitaires du Septentrion
- FLEISHMANN, Suzanne (1978) "Factores operantes en la historia de un sufijo: el caso de *-azgo*" in *Estudios ofrecidos a E. Alarcos Llorach*, vol. III, Oviedo, Universidad de Oviedo, pp. 75-85
- GISBERT, Eugenio de Bustos ([1986] 1997) *La Composición Nominal en Español*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca
- GISBERT, Eugenio de Bustos (1988) "Modelos morfológicos y cambio morfológico", *Revista de Filología Románica* 15, pp. 1-15
- GONÇALVES, Carlos A., Lilian COUTINHO e Raquel G. R. COSTA (1999) "Delimitando as formas X-eiro no português do Brasil" in BASILIO, Margarida (org.) (1999) *Palavra*, vol. temático *A Delimitação de Unidades Lexicais*, Série Linguagem, Rio de Janeiro, Grypho, pp. 115-139
- GONÇALVES, Maria Filomena (1996) "A ortografia na antiga gramaticografia portuguesa. As gramáticas do século XIX" in DUARTE, Inês e Maria MIGUEL (eds.) *Actas da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1995), Colibri, Lisboa, 3 vols., vol. III, pp. 39-52
- GRANDGENT, C. H. (1907) *An Introduction to Vulgar Latin*, Boston
- GUILBERT, Louis (1975) *La créativité lexicale*, Paris, Larousse
- HALLE, Morris (1973) "Prolegomena to a theory of word formation", *Linguistic Inquiry* 4-1, pp. 3-16
- HAMMOND, Michael & Michael NOONAN (eds.) (1988) *Theoretical Morphology. Approaches in modern linguistics*, San Diego (California), Academic Press
- HARRIS, Zellig S. (1942) "Morpheme Alternants in Linguistic Analysis", *Language* 18, pp. 169-180
- HARRIS, Zellig S. (1951) *Methods in Structural Linguistics*, Chicago, University of Chicago Press
- HOCK, Hans H. ([1986] 1991²) *Principles of Historical Linguistics*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter

- HOCK, Hans H. e Brian D. JOSEPH (1996) *Language History, Language Change and Language Relationship. An Introduction to Historical and Comparative Linguistics*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter
- HOCKETT, Charles (1954) "Two models of grammatical description", *Word* 10, pp. 210-231
- HOCKETT, Charles (1958) *A Course in Modern Linguistics*, New York, MacMillan Publishing Co.
- HOCKETT, Charles (ed.) (1970) *A Leonard Bloomfield Anthology*, Bloomington / London, Indiana University Press
- HOOPEr, Joan B. (1976) *Introduction to Natural Generative Phonology*, New York, Academic Press
- IACOBINI, Claudio (1997) "Distinguishing derivational prefixes from initial combining forms", com. ao *First Mediterranean Conference of Morphology* (Mytilene) (cit. de resumo)
- IORDAN, Iorgu (1973) *Introdução à Linguística Românica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (trad. de Júlia D. Ferreira do original al. *Einführung in die Geschichte und Methoden der Romanischen Sprachwissenschaften*, 1962, Berlin, Akademie-Verlag GmbH)
- IORDAN, Iorgu e Maria MANOLIU ([1972] 1980) *Manual de Lingüística Románica*, Madrid, Editorial Gredos
- JENSEN, John T. (1990) *Morphology. Word Structure in Generative Grammar*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins
- JENSEN, John T. e Margaret STONG-JENSEN (1984) "Morphology Is in the Lexicon", *Linguistic Inquiry*, 15-3, pp. 474-498
- JOSEPH, Brian D. (1998) "Diachronic Morphology" in SPENCER, Andrew & Arnold ZWICKY (eds.) *The Handbook of Morphology*, Oxford, Blackwell, pp. 351-373 (cap. 18)
- KATAMBA, Francis (1993) *Morphology*, London, MacMillan
- KELLERMANN, Günter & Michael D. MORRISSEY (eds.) (1992) *Diachrony within Synchrony: Language History and Cognition*, Frankfurt, Peter Lang
- KILANI-SCHOCH, Marianne (1988) *Introduction à la Morphologie Naturelle*, Berne, Peter Lang

- KIPARSKY, Paul (1982) "From Cyclic Phonology to Lexical Phonology" in HULST, H. van der and N. SMITH (eds.) *The Structure of Phonological Representations*, Dordrecht, Foris, pp.131-175
- KURYŁOWICZ (1947) "La nature des procès dits 'analogiques'", *Acta Linguistica* 5, pp. 15-37
- LACUESTA, Ramón S. e Eugenio de B. GISBERT (1999) "La Derivación Nominal", in BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. III (*Entre la oración y el discurso / Morfología*), Madrid, Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 4505-4594
- LANG, Mervin F. (1990) *Spanish Word Formation: productive derivational morphology in the modern lexis*, London/New York, Routledge
- LEES, R. (1963) *The Grammar of English Nominalizations*, The Hague, Mouton
- LEHMANN, Winfred P. ([1962] 1992³) *Historical Linguistics*, London, Routledge
- LEPSCHY, Giulio (ed.) (1998) *History of Linguistics*, London, Longman, vol. IV (*Nineteenth-Century Linguistics*, by Anna Morpurgo Davies)
- LIGHTFOOT, David (1979) *Principles of Diachronic Syntax*, Cambridge, Cambridge University Press
- LYONS, John (1977) *Semantics*, Cambridge, Cambridge University Press, 2 vols.
- MAIDEN, Martin (1998) "Towards an explanation of some morphological changes which 'should never have happened'" in SCHMID, Monika S., Jennifer R. AUSTIN e Dieter STEIN (eds.) *Historical Linguistics 1997*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, pp. 241-254
- MALKIEL, Yakov (1945) "Development of the Latin Suffixes *-antia* and *-entia* in the Romance languages, with special regard to Iberoromance", *University of California Publications in Linguistics*, Berkeley-Los Angeles, pp. 41-184
- MALKIEL, Yakov (1960) "A Tentative Typology of Romance Historical Grammars" in *Essays in Linguistic Themes*, Oxford, Blackwell, pp. 71-164 (também em *Lingua* IX-4, 1968)
- MALKIEL, Yakov (1992) *Diachronic studies in lexicology, affixation, phonology: edita and inedita, 1979-1988*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins
- MALKIEL, Yakov (1992) *Etymology*, Cambridge, Cambridge University Press
- MARCHAND, Hans ([1960] 1969²) *The categories and types of present-day English word-formation*, München, Beck

- MARLE, Jaap van (1985) *On the Paradigmatic Dimensions of Morphological Creativity*, Dordrecht, Foris
- MARLE, Jaap van (1988) "On the Role of Semantics in Productivity Change" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1*, Dordrecht, Foris, pp. 139-154
- MARLE, Jaap van (1992) "The Relationship between Morphological Productivity and Frequency: A Comment on Baayen's Performance-Oriented Conception of Morphological Productivity" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1991*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 151-163
- MARLE, Jaap van (1996) "The unity of morphology: on the interwovenness of the derivational and inflectional dimension of the word" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1995*, Dordrecht, The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, pp. 67-91
- MARQUILHAS, Rita (1996) "Mudança linguística" in FARIA, Isabel H., Emília PEDRO, Inês DUARTE e Carlos GOUVEIA (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, pp. 563-588 (cap. 12)
- MARTINS, Ana Maria (1996) "Gramáticas Históricas do Português" in DUARTE, Inês e Maria MIGUEL (eds.) *Actas da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1995), Colibri, Lisboa, 3 vols., vol. III, pp. 53-71
- MASCARÓ, Joan (1985) *Morfologia*, Barcelona, Enciclopèdia Catalana
- MATEUS, Maria Helena M., Amália ANDRADE, Maria Céu VIANA e Alina VILLALVA (1990) *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta
- MATEUS, Maria Helena M., Ana Maria BRITO, Inês DUARTE e Isabel H. FARIA (1983) *Gramática da língua portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina
- MATEUS, Maria Helena M. e Ernesto ANDRADE (2000) *The Phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press
- MATTHEWS, Peter H. ([1974] 1991²) *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*, Cambridge, Cambridge University Press
- McMAHON, April M. S. (1994) *Understanding Language Change*, Cambridge, Cambridge University Press

- MEYER-LÜBKE, Wilhelm ([1890-92] 1895) *Grammaire des langues romanes*, tome II – *Morphologie*, Paris, H. Welter Éditeur (traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint)
- MITTERAND, Henri (1986⁷) *Les Mots Français*, Paris, PUF (Que sais-je?, n° 270)
- MOHANAN, Karuvannur P. (1986) *The Theory of Lexical Phonology*, Dordrecht, Reidel
- MODER, Carol Lynn (1992) "Rules and analogy" in DAVIS, Garry W. e Gregory K. IVERSON (eds.) *Explanation in Historical Linguistics*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, pp. 179-191
- MOLINO, Jean (1985) "Où en est la morphologie?", *Langages* 78, pp. 5-40
- NASCENTES, Antenor ([1929] 1942³) *O Idioma Nacional*, Rio de Janeiro, Livraria Machado, vol. IV
- NETO, Serafim da Silva ([1952] 1977³) *Manual de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença
- NETO, Serafim da Silva ([1957] 1992⁶) *História da Língua Portuguesa*, Lisboa/ Rio de Janeiro, DinaLivro / Presença
- NIDA, Eugene ([1946] 1949²) *Morphology: the descriptive analysis of words*, Ann Arbor, Michigan, University of Michigan Press
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1932) *Curso de Filologia Portuguesa. I Parte: Noções Gerais e Fonética Histórica*, Lisboa, Ed. de José Fernandes Jr. (obra reeditada com muito poucas alterações nos *Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa*, 1938, Lisboa, Imprensa Nacional)
- PALMEIRA, Dias (1963) *Crátilo: Diálogo sobre a justeza dos nomes* (ed. literária), Lisboa, Sá da Costa
- PAZ, Ramón Mariño (1995) "Consideracións sobre a historia dos sufixos –ancia / –anza, –encia / –enza, –icia / –iza, –icio / –izo e das terminacións –cia / –za e –cio / –zo do galego", *Verba*, vol. 22, pp. 157-189
- PENA, Jesús (1990a) *La Derivacion en Español. Verbos derivados y sustantivos verbales*, Anexo 16 de *Verba*
- PENA, Jesús (1990b) "Sobre los modelos de descripción en morfología", *Verba*, vol. 17, pp. 5-75
- PENA, Jesús (1991) "La palabra: estructura y procesos morfológicos", *Verba*, vol. 18, pp. 69-128

- PENA, Jesús (1999) "Partes de la morfología. Las unidades del análisis morfológico" in BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. III (*Entre la oración y el discurso / Morfología*), Madrid, Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, vol. III, pp. 4305-4366
- PENSADO, Carmen (1999) "Morfología y fonología. Fenómenos morfofonológicos" in BOSQUE, Ignacio e Violeta DEMONTE (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. III (*Entre la oración y el discurso / Morfología*), Madrid, Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, pp. 4423-4504
- PIEL, Joseph M. ([1940] 1989) "A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português" in *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 201-212 (publicado pela primeira vez em *Boletim de Filologia*, 7, pp. 1-17)
- PIEL, Joseph M. (1940b) "A formação dos substantivos abstractos em português", *Biblos* 16, pp. 209-237
- PLATÃO Crátilo (v. PALMEIRA, Dias)
- POLOMÉ, Edgar C. (ed.) (1990) *Research Guide on Language Change*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter
- POSNER, Rebecca (1996) *The Romance Languages*, Cambridge, Cambridge University Press
- RAMÍREZ, Salvador Fernández (1986) *La Derivación Nominal* (ordenado, anotado y dispuesto para la imprenta por Ignacio Bosque), Madrid, *Anejo XL del Boletín de la Real Academia Española*
- RAINER, Franz (1987) "Produktivitätsbegriffe in der Wortbildungstheorie" in W. DIETRICH, H.-M. Gauger e H. GECKELER (eds.), *Grammatik und Wortbildung romanischer Sprachen*, Tübingen, Narr, pp. 187-202
- RAINER, Franz (1988) "Towards a Theory of Blocking: the case of Italian and German quality nouns" in BOOIJ, Geert e Jaap van MARLE (eds.) *Yearbook of Morphology 1*, Dordrecht, Foris, pp. 155-185
- RIDRUEJO, Emilio (1998) "Sufijos improductivos" in Giovanni RUFFINO (ed.) *Actas do XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza* (Palermo, 18-24 Setembro de 1995), Tübingen, Max Niemeyer Verlag, vol. I - *Grammatica Storica delle Lingue Romanze*, pp. 307-318

- RIO-TORTO, Graça Maria (1986) "Contribuição para o estudo da especificidade morfolexical dos sufixos: os sufixos *-aria*", *Biblos* 62, pp. 305-364
- RIO-TORTO, Graça Maria (1993) *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*, diss. de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- RIO-TORTO, Graça Maria (1994) "Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?" in *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 1993), Lisboa, APL, pp. 351-362
- RIO-TORTO, Graça Maria (1997) "Construção e Interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais" in BRITO, Ana Maria, Fátima OLIVEIRA, Isabel P. LIMA e Rosa MARTELO (orgs.) *Sentido que a vida Faz* (Homenagem a Óscar Lopes), Porto, Campo das Letras, pp. 815-834
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998a) *Morfologia Derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto, Porto Editora
- RIO-TORTO, Graça Maria (1998b) "Para uma análise dos locativos não-deverbais" in RIO-TORTO, Graça Maria (1998a), pp. 175-209 (versão revista e actualizada do artigo publicado em 1993, com o título "Para uma teoria da formação de palavras em português: análise dos locativos não deverbais", in *Actas do XIX Congreso Internacional de Linguística e Filología Románicas* (Santiago de Compostela, 4-9 de Setembro de 1989), vol. V, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, pp. 869-891)
- RIO-TORTO, Graça Maria (2002) "Morfosintaxe e semântica dos nominais derivados" in MATEUS, Maria Helena M. e Clara NUNES CORREIA (orgs.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (edição especial), Lisboa, Edições Colibri, pp. 457-470
- RÜBECAMP, Rudolf (1934-1935) "Recensão à Gramática de Joseph Huber ([1933] 1986)", *Boletim de Filologia* 3, Lisboa, pp. 185-189
- SAPORTA, Sol (1959) "Morpheme Alternants in Spanish" in KAHANE, Henry R. e Angelina PIETRANGELI (eds.) *Structural Studies on Spanish Themes*, Acta Salmanticensia (Filosofía y Letras), Salamanca, tomo XII, nº 3, pp. 15-162
- SAUSSURE, Ferdinand ([1916] 1978⁴) *Curso de Linguística Geral*, Lisboa, Publicações Dom Quixote (trad. port. de José V. Adragão)
- SCALISE, Sergio ([1983] 1986²) *Generative morphology*, Dordrecht, Foris Publications

- SCHLEICHER, A. ([1860] 1869²) *Die deutsche Sprache*, Stuttgart, Cota
- SEQUEIRA, Francisco J. Martins (1943) *Aspectos do Português Arcaico*, Lisboa, Tip. União Gráfica
- SIEGEL, D. (1974) *Topics in English morphology*, Cambridge (Massachusetts), The MIT Press
- SILVA, Rosa V. M. (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- SILVA, Rosa V. M. (1991) *O Português Arcaico. Fonologia*, São Paulo / Bahia, Contexto / Editora da Universidade Federal da Bahia
- SILVA, Rosa V. M. (1994) *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*, São Paulo / Bahia, Contexto / Editora da Universidade Federal da Bahia
- SILVEIRA, Sousa da ([1923] 1934²) *Lições de Português*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira
- SPENCER, Andrew (1991) *Morphological Theory. An introduction to word structure in generative grammar*, Oxford, Basil Blackwell
- TEYSSIER, Paul ([1980] 1994⁶) *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa (trad. de Celso Cunha, do original fr. *Histoire de la langue portugaise*, Paris, PUF, Que sais-je?)
- TRASK, R. L. (1994) *Language Change*, London, Routledge
- TRASK, R. L. (1996) *Historical Linguistics*, London, Arnold
- VARELA, Soledad (1992) *Fundamentos de morfología*, Madrid, Editorial Síntesis
- VARELA, Soledad (1993) "Líneas de investigación en la teoría morfológica" in VARELA, Soledad (ed.) (1993), pp. 13-29
- VARELA, Soledad (1996) "Relaciones entre Morfología y Sintaxis", comunicação apresentada ao XXVI Simposio da Sociedad Española de Lingüística, Madrid
- VARELA, Soledad (ed.) (1993) *La formación de palabras*, Madrid, Taurus Universitaria
- VERDELHO, Telmo (1995) *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*, Aveiro, INIC (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1988 à Universidade de Aveiro)

- VILELA, Mário (1994a) *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Livraria Almedina, cap. III (Formação de Palavras), pp. 51-125
- VILELA, Mário (1994b) "Portugiesisch: Wortbildungslehre (FP)" in HOLTUS, Günter, Michael METZELTIN e Christian SCHMITT (eds.) *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL), vol. VI, 2 (Galegisch, Portugiesisch), Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 173-199
- VILLALVA, Alina (1986) *Análise Morfológica do Português*, diss. de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa
- VILLALVA, Alina (2000) *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / FCT (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1994 à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa)
- WILLIAMS, Edwin B. ([1938] 1994⁶) *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (trad. bras. de Antônio Houaiss, do original ingl. *From Latim to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*)
- WILLIAMS, E. (1981) "On the notions 'lexically related' and 'head of a word'", *Linguistic Inquiry*, 12-2, pp. 245-274
- WURZEL, Wolfgang U. (1989) *Inflectional Morphology and Naturalness*, Dordrecht, Kluwer
- XAVIER, Maria Francisca, Maria Teresa BROCARDI e Maria da Graça VICENTE (1995) "CIPM - Um Corpus Informatizado do Português Medieval" in *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri, pp. 599-612
- XAVIER, Maria Francisca, Maria de Lourdes CRISPIM e Maria da Graça VICENTE (1999), "A língua portuguesa medieval e o diálogo homem-máquina" in FARIA, Isabel H. (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 749-760
- ZWANENBURG, Wiecher (1983) *Productivité Morphologique et Emprunt. Étude des dérivés déverbaux savants en français moderne*, Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins

2. Dicionários:

- COROMINAS, Joan e José A. PASCUAL (1980-1991) *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Madrid, Gredos, 6 vols.
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e MELO (1998⁸) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora [= PE], 1^a ed. s.d.
- CUNHA, Antônio Geraldo da ([1982] 1987²) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira
- FERREIRA, Aurélio B. ([1975] 1999³) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. O Aurélio Século XXI*, São Paulo, Editora Nova Fronteira (coordenação e edição de Margarida dos Anjos e Marina B. Ferreira) [= Aurélio]
- IMBS, Paul, Bernard QUEMADA e Gérard GORCY (orgs.) (1971-) *Trésor de la Langue Française*, Nancy, CNRS-INALF [= TLF]
- MACHADO, José Pedro ([1952] 1977³) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte
- MACHADO, José Pedro (coord.) ([1991] 1996²) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores
- MATEUS, Maria Helena M. e Maria Francisca XAVIER (orgs.) (1990) *Dicionário de Termos Linguísticos*, Lisboa, Edições Cosmos, vol. I., vol. II. (1992)
- MORAIS SILVA, Antônio de ([1961] 1980²) *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Edição Compacta do Texto Fundamental do Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Segundo a 10^a Edição revista, muito aumentada e actualizada conforme as regras do acordo ortográfico Luso-Brasileiro de 10 de Agosto de 1945, por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, Lisboa, Editorial Confluência / Livros Horizonte, 5 vols.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá ([1969] 1974²) *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, Lisboa, Livraria Clássica Editora
- REY-DEBOVE, Josette (coord.) ([1984] 1985²) *Le Robert Méthodique*, Paris, Dictionnaires Le Robert
- SERRÃO, Joel (dirigido por) (s.d.) *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas [= DHP]

SILVA, Adalberto P. (coord.) ([1975] 1980⁴) *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, Mirador Internacional, 2 vols.

VITERBO, Fr. Joaquim S. R. ([1798-1799] 1962-1968) *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Edição crítica de Mário Fiúza, Porto, Civilização

3. Gramáticas Históricas do Português⁹²⁴:

- [11] ALI, Manuel Said ([1931] 1964³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Edições Melhoramentos
- [1] BRAGA, Teophilo (1876) *Grammatica Portugueza Elementar* (Fundada sobre o methodo historico-comparativo), Porto, Livraria Portugueza e Estrangeira
- [18] CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975) *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão
- [16] COUTINHO, Ismael de Lima (1938) *Pontos de Gramática Histórica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [10] HORTA, Brandt ([1930?] s.d.³) *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira
- [12] HUBER, Joseph ([1933] 1986) *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (trad. port. de Maria Manuela Delille, do original al. *Altportugiesisches Elementarbuch*), Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung)
- [13] MARTINS, Jaime de Sousa ([s.d.] 1937²) *Elementos de Gramática Histórica* (para a Quarta Série), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [8] MOTA, Othoniel ([1916] 1937⁸) *O meu idioma* (obra destinada ao 4.º Anno do Gymnasio), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [9] NUNES, José Joaquim ([1919] 1989⁹) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora
- [7] PEREIRA, Eduardo Carlos ([1916] 1935⁹) *Gramática Histórica* (obra aprovada e adaptada pela Congregação do gymnasio official de São Paulo), São Paulo, Companhia Editora Nacional
- [2] REINHARDSTOETTNER, Carl von (1878) *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, Strassburg, Karl J. Trübner
- [14] SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins ([1938a] 1959³) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Popular

⁹²⁴ A numeração que antecede as obras está de acordo com a data de publicação da primeira edição e coincide com a numeração que aparece nos cabeçalhos dos subcapítulos em que se analisam os diferentes sufixos (cf. Parte II).

- [15] SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1938b) *Gramática de português*, Lisboa, Livraria Popular
- [3] SILVA JR., Manuel Pacheco da (1878) *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (Compendiada para uso dos alumnos do 7º anno do imperial Collegio de Pedro II, das escolas normaes e de todos os que estudam o idioma nacional), Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D. M. Hazlett
- [4] SILVA JR., Manuel Pacheco da e Lameira de ANDRADE ([1887] 1913⁴) *Grammatica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves
- [5] VASCONCELLOS, António Garcia Ribeiro (1900) *Gramática Histórica da Língua Portuguêsa* (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus), Paris/Lisboa, Aillaud/Alves; Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Francisco Alves.
- [17] VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de ([1946] s.d.) *Lições de Filologia Portuguesa - segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 e de 1912-1913 (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico)*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal / Dinalivro
- [6] VASCONCELLOS, José Leite de ([1911] 1959³) *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal

4. Edições dos textos utilizados para controlo dos dados⁹²⁵:

- BROCARD, Maria Teresa (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1994 à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)
- CASTRO, Maria Helena L. de (1998) *Dom Duarte. Leal Conselheiro (edição crítica)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- CINTRA, L. F. Lindley (1990) "Sobre o mais antigo texto não-literário português: a 'Notícia de Torto' (leitura crítica, data, lugar de redacção e comentário linguístico)", *Boletim de Filologia*, vol. XXXI, pp. 22–77
- COSTA, Pe. Avelino J. (1979) "Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico" in *Revista Portuguesa de História*, XVII, pp. 263-340 [*Testamento de D. Afonso II*]
- DUARTE, Luiz Fagundes (1986) *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, diss. de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa
- GARVÃO, Maria Helena (1992) *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*. Diss. Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1997) *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (publ. da diss. de Doutoramento apresentada em 1986 à Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra)
- MARTINS, Ana Maria (1994) *Clíticos na História do Português - Apêndice Documental (Documentos notariais dos séculos XIII a XIV do Arquivo Nacional*

⁹²⁵ Excepto as edições da *Crónica do Conde D. Pedro*, cuja autora me forneceu uma cópia informatizada que corresponde à versão impressa incluída em Brocardo (1994), e do *Leal Conselheiro*, em que utilizei a edição em suporte de papel, as restantes edições fazem parte do Corpus Informatizado do Português Medieval (cf. 4.1.).

da Torre do Tombo), diss. Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa

RODRIGUES, M^a Celeste M. (1992) *Dos Costumes de Santarém*, diss. Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa

Anexos

ANEXO I – Prefixos indicados por cada um dos gramáticos

1. Teophilo Braga (1876):

a) "Prefixos Portugueses": **A-** / **Ad-** (*a-ffluencia*; *ad-junto*; "com valor expletivo em *a-corcovado* e *a-lanterna*"); **Ante-**: (*ante-data*, *ante-passado*); **Anti-**: (*anti-papa*, *anti-pathia*); **Archi-** (*archi-pelago*, *arce-bispo*); **Bem-** (*bem-aventurança*, *bem-casados*, *bem-querença*); **Bis-** (*bis-avô*); **Circum-** (*circum-ferencia*, *circum-loquio*); **Com-** (*Com-missão*, *com-parencia*); **Con-** (*con-centração*, *con-cessão*, *con-cunhado*, *con-nexão*); **Contra-** (*contra-ordem*, *contra-tempo*); **Des-** (*des-dita*, *des-embarque*, *des-favor*); **Di-** / **Dis-** (*di-ffusão*, *di-gestão*; *dis-cordancia*, *dis-solução*); **E-** (*e-fflorescencia*, *e-migração*); **Entre-** (*entre-acto*, *entre-costo*); **Es-** (*es-conjuração*); **Ex-** (*ex-uberancia*, *ex-rei*); **In-** (*in-capacidade*, *in-fluencia*); **Mal-** (*mal-andança*, *mal-querença*); **Manu-** / **Mão-** (*manu-factura*, *manu-scripto*; *Mão-posteiro-mór*); **Meio-** (*Meio-irmão*); **Não-** (*não-rasão*); **Pre-** (*pre-disposição*, *pre-posição*); **Pro-** (*pro-notario*, *pro-posição*, *pro-videncia*); **Re-** (*re-crudescencia*, *re-lembrança*, *re-saibo*); **Salvo-** (*salvo-conducto*, *salvo-erro*, *salva-guarda*); **Semi-** (*semi-circulo*, *semi-morto*); **Sota-** (*sota-patrão*, *sota-piloto*, *sota-vento*); **Sub-** (*sub-chefe*, *sub-stituição*); **Trans-** (*trans-figuração*, *trans-migração*); **Tres-** (*tres-dôbro*, *tres-passe*); **Tris-** (*tri-savô*); **Ultra-** (*ultra-mar*, *ultra-romantismo*); **Vice-** (*vice-almirante*, *vice-rei*); **Vis-** (*vis-conde*, *viso-rei*);

b) "Prefixos eruditos": **Epi-** (*epi-graphe*); **Hemi-** (*hemi-spherio*); **Hyper-** (*hyper-critico*); **Hypo-** (*hypo-glosse*); **Pro-** (*pro-domo*); **Archi-**; **Pan-**; **Poly-**; etc..

2. Carl von Reinhardstoettner (1878):

a) Prefixos: **Ab-** (*a-bater*, *ab-orbitar*; *ab-oliva*); **Ante-** (exs: *ante-ver*; *ante-braço*); **Anti-** (*anti-christo*, *anti-papa*, *anti-verminoso*); **Circum-** (*circum-locução*, *circum-vizinho*); **Co-** / **Com-** / **Con-** (*co-madre*, *co-proprietário*; *com-bater*, *com-binar*; *con-chavar*, *con-testar*); **Contra-** (*contra-almirante*, *contra-prova*; *contra-pesar*); **De-** (*de-florar*, *de-gelar*; *de-partição*); **Des-** (*des-abono*, *des-abrigo*; *des-cuidar*, *des-unir*); **Dis-** (*dis-gregar*, *dis-farçar*; *dis-nembrança*); **Es-** (*es-bagulhar*, *es-bofar*); **Extra-** (*extra-judicial*; *extra-vasar*); **Em-** / **En-** (*em-barcar*; *en-terrar*); **Inter-** ("em palavras vindas do latim": *intercalar*, *interdizer*) / **Entre-** (*entre-costo*);

entre-dizer) / **Antre-** (*antrelhar; antrelinhadura; antreluiado*); **Intro-** ("somente em palavras vindas do latim": *introduzir; introito*); **Ob-** ("só ocorre em palavras vindas do latim": *ob-edecer, ob-servar*); **Per-** (*per-doar, per-filar*); **Pos-** ("só ocorre nos novos vocábulos" *pos-pasto; pos-tergar*); **Pre-** (*pre-determinar*); **Pro-** ("ocorre em numerosas palavras vindas do latim: *proferir, promulgar*, sendo poucas as novas formações"); **Re-** (*re-alçar, re-quentar; re-falsamento, re-saber*); **Retro-** ("só ocorre em palavras vindas do latim": *retroceder, retrogrado*); **Se-** ("só ocorre em palavras vindas do latim": *seduzir, segregar*); **Sub-** / **So-** (*sub-chefe; subjugar; so-prior; so-assar*); **Subter-** ("só ocorre em *subter-fugio*"); **Sota-** (*sota-almirante; sotaventear*); **Sobre-** (*sobre-carga, sobre-mesa*); **Tras-** / **Tres-** (*tras-bordar; tras-ordinario; tres-ler; tres-loucado*); **Ultra-** (*ultra-mar; ultra-montano*);

b) "Advérbios Nominais e Advérbios Numerais": **Ambi-** (*ambidextro*); **Archi-** (*archipreste, archiduque*); **Bene-** / **Bem-** (*benemerencia; bem-afortunar; bem-fazejo*); **Bis-** (*bisavô, bis-bilhoteiro*); **Vis-** (*vislumbrar, vislumbres*); **Cento-** (*centopea, centigrado*); **Mais-** (*maisquerer*); **Mal-** (*mal-afortunado; mal-tratar; mal-pecado*); **Meio-** (*meio-irmão; meio-crú*); **Mil-** (*milfolhas*); **Meno-** (*meno-sprezar, meno-spreço*); **Semi-** (*semicirculo, semimorto*); **Tres-** / **Tri-** (*tresdobrar; tresneto; tricolor*); **Uni-** (*unisono*); **Vice-** (*vice-almirante, visconde*).

3. Manuel P. da Silva Jr. (1878: 109) limita-se a listar os "prefixos gregos introduzidos hodiernamente no vocabulario scientifico", tais como: *acro-, amphi-, ana-, anti-, anto-, apo-, archi-, baro-, biblio-, bio-, caco-, cata-, chrono-, chryso-, cosmo-, demo-, dia-, dys-, epi-, etho-, eu-, hemi-, hetero-, hippo-, hydro-, hyper-, litho-, macro-, meso-, meta-, metro-, micro-, mono-, neo-, ortho-, pan-, para-, penta-, peri-, philo-, phos-, photos-, phren-, physi-, poly-, pro-, pros-, proto-, pseudo-, psych-, psychro-, pyro-, syn-* (*sym-, syl-, sy-*), *tele-, tetra-, theo-, thermo-, etc..*

4. Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴):

a) "preposições latinas que entram na composição de palavras portuguezas": **A¹-** / **Ab-** / **Abs-** (exs.: *aversão, abortar, absorver*); **Ad**⁹²⁶ / **Ac-** / **Af-** / **A²-** (exs: *admittir*;

⁹²⁶ De acordo com os autores, "o *d* conserva-se antes das vogaes e das consoantes *d, j, m, v* (*admittir, advertir, adjacente, adjectivo, admirar, admoestar, adverbio, adventicio*); assimila-se á consoante seguinte se fôr *c, f, g, l, n, p, r, s, t*: *accôrdo, acceder, affiliar, aggravar, agglomerar, alliar, allumiar,*

acceder; afiliar; agravar; allumiar; annuncio; appendice; arrumar; assaltar; atenuar; adormecer, amotinar, apurar); Amb- / Am- ("contração de *ambi*"; exs.: *ambito; amputar); Ante- / Anti-* (*antepassado; antidata, antiface); Circum-* (exs.: *circumvalação, circumvizinho); Cis- / Cit-* (*cisgangetico, cisalpino); Com- / Con-* (exs.: *compaixão, conceber); Contra-* (exs.: *contramestre, contraordem); De- / Di-* (exs.: *deduzir, dependencia; divulgar); Des- / Di- / Dis-* (exs.: *desobedecer, digerir; disposição); Ex- / Es- / E-* (exs.: *extrahir; espertar; emanação); Extra-* (exs.: *extrajudiciario, extramuros); Entre- / Inter-* (exs.: *entrelaçar; interposição); Em- / En-* (exs.: *empalhar; encaixar); Intro-* (exs.: *introduzir, intrometter); In- / Im- / En- / Em-* (exs.: *inactivo; imutavel; encorrer; emboscada); Ob-* (exs.: *obrigar, obstaculo); Per-* (exs.: *perplexo, perseverar); Pre-* (exs.: *predominar, prefixar); Preter-* (exs.: *preterir, preternatural); Pro-* (exs.: *proconsul, promover); Pos- / Post-* (exs.: *pospor; postdata); Re-* (exs.: *refazer, reler); Retro-* (exs.: *retroactivo, retroguarda); Se-* (exs.: *seduzir, segregar); Satis- / Sat-* (exs.: *satisfazer; saturar); Sine- / Sin-* (exs.: *sinecura; sinceridade); Sub- / Subtus- / Sob-* (exs.: *subcutaneo; subterfugio; sobsolo); Super- / Sobre-* (exs.: *superfino; sobrecarga); Trans- / Tras- / Tres- / Tra-* (exs.: *transcrever; trasladar; trespassar; tramontano); Ultra-* (exs.: *ultrapassar, ultramar); Vice-* (exs.: *vice-presidente, vicegovernar);*

b) "particulas adverbias empregadas como prefixos" (*quantitativas, qualificativas, negativas*): b') **Bis-** (exs.: *bisneto, bissexual); Meio-* (exs.: *meio-relevo, meio-soldo); Quasi-* (ex.: *quasi-delicto); Semi-* (exs.: *semicirculo, semitom); Satis-* (exs.: *satisfacção, satisfactorio); Tris-* (exs.: *trifolio, trifurcação*); b") **Bene- / Bem-** (exs.: *beneficiar, benemerencia; bemaventurado, bemdizer); Male- / Mal-* (*maleficio, malevolo; maldizer, maltratar); Menos-* (exs.: *menoscabo, menosprezar*); b''') **In-** (exs.: *ingratidão, incalculavel); Não-* (ex.: *não razão*).

5. Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹):

A- / An- (*acatholico, aponia; anervia, analphabeto*); **Além-** (*além-mar, além-tumulo*); **Ambi-** (*ambidextro, ambiguidade*); **Amphi-** (*amphibio, amphiteatro*); **Ana-** (*anagramma, anaphonése*); **Ante-** (*antepor, antesala*); **Anti- / Ant-** (*antipathia; antagonista*); **Aquém-** (*aqueim-Téjo, aqueim-tumulo*); **Archi-** (*archipropheta, arcipreste, arcebispo*); **Bem-** (*bemaventurado, bemquerer*); **Bene-** (*benemerencia, beneplacito*); **Bis- / Bi-** (*bisavó; bipartido*); **Circum-** (*circumpolar, circumvallar*); **Cis-** (*cisalpino, cisatlantico*); **Com- / Con-** (*combater; confrade*); **Contra- / Contro-** (*contrapor; controverter*); **Des- / De-** (*desculpar, deshonesto*); **Dia-** (*diáphonia, diametro*); **Dis-** (*dissyllabo, dilemma*); **Dys-** (*dyslexia, dysphoria*); **En- / Em-** (*engarrafar; embainhar*); **Endo-** (*endocephalo, endocranio*); **Entre-** (*entrelinhar, entrever*); **Epi-** (*epidemia, epigraphe*); **Eu- / Ev-** (*euphoria; evangelizar*); **Hemi-** (*hemicranea, hemicyclo*); **Hyper-** (*hypercrise, hypercritico, hypermetria*); **Hypo-** (*hypocondría, hypodermico*); **In⁻¹ / Im⁻¹** (*infiltração, inundar; immergir, imigrante*); **In⁻² / Im⁻²** (*injusto, impertinente*); **Inter-** (*interpor, intervertebral*); **Intro- / Intra-** (*intrometter, introduccção; intramedullar, intramuros*); **Mal-** (*malfeitor, maltractar*); **Meio-** (*meio-corpo, meio-dia*); **Menos-** (*menosprezo, menospreciar*); **Meta-** (*metonymia, metaphysica*); **Ob-** (*objecção, objectar*); **Per-** (*percorrer, perfurar*); **Peri-** (*peripheria, peripatetico*); **Post- / Pos-** (*posteridade; pospor*); **Pre-** (*predizer, prever*); **Preter-** (*pretermissão, preternatural*); **Pro-** (*prolongar, prover*); **Pros-** (*prosodia, prostheticico*); **Re-** (*refazer, reler*); **Retro-** (*retroagir, retrogradar*); **Semi-** (*semicirculo, semivogal*); **Sob- / So-** (*sobestar; socapa*); **Sobre-** (*sobrehumano, sobreviver*); **Soto- / Sota-** (*sotopiloto, sotopor; sotopiloto, sotocapita*); **Sub-** (*subdelegado, subentender*); **Subter-** (*subterfugio, subterfluente*); **Super-** (*superintendente, superproducção*); **Supra-** (*supranatural, suprarenal*); **Sus-** (*suspender, sustentar*); **Syn- / Sym- / Syl- / Sy-** (*synthese; symphonia; syllogismo; systema*); **Tras- / Tra- / Tres-** (*trasnoitar; tradicional; tresloucar*); **Tris- / Tri- / Tres- / Tre-** (*trisannual; trisecular; tresdobrar; trejurar*); **Ultra-** (*ultraliberal, ultramar*).

6. Othoniel Mota ([1916] 1937⁸):

Abs- / Ab- / A¹- (*abster; abjurar; aversão*); **Ad- / A²-** (*adivinhar; avizinhar*); **Além-** (*além-tumulo*); **Ante-** (*anteceder, antepor*); **Anti-** (*anti-religioso*); **Archi- / Arci- / Arce-** (*architecto; arcipreste; arcebispo*); **Bene- / Bem-** (*benemerito, benevolo*);

bemaventurado, bemdizer); **Bis-** / **Bi-** (*bisneto; bi-mensal*); **Centum-** (*centimano*); **Cis-** (*cisplatino*); **Cum-** / **Com-** / **Con-** (*cumprir, cumprimento; comparar; conferir*); **Contra-** (*contra-dictar, contra-mestre, contra-veneno*); **De-** (*decorrer, deportar*); **Dis-** / **Di-** / **Des-** / **De-** / **Es-** (*discordar; divergir; desfazer, desamor; deformar; estroncar, por destroncar*); **Ex-** / **Es-** / **E-** (*expatriar; escorrer; emigração*); **Extra-** (*extravasar, extravio*); **In**⁻¹ / **En-** / **Em-** (*induzir; encapotar; embainhar*); **In**⁻² (*inimigo, incapaz*); **Inter-** / **Entre-** (*interpor, intervenção; entrelaçar*); **Intra-** (*intramuros*); **Intro-** (*introdução, intrometter*); **Juxta-** (*juxtaposição*); **Longi-** / **Long-** (*longimano; longanimo*); **Male-** / **Mal-** (*maledicente, malefico; malcreado, maldizer*); **Mille-** (*millenio, millesimo*); **Minus-** / **Menos-** (*minusculo; menosprezar*); **Multi-** (*multicolor, multiplicar*); **Non-** / **Não-** (*nonnato; não-eu, não-filho*); **Ob-** / **Obs-** / **Os-** (*objecto, obter; observar, obstar; ostentar*); **Omni-** (*omnisciente*); **Pene-** (*peninsula, penumbra*); **Per-** (*perfurar, permanencia*); **Post-** (*pospasto, postergar*); **Pre-** (*predizer, prevalecer*); **Preter-** (*preterir, preternatural*); **Quasi-** (*quasi-delicto, quasimodo*); **Re-** (*reflectir, realçar*); **Retro-** (*retroceder, retrospecto*); **Se-** (*seduzir*); **Sub-** / **Su-** / **Sus-** / **Sob-** / **So-** (*suburbio, subjugar; suspirar; suspender; sobcolor; sopapo*); **Subter-** (*subterfugio, subterfugir*); **Soto-** / **Sota-** (*sotopor; sotavento*); **Super-** (*superabundar, superfino*); **Supra-** (*suprasensível, suprasumo*); **Trans-** / **Tras-** / **Tres-** (*transparecer; traspassar; trespassar*); **Tris-** / **Tri-** / **Tres-** (*trisannual; tricentenário; tresdobro*); **Ultra-** (*ultramontano; ultrapassar*); **Vice-** / **Vizo-** / **Viz-** (*vice-almirante, vizo-rei; vizconde*).

7. José J. Nunes ([1919] 1989⁹):

A⁻⁹²⁷ (*adormecer, aperceber, arrefecer*); **Ante-** (*antebraço, antedatar*); **Bem-** (*benfazejo*); **Com-** / **Co-** (*compadre; coirmão, coerdeiro*); **Contra-** (*contra-mestre, contraveneno*); **De-** (*decair, depenar*); **Des-** (*desandar, desavença*); **Es-** (*esbracejar, esquentar*); **Em-** / **En-** (*embeber; enraivar*); **Entre**⁻⁹²⁸ (*entreabrir, entremeio*); **Mal-** (*maldizer, maldito, malquerença*); **Menos-** (*menoscabar, menosprezar*); **Pos-** (*pospor,*

⁹²⁷ Nunes ([1919] 1989⁹: 394) esclarece que "na língua arcaica ainda aparecem sem o *a-*, que depois se lhes juntou, verbos como *faagar* (hoje *afagar*), *conselhar*, *contecer*, *devinhar*, *gradecer*, etc.", o que parece, por um lado, confirmar a hipótese de ramificação binária (cf. Scalise ([1983] 1986²: 146-147) e a junção posterior dos prefixos *e*, por outro, colocar em questão a definição de parassintético enquanto forma resultante da junção simultânea de prefixo e sufixo à base, caso em que teríamos uma estrutura *trenária*.

⁹²⁸ O autor chama a atenção para a ocorrência no português antigo de *antre-* em vez de *entre-*.

pospontar); **Per-** (*percorrer, perdoar*); **Pre-** (*predizer, pressupor*); **Pro-** (*prometer, propor*); **Re-** (*requentar, retorcer*); **So-**⁹²⁹ (*soabrir, somergulhar*); **Sobre-** (*sobrecéu, sobreviver*); **Tras-** / **Tres-** / **Tra-** / **Tre-** (*traspassar; tresler; trafegar; treladar*).

8. Manuel Said Ali ([1931] 1964³):

Ante- (*anteontem, ante-sala*); **Anti-** (*antimilitar, anti-reumático*); **Bis-** (*bisneto, bissexto*); **Circum-** (*circunvizinho, circumurado*); **Cis-** (*cisalpino, cisplatina*); **Con-** / **Com-** / **Co-** (*coirmão, colaborar*); **Contra-** (*contraveneno, contra-senso, contraminar*); **De-** / **Des-** (*desabrigo, desilusão; descortês; desenrugar*); **Entre-** / **Inter-** (*entrever, entremeio; intermédio, interoceânico*); **Es-** (*esfriar, esquentar*); **In-** / **Im-** / **En-** / **Em-** (*inevitável, ilegal, irracional; implantar, enrijar, emprestar*); **Pre-** / **Pro-** / **Per-** ("usados em formações eruditas com o mesmo sentido que tinham em latim"⁹³⁰); **Re-** (*reatar, recomeçar*); **So-** / **Sub-** (*sonegar, soterrar*); **Sobre-** / **Super-** / **Supra-** (*sobredito; superintendente, supersensível; supranumerário*); **Soto-** / **Sota-** (*sotopor; sota-vento*); **Suso-** (*susodito, susonomeado*); **Trans-** / **Tras-** / **Tres-** / **Tra-** / **Tre-** (*trasmudar; tresler; traladaçom; tresladaçom*); **Vice-** / **Viso-** / **Vis-** (*vice-reitor; viso-rei; visconde*).

9. Joseph Huber ([1933] 1986): **Des-** (*desamor, deshonra*); **En-** (*enxemplo, enxerdado*⁹³¹).

10. Francisco M. Sequeira (1938b):

a) "prefixos latinos": **A-**¹ / **Ab-** / **Abs-** (*aversão; abjurar; abster-se*); **A-**²⁽⁹³²⁾ / **Ad-** (*adoçar, amontoar; adoptar, adjacente*); **Ambi-** (*ambidextro, ambigüidade*); **Ante-** (*antedata, antepassado*); **Bem-** (*bem-amado, bendizer*); **Bene-** (*benemérito, benevolência*); **Bis-** / **Bi-** (*bisneto; bilateral*); **Circum-** / **Circun-** / **Circu-** (*circumpolar; circundar; circuito*); **Cis-** (*cisalpino, cispadano*); **Com-** / **Con-** / **Co-**

⁹²⁹ Para Nunes ([1919] 1989⁹: 396), este sufixo é "a forma popular corresponde à literária *sub*".

⁹³⁰ O autor não exemplifica.

⁹³¹ Significa, segundo Huber ([1933] 1986: 84), 'duramente experimentado'.

⁹³² Segundo o gramático, "este prefixo não passa, as mais das vezes, de mera prótese, desprovida de significado especial e feita para simples eufonia ou encorporamento do vocábulo: *ajuntar, acalmar, amimar, acariciar, alagoa, atambor, alâmpada*" (Sequeira 1938b: 108).

(*compatriota; confrade; colaborar*); **Contra**⁻¹ (*contra-almirante, contramestre*); **Contra**⁻² (*contradizer, contraordem*); **De**- (*decair, depenar*); **Des**- (*desfazer, desleal*); **Dis**- / **Di**- (*discordar; difundir*); **Em**- / **En**- (*embarcar; enlouquecer*); **Entre**- (*entreabrir, entrelinha*); **Ex**- / **Es**- / **E**- (*expatriar, ex-ministro; escorrer; emergir*); **Extra**- (*extra-muros, extraordinário*); **In**⁻¹ / **Im**- / **I**- (*injectar; implantar; ilustrar*); **In**⁻² / **Im**- / **Ir**- / **I**- (*injusto; imparcial; irregular; ilegal*); **Inter**- (*interpor, interromper*); **Intra**- (*intramuros, intraocular*); **Intro**- (*intrometer, introversão*); **Mal**- (*maldizer, malfadado*); **Male**- (*maledicência, maléfico*); **Ob**- (*obter, obviar*); **Per**- (*perdurar, perseguir*); **Post**- / **Pos**- (*post-data, pospor*); **Pre**- (*predizer, prever*); **Preter**- (*preternatural, pretermitir*); **Pro**- (*procônsul, prometer*); **Re**- (*reeleger, refundir*); **Retro**- (*retroactivo, retrogradar*); **Sob**- / **So**- (*sobpor; sonegar*); **Sobre**- (*sobrehumano, sobrepujar*); **Soto**- (*sotopiloto, sotopor*); **Sub**- (*sub-chefe, sublevar*); **Super**- (*superfino, superintender*); **Supra**- (*supracitado, supra-sumo*); **Trans**-, **Tras**- / **Tres**- (*transposição, transitivo, trasladar, transbordar, trespassar, tresvariar*); **Ultra**- (*ultramar, ultrapassar*); **Vice**- / **Viso** / **Vis**- (*vice-reitor; viso-rei; visconde*);

b) "prefixos gregos": **An**- / **A**- (*analfabeto; átono*); **Ana**- (*anacronismo, anagrama*); **Anfi**- (*anfiteatro, anfíbio*); **Anti**- / **Ant**- (*antipatia; antagonista*); **Apo**- (*apógrafo, apoteose*); **Arqui**- (*arquiduque, arcebispo, arcanjo*); **Dia**- (*diagonal, diâmetro*); **Dis**⁻¹ / **Di**- (*dissílabo, ditongo*); **Dis**⁻² (*disfonia, dispneia*); **Epi**- (*epiderme, epifonema*); **Eu**- / **Ev**- (*eufonia; evangelho*); **Hiper**- (*hiperbólico, hipertrofia*); **Hipo**- (*hipoderme, hipótese*); **Meta**- (*metafísica, metátese*); **Para**- (*paradoxo, paráfrase*); **Peri**- (*perífrase, perímetro*); **Pro**- (*prognóstico, prólogo*); **Sin**- (*sincronismo, sinónimo*).

11. Ismael L. Coutinho (1938):

a) "prefixos latinos": **A**- (*adormecer; admirar*); **Ante**- (*anteceder, antepassado*); **Bem**- / **Ben**- (*bem-aventurado; benfazer*); **Com**- / **Con**- / **Co**- (*combater; conjunto; cooperar*); **Contra**- (*contrapor, contra-regra*); **De**- (*decapitar, decrescer*); **Des**- / **Dis**- (*desfazer, deshonesto; dissentir, disseminar*); **Es**- / **E**⁻¹ (*esfolhar; efusão, emigrar*); **Em**⁻¹ / **En**⁻¹ (*empobrecer; engarrafar*); **Entre**- (*entrechoque, entreabrir*); **Im**- / **In**- / **I**- (*imberbe; indecente; imortal*); **Intro**- (*intrometer, introspecção*); **Juxta**- (*juxtalinear, juxtamarginal*); **Mal**- (*malentendido, malbaratar*); **O**- / **Ob**- (*ofuscar; obrigar*); **Pene**- (*península, penúltimo*); **Per**- (*permeável, perpassar*); **Pos**- / **Post**- (*pospor, postónico; postfácio*); **Pre**- (*preceder, prevenir*); **Preter**- (*preterir, pretermissão*); **Pro**- (*procônsul,*

proclamar); **Re-** (*refrear, reler*); **Retro-** (*retroagir, retroversão*); **Semi-** (*semicírculo, semisselvagem*); **So-** / **Sob-** (*sonegar, socapa; sobpor, sobestar*); **Soto-** / **Sota-** (*sotopiloto, sotopor; sotavento*); **Sobre-** (*sobrexcelente, sobrepairar*); **Supra-** (*supranumerário, suprassensível*); **Tras-** / **Tra-** / **Tres-** / **Tre-** / **Trans-** (*trasbordar, trasanteontem; traduzir, tradição; tresvariar, tresnoitado; trejeito; transpor*); **Tres-** / **Tri-** (*tresdobrar, tresler; triplicar*); **Uni-** (*uniforme, unilateral*); **Ultra-** (*ultrapassar, ultrarrealista*); **Vice-** / **Vis-** (*vice-diretor; visconde*);

b) "prefixos gregos": **An-** / **A-** (*analgésico; ateu*); **Anfi-** (*anfíbio, anfiteatro*); **Ana-** (*anagrama, anatomia*); **Anti-** (*anti-didático, antipatia*); **Apo-** (*apofonia, apologia*); **Arqui-** / **Arce-** / **Arci-** (*arquibancada, arquiduque; arcebispo; arcediogo*); **Cata-** (*católico, catálogo*); **Dia-** (*diagrama, diafragma*); **Di-** (*díptero, dissílabo*); **Dis-** (*disenteria, dispnéia*); **Ec-** / **Ex-** (*eclipse; exegese*); **E⁻²** / **En⁻²** / **Em⁻²** (*elipse; encéfalo; emplastro*); **Endo-** (*endocampo, endotérmico*); **Epi-** (*epiderme, epitáfio*); **Eu-** / **Ev-** (*eufemismo; evangelho*); **Hemi-** (*hemiciclo, hemisfério*); **Hiper-** (*hipercrítico, hipertrofia*); **Hipo-** (*hipocondria, hipótese*); **Meta-** (*metamorfose, metacampo*); **Para-** (*paralelo, parêntese*); **Peri-** (*pericampo, perímetro*); **Pro-** (*prólogo, protônico*); **Si-** / **Sim-** (*simetria; sintaxe; simpatia*).

12. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.): **A-** (*acercar, adormecer*); **Ad-** (*admitir*); **Ante-** (*antebraço, anteontem, antepor*); **Antí-** (*antídoto*); **Arre-** (*arrematar*); **Bem-** (*bem-aventurado, bemquerença*); **Bis-** (*biscoito, bisavô, bisneto*); **Circum-** (*circunferência, circunnavegação*); **Com-** / **Con-** / **Co-** (*comprazer; confiar; coexistir*); **Contra-** (*contra-mestre, contrapor, contrasenso*); **Des-** (*desamparo, descreer, desterrar*); **Dis-** (*dispor, dissabor*); **Em-** (*embarcar, encastelar*); **En-** (*envelhecer, ensandecer*); **Entre-** (*entreaberto, entrecosto, entreter*); **Es-** (*escolher, estremecer*); **Extra-** (*extraordinário*); **In-** / **Im-** (*indigno, ingrato; impossível*); **Inter-** (*interferir, intervir*); **Mal-** / **Má-** (*malcriado, malpecado; má-fadairo, má-pesar*); **Menos-** (*menosprêzo, menoscarar*); **Não-** (*não-consoante, não-pagamento*); **Ob-** / **Obs-** (*óbvio; obsequiar*); **Para-** (*parapeito*); **Per-** (*permutar, perfeição*); **Por-** / **Per-** (*pormenor, porvir; percentagem*); **Pro-** (*proconsul*); **Re-** (*recontente, renomerematar*); **Sem-** (*sem-número, sem-sal*); **So-** (*socalco, socapa, sonegar*); **Sobre-** (*sobrecarregar, sobremesa, sobrevir*); **Sota-** / **Soto-** (*sotamestre, sotopiloto*); **Sub-** (*subtratar*); **Supra-** (*suprahomem*); **Trans-** / **Tras-** / **Tra-** / **Tres-** / **Tre-** (*transpor; traslar; trafogueiro; tressuar; trejurar*); **Ultra-** (*ultramar, ultra-radical*); **Vice-** / **Vis-** (*vice-rei, visconde*).

13. Mattoso Câmara Jr. (1975): **A-** (*acalmar, apor*); **Ab- / Abs-** (*absorver; abster-se*); **Ad-** (*adjuvir*); **Ante-** (*antebraço, antepor*); **Bis- / Bi-** (*bisavô; bidestro*); **Circun-** (*circunvalar*); **Con- / Co-** (*conviver; coagir*); **Contra-** (*contradizer*); **De-** (*depor*); **Des-** (*desfazer, desigual*); **En-** (*enraizar; embandeirar*); **Entre-** (*entrever*); **Ex- / Es- / E-** (*ex-presidente; esburacar; emigrar*); **Extra-** (*extravazar*); **In⁻¹ / I-** (*incorrer; ilustrar, irromper*); **In⁻²** (*inapto, irreal, ilegal, imaturo*); **Infra-** (*infra-som, infravermelho*); **Inter-** (*intervir*); **Intra-** (*intravenoso*); **Intro-** (*intrometer-se*); **Justa-** (*justalinear*); **Menos-** (*menosprezar*); **Per-** (*perpassar*); **Pre-** (*pré-história, pré-romântico*); **Pro-** (*propor*); **Re-** (*retomar, reconsiderar; reação*); **Retro-** (*retroagir*); **So-** (*sobraçar*); **Sobre-** (*sobrescrito*); **Sub- / Su-** (*submeter; supor*); **Super-** (*superpor*); **Supra-** (*supracitar*); **Trans- / Tras- / Tres-** (*transatlântico; trasmudar; trespasar*); **Ultra-** (*ultramar*); **Vice- / Vis-** (*vice-presidente; visconde*).

ANEXO II – Compostos tratados nas Gramáticas Históricas

1. COMPOSTOS NOMINAIS:

N + N:

Teophilo Braga (1876): *chaile-manta, couve-flôr, livro-mestre, rei-soldado*;

Carl von Reinhardstoettner (1878): *lobis-homem, lobo-gato, pedra-pomes*;

Manuel P. da Silva Jr. (1878): *ferrovia*;

Manuel P. da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴): *couve flôr, gomma arabica, gomma lacca, lobis homem, logar tenente, madreperola, mãe-patria, papel moeda, banho maria, mappamundi, mestre-escola, quartel-mestre, salmoura, terra-pleno, terremoto*;

António R. Vasconcellos (1900): *cardeal-rei, couve-flôr, mãe-pátria, papel-moeda, porco-espinho, quartel-mestre, rei-propheta*;

Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹): *beira-mar, cantochão, couve-flor, escola-modelo, fidalgo, homem pedra, madresilva, mãe-patria, papel-moeda, pontapé, mestre-escola, terremoto, varapau*;

Othoniel Mota ([1916] 1937⁸): *mestre-escola, pontapé*;

José J. Nunes ([1919] 1989⁹): *beiramar, canafrecha, couve-flor, fidalgo, malquerença, malvaíscio, malva-rosa, mestre-sala, papel-moeda, pedraúme, pintarroxo, pontapé, porco-espinho, quartel-mestre, rainha cláudia, varapau, verde-mar*;

Brandt Horta ([1930?] s.d.³): *couve-flor, pontapé*;

Manuel Said Ali ([1931] 1964³): *algodão-pólvora, arco-íris, astro-rei, beterrava, café-concerto, caixeiro-viajante, carro-dormitório, chave-mestra, couve-flor, fidalgo-aprendiz, língua-mãe, mãe-pátria, manga-espada, mestre-escola, mestre-sala, papel-moeda, parede-mestra, peixe-agulha, peixe-boi, peixe-espada, peixe-serra, pombo-leque, porco-espinho, quartel-mestre, tamanduá-bandeira, urubu-rei, vagomestre*;

Francisco M. Sequeira (1938b): *beira-mar, couve-flor, escola-modelo, pau-ferro, pontapé, porco-espinho, quartel-mestre, varapau*;

Ismael L. Coutinho (1938): *banho-maria, carta-bilhete, couve-flor, escola-modelo, fidalgo, lugar-tenente, madre-silva, mãe-pátria, papel-moeda, pedra-pomes, ponta-pé, porco-espinho, preia-mar, vara-pau*;

Mattoso Câmara Jr. (1975): *burgomestre, couve-flor, guerra-relâmpago, manga-espada, mestre-escola.*

N + Prep + N:

Braga (1876): *cabo de esquadra, homem do mar, passo a passo;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *chefe de trem;*

A. R. Vasconcellos (1900): *cabo-d'esquadra, mão-d'obra, mestre de quartel;*

Pereira ([1916] 1935⁹)⁹³³: *alma de gato, bacharel em letras, cabo de esquadra, chefe de secção, mestre de cerimonia, mestre de obra, pé de vento;*

Mota ([1916] 1937⁸): *pé-de-vento;*

Horta ([1930?] s.d.³): *cabos de esquadra, pé de cabra, pé de vento;*

Ali ([1931] 1964³): *alma-de-gato, amor-de-homem, arco-da-velha, arma de fogo, beijo-de-frade, brinco-de-princesa, cravo-de-defunto, erva-de-S. João, estrada de ferro, homem de estado, mãe-d'água, malícia-de-mulher, menina dos olhos, mestre-de-capela, mestre-de-cerimônias, mestre-de-obras, orelha-de-pau, pai de família, pé-de-cabra, pé-de-galinha, pé-de-moleque, unha-de-boi;*

Huber ([1933] 1986): *dona d'algo, filho d'algo;*

Sequeira (1938b): *mestre-de-obra, mestre-sala, pé-de-galinha;*

Coutinho (1938): *barba de bode, chefe de família, pau d'alho, pé de galinha, pé de vento.*

N + Prep + V:

Coutinho (1938): *ferro de engomar.*

N + Adj.:

Braga (1876): *cofre-forte, porto-franco;*

Reinhardtstoettner (1878): *barbi-ruiva, pont-agudo;*

Silva Jr. (1878): *dia-santo;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *aguardente, planalto, primavera, redea-falsa, vinagre;*

⁹³³ Segundo Pereira ([1916] 1935⁹: 232), à excepção de *alma de gato* (sem hífen), os restantes compostos grafam-se com ou sem hífen. Cf., no entanto, em Ali ([1931] 1964³), *alma-de-gato*.

Pereira ([1916] 1935⁹): *aguardente, amor-perfeito, menino prodígio, nariz monstro, pintalegrête, vinagre;*

Nunes ([1919] 1989⁹): *aguardente, betarda, cabra-cega, mancheia, rosmaninho, vinagre;*

Horta ([1930?] s.d.³): *aguardente, guarda-campestre, guarda-municipal;*

Ali ([1931] 1964³): *água-forte, aguardente, água-régia, águas-furtadas, amor-perfeito, amor-próprio, arco-celeste, arma branca, boquiaberto, cabisbaixo, cabra-cega, criado-mudo, fogo-fátuo, Idade Média, manirroto, mão-cheia / mancheia, mão-morta, mão-pendente, mãos-rôtas, mão-tenente, obra-prima, sangue-frio;*

Sequeira (1938b): *planalto;*

Coutinho (1938): *aguardente, amor-perfeito, balança-romana, capitão-mór, meia-noite, obra-prima, passeio-público, penalta, planalto;*

Câmara Jr. (1975): *aguardente, planalto.*

N + V:

Nunes ([1919] 1989⁹): *prolfaça.*

Adj. + N:

Reinhardtstoettner (1878): *rico-homem, van-gloria;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *alto-mar, baixa-*latinidade*, baixa-mar, bom-senso, clara-boia, gentil-homem, plata-fôrma, salva-guarda, santa-sé, santo-padre;*

Pereira ([1916] 1935⁹): *bom-senso, claraboia, gentilhomem, livre-pensador, preamar, vangloria;*

Mota ([1916] 1937⁸): *vangloria;*

Nunes ([1919] 1989⁹): *baixamar, bofé, clarabóia, preamar, rico-homem;*

Horta ([1930?] s.d.³): *franco-atirador, vanglória;*

Ali ([1931] 1964³): *alto-forno, baixa-mar, belas-*artes*, gentil-homem, linda-flor, livre-pensador, meia-cara, meia-idade, meia-noite, meio-dia, preia-mar;*

Huber ([1933] 1986): *boandança, ricomen;*

Sequeira (1938b): *preia-mar;*

Coutinho (1938): *clara-bóia, livre-pensador, vanglória, verde-mar;*

Câmara Jr. (1975): *vanglória.*

Adj. + Adj.:

Ali ([1931] 1964³): *anglo-saxônico, azul-marinho, claro-escuro, herói-cômico, luso-brasileiro, surdo-mudo, trágico-cômico, verde-escuro;*

Sequeira (1938b): *belo-horrível, surdo-mudo;*

Coutinho (1938): *azul-claro, franco-alemão, lusco-fusco, luso-brasileiro, médico-cirúrgico, surdo-mudo, verde-gaio.*

V + N:

Braga (1876): *passa-culpas, pesa-licôres, porta-voz, saca-rolhas, tira-pé;*

Reinhardtstoettner (1878): *arrebata-punhadas;*

Silva Jr. (1878): *guarda-prata, para-raio;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *sacarolha, troca-tintas;*

A. R. Vasconcellos (1900): *beija-mão, bota-fóra, escala-favais, ganha-pão, lava-pés, pesa-licôres, troca-tintas;*

Pereira ([1916] 1935⁹): *beija-mão, bota-fóra, guarda-chuva, papa-figos, papa-jantares;*

Mota ([1916] 1937⁸): *girassol, papa-moscas;*

Nunes ([1919] 1989⁹)⁹³⁴: *abrolho, alçapão, corrimão, finca-pé, ganha-pão, girassol, matacão, mata-mouros, papa-figos, pára-raios, porta-voz, saca-rolhas, tira-olhos, troca-tintas;*

Horta ([1930?] s.d.³): *gira-sol, guarda-chuva, guarda-costas, guarda-marinha, guarda-matas, porta-bandeiras;*

Ali ([1931] 1964³): *bate-estacas, bate-fôlhas, beija-flor, busca-pé, desmancha-prazeres, espanta-ratos, espia-maré, fura-bolos, fura-paredes, furta-fogo, ganha-pão, guarda-braço, guarda-chuva, guarda-comida, guarda-lama, guarda-louça, guarda-mão, guarda-pó, guarda-quedas, guarda-raios, guarda-roupa, guarda-sol, guarda-vento, lança-perfumes, lava-pés, lava-pratos, limpa-chaminés, limpa-trilhos, louva-Deus, manda-chuva, mata-cavalo, mata-fome, mata-mouros, mata-pau, mata-piolho, mata-ratos, papa-vento, parapeito, pára-quedas, pára-raios, pára-vento, passa-culpas, passatempo, pica-pau, pica-peixe, pintamonos, porta-bandeira, porta-estandarte, porta-lápis,*

⁹³⁴ Segundo Nunes [1919] 1989⁹: 392), a "pessoa do verbo, embora à primeira vista pareça ser a terceira do indicativo presente, a comparação com as outras línguas e ainda a colocação do elemento complemento mostram evidentemente tratar-se da segunda pessoa do imperativo".

porta-relógio, porta-voz, quebra-cabeça, quebra-mar, quebra-nozes, saca-rôlhas, saca-trapo, tira-dentes, tira-flor, tira-teimas, trinca-nozes, trinca-pintos, troca-tintas;

Sequeira (1938a): *ganha-pão, passa-culpas;*

Sequeira (1938b): *guarda-roupa;*

Coutinho (1938): *beija-flor, finca-pé, guarda-roupa, guarda-sol, mata-burro, mata-mosquitos, papa-figos, passa-tempo, porta-voz, quebra-cabeça, roda-pé, saca-rolha, troca-tintas;*

Câmara Jr. (1975): *beija-flor, ganha-pão, guarda-chuva.*

PartPres + N:

Reinhardstoettner (1878): *vi-andante;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *viandante;*

Nunes ([1919] 1989⁹): *viandante, tentelogo.*

V + Prep + N:

Nunes ([1919] 1989⁹): *louva-a-Deus.*

V + Adj.:

Mota ([1916] 1937⁸): *estafermo, pisamanso.*

V + V:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *vaivem;*

Pereira ([1916] 1935⁹): *ganha-perde, leva-traz, luze-luze, ruge-ruge, vae-vem;*

Mota ([1916] 1937⁸): *vaevem;*

Nunes ([1919] 1989⁹): *vaivém;*

Ali ([1931] 1964³): *corre-corre, ganha-perde, perde-ganha, vaivém;*

Sequeira (1938b): *ganha-perde;*

Coutinho (1938): *leva-traz, luze-luze, perde-ganha, rompe-rasga, ruge-ruge, vai-vem.*

V + ADV:

Braga (1876): *dorme-em pé, mija-mansinho;*

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *puxavante;*

Pereira ([1916] 1935⁹): *puxavante;*

Mota ([1916] 1937⁸): *bota-fóra*;
Horta ([1930?] s.d.³): *puxavante*;
Sequeira (1938a): *bota-fora*;
Sequeira (1938b): *bota-abaixo*;
Coutinho (1938): *bota-fora, pisa-mansinho, puxavante*;

Prep + N:

Braga (1876): *contra-vontade, sub-chefe*;
A. R. Vasconcellos (1900): *contra-veneno, sem-coração*;
Nunes ([1919] 1989⁹): *contraveneno, entremeio, sobrepeliz*;
Sequeira (1938a): *sopapo*.

NUM + N:

Ali ([1931] 1964³): *bisavô, bisneto, mil-homens, segunda-feira, etc., três-folhas, trigêmeo*;
Coutinho (1938): *segunda-feira, etc..*

ADV + N:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *sem razão*;
A. R. Vasconcellos (1900): *ante-braço, ante-sala, contra-mestre, contra-ordem, contra-prova, entre-meio, entre-rios*;
Pereira ([1916] 1935⁹): *bemfeitor*;
Ali ([1931] 1964³): *benquerença, malfeitor, malquerença*;
Sequeira (1938a): *ante-manhã, bem-falante, sempre-noiva*;
Sequeira (1938b): *bem-falante*.

ADV + Pron + V:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *bem-te-vi, mal me quer*;
Pereira ([1916] 1935⁹): *bem-te-vi (bemtevi), mal-me-quer (malmequer)*;
Nunes ([1919] 1989⁹): *malmequer*;
Horta ([1930?] s.d.³): *malmequer*;
Ali ([1931] 1964³): *bem-me-quer, malmequer*;
Coutinho (1938): *benteví, malmequer*.

Prep + V:

Nunes ([1919] 1989⁹): *porvir*.

2. COMPOSTOS ADJECTIVAIS:

Adj. + Adj.:

Braga (1876): *albi-nitente, auri-comado, rosi-cler*;

Reinhardstoettner (1878): *agri-doce, verde-negro*;

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *surdo-mudo*;

Pereira ([1916] 1935⁹): *azul-claro, luso-brasileiro, medico-cirurgico, novo-latino, surdo-mudo, verde-negro*;

Mota ([1916] 1937⁸): *surdo-mudo, verde-pallido*;

Nunes ([1919] 1989⁹): *altibaixo, tartamudo*;

Sequeira (1938b): *belo-horrível, surdo-mudo*;

Câmara Jr. (1975): *(tratado) anglo-americano, (guerra) franco-prussiana, (amizade) luso-brasileira*.

ADV + Adj.⁹³⁵:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *malcreado*;

Nunes ([1919] 1989⁹): *bem-aventurado, benquisto, malandante, malcriado, maldito*;

Ali ([1931] 1964³): *bem-afortunado, bem-aventurado, bem-criado, bem-ferido, bem-intencionado, bem-soante, benquisto, mal-andante, mal-aventurado, malcriado, mal-intencionado, malquisto, mal-soante, mal-sofrido*.

3. COMPOSTOS VERBAIS

N + V:

Reinhardstoettner (1878): *man-obrar, terra-plenar*;

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *manobrar, pacificar*;

A. R. Vasconcellos (1900): *manobrar, manter*;

⁹³⁵ Quase sempre com origem num particípio passado.

Pereira ([1916] 1935⁹): *manter, manufacturar*;

Adj. + V:

Reinhardtstoettner (1878): *dignificar, equiparar*;

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *purificar*.

Prep + V:

Sequeira (1938a): *contradizer, entrever, sobre-estar*.

ADV + V:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *maltratar*;

Ali ([1931] 1964³): *bendizer, malbaratar, maldizer, malograr, maltratar*;

Sequeira (1938a): *menos-prezar*.

4. LOCUÇÕES:

Silva Jr. e Andrade ([1887] 1913⁴): *aqui d'El-Rei, salve-se quem puder*;

Pereira ([1916] 1935⁹): *aqui-d'el-rei, Maria-vae-com-as-outras, Sancto Antoninho onde te porei*.

ANEXO III – Sufixos indicados por cada um dos gramáticos

1. Teophilo Braga (1876):

- a) Sufixos Nominiais: **-Ada** (*alvorada; pratada; caminhada*); **-Ade** (*mansidade, sensibilidade*); **-Ado¹** / **-Ato** (*condado, professorado; generalato*); **-Ado²** (*afrancezado, enfasiado*); **-Agem** (*contagem, folhagem*); **-Al** (*mortal, sepulcral*); **-Ança** (*matança, vingança*); **-Ancia** (*importancia, observancia*); **-Ano** (*italiano, mundano*); **-Ante** / **-Ente** / **-Inte** (*amante; arguente; pedinte*); **-Ão** (*capellão, cirurgião; diferenciação*); **-Ar** (*familiar, patibular*); **-Aria** (*pastelaria; porcaria*); **-Ario** (*camerario, parlamentar*); **-Atico** (*lunatico, magestático*); **-Avel** / **-Ivel** (*louvavel; soffrivel*); **-Dor** (*andador, operador*); **-Eiro** (*sapateiro; tinteiro; lisongeiro; cantadeira; lorangeira*); **-Ella** (*aparadella, varredella*); **-Ena** (*dezena, vintena*); **-Ença** (*crença, nascença*); **-Encia** (*assistencia, pendencia*); **-Enho** (*extremenho, ferrenho*); **-Ento** (*praguento, virulento*); **-Essa** / **-Eza¹** / **-Isa** (*condessa; duqueza; poetisa*); **-Ete** (*trigueirete*); **-Eza²** (*certeza, firmeza*); **-Ice** (*doudice, velhice*); **-Iço** (*espantadiço, fugidiço*); **-Idade** (*fragilidade, mundanidade*); **-Ido** (*ferido, proibido*); **-Ifero** (*estrellifero*); **-Il** (*gentil, febril*); **-Ino** (*divino, purpurino*); **-Io** (*mulherio, rapazio*); **-Ismo** (*heroismo, germanismo, transformismo*); **-Ista** (*evangelista, oculista*); **-Itico** (*mythico, sedomitico*); **-Ivo** (*curativo, pensativo, repressivo*); **-Iz** (*chamariz*); **-Mento** (*contentamento, esquecimento*); **-Ólico** (*parabólico, symbolico*); **-Onho** (*tristonho*); **-Orio** (**-Ouro**) (*dormitorio; finorio; matadouro*); **-Oso** (*amoroso, gostoso*); **-Ote** (*grandote, velhote*); **-Udo** (*façanhudo; conhecido*); **-Ura** (*assadura, cozedura, loucura, negrura*);
- b) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: b') **-Aço** (*talentaço, volumaço*); **-Arra** (*naviarra*); **-Arão** / **-Arrão** (*casarão; homenzarrão*); **-Az** (*velhacaz*); **-Astro** (*poemastro*); **-Ona** (*figurona, mulherona*); **-Oila** (*moçoila*); b") **-Eta** / **-Ete** / **-Eto** (*chapeleta, roseta; beberete, lembrete; poemeto*); **-Ebre** (*casebre*); **-Ella** / **-Ello** (*donzella, mordedella; janello, portello*); **-Éolo** (*alvéolo, nucléolo*); **-Iculo** / **-Icula** (*auricula, radricula; monticulo, ventriculo*); **-Elha** / **-Elho** / **-Ilha** (*azelha; francelho; camilha, forquilha*); **-Inho** / **-Sinho** / **-Sinha** (*pequeninho; avesinha; orfãosinho*); **-Ito** (*geitito; mezita*); **-Ola** (*egrejola, portinhola*); **-Ota** / **-Ote** (*casota; velhote*).

2. Carl von Reinhardstoettner (1878):

a) Sufixos Nominais: **-Aco** (*velhaco*); **-Ado** (*afidalgado; abbadado; machadada; xaropada; vacada*); **-Agem** (*saturagem*); **-Al** (*pombal; faval*); **-Alho / -Ilho / -Ejo** (*espantalho, migalha; armadilha, junquilha; azulejo; lugarejo*); **-Ame** (*raizame*); **-Anha** (*montanha, rebanho*); **-Ano / -Ão** (*italiano; leviano; cirurgião; vilão; coimbrão*); **-Ante / -Ente**; **-Ancia / -Ança / -Encia / -Ença** (*prestante; ardente; arrogancia; esperança; desobediencia; crença*); **-Ão** (*febrão; canzarrão; leitão; bretão*); **-Ar** (*glandular; espaldar*); **-Ardo** (*bombarda, galhardo*); **-Ario / -Eiro** (*trintairo; guerreiro; tinteiro; brasileiro*); **-Arro** (*chibarro, bandarra*); **-Asco** (*carrasco, penhasco*); **-Atico / -Adego (-Adigo) / -Agem** (*freiratico; vinhadego; infantadigo; lingoagem*); **-Ato** (*lobato, novato*); **-Az / -Ace** (*vivaz; fugace*); **-Ção** (*guarnição*); **-Ço / -Cho / -Az** (*soberbaço; friacho; villanaz*); **-Do** (*pedido, entrada*); **-Eco** (*chaveca, marreco*); **-Edo** (*arvoredado; torpedo*); **-Ela** (*ourela*); **-Ello / -Eo / -El / -Ela** (*portello; ilheo; batel; sacudidela*); **-Enda** (*vivenda*); **-Engo** (*solarengo*); **-Eno** (*moreno, azucena*); **-Ense / -Ez** (*lisbonense; noruegues*); **-Ento** (*avarento*); **-Eo / -Io¹** (*argenteo, ferreo; ebrio, sabio*); **-Erno** (*caserna, galerno*); **-Essa / -Issa / -Eza / -Iza** (*abbadessa; diaconissa; duqueza; poetiza*); **-Eto / -Ete / -Ito** (*soneto, faceta; pobrete; bonito*); **-Ia / -Ria** (*alegría, baronía; beataría, sacaría*); **-Ião** (*infanção*); **-Icia / -Iça / -Icie / -Ice / -Ez / -Eza** (*avaricia; justiça; planicie; ligeirice; mesquinhez; justeza*); **-Iço / -Iz** (*caniço, quebradiço; aprendiz*); **-Ico¹** (*amorico*); **-Ico² / -Ego** (*lusitanico; gramatego*); **-Ido** (*florido, zumbido*); **-Igo** (*mulherígo*); **-Il** (*pernil, varonil*); **-Ilho** (*peitilho, tortilha*); **-Ineo** (*sanguineo*); **-Inho¹ / -Im¹** (*gordinho, livresinho, homemzinho; flautim*); **-Ino¹ / -Inho² / -Im²** (*granadino; padrinho; festim*); **-Io²** (*amorio, murmurio; mulherío*); **-Isco / -Esco** (*mourisco, pedrisco; fradesco, parentesco*); **-Ismo** (*analogismo*); **-Ista** (*bairrista, florista*); **-Ita** (*carmelita*); **-Ite** (*tympanite*); **-Ivo / -Io³** (*altivo, pensativo; baldio, tardío*); **-Lento** (*somnolento*); **-Mento** (*conhecimento*); **-Oco** (*beijoca, bicharoco*); **-Ol** (*bandeirola, camisola, hespanhol, linhol*); **-Onho** (*medonho, peçonha*); **-Or** (*amargor*); **-Orro** (*beatorro, machorra*); **-Oso** (*amargoso*); **-Ote / -Oto** (*camarote; risota(e); perdigoto*); **-Tade / -Dade** (*beldade*); **-Tor / -Dor** (*pintor; defendedor; esquentador*); **-Torio / -Doiro (-Douro)** (*cartorio; aradoiro, vendedoiro; miradouro; varredoura*); **-Tude / -Idão (-Om, -Oem)** (*plenitude; firמידão; limpidoem*); **-Ucho / -Uz** (*capucho; capuz*); **-Uco / -Ugo** (*abelharuco, teixugo*); **-Udo** (*barrigudo*); **-Ugem** (*pennugem*); **-Ulho** (*bagulho, pedregulho*); **-Ulo** (*acidulo, tremulo*); **-Ume** (*azedume*); **-Undo** (*tremebundo*); **-Uno / -Um / -Ino² / -Io⁴** (*zebruno; ovelhum; raposino; cabrío*); **-Ura**

(armadura, frescura); **-Urta** (*caturreta*); **-Usco** (*mollusco, farrusco*); **-Vel** (*agradavel, soffrivel*);

b) Sufixos Verbais: **-Car** / **-Gar** / **-Ear** / **-Ejar** (*salpicar; madrugar; guerrear; gotejar*); **-Ecer** / **-Escer** (*floreecer; remaescer*); **-Entar** (*amamentar*); **-Iscar** / **-Uscar** (*choviscar; chamuscar*); **-Izar** (*moralizar*); **-Ucar** (*batucar*); **-Ular** / **-Olar** (*tremular; cantarolar*).

3. Manuel P. da Silva Jr. e Lameira de Andrade ([1887] 1913⁴):

a) Sufixos Nominiais: **-Aça** (*fumaça, vinhaça*); **-Ação** (*ligação, publicação*); **-Aceo** (*rosaceo*); **-Aço** (*cartapço, espinhaço; andaço*); **-Ada** (*facada; rapaziada; goiabada, limonada; velhacada*); **-Ade** / **-Dade** (*animalidade, mortandade; ceguidade*); **-Ado¹** / **-Ato** (*reinado; generalato*); **-Ado²** (*estrelado*); **-Agem** (*folhagem; ancoragem*); **-Aico** (*judaico*); **-Al¹** (*areal, pombal*); **-Al²** / **-El** / **-Il** (*imperial; negral; cruel; febril*); **-Alha** (*gentalha, muralha*); **-Alho(a)** / **-Ilha** / **-Ulho** (*cascalho; espantalho; canalha; matilha; pedregulho*); **-Ame** / **-Ama** / **-Ume** (*barrilame; mourama; queixume*); **-Ancia** / **-Ança** / **-Encia** / **-Ença** (*observancia; mudança; resistencia; detença*); **-Ando** / **-Endo** / **-Undo** (*venerando; oriundo*); **-Anha** (*montanha*); **-Ante** / **-Ente** / **-Inte** (*caminhante; conhecente; pedinte*); **-Ão¹** / **-Ano** (*cirurgião, ladrão; parochiano, republicano*); **-Ão²** / **-Ção** (*rasgão; pronunciação*); **-Ão³** (*mansidão*); **-Ar** (*familiar*); **-Aria** (*escadaria; albergaria; velhacaria*); **-Ario** / **-Eiro** (*boticario; imaginario; porteiro; limoeiro; aguaceiro; gallinheiro; embusteiro*); **-Asio** (**-Azio**) (*balasio, copasio*); **-Atico** (*lunatico*); **-Avel** / **-Ivel** / **-Bil** / **-Il** (*amavel; vendivel; nubil; fragil*); **-Az** (*beberaz; cartaz*); **-Bundo** (*meditabundo*); **-Cia** / **-Ia¹** (*audacia; perfidia*); **-Cida** (*homicida, regicida*); **-Cola** (*agricola, vinicola*); **-Dade** (*autoridade, maternidade*); **-Ecimo** / **-Esimo** (*decimo; centesimo*); **-Eço** / **-Iço** / **-Oço** (*cabeço; alvoroço*); **-Edo** (*arvoredo, vinhedo*); **-Ego** / **-Igo** (*fumádego; mordomadigo*); **-Eira** (*choradeira; bananeira*); **-Ejo** (*sertanejo; andarejo*); **-Ela** (*apalpadela*); **-Ena** (*centena, dezena*); **-Engo** (*judengo*); **-Enho** (*ferrenho*); **-Ense** (*forense*); **-Enta** (*ferramenta*); **-Ente** (*paciente*); **-Ento** (*bulhento; pardacento*); **-Eo** (*férreo*); **-Esco** (*burlesco*); **-Essa** / **-Isa** / **-Ez** / **-Eza** (*abadessa; poetisa; burguez, francez; rapidez; princeza; largueza*); **-Este** (*agreste*); **-Estre** (*terrestre*); **-Ia²** (*rapazia; thesouraria; monotonia; berraria*); **-Icia** / **-Iça** (*malicia; justiça*); **-Icie** / **-Ice** (*calvicie; patetice*); **-Icio** / **-Iço** (*patricio; castiço; abafadiço*); **-Ico** (*geometrico*); **-Ido** (*rugido; timido*); **-Ifero** (*pestifero*); **-Imo** (*maritimo*); **-Ina** (*disciplina, medicina*); **-Inho** (*marinho*); **-Ino** / **-Tino** (*salino; libertino*); **-Io** (*mulherio; poderio; sombrio; pousio*); **-Ista** (*dentista; socialista*); **-Ismo** (*machiavelismo*);

brilhançismo; gallicismo); **-Itico** (romantico); **-Ivo** (paliativo); **-Iz** (chamariz); **-Mento** (atreuimento); **-Olico** (symbolico); **-Onho** (tristonho); **-Oso** (ocioso); **-Monia** (acrimonia, parcimonia); **-Ório** / **-Eiro** / **-Ouro** (**-Oiro**) (dormitorio; simplorio; atoleiro; matadouro); **-Tor** / **-Sor** / **-Dor** / **-Or** (leitor; contador; conciliador); **-Tude** (juventude, solicitude); **-Udo** (pelludo); **-Um** (vacum); **-Undo** (furibundo); **-Ura** (formosura; queimadura; pintura); **-Urno** / **-Ierno** (diurno; hodierno);

b) Sufixos verbais: **-Ar** (caminhar); **-Ear** (folhear); **-Ecer** / **-Escer** (carecer, endurecer); **-Icar** / **-Inhar** / **-Itar** / **-Migar** (bebericar, fabricar; escrevinhar; dormir, facilitar; choramigar); **-Ir** (cuspir); **-Isar** (christianisar; fertilisar);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') **-Aço** / **-Acho** (senhoraço, ricaço; populacho); **-Alha** (canalha, gentalha); **-Alho** (parvoalho); **-Anzil** (corpanzil); **-Ão** (portão, rapagão; beerrão, chorão); **-Arão** / **-Arrão** (casarão; homenzarrão); **-Astro** (poetastro); **-Az** (cartaz, lobaz); **-Azio** (copazio); **-Chão** (sabichão); **-Elho** (azelho, fedelho); **-Éolo** (alvéolo, capreolo); **-Lhão** (amigalhão); **-Ona** (mocetona, valentona); **-Orio** (finorio, sabidorio); **-Rra** (cabeçorra); c") **-Acho** (riacho); **-Ebre** (casebre); **-Eta** / **-Ete** / **-Óte** / **-Ôto** (trombeta; diabrete; capote, ilhota; perdigoto); **-Ejo** (animalejo, quintalejo); **-El** (contr. de -elo; canastrel; cordel); **-Ello** (portello; viella); **-Ico** / **-Isco** (abanico, burrico; florica; chovisco, pedrisco); **-Iculo** (monticullo); **-Ilho** (vidrilho; mantilha); **-Im** (espadim, flautim); **-Inho** (quintalinho); **-Ito** (livrito; cabrita); **-Olo** (bolinholo, sacola); **-Olho** (ferrolho); **-Ulo** (granulo; pellicula); **-Zinho** (dorzinha, florzinha);

d) "Substantivos ethnicos, gentilicos e patronymicos": **-Aico** (Egypciaco); **-Ano** / **-Iano** (pernambucano); **-Ão** (coimbrão); **-Ense** (atheniense); **-Ez** (chinez); **-Ico** (indico); **-Ino** (latino); **-Ista** (paulista).

4. António R. Vasconcellos (1900):

a) Sufixos Nominais: **-Áceo** (liliáceos); **-Ário** (-airo) / **-Eiro** (estatuário; ferreiro; castanheiro, roseira); **-Ato** / **-Ado** (baronato; abbadessado); **-Ense** (mirandense) / **-Ês** (português); **-Esco** (carnavalesco); **-Êssa** / **-Êsa** / **-Isa** (condêssa; priorêsa; poëtisa); **-Ia¹** (hydrocephalia); **-Ía²** (livraria, villania); **-Ico¹** (apáthico); **-Ico²** (fêrrico, plúmbico); **-Idáde** (amabilidade, culpabilidade); **-Íno** (campino, crystallino); **-Io** (potássio); **-Ismo** (realismo); **-Ite** (laryngite; anthracite); **-Ito** (livrito, mulherita); **-Mento** (vencimento); **-Ncia** / **-Nça** (nascença; cobrança); **-Ônho** (risonho, tristonho);

-**Ose** (*neurose*); -**Ôso** (*famoso, leproso*); -**Tório** (*accusatório, peditório*); -**Ulo** (*óvulo*);
-**Ura** (*brancura*);

b) Sufixo Verbal: -**Ejar** (*bracejar, gracejar*);

c) Sufixo Adverbial: -**Mente** (*constitucionalissimamente; medicamentosamente*).

5. Leite de Vasconcellos ([1911] 1959³):

a) Sufixos Nominiais: -**Acho** (*coiracho*); -**Acho** / -**Echo** / -**Icho** / -**Ocho** / -**Ucho** (*fogacho; ventrecho; artiguicho; realocha; gorducho*); -**Acos** / -**Éca** / -**Ico** / -**Ôco** / -**Óca** / -**Uco** (*Poçacos; coiséca; mulherica; bichôco; Pedróca; fachuco*); -**Alho** (*porcalho*); -**Anga** (*nariganga*); -**Anho** (*tacanho*); -**Ano** (*bragançano, transmontano*); -**Ante** / -**Ente** / -**Inte** (*andante; temente; pedinte*); -**Ão** (*coimbrão, sintrão*); -**Aria** / -**Eria** (*camisaria; feiticaria*); -**Ário** / -**Eiro** (*boticário, dicionário, semanário; ferreiro; espigueiro, justiceiro*); -**Arro** / -**Erro** / -**Ôrro** (*prat-arr-il; beb-err-ão; grand-ôrro*); -**Ato** / -**Eto** / -**Ête** / -**Ito** / -**Oto** / -**Óte** / -**Uto** (*felgarato⁹³⁶, regato; corêto, vareta; pedreirete; montito, pedrita; laparoto, perdigôto; fidalgote, casota; coruto*); -**Alho** / -**Elho** / -**Ilho** / -**Ôlho** / -**Ulho** (*frad-alh-ão; cortelho; tomilho; geolho; capulho*); -**Çom** (*conversaçom, repartiçom*); -**Deiro** (*aguadeiro, engomadeira*); -**Dor** (*comendador, corredor, matador*); -**Eiro** (*cartaxeiro, penicheiro*); -**Ejo** (*alcoutenejo*); -**Engo** (*mostrengo, mulherengo, reguengo*); -**Enho** (*estremenho*); -**Eno** (*Madrileno*); -**Ense** / -**Ês** (*bejense; português*); -**Eta** (*lisboeta*); -**Éu** (*ilhéu*); -**Ico** (*mindérico*); -**Idão** (*certidão, multidão, servidão*); -**Ino** (*abrantino, amarantino*); -**Io** (*doentio, lavradio*); -**Ista** (*freixenista⁹³⁷*); -**Oto** (*minhoto, perdigôto*);

b) Sufixo Adverbial: -**Mente** (*portuguêsmente*).

6. Eduardo C. Pereira ([1916] 1935⁹):

a) Sufixos Nominiais: -**Aceo** / -**Azio** / -**Aço** / -**Az** (*vinhaceo; copazio; barçaça; doudaz*); -**Ado**¹ (*azulado; rapaziada; colherada; dentada*); -**Ado**² / -**Ato** (*condado, mestrado; baronato*); -**Al** (*jornal; cafezal; semanal*); -**Ão**¹ (*facão; homenzarrão*); -**Ão**² / -**Ano** (*allemão; cidadão; alentejano; paisano*); -**Ão**³ (> -**Ção**) / -**Ião**, (*punição; lampião*); -**Aria** / -**Eria** (*escadaria, livraria, pirataria; leiteria, grosseria*); -**Ario** (*bibliothecario, ossario; semanario*); -**Arro** / -**Orro** / -**Urro** (*chibarro; cachorro; casmurro*); -**Ático** / -**Agem** (*errático; selvagem; dosagem*); -**Dade** (*actualidade, crueldade*); -**Edo**

⁹³⁶ De *Felgar* (Moncorvo).

⁹³⁷ De *Freixo de Espada à Cinta*.

(*figueiredo, rochedo*); **-Eiro** (*costureira, mineiro; formigueiro; pessegueiro; grosseiro*); **-El** (*cordel*); **-Engo** (*flamengo, mulherengo*); **-Eo / -Io** (*marmoreo; adulterio*); **-Éolo / -Eóla / -Íolo** (*nucléolo; aldeóla; vitriolo*); **-Ez (-Ês) / -Ense** (*chinez; pariziense*); **-Ia¹** (*iracundia*); **-Ia²** (*astrologia, cortezia; penedia*); **-Icie / -Icia / -Ice / -Iça / -Ez / -Eza** (*calvicie; malicia; tontice; justiça; nudez; justeza*); **-Icio / -Iço** (*adventicio; movediço, cavallariça*); **-Ico¹** (*burrico*); **-Ico²** (*italico, sympathico*); **-Il** (*pernil; pastoril*); **-Ilho / -Elho / -Icula** (*cintilho; folhelho; pellicula*); **-Inho / -Ino / -Im** (*collarinho; menininho; alabastrino; festim*); **-Ismo** (*brilhantismo, espinosismo*); **-Ista** (*epicurista; romanista*); **-Ito / -Ato / -Ete / -Ote** (*rapazito; lobato; diabrete; rapazote*); **-Ivo / -Io** (*pensativo; escorregadio; poderio*); **-Menta** (*vestimenta*); **-Mento** (*passamento*); **-Ndo** (*examinando, fazenda, vivenda*); **-Nte** (*negociante, presidente*); **-Or** (*amador*); **-Oso** (*estudioso*); **-Simo** (*justissimo*); **-Torio / -Ouro (-Oiro)** (*oratorio; bebedouro, matadoiro*); **-Udo** (*beijudo*); **-Ura** (*altura; queimadura*); **-Vel** (*amavel, punivel, soluvel*);

b) Sufixos Verbais: **-Ejar** (*mourear*); **-Escer / -Ecer** (*florescer; envelhecer*); **-Icar / -Inhar / -Itar** (*depenhar; cuspinhar; saltitar*); **-Izar** (*amenizar*);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos⁹³⁸;

d) Sufixo Adverbial: **-Mente** (*portuguezmente*).

7. Othoniel Mota ([1916] 1937⁸):

a) Sufixos Nominais: **-Aço** (*mulheraça, ricaço*); **-Ado¹** (*barbado; martelada*); **-Ado²** (*condado, ducado*); **-Agem¹** (*imagem*); **-Agem²** (*linguagem*)⁹³⁹; **-Al** (*cebola*); **-Alha / -Alho** (*muralha; cabeçalho*); **-Ame** (*certame, vasilhame*); **-Ancia / -Ança** (*ignorancia; vingança*); **-Ando** (*venerando*); **-Aneo⁹⁴⁰ / -Anho** (*espontaneo; estranho, façanha*); **-Ano / -Ão¹** (*romano; hortelão*); **-Ante / -Ente / -Inte** (*mercante; corrente; pedinte*);

⁹³⁸ Para além de os incluir nos sufixos nominais, o gramático trata os sufixos aumentativos e diminutivos separadamente e de forma mais desenvolvida, mas abstenho-me de repetições, para não sobrecarregar a exemplificação.

⁹³⁹ De acordo com Mota ([1916] 1937⁸: 62), **-Agem¹** tem origem no "lat. *aginem*", enquanto **-Agem²** provem do "lat. *aticus (aticum)*".

⁹⁴⁰ Como é facilmente observável, Mota ([1916] 1937⁸: 63) trata **-aneio / -anho** como sufixos, mas todos os exemplos nos advêm do latim.

-**Ão**² (*brigão, narigão*); -**Ardo** (*felizardo, moscardo*); -**Aria** / -**Eria** (*cavallaria; artilheria*); -**Ario** (-**Airo**) / -**Eiro** / -**Eira** (*armario; guerreiro; galinheiro; cegueira, laranjeira*); -**Arro** / -**Orro** / -**Urro** (*bobarro; machorra; zaburro*); -**Asco** (*chavasco*); -**Astro** (*poetaastro*); -**Ato** (*lobato, mulato, de mulo*); -**Avo** (*oitavo*); -**Az** (*roubaz*); -**Ção** (*canção*); -**Dade** (*beldade, legalidade*); -**Deiro** (*aguadeiro, cantadeira*); -**Dor** (*lavrador*); -**Eco** (*boneco, caneca, caneco*); -**Edo** (*arvoredado*); -**Ego** (*borrego*); -**Ejo** (*animalejo*); -**Ela** (*furtadela*); -**Elho** (*rapazelho*); -**Encia** / -**Ença** (*clemencia; doença*); -**Endo** (*reverendo, vivenda*); -**Engo** / -**Ingo** (*solarengo; gardingo*); -**Enho** (*ferrenho*); -**Eno** (*terreno*); -**Ento** (*barulhento*); -**Ês** (*francês*); -**Esco** / -**Isco** (*gigantesco, soldadesca; mourisca*); -**Essa** / -**Esa** / -**Isa** (*abbadessa; baronesa; sacerdotisa*); -**Eto** / -**Ete** (*carreto; corpete*); -**Ez** / -**Ice** (*honradez; burrice*); -**Ia** (*fidalgua*); -**Icia** / -**Iça** / -**Eza** (*avaricia; cubiça, hortaliça; pureza*); -**Ico** (*barbica, amoricos, filhico*); -**Iço** (*caniço*); -**Idão** (-*idõe*) (*servidão, firמידõe*); -**Ido**¹ (*dolorido, garrido*); -**Ido**² (*grunhido, ladrado*); -**Igo** (*postigo, formiga*); -**Il** (*covil, gentil*); -**Ilha** (*maravilha*); -**Ilho** (*cabrestilho, golilha*); -**Inho** / -**Ino** / -**Im** (*padrinho; papelinho; menino, neblina; botequim*); -**Ismo** (*christianismo*); -**Ista** (*artista, evangelista*); -**Ita** (*moscovita*); -**Itto** (*filhito*); -**Ivo** / -**Io** (*fugitivo; bravo*); -**Lento** (*somnolento*); -**Mento** (*soffrimento*); -**Oco** (*bicharoco, engenhoca*); -**Olho** (*frangolho*); -**Olo** / -**Ol** / -**Ó** (*bolinholo, camisola; aranzol; treçó*); -**Or** (*brancor, dulçor*); -**Oso** (*bondoso*); -**Ote** (*velhote*); -**São** (*ocasião, prisão*); -**Torio** / -**Douro** (-**Doiro**) (*lavatorio; ancoradouro; duradoiro*); -**Tude** (*longitude*); -**Ucho** / -**Uz** (*gorducho; capuz*); -**Uco** / -**Ugo** (*maluco; verdugo*); -**Udo** (*cabelludo*); -**Ugem** (*lanugem*); -**Ulho** (*pedregulho*); -**Um** (*ovelhum*); -**Ume** (*chorume*); -**Undo** (*vagabundo*); -**Ura** (*altura*); -**Usco** (*velhusco*); -**Vel** (*amavel*);

b) Sufixos Verbais: -**Ar** (*negociar*); -**Ear** (*senhorear*); -**Ecer** / -**Escer** (*amanhecer; florescer*); -**Ejar** (*esbravejar*); -**Entar** (*aviventar*); -**Ficar** (*versificar*); -**Icar** / -**Igar** / -**Egar** / -**Gar** (*fabricar; mastigar; navegar; folgar*); -**Ilhar** (*dedilhar*); -**Inhar** (*escoicinhar*); -**Iscar** (*mordiscar*); -**Itar** (*saltitar*); -**Izar** (*evangelizar*); -**Ocar** (*beijocar*); -**Ucar** (*machucar*); -**Ular** (*pullular*); -**Ulhar** (*barulhar*).

8. José J. Nunes ([1919] 1989⁹):

a) Sufixos Nominais: -**Aça** / -**Aço** / -**Iça** / -**Iço** (*fumaça; espinhaço; carniça; papelço; quebradiço*); -**Ada** / -**Ado** / -**Edo** / -**Ido** (*entrada; facada; pratada; condado; silvado; olivedo; brasido; saída*); -**Al** / -**Il** (*braçal; lamaçal; campal; roseiral; cabril; febril*); -**Ame** / -**Ume** / -**Um** (*raizame; azedume; cheirum*); -**Anho** / -**Enho** / -**Onho** (*soterranho*);

estremenho; tristonho); -**Ano** / -**Ão** (*transmontano; beirão, cristão*); -**Ante** / -**Ente** / -**Inte** / -**Ância** / -**Ência** / -**Ança** / -**Ença** (*despachante; requerente; constância; obediência; folgança; parecença*); -**Ário** / -**Deiro** / -**Eiro** (*armário; boticário; carpideira, padeiro; escarradeira; livreiro; certo*); -**Arro** / -**Erro** (*bocarra, chibarro; santorro*); -**Asco** / -**Esco** / -**Usco** (*penhasco; romanesco; chamusco*); -**Ático** / -**Ádego** / -**Agem** (*viático; terrádego; roupagem*); -**Ção** (*dedicação*); -**Dade** / -**Tude** / -**Dão** (*castidade, liberdade; altitude; escravidão, livredõe*); -**Engo** / -**Ardo** (*abadengo; moscardo*); -**Ense** / -**Ês** (*setubalense; braguês, montanhês*); -**Essa** / -**Esa** / -**Issa** / -**Isa** (*abadessa; princesa; diaconissa; poetisa*); -**Eza** / -**Ez** -**Ice** (*magreza; escassez; garotice*); -**Ia** / -**Aria** (*soberbia; ourivesaria*); -**Io** (*rapazio; senhorio; escorregadio*); -**Ismo** (*fatalismo, islamismo*); -**Ista** (*dentista, latinista*); -**Lento** / -**Ento** (*corpulento; peçonhento*); -**Mento** (*bombardeamento; vestimenta*); -**Or** (*frescor*); -**Oso** / -**Udo** (*manhoso; pançudo*); -**Tor** / -**Dor** (*protector; falador; regador*); -**Tório** / -**Douro** / -**Doiro** (*purgatório; babadouro; casadoiro*); -**Tura** / -**Dura** / -**Ura** (*abreviatura; cozedura; bravura*); -**Ugem** (*babugem*); -**Vel** (*aceitável, fazível, solúvel*);

b) Sufixos Verbais: -**Ar** / -**Iar** (*apunhalar, desfilar; contrariar*); -**Cer** (*embrutecer, verdecer*); -**Egar** / -**Gar** (*sossegar; cavalgar*); -**Ejar** / -**Ear** / -**Izar** (*bocejar; ombrear; fertilizar*); -**Itar** (*dormitar*); -**Ntar** (*quebrantar*);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') -**Aça** / -**Aço** / -**Uça** (*pernaça; ricaço; dentuça*); -**Ão** (*caldeirão, chorão*); -**Arrão** (*canzarrão, mansarrão*); c'') -**Acho** / -**Echo** / -**Icho** / -**Ucho** (*fogacho; ventrecha; rabicho; gorducho*); -**Alho** / -**Elho** / -**Ilho** / -**Olho** / -**Ulho** / -**Ola** (*pequeninho; folhelho; trapilho; bagulho; sacola*); -**Ato** / -**Eto** / -**Eta** / -**Ete** / -**Oto** / -**Ota** / -**Ote** (*chibato; folheto; roseta; ramallete; perdigoto; raparigota; alegrote, rapazote*); -**Ejo** (*lugarejo*); -**Ela** (*cidadela*); -**Ico** / -**Ito** (*abanico; casita, jardinzito*); -**Im** (*bolsim*); -**Inho** (*florzinha, livrinho, ruazinha*); -**Isco** (*marisco, ventrisca*).

9. Brandt Horta ([1930?] s.d.³):

a) "flexões aumentativas": -**Acho**¹ (*fogacho*); -**Aço** / -**Az** / -**Azio** (*ministraço, mulheraça; ladravraz; copázio*); -**Alho** (*espantalho, perigalho*); -**Ão** (*garrafão, gatarrão, homenzarrão*); -**Arro** / -**Orro** (*chibarro, bocarra; cabeçorra*); -**Asco** (*penhasco, nevasca*); b) "flexões diminutivas": -**Acho**² (*riacho*); -**Ebre** (*casebre*); -**Ejo** (*animalejo, logarejo*); -**Ete** / -**Eto** (*caçoleta, corpete; coreto*); -**El** / -**Elo** (*cordel, ruela*);

-Elho / -Ilho (*rapazelho, rastilho*); **-Ico** (*burrnico, namorico*); **-Im** (*botequim, camarim*); **-Inho** (*avôzinho, pèzinho*); **-Isco** (*chuvisco, pedrisco*); **-Ito(a)** (*cabrito, senhorita*); **-Olo** (*folíolo, graçola*); **-Ote** (*fidalgote, serrote*); **-Ulo(a)** (*grânulo, partícula*); **-Usco / -Usculo** (*chamusco, velhusco*).

10. Manuel Said Ali ([1931] 1964³):

a) Sufixos Nominais: **-Ádego / -Ádigo / -Agem** (*achadego; compadradigo; malandragem*); **-Al / -Ar** (*pessoal; cerejal; escolar*); **-Ame / -Ume** (*cordoame; negrume*); **-Ância / -Ência / -Ança / -Ença** (*penitência; significança; conheçença*); **-Ano** (*camoniano; cubano*); **-Aria / -Eria** (*luvaria; patifaria; pedraria; arcabuzeria*); **-Ário (-Airo) / -Eiro** (*horário; boticaio; taverneiro; verdadeiro; abacateiro; saleiro*); **-Ato / -Ata / -Ado / -Ada / -Ido** (*generalato; serenata; achado; ducado; picada; navalhada; tigelada; garotada; limonada; vestido*); **-Ável / -Ível** (*durável; perecível*); **-Ção / -São** (*povoação; persuasão*); **-Dade** (*criminalidade, crueldade*); **-Edo** (*olivedo; brinquedo*); **-Ense / -Ês** (*eborense; genovês*); **-Ícia / -Ície / -Ice / -Ez / -Eza** (*notícia, calvície, gatunice, altivez; rudeza*); **-Ício / -Iço** (*natalício; esquecediço*); **-Isco / -Esco** (*mourisco; principesco*); **-Ismo** (*darwinismo; helenismo; patriotismo; estrabismo*); **-Ista** (*budista, simbolista; romancista*); **-Lento / -Ento** (*sonolento; bolorento*); **-Mento** (*lebramento*); **-Oso** (*desejoso, zeloso*); **-Tor / -Sor / -Dor / -Or / -Tura / -Sura / -Dura / -Ura** (*escritor; ascensor; benzedor; escritura; urdidura; grandura*); **-Tório / -Douro (-Doiro)** (*emigratório; divinatório; escoadouro*); **-Tude / -Dão (-Dom, -Doõe)** (*magnitude; exatidão, simildom*); **-Udo** (*bochechudo, polpudo*); **-Ugem** (*salsugem*);

b) Sufixos Verbais: **-Ar** (*aparentar, opulentar*); **-Ear** (*esporoar, prantear*); **-Ecer** (*embranquecer, favorecer*); **-Ejar** (*forcejar, voejar*); **-Ificar** (*clarificar, simplificar*); **-Izar** (*agonizar, penalizar*);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') **-Aço** (*pecadoraço*); **-ÃO** (*facão, valentão*); **-Arrão** (*santarrão*); **-Az** (*ladravaz*); **-Il** (*corpanzil*); c'') **-Eta / -Ote** (*maleta; baleote*); **-Inho / -Zinho** (*lugarinho; maiorzinho, pàzinha*); **-Ola** (*aldeola*).

11. Joseph Huber ([1933] 1986):

a) Sufixos Nominais: **-Aça / -Aço** (*ameaça, pedaço*); **-Ada** (*bailada, punhada*); **-Ádego (-Ádigo)** (*taballiadego, portadigo*); **-Ado** (*cuidado; arcepsipado*); **-Al** (*casal*);

celest(ri)al); **-Ança** (*alegrança, olvidança*); **-Ão** (**-Am**) (*celorgião, villão*⁹⁴¹); **-Çom** (*-ção*) (*apresentaçõ, partiçom*); **-Dade** (*caridade, verdade*); **-Dõe** (*cerdidõe, simildõe*); **-Doiro** (**-Douro**) (*falecedoiro; pousadouro*); **-Dor** (*comendador, conhecedor; enganador*); **-Eça** (*cabeça*); **-Ece** (*grandece, sandece*); **-Edo** (*avelanado, laranjado*); **-Eiro** (*alfeireiro; tenreiro*); **-Ença** (*conhocença*); **-Es** (*portugues*); **-Ez** (*sandez*); **-Eza** (*limpeza, nobreza*); **-Ía** (*alegria, grandia; clerizia*); **-Iça** (*avariça, carniça*); **-Ice** (*bevedice, velhice*); **-Iço** (*porcariço, serviço*); **-Ida** (*ferida, sa(h)ida*); **-Ido** (*desmentido, pedido*); **-Iga** (*leitiga, loriga*); **-Ío** (*poderio, senhorio*); **-Mento** (*casamento, reparamento*); **-Or** (*louvor*); **-Oso** (*brioso, proveitoso*); **-Udo** (*sanhudo, sesudo*); **-Ura** (*caentura, calçadura*);

b) Sufixos Verbais: **-Ear** (*guerrear*); **-Ecer** (*agradecer*); **-Ejar** (*pleitejar*);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') **-Arron** (*espadarron*); **-On** (*citolon 'uma citola desafinada, má', jograron 'um mau jogar (jogral)'*)⁹⁴²; c'') **-Inho** (*donzelinha; fremosinho*); **-Ó** (**-Oo**) (*figueiró, mosteiró*).

12. Jaime de S. Martins ([s.d.] 1937²):

a) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: a') **-Aço** / **-Az** / **-Acho** / **-Alho** / **-Azio** (*barbaça; canaz; populacho; dialho; corpazio*); **-Alha** (*muralha*); **-Arro** / **-Arra** / **-Orra** (*bebarro; bocarra; santorro*); **-Udo** (*barrigudo, cabeçudo*); a'') **-Acho** / **-Echo** / **-Icho** / **-Ucho** (*fogacho; ventrecha; rabicho; gorducho*); **-Alho** / **-Elho** / **-Ilho** / **-Olho** / **-Ulho** (*cascalho; chavelha; cartilha; ferrolho; agulha*); **-Culo** / **-Cula** (*pedúnculo; radícula*); **-Ejo** (*animalejo, logarejo*); **-Ela** (*cidadela, viela*); **-Ico** (*abanico, burrico*); **-Iço** / **-Iça** (*caniço; lingüiça*); **-Inho** / **-Im** (*livrinho; espadim*); **-Ito** (*canito, florita*); **-Ola** (*aldeola*); **-Oto** / **-Ote** / **-Ete** / **-Eta** / **-Eto** (*perdigoto; ilhote; pobrete; camareta; coreto*).

13. Francisco M. Sequeira (1938b):

a) Sufixos Nominais: **-Aco** (*austríaco, siríaco*); **-Ada** (*papelada; paulada*); **-Agem** (*plumagem; paragem*); **-Al** (*batatal*); **-Alha** (*cordoalha, gentalha*); **-Ama** / **-Ame** (*dinheirama; correame*); **-Ano** (*serrano, veneziano*); **-Ão** (*catalão, sintrão*); **-Aria** (*livraria; rataria*); **-Ário** (*boticário; relicário*); **-Az** (*fugaz, vivaz*); **-Bundo** (*gemebundo, vagabundo*); **-Ção** (*formação, punição*); **-Dade** (*amabilidade, ruindade*); **-Dão**

⁹⁴¹ Segundo Huber ([1933] 1986: 272), o m.q. 'camponês'.

⁹⁴² Segundo Huber ([1933] 1986: 274), são sinónimos de: 'uma citola desafinada, má' e 'um mau jogar (jogral)'.

(*negridão, servidão*); **-Deiro** (*aguadeiro, lavadeira*); **-Dela** (*mordedela, picadela*); **-Diço** (*alagadiço, metediço*); **-Dio** (*fugidio, regadio*); **-Dor** (*lavador, vendedor*); **-Douro** (**-Doiro**) (*bebedouro, dobadoira*); **-Dura** (*fechadura, mordedura*); **-Edo** (*lajedo, mosquedo*); **-Eiro** (*brasileiro; formigueiro; cerejeira, pinheiro; barbeiro; palheiro; passageiro*); **-Engo** (*avoengo, realengo*); **-Enho** (*nortenho*); **-Eno** (*chileno, madrileno*); **-Ense** (*bejense, portuense*); **-Ento** (*bulhento, nojento*); **-Ês** (*camponês, aragonês*); **-Esco** (*carnavalesco, gigantesco*); **-Ez** (*pequenez, viüvez*); **-Eza** (*dureza, leveza*); **-Ia** (*penedia; cobardia*); **-Ice** (*doidice, meiguice*); **-Iço** (*roliço*); **-Ino** (*alpino, genebrino*); **-Io** (*algarvio; rapazio*); **-Ista** (*trocista*); **-Ite** (*estomatite, peritonite*); **-Mento** (*andamento, saimento*); **-Nte** (*estudante, brilhante, servente, temente*); **-Óide** (*negróide, variolóide*); **-Ol** (*espanhol*); **-Onho** (*medonho*); **-Ose** (*nevrose*); **-Oso** (*orgulhoso*); **-Oto** (*minhoto*); **-Tude** (*altitude, magnitude*); **-Tura** (*assinatura, formatura*); **-Udo** (*bicudo, trombudo*); **-Ugem** (*lanugem, penugem*); **-Ume** (*azedume, negrume*); **-Ura** (*frescura, loucura*); **-Vel** (*navegável, temível*); b) Sufixos verbais: **-Açar** (*adelgaçar, esvoaçar*); **-Ar** (*alimentar, traçar*); **-Ear** (*pastorear, saborear*); **-Ecer** (*amanhecer, envelhecer*); **-Ejar** (*forcejar, harpejar*); **-Entar** (*amolentar, ensangüentar*); **-Icar** (*bebericar, namoricar*); **-Inhar** (*escrevinhar*); **-Itar** (*dormitar, saltitar*); **-Izar** (*fertilizar, modernizar*);

c) Sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') **-Aça** (*caraca, vidraça*); **-Aço** (*animalaço, ricaço*); **-Alha** (*fornalha, muralha*); **-Alhão** (*facalhão, vagalhão*); **-Anha** (*campanha, montanha*); **-Ão** (*batelão, paredão*); **-Arrão** (*doidarrão, gatarrão*); **-Az** (*beberraz, cartaz*); **-Ázio** (*balázio, copázio*); **-Eira** (*bigodeira, trabalhadeira*); **-Eirão** (*toleirão, vozeirão*); c'') **-Acho** (*fogacho, riacho*); **-Ato** (*chibato, novato*); **-Culo** (*fóliculo, película*); **-Ejo** (*hortejo, lugarejo*); **-El** (*cordel, rodela*); **-Elho** (*folhelho, rapazelho*); **-Ete** (*palacete, maleta*); **-Eto** (*livreto, poemeto*); **-Ico** (*namorico, pelica*); **-Ilho** (*fornilho, mantilha*); **-Ilo** (*mamilo*); **-Im** (*espadim, flautim*); **-Inho** (*filhinho, pèzinho*); **-Isco** (*chuvisco, pedrisco*); **-Ito** (*florzita, pequenito*); **-Ola** (*rapazola, sacola*); **-Ote** (*franganote, serrote*); **-Oto** (*perdigoto*); **-Ucho** (*papelucho, pequerrucho*); **-Ulo** (*glóbulo, óvulo*); d) Sufixo adverbial: **-Mente** (*claramente, òptimamente*).

14. Ismael L. Coutinho (1938):

a) Sufixos Nominiais: **-Acho** / **-Echo** / **-Icho** / **-Ucho** (*lobacho; pouquecho; cornicho; realocho; papelucho*); **-Aço** / **-Iço** / **-Uça** (*ricaço; aranhaço; dentuça*); **-Al** (*genial; areal*); **-Alha** (*cordoalha, muralha*); **-Alho** / **-Elho** / **-Ilho** / **-Olho** / **-Ulho** (*porcalho;*

rapazelho; ramilho; ferrolho; bagulho); **-Ame** / **-Ume** / **-Um** (*correame; queixume; fartum*); **-Ância** / **-Ança** / **-Ência** / **-Ença** (*observância; matança; experiência; detença*); **-Anho** / **-Enho** / **-Onho** (*soterranho; estremenho; risonho*); **-Ano** / **-Ão¹** (*coimbrão; alagoano*); **-Ante** / **-Ente** / **-Inte** (*tratante; escrevente; ouvinte*); **-Ão²** (*chorão; casacão*); **-Ardo** / **-Arde** (*felizardo; covarde*); **-Aria** / **-Eria** (*judiaria; leiteria*); **-Ário** / **-Eiro** / **-Deiro** (*operário; mealheiro; marinheiro; despenhadeiro*); **-Arro** / **-Orro** / **-Urro** (*chibarro, bocarra; cabeçorra, cachorro; casmurro*); **-Ático** / **-Ádego** / **-Agem** (*selvático; papádego; portagem*); **-Ato** / **-Ado** / **-Edo** / **-Ido** (*vicariato; facada, papelada; olivedo; brasido*); **-Ção** (*gesticulação*); **-Elo** / **-El** (*portelo; pincel, rodela*); **-Engo** / **-Engue** (*solarengo; perrengue*); **-Ense** / **-Ês** (*cearense; holandês, montês*); **-Ento** / **-Lento** (*suarento; corpulento*); **-Eto** / **-Ete** / **-Ito** / **-Oto** / **-Ote** (*poemeto; corpete; pequenito; laparoto; frangote*); **-Eza** / **-Ez** / **-Ice** / **-Or** (*fereza; surdez; estroinice; alvor*); **-Ia** (*mestria, ufanía*); **-Ico** (*barbica, burrico*); **-Il** (*canil, capril*); **-Inho** / **-Im** / **-Ino** (*folhinha, livrinho; espadim; cristalino, londrino*); **-Io** (*casario, fugidio*); **-Isco** / **-Esco** / **-Asco** / **-Usco** (*chuvisco; fradesco; penhasco; velhusco*); **-Ismo** (*catolicismo, helenismo*); **-Issa** / **-Isa** / **-Essa** / **-Esa** (*diaconissa; sacerdotisa; condessa; baronesa*); **-Ista** (*maquinista, positivista*); **-Ite** (*amigdalite, laringite*); **-Mento** / **-Menta** (*sentimento; ferramenta*); **-Olo** / **-Ola** / **-Ol** (*alvéolo; sacola; aranhol*); **-Ose** (*dermatose, psicose*); **-Oso** (*arenoso, chuvoso*); **-Tor** / **-Sor** / **-Dor** (*autor; defensor; criador*); **-Tório** / **-Doiro** (**-Douro**) (*refeitório; casadouro, miradouro*); **-Tude** / **-Dade** / **-Dão** (*beatitude; bondade, integridade; lentidão*); **-Tura** / **-Dura** / **-Ura** (*criatura; atadura; brancura*); **-Udo** (*barrigudo, folhudo*); **-Ugem** (*ferrugem, penugem*); **-Vel** (*admirável, crível, volúvel*);

b) Sufixos Verbais: **-Ar** (*alegrar, embelezar*); **-Çar** (*aguçar, ameaçar*); **-Cer** / **-Scer** (*amadurecer; rejuvenescer*); **-Ear** / **-Ejar** / **-Izar** (*clarear; festejar; legalizar*); **-Egar** / **-Gar** / **-Icar** (*carregar; cavalgar; tremelicar*); **-Itar** (*dormitar*); **-Ntar** (*aformosentar, amolentar*).

15. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ([1946] s.d.):

a) Sufixos Nominiais: **-Acho** / **-Echo** / **-Icho** / **-Ocho** / **-Ucho** (*fogacho; ventrecho; rabicho; carocha; gorducho*); **-Aço** (*amigalhaço*); **-Aco** / **-Eco** / **-Ico** / **-Oco** / **-Uco** (*velhaco; boneco; amorico; bichoco; abelharuco*); **-Aço** / **-Iço** / **-Oça** / **-Uça** (*palhaço; cortiço; palhoça; dentuça*); **-Ade** / **-Dade** (*piedade, vaidade*); **-Ádego** (*eirádega, hospedádego*); **-Ático** / **-Age** / **-Agem¹** (*selvático, viático; linhage, menage; linguagem,*

selvagem, viagem); **-Agem**² / **-Igem** / **-Ugem** (*imagem; fuligem; ferrugem*); **-Aldo** (*(ribaldo)*); **-Alha** / **-Ilha** / **-Ulha** (*canalha; vencilho; marulho*); **-Alhão** (*fradalhão*); **-Alho** / **-Elho** / **-Ilho** / **-Olho** / **-Ulho** (*ramalho; folhelho; tomilho; trambolho; bandulho*); **-Anzil** (*corpanzil*); **-Arada** (*bicharada, filharada*); **-Ardo** (*felizardo*); **-Areu** (*bataréu*⁹⁴³); **-Aria** / **-Eria** (*livraria; livreria*); **-Ário** / **-Eiro** (*hereditário; primeiro*); **-Aroco** (*bicharoco*); **-Arrão** (*gatarrão*); **-Arro** / **-Erro** / **-Orro** / **-Urro** (*bizarro; bezerro; grandorro; casmurro*); **-Asto**⁹⁴⁴ (*madrasta, padrasto*); **-Ato** / **-Eto** / **-Ito** / **-Oto** / **-Uto** (*lebrato; coreto; rapazito; perdigoto; cocuruto*); **-Chão** (*feanchão, pedinchão*); **-Chinho** (*pequerruchinho, pertuchinho*); **-Ego** (*borrego, labrego*); **-Ego** (*polítego, rústego*); **-El** (*cruel*); **-Ência** / **-Ença** (*infúência / influência*); **-Engo** / **-Lengo** (*mulherengo; camarlengo*); **-Ense** / **-Ês** (*bracarense; braguês*); **-Ento** (*fumarento, sumarento*); **-Estre** / **-Ustre** (*campestre, terrestre; lacustre, palustre*); **-Í** (*ceutí, marroquí*); **-Ia** (*alegria, cortesia*); **-Ícula** / **-Elha** (*auricula; orelha*); **-Im** (*camarim, espadim*); **-Isco** (*marisco, mourisco*); **-Ismo** (*calvinismo, latinismo*); **-Ista** (*camarista, feudista*); **-Oila** (*moçoila*); **-Oso** (*pesaroso*); **-Ote** (*amigalhote*); **-Oz** (*atroz, feroz*); **-Tário** / **-Deiro** (*monetário; moedeiro*); **-Tório** / **-Doiro** (*lavatório; lavadoiro*); **-Udo** (*papudo, sesudo*);

b) Sufixos Verbais: **-Açar** (*adelgaçar, escorraçar*); **-Antar** / **-Entar** (*acalantar; escurentar*); **-Ar** (*datar, invejar*); **-Ear** (*sapatear, vozear*); **-Ecer** (*floreecer*); **-Ejar** (*arejar, doidejar*); **-Ilar** (*lucilar*); **-Iscar** (*chuviscar, mordiscar*); **-Izare** (*colonizar, helenizar*); **-Oar** (*abotoar, amontoar*); **-Ujar** (*mamujar*).

16. Mattoso Câmara Jr. (1975):

a) Sufixos Nominiais: **-Ada** (*facada; boiada; marmelada*); **-Al** / **-Zal** (*celestial, formal; cafezal*); **-Ano** / **-Eno** / **-Iano** (*petropolitano; agareno*⁹⁴⁵; *italiano*); **-Ão** (*beirão, coimbrão*); **-Aria** / **-Eria** (*papelaria; glanderia*); **-Ário** / **-Eiro** (*diário; comerciário*⁹⁴⁶; *verdadeiro; obreiro; comerciário; pitangueira*); **-Ático** (*asnático*); **-Atico** / **-Agem** (*viático; viagem*); **-Ção** (*consolação, fundição*); **-Dade** (*amenidade, crueldade,*

⁹⁴³ Segundo a autora, é aumentativo de *batel*.

⁹⁴⁴ Quer uma, quer outra forma foram herdadas do latim, pelo que não podem servir de exemplo ilustrativo do suposto sufixo *-asto*.

⁹⁴⁵ De *Agar*. Do lat., deriv. do gr. (cf. Cunha [1982] 1987²).

⁹⁴⁶ Segundo o autor, 'empregado de comércio', no Brasil (cf. Câmara, 1975: 221).

sobriedade); **-Dio** / **-Tivo** (*escorregadio; pensativo*); **-Dor** / **-Or** (*pescador, varredor; professor*); **-Dura** (*armadura, benzedura, urdidura*); **-Ense** / **-Ês** (*niteroiense; burguês, francês*); **-Ia** (*valentia*); **-Ície** / **-Ice** / **-Ez** / **-Eza** (*calvície; tolice; palidez; magreza*); **-Ico** (*melancólico, simbólico*); **-Ismo** (*cristianismo, miguelismo, simbolismo*); **-Ista** (*violinista*); **-Mento** (*juízo*); **-Oso** (*ardiloso, bondoso*); **-Ticio** / **-Diço** (*acomodatício; abafadiço*); **-Torio** / **-Douro** (*dormitório; bebedouro*); **-Tude** / **-Dão** (*amplitude; escuridão*); **-Udo** (*bochechudo, cabeçudo*); **-Ura** (*brancura*); **-Vel** (*coibrável, vendível, suprível*);

b) Sufixos Verbais: **-Ear** (*ondear*); **-Ecer** (*amanhecer, entardecer*); **-Ejar** (*gotejar*); **-Itar** (*saltar*); **-Izar** (*civilizar, harmonizar*);

c) sufixos Aumentativos e Diminutivos: c') **-Acho** (*vulgacho*); **-Aço** (*barbaça, mestraço*); **-Ão** / **-Alhão** / **-Arrão** / **-Achão** / **-Zarrão** (*brigão, valentão; grandalhão; santarrão; pedinchão; homenzarrão*); **-Arra** (*bocarra*); **-Astro** (*poetastro*); c'') **-Eta** / **-Ete** / **-Ote** (*saleta; lembrete; rapazote*); **-Inho** (*casinha, livrinho, rapazinho*); **-Ito** (*boquita, rapazito*); **-Ola** (*rapazola*); **-Ucho** (*papelucho*).